



**BONITA
AVENUE
PETER
BUWALDA**

"UM ACONTECIMENTO LITERÁRIO."
THE INDEPENDENT

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ALFAGUARA



Peter Buwalda

Bonita Avenue

Tradução
Cássio de Arantes Leite

Nasci pra coisa. Eu sei, não quero dar uma de bacana, mas é assim que é. O judô é um esporte frio e cruel. Sou ingênuo e já deixei as pessoas me passarem a perna bastante na vida, mas no tatame é outra história. Ali, sou uma máquina de calcular.

Wim Ruska

Olha, eu sou pra você o que um gladiador era para o cidadão romano.

Sasha Grey

Naquela tarde de domingo em 1996, quando Aaron deixou que Joni Sigerius o convencesse a ir com ela à casa de seus pais, uma casa de fazenda convertida em residência moderna, para ser oficialmente apresentado, o homem apertou sua mão com tanta força que doeu. “Você bateu aquela foto”, disse o pai dela. Ou teria sido uma pergunta?

Siem Sigerius era um tipo troncado, de cabelos escuros, com um par de orelhas que chamava a atenção; eram informes, pareciam um legume à dorê, e o passado de Aaron no judô lhe dizia que eram orelhas de couve-flor. Você ficava com elas daquele jeito pelo atrito com mangas de algodão cru, por deixar que fossem esmagadas entre corpos rijos e tatames rústicos; o sangue e o pus se juntavam entre a cartilagem e a pele macia. Se não fizesse nada a respeito, ganhava duas massas inchadas e duras para o resto da vida. Aaron tinha um par de orelhas perfeitamente normais, impecáveis, lisas como pele de bebê; as orelhas de couve-flor eram reservadas aos campeões, aos monomaníacos que ficavam rolando no tatame noite após noite. Você tinha de fazer por merecer orelhas como aquelas, eram anos pegando no pesado. Para ele não havia dúvida de que o pai de Joni as exibia como um símbolo de distinção, como prova de trabalho duro e virilidade. Quando lutava em torneios, o medo de Aaron era ficar frente a frente com uma fera marcada daquele jeito; uma orelha de couve-flor à vista não era boa coisa, ele era um zero à esquerda numa competição assim. Para disfarçar, respondeu: “Já bati muitas fotos”.

As orelhas de Sigerius estremeceram. Seu cabelo crespo, rente, parecia feltro na cabeça ampla e achatada. A despeito do guarda-

roupa — ternos ou calças de veludo cotelê com camisas polo Ralph Lauren, a vestimenta do patrão, dos que venceram na vida —, você nunca o tomaria, a julgar pelas orelhas e pelo corpo de touro, por alguém que administrava uma universidade, muito menos acreditaria estar diante do maior matemático holandês desde Luitzen Brouwer. Mais provavelmente imaginaria um homem com aquela compleição em um canteiro de obras ou numa rodovia à noite, com o colete fluorescente, suando atrás do trator. “Você sabe muito bem de que foto estou falando”, ele disse.

Joni, sua irmã Janis e a mãe de ambas, Tineke, todo mundo ali na sala espaçosa sabia a que foto ele se referia. Fora publicada em página inteira cerca de um ano antes no jornal da Universidade Tubantia, cujo campus ficava em um bosque entre Enschede e Hengelo, e onde Sigerius era *rector magnificus* — o reitor. Ele podia ser visto na margem do canal Amsterdam-Reno, vestindo apenas uma gravata, em pé e com as pernas abertas sobre o capim barrento e pisoteado, os genitais à vista sob a barriga discretamente redonda de um homem na casa dos cinquenta e poucos. No dia seguinte, a foto fora parar em praticamente todos os jornais do país, do *NRC* ao *De Telegraaf*, e finalmente até no alemão *Bild* e num diário grego.

“Imagino qual deve ser”, admitiu Aaron, perguntando-se se Joni dera um toque para seu pai ou se Sigerius simplesmente o reconheceu: o fotógrafo alto e careca do *Tubantia Weekly* que esvoaçava em torno do reitor durante suas aparições públicas como uma varejeira com uma câmera reflex mono-objetiva. Esta última opção, ele pensou, era preferível, pois todo mundo na universidade teria se sentido lisonjeado de ser reconhecido pelo sujeito carismático que nesse preciso momento esmagava os ossos de sua mão.

Simon Sigerius era, desde que assumira o cargo em 1993, o centro brilhante da Tubantia, um sol radiante em torno do qual oito mil alunos esforçados e alguns acadêmicos orbitavam em pequenas elipses tranquilas, surpresos mas agradecidos por ele banhar o campus deles com seu calor, e não o Binnenhof, em Haia, onde

recusara um cobiçadíssimo cargo público, ou uma das grandes universidades americanas que rivalizavam por seu interesse. A primeira vez que Aaron vira o pai de Joni fora na televisão, muitos anos antes, quando ainda morava com sua família, em Venlo. Em agosto, depois das provas finais, ele e seu irmão viraram fãs de carteirinha do *Zomergasten*, e num desses animados e instrutivos programas de entrevista das noites de domingo quem sentou diante de Peter van Ingen foi um judoca afeito à matemática, ou talvez um matemático praticante de judô, um homem, enfim, que comentou com igual fluência os trechos de vídeos de sua escolha: Wim Ruska, jazz experimental, as Olimpíadas de Tóquio de 1964, o comediante André van Duin, documentários sobre números primos e o Último Teorema de Fermat. Aaron se lembrava de ter assistido a um pequeno filme certa vez em que um físico falador conseguia deixar dois estudantes de humanas como ele e seu irmão com a impressão de que realmente podiam entender alguma coisa de mecânica quântica. (“Richard Feynman”, comentou Sigerius mais tarde, “acabamos de enterrá-lo.”) Já o homem em questão coçou o queixo hirsuto e falou sobre computadores, sobre o universo, sobre Escher, como se conversar sobre qualquer outra coisa fosse uma total perda de tempo. Como se veria, também lutara judô contra Geesink e Ruska, mas devia sua aparição na tevê sobretudo ao fato de que ganhara a medalha Fields, distinção que Van Ingen chamou de prêmio Nobel da matemática.

Desde então, Sigerius se tornara o garoto-propaganda da ciência nacional. O reitor apareceria regularmente, após um atarefado dia de trabalho no campus, no programa *Barend & Van Dorp* ou em algum telejornal para fazer comentários científicos sobre atualidades, deslumbrantemente sagazes e no entanto, ao mesmo tempo, notavelmente acessíveis, sem utilizar um jargão sequer. Como fotógrafo para o *Weekly*, Aaron se viu em posição privilegiada quando Sigerius fincou sua bandeira na reitoria, e o que sua câmera captou, todo mundo também captou: aquele era exatamente o homem de que a Tubantia precisava. Com sua mera presença, Sigerius havia libertado a negligenciada e subestimada universidade

de sua timidez e seu complexo de inferioridade, típicos da região. Em seu discurso inaugural, jurou transformar a Tubantia no principal instituto de pesquisa da Holanda, afirmação que foi transmitida nesse mesmo dia pela rede pública NOS. Ele era como um ímã para a mídia: nem bem alguém pronunciava a palavra "universidade", as orelhas de couve-flor apareciam no ar, e o reitor emitia, em nome da universidade deles, sua opinião sobre a competitividade das escolas de pesquisa holandesas, sobre mulheres e tecnologia, sobre o futuro da internet e assim por diante. Com a mesma facilidade, Sigerius atraía renomados acadêmicos internacionais. Podia ser uma pena que a medalha Fields não fosse um prêmio Nobel genuíno, sem dúvida era mesmo uma pena, mas sua aura de gênio matemático ainda assim fascinava os investidores em ciência pura, os parlamentares matematicamente analfabetos mas ligados ao ensino, os gigantes da telefonia e os fabricantes de microprocessadores que instalavam seus laboratórios nos arredores da universidade. E talvez até os alunos do ensino médio conhecessem a cara hirsuta de Sigerius só de vê-la na televisão; não nos esqueçamos da preciosa nova safra, todos os anos os louros anjinhos tinham de ser atraídos para a remota Twente, como seduzi-los, como cativá-los?

O flautista mágico da Tubantia, com a bunda de fora nos jornais. "Bom trabalho", disse, e soltou a mão de Aaron.

Ele batera a foto numa tarde de domingo, em Houten, pouco depois da regata Varsity, a tradicional prova de remo disputada por várias universidades. Blaauwbroek, o chefe de redação da *Weekly*, assegurara Aaron de que alguma coisa especial devia estar para acontecer: o barco da Tubantia tinha um timoneiro olímpico a bordo, bem como um remador que fizera parte da equipe holandesa nos Jogos de Atlanta. Mesmo assim, não era muito comum que um reitor de universidade sacrificasse seu dia de folga para entrar em um ônibus lotado com a turma das fraternidades enchendo a cara rumo ao canal Amsterdam-Reno. Durante os eventos menores, ele ficou observando Sigerius com o canto do olho; o homem pisava no capim do terreno alagadiço entre o bar e as arquibancadas de madeira, cercado por um grupo embevecido de Seguidores de Siem, um

bando de puxa-sacos que fazia todo o possível para ter o reitor só para si. Sigerius parecia gostar da companhia dos rapazes. Ele os desentocara de seus confortáveis prédios na cidade grande e eles enxamearam pelo campus, sonhando com um emprego de meio período na carreira diplomática ou em relações públicas, gabando-se de terem sido convidados para o churrasco anual de Sigerius em sua elegante casa de fazenda. Aaron sentiu uma ponta de inveja. Será que o sujeito estava só fingindo ou de fato estava se divertindo?

Os instintos de Blaauwbroek estavam afiados: era mesmo uma tarde de domingo histórica para a Tubantia. Um *Oude Vier* de Enschede venceu a regata pela primeira vez em seus cento e doze anos de história. Aaron estava de pé na arquibancada castigada pelo vento quando a multidão em torno vibrou, uma rouca explosão de alegria misturada aos estalos dos copos plásticos em que bebiam cerveja, e, como rezava a tradição, os alunos fizeram o que era de se prever, e o bando de torcedores na margem do canal tirou a roupa e começou a nadar, nus dos pés à cabeça, em direção ao barco — e nesse momento ele olhou para o reitor, que fez algo que ninguém teria previsto. Sigerius jogou com violência seu copo de cerveja pela metade sobre o capim e atravessou a ribanceira em direção à água; Aaron já descera da arquibancada, sua câmera mirando o sorridente reitor ao tirar o terno, tudo foi ao chão, sua camisa, as meias, a cueca — tudo exceto a gravata, uma gravata de remo, pois sem dúvida ele deixara que pusessem uma gravata da equipe nele, que era membro honorário de todo clube com licença para ter uma torneira de cerveja —, e pouco antes de mergulhar no canal atrás dos demais, Aaron gritou seu nome, “Sigerius!”, e clicou uma foto dele a cerca de quatro metros, em toda sua glória.

O pai de Joni tinha razão, foi mesmo um bom trabalho, era em todos os aspectos uma foto fantástica. Havia dinâmica: o homem fotografado, preenchendo o enquadramento, estava na ponta dos pés, lançando os braços para o ar, e embora seu torso parecesse já se encaminhar para a cintilante faixa de água em segundo plano, ele olhava direto para a câmera, a boca formando um grito, os olhos furiosos. O sol do fim de tarde banhava seu corpo nu, a composição

parecia meticulosamente arranjada: Sigerius esticava a mão esquerda, apontada mais ou menos na direção do barco, flutuando no canal; como uma estilizada foto esportiva, a composição vibrava com ressonâncias olímpicas gregas — mas isso tudo não passa de conversa mole de fotógrafo, o motivo para os jornais terem disputado a foto a tapa era óbvio. Mesmo antes de Aaron ter ido embora de Houten, ele passou quinze minutos discutindo com uma relações-públicas da Universidade Tubantia, que insistiu que a foto tinha de passar por seu departamento para ser aprovada, o que, é claro, nunca seria. Mas na manhã seguinte os editores o trataram como se ele fosse Robert Capa. “Quero ver quem vai me impedir de publicar essa foto”, desdenhou Blaauwbroek. “Ela vai pra gráfica num carro blindado e vou proteger as rotatórias com minha própria vida, se precisar.”

Depois disso o reitor nu podia ser visto em toda parte: na cantina do clube de regata, em uma ampliação acima do balcão, nas camisetas de um grupo de estudos local, em um cartaz anunciando o grande festival de verão no campus. Aaron via a foto presa com fita adesiva nas portas de banheiro dos dormitórios. E, coincidência ou não, Sigerius passou a ser cada vez mais objeto de especulações malucas, nas fraternidades ao redor do Oude Markt, em festas no campus. Dizia-se que o reitor viajara com Ruska pela União Soviética e pela China com destino ao Japão, deixando em seu rastro uma porção de restaurantes russos destruídos; alegava-se que passara por tratamento de eletrochoque em um hospício americano após sua grande conquista matemática; falava-se em supostos filhos de um casamento anterior que enveredaram pelo mau caminho. Tudo o que você tinha a fazer era dar uma boa olhada na foto, e as dúvidas se dissipariam como que por encanto. Qualquer um podia ver que aquilo que as orelhas de Sigerius apenas insinuavam sob o terno impecável, em geral num monótono azul-escuro, às vezes listrado de cinza-claro, era confirmado e salientado pelo corpo tão inapropriadamente exposto, que parecia surpreendentemente rijo e musculoso, forte, indestrutível — “seco”, para pôr em termos esportivos. Era difícil não ter uma opinião sobre seu corpo, ou sobre

suas tatuagens claramente visíveis no lado esquerdo do peito: em um vagabundo nanquim azul-escuro de marinheiro, acima do coração de Sigerius, o par de caracteres japoneses — “judô”, reconheceu Aaron. Isso despertava reações conflitantes: em 1995, não só tatuagens eram relativamente raras, como absolutamente vulgares. Mas ao mesmo tempo aquilo ornava inteiramente com o porte físico de Sigerius, o homem-macaco que costumava inclinar sua cadeira para trás nas reuniões, balançando nas pernas de trás até ser obrigado a agarrar a borda da mesa, que executava movimentos de relaxamento com os ombros como um trapezista durante as pausas para o cafezinho, olhando em torno como se quisesse dar uma surra nos colegas antes que a reunião fosse reiniciada — obscuros buracos de fechadura pelos quais o mundo acadêmico podia captar um relance de outro Sigerius, que ficara para trás, um brutamontes, um valentão, cuja promissora carreira começara com dois títulos europeus, o judoca para quem a Olimpíada de Munique teria sido o auge da sua vida.

Por suas entrevistas, sabia-se que o reitor era, como Ruska, forte candidato a uma medalha em 1972, mas que, um mês antes dos Jogos, fora vítima de uma fatalidade: Sigerius atravessava a Biltstraat em Utrecht após comprar um sonho e, no exato segundo em que enfiava na boca o confeito de recheio cremoso, foi atropelado por uma motoneta, cujo estribo de metal o acertou em cheio na canela: adeus, carreira esportiva. Mas nenhum jornalista, aluno ou cientista parecia se cansar da ideia de que sem aquele doce, jamais comido, o verdadeiro milagre da carreira de Sigerius nunca teria ocorrido. O Milagre da Alameda Antonius Matthaeuslaan, como ele próprio batizou o episódio, em homenagem à rua em Utrecht onde por oito meses viveu confinado à cama, em seu apartamento minúsculo, engessado até a virilha. No sombrio inverno que se seguiu às Olimpíadas de 1972, o pai de Joni, ferido no corpo e na alma, olhava uma caixa de papelão contendo edições velhas de *Libelle*, *Panorama* e outras revistas femininas quando encontrou por acaso um caderno de questões da Olimpíada de Matemática da Holanda, contendo problemas extraordinariamente difíceis para

alunos ginasiais extraordinariamente talentosos, e de puro tédio começou a rabiscar contas nas margens. Na manhã seguinte, ele terminara.

Exatamente o que aconteceu naquelas vinte e quatro horas, que portas se abriram na traumatizada cabeça atlética de Sigerius, é algo que só se pode conjecturar, mas o fato foi que no período de três anos ele se graduou com a máxima distinção pelo Departamento de Matemática de Utrecht, apresentou uma tese de doutorado cujo brilhantismo deixou todo mundo boquiaberto e, no início dos anos 80, mudou com a família para Berkeley, Califórnia. E ali, finalmente, alcançou seu auge olímpico. Na teoria dos nós, um ramo da matemática que tenta compreender o número de maneiras em que um pedaço de corda pode ser amarrado — não há definição mais concisa, mais simples, de sua obra —, esse Ramanujan de Tuinwijk obteve um avanço que lhe valeu a medalha Fields em 1986, no congresso quadrienal da União Internacional de Matemática.

Tudo isso passou pela cabeça de Aaron quando reconheceu a mulher sentada diante dele. Apesar de sua transformação, soube na mesma hora de quem se tratava. Ali, ao lado da garota mascarando chiclete com o uniforme vermelho de uma rede de lojas qualquer, estava sentada a mãe de Joni. Uma luz branca estroboscópica cegou-o de terror.

Ele fora sacudido de um cochilo sem sonhos e, embora continuasse sentado no trem expresso para Bruxelas — já haviam passado Liège —, a situação se alterara drasticamente na meia hora em que pegara no sono. O vagão agora estava entupido de gente, a luz do começo da noite que entrava pelas janelas parecia pesada, plúmbea, era uma luz belga, refratada e turvada pela paisagem ondulante. Tineke Sigerius, ele observou de relance, reclinava com a têmpora contra o vidro e observava com expressão ausente as colinas da Valônia e os vilarejos de campanários solitários que ficavam para trás. A primeira reação dele foi levantar rápido, cair fora dali, mas sua rota de fuga estava bloqueada pelos passageiros

em pé — de modo que se levantar e passar ao outro lado da cabine era virtualmente impossível. Seu corpo reagiu como se subisse correndo uma ladeira íngreme em pânico cego. Ficou assim por vários minutos, suando, ofegante, dizendo a si mesmo para se acalmar, numa antecipação do confronto.

Nada aconteceu. Sempre que algum solavanco ou barulho inesperado despertava Tineke Sigerius de sua contemplação da paisagem, ele sentia o olhar dela passar flutuando sem se deter em sua presença trêmula. *Fingindo que não o via*. Devia ser constrangedor também para ela, percebeu, queria evitar o contato tanto quanto ele. O acaso a forçara a sentar diante dele, estava feliz por ter um lugar no trem superlotado de domingo à noite, e apenas quando se acomodou ela o reconheceu. Devia ter ficado aliviada ao ver que estava dormindo, um golpe de sorte que lhe permitiu pôr os pensamentos no lugar e elaborar uma estratégia. Ela subira a bordo em Liège, o que o surpreendeu mais do que o fato de que estivesse indo para Bruxelas. O que Tineke Sigerius fazia em Liège? Ele não a via nem falava com ela havia oito anos, claro que muita coisa poderia ter mudado desde então. Talvez ela e Sigerius houvessem deixado Enschede, talvez Sigerius fosse um comissário europeu a essa altura e tivessem se mudado para a Bélgica. Essa coincidência lhe pareceu extremamente injusta. Talvez tivessem se separado e ela estivesse morando ali sozinha. Claro que a essa altura ela teria outro genro, alguém rico e bem-sucedido. Chafurdando na autopiedade, fantasiou que Tineke não estava a caminho de Bruxelas, afinal, mas de Paris, a cidade onde viveriam seus netos, onde Joni agora morava e trabalhava (sua aventura americana não poderia ter durado mais do que uns dois anos, ele calculava), e cuidava da família na companhia de algum debiloide francês, um sujeito de rosto gordo, cabelo preto engomado e penteado para trás e abotoaduras de platina, ele conseguia vê-lo perfeitamente, abrindo a laqueada porta de entrada, os braços abertos para receber a sogra nos degraus de granito.

Ou estaria equivocado? Relanceou brevemente em sua direção, na esperança de que sua consciência estivesse lhe pregando uma

peça. Não, aquela era mesmo a mãe de Joni. Mas veja só como emagreceu, parece que foi cortada ao meio; seu quadril absurdamente estreito estava embrulhado numa calça marrom risca de giz, ela usava uma jaqueta sob medida e por baixo da jaqueta uma blusa creme, e nos pés calçava botas com saltos finos, modernos, que na antiga Tineke Sigerius teriam perfurado o piso do vagão. Seu cabelo não muito comprido ficara grisalho, mas com elegância, e ela o usava num estranho penteado afivelado no alto da cabeça, o que transmitia algo que a maioria das pessoas chamaria de determinação, independência e até simpatia, e não o que ele desconfiava que fosse, mesmo antes, quando ainda era sua sogra: falsidade ou, pura e simplesmente, maldade. E agora lhe ocorria: junto com toda aquela gordura, o último traço de bondade também derreteria, aparentemente para sempre. Embora houvesse adquirido certa feminilidade, o efeito era solapado por um excesso de pele flácida em torno das bochechas e do queixo, pelas bolsas manchadas de rosa em suas pálpebras, que pendiam de forma desoladora sobre os cílios. A expressão de uma víbora.

O lugar da família Sigerius não eram os trens belgas, o lugar dos Sigerius era na casa deles, em Twente, onde ele os deixara quase oito anos antes. Foi exatamente para evitar esse tipo de encontro que deixara a cidade. Não fora pela boa comida que se mudara para Linkebeek, aquele buraco esquecido a menos de cinco quilômetros de Bruxelas onde, como pensava havia poucos minutos, uma pessoa podia começar vida nova, de forma tão discreta quanto se estivesse em Assunção ou Montevidéu. Ele acreditara estar protegido, esquecido, Linkebeek era um vilarejo onde havia mais árvores do que gente, cada casa precariamente construída ficava oculta da vista pelos bosques sussurrantes, farfalhantes, estalantes.

Olhou sub-repticiamente para as mãos de Tineke. Elas repousavam em seu colo, estranhamente finas e ossudas, muito nodosas. Quantas mesas, cadeiras, baús essas mãos teriam produzido? Com essas mãos, a mãe de Joni fabricava móveis numa oficina atrás de sua casa, ou pelo menos era o que fazia naquela época, peças caras e de design sofisticado que iam parar em

mansões, escritórios e edifícios imponentes às margens dos canais por toda a Holanda. Agora, uma mão segurava os dedos da outra, um por um, e aplicava a cada dedo um pequeno — e doloroso, assim ele presumia — puxão.

Nunca tinham se dado bem, ele e essa mulher. O santo não batia. Lembrou-se de uma vez que dormira com Joni na casa dos pais dela, ele, como de costume, sem conseguir pegar no sono por horas a fio, desejando desesperadamente atacar a adega de Sigerius, até que por fim saiu em silêncio da cama estreita e desceu a escada caracol, atravessando o fresco vestíbulo e a sala. Ao chegar à cozinha, desceu como sempre os degraus rangentes do porão e removeu uma das garrafas, tampadas pelo próprio Sigerius, do suporte de ferro fundido, determinado a desarrolhá-la no balcão da cozinha e beber quanto conseguisse — na esperança de ir a nocaute. Mas quando voltava a subir, escutou passos na sala e teve de recuar e se abaixar na adega. Alguém entrara na cozinha, abria e fechava armários. Ficando na ponta dos pés, espiou pela beirada, e o que viu foi tão chocante quanto repulsivo: as costas pavorosas de alguém, uma montanha, como as que se veem em documentários sobre o mundo natural na África do Sul ou nas pradarias do Arizona, só que uma montanha de carne. Era Tineke. Ele contou seis rolos de carne profundamente pregueada entre suas axilas e as nádegas, onde, mais ou menos a meia altura, pendia uma espécie de toldo cor de laranja, que nem mesmo com a maior das boas vontades você poderia chamar de “calcinha”.

A mãe de Joni rasgou a tampa de uma caixa de papelão e despejou o conteúdo em sua bocarra aberta, metade do que quer que fosse se esparramando em todas as direções, o chocolate granulado caindo como uma chuva sobre o piso. Assim que o pacote ficou vazio, ela o amassou, compactou o máximo que pôde e enfiou no fundo da lata de lixo. Ele se encolheu com o baque surdo da carne dela ao se ajoelhar no azulejo. Umedecendo com saliva a ponta dos dedos e a palma das mãos, ela recolheu o chocolate granulado. A essa altura, ele se esquecera de se esconder e, enquanto ela lambia os dedos, de repente virou a cabeça e o viu.

“Ei”, ele disse, assim que ambos se recuperaram do choque inicial. “Fiquei com sede.” Ela não respondeu, poderia ao menos ter dito “Fiquei com fome”; mas em vez disso se levantou e saiu da cozinha sem dizer uma palavra, e só depois que escutou a porta do quarto sendo fechada ele voltou para a cama.

E agora? O que poderiam ter a dizer um ao outro, nessa circunstância? Ele se convenceu de que o trem estava cheio demais para uma cena, e desse modo passou a imaginar como seria uma versão mais edulcorada da conversa. Então, Aaron, como andam as coisas? Meu Deus, aí estava uma pergunta que o faria passar mal. Teria preferido continuar a viagem no teto do trem a dar uma resposta honesta. Acabara de passar um fim de semana na casa dos pais, em Venlo, algo que fazia todo mês por ordens médicas, assim como tudo na sua vida eram ordens médicas. Era horrível ter de admitir que estava doente, atrelado a antipsicóticos e antidepressivos. Como você conta a alguém que é um maluco de carteirinha? Como diria àquela mulher que você estava doente da cabeça? Oi, Tineke, estou sob ordens médicas.

Após o desastre de Enschede, trabalhou brevemente como fotógrafo para os melhores jornais de Bruxelas, mas depois que um segundo episódio severo de psicose, no inverno de 2002, quase acabou com sua vida, ele e seus psiquiatras decidiram jogar a toalha. Desde então rodava por aí numa perua Volkswagen adaptada como estúdio, atendendo a escolas primárias em Bruxelas, Beersel, Uccle e Waterloo, fazendo fotos dos alunos, individualmente ou em grupo. Nas fotos de classe, ele desenhava sobre a mesa de luz uma silhueta numerada. Em seu website, que mantinha cuidadosamente atualizado, pais, mães e avós podiam pedir cópias clicando numa variedade de formatos, enquadramentos e legendas. O resto do tempo — as horas, dias, semanas, meses que outros homens de sua idade passavam procriando, subindo na carreira ou talvez até brigando por causas idealistas em algum lugar — ele apenas vadiava por aí como um aposentado, subindo os degraus cobertos de musgo até a praça central, comprando o jornal numa banca de livros usados muito apropriadamente chamada *Once Upon a Time*,

pegando sua medicação na farmácia diante do plátano centenário do outro lado da rua. Às vezes comia um espetinho no bistrô do fim da praça e depois perambulava de volta ao topo da colina, arrastando os pés atrás de um andador imaginário, e desaparecendo dentro de sua casa grande demais, devidamente livre de hipoteca.

Segundo os médicos, era um paciente que identificava e admitia a própria enfermidade, o que significava que tomava seus remédios de maneira voluntária e assim era capaz de viver sozinho. Mas a coisa terminava aí. Levava uma existência inteiramente sem objetivo. Sua motivação na vida era evitar: evitar estímulos, evitar excitação, evitar a própria motivação.

Olhou para seus joelhos. E se estivesse ali para pôr todos os demônios para fora, nesse minuto, no vagão de trem superlotado? Um monólogo detalhado, concentrado, sem restrições sobre seu sofrimento, sobre os medos induzidos pela psicose? Uma palestra, um relato, uma epopeia sobre o terror imensurável, irracional, que suportara. Os passageiros, agarrados às alças do teto, mal conseguiam se mexer, ninguém teria como se safar. Se realmente estivesse determinado a fazê-lo, sair falando pelos cotovelos, quem sabe o medo descrito por ele se alastraria pelo público, primeiro Tineke e a garota no uniforme muito justo, e depois todo mundo sentado e em pé. E todos ficariam morrendo de medo. Seu medo se tornaria o medo de todos. Pânico e correria, como se o Semtex dentro de sua cachola tivesse explodido.

Já entre ele e Sigerius tudo correu às mil maravilhas. No inverno de 1995, começou a namorar uma garota inteligente, impetuosa e linda chamada Joni, e essa Joni se revelou uma Sigerius puro-sangue. Dois meses mais tarde, para seu espanto, lá estava ele fazendo uma visita ao homem e sua família. E então o absolutamente improvável aconteceu: aquele de quem a universidade inteira puxava o saco, aquele a quem ele próprio, o estudante fracassado de Venlo, assistia embasbacado na tevê, esse homem lhe estendeu a calejada mão de judoca. E ele acolheu a

mão, ansioso, mas também surpreso. Ficaram amigos, e preferia não se perguntar com muita frequência por quê.

Uma vez por mês, em um sábado, ele e Joni iam jantar na casa de fazenda, na periferia do campus, uma construção de alvenaria branca tão absolutamente adorável que quem passava por lá costumava enfiar bilhetes dizendo “Caso decida vender...” pela fenda da correspondência, na porta verde-escura da entrada. Embora caçoasse de Joni por seu apego à família (“Por favor, só não vai chamar seu pai”, disse ele certo dia, quando estavam apenas os dois na república dela, na rua De Heurne, e viram-se de repente no maior breu, por causa de um fusível queimado), sempre apreciava essas visitas. Pedalando para a casa dos pais dela, o centro de Enschede se fundia aos bosques de Drienerlo, que por sua vez se esparramava imperceptivelmente para o campus, o pano de fundo da relação de quatro anos deles. Nesses sábados, a Tubantia era como uma mulher grávida prestes a parir. O prado sussurrante parecia mais verdejante do que nos dias úteis; em sua lembrança, as alamedas arborizadas avançavam suavemente através de uma paisagem ondulante cheirando a pólen, um lago após outro. A água cintilante se juntava nos baixios, assim como centenas de acadêmicos e milhares de estudantes afluíam ao lugar igualmente para brilhar. Quase era possível escutar o ruído do cérebro deles funcionando; os campos, as árvores, a berma pareciam carregados de eletricidade estática com os bilhões de bits e bytes que chispavam através da rede do campus sob seus pés. E quando os dois voltavam para casa, ao final do dia, uma escuridão pré-histórica os envolvia, as suaves colinas haviam se tornado pequenos vales rasos; a mata e os bosques, tocas para os adormecidos prédios da universidade. O de Matemática Aplicada residia como um brontossauro em seu lago, o tiranossauro da Física elevava-se acima das copas mais altas, sua cabeça sonolenta entre o pontilhado de estrelas.

Às vezes eles passavam a noite e, na manhã seguinte, comiam croissant quente com marmelada e bebiam enormes copos de suco de laranja que Sigerius espremia para eles após ter dado suas

quarenta voltas de nado de peito na piscina do campus, com a música de Bill Evans Trio, Modern Jazz Quartet, Dave Brubeck ao fundo, o palatável jazz de domingo, que, assim dizia ele, funcionava como um bálsamo para o mau humor matinal. “Dá pra abaixar o bálsamo um pouquinho?”, queixava-se Joni, mas Sigerius a ignorava. Com o dedo indicador esticado e um olho fechado, ele exclamava: “Escutem!”. Sua esposa e as duas filhas faziam silêncio, paravam de mastigar e se concentravam, apenas para fazer sua vontade em algo que as entediava, e após cerca de dez segundos Sigerius as liberava com palavras como: “Lindo, como Scott LaFaro toca em volta de Evans. Estão ouvindo? Em volta dele. É, *agora!* isso, esse baixo serpenteando, escutem”.

“Pai, eu odeio jazz”, dizia Janis, ou Joni, ou ambas.

“Isso! Surreal. Está na frente e no fundo ao mesmo tempo, apoio e virtuosismo. Não, não posso abaixar. Não tem como.”

Em momentos assim, era Aaron — e isso foi a base da ligação entre os dois, o simples fato de que era um rapaz, e não uma garota, embora também houvesse rapazes de certa espécie que abominassem jazz, para quem o jazz era uma completa perda de tempo — que comentava quão trágico fora o fato de Scott LaFaro ter morrido num acidente de carro, e que Bill Evans, após essa perda dramática em 1961, nunca encontrara outro baixista desse calibre, embora Chuck Israels é claro chegasse bem perto, sem dúvida, em *How My Heart Sings!*. E, antes que tivesse terminado de dar a informação, outro coração também cantava: o de seu sogro, que dividia o mundo entre amantes do jazz e ignorantes, e que muitas vezes proclamava, para quem quisesse ouvir, que nunca conhecera um jovem tão inteirado de jazz como Aaron, elogio ao qual o rapaz dava um valor incalculável e o qual gostava de recordar, quando queria um afago no ego.

As noites de sábado geralmente começavam na varanda envidraçada, que era novinha em folha, na época, e que, desde que a parede fora derrubada, um ano antes, dava diretamente na cozinha americana, com seu balcão central, onde Tineke preparava refeições simples mas saborosas, após o que se retiravam,

conversando ou brincando, para a velha sala de estar, com Tineke atrás, carregando uma bandeja de *krentenwegge* amanteigados e trêmulas xícaras de café, e Joni abria as portas do armário onde ficava a televisão, à qual a família alegava não dar a menor importância, e Sigerius se atinha à promessa que fizera a si mesmo de não atender o celular por uma hora. Nas vezes que Janis saía para se encontrar com amigas em um café no centro (geralmente depois de *Frasier*, acompanhando o final já com o casaco no corpo) e Tineke e Joni decidiam lá pelas dez assistir a algum filme de sábado à noite, Sigerius perguntava: "Que tal uma música?", ao que ele respondia: "Claro, por que não?", e os dois desapareciam como um par de estudantes, com uma garrafa de uísque, na "sala de música", um espaço no térreo equipado com dois sofás Chesterfield vermelho-escuros, um caro amplificador NAD, um aparelho de CDs, um toca-discos Thorens e dois alto-falantes B&W da altura de um homem, sobre pezinhos cônicos, além de placas de espuma de isolamento da Nasa que Sigerius conseguira no Departamento de Física; e ali, sentados entre fotos emolduradas de Bud Powell, Thelonious Monk e Bill Evans, escutavam discos democraticamente escolhidos (com poder de veto bilateral), LPS americanos originais que Sigerius guardava em armários altos e estreitos, de faia, projetados e construídos por sua esposa.

Programa de meninos, assim como o judô. Na entrada da casa havia um retrato, uma ampliação de cinco homens muito fortes, o peito nu, arrastando um tronco de árvore por uma colina íngreme: "Geesink, Ruska, Gouweleeuw e Snijders", explicara Sigerius, e aquele, o segundo a partir da esquerda, com o peitoral tenso e cachos escuros cortados rente acima do rosto achatado, era ele. A equipe nacional de judô em treinamento para o Campeonato Mundial, por volta de 1965 ou 1966. Geesink, técnico mas também colega de equipe, levava o grupo de sua escolha para um bosque nos arredores de Marselha; segundo Sigerius, o homem era um carrasco, mas quando os troncos tinham de ser puxados colina acima, era sempre o primeiro. E uma vez no topo, enquanto os demais tentavam recuperar o fôlego, Geesink segurava a ponta do

tronco e, as veias palpitando, empurrava-o adiante mais uma dezena de vezes, depois despia o corpo fumegando e pulava num riacho montanhoso. “Se a gente oferecia uma garrafa d’água, ele recusava, achava que era se entregar cedo demais à sede”, disse Sigerius, que logo descobriu que Aaron praticara judô até os dezenove anos; e quando ficou sabendo que chegara à faixa preta, Sigerius o convenceu a voltar a praticar, primeiro no grupo sênior que treinava nas terças à tarde, no centro esportivo do campus, e depois de Aaron recuperar, como diziam, o antigo “jeito”, Sigerius perguntou se não gostaria de treinar com ele para fazerem juntos o exame do *dan*.

O judô é um esporte estranhamente íntimo. Uma ou duas vezes por semana, durante pelo menos dois anos, ele e Sigerius rolaram no tatame, nos braços um do outro. Horas intensas, concentradas, com a academia só para eles. A conversa se atinha ao mínimo necessário. Dedicaram-se durante um ano a aperfeiçoar suas técnicas de golpes e *ippon*, Sigerius indo para o quarto *dan* e ele para o segundo. Cada sessão de treinamento encerrada com as lutas renhidas que com tanta frequência recordava, mesmo agora. E depois dos treinos ele ia para a cama, de vez em quando no quarto de hóspedes da casa de fazenda, ao lado de Joni, a filha tão querida, a menina dos olhos de Sigerius, e então Aaron notava que Joni cheirava vagamente como seu pai — talvez fosse o sabão em pó usado por Tineke, ele não sabia dizer. E misturando feromônios — ele era um mensageiro de aromas corporais, uma abelha operária viajando entre dois corpos de mesma feitura —, sentia que sua estranha felicidade era duas vezes maior no amor silencioso que faziam após os treinamentos, seus gemidos mudos na cama de hóspedes de Sigerius, sua mão às vezes pressionando com firmeza a boca quente de Joni para impedi-la de acordar o amigo improvável no andar de baixo.

O trem passava por Leuven. Tineke fechara os olhos, fingindo dormir, de modo que não precisassem admitir a existência um do

outro. Ele admirava o sangue-frio dela. Não vira um único membro da família Sigerius desde o fim de 2000, ano em que a merda batera no ventilador. Mesmo assim, teimavam em vagar por seu subconsciente, ele ainda tinha sonhos recorrentes — pesadelos, quase sempre — com Enschede.

A noite caía, o céu estava roxo, o contorno das nuvens esfiapadas era prateado. Captou o reflexo de sua cabeça calva no vidro da janela. Sentiu que ficava mais calmo e melancólico. Um vilarejo se esparramava às margens de um canal, a lua minguante pairava cedo no céu, enigmática. Em breve voltaria para casa ao lusco-fusco de Linkebeek, com seus odores cedijos. A morosidade que o aguardava, os cômodos frios, de pé-direito elevado, pelos quais tanto ansiara em Venlo. Deu graças aos céus por ser Tineke ali sentada a ignorá-lo, e não o próprio Sigerius.

As coisas entre eles nunca foram completamente relaxadas. Na presença de Sigerius, podia gelar, ficar literalmente paralisado, de forma dramática: seus maxilares quase travavam, provocando uma tensão difícil de controlar que se espalhava pelas vértebras de seu pescoço e seus ombros, por seu corpo inteiro. Ele se tornava, por horas a fio, uma estátua de si mesmo, lutando contra a total imobilidade, tagarelando desesperadamente esse tempo todo, rezando para que sua voz continuasse a funcionar. Se Sigerius o empurrasse num desses momentos, teria quebrado como um vaso chinês de porcelana.

A amizade dos dois era algo mágico para ele — antes de ir à universidade para estudar fotografia, fracassara inapelavelmente no curso de holandês em Utrecht, fora enxotado da cidade onde estudava, enquanto ali abria caminho sem grandes dificuldades ao coração do mundo acadêmico —, mas igualmente mentirosa. Ele se passava por mais do que era, na realidade. Tudo começou com o jazz. Um domingo, na casa de fazenda, não muito depois de ter sido apresentado à família, bebericavam seus cafés em canecas estreitas. Sigerius, distante, a cabeça em outras coisas, se levantou e foi até o hipermoderno armário de metal onde ficava o toca-discos, e pôs um LP. Jazz. Mesmo antes que ele voltasse a recostar no comprido sofá

cor-de-rosa ao lado da esposa, Aaron reconheceu a música. Aguardou um instante para ter certeza, mas era isto mesmo: o tema, o suingue quase brincalhão do piano, aquele era Sonny Clark, e o álbum se chamava *Cool Struttin'*. Viu a clássica capa do Blue Note, um par de pernas femininas andando por uma calçada em (assim ele presumia) Nova York. Por cima das cabeças de Joni e Tineke, disse: "*Cool Struttin'*, esse disco é muito bom".

Sigerius, com sua impressionante barba por fazer de todas as manhãs (Aaron precisava de uma semana inteira para ficar com o rosto escuro daquele jeito), arregalou os olhos castanhos. "*Cool Struttin'* é um disco fantástico", disse, a voz mais estridente, mais alta, como se um afinador de piano tivesse dado uma apertada nas cordas. "Então você conhece. *Cool Struttin'* é o melhor disco de Clark Terry, de longe."

Clark Terry? Sigerius tinha se enganado, percebeu Aaron na mesma hora, confundira Sonny Clark com Clark Terry, um lapso engraçado, porém preferiu não tripudiar. Não seria muito diplomático esfregar o fato na cara do futuro sogro; mas era orgulhoso demais para simplesmente passar por ignorante. "Concordo com você", disse, "essa foi a melhor banda de Sonny Clark, com Philly Joe Jones contido na bateria. Ao menos uma vez na vida, sem mandar ver nos pratos como um hooligan."

Os olhos parecendo dois pires, brevemente, depois fechados de repente. "Terry. É Clark Terry."

"É Sonny Clark no piano", disse Aaron, mais decidido do que o necessário. "Terry é trompetista."

"Tem certeza?", perguntou Joni.

Sigerius pulou do sofá e passou pela esposa, seus calcanhares martelando o piso na direção do armário de metal que, como Aaron descobriu mais tarde, a própria Tineke fizera. Pegou a capa do disco, olhou na frente e atrás, voltou a deixá-la junto ao aparelho e fechou o armário. Voltou com ar derrotado ao sofá e sentou outra vez.

"Você tem razão. Claro que tem razão. Droga, eu até cheguei a ver Terry na Kurhaus. E em Boston também, depois. Senhoras, vou tomar mais cuidado com o que digo, de agora em diante."

Isso foi justamente o que Aaron fez nos quinze minutos seguintes: Sigerius, afinal, não se deu conta de que seus conhecimentos de jazz eram limitados, de que o álbum de Sonny Clark fora pura sorte. O fato de conhecer *Cool Struttin'* tão bem se devia àquele par de pernas, havia comprado o disco em um brechó por causa da capa, que passou anos presa com fita adesiva à porta de seu guarda-roupa, o vinil juntando poeira sobre o toca-discos. Claro que gostava de jazz, mas, para ser honesto, blues e rock faziam mais sua cabeça.

Só que a honestidade não era seu ponto forte. Agora que Sigerius o promovera a especialista em jazz, a dono de um conhecimento enciclopédico em — logo o quê! — seu próprio domínio, a alma gêmea, era seu dever mergulhar fundo no assunto. Nessa mesma semana, deixou que o jovem agitado vestindo blusa preta de gola rulê na Broekhuis o convencesse a levar o *Penguin Guide to Jazz on CD*, uma bíblia do jazz de mil e quinhentas páginas que, segundo o vendedor, não só continha toda a história do gênero como também separava o joio do trigo com um prático sistema de estrelas. Saindo da livraria, do outro lado da rua, numa ponta de estoque, comprou uma biografia de Miles Davis, um *Jazz for Dummies* e um livro chamado *Billie and the President*. Em sua carteira, ele ainda tinha o cartão de visitas de um dentista aposentado que morava em Boekelo, um homem de cabelos grisalhos e calça vermelha que parou na sua frente certo dia, na fonoteca da universidade, ao vê-lo retirar um álbum de Bud Powell. O sujeito lhe contou que tinha oitocentos LPs originais de jazz, de trinta e três rotações, em sua casa — prensados nos Estados Unidos, o vinil grosso, preto como carvão, capas de papel-cartão sólido —, “posso vendê-los por um florim cada”, ao que Aaron reagiu quase pulando de avidez. “Me ligue”, disse o homem, e ele fez exatamente isso, naquela mesma noite, e continuou a ligar, no início duas vezes por semana, depois duas vezes por mês, telefonemas breves e apressados em que o sujeito estava sempre ocupado demais, ou prestes a viajar para os Estados Unidos, ou doente, ou quase ficando; “me ligue outra hora”, mas essa “outra hora” pouco a pouco

se tornou um empecilho, um tom de irritação pairava nas conversas — até que Aaron deixou de acreditar na história. Enfiou os discos no seu cu de aposentado. Mas agora decidiu fazer mais uma tentativa e pedalou até Boekelo, do outro lado da cidade. Apertou a campainha em um condomínio de idosos que correspondia ao endereço no cartão surrado. Um turco atendeu.

Desse modo saqueou a coleção e, quando Joni não estava com ele, estudava a história do jazz como se lhe coubesse fazer a programação do North Sea Jazz Festival no verão seguinte. Debruçado sobre os verbetes dos artistas, concentrou-se primeiro nos grandes nomes, que tomavam o maior número de páginas — músicos do naipe de Parker, Ellington, Monk, Coltrane, Davis —, e, depois disso, nos demais gigantes dos anos 50: Fitzgerald, Evans, Rollins, Jazz Messengers, Powell, Gillespie, Getz. Escutou todos os discos, anotou particularidades biográficas em um caderno, reteve tudo em sua memória, Blue Note, Riverside, Impulse!, Verve, Prestige. Era como no tempo em que estudava holandês, com a diferença de que o maldito *Kapellekensbaan* lhe tomara três semanas para ler e *Giant Steps* apenas trinta e sete minutos e três segundos para ser escutado. Os livros haviam dominado a primeira metade da década de 90 em sua vida, lia como um maníaco, até tarde da noite, em pontos de ônibus e salas de espera, nas noites de insônia: passando de um título ao seguinte, dissecando as obras, cinco anos de trabalhos forçados para reparar o humilhante fiasco em Utrecht — agora ele dava conta do recado em apenas cinco semanas. Assim, resolveu que era seguro voltar a pisar no gelo fino. Outras cinco semanas depois, sentava ao lado de Sigerius no De Tor, escutando o Piet Noordijk Quartet, bebendo uísque e depositando sua fé de conhecedor de jazz num implante de silicone.

Uma fraude? Sem dúvida que era. Mas todo mundo mentia naquela casa. Uma família de prevaricadores. Embora soubesse que era uma desculpa furada, dizia a si mesmo que todos ali tinham seus segredos — Sigerius, Tineke, Joni, ele, o bando todo tinha alguma

culpa no cartório. Desde quando sabia que Janis e Joni não eram filhas de Sigerius? Havia muito tempo. E o teriam mantido no escuro para sempre, se pudessem. Nunca disseram uma palavra sobre a verdadeira história da família. Às vezes, ficava com a impressão de que eles mesmos tinham esquecido.

Levou pelo menos um ano para Joni lhe contar, em um fim de semana na floresta de Drenthe, que seus “progenitores” se divorciaram quando ela estava com cinco anos. Mais do que a notícia em si, surpreendeu-o o fato de levar tanto tempo para tocar no assunto relativamente banal de pais divorciados, mas ela manifestou tamanha seriedade, uma franqueza atípica, que ele disfarçou. Estavam hospedados numa cabana de madeira isolada, cerca de vinte quilômetros ao sul de Assen, e o romantismo meloso do lugar remoto e do fogão a lenha aparentemente forneceu o empurrãozinho extra de que ela precisava para abrir seu coração. Durante um passeio pelo frescor da mata, Joni o desafiou a adivinhar qual de seus pais era o “verdadeiro”, Siem ou Tineke? Uma dúvida cruel, ele disse, mas na verdade era muito fácil. Sigerius, claro.

“Por que acha isso?”

“Porque sim. Só um palpite. Você não parece muito com ele, mas também não parece com a sua mãe. Vocês dois são atléticos. Têm constituição atlética, também.”

De fato, não se pareciam nem um pouco. Sigerius tinha cabelo escuro e pele trigueira, olhos cor de café, parecia um cigano, quase ameaçador. A força de sua barba era de deixar um biólogo evolucionário com água na boca. Joni, por outro lado, era clara e loira, airosa como uma borboleta, tinha o rosto tão liso e simétrico que Sigerius não podia de modo algum ter tido alguma coisa a ver com aquilo. E no entanto ele identificava um denominador comum: a determinação dos dois. Pai e filha tinham a mesma energia arrojada, eram incapazes de tolerar protelações ou dúvidas, não admitiam desistência, sobretudo quando alguma outra pessoa — ele, por exemplo — acabara de fazer exatamente isso. Joni, como Sigerius, era inteligente, corajosa e decidida. Talvez fosse genético.

“Então você acha que Siem é meu pai de verdade porque eu não sou gorda.”

Ele nunca chegara sequer a pensar no assunto, percebeu, não houvera razão para isso. “É”, disse. “Não... Também o jeito como vocês interagem. Você e Siem são unha e carne, a gente vê isso em dez minutos. Janis é a garotinha da mamãe. Você é mais como seu pai.”

“Mas Janis e eu somos irmãs de sangue. Sua teoria é furada.”

“Então me conta logo.”

“Bom, você acha que é Siem?”

“Isso. É o que eu acho, pode crer.”

“Errou”, cantarolou ela, rindo. Chutou alguns galhos caídos e pequenos amontoados de folhas apodrecendo, como se a gravidade da revelação evaporasse na mesma hora por seu equívoco. Joni não chegou a afirmá-lo, mas sua esquisita empolgação o fez perceber que ela estava feliz por ele ter apostado suas fichas em Sigerius; desconfiou até que ela teria preferido que permanecesse equivocado. E ele tinha de admitir que estava se sentindo um pouco decepcionado — era uma pena não haver genética em ação —, mas é claro que disfarçou isso também. Talvez Joni se sentisse da mesma maneira, porque, mesmo antes de terem voltado para a cabana fria e úmida, sua animação se dissipara numa introspecção que ele nunca a vira exhibir antes.

Enquanto esquentava em silêncio um chocolate no fogão de duas bocas e ela sentava no sofá carcomido por traças com um número velho da *Panorama* no colo, folheando um artigo sobre patinação no gelo, ele pensou na naturalidade com que ela e a irmã chamavam Sigerius de “pai”. Diziam “pai” com um sorriso provocador ou de admiração, persuadiam-no com um “por favoor, pai” em sua orelha quando queriam algo, exclamavam “paaai” se ele as irritava. Quando lhe perguntou a respeito, ela afirmou com certo orgulho que fora desse jeito desde o começo; desde o dia em 1979 em que Siem Sigerius e Tineke Profijt se casaram na prefeitura de Utrecht — sem roupas para a ocasião, sem Rolls-Royce nem Bentley, sem recepção —, sempre tratara o padrasto por “pai”. Ela tinha seis

anos; Janis, três. Desse dia em diante, Joni passou a se chamar Joni Sigerius. Seu sobrenome verdadeiro, Beers, que apenas a contragosto revelou, fora coberto de cimento e relegado ao fundo do rio Vecht.

Posteriormente, quando estavam em seu quarto na república, ela lhe mostrou as fotos Polaroid em sépia de uma Joni bem pequena, os cabelos loiríssimos presos em maria-chiquinha, uma garota, aos seis anos, de aspecto surpreendentemente comum, quase sem graça, mostrando a língua e agarrando a perna de um jovem Sigerius — a perna de seu novo pai, que deixara crescer uma barba desgrenhada. A mãe delas, ainda em forma, mas não tão magra quanto agora, apenas magra, em um sóbrio conjunto verde-escuro, com Janis, o nariz escorrendo, aninhada em seus braços, usava grandes óculos escuros marrons em todas as fotos, porque o oftalmologista raspava herpes de seu olho esquerdo uma semana antes.

Para pôr um ponto final em seu passado, mãe e filhas acompanharam o novo chefe da família aos Estados Unidos, mais precisamente a Berkeley, onde Sigerius fora nomeado professor assistente do Departamento de Matemática. Nem lá, nem em nenhuma universidade depois dessa, Joni Sigerius jamais tocou no assunto de seu pai biológico. Aaron teve de pressioná-la só para descobrir o primeiro nome do homem. “Theun.” “Theun”, ele repetiu. “Theun Beers. Certo. E o que ele fazia?” Seu pai de verdade era representante comercial de um importador de artigos de tabaco, a placa na porta da frente deles dizia ACESSÓRIOS PARA FUMANTES, e atrás de duas pequenas portas no alto armário de porcelana havia caixas de cigarros, arrumadas por marca, que Beers adquiria por baixo dos panos e vendia, livre de impostos, para fumantes de voz rouca que apareciam na sala de estar a qualquer hora para fazer seus pedidos, mas em geral depois que Joni tivesse ido dormir. O pai delas normalmente só chegava em casa depois das nove, após ter jantado suas almôndegas e seus filés ao molho madeira em cafés frequentados por outros vendedores e em restaurantes de beira de estrada. Mesmo no fim de semana, dificilmente o viam, porque

nessas ocasiões ele ensaiava ou se apresentava com sua banda, um grupo de blues até certo ponto bem-sucedido em que cantava e tocava guitarra.

“Blues? Ele gravou algum disco?”

“Como vou saber? Acho que sim, é.”

(*Blues?* — ele teria dado qualquer coisa para correr até sua casa na Vluchtestraat e pesquisar Theun Beers em sua *Oor's Popencyclopedie*. Uma banda de blues, meu Deus, só agora ela me conta. E de fato, no dia seguinte ele encontrou, em sua antiga enciclopédia, sob o título *BLUES HOLLANDÊS*, um verbete de três linhas a respeito de Beers e sua banda: a Mojo Mama, “formação de blues-rock com o cantor e guitarrista Theun Beers, que desfrutou de breve status cult”; “a resposta de Utrecht para Cuby + Blizzards” gravou “três LPs de qualidade variável” e ficou “famosa principalmente pelas apresentações ao vivo”. Quando leu isso, imaginou Tineke como uma groupie, a mãe de Joni, mais ou menos com o corpo que tinha atualmente, o chapéu flower power, sapatos plataforma, sentada no colo de Theun, no camarim.)

Embora seu tio, nas festas de aniversário, gostasse de repetir a piada de que Theun não tinha um pretexto para sair de casa quando queria — vou comprar cigarro, já volto —, ele sumira muito antes do divórcio, deixando Tineke com uma barriga grande e uma criança pequena para se virar. Ela não se lembrava de algum dia terem dormido na mesma casa, o que é claro não podia ser verdade, mas enfim.

“Você pensa nele de vez em quando?”

“Nunca. Só quando tenho esse tipo de conversa. Se alguém me pergunta se eu penso no meu pai de verdade, eu penso no meu pai de verdade.”

Nas ocasiões em que a pressionou acerca desse mantra, se lhe perguntava “Mas por que você nunca pensa em Theun Beers?”, quando estavam em sua casa na Vluchtestraat, por exemplo, assistindo a *Spoorloos* na tevê, ela lhe assegurou que não era por ressentimento, nem por vingança ou vergonha de algum tipo, e não, ela não “reprimira” sua lembrança; o fato era que seu progenitor

simplesmente desaparecera de sua vida sem deixar o menor vestígio, e ponto final.

No último dia daquele fim de semana em Drenthe — um tanto tardiamente, para falar a verdade, sendo uma pergunta tão óbvia —, ele perguntou se Sigerius também fora casado antes. “Foi”, disse ela secamente. Haviam acabado de visitar um museu de dólmens, atração obrigatória da região, feito uma dupla de alunos primários, dando risadinhas o tempo todo, e voltavam pedalando por uma ciclovia paralela à estrada provinciana. Ele freou de repente sua bicicleta alugada. “Por que você não me disse isso antes? Por que nunca me conta essas coisas?”

“Estou dizendo agora, não estou?”, ela gritou, sem parar. “E ele também tem um filho.”

“O quê?”

“Um filho.” Sem tocar os pés no chão, ela descreveu um cambaleante giro de cento e oitenta graus e voltou até ele. “O nome dele é Wilbert. Wilbert Sigerius.”

“Então você e Janis têm um meio-irmão?”

“Se quer chamar assim. A gente nunca vê o cara, ele vive a vida dele. Como nós.”

Ele a bombardeou com perguntas, mas ela não sabia ou não queria contar muita coisa a respeito do tal Wilbert, a não ser que, quando era pequena, ele fora seu vizinho de cima. (“Vizinho de cima?”, ele perguntou. “Como assim? Me explica isso.”) Ela lhe contou uma história complicada que levou algum tempo para ele compreender. No início dos anos 70, as duas famílias haviam morado na Antonius Matthaeuslaan, em Utrecht, Sigerius com sua primeira esposa, Margriet, e o filho pequeno do casal, Wilbert, no número 59B, o apartamento de cima. Embaixo, no 59A, moravam Tineke com Theun e as duas meninas.

Ela se lembrava das brigas entre Sigerius e Margriet escutadas através do teto, discussões que podiam acompanhar literalmente palavra por palavra, sentadas ao balcão da cozinha, ela e Tineke, com Janis no cadeirão, comendo iogurte com açúcar, assim como se lembrava das diatribes ameaçadoras de Wilbert, dos passos

frenéticos, reverberantes, da histeria de Margriet. Em alguns anos, a proximidade culminou no clássico triângulo dramático: Tineke e Siem, vizinhos de baixo e de cima, se apaixonaram e foram pegos no flagra pela mãe de Wilbert, a supracitada Margriet, embora Joni não estivesse a par dos detalhes.

“Mas que sem-vergonhice”, disse Aaron.

Antes do cataclismo familiar, o encenqueiro barulhento do andar de cima costumava passar com frequência pela casa delas para chegar ao quintal pavimentado nos fundos, pisoteando os morangueiros e derrubando vasos de plantas. Ele cheirava a sabonete adocicado. Após o divórcio, Wilbert veio ficar com elas uma única vez, pelo que ela se lembrava. Quando Sigerius as levou para os Estados Unidos, foi o fim dessa história.

No álbum de fotos desse período, Aaron pôde ver um gnomo supercrescido com cabelo preto como azeviche, os mesmos olhos amplamente espaçados e cor de nanquim de seu pai, lábios desagradavelmente carnudos, e insolente como o diabo, dava para perceber só de olhar. Só mais tarde Joni lhe contou que ele fora o valentão do bairro, um rapaz que aterrorizava até as crianças mais velhas, forçando-as a comer sapos que capturava. Que fabricava pequenas bombas com a gasolina que tirava de carros estacionados, usando uma mangueira, que mijava na caixa de correio dos idosos. Forçara uma menina que morava algumas casas adiante, na mesma rua, a roubar dinheiro da carteira da mãe. A única lembrança direta que Joni guardava das artes de Wilbert foi de uma tarde quente em que ele apareceu de repente no quarto dela, com um de seus comparsas, tendo encontrado a porta da frente aberta. Cada um segurando uma bota verde de borracha, provavelmente as galochas de Sigerius (quando ele era ainda apenas seu vizinho do andar de cima), que haviam enchido até a boca com a areia do parquinho. Os meninos enfiaram um cano de PVC amarelo entre as barras de sua cama, fizeram-na chorar e, quando a menina de três anos abriu bem a boca, despejaram a areia em seu rosto. A textura granulosa, a areia que foi parar em sua garganta como um punho, penetrando

em seus olhos e nariz, úmida, fria, escurecendo tudo. Ela quase sufocara, contou.

Um trem de carga trovejou na linha paralela. Sobressaltada, Tineke abriu os olhos e, por dois atordoantes segundos, olhou para ele. Em Venlo ele tomara seu oxazepam, mas podia perceber que a camisa de força segurando os músculos de seu coração precisava de um apertãozinho extra. Tanta coisa se evidenciava naquelas irradiadas íris azuis: condenação, desprezo, decepção. Arrogância. Com um estremecimento, ela dobrou a gola da jaqueta e voltou a fechar os olhos. Ele juntou saliva nas bochechas e, não sem alguma dificuldade, tirou a carteira do bolso de trás. Concentrando-se nos olhos fechados de Tineke, pegou a cartela de oxazepam e tirou dois comprimidos pelo papel-alumínio. A garota do uniforme vermelho o observou, era a primeira vez que se dignava a olhar para ele, e parou de mascar por um momento. Uma fina linha fora traçada em torno de seus lábios com lápis preto de maquiagem, uma moda vulgar, datada — Joni costumava chamá-la de “faixa preta do boquete”. Enfiou os comprimidos na boca e os mandou, de carona na saliva acumulada, para sua barriga.

Não muito depois das confissões de Joni, ele e Sigerius estavam sentados na ponta do longo balcão, na cantina do centro esportivo, ambos ligeiramente zonzos após a ducha quente que se seguiu ao costumeiro treino de terça à noite, ele com uma caneca de cerveja e um cigarro, Sigerius bebendo água tônica, já que ainda tinha trabalho a fazer. Seu sogro estava vestido de forma casual: um impecável suéter azul-claro de lã por cima de uma camisa de botões, as fortes panturrilhas estufando a calça de veludo cotelê, os pés largos dentro dos sapatos descansando no apoio do banco, contra o qual sua corpulenta bolsa esportiva de couro se apoiava como uma fera indolente. De tantos em tantos minutos, Sigerius erguia a mão para cumprimentar alguém que passava. Aaron sentiu o ligeiro constrangimento que era estar em público na companhia do reitor.

A cantina era espaçosa, no estilo deprimente dos anos 80, e lhe lembrava uma superfície de jogo do Pac-Man, grossas divisórias de concreto em meia parede que impediam as plantas nos vasos de receber luz suficiente, algumas mesas de pebolim e duas de bilhar. Os bancos de encosto baixo, forrados de flanela, estavam vazios àquela hora, o vapor do cloro, vindo da piscina coberta em algum ponto no interior do complexo esportivo, se misturava ao odor de frituras do bar e ao cheiro do piso de linóleo. Eles recapitularam o treino, conversaram sobre a universidade, sobre o grêmio estudantil, que era uma pedra no sapato de Sigerius — cá entre nós, insistia em dizer. Aaron viera tentando tocar no assunto por semanas, mas agora finalmente dizia: “A propósito, Siem, sabe, eu não fazia a menor ideia de que você tinha um filho”.

Sigerius estava no meio de um gole de água tônica. Pousou seu copo no balcão, limpou a boca e, após fazer silêncio por alguns segundos, disse: “Bom, certo. Então ela te contou. Não ia mesmo conseguir guardar para sempre”.

“Eu fiquei bem surpreso, na verdade. Não fazia ideia.”

“Você ficou chocado?”

“Um pouco. Um pouco. É meio que inesperado, claro. Vocês parecem uma família tão feliz e tudo mais. Eu nunca teria imaginado.”

“Entendo perfeitamente. Entendo mesmo. Não é uma coisinha à toa, de jeito nenhum.”

Aaron, impressionado com a gravidade na voz de Sigerius, escolheu as palavras com cuidado. “Agora, sério...”, replicou, “essas coisas acontecem. Estatisticamente falando. Todos os dias, na verdade.”

Sigerius raspou a mão no queixo mal barbeado, respirou fundo e soltou o ar pelo nariz. “Isso é gentil de sua parte”, disse, “mas não acho que seja verdade.”

“Não acha divórcio uma coisa comum?”, perguntou Aaron, surpreso.

“Divórcio?” Sigerius fez um esgar, suas orelhas tremeram de surpresa, mas seus olhos subitamente mostraram cansaço, ele envelheceu ali mesmo. Sorrindo, tirou um fio de cabelo preso na manga do suéter e o deixou flutuar até o chão. Então olhou diretamente à frente, como se estivesse considerando alguma coisa.

“Aaron”, disse, “não sei muito bem até onde você sabe, mas estou me referindo a um homicídio. Um assassinato brutal que os advogados obrigam a gente a chamar de homicídio. O filho da puta matou um homem. Ele está preso faz quatro anos, agora. Você não fazia ideia dessa parte, não é?”

Eram quase onze da noite. A cerca de dez metros dali, o varapau atrás do balcão lavava copos, as mangas da camisa enroladas; com exceção dos dois alunos de agasalho esportivo tagarelando e dando voltas na mesa de bilhar, a cantina estava deserta. Tudo que diziam era absorvido pela porosidade das divisórias de concreto. O breve silêncio que se viu obrigado a fazer foi como uma coisa, um objeto pesado. Um assassinato? Ruborizando, ele disse: “Siem, você está brincando. Por favor, me diga que está inventando essa história”.

“Quem dera.” Numa tentativa forçada de permanecer à vontade diante de certos detalhes de sua vida, Sigerius lhe contou sobre o solitário fruto de sua carne, um rapaz mais ou menos da idade de Aaron. Nada de que se orgulhar. Uma vida de delitos, abuso de drogas, recaídas. O mesmíssimo Wilbert que Joni tão desprezadamente descrevera se tornava, na versão de Sigerius, um criminoso que se enterrara como um saca-rolhas numa vida de torpezas. Um belo dia, em 1993, Wilbert Sigerius chegou ao fundo do poço ao agredir um homem de cinquenta e dois anos até a morte. “A Holanda é um lugar maravilhoso”, disse Sigerius, “se você está determinado a virar um delinquente, existe um imenso círculo profissional pronto para ajudar. Qualquer um sem colhões para simplesmente sair de casa e pegar no pesado, mas com uma ficha criminal nas costas, consegue um bom trabalhinho subsidiado.”

Ele soou inesperadamente amargo e muito mais conservador do que o normal — era sem sombra de dúvida uma situação da qual

não tinha distanciamento suficiente, um assunto que o levava a mandar às favas seus princípios social-democratas. Aaron ficou aliviado que Sigerius não olhasse para ele, talvez por vergonha, de modo que pudesse digerir suas próprias emoções, era o que em geral funcionava melhor; foi dominado por uma estranha alegria, que consistia em parte de prazer, agradecido como estava por ser admitido na confiança do outro, e em parte de desconforto com a súbita intimidade. A sensação foi de que haviam saído dançando juntos pela cantina.

“Deram para ele um macacão e um salário decente para que tivesse algum lugar onde se apresentar de manhã com sua marmita. Depois de tristeza em cima de tristeza — que eu não vou entrar em detalhes agora —, ele teve a chance de começar tudo de novo. O que mais alguém poderia querer? Na siderúrgica Hoogovens, logo onde. Uma empresa excelente, dezenas de milhares de holandeses e holandesas ganharam a vida honestamente ali nos últimos cem anos. Uma oportunidade de ouro, a gente pode chamar. Mas no primeiro desentendimento em que se mete, pega uma marreta e dá na cabeça do chefe dele, um encarregado prestes a se aposentar, e achata a cabeça do homem como uma panqueca. Eu estava sentado no tribunal, assistindo ao julgamento, quando o promotor descreveu o que as várias testemunhas tinham visto. O que acontece quando você esmaga alguém com uma marreta de quatro quilos.”

Sigerius cobriu o bigode com o lábio inferior, umedecendo-o, depois o pressionou entre o polegar e o indicador. Aaron não sabia o que dizer. Aquilo não era uma confissão qualquer. Era uma tremenda bomba. Ele achava que sabia uma ou duas coisinhas sobre Sigerius, acreditava compreender o que aquele homem, a quem viera a admirar, a despeito de tentar desesperadamente não fazê-lo, enfrentara sua vida inteira, imaginava saber que caminhos seu destino trilhara para chegar ao sucesso, qual era a essência dessa vida, e agora descobria que não sabia absolutamente nada. (Essa sensação de ignorância, ele percebeu mais tarde, era algo a que devia ter se acostumado: era a história da sua vida em Enschede. Ele nunca sabia de nada.)

“Oito anos”, continuou Sigerius, em voz alta; o bartender, um pouco mais perto deles agora, enxugava o escorredor. “A promotoria exigiu dez, mais tratamento psiquiátrico compulsório. Mas ele deixou o pessoal da clínica de observação psiquiátrica bem impressionado... é, pode apostar, ele se saiu bem”, e nisso abaixou a voz, “foi considerado totalmente apto a responder por seus atos. Meu filho não tem nada de estúpido.”

Como se fosse uma bebida, e não apenas água tônica, levou o copo aos lábios e o esvaziou. Depois o pousou com delicada precisão sobre o amplo tampo de cerejeira.

O trem diminuiu a marcha, os subúrbios de Bruxelas surgiram nas janelas, os passageiros que viajavam em pé olharam para fora, esticando o pescoço para o cinzento e acidentado espraiamento urbano. Tineke, que voltara a abrir os olhos, pegou um pequeno espelho e um batom vermelho-escuro de uma bolsinha de couro vermelha, pintou com mão firme a boca enrugada, tornou a guardar os apetrechos e olhou, com um franzir de sobrancelhas, para o ponto exato entre Aaron e o homem do lado.

Wilbert Sigerius. Nunca conhecera o rapaz, e depois de todos esses anos o fascínio sumira. Mesmo assim, ocorreu-lhe que tudo que descobrira sobre o enteado dela no decorrer dos anos que vivera em Enschede devia ter sido tão horrível para Tineke quanto fora para Sigerius. Ela contribuíra com duas filhas saudáveis, garotas a quem haviam devotado uma criação excelente, para não dizer indulgente e privilegiada; tanto Joni como Janis se tornaram adultas extrovertidas, estáveis, às vezes enlouquecedoramente racionais. Sigerius, por outro lado, contribuíra com o fardo daquela víbora.

O trem rugiu na Estação Central de Bruxelas e, estremecendo, parou. As pessoas espremidas no corredor foram devagar na direção das portas, que ainda não haviam sido abertas: numa espera silenciosa pela salvação, cem cabeças emudecidas em oração individual. Tineke não saiu do lugar. Ele podia muito bem continuar no trem até a zona sul de Bruxelas, embora houvesse um trem para

Linkebeek também da Estação Central. A garota tirou o chiclete da boca riscada de preto e esticou o braço por cima do colo de Tineke para enfiá-lo no lixo de metal. Então se levantou, roçou em seu joelho esquerdo e se juntou ao fluxo de passageiros que desembarcavam. Agora a mãe de Joni ficava de pé também e, de costas para ele, retirava uma mala de rodinhas do compartimento de bagagem. Vendo-a por trás, com aquele quadril esguio, anguloso, jamais a teria reconhecido.

Decidiu num impulso desembarcar também, não sabia muito bem por quê. Como poderia deixar que essa completa coincidência simplesmente evaporasse no nada? Se tivesse ficado em casa, esse encontro entre os dois nunca teria acontecido. Com o coração martelando, o cheiro rochoso da plataforma encheu seus pulmões. Quase contra sua vontade foi atrás de Tineke, mantendo uma distância de cinco passos enquanto ela subia a escada na direção do saguão central. Uma vez no amplo espaço de mármore marrom-claro, apoiou sua valise nas rodinhas e seguiu puxando-a em meio à multidão. Ao chegar à entrada principal, pegou um celular no bolso de seu sobretudo de lã castanho, teclou um número e começou a falar. Ele a viu sair pela cidade de Bruxelas e sumir, e mais uma vez hesitou.

Em vez de voltar à plataforma, em vez de renunciar a viver, correu atrás dela, fora da estação. Esquadrinhou as sombras lançadas pela iluminação de rua. Ela não estava entre a massa de gente que atravessava o cruzamento rumo ao Grote Markt de Bruxelas. Andou até a beirada da calçada inclinada e olhou em torno. Ali estava ela, entrara à direita na Putterij; apertando o passo, ele diminuiu a escura distância de vinte metros e, antes que soubesse o que estava fazendo, pousou a mão no tecido grosso de seu casaco. Ela parou e se virou. Olhou surpresa, alarmada. Sua pele cuidadosamente maquiada cobria seus maxilares e malares como um papel amassado.

“Tineke”, ele murmurou, “eu...”

“Pois não?”, ela perguntou, polidamente.

“Tineke”, ele insistiu, agora com mais ênfase, “não sei se isso é uma boa...”

Dessa vez ela o fitou de verdade, ele pôde perceber o foco em seus olhos. Ela esticou a mão e tocou brevemente seu braço, como se proximidade física pudesse ajudar. “Você não estava sentado na minha frente bem agora no tr—?” Seu rosto mudou outra vez, ela ergueu as pálpebras caídas o máximo que conseguiu, a boca se tornou um O atônito, escarlate.

“Aaron!”, exclamou, “mas claro! Aaron Bever. Mas, meu rapaz, o que...” Soltou a alça de sua mala, que caiu. Deu um passo na direção dele, segurou seus ombros e lhe deu dois beijos. Acima dos frágeis ombros dela ele viu um carro parar junto ao meio-fio, uma BMW esportiva azul-escura que piscou os faróis duas vezes. Ela se virou e acenou. Quando olhou de novo para ele, disse: “Estamos com pressa. Preciso ir. Mas, Aaron, não reconheci você. Você mudou... Enschede, faz tanto tempo!”. Ela segurou seu braço, olhou diretamente para ele. “Ai, meu querido...”, continuou, “mas me diga, como você está? Tudo terminou de um jeito tão triste...”

Ele estava atônito demais para responder. A qualquer momento a porta da BMW poderia ser aberta e Sigerius viria andando na direção dos dois. Ele respirava com dificuldade, sentiu vertigem. Como não conseguia pensar em mais nada para dizer, gaguejou: “Tineke, me diga, como vai Siem? É ele que está ali?”. Fez um gesto débil na direção do carro impaciente.

Ela o soltou tão abruptamente quanto o havia segurado. Deu um passo para trás, seu rosto se fechou como uma porta blindada.

“Como?”, exaltou-se ela. “Você está brincando?”

“Não”, ele disse. “Por quê?” Sentiu os olhos ficando marejados.

“Que piada de mau gosto”, ela disse. “O que você quer? O que está fazendo aqui? Está me seguindo?”

A porta do carro abriu. Um homem pequeno, de cerca de quarenta e cinco anos, desceu, o cabelo negro ondulado e a barba bem aparada brilhando à luz dos postes. Os dois se encararam. O sujeito, que de uma maneira enervante, ofensiva, não era Sigerius,

sorriu educadamente. Outro carro passou desviando deles, buzinando, e atrás da BMW um micro-ônibus sinalizava com os faróis.

Tineke levou a mão ao puxador da porta.

“Você não sabe?”, disse ela. “Você realmente não ficou sabendo, não foi?” Deu uma risada constrangida, o rosto torcido num esgar de descrença. “Siem morreu.” Teve de gritar para não ser abafada pelo ruído do tráfego. “O enterro foi no início de 2001. Faz oito anos. Ou você está fazendo isso só para me atormentar?”

“Não”, ele respondeu.

Então ela entrou.

Segundo seu currículo, Sigerius entende muito de acaso. Nos tempos de Berkeley, e mais tarde em Boston, ministrou cursos técnicos em teoria da probabilidade e otimização estocástica para alunos de matemática e física do primeiro ano. Era pago para transmitir a sensação de ordem matemática em meio ao caos diante de classes cheias de nerds emocionalmente atrofiados. Entre eles havia jogadores de xadrez, especialistas no zx Spectrum, prodígios no cubo de Rubik, nenhum deles candidato a uma vaga na equipe de atletismo da universidade, nem de basquete, nem de beisebol; sua presença em Berkeley estava a serviço da física quântica, eles queriam desencadear a revolução digital. Antes de bombardear os rapazes e a única garota deslocada com simulação estocástica discreta, espaço de probabilidade e teorema de Bayes, ele os desafiou a relatar o caso mais espetacular de coincidência que já haviam vivenciado. O imprevisto mais absurdo, a casualidade mais esquisita que já lhes acontecera. Como forma de estimulá-los, anotara no quadro-negro as histórias mais incríveis, para fazer uma análise probabilística.

Sigerius foi obrigado a lembrar que estava lidando com jovens adultos de mente muito rápida quando um rapaz pálido e de expressão séria no fundo do auditório levantou a mão e começou a contar uma história sobre a lua de mel de seus avós, na década de 30. Eles estavam em um cruzeiro com destino à América do Sul quando, ao largo da costa chilena, sua avó deixou cair a aliança no mar. Sessenta anos depois, comemorando as bodas de diamante, o casal refaz esse mesmo cruzeiro e os dois estão por perto quando um pescador fiska um atum e o puxa para o convés. O avô insiste

que ele abra a barriga do peixe e adivinha só? (Ainda que tenham se passado pelo menos quinze, vinte anos desde essas aulas, ele nunca esqueceu, no instante desse “adivinha só” e da expressão impassível do rapaz ao esquadrihar a classe, o cheiro de pó de giz. Em sua lembrança, as cortinas cor de laranja que sempre puxava até a metade logo após o almoço estão estufadas diante das janelas escancaradas. Sua sala de aula abafada se localizava no nono andar de Evans Hall; os verões ali duravam seis, sete meses.)

E? Aliança nenhuma.

Quando repetiu a piada para Aaron Bever, Aaron balançou a cabeça, se levantou, pegou um romance na estante e lhe mostrou onde Nabokov contara essa mesma anedota, meio século antes.

A coincidência é mais impressionante quando se manifesta como um carrasco, ele e seus alunos concordavam com isso. Quando as risadas amainaram, o mesmo rapaz de pele translúcida contou uma história sobre um passeio completamente diferente. Era sobre seu irmão, que planejava viajar pela Europa com a namorada, partindo do ponto mais ao norte da Escandinávia e descendo até Gibraltar em três meses. Pegaram um avião para Kirkenes, cidade no extremo da Noruega, alugaram um carro e seguiram viagem em direção à Suécia por uma estrada plana de pista dupla. Durante todo esse trecho tranquilo e coberto de neve cruzaram com um único veículo vindo na outra direção, um caminhão Scania dinamarquês puxando laboriosamente uma pesada caçamba. Assim que passam pelo caminhão — ou, na verdade, alguns segundos antes, ou talvez a coincidência tivesse se dado vários minutos mais cedo, não, provavelmente era questão de estresse dos metais, que viera corroendo as porcas e parafusos —, a caçamba se solta. A haste que a prende ao caminhão, congelada pelo frio, e que fica perpendicular ao eixo dianteiro móvel da caçamba, vira para o lado como a lança de um cavaleiro numa justa, na direção do carro alugado, e entra pelo para-brisa. A caçamba capota, catapultando o carro para o barranco nevado como se fosse uma lata de cerveja vazia. A garota é decapitada. Seu irmão, que está ao volante, escapa com um hematoma no pulso.

O rapaz contou isso com expressão imperturbável. Continuou sentado, muito ereto em sua cadeira. Siem, diante do quadro-negro, o encarava, ele usava uma camisa abotoada até em cima, com um colarinho grande e pontudo, e enquanto falou sua mão não parava de alisar uma folha de papel quadriculado, densamente preenchido com fórmulas. “Coincidência, hein?”, disse Siem. Nas semanas que se seguiram, ele não apareceu mais. Especulações junto à máquina de café sugeriam que o irmão era ele mesmo.

O que Sigerius pretendia lhes ensinar? E do que está tentando se convencer, nesse momento? Que a probabilidade do improvável não pode ser negligenciada? Que as assim chamadas coincidências bizarras acontecem o tempo todo. Que o trabalho do matemático é julgar o bizarro por seu valor quantitativo, ou seja: despir a coincidência até a nua probabilidade, em vez de lhe atribuir alguma significação mágica. Ele observa a chuva caindo atrás das janelas do restaurante, onde a força-tarefa foi reunida. O espaço brilhantemente iluminado é estreito e dá a sensação de ser um ônibus municipal num lava-rápido. As lagostas e os caranguejos na pouco apetecível parede de aquários próxima à entrada esperam secretamente um dilúvio que perturbe o equilíbrio de poder. Suas pinças são manchadas de sardas cor de ferrugem, às vezes uma das criaturas se desloca de repente, como que sentindo uma coceira.

Ele tenta se concentrar em sua conversa com Hiro Obayashi, sentado à sua esquerda junto à mesa de fórmica, onde o grupo de onze acadêmicos faz sua refeição. Todo sábado à noite, após a reunião da tarde na Universidade Jiaotong, eles se juntam em torno dessa mesa em Huaihai Zhong Lu, é uma tradição muito antiga. E em geral ele a aprecia, tanto quanto aprecia essas viagens em que a universidade o manda a Shanghai, porque isso é o que são, sem dúvida, viagens de lazer. Ele era membro da Sociedade de Internet Asiática muito antes de se tornar reitor, e uma das condições para aceitar o cargo fora que essa “valiosa conexão asiática” permanecesse intacta. Era algo de importância capital para o

prestígio da Universidade Tubantia, argumentara, e dissera mais coisas nessa linha. Ora, mas é claro, concordaram eles, absolutamente, não precisava nem dizer. Não se discute. Uma grande bobagem, é o que era, mas mesmo naquela época ele já sabia que precisaria disso, suas viagens a Shanghai. Só para fugir um pouco do ambiente acadêmico, fugir da casa de vidro.

“Para ser franco”, diz ele, “achei os passatempos um pouco... como vou dizer... um pouco chatos.”

Obayashi, professor de Tecnologia da Informação na Universidade de Tóquio, arregala os olhos; sua pele se estica como uma máscara cor de maionese em seu crânio amplo.

“Mas talvez eu não seja a pessoa certa para avaliar isso.” Sigerius limpa a boca em seu guardanapo e, numa tentativa de evitar Obayashi, passeia os olhos pelo ambiente. Como todo restaurante decente na China, esse também é uma ode ao mau gosto. A iluminação é cruel, sobretudo agora que alguém jogou um cobertor sobre Shanghai, a decoração não tem o menor critério: não há duas mesas com a mesma forma ou altura; até as lâmpadas fluorescentes, bruxuleando e zumbindo, e banhando em sua luz radioativa os pratos fumegantes com a — verdade seja dita — comida divina, foram feitas em diferentes fábricas estatais e datam de décadas diferentes. Na mesa ao lado, um grupo ruidoso de chineses se empanturra. Executivos, sem dúvida: em mangas de camisa, as axilas suadas, gravatas afrouxadas, estalando os lábios, arrotando, empurrando ossinhos de lado, gritando guturalmente.

Obayashi balança a cabeça. Ele pousa seus pauzinhos sobre a mesa e fita em silêncio sua tigela plástica de arroz.

“O que eu quero dizer”, continua Sigerius, de modo mais diplomático, “é que outros holandeses, e portanto outros europeus, talvez achem que são passatempos muito bons.”

Obayashi ergue a cabeça de cabelos rentes, olha para o outro lado da mesa, onde John Tyronne conversa com Ping. “Mas talvez você conheça um editor?”, pergunta, com voz pastosa. “Siem, só me ponha em contato com um editor. Eu tenho grandes expectativas.”

Na última reunião da Sociedade de Internet Asiática, em 1999, esse mesmo homem o chamou de lado para discutir um “assunto particular”, conforme disse. O genro de Obayashi era diretor comercial da Nippon Fun, empresa japonesa que comercializava uma revista de passatempos de muito sucesso no Japão. Um dos jogos, Number Place, era a maior moda na Nova Zelândia, onde alguém desenvolvera um programa de computador capaz de produzir esses quebra-cabeças em massa, para um jornal diário, por exemplo. Infelizmente, ele não tinha nenhum ali consigo, mas Obayashi queria a opinião de Sigerius sobre o jogo da colocação de número e prometeu lhe enviar alguns exemplares. Estava convencido, até mais do que o genro, de que o mundo estava pronto para o Number Place. Não muito depois, um envelope de Tóquio aparecia em seu capacho em Enschede: dois livrinhos japoneses, cada um com sessenta jogos e uma carta anexa, explicando em inglês rudimentar que o passatempo assinalado com cinco pimentas-malaguetas era chamado “camicase”, ele não tardaria a descobrir por quê.

Foi apenas durante o voo para Shanghai, livre das agonias e preocupações que quase o enlouqueciam, que pegou os livros de quebra-cabeça em sua bagagem de mão e os examinou com mais cuidado. Como tantos jogos com números, percebeu na mesma hora, eram derivados dos quadrados latinos de Euler. Eles compreendiam uma matriz de nove por nove, em que algumas células já vinham preenchidas com um número inteiro de 1 a 9. O desafio era completar as células restantes de modo que em cada fileira e cada coluna os números de 1 a 9 só ocorressem uma vez. Além do mais, a matriz era subdividida em nove blocos de três por três que da mesma forma tinham de conter os dígitos de 1 a 9.

Talvez, pensa agora, tenha sido indelicadeza ser tão brutalmente honesto com Obayashi. “Ainda me sobrou um livrinho”, diz, com súbita brandura. “Vou dar para minha esposa.”

A bem da verdade, ele os terminara em quinze minutos, porque após cinco ou seis quebra-cabeças podia resolvê-los com tanta

rapidez quanto se estivesse escrevendo. Sua mente vagava. Como funcionam essas grades? Será que o Number Place fica mais difícil quando a quantidade de números que você recebe no começo é menor? Com frequência era isso mesmo, raciocinou, mas não necessariamente. Os números iniciais estavam mais para um fator determinante, embora ele desconfiasse que você precisava de pelo menos dezoito, para começar. Ou dezessete? Executou uma *reductio ad absurdum*, partindo do pressuposto de um quebra-cabeça começando por dezesseis números. Após algumas tentativas, concluiu que era preciso começar com pelo menos oito dígitos diferentes. Depois disso, tentou calcular quantos quebra-cabeças corretamente completados eram possíveis, um problema interessante no qual, sem perceber, ele passou um bom tempo concentrado (chegando a um número em algum lugar entre seis e sete, seguidos de vinte e um zeros, mas em que medida esses trilhões de quebra-cabeças eram todos inteiramente diferentes? A grade contém simetrias e espelhamentos naturais), porque, quando quase deu um pulo em seu assento ao ouvir o som de uma educada voz feminina em seu ouvido, já estava escuro na classe executiva. Se gostaria de algo para beber. À sua volta, executivos com máscaras nos olhos dormiam profundamente.

Foram horas deliciosas em que ficou totalmente distante do mundo, ocupando-se apenas com a matemática mais profunda por trás dos quebra-cabeças. Como se estivesse voando num jatinho particular acima do Boeing 747 da Singapore Airlines, no limiar da estratosfera. A matemática era sempre um bom remédio. Mas, mesmo antes que a aeromoça voltasse com seu uísque, ele mergulhara de novo num estado de inquietação melancólica.

“Se puder me arrumar um editor”, diz Obayashi, “podemos discutir uma porcentagem para você. Apenas para o mercado holandês, claro. Mas mesmo com isso, Siem, você vai ficar rico. Eu garanto.”

Depois que Tineke o deixou na estação de Enschede, e assim que se viu livre das tensões com a semana de aniversário, começou a se preocupar com o que vira. No caminho para o Schiphol, fizera algumas perguntas a si próprio, perguntas absurdas (elas eram do mesmo tamanho?, da mesma idade?, da mesma constituição?), após o quê se censurou (não pode ser, a coincidência é grande demais, é o que os psiquiatras entendem por paranoia), registrou suas bagagens em relativa calma e, sem se permitir fantasias disparatadas, passou na AKO, retirando e devolvendo best-sellers às prateleiras, para então se pegar pensando em perguntas ainda mais absurdas ao embarcar (será que ela é capaz disso?, é uma coisa que está em seu sangue?, em seus genes?) — um movimento regular de maré, pânico e calma, pânico e calma, que o dominou pelos três últimos dias.

As comemorações pelo quadragésimo aniversário da Tubantia passaram como geralmente acontece com esse tipo de evento público: sem que tivesse tempo de respirar, era como se houvesse sonhado nos últimos dias; e, assim como num sonho, não houve oportunidade de olhar para a frente ou para trás. Paparicando quatro doutores honorários e suas esposas; reescrevendo, ensaiando e recitando seu discurso comemorativo sobre nanotecnologia, tema longe de saboroso; cafés da manhã, almoços e jantares com seus hóspedes, o bate-papo incessante, a tediosa conversa mole, ele corria o risco de cair morto no meio do discurso.

Foi na tarde de quinta, durante a recepção de encerramento, que as coisas começaram a sair dos eixos. Após ter conferido as insígnias da Tubantia aos quatro doutores *honoris causa* na Jacobuskerk, o grupo todo se deslocou para o teatro de Enschede. Ele, com Tineke e os quatro condecorados e suas esposas, subiu na plataforma forrada de veludo negro no foyer, preparado para receber cumprimentos das centenas de convidados bajuladores que seguravam taças de vinho e se serviam de refinados hors d'oeuvres em bandejas de prata, ou iam logo pegar um lugar na fila de recepção desanimadoramente longa. Ele deve ter ficado ali por três

horas, apertando mãos, fazendo comentários espirituosos, a longa fila paciente refletida em seus sapatos de couro envernizado.

Cerca de uma hora após o início dos cumprimentos, avistou Wijn. Menno Wijn, seu ex-cunhado e ex-parceiro de treino, uma cabeça e ombros acima das centenas de estudantes e professores quase exclusivamente vestidos em togas, inconspícuo no início, claramente pouco à vontade, olhando em torno com uma água mineral na mão, quase, assim parecia, na iminência de ir embora. Quando olhou de novo, cinco minutos mais tarde, Wijn estava na fila, como um golem. "Psst, duas horas", sussurrou para Tineke. As mãos gorduchas dela soltaram a mão da esposa de um professor e ela virou em sua direção. "Esquerda", ele disse. Achando graça, ela esquadrinhou a fila e ficou paralisada. "Essa não." Ela ergueu os ombros e balançou a cabeça de cabelos recém-cortados, cheirando a cigarro e agulhas de pinheiro.

Wijn parecia alguém na sala de espera de um dentista. Antes de ter chegado, o saguão era o retrato da diversidade, pessoas diferentes, várias nacionalidades, mas assim que notou a presença do ex-cunhado, Sigerius se deu conta de que os acadêmicos eram muito parecidos entre si. No passado, quando Wijn e ele tinham vinte e poucos anos, o ex-cunhado era dono de um rosto rude mas corado, de riso fácil, reservado de preferência, e com mais estardalhaço, a corrigir os erros alheios, até que esses erros comesçassem a ter consequências para ele. Esses que cometiam erro em cima de erro eram sua irmã Margriet e o sobrinho Wilbert, porém, mais do que todos, Siem Sigerius, o traidor que levara Margriet à perdição. No entender de Wijn. Que diabos ele estava fazendo ali? Não fora convidado, devia ter lido sobre a recepção em algum lugar. Será que viajara desde Culemborg para isso?

Distribuindo beijinhos em rostos maquiados e aturando a conversa mole e os tapinhas nas costas, Sigerius podia sentir o irmão da falecida ex-esposa ganhando terreno. A vingança e o rancor enchiam o ambiente como um vapor. Fazia vinte e cinco anos, diabos. Nos primeiros meses após o divórcio, seu velho camarada simplesmente o ignorara, mas assim que Margriet e Wilbert se

mudaram para o sótão da academia de Wijn, em Culemborg, o clima ficou pesado. Hostil. Por anos, Margriet deixou que o irmão, de modo firme mas furioso, fizesse o trabalho sujo por ela: a mana precisa de dinheiro, a mana precisa ir à loja de bebidas. E para Wijn — a essa altura senhorio, advogado e pai adotivo, tudo num só — um telefonema truculento a mais ou a menos não fazia diferença. Sigerius já estava nos Estados Unidos com Tineke e as meninas quando, perto do aniversário de Wilbert, chegou um envelope com o cartão de “Parabéns pelo aniversário de seu filho”, acompanhado de uma folha datilografada com reivindicações: contas do vidraceiro, despesas médicas, sessões com o psicólogo juvenil, multas e muito mais, e, embaixo, o número da conta bancária da Academia Menno Wijn. Isso foi o prelúdio de ligações telefônicas anuais, sempre a cobrar, é claro, discursos exprobratórios em que Wijn, com seu rude linguajar popular, deixava-o a par do que o “meliante” aprontara daquela vez, de que academia fora expulso e por quê, sobre as pastilhas de alcaçuz para tosse que o “vagabundo” moeu e vendeu como haxixe, de como Menno teve de se livrar da “corja” que apareceu na academia para tirar satisfações, sobre as brigas no parque de diversões, os furtos em lojas, e quando você volta para a Holanda, papai? Menno estava com essa história dos Estados Unidos entalada na garganta. Mas quando era Sigerius que telefonava, aí a coisa se invertia, e Wijn lhe dava um gelo, deixando claro para o desertor que o filho não era mais dele, e com longos monólogos esfregava em sua cara que Wilbert havia se dado perfeitamente bem com o tio zeloso. “O garoto não é tão sangue ruim assim, de uma hora pra outra começou a cuidar de vinte e quatro canários lá no sótão. Adora os bichinhos dele. Ratos também, e hamsters, virou um verdadeiro zoológico lá em cima.”

Ele tentava não pensar muito nisso. Claro que se preocupava. Você está aqui agora, dizia Tineke. Estamos na Califórnia. Só depois que Margriet morreu seu irmão sossegou. Depois disso, conversaram poucas vezes pelo telefone, Menno suspirando e gemendo por seu papel como tutor de Wilbert, ele como o pai desiludido tentando se

livrar da obrigação de pagar pensão. Conversas pragmáticas, o veneno do passado como um torpor elétrico na linha telefônica.

Aí vinha ele. Seu ex-cunhado, iluminado por trás pelo clarão que penetrava nas altas janelas da frente do teatro, subiu no palanque e parou na sua frente. Quase se esperaria vê-lo segurando uma prancheta de serviço de entregas, ou se pensaria de quem era o motorista e o que vinha fazer ali, incomodando o patrão. Direto como uma flecha, os braços pendendo na lateral do corpo anguloso, equilibrando o peso na ponta dos pés, como costumava fazer ao tomar seu lugar no tatame: aqui estou, pode vir. Não apertaram as mãos.

“Menno”, disse Sigerius.

Wijn esticou o queixo. “Você se deu bem, pelo jeito”, falou, com o mesmo sotaque do Distrito C de quarenta anos antes. “Eu estava no pedaço. Vim dizer pra você que seu filho saiu.”

Sigerius pigarreou. “O quê?”

“Redução da sentença. Bom comportamento. Ele já está livre.”

Às vezes as palavras têm um efeito físico sobre ele, são como um balde de água gelada sendo entornado em sua cabeça de metros de altura. “E essa agora”, murmurou. “Nada bom. Má notícia.”

Wijn cutucou a casca do tamanho de uma moeda em seu queixo, sem dúvida resultado de uma ferida que ganhara rolando em algum tatame, um gesto constrangido que o fez parecer, por um breve momento, a falecida irmã. O dedo médio não tinha unha. Um dedo cego.

“Só achei que era melhor avisar. E dizer que lavo minhas mãos.”

“Era para ele ficar preso até 2002.” Tineke fuzilava Wijn com olhos que pareciam canos de pistola, mas ele a ignorou, assim como a ignorara pelos últimos vinte e cinco anos.

“Onde ele vai morar?”, perguntou Sigerius.

“Sei lá. E estou pouco me fodendo.”

Então ficaram se entreolhando em silêncio, o reitor e o dono da academia. Dois homens na casa dos cinquenta que costumavam partilhar do mesmo vestiário, três vezes por semana, ano após ano,

depois de terem misturado seus suores em *dojos* por toda a Randstad. Tudo em vão. De repente, sem provocação, Wijn ergueu a mão e cutucou a testa de Sigerius com aquele seu dedo de toupeira.

“Seu bosta”, rosnou.

Antes que Sigerius pudesse dizer a si mesmo que não devia reagir, antes que pudesse perceber que não estava em posição de agarrar o outro pelo colarinho de poliéster, jogá-lo no chão e, com um grunhido, voltar a erguê-lo — para lhe aplicar um mata-leão ali mesmo, a despeito de todo seu tamanho e aspecto ameaçador —, Wijn se afastou. Sem olhar para mais ninguém, saiu andando em seu terno barato e mal ajustado, passou pela fileira de laureados e desceu do palanque, os passos ecoando surdamente.

Mais tarde, pensou: talvez tenha sido por causa de Wijn. Por causa daquela sua pata, aquele seu dedo imundo. Passara a ver as coisas de um jeito diferente. Uma insinuação da carne que distorceu sua percepção.

O fato é que nem um minuto depois avistou Joni e Aaron na fila, sua filha virada para o namorado calvo, escutando-o atenta, com admiração. O que ele notou? Nada em particular, no início. Que estava linda, que tinha um perfil impressionante. Que sabia exatamente como se enfeitar quando seu pai era o centro das atenções. Estava usando um suéter branco de lã, com gola rulê, justo mas clássico, joias de ouro branco cintilavam em suas orelhas e em torno dos pulsos. Ele ficou admirado em perceber, não pela primeira vez, como sabia se vestir com elegância, com coisas mais caras, combinando melhor do que as demais alunas — nunca com afetação, você não poderia fazê-la parecer afetada nem se a enterrasse sob pérolas, mas com mais estilo, mais classe. Ela enfiara os cabelos sob uma espécie de chapéu russo à la Nikita, de modo que apenas a nuca revelava que era loira.

No momento seguinte, ele se curvava para escutar melhor o que dizia a esposa de um ex-reitor, uma mulher de cabelos grisalhos e voz suave. Com os olhos bem abertos e a cabeça perto do lóbulo

alongado da mulher, seu olhar caiu em Joni, mais ou menos por acaso; ele sorriu e piscou, mas ela não o viu. Seu rosto belíssimo estava concentrado em alguma outra coisa, provavelmente em sua mãe, ao lado dele.

É então que percebe. O chapéu siberiano marrom-escuro acima do rosto de Joni agita alguma coisa em sua memória. Aparentemente, sua boca emite um som, um suspiro ou um gemido, ou alguma coisa, pois a mulher em cujo ouvido isso entra se encolhe. Ele endireita o corpo, acena, distraído, abre muito a boca e volta a fechá-la. A semelhança penetra em sua consciência como uma coisa quente, um líquido que tenta sufocá-lo. Chumbo borbulhante. Ele sente vertigem. A capacidade fenomenal do cérebro de reconhecer rostos sem esforço, sem hesitação. Algo que sempre o deixou fascinado, mas que agora está acabando com ele. Não é simples reconhecimento, é muito mais, em todas as frentes. O que ele vivencia é uma... *identificação*. A expressão atenta de Joni a cinco ou seis metros de distância, o chapéu de pelos escuros cuja borda envolve o alto da testa lisa de modo que ele a vê, pela primeira vez, como uma *morena*. A maquiagem mais pesada do que de costume, os lábios reluzentes brilhando em concentração. Todos os seus traços, a pureza ampla de seu rosto autoconfiante, atraente, tudo que se amalgama para determinar as feições de sua filha transforma-se naquele outro rosto, um rosto que ele, em certo sentido, também conhece como a palma de sua mão — até que seu cérebro febril faz um “clique”. *É ela*.

“Siem, querido — você está bem?” A mão fria de Tineke o segurou pelo pulso, ela tentava captar seu olhar. Sua visão não estava focando bem, ele viu a estrutura granulosa da sombra roxa que ela passara nos olhos, escutou-a dizer que ele estava pálido, que não vinha dormindo suficiente nas últimas semanas. Pressionou seu ombro, deu um passo e falou algo para a mulher na frente dele. Ele fitou as costas largas de Tineke cobertas pelo vestido roxo que mandara fazer especialmente para a ocasião.

“Amanhã você vai estar em um avião para Shanghai”, ela sussurrou, assim que voltou ao seu lado. “Já está quase acabando.

Você está se saindo muito bem. Só está abalado com a notícia sobre Wilbert. Eu sei.”

Sua protetora, esse terno acompanhamento do segundo violino, tem sido o papel desempenhado por Tineke desde que sua vida naufragou na Antonius Matthaeuslaan e que ela aparecia para lhe fazer companhia no café da manhã. Então, ela também conversava para tirá-lo de seu estado deprimido, consolava o inconsolável com bom humor e compreensão. E agora, novamente, a compreensão infinita, embora dessa vez, graças a Deus, ela não fizesse a menor ideia do que estava acontecendo.

“Isso”, ele murmurou. “Fiquei preocupado. Eu odeio ele. E odeio meu filho.”

“Eu conheço você muito bem”, ela disse. “Esqueça o rapaz. Esqueça os dois. Menno é cem quilos de puro rancor. Veio aqui só para deixar você aborrecido. Se soltaram Wilbert, é porque ele está pronto para viver em sociedade.”

Claro que a comemoração do aniversário da Universidade Tubantia era mais importante do que ele, afinal uma figura de proa está ligada à proa, e a proa ao navio; tudo saiu como o planejado naquela quinta-feira, a começar pelo jantar cerimonial em Koetshuis Schuttersveld, onde se viu sorrindo mais uma vez à cabeceira da mesa. Calma!, ralhava uma voz aflita em sua cabeça, enquanto brindes eram erguidos à universidade, enquanto devoravam o cantarilho, enquanto fazia seu discurso. Ele pensou: é impossível. Estatisticamente impossível, moralmente impossível, logisticamente impossível. Tomou várias taças de vinho branco para abafar o vozerio em sua cabeça. Ele e Tineke voltaram para casa, zonzos, à uma e meia da manhã, e quando desabou na cama ao lado dela, dando-lhe as costas, mergulhou num sono pesado, como um urso em hibernação. Por toda a noite, não voltara a pensar na questão de seu filho sendo solto. Só conseguira pensar em Joni.

Não deu tempo de verificar suas suspeitas. Cedo, na manhã seguinte, Tineke o levou à estação de Enschede. Os primeiros

computadores que encontrou estavam ocupados por mochileiros no cybercafé do Schiphol. Esperou por um, indeciso, mas foi embora antes que chegasse sua vez. Faltava coragem. O recém-inaugurado Shanghai Pudong Airport, descobriu onze horas depois, não tinha sequer um cybercafé.

Depois que um táxi o levou, a toda velocidade, através dos dilapidados subúrbios de concreto para o coração da metrópole, sob uma chuva torrencial, mais ou menos o catapultando no saguão do Okura Garden Hotel, e antes mesmo de desfazer as malas, ele desconectou o cabo do telefone de seu quarto e tentou conectar o laptop à internet. Como não funcionou, fez a barba, vestiu uma camisa limpa mas amarrotada e tomou o elevador para o saguão. Atravessando o mausoléu de mármore com veios dourados, entregou sua chave no balcão da recepção e solicitou quinze minutos de conexão. Uma jovem uniformizada o conduziu a uma área com abajures coloridos sobre as mesas e equipada com três Pentiums comunistas, os cubículos separados por divisórias de vidro fosco em esquadrinhas de noqueira. Sentou diante do computador mais distante. A garota gesticulou para que esperasse, curvou-se diante dele (sua transpiração tinha uma espécie de odor adocicado) e ajustou um cronômetro digital em forma de ovo. Ao lado do teclado — que para sua profunda irritação não era QWERTY — havia uma caneta esferográfica presa a uma corrente e, num recipiente em forma de cubo, um bloco de anotações quadrado. Encontrou, com certa dificuldade, um mecanismo de pesquisa operante, mas não tardou a parar no que o mundo todo hoje conhece por Great Firewall of China. Praguejou em voz alta. A caneta não saiu do lugar quando ele chacoalhou a mesa com irritação, mas o cubo de plástico virou e caiu com um ruído seco. Ele não conseguiu sequer entrar no site e, embora a ironia da situação não lhe escapasse (fora chamado a essa ditadura atrasada para instruir seus repressivos amigos amarelos sobre como reforçar seu nefasto *firewall*; queriam aprender tudo — internet de banda larga, o futuro dos gráficos de vídeo — apenas para cortar o mal pela raiz, nada mais), ficou

exasperado com mais essa tentativa fracassada, enquanto recolhia os pequenos papéis de anotações no piso de mármore.

“Eu não preciso de dinheiro, Hiro”, ele diz, “já tenho dinheiro.” Talvez esteja descontando sua frustração em Obayashi, porque agora, dois dias depois da recepção, ainda não fez progresso algum. Então, um pouco mais gentilmente, com um sorriso forçado: “E, para ser franco, acho que seus quebra-cabeças não vão fazer muito sucesso na Holanda. Lembra do *go*? Nós, não. O empolgante jogo de *go*. Hoje você só encontra no mercado de pulgas”. Não faz ideia se é isso mesmo, mas se não deixar bem claro agora, vai passar o resto do verão como caixeiro-viajante. O colega parece momentaneamente duvidar de sua compreensão da língua inglesa, e então diz: “A Nippon Fun tem uma versão de computador do *go*. Posso mandar para você. Dois CD-ROMS”.

A garçonete serve a mesa ao lado usando um bule com bico de ave tropical, um apêndice longo e curvo de pelo menos um metro de comprimento, com o qual a mulher volta a encher as xícaras sem se aproximar. John Tyronne, o jovem professor de Stanford, gesticula para ela. Tyronne, talentoso mas ingênuo, foi trazido a bordo da força-tarefa com certa pompa, particularmente por seus artigos acadêmicos iniciais, tecnicamente bem fundamentados, sobre o bug do milênio, mas ele exagerara na dose e fizera a si mesmo mais mal do que bem no ano anterior ao publicar textos cada vez mais apocalípticos sobre o Y2K que chegaram aos jornais americanos e nos quais, em linhas gerais, predizia que o mundo ia acabar. Quando Tyronne se recusou a pisar num avião após o dia 31 de dezembro de 1999, a primeira reunião de 2000 teve de ser adiada. “Ah, olha aí nosso profeta do juízo final”, brincou o presidente da força-tarefa, Gao Jian, na primeira reunião que tiveram no mundo não devastado. “Continua comendo só comida enlatada?” Naquela tarde, durante a apresentação do artigo sobre háptica feita por Sigerius, provocara Tyronne dizendo-lhe que nunca mais precisaria viajar de avião outra vez. “Em breve vamos poder conectar uma mão de borracha no seu

laptop, John, e quando você apertá-la em sua casa, seu PC vai enviar seu perfil de pressão para uma mão especial de borracha de Johnny Tyronne aqui na força-tarefa, em Shanghai: *shake hands through cyberspace*. O único problema é um pequeno delay” — e dizendo isso ofereceu a mão, mole como um peixe morto, a Tyronne, sentado na primeira fileira. “Nada agradável, não é?” E no segundo seguinte, apertou — com força.

“Um nome japonês não seria uma ideia melhor?”, diz ele, tentando agradar Obayashi. “Outra coisa que não seja Number Place?”

Obayashi murmura uma resposta, que lhe escapa inteiramente. Por um momento, não escuta nada, o estúpido comentário sobre os CD-ROMS do *go* deflagram, numa ação retardada, uma chama fosfórica em seu cérebro. Enquanto está ali comendo seu pato laqueado, o laptop está em cima da cama, no hotel. *Talvez o CD esteja na bolsa do laptop. Talvez as fotos estejam com você*. Precisa se segurar para não levantar da mesa na mesma hora, marchar na direção do paredão de lagostas e água do mar e voltar direto para o Okura. Em vez disso, sorri para Obayashi, limpa os dedos engordurados no guardanapo de papel e fecha os olhos. *Pense. Aquele disco com fotos: está na bolsa do laptop?* Não faz ideia. Ele se imagina em seu escritório, o cheiro familiar de papel e pó acumulado, a tranquilidade de sua cela de monge. Imagina sua mesa diante de si. O disco também pode estar numa gaveta trancada.

Olha o relógio, pega o celular no bolso interno. Sem virar para Obayashi, destrava o teclado e observa por alguns segundos a tela iluminada, pensativo. “Com licença”, murmura, pondo a mão no pulso gorducho do japonês. Embora tenha apenas um esboço de desculpa preparado, levanta e abotoa o paletó esportivo. Uma imagem passa por sua cabeça: a polícia ligando para ele ali na China com a notícia de que Wilbert foi decapitado. A haste de uma caçamba desgovernada. Morreu na hora. Sem terminar o pensamento, limpa a garganta e diz: “Cavalheiros... desculpe

interromper... mas acho que preciso ir andando. Acabei de receber a notícia de que... aconteceu um problema em Enschede”.

“Ansriedei?”, exclama Tyronne, a quem talvez ele tenha provocado demais nessa tarde. “Ans-rie-dei... Sigerius, onde fica essa sua universidade, Nova Zembla?”

Gao Jian apaga seu cigarro e acende outro, a fumaça sai pelos cantos de sua boca. Olha interrogativamente para Sigerius. “Colega”, diz com seriedade, “qual seria o problema? Será que posso ajudar?”

“Acho que não”, Sigerius ouve sua própria voz dizer, e, pensando na tempestade que está prestes a enfrentar, acrescenta: “Acabei de saber que o campus alagou. Um tempo horrível na Holanda, chovendo pesado — como aqui, só que pior”.

“Vai perder o programa da noite.”

“Amanhã é outro dia. O pessoal de Enschede está esperando que eu dê uma declaração sobre os, ãhn, danos.”

O aguaceiro tépido escurece o crepúsculo em Shanghai. Gorgolejando, a água da chuva corre para as sarjetas e entradas de esgoto, cascadeando contra as calçadas da Huaihai Zhong Lu, na qual centenas de chineses caminham apressadamente, com passos precisos, protegendo os cabelos lisos com guarda-chuvas ou pastas. Táxis ocupados lançam leques de água cintilante, os clientes das lojas, com os braços cheios de compras, buscam abrigo sob toldos ou portas, olhando para o céu ou conversando em sua língua secreta. A avenida, em geral vicejante, vibrante, pulsante com suas inúmeras lojas, galerias comerciais, hotéis e restaurantes, parece coberta por um manto, de tão escura.

Ele atravessa um cruzamento alagado, ignorando o sinal vermelho, desviando-se dos táxis e riquixás que avançam agressivamente. Seu paletó está ensopado, a morna água da chuva encharca seus dedos dos pés. Anda com passadas largas, uma curiosa inquietação o impele na direção do hotel. De um lado, acredita que suas suspeitas dizem mais sobre si mesmo do que sobre Joni, que o que viu é uma projeção de seu medo; mas, do

outro, está um pouco familiarizado demais com a adversidade para ter certeza absoluta. Por mais diferentes que suas filhas sejam, nunca duvidou da respeitabilidade delas: é uma questão que um homem com um filho na penitenciária de Scheveningen nunca chega a fazer. Pelas meninas de Tineke, que vê como suas próprias filhas, põe as mãos no fogo, a esquerda por Janis, a direita por Joni — para a mais velha, em cuja vida tudo é perfeito, as coisas vêm fácil: inteligente, espirituosa, ambiciosa, acima de tudo cativante, “mergulhe comigo”, é o que está escrito na sua testa em letras douradas, e, coroando tudo, a aparência extraordinária, sua beleza estonteante, então não, o pai de um criminoso não se preocupa com uma filha como Joni. Se há alguém da prole de Tineke naquela casa de fazenda que merece atenção especial é Janis. A filha mais nova irradia uma energia completamente diferente; Janis parece empenhada em não ser cativante, alimentando um ódio programático, muitas vezes insuportável, do que a seus olhos não é justo, numa guerrilha solitária contra tudo que é insincero, falso, hipócrita. É por isso que se recusa a fazer dieta, é por isso que usa roupas de homem, é por isso que abomina com tamanha veemência dinheiro, carnívoros, filmes de Hollywood, cavalos com sela, universidades, feriados. Ela rasga os cartões de Natal enviados pelos tios e tias. Desodorante — Tineke teve de forçá-la a usar desodorante, pois na adolescência Janis insistia que era uma mentira mascarar seu próprio odor, que era uma hipocrisia, uma enganação, que desodorante era coisa de burguês. Pelo menos é *sincera*, ele e Tineke diziam um para o outro.

O céu se abre, a chuvarada se transforma numa chuva de granizo, o barulho das pedras caindo é tão alto que o trânsito parece deslizar em silêncio. Sigerius não tem outra escolha a não ser se refugiar sob um toldo encharcado. Espremendo-se com outros pedestres, capta um cheiro que lembra a ele os tatames suados de tantos anos atrás. Um homem aponta as bolas de gelo rolando no chão, talvez nunca tenha visto granizo antes, pelo menos não em um 13 de maio.

Por um ano ou dois, foi treinador de corrida para a turma de ginástica de Joni; desde que voltaram dos Estados Unidos ela competia em um clube de Enschede chamado Sportlust, e um dia lhe perguntou se gostaria de dar aula para o grupo. Parece divertido, disse ele, e era de fato divertido: uma corrida semanal com treze jovens de treze anos pelos bosques de Drienerlo. Pouco após as férias de verão, a presidente do clube e ele sentaram em sua sala de estar para discutir os detalhes; logo depois, toda quarta à tarde, a casa de fazenda se enchia de jovens espigadas de aparelho nos dentes e agasalho, um ponto de encontro que Joni não tardou a lamentar, porque as garotas tinham pretexto para faltar de vez em quando — a lição de casa, a saúde, o tempo ruim —, ao passo que para ela não havia escapatória. Ele determinou um trajeto nada delicado de quatro quilômetros. O grupo ia para o sul pela Langekampweg, atravessava o campus, incluindo as dunas do clube de motociclismo (“Ai, não, professor, a areia fofa não!”), e depois continuava pelos bosques até sair na casa, onde Tineke lhes servia copos de refresco feito com flores de sabugueiro.

Joni ainda era nova o bastante para sentir orgulho do pai atleta, e ele teria recordado com prazer esse período de treinamento não fosse pelo incidente. O Sportlust participava, como fazia todo ano, de uma campanha para levantar fundos, de porta em porta, para a pesquisa do câncer, e Joni e Mirjam, uma garota pequena e esperta que corria com os cachos loiros presos por uma faixa, passaram duas longas tardes visitando as casas e apartamentos em Boddenkamp em busca de doações. “Um bairro onde as pessoas têm fama de generosas, como foram em anos anteriores”, observou a presidente na noite em que ele ligou depois que Joni, voltando para casa após os treinos para definir a equipe, lhe contara, primeiro gaguejando, depois chorando, que fora acusada de roubar dinheiro da lata de coleta.

Ao contar quanto dinheiro fora obtido, afirmou a mulher, o tesoureiro notou que as latas de Mirjam e Joni não continham uma única cédula e que não só a soma era inferior a um quarto do que fora conseguido em anos anteriores, como também era a quantia

mais baixa dentre todas as latas, até mesmo as coletadas no que chamou de bairros carentes. Mirjam estava no grupo de ginástica da terça à noite; puseram-na contra a parede e ela confessara em dez segundos. De acordo com a garota, ela e Joni pescaram as cédulas com um esquadro e então dividiram o dinheiro entre si — pouco mais de cento e cinquenta florins.

Joni ficou furiosa. Quanta mentira. Ela não tinha nada a ver com isso. Como alguém podia ser tão cruel. Ela odiava aquela Mirjam, sempre soube que não prestava, nunca deveria ter confiado nela. Depois de terminarem a coleta, contou às lágrimas, já havia escurecido e era hora do jantar, e Mirjam se oferecera para entregar as duas latas ao tesoureiro, no ponto de coleta central, perto de onde morava.

Sigerius ficou branco. “Minha filha está aqui na sala comigo, chorando”, disse à presidente. “Conheço Joni muito bem, essas acusações são rudes e prematuras. Garanto à senhora que minha filha nunca ia sair por aí roubando dinheiro de caridade.” Então combinaram que ele e Joni iriam juntos, de modo que ela pudesse contar seu lado da história, sugestão que ela a princípio aceitou, com um beicinho, mas voltou atrás quando estavam prestes a sair para o clube de ginástica. Disse que tinha medo de começar a chorar outra vez. Ou de ter um acesso de raiva. Então ele foi sozinho. A reunião foi difícil; a mulher insistia que era a palavra de Mirjam contra a de Joni e ele exigia que inocentassem sua filha. Quando voltou para casa, às dez e meia naquela noite, contou a Joni que lhes dera uma escolha: ou se retratavam ou seria o fim dos treinos, e muito provavelmente Joni deixaria o clube.

Ainda consegue se lembrar exatamente de onde estavam: no vestíbulo, ele com seu casaco, o pé direito na escada de caracol; Joni na metade da escada, segurando a escova de dentes, já com pasta. Não vai esquecer tão cedo o momento de sua confissão. Depois de haver terminado de contar como fora a reunião, ela ficou calada. Então sentou no degrau, os ombros afundados, e deixou cair a escova de dentes — tic, toc — no chão de ardósia. Escondeu o rosto na camisola e, com um longo suspiro, disse: “Pai?”.

Ele ergueu as sobrancelhas.

“Olha, pai, não vai ficar nervoso nem nada. Eu, ãhn, eu queria dizer que... bom, é que, sabe, a Mirjam está falando a verdade.”

Ele caminha sob os plátanos gotejando, em direção ao Okura. Tromba deliberadamente com um executivo falando ao celular, desvia das barracas de legumes na calçada inclinada e dos sacos de lixo rasgados pelos vira-latas. Um pequeno grupo de chineses, cinco ou mais, surge de uma rua lateral e abre uma grande lona roxa na calçada encharcada. Num piscar de olhos, expõem seus produtos: bolsas de couro, óculos Ray-Ban, pulôveres Gucci, camisetas Adidas, CDs, DVDs, video games. Pirataria. Ele para por um momento, sua perna curta, a da motoneta, dói, ele massageia o tendão. Um dos ambulantes, um menino arrogante, o aborda em seu brusco mandarim.

“Não enche”, diz ele, sorrindo.

O que é pior: vender imitações de Gucci ou furtar uma lata de coleta? E quanto ao que existe entre uma coisa e outra? Será que é lógico ou vale a pena se preocupar com Joni, com um problema hipotético — uma vez que não tem certeza, o problema não existe —, ao mesmo tempo que sabe que Wilbert está em liberdade? Desviando-se dos carros, atravessa as quatro pistas da Huaihai Zhong Lu, vira à esquerda, quarenta metros adiante, e passa em frente à fachada art déco dilapidada do cine Cathay, onde uma fila de chineses espera para assistir a *Missão: Impossível 2*. O que vai acontecer agora que ele está solto? O que seis anos no xadrez fazem com um rapaz como Wilbert Sigerius?

“Hitler sabia a resposta”, respondeu Rufus Koperslager certa vez, numa época em que ele vivia perguntando isso, geralmente de forma velada, a qualquer um que julgasse capaz de lhe oferecer uma resposta sensata. “Hitler via as prisões como uma universidade para criminosos. Não sabia? Um esgoto subterrâneo, onde os novatos pegam o traquejo com os profissionais.” Ele se lembra dessa primeira conversa particular com Rufus, um tipo raro, encontro que

preferiria esquecer. “Você não conhece as ‘Conversas à mesa’ de Hitler?” Não, ainda não tivera oportunidade de ler as ‘Conversas à mesa’ de Hitler. Ah, sim, Koperslager — um comissário condecorado, falando com toda a franqueza brutal de sua ética policial — que exercera a função de chefe de departamento na Tubantia no fim de 1995. Sua nomeação contrariou muita gente, um tira no campus, um homem talvez direto demais, impaciente, acostumado a dar ordens, a fazer parte de uma hierarquia de comando rígida. Mas um realista. Durante o processo de seleção, Sigerius esticara os ouvidos quando Koperslager lhes contara que fora diretor não de um, mas de dois presídios no início dos anos 80, feito que o deixou intrigado o bastante para confidenciar ao novo colega sobre seu filho criminoso durante uma recepção, entre minissanduíches de queijo. Na época ele era assim mesmo. Abria seu coração. Wilbert passara pouco mais de um ano na cadeia e nesse meio-tempo Sigerius desenvolvera uma obsessão indisfarçada por tudo que acontecia atrás das grades: devorava cada recorte de jornal, cada livro, cada documentário de televisão, qualquer coisa capaz de deixá-lo a par de regimes correcionais e normas de penitenciária. “Pelo que entendi você conhece bem o mundo carcerário? Meu filho está cumprindo pena.”

“Onde?” Koperslager tinha também considerável interesse pelo assunto; um véu negro desceu sobre seu rosto de policial, ele passou brevemente a mão no queixo barbeado, Sigerius percebeu como mergulhava em um submundo que o empolgava mais do que gostaria de admitir. Sem mover um músculo do rosto, Sigerius enumerou as três penitenciárias onde Wilbert ficara preso até então. “Transferências?”, perguntou Koperslager.

“Acredito que sim.”

“Posso ser franco com você?”

“Por favor”, ele disse, dando assim todo o ensejo para Koperslager esboçar um retrato convincente e ao mesmo tempo desanimador da “carreira” de Wilbert, que, em sua humilde opinião, o filho do reitor estava construindo “do lado de dentro”. “Eles só transferem os cabeças”, afirmou. “Transferências são caras e trabalhosas, nunca fui muito adepto, mas às vezes não resta outra

escolha.” Wilbert provavelmente era um sujeito com influência, essa era sua análise, uma figura-chave dentro do bloco, um perturbador da paz, um “peixe grande”. Sempre eram afastados do meio, afirmou Koperslager, eram os que minavam a autoridade, intimidavam e subornavam os guardas, viviam fazendo negócios, tanto dentro como fora. “Então estão mudando seu filho de lugar. Xiii. Vai ver que tem talento. A julgar pelo pai: longe de estúpido, forte fisicamente — é, deve estar aprendendo os segredos do riscado.”

O criminologista predileto de Koperslager tinha uma interessante opinião sobre prisões. “Hitler sempre defendeu a punição física, em vez da detenção. Um rapaz de vinte anos, é melhor encher de porrada ou decepar a mão — ele diz isso em 1942, e provavelmente tem razão. A cadeia só aperfeiçoa as habilidades deles. As prisões, Siem, são academias do crime, aulas de agressividade, laboratórios de testosterona. A virilidade ali corre que nem um rio, é machismo na versão mais cruel, todo mundo odeia todo mundo. Dividir para conquistar em tempo integral, vinte e quatro horas por dia. Gangues, proteção. Não existe o menor viés feminino, nada que se assemelhe à consideração — só poder. Chantagem, surra, abuso sexual, é tudo parte do jogo. Você entra como um franguinho e sai cantando de galo. Corta o pé do cara. Essa é minha filosofia.”

Era exatamente o cenário de pesadelo com que viera se afligindo, e Koperslager sem dúvida era o homem errado para aplacar seus temores. Sem contar para ninguém, como se estivesse visitando uma prostituta em sua casa flutuante, Sigerius passava pela prisão local toda vez que tinha de ir a Amsterdam, Haia ou qualquer outro lugar para tratar de assuntos da universidade. Virou uma obsessão: ele ficou diante da prisão de Scheveningen pelo menos cinco vezes, olhando para o infame portão com suas ameias medievais, e sentiu-se horrível, com um profundo desânimo — tão miserável e deprimido que um dia decidiu que isso não podia mais continuar. Pare de chafurdar nessa lama. Basta! As teses sobre questões penais, os artigos da *Nieuwe Revu*, os livros cheios de histórias de prisões, os documentários — enfiou toda a porcaria paranoica num saco de lixo e o levou para a calçada.

E puxa, como sua cabeça ficou leve, antes do que havia esperado. Ele percebeu que era verdade, a única coisa a temer é o próprio medo. Foi levado a rir de si mesmo pela prontidão com que aceitou as histórias exageradas de Koperslager, seu conservadorismo latente de *Telegraaf*, e sentiu voltar sua fé no poder corretivo da lei, sua confiança na própria humanidade.

Está quase lá. Logo vai escurecer, as lanternas nos jardins franceses do Okura já estão acesas. A cem metros de distância, o hotel assoma como um pavão de pedra e vidro diante de uma fonte inestancável. (Na lanchonete da Tubantia há um cozinheiro que pergunta, com a maior seriedade, a mesma coisa para todo aluno que o ajuda com a louça: “Me diz o seguinte, você que estuda, não tem medo que um dia acabe toda a água do mundo?”.) A grandiosidade art nouveau do edifício sempre o deixa impressionado, ainda que, num dos mil quartos do hotel, uma caixa-preta esteja à sua espera. A caminho do 14 andar, seu corpo é tomado pela febril esperança de que o CD-ROM não esteja em sua bolsa. Seu estômago continua a subir mesmo depois que o elevador parou.

O quarto cheira a toalhas recém-passadas no vapor. A cama, onde ficou se revirando em vão de um lado para o outro durante uma hora nessa manhã, foi arrumada, sua camisa e o terno que usava no avião estão pendurados no armário aberto. O laptop não está mais na cama, e sim na mesa oval, junto ao espaço com poltronas para sentar. Ele o conecta. Numa tentativa de aplacar o nervosismo, toma uma ducha. Lava-se com o gel de um pacote roxo que abriu com os dentes. Tudo é possível, está bem ciente disso. Você pode estar a caminho das Olimpíadas e acabar não indo, no fim das contas. Seca o corpo com a maior das três toalhas e veste um roupão. O sujeito pode ser pai de uma cascavel.

Ajusta o ar-condicionado para dezenove graus. Pega a pasta do laptop e senta na beirada da cama. Tateia os bolsos laterais e tira um envelope para CD-ROMS com apenas três discos. Dois ainda estão

virgens, no terceiro está escrito com caneta preta: ATAS CONSELHO DA U. Pronto. É esse. Respira fundo, torce as mãos. Levanta, vai até a janela, puxa as pesadas cortinas duplas, volta a sentar e insere o CD na bandeja. O Windows terminou de iniciar, ele digita sua senha, primeiro incorretamente, se atrapalha com as capitulares. O programa pergunta se quer um slideshow. Não, nada de slideshow, o Windows perfila os arquivos jpeg, ícones em que um barquinho preto veleja rumo ao pôr do sol alaranjado. Há um sem-número deles, talvez quatrocentos. Cerca de um quarto é o que ele copiou de vários sites gratuitos, o resto é de um site russo e de lindaloveslace.com — é nesse último que está interessado. Ele clica aleatoriamente num dos ícones e vê a garota russa sentada em um sofá com as pernas abertas. Sente uma vaga excitação dominá-lo, um reflexo do desejo familiar, o desejo de um velho macaco caquético.

Vamos lá, onde elas estão? Conclui que o slideshow pode ser mais útil, afinal, mas opta por clicar manualmente de foto em foto, é mais eficaz. Primeiro, passa correndo pela infinidade de imagens gratuitas, depois é a garota russa que passa acelerada diante de seus olhos, ajoelhada, arqueada, deitada, de quatro, se masturbando — isso, aí está ela, ele se encolhe com a primeira foto que vê. Ela está com um pé sobre uma cadeira de espaldar curvo, o cotovelo apoiado no joelho, os lábios franzidos, os seios em um macio sutiã cor-de-rosa. Ofegando com o choque, ele empurra o computador do colo. A semelhança é mais funesta do que pensou. Vai até o minibar e pega uma lata de Budweiser. Elas são parecidas, ele já sabia disso. Anda de um lado para outro no carpete macio. A cerveja está tão gelada que seus olhos ficam marejados. É preciso proceder analiticamente. Como um cientista. Como um detetive. Até que ponto conhece o corpo de Joni? Garotas esbeltas e bem constituídas com menos de vinte e cinco anos são difíceis de diferenciar. Mas o rosto...

Volta a sentar. Analisa. Felizmente, já está familiarizado com as fotos. Assim pode examiná-las com distanciamento. A primeira série foi feita num quarto de hotel. Deve procurar esse quarto que insiste

em voltar, tem a impressão de lembrar-se de um lugar que aparece em várias fotos. Um barco? Isso, uma cabine recorrente... Uma série de treze fotos tiradas no mesmo quarto, claramente não um quarto de hotel, no fundo há um computador, uma estante cheia de livros, vasos com plantas, um pôster de dois gatinhos numa cadeira de praia, Céline Dion, uma claraboia...

Seu nome é Linda. Linda, do Tennessee, ou Kentucky, ou Utah, ou sabe-se lá que estado obscuro. A sessão começa num traje dos anos 20, um vestido verde, curto e reto, de melindrosa, e um daqueles chapéus moles e redondos puxado sobre suas orelhas, luvas de cetim branco até os cotovelos, lábios muito vermelhos — meu Deus, parece mesmo Joni. Depois o vestido cai, ela está no meio do ambiente, usando sapatos de salto alto pretos, com um lacinho na ponta, espartilho branco, meia-calça caramelo. Na foto seguinte, sentada em uma cadeira, as mãos cobrindo os seios nus, sem o chapéu, o cabelo cor de azeviche solto, parece tingido, tão negro que é quase azul. Pode ser uma peruca. Sem dúvida. Na foto seguinte, não está mais de calcinha, fica na cadeira com as pernas abertas, ela...

Mais uma vez ele afasta o laptop e deita na cama, de costas. Por que cargas-d'água quer descobrir a verdade? Na segunda-feira, quando voltar a Enschede, vai se descadastrar do site e não pensar mais a respeito. Infelizmente, as coisas não são tão simples assim. Por um tempo fica olhando para as pás de madeira do ventilador no teto. Não estou no meu normal. Quem sabe Tineke tem razão. É esse negócio do Wilbert, é a paranoia. Seja realista. A chance de Joni se parecer com aquela garota é mil vezes maior do que a de ser ela de verdade. Todo mundo tem um duplo em algum lugar, deve haver uns cem iguais a mim andando por aí. Garotas de pele macia são comuns. Ele senta e põe o computador de volta no colo. A parte de baixo está quente. Mude essa história — você deve isso a ela, mude essa história. Procure evidência do contrário.

Ele amplia a foto, aproxima as laterais, se concentra na estante. É possível ler as lombadas. Livros em inglês, capas duras e brochuras: Mary Higgins Clark, Harold Robbins, Barbara Taylor

Bradford, Tom Clancy, Danielle Steel, John Grisham, Sue Grafton. Revistas *pulp*. Na prateleira seguinte, abaixo, há livros maiores, também em inglês, sobre jardinagem (*The Practical Rock & Water Garden*), livros de culinária (*Eating by the Book: What the Bible Says about Food, Fat, Fitness & Faith*), autoajuda (*Narcissism: Denial of the True Self*). Ora bolas! Mas isso é uma estante americana genuína. Essa porcaria de biblioteca maluca fica em algum lugar de Utah. Pertence a uma garota completamente diferente. Quem é essa Linda, afinal? Ainda mora com os pais, não, é criada pela tia-avó surda e ali é o sótão, onde ninguém mais sobe. Ele arrasta a foto um pouco para cima com o cursor, visualizando a prateleira inferior. Atrás do tornozelo esbelto e da perna de cadeira, no zoom, vê quatro livros familiares de capa amarela e preta. *Beekeeping for Dummies*, *BBQ Sauces, Rubs & Marinades for Dummies*, *Jazz for Dummies*...

Jazz for Dummies. Um novo pensamento abre caminho como uma escavadeira em sua cabeça: quem ajudou essa belezinha a preparar sua faceira apresentação? Ele afasta a imagem, examina toda a composição outra vez, clica em algumas fotos adiante: parecem profissionais, são quase... coisa de revista. Não é possível que tenha feito isso sozinha, claro que não está fazendo isso sozinha. Digamos simplesmente — digamos simplesmente que a garota seja de fato Joni, nesse caso... isso leva a crer... então o sujeito que rola várias vezes por semana com ele no tatame é o responsável por... Vamos parando por aí. Joni e Aaron?

Ele continua a clicar, detendo-se numa foto tirada no que parece ser um barco. Ela está nua, a não ser pela parte de cima de um biquíni verde (ele conhece os biquínis de Joni? — não, claro que não), deitada em uma cama redonda com colcha vermelha. No fundo, vê armários de madeira curva, uma porta transparente que provavelmente leva ao chuveiro e, mais acima, vigias em rosa pastel. O cabelo preto está preso num coque (é possível fazer penteado numa peruca?), ela toca o lábio superior com a ponta da língua e olha com indiferença para a lente. Na foto seguinte, está ajoelhada na frente da cama, a face esquerda sobre o tapete bege, as costas

arqueadas, os seios no chão. Com os joelhos separados, as solas rosadas próximas da câmera, projeta o bumbum para trás, ainda olhando para a lente, enquanto à esquerda, perto de seu rosto, há um par de sapatos prateados de salto alto. A nitidez de seu rosto: ele consegue divisar a granulação do rímel em seus cílios. A impudente flexibilidade com que oferece a bunda e olha para ele com expressão disponível, sedutora, impassível. Na foto seguinte, ela abre com os dedos indicador e médio os lábios da vagina depilada, e depois, há um pênis de borracha; em seguida a coisa preta enorme a penetra, bem fundo no começo, e como ela mantém as nádegas afastadas com as duas mãos, a cada foto sucessiva o objeto aparece um pouco menos fundo, até que é visto jogado sobre o tapete. A última foto é um close de seu rosto.

Aqueles olhos, ele só percebe agora, são azuis. Os olhos são *azuis metálicos*. Uma onda de euforia invade seu corpo. Os olhos de Joni são castanho-escuros. Ele empurra o laptop para o lado, levanta e sai andando de um lado para outro entre as cortinas e a cama. Entra no banheiro, joga água fria no rosto. *Não é ela. Claro que não é.* Volta para a cama, desliga o computador. Apaga a ideia de sua cabeça.

Pega a calça na cadeira, procura o celular nos bolsos. Quer ligar para Joni, dizer-lhe alguma coisa agradável. São onze e meia, o que corresponde a... quatro e meia na Holanda. Percorre a lista de contatos até encontrar o nome dela, liga. Uma voz em chinês diz alguma coisa e a linha fica silenciosa. Sem conexão? Ele encontra o número de sua república e liga. Um silêncio crepitante, cada vez mais profundo, depois o sinal de ocupado.

Ainda aliviado, tira o roupão e vai nu até o minibar. Pega uma segunda Budweiser, senta na cama alta, as costas apoiadas confortavelmente nos travesseiros. Liga a tevê e bebe longos goles de cerveja. Muda os canais: uma ópera chinesa, um filme com Kevin Costner e Whitney Houston, uma luta de kick boxing. Para em um noticiário, uma apresentadora chinesa está falando sobre o presidente Jiang Zemin, ele vê Madeleine Albright descendo de um avião em algum lugar. Segue-se a matéria sobre um acidente em

algun outro país. Ele vê uma área residencial de aspecto europeu, com fogos de artifício explodindo acima das casas em plena luz do dia. Deus do céu, que alívio. Os estalos e estouros na tevê ficam mais audíveis, a imagem fica borrada — seus olhos fecham. Só agora que a catástrofe foi evitada ele percebe como está exausto. O controle remoto escorrega de sua mão e ele deita de lado.

Até essa manhã, minha irmã era a única pessoa de Enschede de quem eu tivera alguma notícia, já fazia mais de cinco anos. Deve ter sido no fim do verão de 2003, pouco antes de me mudar para Los Angeles e sumir do radar. Eu continuava levando minha existência burguesa com Boudewijn e Mike em San Francisco. Janis estava viajando pela Costa Oeste durante um mês com um cara chamado Timo. Eles ficaram com a gente uma noite lá na colina. Era a primeira vez desde a morte de Siem que alguém da família entrava em contato comigo.

Janis já estava na Califórnia havia duas semanas quando me ligou. Talvez fosse minha enxaqueca, mas não reconheci sua voz na mesma hora. Estava ligando de um telefone público em Monterey, uma proximidade preocupante, a caminho de San Francisco — era onde eu morava, certo? Gastaram mais de trinta dólares para rastrear meu número, uma complicada maratona telefônica que começou com uma ligação para a McKinsey Amsterdam. Fiquei comovida por ter se dado a todo esse trabalho.

Na manhã seguinte, um Ford azul alugado chegou, esmagando o cascalho da entrada, e dele desceu Janis, muito queimada de sol, seguida de um jovem pálido que usava o cabelo preto e sem brilho numa trança longa. Apesar do calor, ele se vestia da cabeça aos pés com pesadas roupas pretas. Boudewijn foi até lá recebê-los, fazendo grande contraste em suas alpargatas, camisa polo rosa-shocking e tanga minúscula, e os conduziu, conversando animadamente, pela lateral da casa, uma residência típica de Russian Hill, até o jardim isolado, nos fundos. Eu estava ali, na beira da piscina em forma de rim, e fui dar um abraço constrangido em Janis. Ela havia

engordado, estava parecendo nossa mãe. “Então você é Joni”, murmurou Timo, sem tirar os óculos escuros.

Mostrei-lhes a sala decorada em estilo nova-iorquino e senti uma estranha apreensão quando se aproximaram da janela panorâmica, observando em silêncio a vista do distrito da Marina. Ninguém nunca fizera isso sem exclamações extasiadas. O vidro acompanhava a curva da parede, avançava pela cozinha, dava vontade de pular de asa-delta em direção ao oceano. “À esquerda, lá longe, dá pra ver a Golden Gate”, falei, “e do lado direito fica Alcatraz”, mas não disseram uma palavra.

Acompanhei os dois ao andar de baixo, onde pusera uma cama de casal no quarto com vista para o jardim. Timo passou o dedo na poeira da Seeburg V200 de Boudewijn e perguntou se tínhamos algum cômodo sem jukebox. Em seguida mostrei o banheiro, depois abri as portas dando para o terreno em rampa. Janis caminhou pela grama com passinhos curtos, inspecionou os canteiros floridos e as palmeiras podadas, depois espremeu suas costas amplas para sentar no balanço Toys “R” Us, comprado para quando Mike fosse um pouco maior. “Vocês têm jardineiro?”, perguntou.

Quando voltamos a subir, um pouco mais tarde, escutamos pequenos gemidos: era Mike, que acordara com o ruído pouco familiar das botas de Timo nos degraus. Uma breve mas intensa expressão de surpresa cruzou o rosto vermelho de Janis. Uma criança? Sem dizer uma palavra, ela se curvou sobre o berço de Mike, no quarto azul do bebê, e passou um dedo em sua barriga, com delicadeza.

“Eu não sabia que Janis era titia”, disse Timo, para quebrar o silêncio.

“Eu não sabia que Mike tinha um titio”, respondi.

Após um almoço taciturno na Japanese Tea House, que Timo pagou com um sorriso forçado, caminhamos aos pares pelo Golden Gate Park, eu ao lado de Janis, Boudewijn empurrando o carrinho e conversando com o “esquerdinha”, como chamara o namorado branquelo de Janis na maravilhosa privacidade de nosso carro. Dava para perceber que Boudewijn acelerava o passo para dar a mim e a

Janis um tempo a sós. Com os homens se transformando em pequenas marionetes, Timo, uma indiazinha em sua trança, minha irmã e eu passeamos entre o cenário de salgueiros floridos e antigos carvalhos. Estava quente e úmido, e gotas de suor se acumulavam sob o cabelo curto, tingido de hena, de Janis. Quando morávamos em Berkeley com nossos pais, vinte inacreditáveis anos antes, eles costumavam nos levar para passear nesse parque; saíamos cedo da Bonita Avenue e atravessávamos a Bay Bridge, Janis e eu grudando de suor no banco da picape, espremidas entre minha mãe e meu pai, ao volante. Perguntei se ela se lembrava disso.

“Não lembro quase nada da Califórnia.”

O caminho ficou ligeiramente mais íngreme. Nossos passos esmagavam o chão em perfeito uníssono. Quantos anos Janis tinha em 1982: cinco?

“Tineke costumava encher aquela cesta vermelha de vime com comida”, disse eu para refrescar sua memória, “sabe, aquela que ficou muitos anos na varanda da frente, em Enschede.”

“Por que está chamando a mamãe pelo nome? Que negócio é esse?”

Respirei fundo e disse: “Janis — por que você acha que Siem se matou?”.

Seu passo diminuiu por um momento. Ela tirou os óculos escuros do cabelo espetado e os ajustou sobre o nariz, que a essa altura estava da cor de uma linguça grelhada.

“Você e... a mamãe pensam que eu tive alguma coisa a ver com isso?”

Ela parou e pôs a mão suada em meu ombro. “Tem alguma coisa no meu sapato”, disse, cambaleando ao descalçar um pé inchado de seu All Star. Alguém desenhara um símbolo da paz na lona verde com uma caneta esferográfica azul, talvez a Pocahontas, ali ao longe. Ela tirou uma pedrinha do tênis e se abaixou sobre um joelho para voltar a calçá-lo. “Joni”, disse, falando com minha coxa, “a mamãe e eu não tivemos notícias suas durante três anos. Você não apareceu no enterro. A gente quase não pensa em você. E

quando pensa, acha que você não tem nada a ver com coisa nenhuma.”

Depois que puséramos Mike para dormir, com aqueles dois quase palpavelmente matando tempo na sala, Bo se instalou na cozinha como alguém determinado a impressionar os cunhados vinte anos mais novos e preparou uma massa com caranguejos frescos pescados na baía. Fiquei sentada no sofá, diante de Timo e Janis, escutando o relato irritado de seus passeios nos estúdios cinematográficos “ridiculamente comerciais” de Hollywood, além de me sujeitar a um relatório pormenorizado do financiamento da modesta casa geminada que haviam acabado de comprar em Deventer. Havia o problema da permissão para uma árvore no jardim do vizinho, ou talvez a árvore ficasse em seu próprio jardim, e a árvore precisava ser derrubada, ou não ser derrubada, e Timo estava tomando ou não estava tomando as providências legais. Era sem dúvida um parceiro à altura de minha irmã, no que se referia a me odiar em termos ideológicos. Eu era rica demais, bonita demais, tinha um namorado desprezível, a McKinsey era desprezível. O modo deliberado como ele balançava a cabeça quando eu dizia qualquer coisa, ou apenas ficava ali ajeitando os punhos da blusa preta, cutucando com indiferença uma cutícula solta — seu comportamento de modo geral anunciava como estava satisfeito com os nove mil quilômetros que separavam San Francisco de Deventer.

O sol do fim da tarde alongava nossas sombras nos ladrilhos, as casas iluminadas da Marina, abaixo de onde estávamos, cintilavam como milhares de velas. Continuamos a conversar pouco à vontade sobre coisa alguma. Eu já estava sonhando com a cama quando Janis começou de repente a descrever a terrível provação pela qual passara nossa mãe, a desoladora venda da casa de fazenda, seis meses após o falecimento de Siem, e como minha irmã telefonava todo dia para o seu apartamento alugado em Hengelo, para conversar, mas na verdade para ter certeza de que continuava viva.

“Ela me odeia porque abandonei minha mãe”, eu disse para Boudewijn, mais tarde na cama. “E porque não contei pra elas sobre Mike.” Agora que os dois estavam lá embaixo, sujando nossos lençóis, senti a raiva aflorar.

“Uma irmã não pensa esse tipo de coisa”, disse Boudewijn, de sua metade da cama. “Vocês precisam se acostumar uma com a outra, só isso. Ela não apareceu aqui à toa. Você está grilada. Não foi tão ruim assim, eu achei. Amanhã, depois do café, vamos dar uma caminhada por Chinatown, deixar que Timo se ambiente entre os camaradas. Os dois vão amolecer, você vai ver.”

Quando levantei às quatro da manhã, com Mike chorando, minha raiva cedera. Enquanto o acalmava, percebi que Bo tinha razão: fora Janis que dera o primeiro passo, não eu, ainda que esse passo não houvesse de fato resultado em grande coisa, por ora. No passado, quando estávamos apenas começando a pensar por nós mesmas, brigávamos pelas questões mais fundamentais, discussões ferozes sobre armas nucleares, dinheiro, música, capitalismo — qualquer coisa, contanto que envolvesse princípios e pudesse magoar, gritando na cara uma da outra, como uma dupla beligerante de vendedoras de peixe, após o quê, espontaneamente, e como que por mágica, mergulhávamos numa calma misturada a remorso cuja única explicação era que estávamos no mesmo barco genético.

De manhã, peguei Mike e o deixei na cama, ao lado de Boudewijn. Com um vestido de algodão, desci a escada na ponta dos pés e fui para a cozinha. Eu sentia uma estranha compulsão de empreender uma orgia consumista, de ostentar nosso burguês sonho americano. Assim, na sexta-feira, logo após o telefonema de Janis, ao sair do trabalho no Vale do Silício, com enxaqueca e tudo, encompridei o trajeto para casa, que já era longo, com uma passada na Safeway, e cheguei mesmo a ir até uma Holland Deli em Palo Alto, uma lojinha ridícula com um tamanco de madeira ridiculamente gigante, do tamanho de um carro, na entrada. Comprei queijo Gouda, bolo *ontbijtkoek*, pãezinhos recheados com uva-passa e biscoitos *speculaas*. Já no caixa me odiei pelo exagero, mas agora estava feliz por ter feito aquilo. Janis podia dizer de mim o que bem

entendesse quando voltasse à merdinha de nosso país, mas de minha parte eu fizera o melhor.

O sol matinal esquentava o verniz do assoalho e os armários verde-hortelã, brilhava na máquina de espresso e no escorredor de louça. Os vasos com manjeriço, manjerona e louro no peitoril da janela acima do balcão absorviam a luz. Pus minha toalha favorita na mesa de madeira, hesitei quanto aos pratos — um jogo moderno ou tradicional? — e optei pela porcelana alemã da mãe de Boudewijn. Eram quase nove horas. Preaqueci o forno para as *ciabattas* e os *bagels*, bati alguns ovos para a rabanada, distribuí muffins de mirtilo e de *pear-honey* numa bandeja oval. Frutas frescas, salame, três tipos de presunto embrulhados em celofane, pratinhos de marmelada, cereal e granola, leite, iogurte, mel. Numa mesinha lateral, construí uma pequena ilha holandesa com os pães, o queijo e pequenos pacotes de raspas de chocolate e chocolate granulado. Agachei ao lado do estêreo mas reconsiderarei: eu queria ser capaz de escutar quando o chuveiro fosse ligado, no andar de baixo. Preparei quatro ovos pochés e um espresso, não só porque eu queria tomar, mas também pelo aroma. Eles iam ter o serviço completo.

Boudewijn desceu com Mike pouco antes das nove e meia. Fiquei com vontade de morder os dois, de tão fofos e à vontade que estavam: Mike, já vestido, rindo e tagarelado em cima de seu tapete de atividades, Bo agachado a seu lado, o rosto corado de fazer a barba, o cabelo grisalho ondulado puxado para trás com gel. Estava usando os chinelos de feltro Church com o monograma "BS" na ponta, o que em geral me irritava. As coisas nem sempre estiveram muito bem entre nós, mas agora ele estava ganhando créditos comigo. "Nossos hóspedes ainda não acordaram?", perguntou com um sorriso.

Lembrei que Janis gostava de dormir até tarde, de modo que bebemos chá e folheamos o *San Francisco Chronicle*, só para matar o tempo. Pouco depois das dez, Boudewijn piscou para mim. "Por que não vai acordá-los?", disse. "Vão agradecer você por isso. Eu mesmo nunca gostei de dormir demais na casa dos outros."

Desci e bati suavemente na porta do quarto. Imaginei escutar um movimento, então esperei, depois bati outra vez.

“Dorminhocos.”

Como ninguém respondeu, abri um pouco a porta. Havia luz do dia e ar fresco no ambiente. Enfiei a cabeça no quarto fundo, de teto baixo. As camas estavam vazias, as cobertas amarrotadas numa pilha, uma das portas para o jardim escancarada. Entrei, peguei uma toalha molhada no chão de pinho. No banheiro também não havia ninguém, as lâmpadas dicróicas acima da pia continuavam acesas, e água morna pingava da ducha. Procurando Timo e minha irmã no piso úmido, como se tivessem encolhido ao tamanho de cotonetes, percebi que tinham ido embora minutos antes.

Ainda que o trânsito da Sunset Boulevard na hora do rush matinal estivesse mais leve do que de costume, mesmo assim quase consegui bater, duas vezes, na traseira do Chevrolet à minha frente. As lembranças de Janis me tiravam do sério — que dizer então das de *Aaron Bever*. Durante o café da manhã, aconteceu de checar um antigo endereço de Hotmail, uma conta que eu usava para comprar e vender sapatos e vestidos no eBay, e fiquei boquiaberta ao encontrar um e-mail enviado três semanas antes por Aaron. Levei um susto. Algumas pessoas saem de cena por tanto tempo que é como se não existissem mais. Aaron? Essa não. Minha primeira reação foi: jogue na lixeira, apague sem ler. Nunca fui do tipo que mantém contatos antigos, mas desde aquela visita idiota da minha irmã eu renegara Enschede e todos os seus fantasmas de uma vez por todas. Desde 2000 eu não morava mais na Holanda, não acompanhava as notícias, não tinha contato com ninguém de lá e, depois que larguei Boudewijn e Mike, nem falava mais a língua. Os laços com a pátria tinham sido cortados. E eu queria que continuasse assim.

Então, nesse sentido, foi muito bom ter uma ótima notícia à minha espera no trabalho, na Coldwater Canyon Avenue. Antes mesmo de fechar a porta da minha sala quando entrei, a recepção

transferiu uma ligação da assistente de Víctor Sotomayor. O que eu estava esperando, o que todos estivéramos esperando na semana anterior, aconteceu: a venda estava concretizada, o negócio foi fechado, por 16,3 milhões de dólares poderíamos nos considerar os donos do LA Barracks, o Quartel de Los Angeles. Então, hora de festejar.

Rusty entrou de repente e me deu beijinhos como se fosse noite de Ano-Novo, e cinco minutos depois estávamos todos ali no antigo saguão, cinquenta pessoas, erguendo um brinde em homenagem à nossa nova sede. Rusty, que me cutucara para subir alguns degraus da escada, esticou o braço para encher minha taça pelo menos três vezes, com uma das garrafas douradas de champanhe que deixáramos na geladeira a semana toda. “Saúde”, exclamou em seu irlandês nasalado da Costa Oeste, “a todas as noites sem dormir que você me fez passar.” Então dirigiu a atenção de todos para mim. “Queridos amigos”, disse, com nervosismo, “um brinde a nós. Um brinde ao sucesso do Quartel. Um brinde aos futuros colegas. Mas, antes de tudo, um brinde a Joy. Esta mulher incrível” — sacudiu meu quadril com a mão livre, de modo que tive de segurar o bamboleante corrimão de cerejeira para me equilibrar — “pôs a gente na vanguarda, por assim dizer.”

Em seguida, me puxou da escada e, com mais dois beijinhos, passou-me a palavra. Discursar era uma coisa que ainda o deixava em pânico, mesmo após todos aqueles anos como diretor da companhia. E, de fato, era algo que mexia com a gente, todos aqueles rostos olhando para você. Cameramen, diretores, maquiadores, o pessoal da informática, o bando de atores em roupão branco, o rosto parcialmente maquiado. Pessoas dedicadas, leais, ansiosas por agradar, a maioria com bom nível de instrução, amontoadas no saguão revestido com painéis de madeira de nossa rangente mansão vitoriana, no coração de Studio City (que Rusty, uma vez que eu queria sair dali, e ele não, insistia em chamar de “Hollywood”). Expliquei a eles uma última vez por que o Quartel ia fazer a diferença. Repeti minha promessa de que dali a um ano seríamos os protagonistas mundiais. E tenho de admitir: foi um

trunfo pessoal, eu conseguira aquilo sem nenhuma ajuda, e durante toda uma hora não parei para pensar sequer por um instante na bomba que Aaron despejara em minha caixa de correio eletrônico. Eu estava profundamente satisfeita de ter conseguido convencer não um, mas dois cabeças-duras — como o próprio Rusty e, depois, Sotomayor — a me dar ouvidos.

Claro que o negócio todo ainda deixava Rusty com um pé atrás; 16,3 milhões de dólares eram, mesmo para Rusty Wells, um bocado de dinheiro, dez vezes mais do que seu maior investimento. “Joy”, ele suspirava quando, no fim do dia, pela enésima vez, eu alugava sua orelha para lhe vender a ideia do Quartel, “você faz ideia de como eu adoro Hollywood? E faz alguma ideia do quanto significa para um menino de Belfast ganhar a vida a um pulo de distância dos estúdios MGM?” “Quer um lenço?”, eu respondia, sabendo perfeitamente bem que estávamos longe de passar aperto por ali. Aquele velho casarão, construído no fim do século XIX por imigrantes britânicos que durante décadas o administraram como um hotel familiar, tinha charme; seus vinte e quatro cômodos de formato irregular distribuía-se por três andares desnivelados, bambos, bolorentos. Luminárias verde-jade pendiam nos corredores como turbantes frouxos, o balcão da recepção reluzia como um Steinway, o saguão de entrada sugeria que Paul Newman e Robert Redford estavam em algum lugar do andar de cima, fumando charutos numa banheira com pés de garra dourados. Rusty desembolsara um milhão de dólares por ela em 2001 e trouxera para trabalhar uma equipe variada de nove homens que no geral conheciam as diversas etapas necessárias para fazer um filme. Mas isso era passado. Hoje, os telhados de ardósia cinza e as *bay windows* pintadas de azul quase desabavam quando todos os cinquenta ali dentro ligavam seus PCs ao mesmo tempo. Era hora de partir para outra e Rusty sabia disso.

“Mas por que uma *fecking* fortaleza de vinte mil metros quadrados?”, perguntou. “E por que duas vezes o nosso *fecking* lucro de 2007? No ano passado a gente tirou pouco menos de oito milhões — oito, Joy, não dezoito. E por que em *fecking* Compton,

logo onde? Você quer ver a caveira de todo mundo por aqui? Por que um *historical landmark*? Por que tinha que ser logo um prédio tombado? Quer passar o resto da vida brigando com uma dúzia de historiadores amadores? Discutindo com metade do *city council*?”

Quando decidimos nos tornar parceiros comerciais em 2003, fizemos um acordo: podemos brigar, devemos brigar, mas impondo um limite de vinte e quatro horas. Depois disso, é arregaçar as mangas e sair para faturar dinheiro outra vez. Três semanas antes alugáramos uma quadra de squash em Irving Drive para jogar de vez em quando, e o combinado foi que por quarenta e cinco minutos não falaríamos de negócios. Mas dessa vez pulamos no pescoço um do outro por causa do velho Quartel antes mesmo que a bola esquentasse. A mesma discussão de sempre. Nosso CEO e fundador estava ali em sua camiseta Guinness desbotada, as pernas cor de leite abertas, segurando a raquete como se fosse uma adaga no punho sardento, gritando: “Nem morto vou desembolsar vinte milhões por um prédio feioso e mal-assombrado, e não preciso da minha foto no *Los Angeles Times*, e não foi pra me levar à falência que vendi uma participação na empresa para você”. Era a primeira vez desde o começo de nossa sociedade que ficávamos em lados totalmente opostos.

Embora tivesse visto a explosão prestes a acontecer, ainda assim fiquei espantada. As mudanças, em geral caras, que eu tivera autorização para fazer ao longo dos últimos anos eram um testemunho da confiança que Rusty depositava em minhas capacidades gerenciais. Eu tomara a iniciativa de trocar um website muito grande por seis menores e mais especializados, devagar, é claro, mas com sucesso estrondoso. Fui eu que insisti em comprar câmeras melhores e investir em conexões mais rápidas, de modo que agora nossas instalações estavam tecnicamente no mesmo nível dos grandes estúdios de Hollywood e Burbank. Ele me dera carta branca no recrutamento de pessoal. E não apenas para os cargos criativos: quando sugeri a contratação de pessoal de marketing, um auditor de contabilidade e até um gerente de RH para elaborar os planos de aposentadoria e saúde, ele não pensou duas vezes. Desde

então nossos lucros saltaram de menos de três para oito milhões, no ano anterior.

Quadras de squash são armadilhas mortíferas engenhosamente projetadas: não há saída, ninguém escuta ninguém, a luz é cruel. Eu precisava encontrar seu ponto fraco e, no caso dele, era a Europa. “Wells”, falei, não mais contida como ao longo do mês anterior, em que precisava arrumar meus argumentos como se fossem um buquê de flores, “você é tão em cima do muro, tão devagar, um cagão — você parece europeu.” Ocasionalmente, Rusty adorava tirar quinze minutos para meter o pau no que chamava de “velha economia” das grandes multinacionais: Shell, Barclays, Renault, Total, a mesma lista de sempre dos seus tempos na Goldman Sachs, e a mesma explicação pseudointelectual que provavelmente se baseava em algum critério particular obscuro e que ele apresentava com tamanha autoconfiança que não dava para dizer se estava falando sério ou tirando uma com a sua cara. Rusty sentava na beirada de sua mesa como um guru, enquanto desancava o mundo empresarial europeu.

“O CEO clássico simplesmente não saca nada, Joy. Um veadinho desses pensa: preciso ser inovador, preciso ser sustentável, preciso ser verde, preciso fazer isso, aquilo e aquilo outro. Ele abre uma lata de gerentes e percebe um ano depois que os *fecking eejits* pensaram numa coisa completamente diferente do que ele quis dizer. Daí ele fala: opa, espera aí um pouquinho. É um retardado.”

“O que você prefere”, eu lhe perguntei esse dia na quadra de squash, “voltar para Belfast ou adicionar mais um zero aos seus lucros no final do ano? Daqui a dois anos vamos tirar cinquenta milhões ou sair do jogo, Wells. O que a gente está fazendo nesse momento, qualquer um pode fazer. Precisa melhorar. Precisa crescer. Ser diferente. Você sabe disso.”

“Sei nada”, ele respondeu. Nas raras ocasiões em que perdia sua aveludada paciência, o inglês dele enveredava para um irlandês rústico, provavelmente gaélico. Rusty Wells: se havia alguém que queria apagar o passado mas não conseguia era Rusty. Ele fora criado em Belfast, numa família católica moderada, que passou toda

a década de 80 morrendo de medo do IRA; não porque o terrorismo de algum modo atingisse a família, mas porque ele parecia ser perpetrado em seu nome. Certa vez, mencionou o ódio e a culpa injustificada que haviam marcado sua juventude. Dali em diante, acreditei identificar a fonte daquele seu sorriso permanente. Em repouso, seu rosto traía rugas sutis que circundavam sua boca sem lábios e se formavam nos cantos de seus olhos cinzentos de camundongo — rugas que, estranhamente, sumiam quando ria, coisa que lhe vinha fácil e aleatoriamente, com tanta frequência que o sorriso na verdade se tornara sua expressão em repouso.

“Não posso fazer isso”, disse ele, com a voz aflita de um ator de filme B tentando transmitir emoção. Recostou na parede e escorregou até seu pequeno traseiro irlandês encostar no chão, sua nuca na área branca sob a linha vermelha.

“Rusty, estou escutando direito?”

“Não. Posso. Fazer. Isso.”

“O que você não pode fazer?”

“Assumir um risco tão grande.”

Eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo. “E quanto a suas aventuras imobiliárias?” Por anos ele viera bancando o figurão com sua casa de gângster em Bel Air, junto com um punhado de outros imóveis que comprara para especular, todos eles em Beverly Hills ou na Sunset. Graças a um generoso bônus que recebi, pude comprar dele uma casa fabulosa no começo da Sunset Boulevard — uma imitação de Frank Lloyd Wright se projetando na metade do despenhadeiro, sustentada por elevados pilotis —, que Rusty queria “conservar na família”. “E o seu adorado Rembrandt?” Ele gostava de se meter em leilões de arte. Na seção de mestres holandeses do Getty havia uma pequena pintura, um azulejo de banheiro, nada mais que isso, mas um Rembrandt de verdade, um Rembrandt autêntico, e esse Rembrandt autêntico era propriedade de Rusty Wells. Assumir riscos? Rusty *queimava* dinheiro.

“Isso é diferente”, ele disse. “É particular.”

Por volta de 2000, ele ficara rico do dia para a noite ao vender um site de encontros um pouco antes da crise do ponto-com. Ele

adorava contar a história de como logo depois de assinar os documentos saiu de seu apartamento minúsculo de dois dormitórios em Redondo Beach, entrou em um táxi e disse ao motorista que o levasse à Mulholland Drive, “pisa fundo aí, cara, quero ver umas árvores, só diminui quando a gente passar pelas placas de VENDE-SE”. Ao ver uma mansão de seu agrado, desceu e ofereceu aos proprietários cinquenta por cento acima do valor que estavam pedindo — “o dinheiro entra na sua conta hoje à noite” —, sob a condição de que deixassem o imóvel imediatamente. Nunca mais voltara a pisar naquele muquifo de Redondo Beach, nem se dera ao trabalho de vender, a pia devia continuar cheia de louça suja. Provavelmente, não passava de conversa para boi dormir, como as coisas que estava me dizendo agora.

Agachei diante dele e olhei fundo em suas íris pálidas. “Onde está aquele homem com espírito de aventura que levou cinco minutos para me roubar da McKinsey?”, sussurrei num tom sedutor. “O que aconteceu com aquele Wells que não tinha medo de nada?”

Ele pestanejou nervosamente. Seus cílios loiros faziam as pálpebras parecerem curtas demais.

“Como acha que cresceram daquele tamanho no eBay? Na Amazon? Se cagando nas calças?”

Em vez de me passar uma descompostura, o que provavelmente eu merecia, me saiu com uma história sobre seu pai. “Já que você falou de Belfast”, começou, “meu velho...”

Me lembro de pensar: se tem uma coisa que não preciso escutar, Rusty Wells, é uma história lacrimosa sobre seu pai. Em San Fernando Valley as pessoas não têm pais. Esquece isso, fiquei com vontade de dizer — mas me segurei.

“Meu pai”, ele murmurou, e eu continuava achando que tudo não passava de encenação, “foi empregado por vinte anos, trabalhando como representante comercial de uma fábrica de linóleo. Islândia. Nova Zelândia. Indonésia. Linóleo para riques de patinação — pelo menos era o que contava. Quando voltava das viagens, claro.”

Devo admitir que não teria perdido essa história por nada deste mundo. Até aquele momento, Rusty parecia um egípcio num rolo de pergaminho: ele era foda, estava com tudo, mas carecia de relevo. Pôs um fim a isso ao me contar que seu pai tinha uma grande “paixão” e que essa paixão era a *mágica... Magic*, uma palavra que soa tão melhor em inglês do que em holandês, *goochelen*. Durante metade da juventude de Rusty, seu pai se enfurnava no sótão manuseando cartas marcadas e tirando coelhos de uma cartola, gastava as horas livres de suas viagens percorrendo lojinhas fuleiras na periferia das cidades por onde passava. Aos cinquenta e dois anos, com uma angioplastia mas bem, ele toma sua decisão. O homem que, segundo Rusty, passou a vida inteira incomodado, não, furioso por ter um chefe, manda o linóleo às favas. Pega quatrocentas mil libras emprestadas com o Banco da Irlanda e cobiça um pequeno teatro perto do centro de Belfast. Pequeno mas caro.

“Então você tem o showbiz nas veias”, eu disse. “Como se chamava?”

“Wellington’s Magic Venue.”

Tentei sorrir, bati minha raquete contra seu joelho pontudo, mas ele não reagiu.

“O lugar era um muquifo. E custava uma nota. Eu tinha acabado de começar a trabalhar na City, avaliando planos de investimento, então mandei ele entrar num avião para Londres e me trazer a papelada para examinar. Você acha que eu compro ou alugo, ele perguntou — compra, eu aconselhei. O que podia dar errado?”

“Nem me fale”, suspirei. O frio do chão começou a subir. Mas Rusty, que nunca ficava sem saber o que dizer (em particular durante as reuniões), prosseguiu. Ele me contou que seu pai passou dois meses inteiros aprimorando o número de prestidigitação, mandou imprimir folhetos coloridos, frente e verso, que ele e a esposa distribuíram por toda Belfast. O espetáculo estreou quatro meses após ele ter pedido as contas. Não tive coragem de perguntar como terminou. “Três anos depois, minha mãe sentava numa cadeira de plástico no meio do galpão esvaziado, ainda tremendo por causa

da venda pública. O banco leiloou até as poltronas de veludo. Meus pais tinham tentado de tudo, mas não conseguiram fazer o negócio ir pra frente. Não o suficiente, pelo menos. A mágica foi só uma ilusão. *Tricky business.*”

“Bom”, eu disse. “E seu pai?”

“Morreu. Infarto do miocárdio. O estresse da hipoteca. O coração pifou. Então. Entende meu raciocínio?”

Eu não entendia nem um pingo do seu raciocínio. Nunca tinha escutado tanta baboseira, o Quartel não tinha praticamente nada a ver com o teatro de mágica do falecido pai de Rusty, absolutamente *nada*, para ser mais precisa. Comecei a me dar conta de que meu sócio tinha um lado mais sensível do que eu suspeitava. Sob o exterior durão, jovial, rebelde, ele era pura carne branca, mole e irracional. O que Rusty não sabia, não em detalhes, pelo menos, era que já havia algumas semanas que eu vinha fazendo a cabeça de Sotomayor — segundo o *Los Angeles Business Journal*, o mais poderoso barão imobiliário do Sul americano. Ele era o dono do LA Barracks e estava louco para se livrar do imóvel, isso era de conhecimento geral. Todo mundo sabia que por quatro anos Sotomayor estivera tentando negociar o antigo quartel da Guarda Nacional para todo um batalhão de incorporadoras, incluindo até uma dupla de húngaros. Todo mundo também sabia que o lugar primeiro esteve destinado a virar apartamentos de luxo, depois um conjunto habitacional, depois uma clínica de reabilitação, depois um estacionamento — mas os comitês de bairro conseguiram derrubar um projeto após o outro. A maior oferta recebida fora de catorze milhões — todo mundo sabia disso também. A gente cobre, eu prometi, e discretamente combinei uma visita preliminar, sem compromisso, só eu e uma das assistentes de Víctor Sotomayor, naquele colosso de tijolos, foi demais.

“Entendo, Rusty”, eu disse. “Mas você podia pelo menos dar uma olhada.”

Finalmente, uma semana depois dessa partida de squash, eu o convenci a visitar o Quartel; até lá, tudo que ele vira tinham sido plantas e fotos do lugar. Acompanhados por outra assistente de

Sotomayor, rodamos durante quase uma hora através de Los Angeles para chegar não ao que parecia uma fortaleza medieval, simplesmente, mas era de fato uma fortaleza medieval. O Quartel, construído em 1916, imitava, de maneira sombria, ameaçadora, um forte mourisco. Durante cerca de sessenta anos, o emblema da Guarda Nacional tremulara acima de suas torres de trinta e quatro metros de altura, e a elas Sotomayor adicionara três bandeiras americanas e uma cubana solitária. Atrás das ameias, cadetes tinham recebido treinamento e, em seus porões reforçados com chumbo, munição e equipamento haviam sido estocados. A superfície dos muros era uma pele irregular de tijolos; para cada cinco assentados normalmente, havia um que se projetava da parede, às vezes em ângulo, às vezes meio quebrado. O pátio de treinamento, coberto por um grande telhado em arco, costumava ser o lugar, nas décadas de 30 e 40, onde boxeadores se enfrentavam: “Joe Louis e Max Schmeling”, contei para Rusty, que na mesma hora ensaiou um boxe com a sombra. O Exército saiu dali em 1978, deixando cerca de cento e sessenta cômodos vazios — dormitórios de pedra, salas de jantar revestidas em painéis de noqueira, salões de baile com madeira de carvalho, escadas enormes, uma cozinha industrial, piscina, estande de tiro coberto, banheiros, salas de máquinas, porões, calabouços. Tudo seu, Rusty.

Valeu a pena. Percebi sua transformação quando percorríamos o labirinto, uma caminhada de uma hora pelos corredores imundos do Quartel, pelas salas com prateleiras abauladas, cheias de documentos abandonados, se desintegrando, pelos alojamentos de oficiais, ainda com fardas do regimento penduradas em cadeiras empoeiradas, seus passos começaram a ecoar, seu olhar ficou ávido, começou a conversar cada vez mais com a vagabundinha de Sotomayor. Quando voltamos para o pátio de treinamento coberto, do tamanho de quatro riques de patinação, ela disse: “Foi aqui que George Lucas filmou as cenas no espaço de *Star Wars*” — e nesse momento, no teto da cabeça de Rusty, uma lâmpada fluorescente se acendeu.

Mas após aquela terça-feira em Compton, Sotomayor de repente começou a dificultar. As ligações telefônicas não eram atendidas, os e-mails ficavam sem resposta. Somente depois de mandar três fax para seu escritório central em Dallas recebi a resposta vaga de uma secretária qualquer, que em resumo dizia que o Quartel não estava mais à venda. *Fuck you, Víctor*. Presumo que ficou sabendo de nossos planos, previu os possíveis protestos na vizinhança, comentários negativos na imprensa, sabe-se lá o quê. Então no meu fax seguinte sugeri que a venda fosse concluída sem alarde. Depois disso, os lojistas e o proletariado de Compton não seriam mais problema dele, mas nosso. “Tudo está à venda”, dizia o fax, “acho que não preciso explicar isso para Víctor Sotomayor — e nem tudo precisa aparecer nos jornais.” E, mesmo que chegasse à mídia, havia vantagens nisso também. Eu o lembrei de que desde que Villaraigosa se tornara prefeito de Los Angeles, ninguém deixara de perceber que ele e Sotomayor eram muito íntimos. Alguns anos antes, o magnata dos imóveis admitira a contragosto para o *Los Angeles Times* que ele — um latino, assim como o prefeito — contribuiria generosamente para a campanha de Villaraigosa. A partir daí, as licitações para obras públicas penderam descaradamente em seu favor. “Caro Víctor”, escrevi, “quem sabe é sua chance de fazer algo que *não* seja de agrado do prefeito. Pense nisso. Estamos lhe oferecendo quinze. Posso estar em Dallas na próxima segunda, às quatro da tarde.”

Não tive resposta. Claro que não. Sotomayor não ficara impressionado com minha abordagem direta. Era um cubano saído do nada, com um nariz suado de boxeador, pouco acostumado a negociar com mulheres. Uma figura corpulenta, em forma de pera, que vestia ternos desalinhados em tons pastel, onde limpava os dedos cheios de anéis antes de oferecer a mão quente para apertar a minha sem firmeza.

“Então vou tomar isso como um sim”, falei para Rusty. Na segunda-feira da semana anterior eu pegara um avião para o Texas. Às cinco para as quatro, descia do elevador espelhado e sujo de dedos no décimo primeiro andar da Stone Tower, no centro de

Dallas, e batia, sem hora marcada, na porta de vidro fosco da sala de Sotomayor.

Desapareci no alto da escada antes de meus festivos colegas para voltar ao trabalho, supostamente dando o exemplo, mas na verdade com um inesperado nó no estômago. Aquele e-mail. A cada degrau que eu subia a comemoração ali embaixo ficava mais distante e o mistério ganhava corpo. Eu devia mesmo ter apagado sem ler? O que Aaron estava tramando? De volta à minha sala, uma antiga suíte nupcial, com a porta fechada, o único ruído que escutava era o zumbido suave do PC. O que Aaron queria? Informação nunca fez mal a ninguém, ponderei, a questão era se eu responderia ou não, e isso sim era importante. Recuperei a mensagem na lixeira. A adrenalina do triunfo e o efeito relaxante de três taças de Armand de Brignac Ace of Spades levaram a melhor sobre minha relutância. Sem pensar mais, abri o e-mail de Aaron.

(Sem assunto)

De Aaron Bever (a.bever@hetnet.be)
Enviado quinta-feira, 17 de abril de 2008, 04:49
Para Joni Sigerius (jonisigerius74@hotmail.com)

aposto que você ficou surpresa quando sua mãe contou que a gente conversou na estação central em bruxelas que coincidência incrível sem perceber a gente ficou sentado na frente um do outro o trajeto todo desde maastricht, a gente só se reconheceu no último minuto, além disso fazia muito tempo que eu não via ela. comigo tudo bem, espero que ela tenha contado isso pra você também, rapaz como ela estava bem, tão magra, alegre, muito feminina, eu fiquei supersurpreso de ver sua mãe em bruxelas, mas ela também ficou, porque não tinha como saber que eu estava morando em linkebeek agora, não vou dizer exatamente onde, porque dou valor à minha privacidade. na verdade é por isso que estou escrevendo, porque você sabe mais do que ninguém como aquela merda toda em 2000 mexeu comigo, você me ajudou pra burro naquela época, quem me contou isso foi a dra. haitink, eu fui pelo menos um pouco legal com você? quando vi sua mãe com o seu marido mal consegui acreditar que você foi morar em bruxelas também, puxa vida, olha só que coincidência, é gozado como essas coisas acontecem, eu vi você só uns dois dias depois no parquinho do klimOP, POR ACASO EU ESTAVA TENDO AULA DE

FOTOGRAFIA NESSE DIA, MAS O QUE É A COINCIDÊNCIA, O QUE É A COINCIDÊNCIA, JONI? E DAÍ EU VI VOCÊ ANDANDO PELO PARQUINHO E EMPURRANDO UM CARRINHO, VOCÊ ESTAVA COM SEU MARIDO, O MESMO CARA QUE APARECEU PRA PEGar sua mãe na estação com a bmw, foi meio cômico, a gente ficou ali olhando pra cara um do outro e na hora já sabia que era rival, desejo pra vocês dois toda a felicidade do mundo. foi fácil ver quem era sua filha nas fotos, eu percebi que era juliette na mesma hora, terceira série, senhorita jeanne, fileira da frente, a segunda contando da esquerda, você quando era criança, cuspida e escarrada, duas tranças loiras, e que sobrenome mais legal, jalabert, juliette jalabert, com certeza soa bem melhor do que bever, talvez melhor até do que sigerius, mas um nome é só um nome, certo? tenho certeza que aquele seu namorado rico é superlegal com a juliette, mas não é por isso que estou escrevendo, o motivo de eu escrever é que estou tendo uma recaída nos últimos dias, estou dormindo mal pra burro outra vez, meu amor. tineke me contou a notícia terrível sobre seu pai, siem morreu faz muitos anos, ela disse, eu quase nem consegui acreditar, eu acredito, eu tenho que acreditar. Eu não fazia ideia, eu não sabia, sério, não sabia mesmo, juro, fiquei supertriste, me deu vontade de chorar outra vez por causa de tudo. todo aquele lance voltou que nem uma avalanche em cima de mim, não consigo tirar isso da cabeça agora, nas últimas noites eu fico me remoendo direto sem dormir, a coisa volta o tempo todo, tudo que aconteceu, de quem foi a culpa, as brigas que a gente teve etc. etc., e é LÓGICO, VOCÊ TAMBÉM NÃO acha que o lance todo começou com o desastre dos fogos de artifício? aquilo ferrou com tudo. depois disso tudo foi RÁPIDO pra caralho, tudo virou uma merda, uma puta merda do caralho. o que eu quero saber de você é se você não quer me contar onde você mora e trabalha, daí eu sei que tem uma chance da gente se trombar, porque daquela vez no klimop eu quase pirei, eu segui você até o sint-jansmolenbeek, depois pelo scheutbosspark, continuei até anderlecht, mas daí eu te perdi, até que vi você num ônibus verde indo para o koekelberg. bom levei não sei quantas horas pra chegar em casa, eu estava de lama até a cintura, é isso aí. espero que esteja tudo bem com você, seu marido parece ser um cara legal e sua filha é linda, que pena que o avô maravilhoso dela

O avô maravilhoso dela? Uma neblina pairava acima do Valley, uma mistura de névoa e *smog*. Abaixo, na calçada ampla da Coldwater Canyon Avenue, um rapaz asiático com uma camisa dos Dodgers abriu o portão de ferro que separava nosso pátio da rua e subiu os degraus de arenito com o jornal que havia tirado de uma bolsa pendurada no ombro.

O avô maravilhoso dela. Fui para o corredor. Danny e Deke estavam na entrada da sala de Recrutamento, segurando suas taças. Acenei para eles, desci em silêncio dois lanços da escada acarpetada

e na quitinete encontrei uma bandeja com taças de champanhe usadas. Peguei a mais limpa das duas e enchi até a borda com uma das garrafas abertas que estavam em cima da geladeira. Dando um gole, subi outra vez e sentei em frente ao computador. Abri o Office e enviei uma resposta oficial para Sotomayor, deixando transparecer que não estava disposta a viajar para Dallas pela segunda vez. Ele que arranjasse um tabelião em Los Angeles.

Tirei o elástico do cabelo, balancei a cabeça e olhei para a Coldwater. O entregador de jornais abria um portão do outro lado da rua. As solas dos tênis dele pisavam na barra de seu jeans deformado.

Quer dizer então que Aaron continuava com o parafuso solto. Abri a mensagem outra vez e enquanto relia suas palavras confusas uma mistura desagradável de pena, alívio e desgosto tomou conta de mim. Mas, por ora, fiquei aliviada, aquilo me parecia um e-mail completamente inofensivo de alguém sem planos nem segundas intenções. O pobre coitado simplesmente sentara diante do computador e pelo jeito pusera tudo para fora, de uma vez, confusamente. Eu havia esquecido que ele tinha esse meu endereço de e-mail, a conta fora aberta na época do meu estágio na McKinsey. A última vez que eu vira Aaron foi no fim de dezembro de 2000, quando surtou. Isso parecia ter sido em outra vida, como um cinejornal antigo, era mesmo uma pena pensar que ele ainda...

Ou de novo, claro. Enquanto relia seu e-mail pela terceira vez, percebi que a linha entre realidade e loucura não era assim tão fácil de traçar, se é que havia um pingão de realidade naquilo tudo. O pouco que eu tinha mesmo como saber era de um absurdo preocupante: para começar, estava solteira, tinha um filho pequeno e fazia trinta anos que não punha o pé em Bruxelas. Levei um susto quando começou a falar da tal menina. Juliette — de onde tirou aquilo? O que o resto significava, diante disso? Será que falara de fato com minha mãe? Claro que não. Tineke, magra? Isso me parecia a confirmação de que estava imaginando coisas, por algum motivo confundindo uma perfeita estranha com minha mãe, assim

como pensou ter me visto num parquinho. Eu não entendia quase nada de psiquiatria, mas aquilo tudo me parecia pura alucinação.

Por outro lado, ele usara um provedor belga, mas o que isso provava, a não ser que talvez estivesse mesmo morando em Bruxelas, ele foi bem específico sobre isso, embora eu não imaginasse o que poderia estar fazendo por lá. Uma imagem maldosa me veio à mente, pensei num micro-ônibus carregado de doidos fazendo uma excursão de Enschede a Bruxelas, e Aaron vagando pelas ruas durante horas enquanto os enfermeiros o procuravam.

Levei a taça de champanhe vazia aos lábios e observei, pela borda da forma afilada, as manchas de umidade no teto. O que eu não entendia era por que quisera entrar em contato logo agora, depois de oito anos de silêncio. Devia haver um motivo. Será que realmente não ficara sabendo da morte de Siem? Isso era possível? Ele podia mesmo não ter ouvido falar? Talvez tivesse acabado de ler em algum lugar, ou visto na tevê, e a notícia o perturbara. Seria estranho, embora uma perfeita ironia. Logo quem, Aaron, ninguém menos que o secretário do fã-clube. Reli a parte em que mencionava meu pai. Refleti sobre a pergunta que fizera, se tudo começara com o desastre dos fogos de artifício. Não tão maluco assim, afinal de contas. Se a gente pensasse no que acontecera com os três depois de 13 de maio de 2000, a resposta podia muito bem ser sim.

Nós três estávamos fora de Enschede no dia em que a S. E. Fireworks explodiu. Siem, se não me falha a memória, em Shanghai, para um assunto da universidade; Aaron e eu em um casamento em Zaltbommel. Escapamos sãos e salvos. Ninguém perdeu a casa (embora, no caso de Aaron, tenha sido por pouco, questão de apenas quinze metros), ninguém ficou sem o braço nem a perna. Mesmo assim, eu também tendia a crer que a catástrofe teve um efeito perturbador em todos nós. Talvez seja a lei da natureza que uma explosão de tais proporções ponha mecanismos desconhecidos em ação, produza ondas de choque que, por sua vez, acarretam

acontecimentos bizarros, criam mal-entendidos, forçam decisões. Parece que desastres dessa escala atuam como um big bang em miniatura, que ao se dilatar cria espaços vibrantes de consequências, intrigas, possibilidades e impossibilidades. Um desastre físico como a explosão da Fireworks é uma incubadora onde novos desastres são engendrados.

Não que tivéssemos consciência disso na hora — pelo contrário. No dia, nem desconfiamos. Naquele sábado, 13 de maio de 2000, Aaron e eu estávamos longe do perigo, comendo uma fatia de bolo de marzipã no casamento de Etienne, o único colega de escola com quem Aaron ainda mantinha contato, e lá em Zaltbommel simplesmente não fazíamos a menor ideia do que acontecera em nossa cidade, a cento e cinquenta quilômetros de distância. Como estávamos entre os convidados que ficariam o dia todo, decidimos descansar por uma hora em nosso quarto de hotel, enquanto os noivos se preparavam para a sessão de fotos. Nos degraus da prefeitura, Aaron deu um pequeno aperto afetuoso na cintura de Etienne Vaessen e disse que íamos dar uma fugida.

Não muito antes que os bons modos nos obrigassem a ir para a mansão onde haveria o jantar, liguei a tevê. Era por volta das cinco, eu acabara de tomar banho e Aaron continuava no banheiro lutando com suas abotoaduras. Sentada na cama, zapeando com o controle remoto, vi que três canais transmitiam a mesma imagem, como se você estivesse chegando de avião, a vista aérea de uma cidade, de onde subia uma imensa coluna negra de fumaça, vi isso e vi também que o nome da cidade era Enschede. Quando Aaron veio sentar ao meu lado, assistimos a imagens feitas do solo, carros em chamas sob um céu negro como carvão, policiais conduzindo pessoas perplexas, de bermudas, para fora de uma rua coberta de entulho. Se tivesse prestado mais atenção, ele teria percebido que a rua era a Lasondersingel, a cento e cinquenta metros de sua casa. “A gente precisa voltar”, disse ele, “e saquear a cervejaria Grolsch”, uma piadinha que me obrigou a rir, simplesmente porque eu era incapaz de imaginar que as repisadas calçadas que levaram a essa piadinha, que as ruas de paralelepípedo ao longo das quais, em outros

sábados, caminhamos até o Roomweg para comprar *nasi rames* no minúsculo restaurante chinês, ou, um pouco mais adiante, na lanchonete De Roombeker, uma porção de batata frita com sal temperado, em suma, o roteiro da vida diária de Aaron — porque era absolutamente inconcebível para mim que essa realidade inerte, inviolável, imutável deixara de *existir*.

Meu celular estava sem bateria e, naquele tempo, Aaron não tinha um. Havia um telefone de baquelita pseudoclássico no quarto, uma carroça preta fosca, com disco de discagem e fio espiralado. Tentei falar com meus pais, mas logo cheguei à conclusão de que a rede em volta de Enschede estava sobrecarregada. Aaron não viu a menor necessidade de ligar para Venlo. Posteriormente, ficamos sabendo quantos amigos, familiares e conhecidos tiveram opinião bem diferente na questão. Os pais dele foram procurados por um tio, uma amiga da mãe dele, seu avô, seu irmão Sebastiaan, um colega de classe, seu antigo instrutor de judô, a mãe de uma ex-namorada, um editor do *Tubantia Weekly*: pessoas compreensíveis e genuinamente preocupadas que haviam perguntado, de maneiras variadas, a mesma coisa: o rapaz estava vivo? Sua mãe conseguiu falar conosco no dia seguinte, em minha república. Estava transtornada — havia passado a noite toda na sala, sem desgrudar os olhos da tevê, assistindo ao Teletekst, reprises da *Nova* e telejornais da NOS, esperando algum sinal de vida. Seu pai, Aaron me contara quase com desdém, mostrara menos paciência. “Eu vou lá”, afirmou às nove e meia — e eu podia imaginar perfeitamente o pai barbudo e pálido de Aaron passando a mão nas chaves do carro e num maço de cigarros na mesa da sala de jantar e, sem mais comentários, se mandando no Toyota Corolla verde-rã com que costumava ir buscar a gente quando íamos de trem para Venlo. Em vão, é claro. Seu pai, um padeiro cujos antebraços exibiam incontáveis cicatrizes de queimaduras sofridas com as fôrmas de pão recém-saídas do forno, passou pelo menos uma hora zanzando diante das fitas amarelas da polícia, importunando bombeiros e policiais, até finalmente ser enxotado.

“Seu pai está branco”, disse sua mãe.

“Quem sai para Enschede no meio da noite desse jeito, sem informação nenhuma?”

“Como você fala uma coisa dessas? Não ter ligado pra gente já não foi ruim o bastante? Você podia ter morrido.”

De tanta bebida, pelo menos. Enquanto seu pai percorria as ruas calcinadas de Enschede, o filho sumido caía na esbórnia em Zaltbommel, curtindo como se não houvesse amanhã, virando taças de champanhe rosé, algo que não faz você mijar, mas faz você dançar. Enquanto ambulâncias entravam e saíam do bairro onde ele morava, Aaron fazia piada para quem quisesse escutar que Roombeek estava como um filé frito em margarina Croma — bem passado. Quando deitou entre os balões e garrafas de cerveja de plástico para fazer uma imitação de fogos de artifício chineses, eu o puxei pelo colarinho para fora da pista de dança.

Na manhã seguinte, no carro, todas as rádios só falavam da zona de guerra para onde estávamos indo, e depois de chegar a Enschede nos aproximamos com um estranho nervosismo do bairro de Roombeek. Como fizera seu pai doze horas antes, estacionamos junto à barreira, no canteiro central da Lasondersingel — era impossível chegar mais perto. Sentimos o cheiro de pólvora no ar e ficamos boquiabertos com as casas destelhadas e chaminés em ruínas que haviam sobrevivido à onda de choque e bloqueavam nossa visão da cratera propriamente dita. Um contêiner de navio retorcido ficara encravado no canteiro, a única maneira de ter ido parar ali era descrevendo um arco por cima das casas. Diante do Rijksmuseum arruinado, um homem sentado num banquinho dobrável de pescador olhava pela barreira. Ele nos contou que o fogo poupou a Vluchtestraat. No chão, a seu lado, havia uma garrafa térmica de café, mas o sujeito não era um turista de desastres: sua casa, na H. B. Blijdensteinlaan, estava prestes a desabar, segundo os especialistas. Voltamos em silêncio para o centro. Chegando à De Heurne, escutamos os relatos das minhas colegas de república, uma delas estava dirigindo nossa minivan de uso comum pela Deurningerstraat na hora da explosão e viu um bloco de concreto atravessar o teto do carro na sua frente.

“Uma pena que a gente não estava em casa”, disse Aaron, com tristeza genuína na voz. “Uma coisa dessas não dava para perder.”

Haviam levado Ennio, com queimaduras e ferimentos graves, em um helicóptero de emergência médica para o Hospital Universitário de Groningen. Foi minha mãe quem mencionou isso, *en passant*, uma semana depois da catástrofe. Estávamos na área de serviço da casa de fazenda, Aaron e eu hospedados já havia alguns dias com meus pais. Enquanto enchia a máquina de lavar com roupa de cama, era minha cabeça que girava como uma centrífuga. Fiquei zozna e pálida.

Ennio Aaltink, um italiano da gema nascido na cidade de Forlì, era, curiosamente, dono de um armazém especializado em produtos ingleses na Havenstraatpassage, uma lojinha comprida e estreita onde eu cuidava da caixa registradora nas tardes de quarta-feira, quando estava no primeiro ano do colegial. Nós dois ajudávamos os eventuais alemães a passeio da fronteira próxima e algo como a nobreza rural da Twente a se orientar entre os potes de mostarda Colman's e pickles de cebola Haywards, caixas de Shredded Wheat e Honey Nut Cheerios, latas de feijões cozidos e linguiça, purê de ervilhas, feijão-de-corda, ervilhas secas e chutneys numa gama completa de cores de cocô de neném. Mas na maior parte do tempo meu chefe e eu ficávamos sozinhos.

Dos dezesseis aos trinta anos, Ennio navegara pelo mundo, mais recentemente como cozinheiro de navio, e colecionava histórias exóticas. Se intencionalmente ou não, eu não sei, mas as coisas que me contava sempre constituíam um dilema, tocavam em questões sobre como uma pessoa podia viver sua vida. Como é ficar preso num navio-tanque ao largo da costa de Sakhalin quando você está deprimido. Como é quase se casar com uma angolana. Ou se o seu capitão ordena que você contrabandeie trinta mulheres filipinas. “Diga-me, Joni, o que você teria feito?” Tinha quarenta e poucos, era trigueiro e bonito, com o nariz do tamanho de um dedo e olhos castanhos brilhantes que na verdade também eram como dedos,

com os quais passava as quartas-feiras cutucando minha pequena alma imaculada.

Numa charmosa mistura de italiano e holandês com sotaque da Twente, encavalando as palavras de maneira inesperada, ele me contou sobre sua infância, sobre seus pais amalucados que haviam procurado instilar em Ennio e seus irmãos admiração pela pompa magnificente de Benito Mussolini. Desde a morte do Duce, a Itália passara às mãos de democratas corruptos e incompetentes, no entender do pai de Ennio, um tagarela maçante e perturbado que confundia diferença de opinião com *vendetta* e vendia jornais na estação de Forlì em uma banca desbotada pelo sol que pouco a pouco foi sendo tomada por panfletos fascistas, hagiografias do Duce e santinhos retratando o intrépido líder montado a cavalo. Todo domingo a família se espremia em seu Fiat vermelho-tomate e, com a tampa atrás do banco traseiro coberta de rosas, ia visitar o local de nascimento de Mussolini, não por coincidência a pouquíssima distância de Forlì, o passeio culminando no túmulo familiar, onde o pai de Ennio, o queixo erguido, recitava algum discurso do Duce.

Cerca de dois anos após o início de sua *scuola media*, um professor de história revelou para Ennio a dura verdade sobre Mussolini. Levou algumas semanas, mas ele finalmente se deu conta, a partir daí, de que seus pais veneravam um bufão megalomaniaco, depravado e destrutivo, e que seu pai era não só estúpido como também, provavelmente, um homem cruel. De modo que foi embora. Certa noite, com o irmão mais novo dormindo atrás dele, escreveu um bilhete de despedida — eu podia ver perfeitamente o jovem Ennio de vinte e cinco anos antes escrevendo a carta, sua carta de despedida, à luz de uma vela. Na manhã seguinte, ele foi de carona até o porto em Ravenna e subiu a bordo de um navio cargueiro para a Índia.

Em retribuição pela franqueza, eu lhe contei, em meio a potes de marmelada e pilhas de cestas de piquenique forradas de feltro, sobre meu próprio passado, uma história que, comparada à sua, parecia não ter a menor importância — na época, pelo menos. Como

todo mundo fazia, ele me perguntou se eu ainda via meu verdadeiro pai, e quando lhe contei que não sentia a menor vontade, reagiu de forma diferente do que eu havia esperado. Chamou-me de estúpida, negligente e sem coração. Foi isso que disse. Fria. Logo quem vinha me dizer isso! O homem que por anos ficara a léguas da Itália, que tivera, com uma professora de ginástica de Boekelo, uma filhinha espigada que nem mesmo fazia ideia de seus avós italianos, um homem que chegara a ponto de adotar o sobrenome da esposa. “Meu pai defendeu os fascistas no Parlamento italiano”, disse. “Esse é o motivo, Joni. Se você não tem um bom motivo para abandonar a família, então não faça isso.”

Eu gostava dele. Por um ano, conversamos, passamos um pelo outro, até que uma tarde joguei meus braços em volta daquele seu torso magrelo. Pressionei os seios contra seu corpo, um corpo revestido numa armadura de autodeterminação, de obstinação, de espírito aventureiro, anseio por autenticidade e independência, ou assim pensei, em minha cabeça apaixonada e pueril de adolescente — e de desapego profundo, eu achava também, porque presumia que a inquietude e o nomadismo tornavam aquele exterior duro e nodoso, meloso no interior. Um homem sem raízes. Ele me ergueu e me beijou. Ele me quer, pensei, só o que preciso fazer é pedir e vai pôr sua lojinha fuleira à venda amanhã mesmo e se mandar comigo para Nova York ou Rio de Janeiro.

Ele simplesmente riu na minha cara. De jeito nenhum! Por acaso eu não via como ele gostava daquela sua professora de ginástica? E da sua filha? “Mas”, ele disse, “se prometer não se apaixonar, fechamos a loja nas quartas à tarde.” Já passava das seis, eu estava encerrando a caixa registradora. “Pense nisso.” Pensar que nada, na quarta-feira seguinte corri para o armazém como um rastilho de pólvora. Durante pelo menos dois anos passamos nosso recesso vespertino semanal em seu canapé Ikea de veludo preto que ficava no depósito, nos fundos, uma hora ardente bem no meio da semana que subia como uma gota de óleo num copo d’água, e mesmo depois que me envolvi com Aaron ficou ali flutuando como uma bolha na superfície de minha existência cotidiana. Eu ainda aparecia

por lá uma ou duas vezes por ano e, em todas as ocasiões, ele fechava a porta ao meio-dia em ponto.

Na área de serviço, encarando minha mãe, eu não fazia ideia da gravidade dos ferimentos de Ennio, mas o pensamento de que sua macia pele cor de caramelo, seu peito levemente afundado, suas belas pernas, até mesmo, Deus não o permita, seu rosto sério, pudessem ter ficado deformados pela força bruta, por fragmentos voando, pelo calor extremo, era insuportável. “Mas como?”, solucei para minha mãe. “Que diabos ele estava fazendo em Roombeek?”

“Sei muita coisa, querida”, disse ela, “mas não sei tudo.”

O resto do dia em Coldwater transcorreu numa bruma que ficava mais escura a cada hora que passava. Eu me perdi em lembranças de Enschede, de Aaron, Ennio, meu pai, todas aquelas pontes da Twente que eu queimara atrás de mim. E embora estivesse ocupadíssima organizando o fechamento do negócio — ligações para o tabelião, para o pessoal de Sotomayor, se as assinaturas seriam ou não feitas em Los Angeles (por um momento, chegou-se a cogitar Dallas outra vez), se com ou sem a presença de Sotomayor e, sobretudo, quando —, Enschede continuava erguendo sua odiosa cabecinha, infiltrando-se na conversa com os colegas na hora do almoço, no velho barracão decrepito onde fazíamos as refeições. Após o almoço empreendi duas tentativas de responder ao e-mail de Aaron, imediatamente jogando ambas na lixeira. De que adiantava? Talvez minha hesitação tenha sido sentida do outro lado do oceano Atlântico, porque às 15h11, recebi um segundo e-mail.

“Se quer mesmo saber”, disse Aaron, com rispidez, “meu pai faleceu. Ninguém esperava.”

A mulher, que se apresentara simplesmente como diretora da De Klimop e mais nada, de modo que ele passou a ligação inteira tentando lembrar seu nome, ficou perplexa com a mentira. Por um momento, tudo que ele escutou foi o zumbido de seus pensamentos sobre mortalidade. É, as pessoas tinham medo da morte. A mulher deixara três recados irritados em sua secretária eletrônica, cada um mais duro e frio do que o anterior, e embora admitisse que tinha todo o direito — claro que não cumprira sua parte no acordo, as fotos deveriam ter sido entregues há muito tempo —, o tom de reprimenda dela estava dando em seus nervos.

“Lamento muito por sua perda, senhor Bever”, disse, apaziguada de repente. “Minhas condolências.” Mais uma vez, ficou em silêncio, um respeito contrariado no qual ele se deleitou pelo maior tempo possível. Ela limpou a garganta. “Por que o senhor não informou a escola? Deveria ter me ligado.”

Parecia ter mais ou menos a sua idade, talvez fosse até um pouco mais nova. Era diretora de uma escola primária razoavelmente grande, composta na maior parte de minorias, a típica escola de imigrantes negros numa região depauperada de Sint-Jansmolenbeek. Desde a primeira reunião, no dia da foto, ele percebera de cara que devia ser um desses tipos muito sérios e idealistas, já vira muitas pessoas como ela. À medida que as turmas de alunos africanos melancólicos, barulhentos e indisciplinados passavam diante de sua câmera, sua admiração pela coragem e senso de responsabilidade dela aumentava.

Todo mundo com quem conversava nas escolas menores das cidadezinhas adjacentes tinha sua opinião sobre as escolas para imigrantes de Bruxelas, mas aquela mulher, nisso ele dava a mão à palmatória, não arredava pé um milímetro de suas convicções. Mesmo assim, ela o irritava além do suportável. O cabelo platinado com seu corte estilo pajem, o rosto grande e assexuado, calçados de velcro, tudo isso um sinal de que perdia o contato com o mundo adulto. Ela ar-ti-cu-la-va as palavras exageradamente, repetia pelo menos três vezes qualquer coisa que conhecesse um pouco mais a fundo, não só para ele como também, sem dúvida, diante dos pais, nas reuniões.

Ele disse: “As duas últimas semanas foram extremamente dolorosas e caóticas. Meu pai era meu sócio no negócio. Tive de fechar a loja por um tempo”.

Preferia não pensar a respeito da impressão que ele próprio deixara. Havia fotografado as crianças na manhã de seu encontro casual com Tineke e, mesmo naquele momento, sua cabeça já começara a sair dos eixos. Pelo menos foi o que inferiu de um perturbador e-mail encontrado em sua caixa de Itens Enviados, que aparentemente escrevera num estado de pânico para Joni Sigerius. Se compreendia direito sua própria mensagem, ao terminar a sessão de fotos na De Klimop, saíra numa busca infrutífera por Bruxelas, uma história fantasiosa que felizmente ficara sem resposta por parte de Joni — se é que ela recebera o e-mail. Só para ter certeza, no fim do dia anterior ele enviara um breve pedido de desculpas para o buraco negro e, conseqüentemente, ficara diante do computador a tarde toda, à espera de uma resposta que talvez nunca viesse.

“Mas é mesmo, tem razão. Eu devia ter ligado.”

Ela respirou audivelmente. Sua sala de diretora cheirava a giz de cera e era cheia de livros infantis. Ela lia livros infantis, apenas livros infantis, e era por isso que seu maxilar e seu crânio não paravam de crescer. Arruinara o próprio cérebro com livros de criança, assim como a pessoa podia arruinar a vista lendo com pouca luz, ou os ouvidos, com o volume baixo demais.

“Por que você ligou para os pais de Juliette Jalabert?”

“Como é?” Ele levou um choque com esse “você”, com o tom subitamente familiar. E com a pergunta em si. A menina, ele lembrou, havia sido mencionada em seu e-mail para Joni. Será que andara importunando estranhos? Do que ela estava falando?

“Você me ouviu. O pai de Juliette esteve aqui. Você andou incomodando essas pessoas com perguntas esquisitas, três vezes.”

Ele começou a sondar a memória, como um cão policial farejando à procura de um cadáver. O pai de Juliette Jalabert... Será que estava deixando alguma coisa escapar? Desconfiou que ficara fora do ar pelo menos alguns dias, como era normal depois de um surto. Desde que a BMW levava Tineke Sigerius de sua vida, seu cérebro parecia uma zona de guerra.

“Olha...”, disse. “Não faço a menor ideia do que a senhora está falando.”

“Bom, então pense a respeito”, ela disse. “E pode esquecer o serviço. Considere cancelado.”

“Mas...”

“E só vou dizer isso uma vez: nada de fotos de nossos alunos em seu site.”

Ele pôs o fone no gancho com um resmungo e se afastou de sua mesa. A cadeira rolou para trás na sala. Acendeu um cigarro. Na tela de seu iMac havia a foto de uma das classes da maldita Klimop, onde começara o trabalho nessa manhã. Na parte de baixo de cada foto coletiva ele anotara, em letras maiúsculas douradas, o nome da escola, o número da classe e o ano; nos retratos individuais, o nome da criança em um floreado tipo cursivo. Nenhum sinal ainda de uma Juliette Jalabert. Fechou o programa sem salvar alterações e mordeu o lábio inferior.

Após o espantoso encontro com a mãe de Joni, ele embarcara entorpecido em um trem local para Linkebeek, presa de uma mistura de luto e indignação. A notícia da morte de Sigerius, por mais defasada que fosse, atingira-o como um soco, por todo o trajeto

para casa ficou com a sensação de pernas pesadas e corpo estranhamente oco. O que acontecera? Por que diabos ninguém lhe contara?

Como levava uma vida em que raramente sentia raiva, não associou de imediato a irritação crescente com sua doença; em vez de subir correndo e pegar uma cartela de Seroquel no baú de remédios, foi para a cozinha e esquentou uma lata de sopa de tomate chinesa no cooktop de indução — um erro. Depois disso, subiu os dois lanços da escada de caracol, os dentes rangendo de exasperação, foi para o sótão e afundou na cama desarrumada. Como o homem podia estar morto por sete anos sem que ele soubesse? Ficou se revirando na cama a noite toda, olhando na alta madrugada para as vigas de madeira acima de sua cabeça superexcitada. O enterro de Sigerius fora no início de 2001, dissera Tineke. Ah, agora ele entendia: Sigerius devia ter morrido durante aquelas três semanas em que ele permanecera fora de órbita. Do fim de dezembro de 2000 até algum momento em junho de 2001, ele ficara internado na unidade de segurança do Twentse Tulp, um hospital psiquiátrico na periferia de Enschede; no total, mais de seis meses, as primeiras três semanas em confinamento solitário. Então fora exatamente nessa época, quando atingira o fundo do poço, que a notícia da morte de Sigerius devia ter se espalhado pela Holanda.

Assim que foi internado no Tulp, deixaram-no esfriando a cabeça em um “separado” de concreto, como tinham a desfaçatez de chamar aqueles estábulos sem feno. A mobília consistia de um colchonete de plástico cinza sem lençóis e uma privada de aço inoxidável. Numa das paredes frias, à prova de som, havia um quadro-negro com giz branco. Nada entrava e nada saía. Vestindo uma camisa de algodão cru e cueca de papel hospitalar, ele gritava a plenos pulmões — e nesse meio-tempo haviam enterrado Sigerius?

A ironia disso tudo foi que ali em sua cela, privado de notícias, de previsões do tempo, de sua individualidade, passou a ver a si mesmo como um clarividente. A miríade de bolhas de ar nos blocos de concreto da cela o envolvia como uma névoa cósmica. Quando deitava em sua fatia plástica de pão de fôrma e respirava fundo, o

espaço se contraía e as estrelas espicaçavam sua pele como se fossem agulhas. O universo era seu pulmão, era o senhor do espaço-tempo, perscrutava todas as coisas em todas as escalas. Ele sabia, com precisão de picossegundos, exatamente quando e em que latitude e longitude seus pais o haviam concebido, e também compreendia a precisa causalidade desse não ato, a cadeia de eventos de mais de um bilhão de anos que estava inextricavelmente ligada ao big bang. Ele sabia *tudo*.

E, no entanto, não sabia nada. Mesmo depois que foi solto de seu cubo de insanidade, deixaram-no no escuro. Por quê?

O sol de fim de tarde iluminou o assoalho de pinho americano que cobria seu escritório como um ringue de patinação sem varrer. A janela acima de sua mesa estava aberta, um sopro de brisa mexeu um envelope de cobrança de imposto. Fazia sol, mas estava fresco. Tentou ler um livro, deitou no chão escutando um disco de Monk, mas cochilou. Quando acordou, dolorido e entorpecido, foi até seu computador e verificou seus e-mails pela enésima vez. Um casal de pombinhos brancos bateu asas através da sala: *ela respondera*. Seu nome em letras negras no monitor, que sensação excitante. Com os dedos trêmulos, abriu a mensagem.

Sim, Aaron, com certeza faz um bom tempo. Espero que não se lembre de mim como uma pessoa que fica chocada com facilidade. Mas tenho de admitir que fiquei surpresa de receber seu primeiro e-mail. Como pode imaginar, de vez em quando eu ainda me preocupo com sua saúde. Mas, felizmente, foi só uma recaída passageira, não foi?

Você também deve entender que é um pouco complicado para mim concluir que você realmente encontrou minha mãe por acaso. Só o que posso dizer é que não tenho contato com ela há anos. E não, eu não moro em Bruxelas; já estou morando em Los Angeles faz cinco anos. Trabalho para uma empresa que fabrica frisbees e pranchas de surfe. E também não estou casada (embora tenha de fato morado com Boudewijn Stol em San Francisco por um tempo, talvez você ainda se lembre dele).

É verdade, se você olhar por esse ângulo, o desastre dos fogos de artifício pôs todo tipo de coisa em andamento. Para você, para mim e para meu pai. Mas, Aaron, como sei o quanto você é sensível, não esqueça que se matar — a expressão fala por si — é uma escolha consciente. Não me pergunte por quê, mas Siem queria que fosse dessa maneira.

Eu dificilmente penso sobre isso. De preferência, nunca.
Tudo de bom,
Joni

Ele fumou dois cigarros. Sentindo o corpo duro de tanto ficar sentado, andou até a sala e olhou para as rosetas e bordas ornamentadas no teto, mas nem sinal de pombas. *Um suicídio?* A felicidade esmagadora que sentira evaporou completamente. Puxou a gaveta superior da cômoda, pegou uma caixa de oxazepam e foi com ela para o banheiro. Enfiou três comprimidos na boca e os engoliu com meio copo da água leitosa. *E essa agora.*

A noite caía. Atrás das cortinas fechadas, trabalhou febrilmente em novas reconstruções, breves variações da ideia de que não perdera apenas a morte de Sigerius, mas também uma tragédia. Uma catástrofe. Uma conspiração de “eles” — indivíduos, organizações, partidos, sindicatos, serviços secretos? — o enganara, mentira para ele, o tapeara. Os filhos da puta haviam retido informação pertinente. Siem Sigerius, naquela época o recém-empossado ministro da Educação, a droga de seu ex-futuro sogro, comete suicídio e ninguém lhe conta? Ficou imaginando todo tipo de coisa, em profusão, rápido demais, profundamente demais. Qual era o papel do Twentse Tulp nisso? Quem amordaçara suas raras visitas? E tinham esse direito, do ponto de vista legal, ético? Reuniões secretas onde psiquiatras conspiravam para ocultar a verdade do paciente Bever? Mas não estavam sendo pagos para ajudá-lo a lidar com ela? Podia até ouvi-los, com seus jalecos brancos, sussurrando: nada de abrir o bico perto do maluco do Aaron, mantenham os jornais longe dele, sem tevê para o careca.

Por algumas horas ele permaneceu imóvel numa das poltronas de couro vermelho em sua sala e sucumbiu, de olhos fechados, à nova realidade em que o e-mail de Joni o lançara, tentando com todas as forças se resguardar contra raciocínios muito inflamados, lutando para não mergulhar uma vez mais no Mar da Psicose. Com o passar das horas, ele se acalmou um pouco, os delírios das relações se estabilizaram, o redemoinho de pensamentos foi ficando mais largo e mais lento. Seja realista, ao menos tente. Um hospício inteiro

elaborando uma farsa só para proteger Aaron Bever das más notícias? Devia haver cenários mais plausíveis.

O que pensar de Elisabeth Haitink. Sua confidente, a estrela-guia de sua recuperação, a terapeuta que o conduziu por sua insanidade. Desde a primeira sessão, ele a pusera num pedestal. Os lábios dela eram um túmulo. No Twentse Tulp, era a única pessoa em quem confiava plenamente, talvez porque o tratasse sempre como alguém perfeitamente normal, como o jovem inteligente que ele, contra todas as evidências em contrário, achava que era, diferentemente dos enfermeiros estúpidos que tiravam seu sangue ou traziam sua comida, e em cujos olhares via-se refletido como o idiota em seu banho, do poema de Vasalis.

Primavera de 2001 — Haitink devia estar perto dos sessenta, imaginava. Ela provavelmente já parara de trabalhar a essa altura; a imagem de uma Elisabeth Haitink aposentada, finalmente livre do Tulp e de seus malucos e inválidos, trouxe-lhe uma sensação de alívio por tabela. Magra, frágil, sua feminilidade acentuada pelos conjuntinhos de lã virgem e pelos respeitáveis vestidos de chiffon e cetim. Ela merecia coisa melhor do que ter de tratar tipos como ele — ser a chefe de redação de uma revista de moda numa daquelas belas casas junto ao canal de Amsterdam, por exemplo, mas ela não queria nem ouvir falar disso. Adorava seu trabalho e achava que era importante.

Às terças e quintas de manhã, ela vinha buscá-lo em seu quarto com vista para os impassíveis olmos e acácias no parque da instituição — uma natureza domesticada, fajuta, ilustrativa, cujo único propósito era salientar o caos em sua cabeça, esfregar na sua cara que ele devia ser como aquele jardim, embora soubesse muito bem que a natureza era, na verdade, um cupinzeiro enlouquecido, com o focinho de um tamanduá enfiado ali dentro — e ele a seguia como um poodle, andando pela galeria atrás de sua figura delicada, passando pela sala comunitária com enormes tulipas pintadas nas paredes, chegando à quitinete, onde ela servia para ambos uma

xícara de café descafeinado com leite em pó, e depois, mexendo a colherinha, o acompanhava pela escada para a área reservada à equipe psiquiátrica, chegando à asseada sala de tratamento, ao final de um corredor desguarnecido. Por cerca de cinquenta horas intensivas, ela o escutou sob o ventilador de cobre imóvel no teto, tinha a habilidade de fazer perguntas delicadas, como se o estivesse ajudando a atravessar gelo fino, e, em retrospecto, a maioria de suas conversas girava em torno de Sigerius. Com a única diferença, nada insignificante, de que ele falava sobre uma pessoa viva, ao passo que ela falava sobre uma pessoa morta.

Na época, ele não se dava conta disso, não pareciam empreender nada além do protocolar bate-papo terapêutico. Ela queria saber como ele via Sigerius, queria saber o que faziam juntos, queria saber precisamente com que frequência treinavam judô e o que acontecia durante os treinos, queria saber o que Joni achava da amizade deles, se ele e seu sogro discutiam o namoro dos dois, se ele costumava comparar Sigerius com seu próprio pai, não de forma consciente, mas inconscientemente, talvez? Se tinham discussões, se ele tinha amigos de sua idade, se considerava a amizade entre os dois equilibrada e assim por diante. Haitink nunca se cansava do fascínio dele pelo homem, nenhum detalhe a aborrecia, e ele por sua vez nunca se cansava de responder a suas perguntas. Só agora percebia com que perfeição ela mirava seu alvo. Desde o primeiro dia, Haitink suspeitara que sob o lustroso verniz da adoração que ele nutria por Sigerius residia um cerne macio de podridão. Alguma coisa não cheirava bem. Ele desviava a atenção de algum detalhe essencial assoberbando-a com a veneração heroica por um homem que aparentemente interessava a ambos.

“Diga-me, Aaron”, perguntou certa manhã, não muito antes do avanço decisivo na terapia, “de onde vem isso, sua capacidade ilimitada de reverenciar uma pessoa? Você fala de Sigerius como se ele fosse o dalai-lama. E eu, você me reverencia também?” Você, pensou ele, ofendido, você eu acho gostosa, mas na verdade não disse nada. “Por quem você estava realmente apaixonado?”, ela continuou, uma pergunta provocativa, que até o magoou um pouco,

e que no fim, após um silêncio constrangido, ele respondeu com outra pergunta: por que não vai comprar o *Kopstukken van het laagland* na livraria Broekhuis e se informar sobre o seu dalai-lama?

Esse “Grandes líderes das terras baixas” era um livrinho publicado pelo *De Volkskrant*, o “Jornal Popular”, à venda já fazia um ano. Haitink balançou a cabeça, ela já ouvira falar da publicação, era uma lista de realizações das cem personalidades mais influentes do século xx na Holanda. E desse modo, na semana seguinte, lá estava o livro em suas mãos, ainda com o papel de embrulho marrom da Broekhuis, e ele a observou virando as páginas que exaltavam Siem Sigerius e sua matemática, verbete encaixado entre os louvores a Ruud Lubbers, um pouco mais velho, e Freek de Jonge, um pouco mais novo. O artigo fora escrito em linguagem para leigos, o redator de ciências do livro retratava Sigerius como um pitoresco fenômeno tardio, com um curioso passado de judoca de alto nível, em seguida focando em sua brilhante carreira científica. Mencionava as demonstrações em geral espetaculares que o aluno maduro produzira para diversos teoremas propostos havia décadas, em todos os campos das matemáticas, e como ele conseguira transformar sua reputação inicial de um *problem solver* ao melhor estilo Houdini na de grande teórico da matemática. Claro que o artigo citava, ainda que superficialmente, o avanço na teoria dos nós que rendera a Sigerius a medalha Fields.

Enquanto Haitink ficava ali sentada em sua austera cadeira de aço inoxidável, Aaron observava atentamente os mínimos movimentos de sua boca, como se franzia e depois relaxava, os grânulos de batom colados nas rugas de seus lábios. Ela sentava ereta, girando o tornozelo e, junto, o pé calçado num elegante sapato parisiense. Que isso lhe sirva de lição, ele pensou. No silêncio atípico da sala de terapia, deixou que sua mente retrocedesse ao momento em que pedia a Sigerius para lhe explicar o negócio com aqueles nós. “O que você quer saber?”, seu sogro respondera. “Sei lá — tudo.” “Mas você não tem interesse no assunto.” “Claro que tenho”, ele insistira. “Pode ser incompreensível de tão complexo ou de uma simplicidade chocante.” “Me dá a versão simples.” “O.k. Eu

me fechei durante anos em círculos espalhados aleatoriamente no espaço tridimensional. Continua interessado?" "Agora mais do que nunca." "Tudo bem. Imagine que você está dando um nó numa fita e costurando as duas pontas, de modo que fica com um círculo fechado. Só aí você tem um nó matemático. Entendeu? Dois nós aparentemente diferentes são idênticos se você pode transformar um no outro sem precisar cortar o laço. A quantidade de nós únicos pode ser ilimitada, não sabemos. Por outro lado, na metade do tempo, nós aparentemente diferentes são idênticos sem que a gente saiba. Como você diferencia um do outro? Durante sessenta anos as pesquisas não avançaram nada. E então alguém bolou um polinômio, uma fórmula algébrica que você pode usar para dar a cada nó sua própria identidade. Esse alguém fui eu. Não consigo explicar de um jeito mais simples que esse." E em seguida, como se o conhecimento tivesse sido transferido com êxito, ele escreveu a fórmula na margem de um jornal, com a fluidez de um médium, uma enfiada de números, letras, colchetes e símbolos maçônicos.

Como é tantas vezes o caso com teorias matemáticas revolucionárias, o polinômio de Sigerius (como a expressão algébrica foi oficialmente chamada) revelou-se indispensável não apenas para os vasos capilares da matemática, como também para desvendar a estrutura de polímeros plásticos, para a pesquisa do DNA, para a teoria das cordas: em outras palavras, para a teoria de tudo. "Então você é uma espécie de Einstein", ele disse. "Isso, se Tonny Eyck é uma espécie de Beethoven."

Quando Haitink terminou de ler, fechou seu *Kopstukken van het laagland* e passou a mão pensativamente sobre a capa. "Odeio matemática", disse. Sigerius costumava estrilar quando uma pessoa inteligente enchia o peito para falar esse tipo de bobagem. "O que querem dizer é que têm sangue quente", grunhia ele, mexendo furiosamente nas orelhas, "que são pessoas artísticas, es-pi-ri-tu-ais, mais ligadas em 'gente' do que em 'tecnologia e números'. Ao mesmo tempo, Aaron, elas babam para todo tipo de bobagem pseudocientífica e semirreligiosa, porque não entendem patavina das relações numéricas mais simples. São obtusas, Aaron. Obtusas.

Querem ser obtusas. Odeiam matemática mas adoram Uri Geller. Eu mostro para você como desmascarar esse charlatão com um simples cálculo de probabilidade.”

Ele olhou para Haitink. “E Sigerius me odeia”, disse.

Ela franziu o rosto. “Sei que você acha isso. Mas por quê?”

Por que confiava nela? Seria porque falava a língua do mundo civilizado, a língua do campus que o enxotara? Porque não havia outra mulher normal à vista naquele maldito Tulp? (As mulheres em sua ala tinham o antebraço mais retalhado que a tábua de cortar carne onde seu avô costumava fatiar salame, diziam ser a amante de Saddam Hussein, mas a mando da CIA, claro, e com a missão de fugir com as armas a laser do regime iraquiano, então não se anime muito — mas mesmo assim.) Ou será que percebia que era simplesmente a confidencialidade profissional de Haitink, que na verdade ele ficava ali sentado conversando com ninguém, com uma pessoa atirando para todos os lados, uma mercenária que iria ignorá-lo totalmente se os dois se cruzassem mais tarde no supermercado Albert Heijn?

Não, sua confiança se devia ao fato de que ela ria quando ele dizia alguma coisa engraçada, um sorriso brincava em seu rosto ossudo, enrugado, não por indulgência, ou pior, por pena, mas porque sua seriedade clínica não era à prova de tiradas bem-humoradas. Se num dia bom ele redescobria parte de sua antiga frivolidade, podia fazê-la morrer de rir, parecendo ter dezesseis anos, não sessenta. E para ele, um sujeito destruído, cuja autoestima estava mais para uma bola de futebol murcha no gramado da clínica, o abandono com que ela se entregava à risada tinha um poder de cura maior do que todo seu arsenal de truques psicoterapêuticos. Embora apenas suas narinas tenham tremido quando ela lhe fez essa pergunta — por que você acha que Sigerius te odeia? —, por dentro ele deu um pique em direção à beirada de seu eterno segredo, tomou impulso na areia fofa e pulou, os membros

balançando, sobre o desfiladeiro do profundo silêncio que conseguira manter durante quatro longos anos.

“Porque eu sou o cafetão da filha dele”, disse. “É por isso.”

Haitink, como ele se lembrava, nem piscou. Ela nunca piscava, era treinada para não piscar. Com o polegar e o indicador, tirou um fiapo da meia-calça de lã. “Me conte sobre isso”, pediu.

E ele contou, de forma clara e resumida, como ele e Joni haviam mantido um site de sexo amador do fim de 1996 até serem descobertos, em 2000, um site pago no qual ele batia fotos semanalmente expondo cada centímetro do corpo de Joni, nas cenas mais provocantes possíveis, em uma palavra: pornô. E às vezes, um pouco dele, também. “Um pouco de você?”, perguntou Haitink, com uma expressão alarmada.

É, enfim. Sem entrar nos detalhes mais escabrosos, essa foi sua confissão, após um voto de silêncio de quatro anos, era só até aí que se atrevia a contar. Ela tinha perguntas a fazer e, como sempre, desempenhou seu papel de ponto de interrogação diplomado, queria saber exatamente do que estavam falando; ele percebeu que ela se esquecia de fazer anotações. “Foi ideia sua?”, perguntou. “Foi. Não, dos dois”, ele respondeu, sem nem se tocar de que fora ideia dela. “Por acaso, essa, ãhn...” “Joni.” “Joni usava o nome verdadeiro no site?” “Não, claro que não.” “Então como funcionava?” “Ela se passava por uma garota do Meio Oeste americano. O visual do site era esse.” “Só fotos?” “A internet é lenta demais pra vídeos.” “E essas fotos eram muito picantes?” “Sabe o que é pornô?” “Faço ideia.” “Bom, então. A gente chamava de fotos eróticas.” “E a pessoa tinha que pagar para ver essas... fotos eróticas?” “Para ver todas, é isso mesmo, claro.” “Certo. E como se chamava o site?” “Lindaloveslace.” “E Joni era essa Linda?” “Não, era eu.” “Só estou perguntando.” “Essa é a primeira vez que conto para alguém.” “É muito corajoso da sua parte, Aaron. Mas? Compensava?” “Está brincando? O negócio ficou gigante. Um sucesso inacreditável. A gente levou um susto.” “Então Joni é tão bonita assim?” “Mais ainda.” “Essa é sua opinião.” “Essa é a opinião de milhares de caras.”

Ele dissera a Haitink que um dia acordaram e se deram conta de que “isso” ficara maior do que a relação deles. “Quando a gente ia dormir, era um casal, quando levantava, sócios. A gente percebeu que tinha virado dois gerentes, gerentes com um segredo. Gerentes de um segredo.”

“E esse tempo todo você ficava morrendo de medo de que seu sogro importante descobrisse.”

“É por aí. Isso mesmo.” Ele tentou explicar como era incrivelmente complicado guardar esse segredo, criar um vácuo em torno de algo que os absorvia tanto e fora tão bem-sucedido, e que era ao mesmo tempo tão proibido, fazer isso não era apenas uma arte em si, exigia vigilância constante. “A gente levava vida dupla. E ao mesmo tempo fiquei cada vez mais próximo de Sigerius. Virei amigo do adorado pai zeloso dela, seu *pai*. Não dava. Sério, foi horrível.”

“Do que vocês tinham tanto medo?”

Ele foi incapaz de reprimir um gemido. Será que ela não estava entendendo? A pergunta o irritou tanto quanto a forma estúpida como ela ridicularizou sua admiração por Sigerius. Era isso que ensinavam na faculdade de psicologia um século atrás? Ocorreu-lhe que o melhor seria tê-la feito ler não o *Kopstukken van het laagland*, mas um livro completamente diferente, um manual para judocas iniciantes que Sigerius escrevera para os alunos de seu dojo e imprimira e encadernara na gráfica da Tubantia. Desde o fim da década de 80, Sigerius dava uma hora de aula de judô gratuita nas noites de quinta para crianças do Tweekelerveld, o bairro pobre que ficava perto do portão principal do campus, atravessando a Hengelsestraat. O manual explicava, com textos acessíveis acompanhados de ilustrações toscas feitas por ele mesmo, os fundamentos técnicos do judô e a filosofia por trás da arte marcial, mas o que Aaron tinha em mente era o código de conduta de três páginas para o “judoca esportivo”. Sigerius provavelmente esboçara sua lista edificante porque achava que era seu dever fornecer aos meninos, na maior parte imigrantes, que ele caracterizava corretamente como desfavorecidos, uma série de valores diferentes

dos que haviam aprendido nos conjuntos habitacionais empesteados de urina onde moravam. “Se imobilizei meu parceiro de judô, não vou lhe causar dor desnecessária.” “Juro respeitar o fair play.” “Se eu vencer uma luta, não vou me gabar a respeito.” “Não vou deitar no tatame, mas sentar direito e escutar as instruções do sensei.” “Vou escovar os dentes antes da aula de judô.”

Haitink continuava a encará-lo. Uma expressão desdenhosa brincava em seu rosto, o ar de alguém cuja juventude passada nos anos 60 autorizava a bancar a tia esclarecida. Como quisesse. Em vez de tentar fazê-la entender o grau de traição de que estavam falando ali, as medidas tortuosas que você tinha de tomar para montar um site de sexo sigiloso e bem-sucedido, perguntou se ela tinha filhos.

“Tenho um filho”, disse ela.

“Que pena”, disse ele. “Casado?”

“Ingmar tem um namorado.”

“Fantástico. Melhor ainda. Vou supor que Ingmar e o companheiro dele são uns caras legais, agradáveis, que se dão bem no trabalho e na vida social. E aposto que ele é bonito.”

Ela franziu as sobrancelhas. “Isso mesmo”, respondeu.

“O.k. Então um dia alguém te avisa. Dá uma olhada em tal página da internet, e você faz isso e descobre um site construído com o maior capricho, um site que seu filho atualiza toda semana com novas fotos dele mesmo. Fotos fresquinhas de Ingmar de pau duro. Só estou falando o holandês bem claro. E, pagando, a pessoa ganha acesso a milhares de fotos mostrando a enorme coleção de carne e de plástico que enfiam no ânus de Ingmar lubrificado com cuspe — o tempo necessário para aquele rostinho bonito se contorcer numa careta e o pau de saco depilado gozar. No domingo seguinte, você encontra os dois outra vez, seu filho e seu genro, mas agora em carne e osso. Eles vieram para jantar.”

Por uma fração de segundo, ela ficou paralisada, talvez devido às imagens, talvez devido ao linguajar grosseiro, e ele sentiu um grande prazer em ver sua boca de batom vermelho-tijolo aberta, um fio de saliva esticado entre os dentes miúdos de velha. Seus olhos

sábios, cor de pistache, fitaram o vazio, consternados — mas então ela recuperou a compostura. “Bom, eu não ia estourar uma champanhe”, disse. “Mas—”

“Sigerius teria ficado doente”, ele interrompeu, mais bruscamente do que pretendia. “Teria ficado puto. Siem Sigerius descobrindo que a filhinha predileta dele é uma vagabunda na internet?” Ele mordeu o lábio superior e se encolheu. “Primeiro seria eu”, disse. “Primeiro ele ia cortar minha garganta, depois a garganta dele mesmo. Sabe, se eu não estivesse preso aqui, a salvo, ia estar no fundo do lago Rutbeek nesse instante. E Siem do meu lado.”

Ela o encarou, pensativa. Estava refletindo. E agora, oito anos depois, ele compreendia por quê: devia estar pensando na morte de Sigerius. Mas em vez de informá-lo de que não havia mais ninguém vivo para cortar sua garganta, ela perguntou: “Então por que você não parou, simplesmente?”.

Começara a chover. Gotas geladas espirraram atrás de seu monitor e no papel fotográfico sobre a mesa. Arrepiando de frio, ele esticou o braço e bateu a janela.

A pergunta que não quer calar. Por que não parou? Ele mesmo não sabia a resposta, não exatamente, pelo menos; era um conjunto de motivos, alguns claros e outros menos claros, algo nebuloso que o impedira, a despeito dos intensos ataques de culpa e dúvida, de parar. Seguiram em frente, semana após semana. Poderia ter dado a Haitink *cinco* motivos diferentes, todos sinceros, que classificava de claros a obscuros, de lógicos a disparatados, de corajosos a covardes e vice-versa.

Só para encerrar o assunto, saiu-se com o mais superficial, um incentivo para todas as idades: grana. *Money*. Uma bolada. A improvável montanha de dólares que o negócio rendia. Desde o primeiro dia, homens dos cinco continentes pagaram pelo site — pelo menos, presumia que fossem homens — e o dinheiro começou a jorrar, no início milhares de dólares, e logo dezenas de milhares,

entra mês, sai mês, durante quatro anos — tanto dinheiro que não sabiam como gastar. Dinheiro que usaram para comprar um Alfa Romeo novíssimo, no qual pisaram fundo para ir a um banco em Luxemburgo, dinheiro com que compraram em segredo um iate de luxo que nunca deixou o Mediterrâneo, dinheiro que ninguém sabia que tinham, a não ser eles. Para Joni, era um sonho realizado, e bem antes do que imaginara. Ele não conhecia nenhuma outra pessoa com uma assinatura do *Financial Times*. Quando começaram, ela estava com vinte anos e já era dona de uma carteira de ações e *stock options*. Realizava seus investimentos no início de cada trimestre. “E aí, sujinha”, ele disse quando a surpreendeu pela primeira vez no sótão dela, na república, sentada de pernas cruzadas com o telefone em uma das mãos e as páginas sobre a bolsa de valores na outra, às quatro da manhã, de camisola, as persianas fechadas, os pratos com os restos ressecados do macarrão com espinafre do dia anterior no chão, “não está precisando tomar um banho?” À noite ela ainda cheirava deliciosamente. “Faturei seis mil florins hoje”, disse, sem erguer o rosto, “e você?” No primeiro encontro deles, quando perguntou por que estudava engenharia industrial, ela não deu a típica resposta de caloura, “para conhecer pessoas num ambiente de organização”, mas simplesmente “para ficar rica rápido”. Ele soltou uma gargalhada, ela não falava sério, mas era sério. “Nas aulas de economia doméstica, você aprende economia doméstica, na academia de dança, aprende a dançar, e em engenharia aprende a ficar-rica-rápido”, disse, sorrindo, “aprende a ficar rica rápido.” E isso era precisamente o que estava planejando fazer, Joni Sigerius via-se começando seu próprio negócio, levando-o para a bolsa e o vendendo antes de completar quarenta anos.

“Não sei quanto você ganhava com vinte e seis anos”, ele disse para Haitink, “mas eu com certeza não achava ruim ganhar tanto quanto o Dennis Bergkamp.”

“É um jogador de futebol, não é? Eu odeio futebol.”

“Com uma sessão de fotos por semana, que fazia numa noite, a gente tirava o salário de um jogador de futebol. No auge, em 1998, a gente tinha onze mil *subscribers*...”

“*Subscribers?*”

“Assinantes. Gente que pagava. Homens dispostos a desembolsar vinte dólares por mês. Onze mil. Faz as contas.”

Haitink cruzou as pernas magras e pestanejou para um ábaco imaginário na parede atrás dele. “É”, disse, após alguns segundos, rápido demais para ter calculado de verdade, “de fato é muita grana. Incrível. Então foi só pelo dinheiro?”

“É. Bom, isso também. Na maior parte, era—”

“Espera aí um segundo”, interrompeu ela. Curvou-se sobre sua mesa e pegou uma calculadora grande. Vários segundos depois ergueu o rosto com a empolgação de uma colegial. “Onze mil assinantes a vinte dólares por mês”, disse ela, “e isso por um ano, isso dá... dois milhões e seiscentos mil dólares, isso é quase, não, é mais de cinco milhões de florins... Aaron, você está me fazendo de boba?”

“Não. É sério. Sigerius — ele foi feito de bobo.”

“Mas isso... quer dizer...”

“O negócio era doido, incrível, demais, é isso que estou tentando dizer pra você. Até manter em segredo era fantástico... Viciante. Ninguém sabia, mas ao mesmo tempo onze mil caras sabiam, eles sabiam de tudo... Era sensacional, eletrizante. Pra nós dois, uma fonte permanente de... ãhn...”

Ela o fitou com ar pensativo. “Excitação?”

“Tesão, é. Era isso que eu queria dizer.”

Ele telefonou para um restaurante tailandês na periferia da cidade, pediu um curry verde com arroz e tomou uma ducha na meia hora que levou para a motoneta de entregas subir a ladeira até sua casa.

Um tesão que não era desse mundo. Não podia ser diferente. Toda semana, saíam quase flutuando de seu sótão, ou de onde quer que fizessem as fotos, em hotéis cinco estrelas, no *Barbara Ann*, em pousadas na Zeeland ou na parte leste da província de Groningen, com folders de museus da região ao lado da chaleira elétrica. Era

sempre bom. Por anos, a semana deles foi um ciclo de tesão que começava com preparativos febris, escolha de lugares, a compra de nova lingerie para Joni em lojas chiques ou populares e então, em geral na terça ou na quarta à noite, a sessão excitante de fotos. Gastavam horas para fazer as cem a cento e cinquenta fotos que atenderiam seus clientes e passavam os dias seguintes, cansados mas satisfeitos, olhando as imagens que estavam sendo simultaneamente visualizadas em onze mil outros computadores — algo difícil de imaginar em 1998 — e quando cansavam de si mesmos, olhavam o extrato bancário, sacavam mil florins e se mandavam de carro para Paris, ou Berlim, ou Ameland, para a sessão seguinte. A fonte da excitação deles parecia inexaurível. Às vezes era como viver em um sonho, ele se imaginava o reitor de sua própria universidade do lazer — até que o barato acabasse. Quando a euforia passou, a verdadeira universidade reapareceu, com a droga de seu campus verdejante e a casa de fazenda verdadeiros, e nessa casa morava um reitor de carne e osso, seu sogro, ao lado de quem tomava uma ducha no centro esportivo duas vezes por semana.

Ele fechou a água. Havia, considerou, um lado irracional também nisso, qualquer coisa de masoquista. Arriscar-se continuamente ao se aproximar cada vez mais de Sigerius. Como se estivesse tentando ser pego.

Pagou o entregador e foi comer em seu escritório. Quando terminou, voltou para o iMac e releu o e-mail de Joni. Notou que ficava voltando o tempo todo a um comentário que, é claro, o incomodara desde o início, mas que ainda não dera tempo de irritá-lo de verdade.

“Embora tenha de fato morado com Boudewijn Stol em San Francisco por um tempo”, escreveu ela, “talvez você ainda se lembre dele.”

Boudewijn Stol — quer dizer que ela ficara com aquele metido, afinal. Sob o choque pelo suicídio de Sigerius alguma outra coisa

começou a incomodar. Talvez fosse apenas um antigo reflexo, mas ele não conseguia descartar a ideia de que Joni o estava provocando com aquele “talvez você ainda se lembre dele”. Claro que se lembrava dele. Então aqueles dois tinham juntado os trapos. No momento em que tentou imaginar a cena, Joni sob o mesmo teto que aquele idiota arrogante, um vaso sanguíneo quase estourou. Quanto veneno estava ligado àquela época! Ficou surpreso com a facilidade com que recaía no velho espasmo amoroso, um eco, sem dúvida, mas mesmo assim: uma nevralgia que não sentira havia anos. A história dele e de Joni era também uma história de quatro anos de ciúme mórbido. Ciúme de sua parte. O medo constante de que ela o deixasse. O medo de levar um fora. De que outro tomasse seu lugar. Na casa dos pais dela. Atrás da câmera. (Ele: “Olha, eu também continuei porque sabia que não era insubstituível”. Haitink: “Você quer dizer que tinha medo que ela continuasse fazendo aquilo com algum outro, caso você se recusasse?”. Ele: “Isso mesmo”. Haitink: “Você acha que estava sendo realista?”. Ele: “Para mim, parecia inevitável”.)

As lembranças do casamento de Etienne Vaessen desabaram sobre ele, sentiu novamente um cansaço mortal nas pernas, sua audácia gritante, a humilhação — tudo voltou. O monstruoso ciúme que o corroía durante o jantar que os mantivera longe de Roombeek em 13 de maio de 2000.

Ficaram tempo demais diante da tevê no quarto de hotel e de repente tinham de correr. Assim, enquanto os quatro cavaleiros do apocalipse galopavam por seu bairro em Enschede, eles voavam a cento e quarenta quilômetros por hora em direção à propriedade de Groeneweide, atrasados para o jantar. Joni ajeitava sua gravata-borboleta torta, ele ruminava amargamente sobre a abundância ostensiva que os aguardava. Estacionaram o Alfa perto de um enorme lago com cisnes. “Nada de semear o pânico”, aconselhou ele ao trotarem pelos amplos degraus de mármore. Foram educadamente recebidos por jovens de libré, um dos quais os

conduziu pelo fresco foyer decorado com frisos dourados e óleos em tamanho natural nas paredes. Os salões laterais estavam sendo preparados para mais tarde, e em algum lugar da mansão podia-se escutar um grupo de música *klezmer* ensaiando. Pararam diante de uma porta dupla revestida de veludo, que o criado abriu cuidadosamente, revelando uma sala de jantar tão vasta que de longe o grupo de pessoas parecia uma classe de jardim de infância na hora do lanche. A decoração era ainda mais exagerada do que havia esperado. Ânforas com espigados girassóis, óleos nas paredes ali também, retratos e cenas de caça, o teto de reboco ornamentado, o papel de parede com listras regimentais em azul e ouro, o parquet compondo um mosaico com vários tipos de madeira, no qual os garçons iam e vinham como que deslizando.

As cadeiras Luís XVI deles deviam ter ficado desocupadas por uns bons vinte minutos, uma coisa preocupante, e, como que para compensar o tempo perdido, Joni marchou à frente, os saltos clicando sobre o assoalho lustroso, e sentou, sorrindo, num dos lugares vagos. Já ele fez o assoalho ranger, as solas dos sapatos escorregando sob os pés, ao contornar o arranjo de mesas suntuosamente decoradas, seu olhar focado acima das costas alternadamente pretas e nuas dos convidados, tendo como destino a orelha avermelhada do noivo, na qual sussurrou seu álibi, conciso, eufemístico: havia certa consternação em Enschede, pode continuar comendo, nada com que se preocupar. Quando foi para seu lugar, no outro lado do salão, viu, para sua satisfação, que a notícia do incêndio da fábrica não causara mais perturbação do que uma pedra atirada num lago. Vaessen já estava rindo outra vez.

Nesse meio-tempo, Joni começara a conversar com um homem mais velho vestindo um smoking branco. Algo que o sujeito estava dizendo a levou a rir, "... e quando cheguei em casa naquela noite", ainda escutou, "ela tinha comprado um troço elétrico". Ao lado do homem sentava uma mulher bem mais jovem, de cabelos castanhos presos, que retrucou algo que ele não escutou. "Resumindo, alguma coisa tinha que ser feita", disse o homem, exclusivamente para Joni. "No fim, ela estava lavando o anão de jardim duas vezes por dia."

Aaron pigarreou e puxou sua cadeira. Levou uma fração de segundo longa demais para que o homem o notasse; ele parou de falar como se Aaron estivesse se intrometendo.

“Boudewijn Stol”, disse, e uma mão bronzeada se esticou através da mesa. Aaron a apertou, um cumprimento vigoroso, seco. Ele notou os cachos incrivelmente alisados de Stol, que estavam penteados para trás com alguma coisa oleosa, brilhantina, talvez. Alguns centímetros a partir da testa alta os cabelos um pouco grisalhos ondulavam de um jeito distinto, clássico. O homem sentava muito ereto em seu traje branco, com o curto queixo cartaginês projetado adiante: de repente, todos os smokings pretos no banquete estavam fora de tom. Mesmo antes de Aaron se dar conta de quem era esse Boudewijn Stol, ele já o odiava.

“Sou colega de Etienne”, disse Stol para Joni, aparentemente em resposta a uma pergunta que ela acabara de fazer. “O chefe dele, na verdade. Na McKinsey Nederland.”

Aaron quase engasgou quando ouviu essas palavras, Joni se mexeu em sua cadeira, os saltos raspando no parquet. Ele relanceou em torno e notou que tudo naquele salão de conto de fadas adquirira um foco mais nítido: os cinquenta e tantos couverts, o tilintar de incontáveis facas e garfos, os pratos reluzentes, os vestidos cintilantes e as joias brilhantes, o burburinho emitido por dezenas de bocas, o turbilhão de sobrancelhas, rostos, corpetes em movimento — tudo ao mesmo tempo. “O *team leader*?”, escutou Joni perguntar. Pare de se exhibir, ele pensou, e olhou para seu prato. A seu lado estava sentado um homem de barba sem bigode, cujo odor corporal bafiento incomodou seu nariz e cuja barba raspava no colarinho de sua camisa como uma esponja de louça.

“Aha”, disse Stol, “então a jovem entende do assunto. Não, não sou o *team leader*. Sou o *managing partner* em Amsterdam. Ou gerente da filial, como preferir.”

“*Big chief*”, sugeriu Joni. “*Big chief* da McKinsey Nederland.”

“Não espalhe”, disse Stol.

Enquanto uma hora antes não sentira absolutamente nada observando Enschede pegar fogo, agora um monte de coisas se

passava com ele: coisas ruins. Litros de sangue foram bombeados com força elefantina em sua cabeça, suas costas, suas mãos, nádegas, rosto e pés pegaram fogo como um fósforo. O calor irradiava dele, até mesmo as caras empoadas, em colarinhos de renda, dos óleos em suas molduras douradas começaram a transpirar. *Big chief* McKinsey, pensou, santo Deus, e como se alguém agora estivesse tirando o foco das lentes, todo o maldito palacete à la Sissi desmanchou-se num borrão informe. Ele se concentrou no pescoço forte de Stol, onde um músculo estremeceu, o homem tinha um pescoço de carvalho, um tronco antigo cujas raízes se enterravam nos ombros viris, arredondados, sob o tecido branco de seu smoking. No subsolo da empresa havia sem dúvida uma academia de ginástica onde ele puxava seu ferro por meia hora todo dia, aquele era o tipo de cara que levantava sessenta quilos, mas deixava o supino com cento e vinte só para abalar o moral do trouxa seguinte. Aaron esfregou os olhos com as duas mãos. “Minhas lentes”, murmurou. Um pedaço fibroso de vitela que absorvera toda sua saliva se alojara sob a língua. Ele removeu uma lente de contato de seu olho e examinou o pedaço de plástico como se o visse pela primeira vez.

“Então, quantos consultores o senhor gerencia, senhor Stol?”, escutou Joni perguntar.

“O senhor Stol não gerencia nada”, disse ele. “Boudewijn gerencia um escritório de mais ou menos cento e cinquenta pessoas.”

Ela riu, uma risada que souu excitada de admiração.

“Mas”, continuou a voz presunçosa, “como você deve saber, consultores são pessoas independentes. Nosso pequeno Vaessen aqui pode brincar lá fora sozinho. Uma vez por semana eu lhe aplico uns cascudos e isso é mais do que suficiente.”

E mais uma vez aquela risada cristalina que Joni reservava às ocasiões especiais, uma risada que começava no fundo de seu peito e carecia de elegância, e na qual ele escutava a rendição incondicional. Não que o sujeito fosse algum tipo de gênio cômico, suas piadas eram preguiçosas, simplistas — o que mexia com o

humor de Joni, por um caminho tortuoso, era o *poder*. O smoking branco que Stol tirara de seu closet naquela manhã ficava estufado em volta da gravata de tanto poder gorduroso que comia. Ele vestira aquele paletó branco para não permitir nenhum mal-entendido, assim como um chimpanzé dominante não perde tempo em esfregar o traseiro na sua cara. Um comandante nato, como Aaron havia lido em folhetos sobre carreiras em que passara os olhos antes de enfiar no lixo, o tipo que faz os subordinados cheirar seus pés porque acha que eles têm cheiro de torta de framboesa. Voltou a pôr a lente no olho. Se Joni percebesse que ele já estava nas cordas, esse jantar seria seu Waterloo. Ela não podia descobrir que ele estava apavorado com o sujeito.

Ah, mas se não estava pagando a língua. Ele e sua conversa venenosa sobre esse tipo de homem. Consultores são charlatães, cabeças-ocas, aproveitadores, punha-se a discursar sempre que Joni mencionava a possibilidade de um futuro em consultoria — futuro para o qual, aliás, como estudante de engenharia industrial, vinha sendo treinada, futuro pelo qual na verdade já optara e que iria sem dúvida conquistar com brilho. Em vez de apoiá-la quando ela dizia algo positivo sobre uma empresa como a McKinsey, ele esfregava a testa até criar chifres e dizia todas as coisas aviltantes e maldosas que lhe vinham à mente. A “indústria da consultoria” era uma excrescência decadente, dizia, “podre”, falando holandês claro, um fenômeno de luxo que evaporaria no minuto em que os mercados de ações quebrassem, ou qualquer outra coisa tão gratuita quanto isso. E quando Joni caía na provocação e contradizia seus clichês, ele bufava de desprezo, falando qualquer coisa sobre os jovens sem talento que torciam o nariz para o treinamento profissional e parasitavam a universidade como uns pulgões. Sem nenhum tipo de ambição decente, empurravam com a barriga o curso de direito, economia, comunicação ou alguma outra disciplina meia-boca, e depois, lá pelos vinte e poucos anos, saíam por aí apregoando seus conselhos espúrios.

Ele também não hesitava em jogar lama nos próprios amigos para corroborar sua crítica construtiva. Etienne era um exemplo

excelente dessa laia: o ex-aluno de biologia que mandou às favas “tudo que cresce, floresce e não cessa de nos fascinar” assim que se deu conta de que sua nobre ambição não se adequava ao salário de biólogo. E agora? Agora Etienne redigia relatórios cheios de palavrório técnico admitindo a inevitabilidade do *downsizing*, das fusões, dessa e daquela outra variedade de crime do colarinho-branco, resumindo tudo numa única e corrupta página de PowerPoint que algum CEO presunçoso poderia balançar enquanto saracoteava pelo escritório, anunciando: lamento, caros funcionários, ter de mandá-los para o olho da rua, está tudo aqui, podem ler vocês mesmos. Ela queria desperdiçar seu talento nisso? Um mestrado em Desculpas Esfarrapadas? “Aaron”, suspirava ela, implicitamente perdoando-o, porque seu argumento nada mais era que uma lenga-lenga subversiva, e ambos sabiam disso, “eu vou ser engenheira.”

Ele virou sua taça de Corton-Pougets e olhou para as parreiras de reboco no teto. E agora? De todo modo, a conversa tinha de ser desviada da McKinsey. Em resposta a outra pergunta de Joni que ele não escutara, Stol respondeu que seus consultores eram os mineradores da atualidade: toda empresa tinha valor, se você cavasse fundo suficiente. A conversa passou à forma mais rápida e eficiente de escavar. Pela primeira vez, Aaron deu uma boa olhada na mulher ao lado de Stol. Era visivelmente bem mais nova que o marido, de uma palidez translúcida, ligeiramente musculosa e perfumada demais: percebeu que o aroma penetrante vindo do outro lado da mesa e permeando suas bochechas de vitela com escargots salteados em vinho devia ser dela.

“Então, o que sua filha faz?”, ele se ouviu perguntar com voz nasalada.

A mulher em quem todos os três fixaram o olhar era mantida na cadeira pelo peso de uma enorme quantidade de ouro: brincos retangulares, quatro anéis maciços, um pesado bracelete e um colar mantido na temperatura corporal por seu decote decididamente vulgar: a parte de cima de seu vestido azul-escuro consistia de uma faixa de veludo vestida frouxamente que cobria seu busto amplo

como uma tarja preta nos olhos de um criminoso. Seu rosto inteligente, pouco maquiado, criava uma aura conflitante ao se recusar a participar do verniz de erotismo. Suas mãos longas e pálidas eram cobertas de sardas.

“Brigitte é minha esposa”, disse Stol. “Eu estava contando agora mesmo para sua encantadora irmã aqui que há alguns anos comprei um haras para Brigitte. O lugar estava à beira da falência, e dilapidado, você mal o reconheceria agora, ela tem—”

“— boca para falar”, interrompeu Brigitte. Encarou Aaron com olhos afetuosos, castanho-escuros; ele não conseguia distinguir a íris da pupila. “Mas ele tem razão, foi um sonho que virou realidade. Os cavalos são minha praia, na verdade.” Tinha sotaque de Haia.

Stol disse: “Você quer dizer que os cavalos são sua paixão”.

“Quando compramos, o haras tinha só uma estrela, agora tem três. Como eu disse, é mesmo minha praia.” Ou seria sotaque de Leiden? Em todo caso, desagradável. Mas a questão era que ele fizera vibrar uma corda dentro dela, a corda equina, porque ela mudou a cadeira, como que se reposicionando para uma boa conversa. Estava esperando sua deixa para começar a trotar. “Quantos cavalos você tem?”, ele perguntou, interessado, “ou não, desculpe, o que eu queria perguntar era, onde fica o haras?” Joni lhe lançou um olhar surpreso, interrogativo.

“Entre Scheveningen e Wassenaar”, ela respondeu, “de frente para o mar. Não daria para pedir lugar melhor, bem no meio das dunas. Manège Black Beauty, lembra da série de tevê? Achamos que era um nome bonito. Foi ideia dele.” Fez um gesto para Stol, em seu dedo indicador havia um anel de ouro com um ridículo relógio incrustado.

“Eu sempre via *Black Beauty* quando era criança”, disse Joni. “Adoro cavalos.”

“O interessante também”, disse Brigitte, absorvida em sua própria história, “é que, quando Máxima e Alexander andam a cavalo na praia, eles sempre param para tomar um café, uma vez por semana pelo menos” — fez uma pausa para avaliar o efeito causado por essa informação, a intimidade com o casal real. “Então eu digo

pra mim mesma: a gente até que não se saiu tão mal assim. Né?” Aconchegou o ombro contra Stol.

“Nada mal, com certeza”, disse ele. “Mas Willem-Alexander precisa beber café em algum lugar, não é, docinho?” Ele olhava desatento e ausente para algum ponto além do ombro de Aaron. A bruma de tédio entre aqueles dois era espessa e úmida demais para se dissipar um dia, Joni também achou isso, ele percebeu pela cintilação atrevida com que ela captou o olhar de Stol. “Eu montei até os dezesseis anos”, ela disse. “Você monta também?” — olha só, pensou Aaron, como ela transfere a atenção para a pessoa em quem está realmente interessada. Na verdade, ele e docinho eram completamente irrelevantes, estavam ali apenas de enfeite. “Um pouco”, respondeu Stol, “mas aposto que você monta melhor. É bem fácil imaginar você num cavalo a galope.”

Aaron rangeu os dentes. “Nua e em pelo?”, perguntou. Era para ser uma piada, mas saiu como se estivesse com uma dor latejante em algum lugar. Stol e Brigitte se entreolharam. Joni baixou os talheres de prata, limpou a boca e olhou para ele com afeição fingida. “A gente está junto faz quatro anos”, ela disse, “mas Aaron continua a ter fantasias como no começo.”

Stol riu baixinho. “Diga-me”, perguntou ele, numa tentativa teatral de resgatar a conversa, “o que a jovem estuda de verdade, já que sabe tanto sobre a McKinsey?”

Aaron se intrometeu antes que Joni pudesse responder. “Ela tem um computador”, disse, novamente com aquela estranha voz nasalada, “e adivinha só, tem internet nele. E nessa internet ela pesquisou o site da McKinsey, sem ajuda nenhuma. Assim.”

Um novo silêncio, alguns tons mais profundo do que o anterior. Aaron se arrependeu na mesma hora de sua língua solta; o que acabara de fazer, o que fizera duas vezes, era a variante verbal de erguer o braço e esbofetear alguém, o que pessoas civilizadas chamariam de “perder as estribeiras”, de uma completa falta de autocontrole. Com a mínima provocação, ele partia para cima como um bruto. Stol o fitou com uma expressão astuciosa, levemente risonha. Olhos azuis metálicos que queimaram e descascaram seu

verniz interno. Aaron sabia exatamente o que Stol estava vendo, se alguém percebeu a dimensão do ciúme doentio que sentia, esse alguém foi ele. Ele era uma catástrofe. Como Stol reagiria se lhe contasse sobre a noite anterior a uma entrevista para estágio que Joni faria na Bain & Company, talvez um ano antes, que após algumas horas agitadas se jogando de um lado para o outro na cama, ele se levantou em silêncio, pegou as roupas que Joni deixara arrumadas no banheiro e com um suco de tangerina deixou manchas sutis em sua saia azul e sua blusa branca, que desfiou minúsculos furos em lugares estratégicos de suas meias-calças? Era mais forte do que ele. Estava convencido de que Joni iria chutar seu fotógrafo freelance no minuto em que pusesse o pé numa daquelas torres espelhadas. Em algum lugar no mundo havia um arranha-céu esperando para roubá-la dele. Londres, Nova York, Tóquio: ia perdê-la para a consultoria.

Claro que muitas vezes se perguntava de onde vinha esse medo. No começo, presumiu que fosse apenas uma versão mais violenta do ciúme comum, os primeiros meses eufóricos de seus relacionamentos eram sempre acompanhados pelo medo desproporcional de que um rival pusesse fim à sua felicidade. Mas com outras namoradas sua paranoia esmoreceu após alguns meses, junto com seu afeto. No caso de Joni, nada esmoreceu. Naturalmente, qualquer um que quisesse sair com Joni Sigerius tinha de lidar com isso, ela era excepcionalmente linda, *insuportavelmente* linda. De forma intencional ou não, bombardeava o núcleo do decoro masculino com partículas beta, os homens perdiam toda a compostura assim que Joni Sigerius chegava perto deles, e essa reação nuclear criava caçadores agressivos, quantas vezes ele não vira isso acontecer? Ela deixava, algumas vezes por ano, que um professor da escola de arte dele lhe aplicasse uma pintura corporal e venceu duas vezes o Miss Wet-T-Shirt, um concurso de camiseta molhada da universidade. Fotógrafos profissionais a paravam na rua para propor sessões de fotos supostamente artísticas. De quem eram as mensagens de texto que ele escutava chegar no meio da noite, quando ela estava dormindo? E os nomes e números de

telefone desconhecidos em sua agenda? Quando saíam para dançar, outros homens vinham grunhir com voz rouca em seu ouvido que a vez dele tinha terminado. Por anos alguém a acordou todas as manhãs gemendo obscenidades ao telefone e acontecia de ser o diretor pedagógico de seu curso. Que história era essa de que o massagista não quis cobrar? De tantos em tantos meses, quando Enschede começava a lhe dar nos nervos, ela ia com um amigo gay passar uma noite na boate iT, em Amsterdam, usando uma camiseta tão fina que até Ray Charles podia ver através do tecido. Ele ficava em casa, na frente da tevê, com uma fatia de *apfelstrudel*. Subindo pelas paredes. “Como foi?”, ele perguntaria quando ela chegasse às seis da manhã. “Nada de mais. Entrar foi meio complicado.” “É? Por quê?” “Tive que dar meu sutiã.” “Como é?” “Meu sutiã. Tive que dar.” “Que absurdo é esse?” “O porteiro mandou.” “Porteiro? Que raio de porteiro é esse? E aí?” “Aí eu dei meu sutiã.” Ele era uma catástrofe — mas ela também era.

A catástrofe sorriu para Stol. “Sempre que eu quero saber alguma coisa sobre a McKinsey”, disse, aparentemente sem se perturbar, “posso recorrer a Aaron. Ele sabe tudo sobre consultores.” Exatamente de que forma Joni ia executá-lo, ele não sabia, mas que isso iria acontecer era uma certeza. Seu ciúme desastroso teve um efeito desastroso sobre ela. *Se ao menos ele pudesse ir embora dali.* “Na opinião do nosso amigo aqui”, continuou Joni, “a McKinsey não é uma empresa independente. Vocês são corruptos. Segundo Aaron, a McKinsey desova relatórios sob encomenda.” Sentiu a mão dela em seu ombro, estava prestes a dizer mais alguma coisa, mas escutaram uma voz chamando seu sobrenome.

Todos os quatro olharam para a direita e viram o noivo alto como um poste se aproximar, passando às costas de seus convidados, que comiam e conversavam animadamente. Vaessen tinha um telefone pressionado contra a orelha, não um celular, mas um telefone sem fio, com antena emborrachada, e acenou para Aaron com o queixo satisfeito sob a cabeça loira. Seu babaca, pensou ele, convidar o chefe para seu casamento, puxa-saco escroto do caralho. “É, ele está aqui sim... só um segundo”, disse Vaessen.

“Bever, é pra você.” Passando o telefone sobre a mesa, ele se acocorou entre Stol e Brigitte para conversar.

“Alô?”

“Aaron, é impossível achar você, cara.”

Ele teve de pensar por um momento antes de perceber que era Thijmen Akkerman na linha. Thijmen, seu médico pessoal, estudara medicina em Utrecht, mas trabalhava como gerente de vendas para uma firma de próteses high-tech, membros movidos por computador, quadris de plástico Playmobil. Thijmen o viera suprindo durante anos com comprimidos para dormir graças a receitas furtadas de seu pai, que era médico de verdade. Parecia estar voando numa asa-delta.

“Thijmen”, disse ele, “fala mais alto, não dá pra escutar. Estou num casamento. Como você me encontrou?”

“Eu liguei pra sua casa, cara”, gritou Thijmen, “mas ninguém atendeu. Então vim procurar você. Estou perto da sua casa. Só agora eu lembrei que vocês dois estavam em Groeneweide.” Era isso mesmo, Aaron de fato lhe contara sobre o casamento; aparentemente, quando era estudante, Thijmen trabalhara por lá, lavando pratos. “Seu bairro todo está pegando fogo”, continuou Thijmen. “Não dá para acreditar no que está acontecendo aqui.”

“E a minha casa?” Vaessen, ele viu, já se mandara. Stol e Brigitte olhavam atentamente para ele; Joni, inabalável, continuava comendo. Só pelo modo irritante como ficou ali dando garfadas o fez saber exatamente como ele tinha de lidar com a situação. Ele sabia o que fazer.

“Está tudo pegando fogo”, berrou Thijmen. “Do outro lado da rua. Um inferno, sem brincadeira. Mas disseram que não ia chegar na sua casa. O corpo de bombeiros falou que o vento está soprando na outra direção. Só estou ligando pra você ficar tranquilo. Aposto que vocês dois estão morrendo de medo.”

“Um inferno, você disse?”, falou. “Meu Deus. E a minha casa?” Ele escutou sirenes ao fundo, e um tumulto. “Thijmen, você continua aí?”

“Continuo, continuo. Desculpa, acabaram de passar uns caminhões de bombeiros. Espera aí. Sua casa continua inteira, mas a parede de vidro estourou, saca, aquela...”

“As portas de correr?”

“É, isso mesmo. Já era. Espera. Estão me mandando sair daqui. Todos os vidros estouraram. Pra todo lado. Cara, que loucura.”

Ele se virou para Joni e apontou o polegar para baixo. Cobriu o bocal com a mão e disse: “Acho que a gente precisa voltar”, em seguida enfiou um dedo no ouvido e tranquilizou seu amigo na outra ponta. “Thijmen, fica frio. Calma aí. Joni e eu estamos aqui em Zaltbommel. A gente tá bem. Comendo uma vitela. Mas obrigado por ter ligado. Sei, é horrível. É. Sei — não é longe. A gente chega em uma hora, de carro.”

Thijmen escutara tudo isso em silêncio. “Aaron?” Havia perplexidade em sua voz. “Não tem nada que você possa fazer, cara. Fica onde está. Agradeça por estar aí. Aproveita sua festa. Preciso desligar agora, bróder, vou cair fora.”

“Beleza, Thijmen, entendi. Você tem toda a razão. A gente vai fazer isso. Sai logo daí. A gente se vê, bróder.”

Com um pequeno estalo, Thijmen desligou.

“O que você disse?”, perguntou Aaron para o tom de disfarçar. Por um breve momento, fitou os olhos de Boudewijn Stol. “Certo, Thijmen, aguenta aí. Valeu, cara. A gente está indo. Falou.”

Ele pressionou o botão de desligar e pôs o telefone ao lado do prato.

“O que foi?”, perguntou Brigitte. “Não parecia coisa boa.”

“Não”, ele disse. “Aconteceu uma tragédia em Enschede. Uma fábrica de fogos de artifício explodiu. A gente viu agora há pouco na tevê, lá no nosso hotel. A gente é de lá, de Enschede. Eu moro perto da fábrica. Está muito pior do que pensaram. Os três canais estão transmitindo.”

“Puxa”, disse Stol.

Grande análise, ele pensou — puxa. “As portas de vidro da minha casa estouraram”, ele continuou, “e...”

“Se é só isso”, interrompeu Joni. Não olhou para ele, mas cortou um pedaço da bochecha de vitela e passou a carne tenra no molho. Espetou uma vagem junto com a garfada e enfiou tudo na boca.

“Por enquanto, sim, é só isso”, ele disse. “Mas a rua está pegando fogo. Se o vento mudar, minha casa já era. A gente precisa ir pra lá. Agora mesmo.” Limpou a boca com o guardanapo e empurrou a cadeira para trás, num gesto ostensivo. Joni continuou olhando para o prato e não parou de mastigar. Ele a observou comer, ansioso. Era da droga da casa dele que estavam falando, ninguém mais ali podia dizer que a própria casa estava quase pegando fogo. Ela engoliu. Uma mecha dourada deslizou sobre seu rosto, com um gesto suave ela a puxou para trás da orelha. Então, como que decidindo que já fora observada por tempo suficiente, baixou os talheres e o encarou. “Aaron”, disse, “não seja tão criança. Estamos no casamento de um dos seus melhores amigos. A gente não pode sair correndo desse jeito. Calma, amor.” Deu uma piscadela para Stol. “Ainda bem que ele não tem um haras.”

Ele respirou fundo e soltou o ar devagar. “Não, Joni”, disse, tremendo com a raiva cada vez maior, “não tenho cavalos, mas tenho dois bichos de estimação, lembra?”

“Porquinhos-da-índia”, disse Joni.

Brigitte escondeu um sorriso com a mão.

“E quarenta LPS de jazz originais do seu pai do lado do meu toca-discos”, acrescentou rapidamente. “E um laptop. E uma fortuna em equipamento fotográfico. E dois mil livros. Talvez dê para salvar alguma coisa. Só estou sugerindo.”

“Vai buscar o carro”, disse Joni, “enquanto eu encho um balde com água do lago.”

Stol interveio. “Entendo seu amigo”, disse num tom afável. Durante o breve bate-boca, ele se ocupara de seu lenço, recostando-se casualmente na cadeira, levando a mão ao bolso do peito e tirando, como um mágico profissional, seu lenço de seda vermelha, abrindo-o sobre a mão esquerda e erguendo-o pelo meio, como se estivesse sujo. Com uma sacudidela, havia segurado o lado de baixo com a mão livre, dobrado o lenço cuidadosamente ao meio e

segurado como se fosse um roedor. Abrindo o bolso do peito com o polegar e o indicador, liberara o pequeno animal de seda ali dentro, avaliando Aaron durante todo esse tempo. “Seu instinto lhe diz que precisa correr para o local do incêndio. Está acontecendo lá, e ele está preso aqui. Suas principais posses, uma casa com tudo que o define está em perigo — isso não é pouca coisa, sem dúvida.”

Aaron pestanejou. Por que o oráculo não se dirigia a ele diretamente? Além disso, quem pedira a opinião do sujeito?

“Se quer saber minha opinião”, disse Stol, como se pudesse ler sua mente, “devia deixar suas emoções de lado por um momento e considerar a natureza da situação em Enschede. O que Arend pode fazer para ajudar.”

“Meu nome é Aaron.”

“Isso é o que você deve considerar. Quanto antes, melhor. Melhor perceber aqui do que lá que sua contribuição vai ser nenhuma, se não for atrapalhar.”

“Quem falou alguma coisa de atrapalhar?”

“Eu falei”, continuou Stol. “Há um incêndio, o perigo de edifícios desabando. Vapores venenosos. Todo esse cenário. Só o que os profissionais pedem é que os cidadãos fiquem fora do caminho.”

“E o que o torna tão entendido no assunto?”

Stol o mediu, sorrindo.

“Qual é a graça?”

“Você. Você é um rapaz engraçado.” Com dois ligeiros movimentos, puxou os punhos da camisa sob as mangas de seu paletó. Virou-se para Joni. “Mas vamos dizer que seu amigo vá, de um jeito ou de outro. E então? Então temos Arend vagando por uma área de crise sem lugar para dormir. Atrapalhando. E digamos que o vento realmente mude, tudo que vai fazer é ficar ali, desamparado e confuso, vendo sua casa pegar fogo e desabar. A pessoa precisa de estrutura para lidar com isso. E acho que posso dizer sem medo de errar que esse não é o caso dele. Mesmo agora já está ficando desnortado.” Stol pegou o garfo, espetou uma fatia de vitela e a enfiou em sua pequena boca. “Em outras palavras, se for para lá”,

disse, mastigando e gesticulando com o garfo vazio na direção de Aaron, “está se arriscando a sofrer um trauma.”

Joni fincou os cotovelos na mesa, voltou a olhar para o prato e pôs a mão em viseira diante dos olhos. Aaron respirava pesado. Tudo bem, então. Caga na minha cabeça, obrigado pelo chapéu. Me faz passar por otário. E pode deixar, a gente não vai mais. Fora derrotado. Então o que estavam olhando agora, os três? Baixou o rosto para a comida fria em seu prato e esfregou o olho direito. “Minha lente”, disse, “tem alguma coisa.” Tentou tirar o disco acrílico do olho, mas percebeu que suas mãos tremiam violentamente. O olhar de Stol queimava seu couro cabeludo.

“Escutem aqui”, gritou quando se levantou, “acho bom saberem que sou a favor da família e contra as drogas.” Sem olhar para ninguém, afastou-se rápido com a lente na mão em direção às portas duplas por onde haviam entrado. Seu rosto queimava. O salão de banquete oscilou como o porão de um galeão, canhões sacudiram em suas correntes, candelabros dançaram de um lado para outro no teto. Sentiu a fadiga das semanas de noites maldormidas. Ao atravessar cambaleando o parquet com padrões de folhas douradas, às costas dos convidados, tropeçou numa bolsa. Ela escorregou no assoalho, ele murmurou “desculpe” e, ao devolvê-la ao lugar, viu que Stol, Brigitte e Joni tinham voltado a conversar. Rindo muito.

O frescor de um banheiro marmorizado, a fragrância de rosas de um spray. Ele se trancou no primeiro cubículo que encontrou e afundou no vaso preto fosco, sem tirar a calça. A caixa de descarga gorgolejou suavemente, sua cabeça girava, ele a apoiou nas mãos, fechou os olhos e escutou o murmurejar suave. A água escarnecia dele, podia escutar as risadas acima de sua cabeça...

Quando voltou ao salão de jantar, o lugar parecia menor do que antes: o teto estava mais baixo e chamuscado nas beiradas por chamas de velas. Dirigindo-se apressado para seu lugar, viu de longe que Stol tirara o smoking branco. Então olhou de novo. Como? Stol tirara a camisa também, sentava à mesa com o peito desnudo, e sorria para ele. Na mão, ou antes na dobra do braço, segurava um

prato sujo junto ao peito peludo, como se fosse um frisbee. Uma fatia de bochecha de vitela, embebida em molho, escorregou do prato e aterrissou audivelmente sobre a mesa. Como se essa fosse a deixa, o salão inteiro fez silêncio e parou de comer. Todo mundo olhou para Aaron.

“Não!”, ele gritou. “O que vocês estão fazendo?”

Com uma expressão dura, Stol atirou o prato em sua direção. Ele se abaixou num reflexo e se curvou na tampa do vaso, batendo a cabeça com toda a força contra a porta branca.

“Ai-ai-ai-ai”, gemeu. Sentiu uma dor lancinante no alto da cabeça. Sentiu sangue.

Sigerius está imóvel no vestíbulo. Acabou de pegar a correspondência sobre o capacho. Ia passar à sala de estar, mas agora fica diante da porta, observando, tenso, o perfil de sua filha. Ela está sentada no braço estofado do grande sofá, usando short de brim curtíssimo, faz um calor insuportável, ela apoia a perna nua sobre a coxa, concentrada em remover o esmalte das unhas. Está discutindo com Aaron, mas ele não aparece em seu campo de visão. “Vamos junto”, escuta-o dizer. “Acho que vai ser bom pra você.”

“Por que eu ia querer fazer uma droga dessas?” Ela esquece o pé por um segundo e olha para ele. “Me explica isso.”

“Porque você vai ter uma imagem realista. Em vez de só imaginar.”

Conversam sobre a tarde do dia seguinte. Aaron, na condição de morador da área do desastre e fotógrafo profissional, está duplamente convidado para percorrer as ruínas de Roombeek num micro-ônibus da prefeitura. Sem ter consultado Joni previamente, arrumou para ela um lugar.

“Meu namorado faz parte da assistência às vítimas”, diz ela. “Vem ver a loja queimada, desabada, destruída do seu antigo chefe que está quase morto. Vai ser bom pra você.”

A expressão zangada no rosto determinado, os lábios carnudos que comprime com força, de irritação ou simplesmente por estar concentrada no esmalte de unha. Na verdade, é uma vergonha ele passar a semana toda olhando para ela.

Quando voltou de Shanghai e, meio em choque, zapeava de noticiário em noticiário, Tineke sugeriu que convidassem Joni e Aaron para ficar com eles. O rapaz não podia ir para sua casa, então

estavam os dois dormindo na abafada água-furtada de Joni. Claro que são bem-vindos, ele dissera, a porta está sempre aberta, mas os dois não vinham dormindo naquele sótão havia não sei quantos anos? Ele acreditava que Joni ia recusar a oferta, não deviam pôr a filha naquela saia justa. Ao que uma atípica discussão se seguiu. Tineke disse que ela queria isso, que parecia algo bom. Bom, ele repetiu, bom? — no seu entendimento, bom era terem criado as filhas para serem independentes. Ele não devia ser tão chato, ela disse, era só que estava com vontade de ter Joni em casa. E, uma vez que a capacidade de ser razoável é um traço de Tineke que ele admira e que “só estar com vontade” não é muito de seu feitio, ele perguntou se havia algum motivo especial.

“Não”, ela disse.

“Quero saber, mesmo assim.”

Com um suspiro, ela afundou pesadamente na poltrona giratória diante dele. “Você não vai acreditar”, ela disse, “mas ele ligou ontem.”

Todo dia havia mais de uma centena de eles atrás dele, mas percebeu na mesma hora que o negócio tinha a ver com Menno. Então aquela merda toda ia começar outra vez? O arrastado sotaque de Utrecht ecoou em sua cabeça. “Você está brincando”, disse. “O que ele queria? E por que só está me contando agora?”

“Benzinho, domingo não era o momento apropriado. Quer dizer: achei que o desastre da fábrica foi suficiente para um dia. Não esqueci como você estava assoberbado naquela recepção. Entendeu?”

“Tien, você devia ter me ligado em Shanghai. Imediatamente. O que ele queria?”

“Ele queria... ele queria saber se Joni tinha escapado.”

“Menno Wijn?”

“Menno Wijn? Wilbert. Foi Wilbert quem ligou.”

“Putá merda.”

“Agora você está entendendo? Levei o maior susto da minha vida. Ele ligou quando eu estava sozinha, jantando.”

“Como ele estava? Ele ligou de onde?”

“Ele parecia calmo. Mas nada amigável. Seco.”

“Onde ele está morando?”

“Benzinho, você não acha que eu fiquei perguntando isso pra ele, acha? Foi muito rápido. Fazia dez anos que eu não conversava com o rapaz.”

Então ele concordou, claro que concordou, agora que sabia a história toda, não era tão má ideia que Joni ficasse com eles por algum tempo. Insistiu que não deviam lhe contar sobre o telefonema. Até onde Tineke conseguia se lembrar, Wilbert não pedira que contasse, então tecnicamente falando não estavam escondendo nada.

“Cabe à gente decidir”, ele disse.

E assim na terça à noite os refugiados foram bater em sua porta, aparentemente nada insatisfeitos com a perspectiva de uma cama limpa e seu próprio chuveiro. Já ele passou os dois dias seguintes indo de um estúdio de tevê para o seguinte, e correndo para organizar a montagem de módulos pré-fabricados para os alunos que ficaram sem ter onde morar com a explosão. Um ritmo febril. Desde que ficara sabendo a respeito do acidente na fábrica, não voltara a pensar em Linda e seu website — até o momento em que aqueles dois puseram suas malas no chão da sala. Eles o cumprimentaram e sentaram no sofá à sua frente, após o quê se seguiu toda a inevitável conversa sobre Roombeek: ele escutando as histórias deles sobre a explosão e eles escutando as suas — e o tempo todo martelando em sua cabeça: *ou talvez seja mesmo ela...*

“Mesmo que fosse pior do que a gente pensava”, ele escuta Aaron dizer, “pelo menos você vê a realidade da coisa. Mas é menos grave. Eu achei.”

“Menos grave?” Joni balançou a cabeça e voltou a mexer nas unhas. “Você não ia sair para comprar um quimono? Então vai. Em vez de bancar o psicólogo.”

Sigerius diz a si mesmo para se mexer. Parar de observar. Por cinco dias, ele observa a filha. Ele a examina como um antropólogo, não, como um inquisidor. Muitas vezes, como agora, não vê nada de extraordinário: Joni está ali, perturbada com a horrível história sobre

o tal de Ennio, vulnerável, parecendo apenas ela mesma. Mas ainda assim. Se topa com ela no patamar da escada, ou na passagem lateral da casa, ou simplesmente quando olha para ela — a cada nova ocasião, é como se levasse um soco na orelha. Cada vez que a vê novamente, ele enxerga o que viu pela primeira vez durante a recepção: uma semelhança preocupante. Ele abre a porta da sala, olha para Aaron e diz: “Claro que você não precisa comprar um quimono. Vem comigo”.

A ironia disso tudo é que ele recorreu à internet porque parecia uma alternativa segura. Até recentemente, era o que ele pensava: qualquer coisa é melhor do que o sofrimento de um ano e meio atrás.

Tudo começou na festa de despedida de Jaap Visser. Visser, chefe de Comunicações desde o início da década de 80, que continuara na função pelo menos dez anos além do que deveria, e que ele devia ter tirado do cargo assim que assumiu a reitoria. Siem fez um discurso breve, afetuoso. A recepção teve lugar no clube Bastille, um porão de tijolos e cobre polido cavernoso e escuro, onde ele ficou na ponta do balcão gigantesco, conversando com Vlaar, seu porta-voz, e quatro membros de sua equipe administrativa. E uma mesma garçonete ia e vinha com uma bandeja de bebidas, uma garota asiática de rosto franco e atraente que o fitava breve mas intensamente nos olhos toda vez que lhe servia uma taça de vinho branco ou água mineral. Ela o encarava como se houvesse feito um comentário espirituoso e estivesse esperando sua reação.

Por volta das sete, pouco antes de começar a esvaziar, decidiu que já era suficiente. Foi até o canto oposto do clube, onde Visser e sua esposa estavam cercados por três filhos tímidos e alguns ex-colegas. Apertou mãos, desejou tudo de bom para o homem e esperou chegar à saída sem ser alugado por ninguém. A garota lavava copos na ponta do balcão. Ele pôs o cachecol e quando enfiava o braço na manga do sobretudo percebeu o olhar dela. “Espera”, disse ela quando fizeram contato visual.

Posteriormente, quando não se cansavam de analisar esse primeiro encontro, ele lhe contou que, do modo como lembrava, ela não dava a volta no balcão, mas pulava por cima, como numa história em quadrinhos, ao que ela respondeu que a comparação com um cartum não lhe parecia nada lisonjeira.

“Lembra de mim?” Olhos castanho-escuros rajados de fagulhas acobreadas o fitaram, não era muito alta, mas esbelta, e quando parou sob seu nariz e ele pôde sentir o cheiro de seus cabelos cor de azeviche, graciosamente presos no alto, não teve nada de cartunesca. Fazia muito tempo que não ficava tão perto de uma mulher jovem, desconhecida.

“Me dá uma pista?”, pediu.

“Não, assim é fácil demais. Faz um esforço.”

“Deixa eu ver, você é do grêmio estudantil.” Sabia que não era, mas lhe pareceu um comentário elogioso.

“Não, mas espere uns dois anos. Então?”

Ele olhou seu relógio e disse que precisava ir para casa. Ela disse que achava que um reitor de universidade podia decidir por si mesmo se era hora ou não de voltar para casa. “Vou dar uma ajuda. Foi... vamos ver... faz seis anos.”

Ele reagiu como se achasse que seis anos era uma infinidade de tempo e ficou surpreso consigo mesmo por fazer uma graça: “Seis anos atrás você estava fazendo a prova de aptidão para o colegial”.

Ela cutucou sua barriga com o indicador. “Só por isso vai ter que tomar uma taça de vinho.” Num movimento ágil, flexível, voltou para trás do balcão, desenvolveu habilmente uma garrafa e encheu duas taças sem entornar uma gota. “O nome Marij Star Busman lembra alguma coisa?”, perguntou, sem erguer o rosto.

Não pode ser, ele pensou, a filha de Marij Star Busman? Ele não precisava ter se sentido tão culpado por não ter percebido: Marij Star Busman era a típica loira arruivada holandesa cuja constituição robusta passava a impressão de ser mais fértil do que na realidade era. No início dos anos 80, ela e o marido haviam adotado essa garotinha tailandesa e mais tarde um menino birmanês; toda a informação foi se ajustando em sua cabeça. Ele conhecera a família

um pouco mais tarde, em seu primeiro ano como reitor, quando estabeleceu como prioridade a contratação de professoras. Naquela época, a Tubantia tinha apenas uma mulher no corpo docente, uma estatística constrangedora superada até pelos países islâmicos. Ele ficou sabendo de uma jovem professora de engenharia química que publicava muito, até na *Nature*, a quem os alunos haviam elegido professora do ano. Preciso contratá-la, pensou na mesma hora, e durante o almoço informal em que fez o convite ficou ainda mais convencido. Na sua avaliação, Marij Star Busman era uma cientista ambiciosa, inteligente, extremamente capaz, que merecia uma cátedra o quanto antes.

Nem bem uma semana depois de ter apresentado sua candidata ao conselho executivo da universidade, recebeu a notícia de um acidente causado pela neblina na A1, perto de Zwolle, envolvendo sua nova protegida, um feio engavetamento do qual ela não escapou ilesa. No início, Marij Star Busman parecia ter sofrido apenas uma fratura no nariz, mas depois de algumas semanas ficou quase imobilizada pela dor nas costas e no pescoço. Acabou no sofá de sua casa, com um colar cervical, mudanças de humor e a memória parecendo um cartão perfurado. Sigerius a visitou de tantas em tantas semanas durante a recuperação de seis meses, às vezes acompanhado de Tineke, e aos poucos uma educada amizade se firmou entre eles. Além do marido extremamente cordial e do menino pequeno, uma garotinha tímida, magrela, de olhos puxados andava de um lado para outro pelo duplex deles em Schothorst e, no momento em que essa mesma garotinha lhe passava a taça de vinho, ele se lembrou de seu nome.

“Isabelle”, disse. “Bem-vinda de volta a Enschede.”

Para tristeza dele, a família se mudara para o Randstad depois que o chefe do Departamento de Engenharia Química começou a implicar com a indicação de Star Busman (jovem demais, inexperiente demais, uma pessoa difícil), um pequeno conflito que, para piorar, o jornal da universidade levou ao conhecimento geral. Como era de se prever, a Universidade de Tecnologia de Delft ficou sabendo e a roubou com a oferta de uma cadeira no departamento.

Três anos depois, Star Busman recebeu o prêmio Spinoza pela construção de moléculas complexas e catalisadores hiperseletivos, uma confirmação de suas capacidades que ele não pensou duas vezes antes de esfregar na cara da conservadora panelinha da química.

“Tim-tim”, disse a filha adotiva de Star Busman. Isabelle mostrou um interesse insaciável por tudo que ele fazia, sujeitando-o a uma bateria de perguntas, entremeadas a apartes provocadores e sorrisos provocantes, o que o deixou cada vez mais encabulado. O que achava de Enschede, por que não aceitara aquele trabalho no ministério (como ela sabia disso?), quantos desses “bota-fora” ele teve de aturar, se ainda praticava judô. Será que se lembrava do irmãozinho dela perguntando o que tinha acontecido com suas orelhas? Não, sorriu ele, sem mencionar que também se lembrava muito pouco de Isabelle aos treze anos. Ela lhe contou que sua mãe ainda era grata a ele, mesmo com as coisas tendo tomado um rumo tão estranho. Contou que estava estudando administração, morava num dormitório “legalzinho” e era da mesma fraternidade que Joni, que aliás lhe passara o trote. Não tirou os olhos dele uma vez sequer. Quando deixou o Bastille para voltar para casa, meia hora mais tarde, e passou pelo centro esportivo e pelo supermercado na Langekampweg, ele sentia uma estranha... leveza.

Dois dias mais tarde sua secretária lhe repassou um e-mail de uma certa Isabelle Orthel. Isabelle Orthel? Só depois de ler a mensagem — “Oi, Siem, ficou com gosto de cabo de guarda-chuva? Aquela porcaria. O Café De Appel, em Hengelo, tem um tinto bom de verdade” — ele se deu conta de que Star Busman era o nome de solteira de sua mãe. Mas Isabelle Orthel não era nome para uma tailandesa, era nome para uma filósofa lírica francesa do século XVII. Deveria responder? Era uma quarta-feira atribulada e ele deixou sua curiosidade relutante em banho-maria pelo resto do dia. Na verdade, decidira esquecer tudo quando, do nada, enviou uma resposta pouco antes de voltar para casa. “Ressaca nenhuma. Melhor me escrever no Sigerius@xs4all.nl daqui por diante. Tchau, Isabelle.”

Só às sete e meia da manhã seguinte, quando andava pela reitoria gelada, voltou a pensar nela e, em vez de preparar um café, resolveu antes checar sua conta particular de e-mail. Ela lhe enviara duas mensagens. A primeira foi um longo parágrafo sobre quão “inspiradora” tinha sido a conversa, sobre a participação dela na seção jovem do D66 e sobre o fato de o nome dele ser mencionado com frequência por lá. Isso o alarmou. Nos velhos tempos, antes de casar, achava difícil perceber quando uma mulher estava flertando com ele, depois aprendera a identificar os sinais, mas, atualmente, não sabia diferenciar entre interesse genuíno, erótico ou não, e o que se poderia chamar inocentemente de “ampliar a rede de contatos”.

A segunda mensagem era breve e ia direto ao ponto. “Então você gosta de vinho tinto?”

Ele entrou em desespero. Por vinte e cinco anos, reagira aos avanços femininos da mesma maneira, a saber, não reagindo, e no entanto percebeu que por todo o fim de semana seus pensamentos convergiram para essa garota. À noite, estirado ao lado de Tineke adormecida, imaginava ambos sentados a uma mesa no tal de Appel, deitado de costas na cama tentava se lembrar de certas partes do corpo dela. Na segunda-feira de manhã, na reitoria, num momento irrefletido, digitou: “Isabelle, estou louco por uma boa taça de vinho”.

A troca de e-mails se intensificou, chegaram a trocar trinta num único dia. Deixando-o cada vez mais lisonjeado com sua atenção, ela o cobria de parágrafos e frases alegres, animadas, mostrando interesse incessante, fazendo perguntas sobre seu trabalho, sobre suas filhas, pedindo sua opinião a respeito disso ou daquilo, sobre filmes e livros que ele conhecia, ou que talvez não conhecesse, perguntando sobre seu passado, sobre sua juventude — por dias a fio, até que ele não conseguiu mais se segurar e começou a apimentar a conversa. De fato, foi *e/le* que começou a provocar abertamente. A relaxar o tom. Depois de duas semanas, até mesmo os pontos e as vírgulas tinham duplo sentido. Quando ela mencionou que fazia natação, ele lhe pediu para descrever seu maiô; quando

ela descreveu seu maiô, ele perguntou que tipo de lingerie ela usava, nesse instante, por exemplo.

“Nenhuma”, ela respondeu.

“Nenhuma?!”

“Meu Deus, Siem, claro que estou de lingerie.”

“Isabelle, que tipo de lingerie?”

“Que tipo de lingerie você gostaria que eu estivesse usando?”

Ele ficou surpreso com seu próprio assanhamento. Não era do tipo que deixaria o trabalho ser afetado pela busca de uma aventura erótica, muito menos permitir que uma adolescente de dezenove anos subvertesse sua estável vida pessoal, de uma tranquilidade absoluta. Não que nunca assumisse riscos na vida — a seu ver, assumia riscos o tempo todo, mas esses eram perigos que o ameaçavam em plena luz do dia, estavam longe de ser tentações adúlteras. Era um homem sem segredos eróticos. Talvez até mesmo sem desejos eróticos.

Não obstante, passou essas primeiras semanas percorrendo o campus como um neurótico, na esperança ansiosa de avistar Isabelle Orthel. Examinou o anuário da fraternidade dela, que estava na estante em sua sala porque ele escrevera o prefácio, e encontrou duas fotos — meu Deus, ali estava ela. Mesmo assim, mais tarde nessa mesma semana levou um susto quando a encontrou na inauguração da nova cantina no clube de hóquei. Ela era tão linda assim? Seu rosto pálido parecia iluminado, como um prédio histórico da cidade. Havia esquecido o modo casual como arrumava o cabelo preto e liso no alto da cabeça. Esquecera como enfiava os polegares na cintura do jeans quando escutava alguém e com que solicitude sua boca brilhante se movia em seguida, ansiosa por responder.

Felizmente, só se aproximou dele depois de uma hora, pelo jeito o tempo de que ela mesma precisou para criar coragem. Foi absurdamente prazeroso. Só mais tarde ele pensou nas aparências, o figurão e a beldade do hóquei: gestos amplos, toques casuais nos ombros e nos braços, sussurros no ouvido, risadas altas, repentinas

— a certa altura, ela chegou a dar um tapinha em seu rosto, “safado”, disse, rindo por algum motivo, ele esquecera qual.

Entre suas resoluções desajuizadas para 1999 estava o encontro em um bistrô de Almelo, o lugar mais próximo em que ousava vê-la em público. Desde 1974 não tocara em ninguém além de Tineke, e nessa noite sentiu como se estivesse no céu. Conversaram sobre a enfadonha juventude dele em Delft, sobre os empolgados planos dela para o futuro, as diferenças entre jazz e música clássica (ela chegara a flertar com a ideia de estudar canto no conservatório), sobre os prós e contras de ser uma garota, sobre a curiosa aversão que ela sentia pela Tailândia, sobre fidelidade e infidelidade, e ele percebeu: estou apaixonado. Quando voltavam para a estação, no escuro (ele viajava de primeira classe, por precaução — “covarde”, segundo ela), ela o puxou para um beco entre duas lojas e começou a beijá-lo. Ele apoiou as mãos geladas em seus ombros e tomou consciência das mãos dela explorando seu corpo sob as roupas, tocando suas nádegas e, após alguns minutos, para seu horror, abrindo sua calça. Ela tirou as luvas de pelica, mas ele repeliu seus dedos. Com um gesto impaciente que o pegou de surpresa, ela liberou seu pênis e o segurou. Ele era uma cabeça mais alto do que ela, de modo que podia evitar seus vulpinos olhos cor de cobre e se permitir sentir-se levemente constrangido.

O avanço do trem pela paisagem noturna o deixou numa disposição terna e contemplativa. Viajando sozinho na cabine de primeira classe, com o membro excitado e semiereto pressionando a virilha, observou a lua quase cheia, sabendo que em algum lugar nesse mesmo trem uma garota ousada, meiga, incredivelmente atraente olhava para aquela mesma bola de sorvete, pensando nele. Estava admirado com a audácia, a vivacidade, a força dela. Nenhum sinal da veneração com a qual estava acostumado, talvez por ser trinta e cinco anos mais velho, por exemplo, ou por ser o chefe da universidade onde ela ainda nem se formara. Isabelle Orthel irradiava confiança e coragem. Como era tão jovem, comparou-a involuntariamente a Margriet Wijn, a única outra garota de dezenove

anos que o agarrara numa rua. As diferenças eram tão grandes que desconfiou estar apaixonado pelo contraste.

Passara tempo suficiente sob o teto de Marij Star Busman para saber que Isabelle tinha de sobressair na família exemplar onde, por obra do destino, encontrara seu refúgio: seu avô de adoção era membro da Suprema Corte e no tempo livre escrevia a biografia dos heróis navais Maarten e Cornelis Tromp, um homem que não criava filhos, mas professores. Como a mãe dela, o impressionante punhado de tios e tias mencionados por Isabelle eram doutores numa coisa ou noutra — uma ninhada de pesquisadores, parecia, pessoas sérias com posições sérias em universidades, tribunais e organizações de direitos humanos; e quando não, os Star Busman pintavam ou esculpam coisas dignas de serem exibidas. O antigo carvalho ramificara o suficiente em duas gerações para prover Isabelle de um ou dois primos em praticamente todas as universidades do país —, e todas essas pessoas compunham o poderoso clã Star Busman, que se reunia ao menos duas vezes por ano na mansão do avô de Isabelle, em Haia, para, assim imaginava Sigerius, prestar contas de seu progresso na sociedade. Como sua família de adoção, essa garota privilegiada, que passava brincando nas provas, que ganhava seu dinheiro trabalhando como garçonete-cantora em um piano-bar, que organizou uma viagem de estudos a Praga (incluindo uma visita ao Theresienstadt), que tinha a opção de escolher entre três sociedades de debate femininas, sabia exatamente o que queria da vida.

E Margriet? O que ocupava os pensamentos de Margriet Wijn quando tinha dezenove anos? Ainda não a bebida, pelo menos não o dia inteiro. O que passava pela cabeça avoadada de sua primeira mulher lhe parecia um mistério, mas, em todo caso, certamente não tinha nada a ver com planos para o futuro. Medos, preocupações, complexos, um pântano emocional capaz de engolir as perspectivas de qualquer holandês participando da reconstrução do país no pós-guerra, fosse rico ou pobre, inteligente ou estúpido, privilegiado ou não.

Ele se levantou e, tendo a lua por companhia, foi de vagão em vagão, primeira classe, segunda classe, até encontrar Isabelle absorta na leitura de um jornal. Levando o dedo aos lábios, sentou no banco ao lado dela e beijou seus lábios divinamente macios até a hora de descer em Drienerlo. "As damas primeiro", sussurrou. Deu-lhe cem metros de vantagem, depois a seguiu pelo campus às escuras, sem tirar os olhos da jaqueta de couro verde e do luar azulado sobre seus cabelos. Ela não se virou para olhar quando dobrou à direita na Calsaan, e ele seguiu direto para casa. Nunca teria imaginado que o ponto alto de seu romance já ficara para trás.

Ele vai na frente, Aaron o segue. Os sapatos de casamento que o rapaz ainda está usando ecoam no piso de ardósia. Ele o ouviu falar sobre comprar um novo quimono durante os dois últimos dias e ficou adiando o gesto generoso. *Espera mais um pouco*. Enquanto não tem certeza absoluta, acha difícil ser amigável. Acha difícil não olhar para aquela cabeça calva, com seus olhos azuis lacrimosos, e pensar: quem diabos é você, afinal? Supondo que seja verdade, qual é seu papel nessa história? Ele nota uma divisão óbvia mas lógica em seu rancor: no que toca a Joni, preocupação; em relação a Aaron, agressividade. É um rancor *prematureo*, sabe disso. Ele se obriga a adiar o julgamento. Supondo, supondo, supondo... Ele precisa de prova. Ter certeza. E depois, pensar, manter a calma, analisar. Nada de reações irrefletidas.

"Gentileza sua, Siem", diz Aaron, "mas eu posso comprar um quimono novo, sem problema."

"Vamos facilitar as coisas."

Por dois dias sente-se deslocado em sua própria casa, pego de surpresa com a inesperada profanação de sua intimidade, Joni choramingando pelo homem queimado, a ligação de Wilbert, o cheiro de fuligem emanando da cidade em ruínas, que arde em lenta combustão, a invasão disso tudo. O destino transformou seu lar em uma casa de campo num romance inferior de Agatha Christie. Não era para estarem todos ali espremidos, bem agora. Sua

complacência o força a ficar de olho no telefone, com medo de uma nova ligação de Wilbert, e ainda por cima agora há a ansiedade de não conseguir chegar a tempo ao aparelho. Sem falar nem olhar para trás, os dois entram no quarto do casal. Tineke arrumou a cama e abriu as cortinas cor de terracota. O carpete mostarda transforma os sapatos de Aaron em pantufas silenciosas. “Aqui”, ele diz, abrindo a porta do closet.

Na noite anterior, às três e meia, sem um pingo de sono, levantou da cama e pegou a carteira no bolso da calça, com um ouvido ligado em Tineke e o outro na cidade tumultuosa. Na escuridão estival, subiu furtivamente a escada. Janelas abertas por toda a casa, o ar prenhe de verão nos ambientes. Na ponta dos pés, atravessou o quarto de hóspedes, onde os dois dormiam, e, no fim do patamar, abriu a porta de seu escritório, fechou as janelas acima de sua mesa, empurrou uma pilha de papéis para o canto e, com a luminária acesa, ligou o laptop. Não entrava no site havia meses. Precisou reunir coragem. Uma fina divisória de sete centímetros o separava do casal na cama de hóspedes. A discagem do modem soou como as badaladas de um carrilhão. Sabia que não serviria para tirar conclusão alguma e, mesmo que servisse, o que faria? Atravessaria a parede de gesso e arrancaria os dois da cama? Daria uma surra neles? Se jogaria chorando entre os dois? Sentiu um novo choque ao ver a home page, uma sensação conflitante com a luxúria complacente que se lembrava de ter sentido nos dois ou três meses em que nada fora além de um cliente casual, um inescrupuloso e satisfeito velho safado. A visão da foto estilizada da garota (a semelhança, sem dúvida, não é uma questão da cor dos olhos ou do cabelo, percebeu na hora, mas de formas, os ângulos do rosto, o inconfundível triângulo entre os cantos da boca e os contornos arredondados do queixo, o modo como um maxilar amplo capta a luz, o fino arco das sobrancelhas) mergulhou-o numa onda de melancolia misturada a pânico. Pegou seu cartão de crédito entre outros cartões bancários e começou a preencher a página de cobrança, um trabalho meticuloso que exigia a inserção exata dos caracteres aleatórios e que deu errado por três vezes seguidas, ele

digitara o número errado ou pulara uma letra, e depois o modem caiu. Suas coxas nuas grudavam no couro da cadeira.

Na quarta tentativa escutou, a despeito dos implacáveis guinchos do modem, uma porta sendo aberta. Havia alguém no patamar. Joni ou Aaron. Seu coração parou de bater, ele desligou postumamente a luminária, atrapalhou-se ao tentar fechar o navegador, seus dedos úmidos brigando em vão com o mouse — a página travou — e como último recurso fechou o laptop.

Apurou os ouvidos na escuridão subitamente sem zumbido. Após momentos angustiantes de repetidas visões da porta sendo aberta, escutou um rangido distante, o gemido dos degraus inferiores da escada de caracol que dava no vestíbulo. Mas por que fariam isso se tinham seu próprio banheiro pequeno do outro lado do patamar? Em sua mão esquerda segurava um furador de papéis que apertava suavemente, quando deixou que escorregasse e caísse no piso acarpetado com um baque surdo. Abaixou para pegá-lo, apalpou para ver se o fundo de plástico continuava no lugar. Esperou e esperou, até começar a desconfiar que deixara de escutar a pessoa voltando, fosse quem fosse. Esperou mais ainda e então regressou, silenciosamente como um ladrão num armazém, para seu quarto, onde constatou alarmado que a cama estava vazia. Já se deitara de lado, fingindo dormir, quando Tineke reapareceu e foi escovar os dentes no banheiro, sem acender a luz.

“Onde você foi?”, ela perguntou ao voltar para o quarto. Ele não respondeu. Quando baixou na cama o pesado volume de seu corpo, ofegando, disse: “Sei que você está acordado”.

“No banheiro.”

“Não é verdade”, ela disse.

“Bom, onde... fui no de cima. O de baixo estava ocupado. E você? Comendo?”

Quando voltara de sua aventura em Almelo, a casa estava adormecida. Ele tirou a roupa na área de serviço e enfiou tudo no cesto. Com peso no coração por se livrar do perfume de Isabelle,

tomou uma ducha e deitou na cama ao lado de Tineke. Mas os acontecimentos da noite foram estimulantes demais para permitir que pegasse no sono. A chama que ardia agora em seu corpo dava-lhe um prazer muito mais jubiloso, muito mais vivo, do que todas suas conquistas profissionais, todos os supostamente importantes eventos oficiais, de tal forma que pela primeira vez na vida duvidou do sentido de tudo. De que valia meia vida de disciplina mental? Toda aquela perseverança solitária! Pensou em Isabelle nesse momento dormindo em algum lugar do campus e sentiu vontade de dar um soco na própria cabeça por toda sua zelosa sublimação. Numa onda de culpa, pôs a mão na montanha comatosa ao seu lado. Comparados à delicada figura no beco, as costas e os quadris de Tineke eram como o cadáver quente de um rinoceronte. Virou-se de um lado para o outro por horas, imaginando o corpo esguio de Isabelle colado ao seu, e cada vez que rolava na cama ficava mais excitado.

E nessa noite também saiu da cama e subiu para seu escritório, dessa vez usando um roupão e grossas meias de lã, de esquiar. Sentando à mesa gelada, fez algo contra sua natureza: mandou uma mensagem de texto para Isabelle no meio da noite. Dizia que tinha sido delicioso e que queria mais. Eram quase três e meia da manhã, e estava mandando uma mensagem de texto para uma aluna. Teria perdido o juízo?

Para seu espanto, recebeu uma resposta quase imediata: ela também achou a comida deliciosa. Como é? “Engraçadinha”, escreveu ele de volta, com um sorriso largo. “Acordei você?” Depois de vinte minutos, que pareceram uma semana no polo Norte, ela respondeu que estava “se soltando” no salão de beleza. Se soltando no salão de beleza? Levou alguns segundos para solucionar o enigma: salão de beleza era o nome de uma danceteria no centro de Enschede — o Kapsalon. A descarga de ciúme que percorreu seu corpo não foi provocada pela danceteria, tampouco pela imagem, por mais cristalina que fosse, de Isabelle suada numa pista de dança, mas por descobrir que sua amante asiática, após o íntimo jantar, continuara a noitada por conta própria na cidade. Ele a

imaginou retocando a maquiagem, pondo um vestido provocante e pedalando até Enschede. Cristo.

Recobrando a compostura, escreveu de volta, dizendo que ela devia dançar muito bem. Esperou em vão por mais meia hora, mas o frio o levou a descer até a sala para um copo de uísque. De volta à cama, pôs o celular no silencioso e o deixou no chão perto dele, checando de dois em dois minutos para ver se ela dera sinal de vida. Após uma hora e meia de sofrimento, pegou no sono.

Na tarde do dia seguinte, na reitoria, recebeu um e-mail formal de despedida em seu computador. Ela pensara muito sobre tudo, mas "não podia aguentar mais". Até então conseguira bloquear o pensamento de sua esposa, mas não tinha como negar o fato de que ele era um "canalha", um "sem-vergonha", um "adúltero", um "homem falso". Agora que tinham ficado "íntimos", considerava isso um "problema sem solução". Lamentava muito. "Não me mande e-mails nem mensagens pelo celular outra vez."

Nos dias seguintes, manteve distância de computadores como alguém que fumara por quarenta anos e queria largar o cigarro. Cada fibra de seu corpo, cada célula de seu cérebro clamava por contato. À noite, em casa, escutava o celular vibrar com textos fantasmas. Três dias depois do calamitoso e-mail, pouco antes das quatro da tarde, digitou uma mensagem, o coração saindo pela boca, "Considere que esta mensagem não chegou ao seu destinatário", e mais nada. Assim que a enviou, desprezou-se por isso, mas ao mesmo tempo esperava que a fizesse rir e quebrar o silêncio. Passou as últimas horas no trabalho olhando para a caixa de entrada como um pescador à espera de uma beliscada, atualizando a página de tantos em tantos segundos, até a escuridão tomar conta do ambiente. A baixa seção da reitoria, com sua espaçosa sala no fim do prédio, era como um pé junto à torre adjacente da administração da universidade, na entrada principal do campus. Ele olhou através da janela panorâmica para o estacionamento vazio. Se acender a luz, pensou, vou ver um louco no reflexo.

Nos dias seguintes: nada. À noite, mal conseguia dormir; em geral, entre três e quatro da manhã, retirava-se para seu escritório com um copo de uísque e um punhado de papel-toalha, e sentava em sua poltrona de leitura para se masturbar olhando a foto dela no anuário. Em duas ocasiões, escreveu uma carta longa e patética em seu laptop e em seguida as apagou, não por bom senso, mas por medo. O tom moralista de Isabelle o deixou nervoso. Quando, depois do fim de semana, voltou para sua sala às onze da manhã após uma reunião e, num ato totalmente irrefletido, abriu sua conta particular de e-mail, o nome Isabelle Orthel apareceu como uma sarça-ardente na tela do computador. Ele levou a mão à orelha esquerda e abriu a mensagem.

“Está sendo um suplício para você também?”

Ele se pergunta como ela tem passado. Será que continua morando no campus? Talvez estivesse em Roombeek na época do acidente. Ele e Aaron entram no closet, um espaço illogicamente construído em L. Virando a quina, junto à base do L, sua esposa fez prateleiras rasas, sob medida, para os sapatos, na parede do fundo há um armário de nogueira com prateleiras modulares de aço, uma seção de cabides à esquerda para suas togas e fraques. O aroma é de lavanda seca, dos sachês que Tineke pôs entre as roupas. Ele se agacha, suas juntas estalam e, com os braços como uma empilhadeira, ergue dois quimonos da prateleira mais baixa.

“A túnica desse aqui”, diz ele a Aaron, seu queixo no quimono de cima, “provavelmente não vai servir em você. O de baixo é meu antigo quimono de competição. Experimenta essa túnica.”

Aaron recebe a pilha de suas mãos. “Experimento aqui?”, diz.

“Você tem dormido bem?” Ele percebe que Aaron fica desconfortável com a pergunta. “Você parece cansado.”

“Mais ou menos. Está fazendo muito calor à noite.”

Sigerius se vira e estica o braço para pegar uma velha faixa preta na prateleira de cima, o tecido amolecido, a parte do nó com desgastes esbranquiçados do uso ano após ano. Pisando nos

calcanhares, Aaron tira os sapatos. Sigerius espera até que o novo jeans dele tenha descido e ele se equilibre numa perna para tirar a outra. "Aqui", diz, nesse preciso momento, "minha faixa da sorte", e a joga com força exagerada no ombro de Aaron, parece um arremesso, é um gesto ridículo. Mas Aaron não nota, ou finge que não.

"Obrigado", diz ele, e se curva para enrolar a faixa. "Sua faixa de competição?"

"Entre outras. É só uma faixa antiga minha."

Ele observa Aaron vestir as calças brancas nas pernas compridas e bronzeadas, puxar o cordão em torno do quadril ossudo e amarrá-lo com um laço. Seu torso longo e magro tem a forma de um ponto de interrogação. Aaron não faria uma coisa dessas. É insensível de sua parte dirigir sua paranoia contra o rapaz. Não é sempre o mesmo disco?, ele se pergunta de repente. Ele e o sexo. Ele não vive projetando seu complexo de culpa nos outros quando tem a ver com sexo? Será que concebeu essas ideias idiotas e paranoicas porque o moralista dentro dele sente que devia ser punido por toda aquela pornografia na internet? Isabelle diria: Sim.

Depois de retomarem de onde haviam parado, ela lhe disse numa de suas conversas ao celular, que só terminavam com o fim da bateria, que ele devia agradecer sua mãe. Agradecer sua mãe pelo quê? Bom, disse ela animada, sua mãe a viu na fossa nos últimos quatro dias e falou: melhor mandar logo um e-mail para o homem. "Sua mãe?", ele exclamou, "sua mãe sabe disso?" "Claro que sabe", ela disse, "o que você acha?" "Está brincando comigo, isso não é o tipo de coisa que devia contar para sua mãe. O que existe entre a gente é estritamente confidencial, Isabelle." Ela deu uma gargalhada. "Vai se acostumando, meninão, na nossa família a gente conta tudo uns para os outros."

Ele não se acostumou. Pior: mesmo agora, um ano e meio mais tarde, ainda se encolhe ao pensar que Marij Star Busman sabia sobre sua escapada com a filha adotiva dela. Quando enviou à

mulher um e-mail cauteloso, algumas semanas depois de Isabelle ter feito essa revelação — “Puxa, Marij, você tem uma filha engraçada, muito espontânea” —, a resposta dela não chegou a ser moralista, mas foi absolutamente séria: “Tenho toda confiança nas suas intenções, Siem, mas não gosto de ver minha filha magoada”.

Magoada? Ele não fazia ideia do que ela estava falando. Sua filha não passava a impressão de estar magoada, parecia, quando muito, irritada. Desde o que ele e Isabelle chamaram de “suplício”, seus telefonemas e e-mails cada vez mais se concentraram no que na opinião dela era seu talento covarde para a traição. E quando a conversa — todo o contato pós-Almelo era feito por telefone ou e-mail — ia para o lado do sexo, ela mandava mensagens de texto: não é difícil para você? Ou: o que suas filhas pensariam disso tudo? Ou: você não se vê como um canalha? Embora talvez tivesse sido melhor dizer a ela que julgá-lo não era exatamente o papel de uma amante, ele se deixava arrastar na discussão, tentando pôr os pingos nos is, para vê-la em seguida torcer o que dissera. Quando lhe perguntou se ela achava que Bill Clinton era um canalha, ela respondeu que ele não devia se esconder atrás dos outros. Quando tentou explicar como era acordar ao lado da mesma mulher por vinte anos (“Isso é sua vida inteira, Isabelle”), ela retrucou: “Mas não é nem a metade da sua, então do que você está falando!”. Ela era sua Monica Lewinsky, misturada, de quebra, com Kenneth Starr.

Mas agora Monica e Kenneth estavam magoados. Em vez de se perguntar onde ele errara, saiu da reitoria em pleno dia, os olhos úmidos de preocupação, e ligou para ela. Por que não lhe contou que estava magoada? E por quê, meu amor? Ela respondeu que não era seu amor e que pelo jeito ele não fazia ideia do que ela estava passando. Estava sempre sozinha, dormia sozinha, ia para a casa dos pais sozinha, para as festas sozinha — e o tempo todo só conseguia pensar em Siem Sigerius.

“E eu, então?”, disse ele. “Eu só penso em você, Isa. E o que não sai da minha cabeça é que você é livre, pode ir aonde quiser. Naquele seu salão de beleza, ou então num desses seus bares até as quatro da manhã, três vezes por semana. Conhecendo um cara

depois do outro.” (Isso era verdade: ela sempre o mantinha a par dos alunos com quem saía, em bailes e festas de fraternidade pela Holanda afora.)

“Siem”, ela suspirou, “esses caras são uns bostas espinhentos.”

“Pode ser, mas você vai pra cama com eles. Esses bostas espinhentos transam com você e eu não.”

Clique.

Ele suspirou profundamente, cruzou o asfalto úmido da rua e voltou a ligar. “O que eu falei é verdade, não é?”

“Certo, minha vez, tá bom? Você dorme toda noite com aquela sua esposa.”

“E mesmo assim eu estou feliz. Com a gente! Vamos lá, Isa, pelo menos uma vez, tenta bancar a adulta. Quando a gente pode se encontrar? O De Appel está à nossa espera.”

“Você é um puta covarde.”

“Covarde? Eu quero ficar com você. A gente pode fazer o que quiser!” Ele estava com o braço esticado, no caminho do Vrijhof, como um ator shakespeariano falando ao celular. Fazia frio, ele piscou para limpar a umidade em seus olhos, tentando ver com mais nitidez os galhos nus dos carvalhos e olmos. “Contanto que você seja discreta.”

Isso não a fez amolecer, fez com que explodisse. Ela explodiu como a S. E. Fireworks explodiria, um ano depois. Era exatamente isso que sempre a deixava furiosa, gritou. Será que não conseguia mesmo entender? Ela não tinha vocação para outra. Todo esse negócio de segredo já tinha enchido o saco, ela odiava que ele lhe pedisse para esconder aquilo de seus pais. “Covarde”, bufou, “você nunca, e quero dizer *nunca*, vai me proibir de ser honesta com as pessoas que salvaram minha vida, está entendendo?”

“Isa, querida, escuta...”

“Escutar? Nada disso! Estou com a bíblia da nossa casa bem aqui na minha frente, sei exatamente que tipo de macho manipulador você é, este livro não mente. Escutar é a última coisa que uma pessoa deve fazer com um sacana como você.”

Livro? Para sua perplexidade, a colega de quarto dela, uma garota que ficou sentada no canto da cama de Isabelle tomando chá de camomila enquanto eles conversavam, lhe passara um livro intitulado *Never Satisfied: How and Why Men Cheat*. A bíblia daquele dormitório feminino em que ela passou uma tarde inteira sublinhando com uma caneta esferográfica passagens “que tinham tudo a ver”.

“Mas, Isa”, choramingou ele, “pelo menos fale o que você quer que eu faça.”

Ela ficou em silêncio, como um piano sendo jogado do décimo andar, mas em vez da queda estrondosa ele escutou sua voz açucarada: “Eu te dou um mês pra largar sua esposa”.

Acabe logo com isso. Um homem em sua posição, um homem que carrega nos ombros tamanha responsabilidade cerimonial e administrativa por uma universidade, o chefe de uma família que seria unânime em concordar, caso perguntasse, que já haviam passado por sofrimento demais — seria de esperar que um homem assim pusesse logo um ponto final a isso de uma vez por todas. Mas não. A única coisa em que ele consegue pensar é na mão de Isabelle, a delicada mão asiática que tanto o surpreendera naquela noite em Almelo, dia e noite sentia a presença daquela mão fantasma, acariciando suavemente seu sistema nervoso, deixando-o louco, louco de desejo. Havia momentos em que estava preparado para morrer por aquela mão. Durante aquele tumultuado mês de março de 1999, tentou se imaginar habitando um futuro ainda mais tumultuado, mas tal era a agitação de seu espírito que o pensamento veio e foi embora quase sem ser notado.

Muitas vezes, à noite, cerca de uma hora após presenciar, de sua metade do leito conjugal, Tineke remover os hectares de roupa e deitar, ofegante, ao lado dele, acreditava enxergar a situação com clareza: ia deixá-la, a mulher que o compreendia tão bem, que por anos sempre se pusera em segundo plano em benefício dele, a mulher por quem sentia um amor imenso, inerte, profundamente

gratificante, ele tinha de se separar dela. Desde que Isabelle dera seu ultimato, ele vinha tendo dificuldade para dormir, virava de um lado para outro na cama, abandonava-se ao que, no início, eram considerações de ordem prática, racional, imaginava lugares para alugar por um tempo no centro de Enschede, para onde podia se mudar até o divórcio, projetava-se na rotina diária de Isabelle, via-se sentado de manhã na cozinha de seu dormitório, em um dia de semana, seu terno tão amarrotado quanto ele mesmo, tomando café numa caneca sem asa. Imaginava ambos no carro indo para Delft sob a densa neblina nas manhãs de domingo, visitar a futura sogra quinze anos mais nova, imaginava ambos na procissão até a Grote Kerk, de braços dados, para a cerimônia de inauguração do ano acadêmico, Isabelle usando um gorro de tricô, mais indicado para uma mulher na menopausa — a ideia de um homem de meia-idade na companhia de uma jovem tailandesa, ainda por cima, como isso seria recebido? —, cenários problemáticos que ele no fim deixava que rodopiassem, incompletos, no turbilhão de fantasias cada vez mais inconsequentes: viagens a Barcelona e Paris, passeios românticos ao pôr do sol pelos parques da Europa, hotéis ou pousadas que ficariam por conta dele; e era só depois de ter se entregado a essas visões, só depois dessas preliminares infundáveis, castas, que cedia àquela mão esbelta. Suando, curvado como um camarão gigante em sua metade do colchão Auping, o mais na beirada possível da cama que era como uma armadura protegendo sua ereção. Mal tocava em si mesmo, com medo de que o movimento mecânico acordasse Tineke, pensando nas carícias apaixonadas que Isabelle faria em seu corpo, carícias que a essa altura estava dolorosamente ciente de temer como a morte. Como iria se sair naquilo? Em certas esferas da vida, Siem Sigerius era particularmente bom, até mesmo uma fera, um campeão, isso ele já havia provado — mas na cama, era um perfeito desastre.

Mal se podia dizer que tivera uma vida amorosa. O único período de sua vida em que talvez fizesse jus a isso fora em meados dos anos 70, após ser conquistado por Tineke, quando, durante um ano, um ano e meio, estavam cativados e fizeram sexo do modo

como o sexo supostamente deve ser feito. Para ele, foi uma época confusa, uma chuvosa terra de ninguém em que, sem se dar conta na época, seu único objetivo sagrado — ser o maior judoca do mundo — estava sendo substituído por outra coisa, algo ainda mais incerto, algo inteiramente absurdo, algo parecido com um mundo onírico particular, feito de fórmulas e papel quadriculado. À deriva, atormentado, fracassado — era assim que se sentia no auge de sua carreira sexual, em condições físicas precárias, também, mas ao mesmo tempo exaltado, tenso, energizado. Na verdade, foi a única fase de sua vida em que ficara a fim de sexo.

Antes disso, quando, junto com seus empregos, treinava três, às vezes quatro horas por dia (judô, corrida, luta romana, jiu-jítsu, puxar ferro — um homem com os músculos de um gorila mas os níveis de proteína de um prisioneiro em greve de fome —, os compartimentos em sua bolsa cheios de passas, bananas e chocolate amargo, para não desmaiar de exaustão, e depois o jejum por dias antes da pesagem, a corrida em círculos com um traje impermeável, acordando em um hotelzinho ao lado do ginásio onde haveria o torneio, com os olhos grudados e a língua parecendo couro de boi) — nesses anos sua libido pendia de sua consciência como um caco desgastado, um fio de desejo que espicaçava suas partes baixas cerca de duas vezes por mês, ímpetos noturnos em que sacudia Margriet de seu ébrio estupor e a montava como uma iguana.

De modo que a verdade era que não podia se vangloriar de uma vida sexual por mais do que um ano e meio, um pouco menos do que o serviço militar, e depois disso seu interesse físico por Tineke minguou em um ritmo alarmante. A matemática se apoderou dele, agarrou-o pelo cangote e foi isso. Em retrospecto, ele acha — pensamento que sob nenhuma circunstância se permite exteriorizar — que seu despertar sexual foi uma forma de destreinamento, uma válvula de escape para o excesso de energia acumulada na cama de campanha onde se recuperava, na cozinha do andar de cima, a conversão da atividade física intensa em ginástica e luta mentais.

Antes ele ficara em cima de Kiknadze, Ruska e Snijders; depois se desopilou em cima de Tineke.

Foi chocante a rapidez com que revertera a seu velho eu obsessivo e solitário. Antes que se dessem conta, estavam nos Estados Unidos, onde tudo era um mar de rosas, tudo prosperava e florescia na Califórnia: goiabas, tangerinas, limões, suas novas filhas, seu amor mútuo — tudo menos o *equilíbrio* deles, palavra que ainda o deixa nervoso toda vez que a encontra numa *Viva* ou em qualquer outra revista sobre estilo de vida. Em Berkeley e Boston, vivia para os números. Os homens de seu meio agora se chamavam Quillen, Wiles e Erdős, esqueléticos poetas dos dígitos feitos de papel-arroz translúcido, que haviam se retirado para os recessos mais remotos de seus crânios. Quando visitava Berkeley, Paul Erdős ocasionalmente ficava na casa deles na Bonita Avenue, e então ele e o mestre exploravam terrenos baldios, redigiam um artigo no minuto em que haviam concebido uma hipótese, faziam jornadas de dezoito, às vezes vinte horas e, certa vez, quando conversavam, sentados no gramado dos fundos, após uma dessas maratonas da mesa, Tineke disse, brincando, para Erdős — mas, na verdade, para ele: “Matemáticos, Paul, nada mais são que máquinas que convertem café em hipóteses, você não acha? Vocês e suas hipóteses, não aguento mais nem escutar a palavra”, ao que Erdős concordou com uma gargalhada, batendo as mãos trêmulas.

Naquele tempo, quando deitavam na cama que ela própria construía com todo amor, Tineke às vezes enfiava a mão pelo elástico de sua calça do pijama — era a deixa para ele iniciar um solilóquio sobre álgebra, sobre a parede de vidro que o separava da prova que estava buscando e sobre como ia quebrar essa parede, no dia seguinte, quando estivesse em sua sala no Evans Hall. E sim, ele se sentia culpado e defeituoso. Mas Tineke parecia aceitar seus pretextos, ela seguia de perto suas realizações, parecia acreditar que o cultivo do gênio acarretava determinados sacrifícios, talvez todo o esforço que ele fizesse à noite, entre sete e nove, para ser um bom pai para Joni e Janis, lhe bastasse. Depois que se mudaram para Boston e ele se concentrava em tempo integral na sua grande

descoberta, às vezes dormindo num colchão de ar em seu escritório no MIT, sexo era algo sobre o qual falavam como se fosse a grama alta precisando ser aparada. E durante os últimos dez anos ou algo assim deixaram completamente de falar a respeito. O cenário erótico foi esquecido e, enfim, descartado. Respeitavam a privacidade recíproca. Trocavam um beijo na bochecha ao sair e ao voltar para casa.

Voltar para casa, aliás, era algo que ele nunca mais fazia sem aviso ou de surpresa, sem anunciar sua presença de algum modo, desde uma ocasião em que inadvertidamente pegou Tineke com um aparelho de plástico cinza ao estilo bloco soviético, um objeto da cor de um telefone antigo de discar, do qual se projetava uma barra de ferro encimada por uma bola de borracha dura na ponta que, ao ligar, subia e descia violentamente, com um ruído poderoso, de marteladas. Uma máquina barulhenta que poderia ser usada para quebrar nozes, mas que sua esposa usava para se satisfazer após um duro dia de trabalho na oficina, conforme ele descobriu quando o som o atraiu até o quarto.

Pelo que se lembra, passou as noites do mês subsequente ao ultimato de Isabelle seminu em seu escritório. Foi então que descobriu os sites. O escritório tem forma cúbica, mas a ligeira inclinação do teto e as pilhas de periódicos amarelados e livros empoeirados por todo canto e nas paredes fazem com que pareça um ninho sebento. É o único cômodo da casa que se furtou à marcenaria de Tineke. Seu domínio. A toca de tocar punheta do papai.

Isabelle abrija sua torneira e uma água enferrujada, confinada ao encanamento por décadas, saiu jorrando com força. A rotina deles consistia em uma mensagem de texto enviada por ele depois que Tineke pegava no sono — Isabelle nunca ia para a cama antes das três, será que dormia em algum momento? — e assim que recebia a resposta, o camarão saía da cama de fininho, flutuava pela escada até seu escritório e ligava o laptop. Em êxtase, enviava e-

mails com o futuro que planejava para ambos. A empolgação era mútua, pelo que podia perceber dos e-mails que recebia de volta: ela queria que fizessem uma longa viagem juntos, adoraria morar numa casa de verdade com ele, perguntou se de fato fizera vasectomia, e essas coisas, sendo ditas pela outra pessoa, pareciam de fato a confirmação de algo grande.

Agora que viviam uma situação mais concreta, conseguiu certa vez convencê-la, com uma mensagem de texto, a sair da fraternidade e ir para o dormitório, onde ela tirou a roupa e sentou, como ele, nua diante do computador. “Me conta os detalhes do que vai fazer comigo, logo, quando a gente estiver naquela viagem.” A interpretação literal que Isabelle deu a esse “logo” ficou evidente na tarde do dia seguinte. “Amor”, foi a mensagem de texto dela, “como T reagiu?” *Como T reagiu?* Mas ele não tinha um mês? “Estou esperando o momento certo”, respondeu.

Dias e noites se passaram e novamente alguma coisa mudou na atitude de Isabelle. Antes, ele a vira passar da admiração e desinibição ao sermão e moralismo — e agora ela se tornava rude. Seus e-mails ficaram mais curtos, intervalos maiores transcorriam entre eles. “Quando você vai contar?”, respondeu quando ele perguntou se estava excitada. Às vezes ela o deixava atizado e então o sujeitava ao silêncio por um quarto de hora, uma hora, a noite toda. E como era, no fim, sempre uma frustração, porque ela nunca cooperava de fato — mas também porque ele nunca desistia, viciado como estava nos pequenos envelopes virtuais —, ele começou, por desespero, a explorar a internet. Transtornado pela satisfação postergada, procurava fotos em que podia *ver* de fato o que Isabelle lhe negava. Levou um choque ao descobrir quantas garotas, asiáticas ou de qualquer tipo, ele podia fazer aparecer em sua tela com alguns simples termos de busca. Mas funcionava — e como. Assim que Isabelle ia dormir — sempre de repente e sem aviso —, seu laptop quase derretia com a quantidade de sites pornográficos, os downloads das fotos de vagabundas em todas as posições imagináveis, os pop-ups e links bizarros, portas de entrada para vírus. Às vezes, levava pelo menos quinze minutos para limpar o HD,

após o quê ia fazer o mesmo no banheiro de cima, com a linguíça crua entre as pernas. O alívio era seguido de uma paz melancólica que o deixava dormir pelo resto da noite.

“Não sei se algum dia vou conseguir ver aquela casa por dentro outra vez”, diz Aaron. Ele veste o quimono, as mãos e os antebraços saem pelas mangas como cabos de vassoura, ele trespassa um lado sobre o outro, na frente.

“Não seja pessimista.”

Escutam o ruído suave de chinelos de borracha no corredor. “Meninos?” É Joni. “Pai, Aaron, querem comer? Está na mesa.”

Aaron se agacha e pega a faixa no chão, entre os pés descalços.

“Onde vocês estão?” Os passos dela ecoam quando atravessa o banheiro suavemente ventilado e entra no closet. “Estou incomodando?” Seu rosto não expressa ironia, mas irritação.

“Você nunca incomoda, meu amor”, murmura ele, com doçura exagerada.

“A gente já vai”, diz Aaron.

Ela funga e vai embora sem dizer uma palavra. A última vez que Joni o incomodou foi no final do mês que Isabelle lhe dera de ultimato, quando, após a noite insone, ele estava na reitoria como um cadáver maquiado. Uma coisa extremamente rara aconteceu: sua secretária anunciou Joni. O que ela estava fazendo ali? Ele ainda se lembra de seu ar otimista: a primavera mal pusera a cabeça para fora e Joni já usava um vestido de verão. Sua presença o alegrou, trocaram dois beijos na bochecha e foram sentar numa ponta da mesa de reuniões. Ele parecia cansado, ela disse; meu trabalho me suga, ele respondeu. Ela disse: “Quando a pessoa está apaixonada, tudo é possível”. Ele perguntou: “Como assim?”. “Pai”, continuou ela, “não quero me intrometer na sua vida. Só estou aqui para avisar você.”

“É? Sobre o quê?”

Ela se curvou e tirou uma folha de jornal dobrada da bolsa. Abriu, alisou-a com as mãos e empurrou para o seu lado. Ele

conhecia a foto central muito bem: era ele, nu, na margem do rio. Nunca ia conseguir se livrar daquilo. “Você sabe que foi Aaron que bateu essa foto, não sabe?”, perguntou, só para quebrar o silêncio.

“Tirei da porta do banheiro da minha república. Olha mais de perto.”

Ele já tinha percebido. Mas, ganhando tempo para se controlar, examinou devagar os comentários que as colegas de Joni haviam escrito em sua foto ao longo dos anos. Alguém desenhara um enorme balão com caneta marca-texto, apontando para sua boca aberta, com o texto: “Meninas, Joni está se comportando direito?”. E mais abaixo, sob seus pés descalços sobre a grama, em grandes letras de forma: ERECTOR MAGNIFICUS. “Essa é boa”, murmurou, “só que não entendi essa aqui.” Bateu no círculo vermelho em torno de seu pênis encolhido de frio. “Propriedade de Isabelle Orthel”, dizia a legenda.

“A universidade toda está comentando, pai. Se escrevem uma coisa dessas sobre meu pai na minha casa, no meu banheiro, então pode ter certeza que todo mundo sabe que você está transando com uma caloura.”

“E se for verdade? E daí?” Ocorreu-lhe que ela era quatro anos mais velha do que Isabelle.

“Sua vida não é da minha conta, pai. Mas—”

“Mas o quê? O que você veio fazer aqui, Joni, me passar um sabão?”

“Não. Estou aqui pela mamãe—”

“Ela não está aqui.”

“Não quero que a mamãe leia sobre suas escapadas na porta do meu banheiro.”

Aaron amarrou a faixa em torno da cintura, um nó bem-feito, achatado, e está examinando o lado interno do quimono. “Ouvi dizer que em algumas casas da Vluchtestraat as paredes internas cederam”, diz. “Querem inspecionar uma por uma e verificar o risco de desabamento. Vai demorar mais uma ou duas semanas. É o que estão dizendo no centro de informações.”

Sigerius engole a saliva e tenta pensar em algo amigável para dizer. Antes que possa lhe oferecer palavras de bom-tom e assegurar que Aaron é bem-vindo pelo tempo que for necessário, escutam o toque de um celular.

“É o meu”, disse Sigerius. Ele tirou o Nokia do bolso de sua calça cáqui e verificou o número no visor. Franziu o rosto. “Alô”, disse, seu olhar passeando pelo closet. “Oi, Thom. Não, incômodo nenhum. (...) Horrível, nunca vi nada parecido. Mas Enschede é forte. (...) Isso, isso, estamos bem, Thom, todo mundo bem por aqui. E você? Sei. (...) Pode falar, estou ouvindo.”

Mas Aaron não estava, não no começo. Ele inspecionava o ambiente apertado. De ambos os lados, prateleiras de alumínio de mais de um metro cheias de roupas, à esquerda, ternos e paletós esportivos arrumados por cor, à direita, com o dobro de peças, os vestidos e cafetãs de Tineke. Ele já estava acostumado com isso, era quase impossível conversar com Sigerius por mais de dez minutos seguidos. Em compensação, ainda precisava se acostumar com o que chamava de Sigerius no dia a dia, já que nunca tinham ficado tão próximos antes. Observou que Sigerius era muito na dele, com frequência se retirava para a sala quando todo mundo estava no terraço. Durante as refeições, podia se mostrar positivamente mal-humorado. Talvez o desastre da fábrica tivesse lançado um peso extra sobre a Tubantia, talvez percebesse a tensão entre ele e Joni, embora Aaron achasse muito difícil imaginar que se deixaria afetar por algo tão banal. Só para ter alguma coisa para fazer, levou as mangas do quimono ao nariz, o algodão branco tinha cheiro de frescor, frescor de tempos idos, como que saído direto dos pré-históricos anos 60. Ruska e quem sabe até Geesink o haviam agarrado ou talvez puxado sobre a cabeça de Sigerius durante um treino.

“... parece muito interessante”, escutou dizer Sigerius, que estava virado de lado para ele, com a mão livre cutucando suavemente a ponta de um par de tênis de corrida na prateleira. “Mas vocês não perderam tempo. (...) Sei. (...) Entendo, é. (...) Claro que vou levar em consideração.” Sigerius se virou, seu olhar sombrio, duro, caindo sobre Aaron. Ele sorriu timidamente, mas Sigerius não percebeu. A cabeça de Aaron girava. Estavam se hospedando ali havia uma semana e ainda não conseguira ter uma única noite decente de sono. A estreita cama de hóspedes onde ele e Joni dormiam rangia como se a madeira estivesse se contraindo lentamente, toda noite ele ficava ali deitado, com os nervos em frangalhos, até as cinco da manhã, fazendo o maior esforço para evitar os rangidos e estalos, a maldita cama gemia até quando ele engolia saliva, e, assim que o dia clareava, era ele que se transformava numa tábua rígida e gemebunda.

No começo, achou que fosse ótima ideia, algumas semanas com os sogros. Estava curioso acerca da rotina diária na casa de fazenda da Langekampweg — mas agora percebia como se sentia pouco à vontade. Ainda mais desgastante, se é que era possível, do que a insônia era sua briga com Joni; bem agora que estavam hospedados com os pais dela tinham de pular no pescoço um do outro, nunca haviam se pegado com tanta frequência e tão facilmente antes, por tudo e por nada. Ela ainda parecia irritada com o que acontecera na festa de casamento. E ele por sua vez estava enlouquecido com toda a especulação sobre Boudewijn Stol e seus fantásticos estágios.

E depois, nos últimos dias, havia o tal de Ennio. Como centenas de outros moradores de Enschede, o pobre coitado jazia encolhido num leito hospitalar, ferido, dolorido, queimado, nada bonito de se ver, e ele podia imaginar perfeitamente que para Joni o acidente tinha uma nota “muito pessoal”, mas o que não podia suportar — bom, havia muita coisa que achava insuportável, toda aquela choradeira e funga-funga eram o de menos. O que mais o irritava era se sentir excluído: sempre que entrava na sala ou no terraço para fumar um cigarro, lá estava ela, geralmente na companhia da mãe, com os olhos vermelhos, chorando, numa conversa íntima que

era interrompida assim que ele chegava. Quando perguntava se estava tudo bem, a resposta invariavelmente era “tudo”. Pelo jeito, não era em seu ombro que ela podia chorar quando o assunto envolvia outros homens. Sigerius lhe contara no dia anterior, não para seu desagrado, que Ennio se mudara para a Kievitstraat depois que a esposa o expulsara de casa. Diziam que tinha se envolvido com uma estudante que trabalhava em sua loja.

“Quando você quer uma resposta?”, perguntou Sigerius. “Perfeito. (...) Estritamente confidencial. Entendido. A gente volta a conversar daqui a duas semanas. Combinado. A gente se fala. Tchau, Thom. Até mais.” Sigerius segurou o aparelho na altura dos olhos, observou o visor brevemente e baixou a mão devagar. Encarou Aaron e disse: “Puxa, veja só”.

“Parece feito sob medida”, respondeu.

“Duas semanas”, disse Sigerius.

“Duas semanas?”

“Se ele não tiver saído antes disso.” Sigerius fitou-o com ar pensativo. “Olha, Aaron, consegue guardar um segredo? Bom, claro que consegue. Já escutou metade da história, afinal.”

Sem esperar pela resposta, Sigerius confidenciou (sua voz grave e tranquila parecia um pouco excitada) que quem ligara era Thom de Graaf; havia uma expectativa de que Kruidenier, atual ministro da Educação, seria exonerado no máximo em um mês, ou renunciaria da pasta por conta própria, o que em si não era nenhuma grande bomba: só se falava disso em Haia nas últimas semanas. “Ele queria saber se aceito me candidatar ao cargo.” Normalmente, seu sogro falava devagar, pondo um ponto final quase depois de cada palavra, mas agora as frases brotavam de sua boca como um rio, suas narinas miúdas dilatadas de triunfo. “Pode acontecer já na semana que vem. Ou só daqui a seis meses.”

Sigerius o encarava com expectativa. Aaron vasculhou seu cérebro procurando alguma coisa apropriada para dizer, mas nada veio. Ele ficou mais espantado com a notícia do que Sigerius, aquilo exerceu um efeito físico sobre ele, como se tivesse levado um chute no cóccix. Sigerius, ministro — em algum lugar de seu corpo exausto

um sprinkler começou a espirrar adrenalina. Ele tinha de dizer alguma coisa sobre Kruidenier e seus problemas com o Parlamento, havia lido a respeito, o sujeito fornecera aos deputados informações erradas sobre supostas fraudes no ensino público superior. Mas sua boca estava seca demais para conseguir fazer sair alguma palavra. Olhou para as sapateiras perto do rosto de Sigerius, um borrão escuro no qual sem dúvida a surpresa ou até a incredulidade começava a tomar forma. Fixou seu olhar num par de sapatos de salto alto, preto-foscos, muito gastos.

“Se eu aceitar, é claro”, escutou Sigerius dizer. “De qualquer forma, o partido se cansou de Kruidenier. Pode ser que ele faça a malinha dele e pronto. É pra isso que estão torcendo.”

Aaron começou a ficar muito quente, seu maxilar travou. Aqueles sapatos haviam sofrido sob o peso de Tineke, estavam arruinados. Sigerius fungou. Do corredor veio um grito alto, uma boia salva-vidas. Tineke. “Meninos! Vamos comer sem vocês!”

“Já estamos indo”, exclamou Sigerius. Pôs a mão no ombro algodoado de Aaron e o apertou ao passar por ele. Da porta, disse: “Vou avisar que você está trocando de roupa. E bico fechado, por enquanto”.

Misericordiosamente sozinho, Aaron deixou o quimono cair de seu torso úmido. Tirou as calças de algodão branco e vestiu o rígido jeans novo. Foi para o quarto. Entre os dois criados-mudos cor de cobre, cada um com uma ordenada pilha de livros, havia uma cama de casal de altura incomum, com lençóis e cobertas antiquados. Nenhuma roupa jogada. Ele se enfiou na camiseta polo que Sigerius lhe emprestara e se olhou no espelho de corpo inteiro da porta do closet. Examinou sua cabeça muito quente. No topo do crânio ainda havia uma casquinha, lembrança de seu tombo contra a porta do banheiro.

Atravessando a sala — pesadas cortinas de veludo azul bloqueavam o sol do fim de tarde, o *Het Financieele Dagblad* de Joni

separado em quatro partes sobre o sofá —, ele já podia escutar o ruído de talheres. E abaixo disso a vibração da voz grave de Sigerius.

“... então eu conheço ele um pouco, uma vez resolveu um problema pra mim no Conselho Socioeconômico, faz, deixa eu ver... seis anos? Ele ainda era sócio da McKinsey. Veio fazer uma apresentação, e devo dizer que...”

Aaron parou no meio da sala, bem antes que pudesse ser visto da varanda envidraçada, e se apoiou no espaldar da poltrona giratória. Estavam falando de Boudewijn Stol?

Houve uma pausa na conversa, Sigerius não terminou a frase, talvez houvesse escutado sua aproximação. Suspirando, pôs-se em movimento, contornou as duas enormes samambaias que cobriam a cozinha americana de Tineke e entrou na varanda. “Bom apetite pra todos”, disse. Tineke sorriu para ele. Sigerius serviu-se de um pouco de salada, Janis e Joni continuaram a comer sem erguer o rosto. Ele sentou ao lado de Joni, bem na frente do pai dela. Ela engoliu uma garfada e disse: “Ei, adivinha só”.

“Desisto”, ele disse, tenso. A porta de correr estava aberta, tufos da paina de choupo hesitavam no limiar, ele escutou o velho castanheiro farfalhar com a brisa de maio.

“Enquanto você estava no chuveiro, Boudewijn telefonou, ele perguntou se eu queria fazer meu estágio em Amsterdam.” Ela disse isso sem se alterar, mas traindo uma excitação na voz. Percebeu que ficava quente outra vez, mas agora de ciúme impotente. “Amsterdam?”, perguntou com voz rouca. “Achei que quisesse fazer o estágio lá fora. Por que ia querer ficar fechada num escritório em Amsterdam? Pra mim parece... uma pena.”

Ela sorriu para seus pais através da toalha branca da mesa. “Aaron e Boudewijn Stol não se deram bem.”

“A gente se entendeu perfeitamente”, ele disse.

“Sério?”, perguntou Sigerius com a boca cheia de comida, ignorando a réplica dele. “Eu estava contando agora mesmo que conheço Boudewijn um pouco...” Deu um gole no vinho e continuou:

“Ele é um sujeito agradável, e muito bom no que faz atualmente. Pra mim parece uma oportunidade de ouro, Joon”.

“Pra mim também”, disse Aaron, sem convicção. “Claro. Mas o que estou dizendo é que Joni não devia sacrificar sua aventura no exterior por uma coisa dessas.” Aí estava uma desvantagem de Sigerius: era uma amizade que você queria prezar e às vezes uma pequena voz lá no fundo questionava se com um amigo como aquele você realmente precisava de inimigos.

Sigerius balançou a cabeça, pensativo, mas se sobressaltou com o forte barulho do garfo de Joni. Ela se virou para Aaron, recostou-se na cadeira e o encarou com desprezo. “Ah, olha só o que ele fala agora”, disse, “essa é muito boa. Quando eu falei pra você que queria passar uns meses nos Estados Unidos, você quase começou a chorar. Praticamente agarrou minha perna. E agora isso.”

Um silêncio penoso se seguiu. Ele notou que Janis, que nunca prestava muita atenção nele, o encarava com um sorrisinho desdenhoso. Numa tentativa de recuperar a compostura, pegou a travessa de porcelana com a mão trêmula e serviu alguns croquetes de batata em seu prato.

“Sabem, eu tenho uma história engraçada sobre esse Stol”, disse Sigerius, quebrando o impasse. A notícia de Haia parecia tê-lo deixado animado, ainda que por ora não fosse contar para ninguém. “Depois dessa reunião no Conselho Socioeconômico, ele me deu uma carona para a estação de Utrecht, e vou dizer uma coisa, foi um trauma. Nunca vou me esquecer desse dia.”

“Que tipo de carro ele tinha?”, perguntou Joni.

“Um esportivo qualquer. Uma BMW, eu acho.”

“Então, o que aconteceu?”, quis saber Janis.

Sigerius pousou os antebraços grossos e peludos na mesa e começou a lhes contar, numa voz relaxada, que ele e Stol estavam na A12, saindo de Haia, quando foram ultrapassados perigosamente por um Golf com um casal dentro do carro. Seu coração quase saiu pela boca, no banco do passageiro, e Stol também levou um susto daqueles: freando, ele meteu a mão na buzina. O Golf não gostou nem um pouco. Ao diminuir para emparelhar com a BMW, o vidro do

lado do passageiro foi abaixado, uma loira oxigenada pôs metade do corpo para fora e atirou um saco de batatas fritas no para-brisa de Stol. "Vocês acreditam nisso?", disse Sigerius. "A gente parou no acostamento e ficou uns quinze minutos limpando maionese, curry e cebolas do para-brisa. Qual é o problema com esse povo do Randstad?"

Janis riu. Joni disse: "Esse Bo é bem o tipo capaz de sair por aí numa perseguição de carros".

"Bo?", perguntou Tineke.

"Boudewijn", explicou ela. "Ele disse que era para chamá-lo de Bo."

Aaron achou que estivesse enlouquecendo. Pela segunda vez em uma semana ia parar nas cordas graças ao babaca do Stol e, à parte o fato de já estar de saco cheio, percebeu o que vinha pela frente: Joni estava louca para fornecer a seus pais um relato detalhado de seu comportamento durante o jantar de Vaessen. Ela mal conseguia se segurar. A seus olhos, ele fizera um papelão, se comportara como um grosso, e embora ele tivesse uma opinião diferente sobre a questão, estimava que suas chances de vencer a disputa ali na mesa de jantar eram mínimas. Quando escutou Sigerius dizer que, na sua opinião, "esse tipo de escória" merecia ser tratada com mão firme, outra história anedótica lhe veio à mente, uma situação parecida envolvendo seu irmão, e, sem que se desse conta, ele interrompeu a conversa. Chega desse Bo. Basta. Já deu.

"Ah, eu também tenho uma para contar", começou, e esperou até que os quatro olhassem para ele. "Faz um tempo, quando eu ainda estudava holandês, eu estava sentado no meu táxi um fim de semana em Venlo..."

"Você foi motorista de táxi?", perguntou Joni.

"Por um tempo", mentiu ele, agora com mais confiança na voz. "Por um ano ou qualquer coisa assim."

Na verdade, foi o seu irmão dois anos mais velho, Sebastiaan, que durante anos dirigiu uma minivan aos sábados em Venlo. Mas na sua versão era ele que naquela tarde ia para Tegelen, cidadezinha à beira do Meuse, ao sul de Venlo, numa rua de mão

dupla, e um pouco antes da saída do hospital um Ford Escort vermelho com aerofólio preto quase pegou sua lateral. O carro o fechou quando o sinal ia ficar vermelho, os pneus cantando na frente da minivan em direção à rampa do Sint-Maartens. “Ele não acertou meu para-choque dianteiro por muito pouco”, disse, “então eu buzinei e pus o braço para fora.”

Era aí que sua história tinha um ponto em comum com a de Sigerius e ele viu que pelo menos tinha ganhado a atenção deles, até de Joni. Tineke pediu a Janis para lhe passar a tigela de couve-flor. “Aí, enquanto eu fico ali parado no sinal vermelho”, continuou, “o Escort, em vez de entrar no estacionamento do hospital, faz a volta e para na lateral da rua. A porta abre e um cara que devia ter uns trinta e poucos anos desce do carro. Ele joga fora a bituca do cigarro e vem na direção da minivan. Dá pra ver na mesma hora que é um marginal. Ele veio andando, uns vinte metros, o tempo todo com a cabeça meio pra trás, o queixo empinado, apontando na minha direção. Olhando feio pra mim, a língua entre o lábio e os dentes de baixo. Dava para ver bem a língua dele, grossa, nojenta, cheia de sapinho. O cabelo preto ensebado, jaqueta de camurça, calça de treino vermelha brilhante, Kappa, vocês sabem, do tipo que os jogadores do Milan costumavam usar, o Gullit, o Van Basten.”

“E o Rijkaard”, disse Janis.

“E o Rijkaard”, confirmou ele. A história estava gravada a ferro e fogo em sua memória, ele a escutara da boca de Sebastiaan pelo menos três vezes, vamos lá, conta de novo, e ele mesmo a recontara em tantas ocasiões que podia repeti-la até dormindo. “Daí esse cara”, continuou, mais autoconfiante do que nunca, “ele estava usando uns tamancos de couro preto e meias brancas. Era bem o estilão da ciganada lá em Venlo, eu percebi na hora que o cara era barra-pesada. Ralé da pior espécie.” Ele lhes contou que, com a temperatura amena do fim do verão, a janela do passageiro estava aberta. Ocorreu-lhe que seria prudente fechá-la, porque o tempo também ia fechar. “Daí eu apertei o botão. Mas o vidro subiu muito devagar. Antes que desse para fechar tudo, o cara segura a parte de cima da janela com os dedos e dá uma catarrada no vidro, uma

gosma verde. Ele se pendura ali com o peso todo do corpo. A gente fica se encarando, sem desgrudar o olho, eu com meu dedo no botão. Ele fala: 'E agora? E agora?'. Os dedos ficam presos um segundo, mas daí ele abaixa a janela bem devagar, puxando com toda a força." Aaron fez a demonstração disso com as duas mãos, seu rosto contorcido numa careta malévola. "Plec, o motor do vidro já era. O cara enfia metade do corpo no carro e me segura pela gravata."

"Mas que monstro", disse Tineke, ainda ocupada enchendo seu prato e, de resto, bem pouco interessada. Sigerius prestava muita atenção, o importante era isso. "Monstro?", disse ele, sorrindo. "Mas ainda não aconteceu nada."

"Não banca o machão, pai", disse Janis, "se fosse com você, ia estar mijando nas calças."

"Ia estar mijando nas calças dele", respondeu seu pai. Aaron observou Sigerius, sentindo uma satisfação por dentro. Não o vira desse jeito durante a semana toda, livre por um momento daquele ar sério e irritável. Seu instinto de lutador viera à tona: uma vez em cima, aja rápido — totalmente atípico para sua idade e posição. Janis abana a cabeça de cabelos curtos com ar de sarcasmo.

"Daí, então, o que é que o cara faz? Ele enrola minha gravata em volta do punho e puxa", continuou ele. "Agora vai quebrar meus dentes, pensei. Me imaginei cambaleando para o pronto-socorro. Mas ele não faz nada. Grita uma coisa feia e fica com o punho pressionando minha garganta. Depois recua pela janela, volta para o carro dele e vai para o estacionamento." Ele ficou impressionado com sua desinibida escolha de palavras, sentiu-se mil vezes melhor do que dez minutos antes.

"Então, o que foi que ele falou pra você?" Sigerius segurava a molheira de porcelana no ar, cinco centímetros acima do damasco, como um galeão fantasma. Ficou encarando Aaron, e traçava círculos com a língua do lado interno de suas bochechas hirsutas e grisalhas.

"Nem precisa dizer", falou Joni. "Prefiro não saber."

Aaron olhou de esguelha para ela, um verniz de desprezo cobria seu rosto. Talvez os outros imaginassem que a cara feia fosse dirigida ao seu pai. Negativo. A vaca da família estava com vergonha dele, com vergonha de sua cara-metade, estava preocupada com o show que poderia dar dessa vez. Em teoria, uma semana como essa era uma oportunidade perfeita para ela mostrar a seus pais o casal encantador que eles eram. Normalmente, isso era algo em que se saía muito bem: bancar a santa para a mamãe e o papai, fingir que não tinham nada a esconder. Normalmente, ela até gostava do fingimento, do teatro, das falsidades descaradas. Mas agora não. Agora estava entrincheirada no aconchego familiar, ela o observava pelo olhar de seus pais, e o que via era um tonto ciumento que perambulava à noite como um zumbi pela casa onde ela crescera.

“Mas conta assim mesmo”, disse Sigerius.

De uma maneira estranha, hiperconsciente, Aaron sabia que extraía o melhor de sua exaustão: o efeito dos temazepam que tomara na noite anterior passara, ele se sentia lúcido. “Primeiro ele cuspiu em mim, outra catarrada daquelas, dessa vez na minha orelha. Ele grita: CARECA BOCETUDO!, com toda a força. Tinha uns ciclistas parados no sinal vermelho, eles levam um susto, olham pra trás. Depois viram pra frente como se não tivesse acontecido nada.”

“Eu avisei”, disse Joni. Sigerius abanou a cabeça e fungou.

“E de repente, com três carros buzinando atrás de mim, eu fico puto. Furioso. Não porque ele me chamou daquilo, ou por causa daquela cusparada verde na minha cabeça, não, nada disso — bom, por isso também. Mas foi mais por causa da minha janela. Aquele troglodita quebrou minha janela.” Sua privação de sono lhe permitia ser Sebastiaan. “Eu pensei como ia ser quando precisasse encarar De Zwart, meu chefe. Esse também não era flor que se cheire. Eu podia dar adeus às minhas horas extras, De Zwart era assim. ‘Vou descontar do seu pagamento, Bever.’ De Zwart não pergunta se está tudo bem com você, De Zwart tira do seu salário. Droga, pensei. Então eu paro a minivan do lado do Escort e vou para o hospital.”

O rosto de Sigerius se abre num sorriso conspiratório, o barco de molho aterrissa em segurança, finalmente, e com a mão agora

livre ele esfrega sua deformada orelha de tolerância zero. “Daí você foi atrás do cara”, diz. “Aí sim.”

O sol de fim de tarde aquecia o ambiente envidraçado onde comiam, iluminava seus rostos, lançava reflexos laranja-avermelhados na toalha de mesa, e Aaron descrevia, continuando com aquele ar de quem pensava em voz alta, como o hospital tinha um balcão de recepção comprido e baixo à direita e, à esquerda, um restaurante com o self-service lotado. “Não consegui ver o cara em lugar nenhum. Na recepção não estava, podia ser que tivesse entrado pelo corredor central. Bem na hora que eu ia perguntar para onde tinha ido um sujeito usando agasalho de treino vermelho, vi o babaca.”

“Era isso que você tinha dito: agasalho de treino vermelho?”, quis saber Sigerius.

“Claro que não.” Joni.

Sem olhar para ela, Aaron fez um gesto de silêncio com a mão esquerda. “Lá está ele, com aqueles tamancos, as costas anabolizadas viradas pra mim, na fila dos esfomeados, andando devagar com a bandeja na mão, olhando pra comida. Eu vou até lá, na bandeja dele tem duas garrafas de meio litro de Heineken. Três enroladinhos de carne com linguiça quase caindo de um prato pequeno. Eu sinto um cheiro de suor e mijo. Dou um tapinha no ombro dele, ele vira pra mim, é bem mais baixo do que eu, e me olha como se nunca tivesse me visto antes. Eu falo: ‘Cara, você quebrou a janela do meu carro. Como a gente vai resolver isso?’. Até os cravos na testa dele parecem levar um susto. ‘Eu?’, ele diz, ‘do que você tá falando?’ ‘Lá fora, agora há pouco’, eu digo, ‘você é o dono do Escort vermelho.’ ‘Está falando com o cara errado’, ele diz, ‘não te conheço, só vim ver minha mãezinha doente.’”

“Ele disse ‘mãezinha doente?’” Sigerius abriu muito a boca, estreitou os olhos, duas pequenas fendas — e riu sem emitir som.

“Você não ficou com medo?”, perguntou Janis. “Podia ter voltado para o trabalho e acionado o seguro.” O que era mais ou menos o que Aaron sugerira para seu irmão na época. Ele ficara fascinado, mas também apreensivo, com um medo por tabela.

Sigerius: "Ele podia ter voltado choramingando para sua minivan. Podia ter gritado 'socorro'. Mas algumas pessoas decidem agir quando é o momento". Por trás de seu rosto sombrio, hirsuto, um rosto que não combinava com um reitor de universidade, porque nada tinha de solene, que não combinava com um laureado com a medalha Fields, porque a abnegação do gênio não transparecia ali, e muito menos combinava com um ministro da Educação, aconteceu uma transformação — Sigerius se transformou no homem para quem, em um passado distante, aquela cabeça sensual, rústica, fora planejada. Um homem que era capaz de agir impulsivamente, mostrar pavio curto, que certa vez recordara, com grande prazer, um incidente ocorrido na cantina de uma piscina nos Estados Unidos, quando esperava sentado do lado de cá da parede de vidro temperado enquanto Joni e Janis faziam sua aula de natação. Ele queria uma xícara de café e fez três tentativas educadas de chamar a atenção do rapaz na outra ponta do balcão, que jogava conversa fora com duas mães de alunos. Sigerius não era do tipo que, numa circunstância dessas, tentaria uma quarta vez, então ele se debruça sobre o balcão, pega um pano de prato amarelo e encharcado na pia e atira numa perfeita parábola na orelha do atendente: um café, por favor.

"Um pouco", disse ele para Janis. "Mas continuando, eu falei para aquele cigano, porque isso é o que ele era, não tem dúvida, um vagabundo, daí eu digo: 'Ah, sei, você estava agora mesmo lá fora, perto do meu táxi. Você quebrou minha janela'. O cara olha em volta e diz: 'Eu quero almoçar. Então não enche. Vou sentar e comer minha comida em paz', e desliza a bandeja um pouco mais. Sempre naquele dialeto horrível de Venlo. Gíria de cigano."

"E não podia ser diferente", disse Joni secamente. "Eles inventaram a gíria, eles falam."

Aaron chegara à parte heroica da história. Não só se apropriara do heroísmo de seu irmão, como também o aumentara um pouco. "Eu abaixo perto daquele pescoço suado", disse, "e sussurro no ouvido dele: 'Você vai pagar o prejuízo'. O cara vira pra mim. 'Sabe com quem tá falando, seu filho da puta?', ele grita. Muito alto. A

lancheonete toda fica no maior silêncio. 'Manus Pitte' — outra vez como se tivesse engolido um megafone. Aí eu saquei. Pitte, essa é uma família conhecidíssima em Venlo, e não é pelo cheiro agradável da comida que eles fazem. É uma turma de bandidos, metade está em cana — agressão, drogas, prostituição."

"A gente sabe exatamente o que você quer dizer." Sigerius.

"Fale por você." Joni.

"Joni também sabe exatamente o que você quer dizer."

A cadeira de Tineke rangeu. Aaron olhou para ela. Estava recostada e o observava com um olhar frio e distante.

"Antes que eu consiga responder, o tal do Pitte empurra a bandeja pro lado, uma das garrafas de meio litro cai no chão, páá, é vidro por toda parte."

"Cerveja num hospital?" Joni.

"Reclama com o atendimento ao consumidor. Pitte se inclina uns sessenta graus, não pra frente, mas de lado, dobrando a cintura, porque apesar de toda aquela dieta de enroladinho com carne o cara é puro músculo, e com esse movimento de ginasta — ele só ficou nessa posição por um segundo, mas nunca vou esquecer —, ele agarra a perna da minha calça com uma das mãos, acima do joelho, e minha jaqueta de motorista com a outra. Daí começa a me arrastar na direção da porta. 'Lá fora', ele grita, 'lá fora. Vou moer tua fuça.' Ele ficou berrando isso no saguão, quieto como um cemitério. 'Lá fora. Vou moer tua fuça.'"

"Vou quebrar sua cara." Joni Sigerius, tradutora-intérprete, vinte e cinco anos, solteira.

"Você falou agora há pouco que reconhece uma escória na mesma hora", disse Sigerius. "Eu também, tanto faz se estou em Rotterdam ou em Shanghai. Sempre percebo. Pode ser africano, russo, asiático, não faz diferença — sempre dá pra ver. Mas como pode ser? Mesmo se o cara estiver pelado eu consigo perceber. E você?"

"Acho que nunca vi um tipo desses pelado."

Sigerius sorriu. "Eu já. Durante quase um ano, todo dia."

“Siem.” Tineke. Ela raramente o chamava pelo primeiro nome. Sigerius agitou a mão direita no ar, como se batesse nas costas de alguém. “Não se meta”, disse.

Joni levantou da mesa. “Preciso ir no banheiro. Eu acho. Não aguento isso.”

Mais tarde, vendo em retrospecto, após o desfecho desastroso, ele identificou o momento crítico. Lembrava claramente que Sigerius não prestou atenção, que ignorou completamente a filha mais velha. Que em vez disso pegou seu guardanapo, tirou o anel cor de cobre e o bateu com força na mesa, entre ele e Aaron. Sua boca assumira uma expressão peremptória, seu olhar era sombrio e fanático. “Imagine esse Pitte pelado”, disse. “Você perceberia, nesse caso?”

Ele respondeu que achava que sim, que lhe parecia uma coisa inata. “Pode crer. No olhar. Eles têm um olhar que é estúpido e agressivo ao mesmo tempo. Não... inteligente e estúpido. Isso é possível?”

“O olhar tem a ver também com a criação da pessoa”, disse Sigerius. “Concorda, Aaron? A gente chegou nisso um século depois de Lombroso. Qual é a proporção misturada, essa é a questão. Natureza e cultura. A gente pode corrigir um criminoso nato, pôr no trilho certo.”

Joni voltou com surpreendente rapidez; era difícil acreditar que fora de fato ao banheiro. Parecia mais provável que ficara escutando atrás das samambaias. “Não você, pelo menos”, disse ela ao passar pelas costas de Aaron, a caminho de sua cadeira.

Ãhn? Será que ele escutara direito? Isso era uma agressão direta, ainda que não soubesse qual era o alvo do ataque, nem por quê. Mas uma patada dessas. De onde viera aquilo? Será que deixara de perceber alguma coisa? Porém, mais surpreendente do que o desprezo de Joni foi a reação de Sigerius, a saber, nenhuma. Seu rosto concentrado estremeceu muito ligeiramente, um espasmo quase imperceptível. Ele pousou a faca e o garfo, uma prataria pesada, e limpou a boca com o dorso da mão peluda.

“Aaron, quero que conte para Joni, da forma mais precisa possível, o que aconteceu. Não deixe nenhum detalhe de fora.

Quero que conte pra gente como foi que você deu uma lição naquele vagabundo.”

Não. Claro que Aaron Bever não dera uma lição em Manus Pitte, ele nunca conhecera o tal do Manus Pitte, nunca o vira mais gordo — quase já se esquecera disso. E caso Pitte tivesse mesmo estacionado seu Escort na beira da rua para dar um soco na boca de Aaron Bever, então Aaron Bever não teria hesitado um segundo para picar sua mula — ele teria queimado o chão antes que aquele tosco, brutamontes, boçal sequer chegasse perto de sua minivan. Descer do carro e sair na mão? Ele não teria chance, assim como seu irmão não teve chance. Se Pitte arrastara Bastiaan pela porta giratória, ele teria quebrado todos os seus dentes e o achatado como um tubo de pasta de dentes. De volta a seu acampamento, Pitte teria então usado crina de cavalo e jornais velhos como enchimento e o pendurado na traseira do trailer de madeira, entre o aparelho de caraoquê e o cão pastor empalhado do vovô.

“Por sorte não chegou a tanto”, disse. “Ele me arrastou até a porta giratória, eu tentei segurar no puxador, mas de repente ele me soltou. Nós dois caímos de costas. É que nessa hora Pitte levou um choque com alguma coisa que ele viu. E quando eu vi, eu também levei um choque. Mas Pitte ficou mais assustado, o cara quase se cagou de medo. Pela porta giratória veio um homem, provavelmente estava fazendo algum tratamento no hospital, ou quem sabe tinha ido lá pra marcar a eutanásia. Doía só de olhar. Pitte e eu, os dois esparramados no chão, agarrando o colarinho um do outro, a gente olhou de repente, a gente viu o cara de repente. Nós dois vimos um monstro. O Homem Elefante. Não eram queimaduras que ele tinha, era alguma outra coisa, uma paisagem alienígena, o lado escuro da lua, e naquela massa de carne só um olho olhava pra gente, o outro estava coberto com um tipo de excrescência nojenta, um tumor mole, uma mixórdia verrugenta de furúnculo...”

Joni cuspiu no prato. Pôs para fora uma bola de carne. “Aaron, dá um tempo.”

“Dá um tempo *você.*” Sigerius. “Continua.”

Aaron tomou um gole de vinho. “Bom, certo, nosso herói acaba ficando de pé e começa a voltar para o hospital. O mais estranho é que ele vai buscar a bandeja com os enroladinhos que ele não pagou e depois entra pelo corredor, olhando para trás umas duas vezes.”

“E você?”

“Fui atrás dele, claro.”

A descrição que Aaron fez da perseguição, subindo e descendo escadas, entrando e saindo dos elevadores, provocou uma avalanche de risadas. Com o celular grudado na orelha (essa parte sobre o celular foi um improviso do momento, ninguém na mesa se deu conta de que o aparelho ainda não existia na época, na realidade seu irmão pedira aos funcionários do hospital que ligassem para a polícia), ele correu atrás do outro: uma caçada humana. “Pitte largou a bandeja na frente do elevador.” Sigerius ficou roxo e jogou a cabeça para trás de tanto rir quando Aaron lhe contou que se serviu de um enroladinho.

“Quer dizer que você comeu um pedaço do enroladinho dele?” Essas últimas palavras vieram acompanhadas de uma gargalhada estrangulada que brotou das profundezas da garganta de Sigerius, como uma erupção de magma. Mas as mulheres à mesa não fizeram coro à cena de hilaridade. O rosto furioso de Joni ia de Aaron para os olhos lacrimejantes de seu pai, e Janis passava um croquete frio no molho com seu garfo.

“Cristo Jesus”, murmurou Tineke. Ela se levantou e foi para a cozinha com a travessa Wedgwood vazia na mão. Podiam escutá-la em seguida dando uma forte sacudida no cesto de fritura. Sigerius empurrou a cadeira para trás, ainda rindo convulsivamente, as duas mãos na barriga, que estufava sua camisa polo como um vento noroeste.

“Pai”, disse Joni. “Será que dá pra parar.” O pescoço dela estava coberto com manchas vermelhas, descendo pelo gracioso decote em V de sua blusa. Mas Sigerius pareceu não escutar, continuava se rasgando de rir, e Aaron percebeu que sua sensação de triunfo

começava a se desvanecer. Tinha alguma coisa acontecendo ali da qual ele não fazia parte. Tineke voltou à varanda envidraçada com sua travessa de croquetes de batata crepitando e olhou para o marido. Seu rosto túrgido, emoldurado por cachos loiro-acinzentados, parecia carecer de expressão, como tantas vezes é o caso com gente obesa. Talvez fosse por isso que o ruído da travessa sendo depositada sobre a mesa veio como um choque. “Siem — Chega!”

Silêncio.

Sigerius olhou para ela, triste e calado. Seu rosto se transformara na mesma hora em um depósito abandonado.

“Conta pra eles a verdade, então, em vez de continuar rindo como besta.”

“A verdade?”

“Siem. Não se faça de bobo. Vamos lá, sabe-tudo, conta pra eles.”

“Gente”, tentou apaziguar Janis.

Sua mãe não escutou. “Se você for homem de verdade, Siem Sigerius, então vai contar pra eles quem foi que ligou aqui no sábado passado. Que marginal.”

“Tien, me poupe disso. Poupe todo mundo disso. O que o sábado tem a ver com esse negócio? Pelo amor de Deus.”

“Muita coisa. Tudo. E você sabe perfeitamente. Conta pra eles. Ou conto eu.”

Sigerius não moveu um músculo. Porém, em seu crânio de reitor, sob o cabelo rente ligeiramente grisalho, houve um pequeno espasmo. Um músculo invisível, inquieto. “Você está estragando o dia de todo mundo”, disse, “e sabe muito bem disso.”

“Então eu vou contar.” Ela olhou do outro lado da mesa para Joni e Janis. “Queridas”, disse, “não é para ficarem alarmadas. Wilbert ligou. Nosso marginal telefonou. Sábado à noite, perguntando principalmente de vocês duas. Wilbert Sigerius. Ele queria saber se vocês tinham escapado do desastre.”

Ele estava com frio. Ficara tão entretido consigo mesmo — desfiando sua lorota, acompanhando as reações de Sigerius, vingando-se de Joni e seus namoradinhos — que não percebeu o que acabara de acontecer. Não conseguia atinar com o significado daquilo tudo. Aparentemente, ele não ocupava o centro de seu próprio espetáculo, mas desempenhara seu monólogo de canastrão enquanto a peça principal se desenrolava não no palco, mas na primeira fileira. Havia tantas coisas que não entendia: por que ninguém ficou aliviado de ver a formidável mudança no humor de Sigerius, por que Tineke mencionou o telefonema quando seu marido se mostrou tão determinado contra isso, por que a troca de farpas entre Joni e Sigerius? E, o pior de tudo: como podia ter deixado de perceber que o caso não tinha a ver com Manus Pitte, mas na verdade com Wilbert Sigerius?

Logo ele, que achava saber uma ou duas coisinhas a respeito do delinquente da marreta de IJmuiden e da família sobre a qual lançava sua sombra ameaçadora. Desde aquela noite, muito tempo antes, na cantina do centro esportivo, quando Sigerius o pôs a par do currículo do marginal da família, a história se tornara seu projeto pessoal de pesquisa. Ela o fascinava. Começara por Joni, usando todo o tato de que foi capaz para bombardeá-la com perguntas: o que sabia de fato sobre Wilbert, à parte os fragmentos de informação que lhe passara? Não muito, aparentemente. Menos do que aquilo que seu pai já lhe confiara. Sim, estava preso, até aí ela sabia, mas não tinha os detalhes. Claramente não gostava de falar a respeito, na verdade ninguém naquela família gostava, preferiam morder a língua a mencionar o parente caído em desgraça. Quando percebeu isso, empenhou-se em descobrir as coisas por si mesmo. Certa manhã, pedalou até a biblioteca pública da Pijpenstraat e pesquisou a cobertura do caso de Wilbert nos jornais arquivados. A sentença fora proferida em 1993, Sigerius lhe contara, no tribunal de Haarlem. Era só o que sabia. Mas ele tinha tempo. Como a biblioteca de Enschede não possuía exemplares antigos do *Haarlemse Dagblad*, ele se acomodou na mesa de leitura oval próxima às máquinas de café e examinou, sem sucesso, todos

os exemplares do *Parool* de Amsterdam a partir de 1993, após o que pediu que lhe trouxessem uma pilha do *Telegraaf* do depósito, e com mil diabos: quando estava perdendo as esperanças, seus olhos caíram sobre uma pequena chamada. Dentro do caderno ele encontrou uma reportagem extensa, blocos e blocos de texto contendo detalhes que iriam ocupar seus pensamentos pelo resto do dia.

Wilbert S. se apresentou perante o tribunal em 16 de novembro de 1993 por agredir com uma marreta de quatro quilos, num acesso de fúria, um certo Barry Harselaar, cinquenta e dois anos, gerente de produção da siderúrgica Hoogovens, que perdeu a vida. Graças à mediação prévia do Departamento de Reabilitação do Norte da Holanda, leu Aaron, o "criminoso reincidente S." cumpria o turno da manhã como auxiliar de serviços diversos no prédio da siderúrgica onde ficava o laminador de bobina a quente número 2. As coisas correram bem por algumas semanas, até seu chefe, o supracitado Harselaar, descobrir que Wilbert S., que cumprira pena anteriormente por assédio sexual, andava avançando sobre uma funcionária de quarenta e um anos da cantina. Depois de a mulher ter se queixado com Harselaar de que ele "apalpara seu seio", o chefe decidiu "ensinar uma lição" ao novato. Segundo duas testemunhas, Harselaar estava apoiado em um malho próximo a um tambor de ferro com cerca de um metro de altura quando chamou Wilbert S. "Olha, rapaz, meu maço de Brandaris caiu ali dentro. Você com esses seus dedos compridos talvez consiga alcançar." Quando Wilbert S. se curvou sobre o tambor, a cintura dobrada na borda, Harselaar pegou o malho e desferiu uma forte marretada na lateral. "Isso vai ensinar você a manter as patas sujas longe das funcionárias." O que Harselaar não sabia era que Wilbert S. já aprendera suas lições antes: treinamento em controle da agressividade para indivíduos violentos, oferecido pelo Departamento de Reabilitação da Holanda. "Você tem pavio curto", leu Aaron no site da comissão, "mas não sabe de onde vem? A prevenção da agressividade começa por encontrar as causas. O autocontrole leva à paz interior."

“S.” saiu do tambor, seus ouvidos zunindo, e com um urro partiu para cima do chefe, agarrando-o pela garganta. Segundo testemunhas, após uma rápida briga, ele se apoderou do malho, ergueu-o acima da cabeça e o desceu, com um ruído de ossos partidos, entre o pescoço e o ombro esquerdo de Harselaar, que desabou com um gemido. Foi impossível intervir. Uma das duas testemunhas, Ronald de H., de vinte e um anos, tentou se aproximar, foi atingido e ganhou uma bacia quebrada. O que se passou nos trinta segundos seguintes deve ter sido traumático para quem presenciou. Wilbert S. continuou a golpear Harselaar com a ferramenta, gritando “filho da puta”, mais ou menos quinze vezes, até o homem ter se transformado numa massa sanguinolenta de carne e sangue. A autópsia determinou que o corpo de Harselaar apresentava pelo menos vinte e seis ossos fraturados. A única coisa que continuou inteira foi seu cartão de doador de órgãos.

Tendo extravasado sua fúria, Wilbert S. arremessou a marreta contra uma parede e saiu correndo pelos seiscentos metros da seção de laminadores, pegando uma saída de emergência e fugindo da siderúrgica. Uma hora e meia mais tarde, foi detido em um depósito atrás de um dos fornos de coque.

Como S. era reincidente, fora condenado duas vezes antes por violência pública, não se tratava de autodefesa nem de provocação injustificada da vítima, e considerando a brutalidade do crime, a promotoria de Haarlem exigiu dez anos de prisão mais tratamento psiquiátrico obrigatório. Embora o juiz partilhasse da repulsa do promotor contra o “furor descontrolado de S.”, seu veredicto foi oito anos de prisão menos os quatro meses de detenção preventiva já cumpridos. Tratamento psiquiátrico obrigatório estava fora de questão, pois S., segundo os psiquiatras do Pieter Baan Centrum, era inteiramente responsável por seus atos.

Na noite após sua visita à biblioteca, Joni foi jantar em sua casa na Vluchtestraat, e quando ele lhe contou o que descobrira, os dois lavando a louça na pia, ela começou a chorar. Era a primeira vez que ele a via chorando e, embora sentisse uma ternura natural, ainda assim achou difícil compreender sua reação. Começou a fazer

perguntas, as perguntas erradas. “Você está chorando por causa do gerente que ele matou?” “Não, eu não conhecia o homem.” “Está chorando de vergonha?” “Não, claro que não. Por que eu sentiria vergonha?” “Por causa dos detalhes escabrosos, por exemplo. Foi tão horrível.” “Não!”, gemeu ela, “é, isso também, estou chorando por causa de tudo, sabe? E não foi premeditado, foi homicídio culposo. Só fiquei triste por ele, pela falta de sorte dele. Apesar de tudo, eu ainda sinto pena dele. É tão absurdo assim?”

É, ele pensou, é absurdo. Chorar por um menino que entrou no seu quarto com uma bota cheia de areia para jogar na sua cara e vinte anos depois massacrou um homem adulto até transformá-lo numa polpa vermelha. É bem estranho.

As coisas ficaram ainda mais esquisitas à mesa do jantar. Aconteceu o seguinte. Depois de Tineke informar às filhas que Wilbert perguntara sobre o bem-estar delas, Janis foi a primeira a conseguir falar. Limpando a garganta, perguntou com voz atipicamente doce se Wilbert ligara da prisão. Não, respondeu Tineke, ele está em liberdade.

“Foi por isso que Wijn apareceu lá na recepção?”, perguntou Joni de forma brusca, desconfiada.

Os doutores *honoris causa* — Aaron soube na mesma hora do que ela estava falando. (“Não pode ser”, ela dissera quando um homem alto e malvestido com rosto amassado entrou no saguão do teatro. “Está vendo o peão de obra com roupa de domingo”, sussurrou para ele, “aquele com cabelo estilo Schwarzenegger, grisalho? É Menno Wijn.” Ela ficou só nisso. Então esse é o titio querido de Wilbert, ele pensou com seus botões.)

“Para contar pra gente que Wilbert tinha sido solto”, disse Tineke.

“E por que eu só fiquei sabendo disso agora?”, perguntou Joni. Soou incrivelmente insolente.

“A cidade explodiu”, disse Sigerius. “Talvez isso seja mais importante.” Ele sentava um pouco de lado, olhando para fora, apenas a mão direita pousada sobre a mesa, o polegar e o indicador mexendo em um anel de guardanapo.

“Mãe”, disse Joni, “repete pra mim exatamente o que Wilbert disse.” Ela segurava o tampo com as duas mãos. Fosse para contrariar o marido, fosse porque estava com medo de que Joni pudesse virar a mesa, Tineke fez como Joni pediu. Fora uma conversa breve, seca. “As duas estão vivas?” — “Sim, estão” — e terminou por aí.

“Onde ele mora?”, perguntou Joni.

“Nos Estados Unidos”, disse Sigerius sem se virar.

“Como você sabe disso?”, perguntou Tineke. Todos os quatro olharam para a traseira de sua cabeça taciturna, as orelhas de Sigerius pareciam dois cotos de mãos amputadas por fogos de artifício.

“Não sei de nada”, ele disse. “Só estou desejando em voz alta.”

“Como ele está?”, perguntou Joni.

Tineke lhe disse que perguntara a Wilbert exatamente isso, no último minuto, quando já haviam encerrado a conversa — e ele voltara a encostar o fone na boca e respondera em um tom sarcástico que também continuava vivo — e foi isso. Só então Sigerius se virou para eles. “Que pena”, disse, o rosto ainda ruborizado das risadas que dera. “Teria nos poupado um bocado de dor de cabeça. Wilbert ligando pra dizer que tinha morrido.”

Aaron foi o único que riu, de constrangimento. Janis e sua mãe ficaram em silêncio. Joni olhou para seu pai por um segundo, a boca tremendo. Ela ficou de pé, pegou a travessa de croquetes de batata com as duas mãos, girou o tronco em quarenta e cinco graus (“*Joni, o que você está fazendo!*”, berrou Tineke) e, com um gemido agudo, jogou-a no chão, fazendo a travessa em pedaços. O barulho foi inacreditável. Janis gritou. Os cacos deslizaram pelo chão, os croquetes rebateram nos rodapés e depois giraram em pequenos círculos. Sigerius continuou imóvel como um surdo-mudo.

“Que coisa horrível de se dizer.” Mesmo gritando ela pareceu contida. Começou a chorar, pequenas fungadas curtas, depois mais para soluços raivosos. Os quatro ficaram olhando para ela, o modo como parou ali com os ombros sacudindo, os olhos furiosos fuzilando seu pai.

“Seu *covarde*. Você é tão falso.”

Que Sigerius não se manifestasse com a cena foi algo que Aaron tampouco compreendeu. O homem que pelo que ele ouvira estava prestes a se tornar ministro da Educação, o homem que gerenciava uma equipe de doze insuportáveis chefes de departamento. Era como se estivesse chorando, pouco antes, não rindo.

“Vai pro inferno”, gritou Joni. Ela virou e saiu da varanda, agora dando plena vazão às lágrimas. Escutaram o som de seus chinelos de borracha quando atravessou a sala, passou pelo vestíbulo e subiu furiosamente a escada. No andar de cima uma porta bateu.

Os sons do jardim, o farfalhar dos choupos, invadiam a varanda. Sigerius esfregou o queixo hirsuto com a mão. “É.” E então, como ninguém disse nada, casualmente, muito casualmente: “Quem devia ter ficado nos Estados Unidos é a gente. A gente nunca devia ter voltado. Nunca. Quem dera tivesse continuado em Berkeley. Concorda, Tien?”.

Então de volta à *fecking* Dallas, no fim das contas. Víctor Sotomayor pôs inúmeros empecilhos na garantia do banco, vetou o tabelião que Rusty e eu havíamos sugerido, e uma boa parte daqueles milhões teve de ser canalizada por meio de um banco em Havana para uma empresa particular em Amsterdam. Em resumo: uma pentelhação e um pelo em ovo sem fim que engolimos só por medo de que o Quartel ainda pudesse escapar por nossos dedos. De modo que lá estava eu a caminho de Dallas outra vez, não tinha escapatória. Pouco antes de sair de meu apartamento no Sunset Boulevard para o LAX, verifiquei meu correio eletrônico e fiquei ligeiramente apreensiva ao ver que Aaron me enviara sete mensagens nos últimos dias. Eu definitivamente não estava com disposição para longos bate-papos de e-mail. Passei os olhos bem rápido pelo primeiro, o mais longo; o restante eram breves ps. “Por que não tive notícia sua?”, escrevera ele dois dias antes. “Você não está doente, está? Talvez esteja de férias.”

Ruminando sobre seus e-mails no avião, decidi não responder, por ora. Ele de certa forma já começara com o pé esquerdo ao se convidar para vir a Los Angeles, no que depois deu para trás, dizendo que “provavelmente” sua “saúde” não permitiria uma viagem longa. No terceiro ou quarto e-mail, voltava atrás outra vez, dizendo que seria “realmente demais” me encontrar para irmos juntos a Berkeley, agora que o passado estava enterrado, achava que seria “catártico” para nós dois, que estava “louco” para conhecer o lugar onde eu tinha morado quando era criança, tendo ouvido falarmos tanto a respeito. Eu fui muito feliz por lá, ele sabia, será que não dava pra gente blá-blá-blá, blá-blá-blá.

Não, não dava.

No fim consegui acertar as coisas com Sotomayor em sua cobertura na Stone Tower. (Não pude deixar de pensar que fora chamada de volta àquele escritório fedendo a mogno encerado só para lembrar quem era o chefe. Após um prelúdio interminável de sua parte, os detalhes do negócio foram resolvidos em questão de minutos, então ele me conduziu por uma pesada porta dupla a um ambiente contíguo. “Parceiros de negócios valiosos”, disse-me com satisfação, “devem ter oportunidade de ver isso.” O que está rolando, seu cubano balofo, eu pensei. Na hora fiquei com medo de que Víctor estivesse sabendo sobre os nossos planos para o Quartel, que Rusty tivesse aberto aquele seu bico afoito. Ele me levou para uma sala de aspecto ominosamente antiquado: enormes cactos empoeirados em vasos com argila expandida, persianas amarelo-amarronzadas que eu não vira nas outras salas. Os pés esféricos de uma pesada mesa de carvalho repousavam em um desbotado tapete persa. Sobre a mesa forrada de couro verde incrustado ficava um computador antigo, massudo, na mesma tonalidade de purê de batata do resto do ambiente. Inúmeras fotos em molduras douradas. Diante da cadeira de espaldar alto com forro de couro rachado, à mesa, havia uma pilha de documentos amarelados, um óculos de leitura com aro de tartaruga e, sobre um lenço masculino alisado, um pequeno instrumento com ponta de aço cujas tenazes seguravam minúsculos cachos negros. Era um aparador de pelos de nariz, como vim a perceber.

Atrás da mesa havia um armário aberto contendo cerca de uma centena de pastas de cartolina preta, com o ano — indo de meados da década de 60 a 1991 — escrito à mão na lombada. Cheirava à morte ali. Eu não estava me sentindo completamente à vontade com a situação, imaginava que a qualquer momento uma mão peluda poderia agarrar meu pescoço e me forçar a apoiar naquela mesa. Então perguntei ao asmático Sotomayor, que ofegava às minhas costas, se sua secretária havia tirado o dia de folga. “Aqui, *miss* Sirius” — sua voz aguda assumiu um tom emocionado — “neste mesmo escritório, que me é tão caro, meu querido pai costumava

trabalhar. Meu finado pai foi o fundador e primeiro diretor de nossa empresa.” Enfim, mesmo com esse pequeno contratempo encerrei com Sotomayor surpreendentemente rápido, e depois de ligar para Rusty e deixá-lo a par das novidades me regalei com um belo filé malpassado na churrascaria perto de meu hotel. No silêncio do lugar — o único ruído que eu escutava eram meus molares mastigando — fiquei com a incômoda sensação de que Aaron já estava a caminho. Podia ser, é claro. Que ele enfiara na cabeça de comprar uma passagem. Quando voltei para Los Angeles na manhã seguinte, considerei seriamente a possibilidade de dar com ele na minha porta, os braços abertos. Mas minha casa estava tão tranquila quanto eu a deixara.

Eu tinha de sair outra vez imediatamente. Durante o ano anterior ou algo assim, eu andava de patins com um grupo de cerca de quarenta pessoas toda terça à noite por Santa Monica, muitas vezes indo até West Hollywood ou o centro de Los Angeles. Um passatempo relaxante que exigia concentração suficiente apenas para que durante todo o trajeto eu me sentisse completamente integrada com o vento quente soprando por meus cabelos e o asfalto ronronante sob as rodas de meus patins. O clube de patinação, cada vez com mais adeptos, ficava na Pacific Coast Highway, logo depois do píer na frente do Seaside Terrace, a um quilômetro da minha casa.

Passei manteiga num pãozinho e saí com meus patins na mão para tomar o elevador para o térreo. Patinei os primeiros metros entre as imponentes colunas que eram a principal sustentação de meu edifício, percorri as curvas da Sunset em direção à Ocean Drive, mas, em vez de libertação, senti uma espécie de melancolia nervosa. Eu estava preocupada com Aaron. Passei duas vezes por táxis que vinham em direção contrária e nas duas eu o vi sentado no banco do passageiro. Entrei na avenida à beira-mar, patinei em meio ao trânsito engarrafado e continuei calmamente em direção ao píer.

Mas pensei duas vezes assim que avistei de longe o grupo animado. Eu simplesmente estava sem estômago para aquilo. Fazendo meia-volta de repente, subi no píer, tirei os patins e as

meias e fui caminhando entre a multidão de turistas. Com o olhar concentrado nas tábuas quentes e nodosas do deque, passei diante das barracas de frutos do mar e pela roda-gigante iluminada em neon do Pacific Park. Senti as ondas estourando contra os pilares sob meus pés. No fim do píer, uns duzentos metros avançando pelo mar, passei a meia hora seguinte contemplando a superfície brilhante, depois fui para casa.

Eu só podia rir da minha paranoia: uma nova mensagem de Aaron. O tom era agitado. “Não vou aparecer tão cedo”, escreveu. “Berkeley me parece má ideia, de qualquer maneira. Você provavelmente esteve lá com o Stol. Não foi?”

Bo e eu estávamos morando havia algum tempo em San Francisco quando, certo sábado de manhã, pusemos Mike em sua cadeirinha no banco de trás da Land Rover e atravessamos a Bay Bridge para Berkeley. Mike chorava com toda a força dos pulmões, então fizemos uma parada rápida na Treasure Island, uma ilha artificial no meio da baía, e entre xícaras de chá discutimos se não seria melhor simplesmente voltar. “Acha uma boa ideia?”, perguntou Boudewijn. “Como assim?” “Todas aquelas lembranças.” “Não”, respondi. “Mas não ir seria idiotice. É a distância entre Enschede e Almelo, provavelmente menos. É ridículo não ir.”

Proseguimos ao longo da I-80 através de Oakland, uma Oakland *dilapidada*, como percebi, e fomos pela University Avenue até o portão de entrada no extremo oeste do campus da UC Berkeley. Estacionamos a Land Rover, e Bo pôs Mike adormecido na baby-bag. Quando caminhamos pelo campus, passamos por alunos batucando e usando agasalhos dos Bears, Boudewijn perguntou o que estava acontecendo: como não sabíamos? — dali a duas horas a equipe de futebol de Berkeley ia jogar contra a UCLA, *you guys need some tickets?* —, mas nosso objetivo ficava mais adiante, Evans Hall, o Departamento de Matemática em forma de cubo onde meu pai se enfurnara com seus nós por dois longuíssimos anos. Reconheci as estradas de cascalho, os prédios acadêmicos neoclássicos brancos

que haviam sobrevivido a vinte anos de abalos sísmicos. Os alunos sentavam sob enormes carvalhos e salgueiros, conversando e rindo como atores de uma série de tevê. Bo, que com sua calça de veludo vermelha e paletó espinha de peixe era o perfeito ex-aluno bem de vida, pareceu impressionado com a beleza pastoral do lugar. Atravessamos uma praça hexagonal com um punhado de salgueiros aparados, árvores que davam prêmio Nobel, segundo Bo, contornamos um gramado bem cuidado e de repente nos vimos diante do pavoroso Evans Hall. Como se fosse anos antes, empurrei a porta de aço marrom e vidro reforçado e conduzi Boudewijn e Mike para um elevador revestido de madeira que nos deixou no décimo e último andar. Virei automaticamente à esquerda e andei pelo linóleo cor de aveia até a pequena sala onde meu pai trabalhava.

“Vamos lá, bate”, disse Boudewijn quando notou minha hesitação diante da porta. A porta ao lado, uma sala de aula, estava aberta, dava para ver os quadros brancos, as carteiras e o céu atrás das janelas. “Ou a gente podia só dar uma olhada aqui dentro”, sugeri, mas Boudewijn disse: “Bate”.

Não houve resposta. Girei a maçaneta para baixo e empurrei, mas a sala outrora ocupada pelo dr. S. Sigerius estava trancada.

“E agora?” Boudewijn pusera Mike na cadeirinha e ligara o carro.

“Vamos indo.”

Mostrei o caminho para a Telegraph Avenue, depois pegamos a Bancroft em direção à baía, assim podíamos passar pela Berkwood Hedge, a escolinha primária de pisos encerados onde todas as manhãs de semana, por dois anos, Janis e eu entramos de mãos dadas. Por ali também as típicas ruas californianas, todas as casas diferentes entre si, a Cedar Street ondulando como um cinto de couro cinza em direção à baía, o cintilante ponto de fuga de todas as perspectivas do lugar. Os cruzamentos por onde passamos, com seus semáforos puramente decorativos, levaram-me inexoravelmente de volta a 1982, e de repente vi o prédio da escola,

puxa vida, lá estava ele, uma construção de alvenaria com um playground asfaltado na frente.

“Quer que eu pare?”, perguntou Boudewijn.

Uma classe cheia de americanas sabichonas, afiadas como navalha e nem um pouco simpáticas. Quando ainda estava em Utrecht, seis meses antes de cair de paraquedas no meio delas, eu ajoelhava diante da vitrola tocando o álbum vermelho duplo dos Beatles e pesquisava a letra de “Love Me Do” no dicionário de inglês, palavra por palavra. Amor me faz? A isso se resumia meu conhecimento de inglês com sete anos. Mas eu só fingia entender. Um *yes* aqui, um *no* ali, não podia permitir que me humilhassem, e se conseguiam humilhar Janis, eu tentava animá-la por todo o trajeto de volta à Bonita Avenue. Deixa pra lá. Não chora. O que a mamãe e o papai vão pensar?

“Pega a esquerda aqui”, eu disse para Boudewijn, “estamos chegando perto da nossa antiga casa.”

Algumas quadras ao norte, na agitada Martin Luther King Way, virando à direita e depois à esquerda, saímos na Bonita Avenue, uma rua tranquila com postes telefônicos, carros de famílias cuidadosamente estacionados e árvores luxuriantes. Siem dizia que escolhera essa rua porque eu achava “Bonita” uma palavra muito engraçada. Escrevi o endereço na folha de rosto do livro de Enid Blyton que eu trouxera comigo de Utrecht. Joni Sigerius, 1908 Bonita Ave., Oakland, CA, USA, Mundo, Universo. Talvez porque as árvores nos jardins e nas calçadas houvessem crescido desde então e estivessem mais verdes, mais cheias, pouco a pouco fui ficando com a sensação de que tudo parecia menor. Que ruazinha mixuruca. A Land Rover rodou devagar pelo asfalto manchado. Com o braço apoiado no teto quente do carro, observei passar as casas de madeira.

Meu Deus, lá estava ela. A casa em típico estilo americano, com suas telhas chatas, surgiu de trás de uma sebe malcuidada e uma oliveira, as duas pequenas janelas das águas-furtadas espiando como olhos no telhado íngreme. Quando eu tinha dez anos sempre via um rosto espantado em sua fachada de tábuas e agora via isso

outra vez. A expressão tola era em parte devido à porta da frente, uma boca escancarada exatamente no centro, sob o alpendre coberto por uma manta asfáltica. A suave batida da madeira quando a porta se fechava às costas dele, ao chegar da universidade, à noite, aparecendo de repente ali na sala, *bum*, sua pasta de couro caindo no chão, dois beijos firmes na boca de minha mãe. “Oi, garotas, cheguei!”

À esquerda da casa, separada por um caminho de cascalho, a farmácia dos McCoy, agora um prédio de tijolos abandonado com uma construção anexa. Uma placa de ALUGA-SE na frente, pilhas de caixas de mudança expostas à intempérie na varanda, duas latas de lixo azul-brilhantes, com rodas. A enferma sra. McCoy, havia muito falecida, com certeza. “Câncer na voz”, segundo os meninos da vizinhança. Ela falava por uma espécie de tubo colado a seu pescoço comprido, um grasnido áspero, pouco audível, que me fazia acordar no meio da noite, suando frio. Câncer na voz. Um buraco amarronzado em sua garganta, dava para ver. Não combinava muito com ser dona de uma farmácia, a única casa de tijolos no bairro, atulhada até as vigas do teto com frascos de comprimidos e outros remédios. “É por causa do cigarro”, disse minha mãe, de modo que por um tempo, quando estava sozinha em casa, eu pegava seus maços de cigarro abertos e despejava na privada. Aquela lamentação da sra. McCoy, os murmúrios roucos. Um coaxar que atravessava nosso jardim, passava pela entrada de carros manchada de óleo, abafava o galo em algum lugar atrás das casas do outro lado da rua. “Precisa desentupir aquela garganta”, dizia nosso novo pai, coisa que nossa mãe não aprovava, zombar daquela maneira, mas dava para perceber que também fazia força para não rir. Os McCoy tinham um dinamarquês, quase um cavalo desselado que o farmacêutico, um sujeito afável com óculos de aro de tartaruga, levava para passear em Live Oak Park. E sempre abraçado a uma diminuta senhora negra. O cão indo e voltando atrás de um graveto e ele rindo com a mulher aconchegada em seu ombro. “Vocês sabiam”, parece que eu disse, “que a irmã do sr. McCoy é negra?”

“Para — é aqui.”

Boudewijn encostou na calçada e desligou o motor. Puxou a camisa polo que grudava em sua barriga. Os grilos cantavam, em algum lugar um ônibus parou.

“Já volto. Espera aqui com o Mike.”

O ar espesso. Eu morava na Califórnia havia mais de um ano e meio, todo dia sentia o calor úmido, via palmeiras e inalava a maresia — e no entanto a atmosfera dessa rua era diferente. Uma América mais antiga. Diante das janelas, parcialmente fechadas, incongruentes persianas. Tínhamos cortinas marrom-claras com círculos laranja, costuradas por minha mãe, de uma hora para outra com dias inteiros à sua disposição. Só vim a saber mais tarde que não consegui obter permissão para trabalhar. No fim, saía para passear em um estaleiro pelas manhãs, em segredo.

Mike começou a chorar. Passei entre os para-choques reluzentes, atravessei a calçada larga e pus a mão na cerca de madeira, ainda cheia de farpas. No gramado, uma casa de plástico tamanho infantil com adesivos do Pernalonga descascando, uma bicicleta de criança apoiada num dos pilares do alpendre — de todo modo o jardim parecia mais bem-cuidado do que no tempo em que moramos lá. Na época, era uma bagunça. A mãe com uma bancada de trabalho da Black & Decker. Antigos armários pelo terreno, chapas de aglomerado, serragem, ferramentas, luvas de trabalho. Não levou muito tempo para a criançada da vizinhança perceber que ali era o lugar de seus sonhos, você podia fazer o que bem entendesse na casa de Janis e Joni. No fundo da sala minha mãe guardava um pote de doces cheio de alcaçuz que nossos avós mandavam da Holanda. O dia inteiro, mesmo se não houvesse ninguém em casa, as crianças entravam e se serviam à vontade. Minha mãe sabia bem como estragar aqueles pestinhas americanos.

Boudewijn acalmou Mike; sua voz soou surpreendentemente próxima. “Por que não toca a campainha?”, exclamou pelo vidro aberto. “Quem sabe deixam você dar uma olhada do lado de dentro.”

A persiana na água-furtada da esquerda foi erguida. Uma mulher robusta de meia-idade, latina, abriu a janela, esticou o braço

para fora e sacudiu um pano de limpeza. Ela me viu, eu tirei a mão da cerca e sorri. Com um aceno quase imperceptível deu uma espiada na rua e fechou a janela.

Na casa dos pais de Scotty, eu me lembrei de repente, sempre houve uma mulher que falava espanhol. Uma sombra mal-humorada, rabugenta, encarregada de lavar e passar a roupa. Olhei para o jardim deles através de uma entrada tomada pelo mato. Scotty, o filho loiro e gordinho de um casal do Wyoming que viera trabalhar no porto de Oakland. Dick Trom, era como Siem o chamava. Sempre aparecia para brincar, em geral bem na hora em que sentávamos para o almoço. Seus dedos gordos de salsicha sobre a cerca: "Joni!". Um chamado agudo e persistente, até minha mãe finalmente pousar o garfo e a faca e se levantar da mesa com um suspiro.

"Joni pode sair pra brincar?"

"Joni está comendo, Scott."

"Fala pra ela comer só um pão."

"Vou dar mais uma olhada por aí", eu disse para Boudewijn, dando um tapinha no teto da Land Rover e indo em direção à casa de Scotty.

Continuava lá, é claro, exatamente igual a quando eu partira. O pequeno palácio embelezado, envernizado e afetado dos pais de Scotty. Uma *bay window* de dois andares e a clássica varanda com balanço, exatamente como antes. Pintada de branco imaculado, guarnições e frisos pintados no que na Holanda chamávamos de azul de Delft. Dentro, tigelas de latão, luminárias de latão, um rifle antigo montado na parede com detalhes em latão. Eu me lembrava de um violino sem o tampo com um arranjo de flores secas. Passei pouquíssimo tempo dentro daquela casa. "Tire os sapatos, não quebre nada." Scott e sua irmã mais nova tinham de brincar do lado de fora, longe dos olhos da zeladora, uma dona de casa tagarela que, dia sim, dia não, no mesmo horário, aparecia na varanda com luvas de borracha cor-de-rosa e um balde de água com sabão para

fazer uma faxina completa na frente da casa. Scotty tinha uma mountain bike, e quando não estávamos pedalando juntos pelo bairro ele me puxava em meus patins com uma corda amarrada em sua cintura, para cima e para baixo pelas ladeiras, na direção norte, nos fundos do campus da Berkeley, onde havia as lanchonetes, os bares e refeitórios dos alunos. Às vezes ele parava de repente, punha sua BMX no chão e sentava de pernas cruzadas em suas bermudas, sobre o asfalto.

“O que você tá fazendo?”

“Espera aí, é rápido.”

“Mas o que você tá fazendo?”

“Esperando passar.”

“Passar o quê?”

“A vontade de fazer cocô. Eu empurro de volta, daí não preciso mais fazer.”

Sentar no cocô, era assim que o porquinho chamava aquilo. Certa tarde, nessa paisagem de sonho, expliquei para Scott com um pedaço de giz na calçada como se soletrava seu nome. *Skot*, escrevi, S-k-o-t, com *k*, e de jeito nenhum com dois *t*. Mas o cabeçudo empurrador de cocô, um ano atrás de mim na escola, continuou a insistir que Scott se escrevia com *c*, e meia hora mais tarde continuávamos nessa conversa e as lágrimas escorriam por suas bochechas rechonchudas. Esperei que ele parasse e disse: tudo bem, vamos perguntar para sua mãe. Eu estava errada, e a mãe de Scott não teve pudores em esfregar na minha cara, chamando-me de metida, impertinente e malcriada. “E tire sua mão dessa poltrona.” “Isso não é uma poltrona”, respondi em inglês perfeito, “é um sofá.” E embora eu estivesse com a razão — era de fato um sofá, com dois lugares, o forro em padrão floral —, a discussão não me ajudou exatamente a cair nas graças da mãe de Scotty.

Scott adorava a gente. Durante nosso segundo verão naquela casa, ele costumava passar às sete da noite. Contornava o terreno até os fundos e, sem se dirigir a ninguém em particular, cumprimentava com um “oi, Joni”, ao que respondíamos em coro, “oi, Scotty”, e então eu ficava com vontade de dar risada e minha

mãe suspirava, e até Janis, que tinha cinco anos, entendia o motivo, todo mundo menos o próprio Scott. Seus olhos passeavam pelo gramado malcuidado até ele achar a bola de futebol que trouxéramos da Holanda, jogando-a desajeitadamente para o alto, pisando nas plantas de minha mãe, dizendo “desculpe”, enquanto meu pai, exausto após um dia de matemática avançada, junto à mais velha de suas filhas novas em folha, lavava a louça tal e qual uma máquina de carne e osso, cantando e brincando o tempo todo, ou perguntando sobre meu dia na escola. Às vezes eu saía no quintal com um prato molhado para participar do bate-papo entre minha mãe e Scotty e ele vinha sussurrar em minha orelha, “pergunta se o seu pai pode jogar futebol agora”. Porque essa era a finalidade de sua presença ali: jogar futebol com Siem. O que ele sentia ali nos fundos da cozinha por aquele sujeito amigável, divertido, atencioso, forte, atlético, eu também sentia. O ritmo enérgico com que o homem se desincumbia dos potes, panelas, copos e tampas me dizia que havíamos tirado a sorte grande, que minha mãe, minha irmã e eu só podíamos estar felizes com aquele novo pai.

Nove de cada dez vezes íamos de fato jogar futebol. Mal terminávamos a louça saíamos para uma caminhada até Live Oak Park ou até o campus da Berkeley, onde sempre havia um campo vazio. Minha mãe sentava no gramado e nos assistia jogar, Scott e eu contra o papai e minha irmãzinha. Em poucos minutos Janis terminava atrás do gol, feito com os chinelos de couro e o agasalho de Siem, colhendo flores, enquanto meu pai, descalço, rindo e suando, se matava contra sua filha e o excitado Scott.

Não eram minimamente parecidos, Scotty, com seus cabelos loiros muito claros e seu corpo de fruta, e o atlético rapazinho com ares de cigano que havíamos deixado para trás em Culemborg. E no entanto, ou talvez exatamente por esse motivo, aquelas noites de futebol sempre me faziam pensar em Wilbert. Eu podia imaginá-lo na Holanda: furioso e sozinho. Ele queria ir para Berkeley conosco, assim me disse. “Vocês vão para a América?”, perguntou quando desenterrávamos um cano de esgoto em Griftpark, em Utrecht.

“Então também quero. Fala pro meu pai que eu vou com vocês.” Prometi dizer a ele, mas quando via Siem eu ficava calada.

Foi a única vez que vi Wilbert após o divórcio, alguns meses antes de nos mudarmos para a Califórnia, e pouco depois do casamento simples de seu pai com a minha mãe. Siem já vivia conosco havia algum tempo, e o que começara com uma sensação esquisita — o vizinho do andar de cima que comia e morava conosco, entra semana, sai semana —, nesse meio-tempo se tornara normal, e divertido também. (Era um novo membro da família, como Janis também fora um dia. Mas o que você prega na janela quando ganha um novo *pai*? Sem dúvida não uma cegonha.)

Na verdade, eu quase esquecera que Siem tinha um filho que morava com Margriet em Culemborg — até Wilbert aparecer na porta em uma sexta-feira à tarde. Na mão do menino, com anéis nos dedos, ele segurava uma sacola plástica do supermercado Edah contendo uma escova de dentes gasta e um suéter amarrotado. Ele viera para morar com seu pai. Sem avisar. O primeiro empecilho era que Siem não estava na cidade, o que era raro, mas no momento estava em Berlim ou Munique, em um congresso de matemática ou algo assim, trabalhando em sua dissertação, de modo que minha mãe e eu, muito pouco à vontade, tomamos uma limonada com nossa visita, que fez alguns comentários divertidos, mas também deu uma boa olhada pela sala e enumerou, como se constatasse casualmente, quais objetos havíamos roubado de sua mãe: o relógio-cuco verde, a cadeira de ratã onde estava sentado, as duas selas de pelo de camelo que segundo ele sua mãe trouxera do Egito, coisa que até eu achei um pouco difícil de acreditar.

“Como foi a viagem, Wilbert?”, perguntou minha mãe. “Tudo bem, tudo bem”, ele respondeu, “meu tio me trouxe de carro”, e com o encerramento dessa parte oficial da visita, nós dois descemos para brincar — vamos lá, Joni, vamos procurar alguma coisa interessante para fazer, e como se ele, e não eu, estivesse morando na Antonius Matthaeuslaan nos últimos dois anos, levou-me para vagabundear por bairros de Utrecht que eu nunca vira antes. Corremos entre as colunas de prédios de apartamentos em

Overvecht, ele acendeu uma fogueira dentro de um elevador, seguimos por uma hora um homem que puxava uma mala de rodinhas até o fim da Blauwkapelseweg, quando o homem entrou em um carro que Wilbert, com a língua entre os dentes, acertou com um bolo de terra. Num centro comercial deserto ele me fez esperar do lado de fora de uma tabacaria, e depois de correr atrás dele feito louca por um quilômetro ele me deu três caixinhas de chiclete e um punhado de bilhetes da loteria.

Nessa noite minha mãe deixou Janis na casa de nossos avós e levou a gente ao cinema; ela havia reservado ingressos para ver *Herbie*, mas Wilbert achou que a história de um fusca falante era coisa de bebê, então em vez disso a gente foi ver *Grease*, que Siem tinha passado seis meses dizendo que eu era nova demais para assistir. Ele sentou do meu lado e cheirava a fogo e suor, sua respiração era como a de um animal estranho. A gente só via garotos como Wilbert no parque de diversões, estacionando os carrinhos de bate-bate, dirigindo com ar de pouco caso, o traseiro apoiado sobre a lateral. “Não falem do filme”, disse minha mãe depois, o que foi fácil, já que não demorou para eu ficar com a cabeça cheia de coisas que instintivamente sabia que era melhor guardar para mim.

Usava o cabelo preto num topete engomado feito de água com açúcar, contou-nos Wilbert durante os croquetes com batatas fritas, disse que muitas vezes fora para o ponto de ônibus de Culemborg com sua bolsa de ginástica, planejando nos visitar, sentia falta de Siem, mas sua mãe não deixava e seu tio guardara a bolsa para ele num armário da academia. “Acho que ia ser legal se eu fosse para os Estados Unidos com vocês, tia Tineke”, disse. Ficamos esperando seu pai, e quando a campainha tocou Wilbert apertou os lábios carnudos com os dedos cheios de maionese, tamanha era sua expectativa, mas não era seu pai, que tinha a chave, e sim dois policiais uniformizados. A festa acabou. Os policiais determinaram, com a ajuda de um formulário que minha mãe teve de assinar, que Wilbert era Wilbert Sigerius, nove anos de idade, de quem Menno Wijn dera parte como desaparecido pela manhã. Conversaram um

pouco com minha mãe na cozinha e quando deram por encerrado levaram Wilbert com eles.

Mais tarde, quando Sigerius chegou em casa, cansado da viagem, foi posto a par da história toda — assim como eu, escutando de longe. A polícia fora atrás de Wilbert devido ao veículo de um deficiente furtado em Culemborg, um desses minicarros que não andam a mais de quarenta e cinco quilômetros por hora, e que foi encontrado com o tanque vazio no canal de Vaartse Rijn. Um frentista de posto de gasolina o vira dirigindo o carro na tarde da sexta-feira, indo de Culemborg para Utrecht.

Na noite de domingo, fiquei deitada como uma tábua na cama, rígida. Minha mãe e meu novo pai estavam tendo sua primeira briga, a voz dele alta e viajando longe. Nas primeiras semanas que se seguiram, semanas marcadas pelos preparativos para nossa grande travessia, ninguém disse uma palavra sobre Wilbert. E uma vez morando ali, nesse novo país, nessa nova casa na Bonita Avenue, onde tudo relacionado à Holanda parecia incrivelmente longínquo e perdido no passado, agimos como se aquele terrível menino nunca tivesse existido. Sem dúvida, vendo em retrospecto, os anos que vivemos nos Estados Unidos foram os melhores, mais felizes e mais despreocupados que nós quatro tivemos na vida. De longe.

Mas eu tinha minhas próprias ideias acerca da questão. E à parte Janis, provavelmente todos nós tínhamos. Quando eu sentava no balanço que Siem havia pendurado na varanda verde-clara e me lembrava do andar de baixo na Antonius Matthaeuslaan, com aquela casa esquisita, ameaçadora, barulhenta no andar de cima, e do que acontecia ali, então eu não só sentia uma ponta de tristeza em minha felicidade, ou vice-versa, como também um raciocínio contrário tomou forma em minha cabeça: comecei a acreditar que a gente não tinha deixado Margriet, Wilbert e aquele tio assustador dele na Holanda, mas que havíamos fugido deles. Tivemos de começar do zero. E fizemos isso aqui, nessa vizinhança aconchegante, onde Siem tinha um trabalho na universidade.

Eu também escutava meus pais brigando nos Estados Unidos de vez em quando, nossa casa de madeira era um amplificador, e daí eu pulava da cama e ia ficar no alto da escada, com o coração martelando. Às vezes dava para perceber que tinha a ver com Wilbert, que Menno Wijn telefonara e a conversa deixava Siem irritado e carrancudo pelos próximos dias. Depois de cada explosão raivosa daquelas eu ficava morrendo de medo de que Wilbert fosse aparecer de qualquer maneira, ou, o que era pior, que Siem teria de voltar para a Holanda, que nós quatro como família simplesmente não era para ser e que todos teríamos de entrar no avião no dia seguinte e voltar a morar naquela horrível casa na Antonius Matthaeuslaan.

O que eu podia fazer? *Guardar o segredo*. Fiz uma promessa solene. Agora que chamava Siem de “pai” e usava o sobrenome “Sigerius”, agora que havíamos embarcado num novo começo naquele país distante, e notei que minha mãe conseguia rir outra vez, ninguém poderia saber a verdade. Éramos uma família *normal*. Tineke e Siem tinham me feito juntos e depois disso fizeram minha irmã. Fora desse jeito que acontecera. Atenha-se a essa história.

Alguém bateu na vidraça da janela. Eu estava na calçada, ainda a meio caminho diante da casa vizinha. As cortinas de renda se mexeram, uma mão puxou o tecido transparente para o lado. Fitei os olhos da mãe de Scotty, não tinha como negar, a memória não é mesmo uma coisa incrível? Ela também pareceu me reconhecer: o rosto emaciado, uma caveira com excesso de maquiagem, irradiava êxtase e consternação ao mesmo tempo, os lábios pintados de rosa se moveram, formaram uma palavra. Olhei para trás: Boudewijn estava com Mike no colo, no banco do passageiro. Atravessei o gramado bem aparado e me aproximei da janela, os lábios enrugados disseram uma palavra muda. “Tineke.” A mulher soltou a cortina, gesticulou para que eu não fosse embora. Enquanto esperava, me dei conta de que vinte anos antes minha mãe era *magra*.

“Joni, meu bem, é você? Minha nossa... pensei ter visto sua mãe. Entre, entre, que surpresa!” Seu pé esquerdo estava embrulhado numa sacola da Stop & Shop, presa no tornozelo com um elástico, o pé direito em uma pantufa cinza felpuda. Ela me conduziu pela sala, arrastando aquele pé no plástico. Um cheiro rançoso tirou meu fôlego, uma mistura de papel de parede velho, polidor de metais, cigarro, bacon frito, os odores corporais de uma casa de gente idosa. “Sente-se, querida — Deus do céu, você é a cara da sua mãe.” Ofereceu-me uma cadeira de onde eu podia ver a Land Rover, Boudewijn continuava com Mike no colo, o braço apoiado preguiçosamente na janela. Estavam dormindo. “Não repare no meu pé”, disse. “Quebrei o dedão, *plec*, assim, sem mais nem menos, dei uma topada naquele baú ali, eu estava limpando o chão. Inflamou, ficou feio. Quer alguma coisa para beber, meu bem? O que vai querer. É só dizer.”

Estava nervosa, com certeza. Uma mulherzinha inquieta, que chamava qualquer coisa que não fosse roubá-la ou mordê-la de “meu bem”. Seu rosto longo e afilado se agitava como um formigueiro cutucado com um pau. O cabelo ficara ralo, grisalho na raiz, mas ela tingiu de... que cor era aquela? Vermelho arroxeadado?

Desapareceu na cozinha. A sala mudara tão pouco quanto ela, o sofá florido continuava ali, ladeado pelas mesmas poltronas enrugadas em veludo verde e napa e com tachinhas de latão. No meio dessa surrada área de estar ficava a mesinha de mogno, sobre a qual ela depositou um copo de Coca Light com a mão trêmula, quando voltou.

Melhor virar logo essa Coca e me mandar.

“Puxa, Joni, mas me conte, como você está? O que a trouxe aqui? Mas deixe-me perguntar uma coisa primeiro: você tem um minuto, não tem? Não está com pressa de ir embora, está?”

Esse último comentário era sem dúvida seu desejo mais ardente: que eu caísse fora logo. Como era mesmo o nome dela? Sentou diante de mim numa poltrona verde-catarro e deslizou o pé embrulhado no saco amarrotado para baixo da mesinha de centro.

Seus olhos foram de minhas mãos para meus chinelos, depois meus joelhos, a janela, meu nariz.

“Estamos de férias”, menti.

“Ai, que maravilha. Vocês deram uma sorte com o tempo. Faz sempre um calor de rachar por aqui. Meu bem. Que incrível. Veio com seus pais?”

“Com meu namorado. Ele está esperando no carro.”

“Mas seu noivo não quer entrar? Chame o rapaz aqui, meu bem.”

Ela soergueu o corpo, as mãos enrugadas e cheias de anéis apoiadas nas coxas esqueléticas cobertas pela saia azul-escura. Por um minuto achei que seria engraçado convidar um cara de cinquenta anos a entrar, só para ver sua reação. Com quantos anos ela estaria agora? Sessenta e poucos? Estava usando um colar de pérolas com medalhão de ouro e brincos de pressão combinando nas orelhas murchas. Certa vez, Scott e eu estávamos brincando no sótão dela e havia um baú cheio de casacos de pele, colares, braceletes, botas, sapatos. Eu mandava e ele punha. Podia apostar que as joias penduradas em seu pescoço enrugado, em seu pulso esquelético, vinham daquele baú.

“Não, por favor, não precisa se preocupar. Ele vai esperar um pouquinho. Viemos para San Francisco por uns dias. Pensei em dar uma olhada no velho bairro. Não mudou muito.”

“Então vocês ainda moram em Amsterdam... Vocês eram uma família tão agradável, tão espontânea, donos do próprio nariz.”

Ela estava mentindo. Éramos uma pedra em seu sapato. E confundia a Holanda com Amsterdam, sem dúvida: Sodoma e Gomorra, que diferença fazia?

“E como vão as coisas por aqui?”, perguntei. “Seu marido? Continua velejando?” O atarracado pai de Scott. Um trabalhador dedicado com um bigode loiro curvo que entrava assobiando em seu conversível toda manhã com seus sapatos de biqueira de metal e se mandava para algum lugar, uma fábrica ou estaleiro em Deus sabe onde, mas nos fins de semana, naquele pequeno salão de exposições lá deles, dava a impressão de ser um sujeitinho distante,

irritável. Certo domingo de manhã, Scott e eu demos uma mãozinha ao cara de morsa do seu pai. Se trabalharem duro, dou cinco dólares para cada um. Com a capota aberta, de modo que tínhamos dificuldade em ouvir um ao outro e não ficava tão óbvio que o pai de Scott era uma morsa de poucas palavras, fomos para a baía, passamos por uma marina e uma empresa de contêineres e paramos diante de um barracão amassado de ferro corrugado que se revelou abarrotado até o teto com longas barras de ferro. Transversalmente, sobre blocos de madeira, num dos lados do depósito, repousava o esqueleto de um casco de navio tão enferrujado e deprimente que até mesmo eu, uma menina de nove anos, fiquei com lágrimas nos olhos. Será que estava tentando construir um barco? O fracasso óbvio da empreitada deixou minhas bochechas ruborizadas. Sem maiores explicações, ele desapareceu no barracão e, praguejando entre os dentes, liberou várias barras e as deslizou para fora. Scott e eu nos revezamos arrastando para o outro lado do casco as pesadas e bamboleantes barras de metal de seu pai. O ferro áspero fez cortes na palma de minhas mãos. Scott deixou cair uma, a borda enferrujada esfolou sua pele ao raspar em seu joelho esquerdo. "Aaaaaai", gritou, e começou a chorar, cheio de culpa e medo, uma maçã vermelha vazando seiva. "Quem é a garotinha aqui?", perguntou o pai de Scott. "Hein?"

"Malcolm", disse a mulher. Os irrequietos olhos cinza-azulados de repente sossegaram, ou ao menos pararam de pipocar de um lado para o outro. "Meu Mal faleceu há seis anos. Estou sozinha desde 1996. Ele estava com quarenta e nove. Tão jovem."

"Lamento..."

"O coração. Não comia uma verdura, só maionese. Até da pizza ele tirava o molho de tomate. Mas o que eu ia dizendo?"

Ambas ficamos olhando para o tampo da mesinha, como que a refletir sobre esse breve elogio fúnebre. A mesinha de centro era impossivelmente pequena e baixa. Difícil imaginar que conseguimos sentar diante dela naquela tarde, todos os sete ou oito. E mesmo assim houve espaço para tudo, incluindo os pratinhos de sobremesa e copos de refrigerante, e no meio, onde agora havia uma fruteira

de latão com maçãs amarronzadas e bananas manchadas, um bolo de aniversário pela metade. O aniversário de Scotty. Ajoelhados em torno da pequena mesa. Sete ou oito coleguinhas bronzeados — a metade deles eu não conhecia, porque Scott frequentava uma escola evangélica nos arredores de Berkeley. E em duas daquelas poltronas de bordel sentavam seu pai e sua mãe. Malcolm e... *Betty*. Esse é o nome dela. Tive certeza de que Betty também pensava sobre essa mesma tarde.

“Mas por sorte posso contar com Scotty e Jennifer, são crianças maravilhosas.” Tentou sorrir, mas seus lábios pintados apenas se mexeram.

“O que Scott anda fazendo hoje em dia?”

“Só um minuto.” Levantou-se, alisou a saia e foi arrastando o pé de Stop & Shop até uma cômoda no quarto da frente. “Scott conserta máquinas”, exclamou. Escutei um som de spray. Uma tampa de frasco. “Secadoras, lava-louças. Qualquer coisa. Aquele menino é tão bom com as mãos.”

“Casou?”

“Scotty? Não. Não, Scott não. Jennifer sim. Jennifer é mãe de dois. Dois meninos.”

Emanando agora um forte perfume, Betty enfiou em minhas mãos um retrato de moldura oval. Diante de um pano de fundo fotográfico cor de caramelo posavam dois adultos, uma mulher sentada e, um pouco atrás, com a mão longa e esguia em seu ombro, um homem. Jenny e Scott. O sujeito alto e magro que Scott se tornara — a circunferência de maçã aparentemente fora apenas um truque, os genes de Malcolm haviam perdido a batalha — dominou minha atenção de tal forma que Jennifer não era mais que um borrão, uma mulher tão comum que meus cones e bastonetes simplesmente não reagiram a ela. Scott usava um colete de couro, dois enormes alargadores pretos nas orelhas grandes. Dava para pendurar as orelhas de Scott em um mancebo, caso viessem a cair, de tanto sua mãe enchê-las. A despeito da foto de estúdio burguesa, da pose convencional de seus filhos, ficava óbvio que Scotty era gay.

Pus o porta-retratos sobre a mesa, junto com meu copo de Coca sem gás.

“Muito bonito”, elogiei.

No começo, todas aquelas crianças na festinha estavam tímidas, pelo menos da forma como lembro que foi. A casa era tão arrumada que deixava você acanhado. Como isso ocorreu ao aniversariante não ficou claro, mas antes mesmo que todos nós já tivéssemos uma fatia de bolo em nossos pratos, ele disse aquilo. Estávamos sentados em volta da mesinha em forma de olho, cada um numa ponta. Não foi algo que lhe ocorreu de fato, ele simplesmente abriu a boca e disse, sem motivo algum. “Joni, Siem não é seu pai de verdade.” Uma expressão triunfante, condenatória, se formou em seu rosto redondo.

“São filhos maravilhosos”, disse a mãe de Scott. Ela sentou, mas voltou a ficar de pé na mesma hora, como se uma corrente elétrica estivesse passando pela poltrona. Pegou o porta-retratos e o levou de volta à cômoda. “Mas, meu bem, como vão seus pais? Sua mãe era tão feliz aqui. Uma pena quando foram embora.”

“A gente também achou”, disse eu.

“Joni”, disse Scott, “Siem é seu padrasto.” Talvez porque todo mundo ficou paralisado e sem abrir a boca, ele acrescentou: “Por que você sempre mente?”. Abri meus olhos o máximo que pude e eles lentamente se encheram de lágrimas. “Ele também é meu pai de verdade”, gaguejei. As outras crianças olharam para mim e dava para perceber que estavam do lado de Scott.

“Não é”, ele disse.

“É sim!” As lágrimas começaram a descer, pesadas, devagar. Minha voz pareceu estranha, enlatada.

Betty inclinou a cabeça como um passarinho e perguntou: “E seu pai? Ainda dá aula, Joni? Como ele é inteligente, não é, meu bem? Um homem notável. Um gênio — Mal e eu vivíamos falando sobre isso. Scotty uma vez contou pra gente que pouco depois de vocês irem embora seu pai ganhou o...”, ela hesitou por um momento, como se estivesse constrangida ou algo assim, “o prêmio

Nobel. Só descobrimos muitos anos depois que vocês se mudaram. O... prêmio Nobel de matemática, não foi?"

"Algo por aí, é. Isso mesmo."

"Como vai seu pai, meu bem?"

Morto, assim ele vai. *Ele se enforcou*. O gênio puxou o fio da tomada. Não por raiva, só decepção.

"Está bem. Ele se aposentou. Professor... emérito. Ele e minha mãe moram na Dordogne."

"Na Itália... que delícia."

"Eles têm uma pousada por lá. Siem está aprendendo a tocar saxofone."

"Puxa vida, é...", disse Betty, ronronando de contentamento, "lembro que seu pai vivia escutando jazz. Uma música que mexia com os nervos. Segundo o Malcolm."

O rosto de Scotty exibia uma expressão sádica. "Siem é seu padrasto", disse ele. "Sua mãe contou pra minha mãe."

As lágrimas que corriam por meu rosto deviam ser de raiva e o sangue que fluía para meus músculos devia ser vingativo, porque pulei de quatro sobre a mesa. Foi me apoiando nessa mesmíssima mesinha de centro que me lancei sobre aquela criança detestável, esmagando o bolo de aniversário, derrubando copos de refrigerante e me jogando em cima dele com todo o peso do corpo. Com meus joelhos sujos de marzipã em seus ombros, Scotty caiu para trás, e fiquei em cima dele, arranhando e batendo, e gritei, meio em inglês, meio em holandês: "Ele também é meu pai! Retira o que disse, seu porco nojento! Ele também é meu pai. Você só está com inveja! Você queria ter um pai como ele!".

Dez segundos, não levou mais do que isso, para a mãe de Scott, essa mulher, a tímida Betty, intervir, e com toda a rispidez. Puxando-me pela orelha, ela me tirou de cima de seu filho.

"Droga, você enlouqueceu?", gritou. "Sua pestinha detestável." E na frente de todas aquelas crianças me arrastou num longo puxão até a cozinha, destravando a porta dos fundos e me jogando pelos degraus, sobre o gramado.

“Fora do meu quintal”, disse, “já. Vai contar para os seus pais o que você fez. Sua monstrinha.”

Depois de Tineke ter saído rapidamente da varanda atrás de sua filha mais velha, e de terem ambas subido para seus respectivos quartos, e ele e Janis terem juntado os croquetes frios e Sigerius, em absoluto silêncio, ter varrido os cacos de porcelana e jogado na lata do lixo, enchido a lava-louça e puxado todas as cortinas, depois que os únicos sons humanos a serem ouvidos eram os de seus pés, suas fungadas ocasionais, as breves tossidas constrangidas quando ficavam no caminho um do outro, e quando a varanda envidraçada retomou o ar de normalidade e Sigerius se acomodou numa poltrona reclinável, com fones de ouvido e um copo de uísque na mão, e ele subiu a escada, arrastando os pés, sentindo-se miserável e subitamente morto de cansaço, depois de ter tirado a roupa no quarto de hóspedes, engolido seus temazepam no banheiro do patamar e finalmente se deitado na cama de madeira, tamanho viúva, atrás de Joni, enrodilhada, a longa noite de 20 de maio de 2000 começou.

“Que tal você me contar o que aconteceu lá embaixo?”, disse Aaron, quinze minutos depois, durante os quais acariciou devagar seus ombros e seu quadril.

Ela estava dormindo, ou fingindo que dormia. Ele virou de costas, a janela era um aquário flutuando com as estrelas de maio. Minutos depois, desceu da cama, passou por cima das roupas que em sua fúria ela jogara no chão e abriu a janela até o fim. O ar lá fora estava quente e denso, ele puxou a cortina. Escutou-a fungar. “Vamos lá”, disse.

“Tudo bem”, ela falou quando ele voltou a deitar a seu lado. “Antes de mais nada, você precisa ficar sabendo que Wilbert morou

aqui por um tempo. Mais ou menos um ano.”

“Como é?”, perguntou ele. “Onde? Aqui?”

“Aqui. Nesta casa. Em 1989, praticamente o ano todo, ele morou aqui. Com a gente.”

Pelo tom de voz dela era como se estivesse falando que o lixo passaria a ser levado para fora às terças-feiras, a partir de agora. Ele acendeu o abajur ao lado da cama, suas mãos úmidas e pegajosas, e ficou encarando, de olhos arregalados e boquiaberto, seus cabelos loiros, às suas costas. Então não sabia mesmo coisa alguma sobre sua vida? “Você está brincando”, disse.

“Bem que eu queria.”

Ele ficou sem fala. Depois de um tempo, perguntou: “Mas por quê? O que ele veio fazer aqui?”

“Morar. Você também está morando aqui, não está? Às vezes as pessoas simplesmente precisam de um lugar para morar.”

Com a mesma frieza contida, exasperante, em completo contraste com sua explosão furiosa de pouco antes, ela começou a explicar o que aconteceu quando ela, Janis e seus pais foram embora dos Estados Unidos. Ao longo dos primeiros anos morando no campus da Tubantia, captaram sinais de que as coisas iam mal, muito mal, com a mãe de Wilbert. A mulher estava enxugando como uma esponja. Os anos em que Margriet Wijn fazia justiça ao seu sobrenome, entornando um litro de vinho por dia, não mais, não menos, haviam ficado para trás; ela agora passara aos destilados: uísque, genebra, vodcas vagabundas, coisas que também bebia aos litros, dando ao seu sobrenome certa aura otimista, nostálgica, até. O irmão lhes contou que ocasionalmente Margriet passava alguns meses em Texel, internada numa clínica Jellinek. “Daí um dia”, disse Joni, ainda de costas para ele, “ela morreu.”

Nem vinte e quatro horas após a mãe de Wilbert ter se matado de tanto beber, por uma infeliz coincidência no aniversário de dezessete anos de seu filho, Menno Wijn informara ao sobrinho que viver sob o mesmo teto era insuportável. Tirou as palavras de minha boca, disse Wilbert. Dias depois, Sigerius viu o corpo de Margriet, devastado pela bebida, ser enterrado no cemitério de Utrecht. Só

quando a recepção para os familiares chegava perto do fim ele se aproximou de seu filho; nada planejado, confessou a Joni anos mais tarde. Na verdade, estava cedendo aos olhares raivosos dos antigos parentes afins. Num acesso de culpa paternal, assegurou a Wilbert que sua porta em Enschede estaria sempre aberta, e que devia pensar a respeito.

O oferecimento não caiu em ouvidos moucos. Duas semanas após o enterro de sua mãe, Wilbert apareceu na casa de fazenda. Sem aviso. Dezessete anos e sem teto. Não parou sua motoneta na rua, como alguém normal teria feito, mas contornou a casa e entrou roncando com ela pelos fundos. Estacionou-a no meio do gramado tomado pelos trevos, desceu e ficou parado, esperando que sua nova família saísse para o sol de abril. Aaron podia vê-lo perfeitamente: a motoneta pipocando em ponto morto e, diante dela, o futuro assassino, um jovem em pleno amadurecimento, espinhento, petulante, vestindo uma camiseta sem mangas, de onde, assim imaginava, saíam dois braços musculosos, braços bronzeados, feitos para a estiva das balsas no Reno, para trocar sapatos, para empurrar garotas contra muros de tijolos.

Atordoado, perguntou: "Você reconheceu ele?"

"Claro que sim", ela disse. "Estava exatamente como eu imaginava." Onze anos depois, o rosto triangular de Wilbert continuava aciganado, exceto que a forma de lágrima pintada a óleo dera lugar a um ricto sarcástico e altamente inflamável, ao mesmo tempo desconfiado e indigno de confiança. Seu cabelo continuava preto como carvão, quase azul, porém mais comprido e enebado.

Segundo Joni, 1989 foi o ano mais maluco de sua vida, mas Aaron quase não estava escutando. A história o deixara passado. Quer dizer então que o homicida de IJmuiden tinha morado ali? Por quatro anos Joni não dissera uma palavra sobre isso, Sigerius tampouco, ninguém, aliás. Sigerius devia ter presumido que ele sabia — uma suposição perfeitamente normal, porque como poderia não saber de uma coisa dessas depois de quatro anos namorando Joni. Aaron ficou tão estupefato que se esqueceu de sentir raiva, atormentado demais como estava pela ideia absurda de que Wilbert

Sigerius se deitara com suas meias de ginástica no sofá salmão de três lugares ali embaixo, desmontara os cilindros de sua Honda sobre o terraço no jardim, lavara as mãos sujas de graxa no mesmo chuveiro que esperavam que ele usasse na manhã seguinte.

“Mas onde ele dormia?” Uma pergunta idiota, mas não desprovida de importância.

“Aqui do lado”, disse Joni, “no escritório do meu pai. Quando chegou, os dois arrastaram a mesa e puseram esta cama ali dentro. Ele dormia nesta cama.”

“Mentira.”

“Sabe”, ela disse, “as primeiras semanas foram as piores. O cara de repente estava em toda parte. No café da manhã, na banheira, dominando o controle remoto da tevê, à noite. No começo eu acendia umas velas, esperando que ele simplesmente fosse embora.”

“Velas?” A curiosidade levou a melhor sobre sua raiva.

“Isso”, ela disse, “no peitoril da janela. Círios. Eu ficava aqui, rezando para ele juntar suas tralhas e montar na moto. Um tremendo falastrão, morando aqui de uma hora pra outra. A timidez dele durou exatamente dez minutos. Se na escola me perguntavam quem ele era, eu mentia, dizia que Wilbert era um aluno de intercâmbio da Hungria.”

Ele deu um profundo suspiro. “Por que nunca fico sabendo de nada? E como foi?”

“No começo todo mundo fez o maior esforço”, continuou ela. “Papai, mamãe, Janis, eu — até ele. Ele aparecia com os presentes mais esquisitos. A gente estava no jardim, por exemplo, e minha mãe menciona de passagem que foi usar o secador de cabelo de manhã e o aparelho parou de funcionar, e no dia seguinte ele vem e dá um novinho pra ela. Para mostrar gratidão.”

“Roubado?”

“Nem sempre. Wilbert vivia com os bolsos cheios de dinheiro, ele comprou o secador mais caro. Meus pais não sabiam como reagir. De repente, lá está minha mãe, num dia como outro qualquer, desembulhando o secador num papel de presente. ‘Puxa, ãhn, obrigada, Wilbert.’ Meu pai ficou desconfiado, foi na v&d, na

Blokker e na Scheer & Foppen, até que passou na Kijkshop e eles disseram sim, um rapaz com um capacete de moto e sotaque do Randstad tinha comprado um secador como aquele. Estão vendo, disse ele. Nos primeiros meses, meu pai segurou as pontas. Sempre tão otimista. Ia fazer Wilbert entrar nos eixos.”

“Se enganou redondamente.”

“Você sabe o que aconteceu”, ela disse. “Mas a gente não tinha como imaginar. Por exemplo, eu nem fazia ideia de que tinha cumprido pena. Cada vez mais ele e o papai brigavam. Meu Deus, como aqueles dois se pegavam, inacreditável. E depois não era nem por causa dos problemas de verdade, quer dizer, os incidentes, as brigas na cidade, os furtos, a cocaína. Não, era tipo as coisas normais do dia a dia. Sempre discutindo por causa de tudo e por causa de nada. Aqueles bate-bocas intermináveis por causa da música, quando eu penso nisso...” A sirene de uma ambulância soou do lado de fora.

Quando voltou a falar, ela pareceu mais animada. “Wilbert gostava de rap e hip-hop. Public Enemy, principalmente. Na verdade eu meio que achava interessante. Chuck D, Flavor Flav, Terminator X, sei todos esses nomes de cor. *Yo! Bum Rush the Show, It Takes a Nation of Millions to Hold Us Back* explodindo o dia inteiro de quatro alto-falantes gigantes que ele tinha conseguido não sei como arrumar em algum lugar. Abaixa isso! — ainda posso ouvir meu pai berrando. A raiva e o desespero naqueles gritos que vinham lá de baixo. Depois da escola, quando voltava de bicicleta para casa atravessando o campus, eu pegava a Langekampweg e mesmo antes de nossa casa aparecer entre as árvores já dava para escutar a batida. ‘Louder Than a Bomb.’ Tudo saindo desse cubículo aí do lado.”

“Eu também costumava brigar por causa de música. É normal.”

“Normal nada, pode acreditar”, disse ela. “Todo mundo se matando o tempo todo por causa das coisas mais banais. Por coisa nenhuma, por causa de... de refrigerante. A gente nunca tinha refrigerante em casa. Wilbert chega e o menino é viciado em refrigerante. A vida toda Wilbert se acostumou a tomar dois litros de

refrigerante por dia, e não qualquer refrigerante, mas Coca-Cola. Qualquer outra marca ele jogava no ralo, a não ser a Pepsi: a Pepsi ele jogava na privada, eu vi ele fazer isso. Se chegava domingo à tarde e não tinha nenhuma garrafa de Coca na geladeira, ele subia na moto e corria até a lanchonete mais próxima.”

“Fazia bem”, disse Aaron. “Coca-Cola mata. Acaba matando.”

Ela fingiu não ouvir. “Daí, então, tudo bem, Janis e eu também podemos tomar Coca. Um dia a gente está sentado na mesa conversando sobre as obturações da minha irmã. Janis tinha acabado de voltar do dentista, onze anos e duas cáries. Então a gente está falando sobre escovar os dentes, doces, essas coisas, o de sempre. Wilbert fala: ‘Eu não tenho cárie nenhuma’. ‘Puxa, Wilbert’, diz minha mãe, ‘isso é ótimo.’ ‘Cárie nenhuma’, ele diz, ‘então, Coca é bom pros dentes.’ Uma pessoa normal dá risada desse tipo de bobagem, acha graça no ‘então’, ou pode ser que não ache graça, mas de qualquer jeito não leva a sério. Siem leva super a sério. A reação dele é fora do normal. Durante meses ele fica convencido de que a influência de Wilbert sobre as filhas é tão venenosa quanto dois litros de Coca por dia é para os dentes. Ele perde as estribeiras por causa daquele ‘então’. Um rapaz normal recua, diz: ‘Eu só tava brincando, relaxa’, mas Wilbert não é um rapaz normal, Wilbert está louco por uma briga, o tempo todo. Ele fica irredutível, continua insistindo que Coca é bom pros dentes. Que foi *cientificamente* provado que Coca é bom pros dentes.”

“Ele estava falando sério?”

“Estava enchendo o saco. E você conhece o Siem, ele pode ser razoável, pode ser inteligente, mas senso de humor, zero. Você sabe como ele tem o pavio curto. Ele explode. Mas Wilbert não arreda o pé um milímetro, fica dizendo: vodca não, vodca faz mal, olha só minha mãe, mas Coca, ah, Coca tem flúor na fórmula, e dá umas batidinhas nos dentes com a faca, *tic, tic, tic*. Era assim que funcionava, com as coisas mais bestas. E meu pai sempre mordida a isca.”

Ela não fazia justiça a Sigerius, ele achou. Talvez em sua raiva esquecera quanto as provocações de Wilbert iam contra o caráter de

seu pai. Coca-Cola é bom pros dentes? A puta que pariu. Uma vez, Aaron estava conversando com um aluno de doutorado, um coreano CDF, que estava estudando o trabalho de Sigerius. Ele achava o raciocínio meio tortuoso mas inteligível. “Zou kru”, repetira o rapaz diversas vezes antes que Aaron percebesse que queria dizer “*so crue!*”, referindo-se ao modo impiedoso com que Sigerius descartara a própria obra assim que suas teorias puderam ser refutadas. Meses de trabalho, às vezes anos.

“Só fiquei sabendo depois que tinha muito mais coisa, bem mais do que contavam pra mim e pra Janis.” Ela fungou e rolou de costas. “Enquanto eles se engalfinhavam por causa da Coca-Cola, houve discussões por causa de cocaína, por causa de contas de dentista, por ter quebrado os dentes de alguém. Teve um problema sobre um trabalho que meu pai tinha arrumado pra ele no setor de manutenção da universidade. Ele tinha roubado duas máquinas de esmeril e vendido.”

Enquanto escutava, Aaron se perguntava como ele próprio teria reagido à presença de um delinquente indesejado. O que ele teria feito quando tinha catorze anos se um marginal descontrolado tivesse se mudado para sua casa? Alguém como... Pietje Suiker, ele pensou em Pietje, um garoto incrivelmente valentão e insolente de sua adolescência, um fantasma que não lhe vinha à mente havia cerca de quinze anos. Piet Suiker, também chamado de Suikertje, açucarzinho, ou “Suik”, para os íntimos — o psicopata mais explosivo deles todos, que largou a escola no quinto e último ano do primário, dizendo que de todo modo aquilo não servia para nada. Um lunático saído da Alta Idade Média de sua vida, cuja presença ameaçadora parecia uma certeza que duraria a vida toda, mas que de repente, como uma verruga, murchou e sumiu. Suik, para quem você podia encomendar o tênis de sua escolha por apenas cinco mangos, que ele então furtaria na Sijbers, uma loja de esportes do outro lado da ponte em Venlo; que na hora da ducha, no vestiário, depois da aula de natação, pegava os óculos mais próximos para pôr no pinto. Com onze anos, por um florim, ele mostrava para você, atrás dos roseirais, como com esse mesmo pinto, então chocantemente duro,

podia tirar a “langonha”, a palavra que até hoje era a mais nojenta que Aaron já tinha escutado. Quando roubaram sua Zündapp, Suiker marchou para o Genooi, digamos o Bronx de Venlo, munido de um bastão de beisebol e, acreditem ou não, voltou com sua motoca. Quando Aaron estava terminando o colegial, Piet, ao volante de seu Opel Manta rebaixado, tirava racha na Burgemeester Gommanstraat — esse tipo de jovem. E se uma noite Suiker tivesse estacionado seu Manta na frente da casa deles e colocado seu Adidas caríssimo na sapateira junto à porta da cozinha? Aí é que estava. Suik à mesa da cozinha. Suik de pijama diante do Commodore 64 de seu pai. “Meninos”, sua mãe chamaria da sala, “*Ter land, ter zee en in de lucht* vai começar”, ao que não apenas eu e Sebastiaan, mas também aquele demente cheio de músculos desceria correndo a escada. Isso é o que aconteceu com Joni.

Ela se alongou, a lateral quente de seu corpo tocando nele. “E mesmo com essas coisas acontecendo — horríveis, não tem dúvida, eu também achava isso —, comecei a gostar de Wilbert.”

Nesse momento ele parou de respirar. Com o movimento mais sutil de que foi capaz, afastou-se dela, de sua pele.

“Era um dilema: claro que eu não queria gostar dele. Mas comigo ele era educado. Protetor. Ele me levava para a estação na moto dele. Insistia em me buscar se eu voltasse tarde de algum lugar.”

“Gente boa”, ele disse. Ela ficou calada. Ele pensou tê-la escutado ranger os dentes.

“Ele me apresentou a música dele. L.L. Cool J, Run DMC, NWA — descobri tudo isso com ele. Escuta isso, escuta aquilo. Ele me comprou um walkman...”

“Roubou um walkman.”

“... da Sony, muito caro. Me levou para Amsterdam em segredo, no Paradiso: só nós dois, Public Enemy — meu primeiro show, meu pai até hoje não sabe. A gente pegou o primeiro trem para voltar. E eu ensinei ele a andar a cavalo. O lugar onde hoje fica a oficina era a cocheira da Peggy Sue. Ele não cansava nunca daquilo. Quando não estava andando de moto ou vagabundeando por Enschede,

estava com a minha égua. Ele queria porque queria aprender a montar. Eu costumava ir com ele para os estábulos Horstlinde, para trotar em círculos.”

“Comissão de Reabilitação de Drienerlo.” Estava tentando parecer bem-humorado.

“Mas a pior parte era que ele matava a gente de rir. Janis, eu, a mamãe também, a gente achava ele muito engraçado. Com ele tudo virava um show. Se meu pai pedisse para ele pegar mais molho, ele não levantava na hora, mas pegava um pano de prato na mesa e punha com cuidado no colo, fingindo que tinha noventa anos de idade e que sua cadeira era uma cadeira de rodas, virando um lado, depois o outro, com gemidos e rangidos, arrastando a cadeira até o balcão com a molheira na mão. Uma vez a gente deu um CD de Rob De Nijs para minha mãe e ele saiu cantando pela casa naquele sotaque dele de Utrecht: ‘Olha minha pica batendo no teu tampão, é o ritmo do tesão’.”

Aaron não riu. Com uma pequena contorção, liberou seu ombro da cabeça dela. “Você tinha que ver como era.”

Ele olhou em silêncio para o outro lado do quarto, na direção das cortinas cor-de-rosa pastel com cavalinhos brancos bordados. A mãe dela forrara as almofadas das duas cadeiras da escrivaninha com o mesmo material. Com olhar renovado, um olhar apreensivo, ele examinou os bichinhos de pelúcia na estante pintada de rosa que também abrigava suas edições Grote Lijster: *Een vlucht regenwulpen*, *Bougainville* e *Karakter*. Imaginou Joni adolescente, aconchegada na cama com esses livros, pulando de susto quando Wilbert chegava com um ronco de motoneta à entrada da casa. Ou pulando de alegria? Dentro do guarda-roupa branco, com a porta de correr aberta, ele viu caixas de sapato que sem dúvida continham as agendas, trabalhos e cadernos dos tempos de escola, cheios de As e Os desenhados como se fossem bolas de chiclete Bubblicious. Sentiu vontade de folheá-los para procurar vestígios de Wilbert: seu nome, um emblema do Public Enemy, qualquer coisa. Em cima de um banquinho havia uma pilha de *Elle*, exatamente um ano de revistas, a assinatura que ganhara de presente, após pedir com insistência,

no aniversário de quinze anos, mas depois achara tão “irritante” que deixaram que cancelasse a assinatura com apenas três meses. Era esse tipo de banalidade que ela sempre lhe contara. Jesus Cristo. Por mais hilariante que achasse aquele pulha, 1989 não devia ter terminado nada bem.

Ele perguntou: “O que deu errado?”.

Sem resposta. Então: “A gente precisa dormir um pouco”. Enfiou a mão sob o travesseiro e pegou uma máscara para dormir.

“Vamos lá, o que deu errado?”

“Alguma coisa deu errado? Ah, e como deu errado.” Ela pôs a máscara de volta sob o travesseiro e exalou devagar. “Foi aqui em casa, na verdade. Tudo aconteceu muito perto, praticamente debaixo do nariz do papai, e daí foi a gota d’água. Depois de onze meses a paciência de Siem estava no limite. Wilbert tinha que ir embora, a maçã podre tinha que cair fora, e rápido, antes que os dois saíssem na mão. O mau humor tomou conta da casa por várias semanas. Eles precisavam de um bode expiatório.”

“Um bode expiatório é uma pessoa inocente.” Ele deslizou a mão entre as cobertas até chegar à barriga dela, sentiu que ela o rechaçava. Com um suspiro, apagou o abajur.

“Eu estava tendo aulas de francês, na época”, disse ela. “E quem me dava aula era uma professora, uma mulher adulta — ou pelo menos era o que eu achava na época, mas na verdade ela ainda era nova, quase da idade que eu tenho hoje —, que tinha acabado de terminar o mestrado com distinção em Utrecht, a tese dela era sobre, ãhn, como é mesmo o nome, a mulher do Sartre, aquela megera.”

“Beauvoir.”

“É. A própria. Mas, droga, como era mesmo o nome daquela garota...?” Ela se concentrou muito, alguma coisa com F, disse.

“O nome faz diferença?”

“Era metida, mas muito bonita. Se arrumava bem, era elegante, como essas governantas de filme. Branca como leite, com uma pinta.”

“Então você estava tendo aula particular”, insistiu ele. Não desvie do assunto — mas ela começou uma digressão sobre o regime educacional na casa deles. No minuto em que ela ou Janis tiravam um C menos, seus pais apareciam com um professor particular. “Realização é a palavra mágica nesta família, embora eles nunca admitam. Terminar a escola simplesmente? De jeito nenhum. Eu não precisava ser a melhor da classe, mas mal não faria. Em Berkeley, não me mandaram para uma escola particular qualquer. Era a Berkwood Hedge: classes pequenas, ênfase na cultura, a mensalidade nas alturas. Mais tarde, em Boston, a Kids Are People Middle School — Montessori americano, uma peça de Shakespeare por ano. Um ‘C’ estava fora de questão para a família Sigerius.”

“E enquanto isso um delinquente juvenil acelerava a moto no jardim”, disse ele.

“... Vivianne! Vivianne Hiddink. Meus pais ficaram caidinhos pela garota. Ela tinha morado em Estrasburgo, estudado um ano na Sorbonne, organizado um programa de Studium Generale aqui na Twente. As aulas mal tinham começado e meu pai inventa de convidar ela e o namorado para jantar. Nos Estados Unidos, eles costumavam receber Richard Feynman, se é que o nome diz alguma coisa para você, mas de todo modo mademoiselle Hiddink também tinha seus atrativos, então por que não?”

“Claro, por que não?” Ele começou a ficar com raiva, toda essa conversa elitista, nesse tipo de coisa ela também não ficava nada atrás. Mas ele se segurou, por medo de levá-la a parar de contar sua história.

“Esse namorado dela, Maurice, é como se chamava, tinha um doutorado em física teórica. Trinta e poucos anos, o cabelo preto impecável, paletó de tweed, sapatos Van Bommel, do tipo com furinhos. Passou o jantar todo muito sério olhando por trás daqueles óculos estilo Schubert, fazendo um comentário mais afiado que o outro. Nunca conheci ninguém desde esse dia que fosse tão completamente o oposto de Wilbert. Era de doer os olhos ver os dois ali naquela mesa. Mas não dava para simplesmente mandar o Wilbert comer seu filé na cozinha, por mais que o papai estivesse

com vontade de fazer exatamente isso. Lembro de Wilbert, que no resto do tempo ficou bem na dele, fazer uma coisa inédita, perguntar para Maurice o que é que ele fazia de fato naquele 'instituto de pesquisa' lá dele. 'Tenho uma sala ali', respondeu ele, limpando os óculos com um paninho, 'com um sofá e mais nada, e eu fico deitado lá o dia inteiro, só pensando.' Isso deve ter soado familiar para Wilbert: sua própria sala sem nada além de uma cama para deitar e pensar."

Ela riu suavemente, talvez achando graça na história que estava contando. Era muito boa de papo e sabia disso.

"Então essa Vivianne sempre vinha em casa no sábado de manhã, das nove e meia às onze e meia, pra mim era uma tortura, e para completar eu ainda tinha que me arrumar correndo depois de acordar. A gente usava esta sala, sentava aí, nessa escrivaninha do vovô Sigerius, que ela apelidou de *bureau ministre*, e foi uma ótima sacada. A partir daí a gente também começou a chamar assim."

"E agora eu também."

"Tirando Wilbert", disse Joni. "Ele tinha outras coisas em mente. Todo mundo percebeu como aparecia lá embaixo no sábado de manhã, cedo demais pro horário de costume, e ficava crescendo os olhos pra cima da Vivianne. Se tinha chance, ajudava ela a tirar o casaco e pendurava com carinho no mancebo do corredor — a gente tirava um sarro dele por isso, com certo cuidado, claro. Droga, eu achei até fofo, e compreensível. Aquela Vivianne era mesmo uma coisinha fina. A casa ficava cheirando a Chanel até a hora do jantar."

Ele pressionou o nariz no pescoço de Joni.

"E daí, um sábado à tarde, papai recebe um telefonema de Maurice. Pelo que eu pude escutar lá de cima, a conversa era séria, nada de comentários espirituosos nem nada assim — dali a dois minutos, ele sobe e pede para eu desligar o telefone. Quinze minutos depois, apareceu na sala. Avisou: 'Vivianne não vem mais aqui'. E fim de papo."

"E?"

"Mais tarde, quando Wilbert tinha saído com sua moto sabe Deus pra onde, papai falou que estava pensando em dar parte na

polícia.” Ela limpou a garganta e engoliu a saliva. “Tudo começou com a tal da echarpe, que ela achou que tinha enfiado dentro da manga do casaco, mas não estava lá. Talvez tivesse deixado em algum lugar, perdido. Essas coisas acontecem. Na semana seguinte, Maurice tinha contado para o meu pai, quando voltava para casa Vivianne levou a mão ao bolso para pegar um lenço, linho irlandês, um desses lenços perfumados de dondocas, eu conhecia todos os acessórios dela de cor. Bom, o lenço tinha virado uma bola grudenta. O cheiro não era mais de Chanel, mas de esperma fresco. Embora tivesse sido ‘extremamente desagradável’, como ela disse, ela não contou para ninguém, nem mesmo para Maurice. Mas claro que fazia ideia de quem era o responsável por aquele banho de cola.”

Joni fez uma pausa por um momento, virou os ombros. A cama rangeu.

“Vamos ser adultos em relação a isso, resolveu Vivianne, o rapaz é um adolescente, um grosseirão, já tinha percebido isso. E além do mais, ela realmente gostou de frequentar a nossa casa, a gente estava se dando bem. Talvez tenha até ficado um pouco lisonjeada, vai saber. Um lenço cheio de porra é meio que um elogio, não é?”

“Não deixa de ser um gesto atencioso.”

“Duas semanas depois do caso do lenço, que ninguém além dela e do Wilbert sabia a respeito, Vivianne e eu, a gente estava sentada aqui e, como sempre, durante nossa segunda hora, depois da minha mãe ter trazido café e *krentenwegge*, ela saiu para usar o banheiro de cima. Então está lá sentada, a porta trancada, e dali a pouco escuta alguma coisa atrás da cortina do chuveiro, um barulho. É alguém respirando — foi assim que ela disse no tribunal—”

“Tribunal?”

“Isso, em Almelo. Ela escuta alguém respirando e fica paralisada. Por um momento, pensa que é sua própria respiração, que é ela mesma ofegando. Daí toma coragem e abre a cortina. Lá estava ele: nuzinho em pelo, a calça de agasalho nos tornozelos, segurando a echarpe escocesa que tinha sumido três semanas antes. Ele está ali de pé, batendo punheta, cheirando a droga do lenço, a menos de um metro de Vivianne—”

“Putá que pariu.”

“Mas o que é que ela faz? Não grita. Livra a cara dele, sem querer, ouve só, sem nenhuma segunda intenção, ela diz mais tarde — ela salva a pele dele por não gritar. ‘O que você pensa que está fazendo?’, sussurra, e ele gozando. Ela fica lá sentada. Ele dá um passo na direção dela, está quase em cima, e ejac...”

“Esporra.”

“Certo, também serve, esporra no pulso e nas coxas dela. ‘Você ficou louco’, ela fala entre os dentes, e ainda consegue se conter, talvez paralisada pelo choque, pelo menos foi essa a versão dela. Ela fecha a cortina outra vez, limpa a sujeira das pernas com papel higiênico, puxa a calcinha e a saia, esquece de dar descarga mas lembra de lavar o pulso, e sai do banheiro.”

“Mas que filho da puta”, disse Aaron.

“É...”, disse ela, encolhendo os ombros. E ficou calada por um momento. “Só que”, continuou, “essa Vivianne também era bem esquisita. Ela volta para o meu quarto, vai até o espelho, dá uma ajeitada na blusa e senta. ‘Bom’, continua, ‘onde a gente estava. *Future du passé*, sempre complicado...’ E nada! Nem uma única palavra sobre Wilbert. Juro por Deus, até aquele telefonema eu não fazia a menor ideia do que tinha acontecido. A mulher simplesmente terminou a aula de francês, eu descí com ela como sempre, a gente até parou para conversar um pouco com a minha mãe na porta da frente, e daí ela entra naquele Renaultzinho dela e vai encontrar Maurice.”

Lá fora, além do campus, provavelmente nos trilhos que levam à estação de Drienerlo, um trem intermunicipal tocou a buzina. O som prolongado penetrou no quarto de hóspedes e o fez cair em si, ele percebeu que não conseguia entender o que estava rolando ali. Qual era o estado de espírito dela? Parecia estar criticando a mulher. Ou não? Nos últimos dias, ele vinha interpretando errado tudo e todos por ali.

“Pelo jeito essa Vivianne queria pensar melhor, primeiro”, disse ele. “Ela não era estúpida, claro. Não saiu gritando feito louca na mesma hora, você pode chamar isso de autocontrole.”

“É verdade”, disse Joni. “Mas ao mesmo tempo é esquisito. É esquisito não dar um pio sobre uma coisa dessas. Como se nada tivesse acontecido naquele banheiro, foi assim que ela agiu. E quem pode dizer se aconteceu mesmo alguma coisa?”

Em vez de acatar a insinuação, pelo menos fingir que considerava a possibilidade, ele retrucou: “Você só pode estar de brincadeira! Ninguém inventa uma coisa dessas. Claro que aconteceu”.

“Espera só um minuto”, ela falou, “ele nunca admitiu...”

“Ah, tá bom. E por que faria isso?”

“Você disse que ninguém inventa uma coisa dessas, mas também poderia dizer: ninguém faz uma coisa dessas. É mais fácil inventar do que fazer de verdade.”

Ele sentiu a raiva crescer. “Esmagar a cabeça de alguém com uma marreta, Joni, é uma coisa que eu mesmo já tive vontade de fazer. E mesmo assim nunca fiz. Esse seu Wilbert faz o que dá na telha dele. Isso é coisa de gente louca. Acho que o juiz teve essa mesma opinião, não foi?”

Ela ficou de costas para ele, deu uma bundada, como se fosse uma luva de boxe, em seu quadril. “Era a palavra dele contra a dela”, disse. “Não havia prova. Ninguém viu nem ouviu nada.”

Ele sentou e olhou para a silhueta escura de suas escápulas contra os lençóis. Será que ela estava mesmo falando sério? Será que duvidava mesmo do que tinha acontecido naquele banheiro? “Joni”, disse, “você não pode ser tão ingênua assim. E aquele lenço cheio de porra? Também foi inventado? Vamos lá, seja racional.”

“Olha só quem fala”, rosnou ela. “Só me faltava essa, você agora me dizendo o que é e o que não é racional.”

“Só estou dizendo o que eu acho, e o que eu acho é que você está sendo muito pouco racional. Como terminou a história?”

“Muito pouco racional...” Ela suspirou dramaticamente. “Putá merda, Aaron”, explodiu, “eu realmente não estou com espírito pra

isso agora. Você vem agindo como um imbecil a semana toda, e agora há pouco também, lá na mesa, com suas lorotas heroicas, e vem dizer pra mim que eu não sou racional? Toma outro comprimido pra dormir. Boa noite.” Ela deu um forte puxão no lençol e enterrou a cabeça no travesseiro. Ele ficou feliz pelo fato de a luz estar apagada, pois percebeu que ficava vermelho. “Lorotas heroicas?”, disse ele, o mais calmo que conseguiu. “Do que você está falando?”

Ela não respondeu.

“Então?”

“Aaron. Você não acha mesmo que eu engoli toda aquela merda sobre o tal de Manus, acha?”

“Se não quiser acreditar, não acredita.”

“Não acreditei numa palavra.”

Silêncio. Cinco minutos. Dez minutos? Ele olhou para as cortinas oscilando suavemente. Começou a acreditar que ela estava dormindo e isso o deixou furioso. Ela sabia que ele não conseguia dormir depois de uma briga. E você também não dorme sem uma briga, ela diria no dia seguinte. No silêncio, sentiu de repente que ela estava escondendo alguma coisa. Ela o enrolara com uma versão depurada da história, havia dourado a pílula para descer sem problema por sua goela. Não era tonta de ser honesta com alguém com um pênis no meio das pernas. Nos quatro anos de namoro, o ciúme se tornara um mecanismo tão poderoso que era impossível para ele adivinhar o que ela realmente sentia pelo rapaz. Mesmo que tivesse parido um casal de gêmeos com Wilbert, ela não lhe contaria.

“Mais uma das suas paixonites, aposto”, ele soltou.

“Pensa o que quiser”, ela retrucou.

Ele engoliu sua raiva. “E você ainda não respondeu minha pergunta. Por que a cena. Por que quebrou a travessa de croquetes daquele jeito?”

Ela não respondeu. Por vários minutos, ele ficou olhando para suas costas. Até perceber por sua respiração que ela pegara no sono.

Nos dias que se seguiram, Sigerius evitou a filha mais velha; para Aaron, pelo menos, não devia ser coincidência que em nenhuma ocasião os dois sentassem à mesa ao mesmo tempo. Sigerius comeu fora na maior parte dos dias. Joni parecia ter esquecido a discussão que tiveram à noite e agora o evitava. O comportamento dela era irritante, num minuto parecia uma criança pequena, louca de expectativa com a viagem para os Estados Unidos, no minuto seguinte ficava ali choramingando pelo tal de Ennio.

Quanto a ele, estava ocupado com o *Tubantia Weekly*. Graças a Deus. O desastre da fábrica inegavelmente trouxera à tona seu melhor e, apesar das noites insones, havia se superado nas últimas semanas. Blaauwbroek ficou impressionado. Seu chefe era a primeira pessoa que haviam escutado na secretária eletrônica de Joni, muito antes do pelotão de amigos e familiares preocupados, e ele parecia um menino de onze anos vendo o circo chegar à cidade. “Bever, boa tarde, aqui é Henk Blaauwbroek. Vou presumir que tenha sobrevivido. Ouviu um estouro? A hibernação acabou, meu jovem. Tem umas fotos? Vamos fazer uma edição extra, já pode imaginar.”

Ele e seu chefe tinham uma relação de amor e ódio. Quando a equipe saía junta e tomavam umas bebidas, viravam dois bróders ruidosos, mas na redação era uma guerra constante. Como Aaron cursara a Academia de Arte e não uma faculdade de jornalismo, Blaauwbroek o acusava de ter aspirações artísticas, ferida que não cansava de cutucar. “Vou pendurar você num museu, meu jovem” ou “por que não tenta uma velocidade de obturador menor” ou “aí está nosso fetichista da natureza-morta” — quantas vezes aturara esse tipo de comentário. E ele não era mesmo grande coisa como fotojornalista, era o primeiro a admitir. Lento demais para o mundo real, hesitante demais, não ia atrás dos furos, mas era justamente por esse motivo, retrucava com cinismo, que trabalhava para Blaauwbroek e não para a Reuters.

Mas agora caminhava com passos determinados por uma Enschede tomada pela mídia, como se tivesse sido despachado pela própria revista *Time*. Ao menos uma vez, apresentara suas próprias ideias: em um importador chinês em Liège, tirou fotos antes, durante e depois de fogos de artifício classe 1.1, o tipo de cloreto de amônio encontrado nos bunkers de armazenagem de Enschede. Junto com dois ex-moradores e o chefe de polícia local, percorreu a área do desastre com um traje espacial. Fez uma série de retratos de moradores de Roombeek que haviam ficado sem casa e que ele convenceu a vestir as roupas rasgadas e sujas de sangue que estavam usando naquele sábado, 13 de maio (sua foto do homem com chinelos de borracha, segurando uma pinça de churrasco, que por horas vagara seminu pelas ruas em chamas, foi utilizada em um panfleto de ajuda às vítimas). Do telhado da cervejaria Grolsch, que estava em ruínas, fotografou a vizinhança carbonizada — uma chocante foto de zona de guerra que o *Algemeen Dagblad* comprou dele.

Dito de outro modo, a atmosfera rarefeita nesse planetaide devastado o deixou com vertigem. Ele era da opinião de que todo morador de Enschede que continuava vivo e com todos os membros do corpo não tinha do que se queixar, e para honrar o que dizia foi a primeira e única “vítima” a devolver os mil e quinhentos florins em dinheiro que a prefeitura distribuía a todos os afetados pelo acidente. Joni achou o gesto pomposo, até mesmo insultante. “Já está na hora de você parar de levar suas fanfarronadas a sério”, disse.

No último dia deles na casa de Sigerius, foi utilizar um computador da biblioteca da universidade para atualizar o site, um servicinho de merda que o fazia se perguntar por que sempre sobrava para ele; a história toda do site fora ideia de Joni, mas ele tivera de fazer o curso de Dreamweaver; ela falava sobre prostituição limpa, mas ele é que tinha de ficar ali, se cagando de

medo toda vez que um aluno entrava no local. Eram as últimas fotos da série que haviam feito no Golden Tulip, já estava mais do que na hora de prepararem uma nova sessão.

Quando saiu da biblioteca, a atmosfera sobre o campus era como uma bola de cristal. A satisfação com o que acabara de realizar varreu temporariamente as visões que tivera, dando umas piscadas diante do computador, de si próprio deitado sobre os ladrilhos cobertos de musgo da praça central. As primeiras estrelas despontavam no azul mais elevado do céu, alongados fiapos laranja pairavam acima das copas a oeste. Enquanto tirava o cadeado de sua bicicleta, o Bastille cuspiu um punhado de garotas tagarelas, um clube de debates feminino que acabara de se reunir no refeitório em torno de seu lanche semanal de linguiça com fritas e legumes cozidos. Elas começaram a pegar suas bicicletas.

Decidiu ir por dentro, pegar uma ciclovía arborizada que o levou à ampla pista de corrida. Três rapazes corriam com passadas surdas sobre o cascalho, duas alunas sentavam no canteiro oval do centro com uma garrafa de vinho. O sol afundou atrás da parede coberta de hera que ocultava a visão da piscina. O ar quente acariciou seu couro cabeludo. Ele fechou os olhos ao passar por um enxame de insetos e estava se perguntando se a piscina continha água suficiente para apagar o fogo daquela bola laranja quando, com um encontrão, a bolsa da câmera caiu de seu ombro, ficando pendurada em seu antebraço, matraqueando contra os raios da roda dianteira. Uma garota numa bicicleta Omafiets passou por ele, murmurando um “desculpe” quase inaudível.

“Vaca!”, ele gritou, surpreso com a prontidão com que seu contentamento se transformava em raiva. Respirando pesado, relaxou os pedais, diminuiu e parou com as pernas abertas. O ciúme estava na raiz de tudo. O medo de perdê-la.

Nevava quando chegou à casa de fazenda. Os choupos no extremo norte do jardim floresciam tão furiosamente que o céu crepuscular estava saturado de flocos e o gramado ficara coberto com uma camada translúcida de paina. Brancas bolas como que de pelúcia dançavam em volta dos tornozelos descalços de Joni,

sentada no terraço musguento, perto da antiga cocheira, como um...
é, como o quê? Como um boneco de neve derretendo.

Tineke estava sentada diante dela, à mesa feita com madeira de demolição, entre elas havia seus pratos vazios e uma garrafa d'água. Ao se aproximar foi dominado por uma sensação de repulsa. Já podia adivinhar o que estava acontecendo. "Oi", disse, sentando ao lado de Tineke. Joni respondeu sua saudação com uma úmida e prolongada assoada de nariz num pedaço de papel-toalha. Os olhos dela estavam inchados. Sua mãe suspirou e olhou para ele. "Está com fome?", perguntou.

"Com fome e com sede", respondeu ele. Em vez de perguntar a Joni por que estava chorando, pegou o copo dela e encheu de água. Bebeu e limpou a boca. "Que delícia", disse.

Após um silêncio constrangido, Tineke fez menção de se levantar. "Deixa que eu vou", murmurou Joni. Ela se levantou, puxou a alcinha sobre o ombro e saiu arrastando os pés pelo quintal penugento. Quando entrou na cozinha, Tineke pôs a mão no pulso dele e disse em voz baixa: "Ela acabou de voltar de Groningen. Foi visitar o Ennio. Seja bonzinho com ela".

Ele balançou a cabeça. "O que aconteceu, exatamente?"

Tineke relanceou em direção à casa, dava para escutar o som do micro-ondas na despensa. "É uma história horrível", disse. "Simplesmente horrível." Ficando de olho na porta, disse: "O homem pegou fogo. Pelo que entendi, estava tirando um cochilo no sofá quando a janela da sala implodiu. As costas e as pernas ficaram cheias de vidro. Depois o tapete da mesinha de centro pegou fogo e passou para o sofá, tudo sintético, é claro. Ele pulou pela janela quebrada e só então percebeu que sua calça também tinha pegado fogo". Ela balançou a cabeça. "E quando tentava apagar o fogo, perto do portão do jardim — é terrível demais, nem sei como dizer —, a chaminé desabou em cima dele..."

Ela parou de falar quando Joni abriu a porta de tela. Um interessante problema de física, escutou seus próprios pensamentos dizerem, quando Joni se aproximou. Dados: velocidade do homem rolando e altura da chaminé. Questão: calcule a profundidade do

jardim. Joni parecia estar sofrendo, e estava: com um gemido, largou um prato fumegante de frango tandoori sob o nariz dele. Soprou os dedos ao contornar a mesa. Parecia péssima de verdade.

“Nossa, eu também tive um dia daqueles...”, começou a dizer antes mesmo que ela sentasse. “Fui fotografar três alunos evangélicos. No abrigo de emergência lá deles. Os caras moravam no número 49 da Tollenstraat, um dormitório bem na frente da fábrica. O lugar foi varrido da face da terra, como numa história do Antigo Testamento. Fotos, dissertações, um piano de estudos novinho em folha, dois smokings alugados: tudo virou fumaça. Mas a crença deles continua inabalada, sabe. Uns carinhas muito educados que dão graças a Deus por não estarem em casa na hora. Evangélicos ou não, eles entendem que manter o senso de humor é a melhor maneira de lidar com a adversidade.”

“Fui ver o Ennio”, disse Joni.

“Em apenas dois dias”, prosseguiu ele, “já estavam com todo um repertório de piadas sobre o 13 de maio. Passam o dia inteiro espremidos naquele alojamento improvisado onde estão. ‘Ei, estou enxergando direito? Você está usando um suéter novo?’ — o tempo todo assim.” Sorriu, enfiou um pedaço de frango na boca e olhou para Joni enquanto mastigava. “Eu ouvi”, disse, com a boca cheia. “Mas agora ele pode receber visita. Então está melhorando.”

Com um movimento estranho, um tipo de espasmo, ela derrubou o rolo de papel-toalha da mesa. “Melhorando?” Respirou fundo, como um mergulhador indo em busca de esponjas, e sumiu embaixo da mesa. “Ele está na UTI, Aaron”, veio a voz sob a água. Quando voltava à tona com o rolo de papel-toalha, bateu o ombro contra a beirada da mesa, forte o bastante para fazer brotar novas lágrimas.

“Não é fácil, querida”, disse Tineke. “Chore, chorar faz bem.” (Se esgoelando, doutora. Se esgoelando. Não, não foi assim que falou, dois meses mais tarde, diante de Haitink, ele se expressou em termos mais eufemísticos, achava que Joni, para seu gosto, reagiu de maneira excessiva ao que presenciara no hospital de Groningen. Como se tivesse mandado encurtar cirurgicamente os ductos

lacrimais. Os dois pequenos gêiseres, ele observou, a tornavam curiosamente feia, ao contrário do que as lágrimas costumavam fazer com suas namoradas anteriores, menos atraentes: o choro as deixava mais bonitas, as lágrimas suavizavam suas feições. Ele comparou a torneira aberta de Joni com seu usual frescor escandinavo. O rosto amplo com a pele lisa, firme; acho que estou precisando tomar um pouco mais de ar fresco, era o que a pessoa pensava quando olhava para ela. A metade superior irradiava bem-estar, ao menos sob circunstâncias normais, força, ouro genético. A perspicácia, a sensualidade, a feminilidade ardente de Joni — isso ficava mais embaixo, juntavam-se em torno de sua boca, nesse momento uma faixa pálida e trêmula, mas em geral uma anêmona vermelho-escura com um lábio inferior muito levemente projetado que parecia sempre úmido. Um simples beicinho e toda essa exuberância se tornava maturação, decadência. Mas, por mais que estivesse ciente desses seus atributos físicos, às vezes levava o indicador à ponta de seu pequeno nariz e o empurrava para baixo, pois o achava arrebitado. Não era. Impressionante a quantidade de ranho que podia sair dali.)

E como Ennio estava? Ele devia ter feito alguma pergunta do tipo, porque em estágios quase ininteligíveis descobriu que o sujeito sofrera queimaduras de terceiro grau por todo o corpo, cinco costelas quebradas, baço perfurado e incontáveis ferimentos abertos. Os médicos haviam coberto as pernas, o peito e boa parte de suas costas com pele de doador — como um prato de lasanha, imaginou. Toda manhã, os ferimentos tinham de ser desinfetados e pensados com pomada e curativo, uma operação dolorosa para a qual lhe ministravam analgésicos e tranquilizantes. Nesse meio-tempo, Ennio perdeu litros de fluidos na selva de tubos e aparelhos, e todo tipo de órgão se recusava a funcionar, motivo pelo qual ficava permanentemente ligado a um equipamento intravenoso que o fazia inchar em lugares inesperados.

Joni parou para recuperar o fôlego, apoiando o queixo redondo em seus braços, que estavam cruzados sobre a mesa.

“Bom, pelo menos ainda está vivo”, ele resumiu, tentando um gesto hesitante de esticar o braço por cima da mesa e pôr a mão em seu ombro. Quando sentiu seu contato, ela ergueu a cabeça de repente, furiosa. “É, ele ainda está vivo”, gritou. Escoiceando a cadeira, ficou de pé.

“Joon...”, disse Tineke.

“Está vivo, mas desenganado pelos médicos, seu filho da puta. Ele tem septicemia e pneumonia. Praticamente sem chance nenhuma. E todo mundo está transtornado — todo mundo naquela família ficou devastado. E você fala como se tudo estivesse ótimo!”

“Aaron não acha isso”, disse Tineke, apaziguadora. Ela abanou a cabeça. “Foi só uma terrível má sorte, tão perto do divórcio. Primeiro expulso de casa, depois isso.” Olhou aflita na direção do jardim, seu queixo puxando junto a gordura do pescoço, e só parou quando olhou para ele — com ar interrogativo, parecia.

“Ennio não andava comendo suas balconistas?”, ele disse. Um silêncio pesado. “Isso foi o que ouvi dizer, pelo menos.”

Joni assoou o nariz num papel-toalha, jogou o papel sobre a mesa e ficou olhando para o jardim.

“Algumas pessoas”, acrescentou, “numa situação como essa, diriam: Deus castiga e não tarda. Mas não vão me ouvir dizendo isso.” Seu comentário as atingiu como excremento de gaivota, ele percebeu, mas ao mesmo tempo sentiu satisfação com isso, a privação de sono clareara sua cabeça, a insônia era parecida com estar alerta. O tal do Ennio não passava de um sem-vergonha abusado. A cada ano, uma nova caloura entre seus vidros de chutney.

“Se você fosse meu filho”, disse Tineke, “eu daria um tapa na sua orelha agora mesmo.”

Mas não sou, pensou ele. Juntou o resto de arroz e molho em seu prato, levou à boca e disse: “Preciso ir. O judô”.

Quando ele e Sigerius voltaram para casa por volta da meia-noite, pregados, Joni já fora se deitar no quarto de hóspedes. Sua

figura adormecida irradiava raiva.

Com cuidado, ele deitou a seu lado, preparando-se para mais uma noite insone. Era a primeira vez desde o incidente à mesa do jantar que ficara a sós com Sigerius e notou rapidamente que seu sogro continuava ressentido. Estavam sentados na beira do tatame, o grande caderno de esboços diante deles, discutindo *katas*, quando Sigerius lhe perguntou se Joni não dissera nada sobre “a situação”. Quer dizer Ennio, ele perguntara, quase com ingenuidade, ou a Califórnia? Não, não — Sigerius estava se referindo ao clima por causa de Wilbert, você sabe, na mesa, a confusão por causa do meu filho. Ele respondeu que haviam conversado a respeito brevemente, Joni lhe contara algumas coisas de antes, quando eram mais novos, mas não tinham conversado muito nos últimos dias. Era uma coisa entre pai e filha, assegurou-lhe Sigerius, nada com que se preocupar, mas ainda havia algo que o estava incomodando: será que Aaron por acaso sabia se Joni estivera em contato com Wilbert? Telefonemas? Ele percebera alguma coisa nessa linha?

Não, não sabia de nada.

Certo, ótimo — esqueça isso, águas passadas, vamos treinar, o caso parecia encerrado para ele, mas para Aaron, agora mais uma vez ali deitado ao lado de Joni, sem pegar no sono, a história estava apenas começando. Por ora, ao menos, nada de ser atormentado por fantasias sobre suas escapadas com o vendedor de chutney, de agonizar por causa de Stol e da McKinsey, mas dificilmente se poderia chamar isso de consolo. O que havia acontecido? Com que Sigerius andava tão preocupado? Por que ela não abria o jogo com ele? A noite se prolongou como numa máquina de tortura, esticando o tempo. O receio de Sigerius passara a ser seu, agora era *ele* quem subitamente tinha de saber se ela conversara com aquele criminoso e, vindo mais ao caso: *por quê*. O que estava acontecendo ali?

Com ela em um sono profundo a seu lado, aparentemente espremendo-se o máximo possível em sua metade da cama, sua mente vagou pelos piores cenários imagináveis. Wilbert a violentara. Não, haviam tido um caso. Bonnie e Clyde. Todo ano ela visitava Wilbert na prisão, para uma hora semanal de intimidade em um

cubo de vidro temperado. Eles tinham um filho por aí em algum lugar, ou pelo menos ela fizera um aborto — e suas fantasias mórbidas seguiram nessa veia, ganharam ímpeto, dispararam por todos os lados, cada vez mais aceleradas, cada vez mais descontroladas, até o campo elétrico ser suficiente para despertá-la: Joni acordou com um sobressalto. Ficou por um instante respirando forte e estalando os lábios, saindo de sonhos cujo conteúdo ele só podia especular. Acendeu o abajur no criado-mudo, pegou o relógio. “Droga”, disse. Só então olhou para o lado. Ele sentava ereto, as costas apoiadas no papel de parede texturizado. O olhar que ela lhe lançou foi... indescritível. O que havia ali? Gelo. Desdém, censura. Desprezo? A raiva fermentara e o que ele percebia era... ódio.

E mesmo assim conseguiu dizer uma frase completa. “Joni”, engasgou, “Wilbert ligou pra você?”

Ela sentou, brigou com os lençóis, olhou com expressão desdenhosa para ele. Soltou uma pequena risada de escárnio e por um momento ele esperou uma resposta, mas ela virou para o outro lado, enterrou os cabelos loiros no travesseiro e disse: “Boa noite, seu bosta”.

Ele recebeu autorização para voltar para sua casa. “Tá na hora”, cantarolou após o último café da manhã deles na casa de fazenda, e o tempo todo sem trocarem uma palavra entre si, como se fosse evidente que Joni deveria acompanhá-lo, enfiaram sua bagagem no Alfa Romeo e seguiram pela Langekampweg, ele dirigindo, Joni a seu lado, a gaiola dos porquinhos-da-índia no colo. O céu matinal brilhava azul sobre o campus. Continuaram sem se falar pela Hengelosestraat, ele conhecia esse tipo de picuinha, sabia exatamente quanto tempo durava.

Não gostavam de discutir, ambos tinham horror mortal dessas eternas brigas de casal. Claro que tiveram um monte de desentendimentos feios, confrontos que faziam as portas tremerem no batente, mas foram incidentes que diminuíram à medida que aprenderam a identificar melhor as fraquezas e calos recíprocos. Joni

odiava brigas porque era eficiente demais nisso, porque se concentrava no caminho mais curto para levar a melhor, o que no seu entendimento, ao contrário dele, não era o mesmo que estar com a razão ou vencer uma discussão, mas chegar a uma situação que lhe oferecia uma vantagem. No que lhe dizia respeito, brigar era, como certa vez gritara para ele, bastante ironicamente, durante uma discussão exaustiva e sem fim, “im-pro-du-ti-vo!”.

Ao chegar à Deurningerstraat a atenção de ambos se fixou na cerca de estacas parecida com uma paliçada, pintada de amarelo-mijo, com quase dois metros de altura, que acompanhava a Lasondersingel e virava a esquina na Blijdensteinlaan. “Como a aldeia de Asterix e Obelix”, disse ele para Joni, “só que menos invencível.” Ela não riu.

Quanto a ele, era um covarde. Evitava o confronto sempre que possível, uma briga com Joni era mais do que tudo *um risco*. Nos últimos quatro anos, sempre dizia a seus amigos que Joni seria a mãe de seus filhos e, para evitar qualquer coisa que pudesse pôr isso em perigo, até bem recentemente sempre pisara em ovos.

Avançaram devagar pelo caminho da entrada até a porta da frente, a chave que a prefeitura lhe dera entrou facilmente na fechadura nova. “Vamos deixar os bichos no vestíbulo, por enquanto.”

Vidro. Ouvira inumeráveis relatos sobre a onda de choque, um huno invisível que devastou implacavelmente as ruas de Roombeek sem esquecer um único endereço — e mesmo assim, ficou boquiaberto. Todo o segundo andar, que parecia pequeno após duas semanas passadas na casa de Sigerius, estava coberto de lascas, cacos e entulho. Sobre a mesa, nas almofadas da poltrona, em cada centímetro descoberto de suas estantes, entre os botões do controle remoto, nos parapeitos das janelas de ambos os lados, uma das quais ficara estilhaçada, na pia da cozinha, nos armários — vidro por toda parte. A prefeitura pusera tapumes de madeira no lugar das portas de vidro destruídas.

“Da próxima vez vou mandar pôr vidro duplo”, disse ele.

Andaram pela sala cintilante durante quinze minutos, Joni ainda em silêncio. Deu para ela o único par de luvas de borracha que conseguiu encontrar sob a pia e calçou suas grossas luvas de inverno. O degelo só começaria dali a uma hora, calculou. Aspirou os parapeitos das janelas com seu Nilfisk. Varreram e juntaram o vidro quebrado em sacos de lixo, em silêncio. Ele pegou os dois pratos com o desjejum que haviam deixado sobre a mesa do café na manhã do casamento e quando ia para a cozinha segurou perto dela uma fatia de pão mordida e salpicada de vidro. "Quer um pedaço?", perguntou.

"Para com isso!", ela gritou. Com um gesto furioso bateu em seu braço, e o prato saiu voando e quebrou com estardalhaço. Ele explodiu, segurou seu queixo, apertou com força e sibilou entre os dentes: "O que aconteceu entre você e aquele Wilbert do caralho?"

"Me larga", ela disse.

Ele apertou com mais força, a saliva escorrendo por sua mão. "Quero saber", berrou, mas em vez de responder, ela grunhiu de raiva. Ele a empurrou. "Isso já me encheu o saco!", gritou. "Já estou de saco cheio dessa história! Sempre esse negócio de contar pela metade. Fala logo de uma vez o que está acontecendo!"

Os olhos dela se arregalaram, num tamanho anormal. Levava um susto com sua reação explosiva, ele podia perceber, o ar presunçoso sumira de seu rosto. Ela afundou na poltrona mais próxima da porta de correr estilhaçada, viu que o assento estava cheio de vidro e levantou, de um pulo. Xingou.

"Vira", ele falou. Para sua surpresa, ela obedeceu. Ele limpou o vidro estilhaçado de suas nádegas com a palma da mão e teve de se abaixar para tirar pequenos cacos de sua saia. O gesto aliviou a tensão, aparentemente para os dois, porque antes que tivesse terminado, ela disse: "Tudo bem. Escuta". Suspirou fundo, mas continuou em silêncio.

"Estou escutando", ele disse.

Mais uma vez transcorreram alguns momentos antes que ela falasse. "Isso não vai sair daqui. O que eu vou contar... olha, eu não me orgulho disso."

“Tudo bem”, disse ele, preocupado mas ansioso. “Fala logo. Você tinha parado no tribunal.” Como não havia mais vidro nela, pôs as mãos em seu quadril, os polegares apoiados nas laterais de suas nádegas. Ela deixou.

“Siem insistiu que eu testemunhasse”, disse ela, assumindo repentinamente um ar prático. “Ele queria que eu dissesse que tinha escutado o que aconteceu no banheiro. Que eu estava no corredor e tinha escutado a coisa toda. Os barulhos. Tudo que tinha sido dito. Está me entendendo agora?”

Ele não respondeu, mas pressionou os polegares com suavidade em suas nádegas.

“Siem me pediu para denunciar o filho dele, meu meio-irmão. O menino que tinha montado a cavalo comigo uma semana antes, em volta do lago Rutbeek. Que eu... *fodesse* com ele. Que cometesse *perjúrio*.”

A palavra “foder” não caiu bem em seus ouvidos. Ele deu um puxão em sua bunda, ela avançou um passo. “Muito bom”, disse. “Artilharia pesada.”

“Seu babaca!”, gritou ela. E chutou a poltrona.

“Como assim? O cara tinha que ir embora. Seu pai estava completamente no direito dele.”

Para sua surpresa, ela permaneceu calma. Pegou o aspirador, ligou-o e limpou o assento da poltrona. Quando terminou, murmurou: “Precisa esvaziar”. Largou o tubo da mangueira no chão e olhou para ele. “Aaron, tenta se pôr no meu lugar, pelo menos uma vez. Eu prestei um falso testemunho. Contra minha vontade. Fui forçada a trair um menino que era meu amigo. Num tribunal. Com a presença dele. Eu prestei o falso testemunho na frente dele. Ele ouviu, ele sabia.”

“E depois?”

“Depois?”, exclamou ela, bem alto. “Depois? O que você acha, ‘e depois’? Ele pegou dez meses. Por causa da minha mentira. Por causa da manipulação de Siem. É isso, ‘e depois’.”

Ele balançou a cabeça. “Wilbert ligou pra você?”

Ela quis dizer alguma coisa, mais uma vez algo raivoso, mas nesse exato instante seu celular tocou. Quando enfiava a mão no bolso da saia para pegá-lo, se acalmou e disse: "Eu liguei pra ele. A gente se encontrou".

Atendeu o celular. Depois de dizer seu nome, escutou com atenção, esticou a mão na frente como um policial de trânsito e sumiu na cozinha. Bateu a porta atrás de si ao entrar. Quem podia estar na outra ponta? Ele foi atrás e viu pela janela que ela se afastara até o limite do quintal tomado pelo mato. Falando baixo. Com aquele delinquente?

Fazia um silêncio estranho na rua; levou algum tempo para ele perceber que não havia pássaros. A fauna abandonara Roombeek. Ele tinha saído de casa para esfriar a cabeça. Deixou um bilhete na mesa dizendo que fora comprar sacos de aspirador e alguma coisa para comerem.

Sua intenção era pedalar até Roomweg, onde havia uma lojinha de utilidades domésticas diante de uma barraca de batatas fritas, mas assim que viu a cerca de estacas se deu conta de que a lojinha agora só existia em sua lembrança. Mas então quer dizer que ela foi mesmo se encontrar com Wilbert. Ele passou pelo Rijksmuseum, atravessou a Lasondersingel e avançou pela quadra seguinte. Era para estar com ciúme ou preocupado? Depois da escola primária, dobrou à esquerda e chegou ao "monumento florido", um pequeno parque na Deurningerstraat coberto de flores embrulhadas em celofane, em memória das vítimas. Por que se sentia incapaz de manifestar qualquer compaixão?

Com um vago sentimento de inquietação, pedalou pela rua onde morava Blaauwbroek, olhou pela janela de sua sala, mas não havia ninguém em casa. Cruzou o trilho do trem e foi para o centro da cidade, seguindo a Langestraat até chegar a Hema. Será que sua capacidade para a empatia sumira completamente? Estaria sua mente subjugada pelo ciúme, um substrato verde que o impedia de enxergar até mesmo as coisas mais graves?

Pagou pelos refis de aspirador e por um pedaço de queijo e seis pãezinhos de granola e andou com sua bicicleta até a loja de lingerie na Haverstraatpassage. Não inteiramente por coincidência, passou em frente ao armazém de Ennio, em cuja porta vermelho-escura havia um aviso dizendo "PROVISORIAMENTE FECHADO"; parou diante da vitrine cuidadosamente decorada e examinou a pequena torre de potes: mostarda Colman's, minipotetes de geleia de laranja sem casca Wilkin & Sons, vidros de chutney de pêsego Mrs. Ball's, tudo empilhado na forma de um homenzinho. No topo, preso por um fio de náilon quase invisível, havia um chapéu-coco e, ao lado, suspensa com dois fios, uma bengala em diagonal. Imaginou Ennio arrumando seus produtos atrás da vitrine atulhada e concluiu que não era possível Joni ter transado com o tipo de pessoa que concebia e construía uma coisa ridícula como aquela.

Será que era ciumento demais? Seria melhor se segurar um pouco? Ele poderia estar imaginando coisas? Stol, Ennio, Wilbert, metendo, fodendo, trepando — três sujeitos que o privavam de uma boa noite de sono; essa turma dizia algo sobre Joni ou... sobre ele?

Andou mais um pouco e foi à loja de lingerie. De um modo ou de outro, nesse dia ou no seguinte, teriam de fazer uma nova sessão de fotos. Quem sabe ele poderia comprar algo útil, algo para demonstrar sua boa vontade. A vendedora, uma senhora de idade, acenou para ele. De uma prateleira abarrotada ele escolheu um sutiã preto de tule, com pontos de costura vermelhos nas meias-taças, e num cesto de plástico encontrou uma meia-calça arrastão que, assim disse a vendedora, ficaria ótima na patroa. De volta ao trabalho, hora da trégua. Pedalou de volta à cratera, refletindo sobre como iria sugerir que subissem ao sótão e mudassem de roupa. Pela primeira vez em semanas sentiu algo próximo de um desejo sexual.

Pela segunda vez nesse dia, quase como se fosse uma coisa perfeitamente normal de se fazer, entrou em casa, agora em um estado de espírito conciliador. "Oi!", chamou ao entrar na sala. Sem resposta, talvez ela continuasse ao telefone. Atravessou a sala vazia, olhou pela janela da cozinha para o quintal, mas também não estava

lá. Voltou para o corredor e bateu, sabendo que não deveria, na porta do banheiro.

Sorriu: será que ela tivera a mesma ideia, o eterno elixir da paz, e já subira para o quartinho do sótão? Quem sabe, talvez seus sinais telepáticos tivessem sobrevivido à tempestade. Subiu os degraus de dois em dois e olhou o patamar — a escadinha retrátil não fora puxada para baixo, percebeu na mesma hora —, mas continuou olhando, a boca meio aberta, para a porta de alçapão. Trancada. Claro. O cadeado cor de cobre brilhou friamente para ele. A casa estava vazia. Pela janela do banheiro, viu que a bicicleta dela, que ficara ali aguardando sua volta junto às coníferas desde o casamento em Zaltbommel, se fora.

Sem mais um pingo de excitação, desceu correndo a escada. Como o pacote de refis de aspirador estava por cima, levou alguns minutos para encontrar seu próprio bilhete sobre a mesa da sala. A letra dela sob a dele.

Sua reação ao que leu foi atípica de seu caráter, pelas circunstâncias, por seu medo profundamente arraigado de perdê-la, mas aparentemente não tão atípica assim num sentido patológico, pois quando recordou seu comportamento diante de Haitink, alguns meses mais tarde, ela balançou a cabeça enfaticamente, uma bomba petrolífera na superfície de sua psique. Ele lhe descreveu como sua consciência não encolheu numa bolota dura de remorso, como seria o esperado e o previsível, mas se expandiu em um universo de raiva e mortificação. “Putá que pariu!”, gritou. “Foda-se, sua vaca do caralho. Sua puta choramingona do caralho!” Então passou vários minutos rasgando a caixa dos refis, batendo-a contra a quina da mesa, e depois rasgou cada saco individualmente em mil pedaços. Com o suor pingando do crânio, pegou o bilhete entre os fragmentos de papel, amassou-o e foi com ele para o banheiro. Urinou em cima. Antes de dar descarga, pegou de volta o papel encharcado de urina (“tente imaginar o motivo de você ter feito isso”) e releu o que ela escrevera.

Aaron, tenho uma boa notícia para você: acabo de saber que Ennio morreu. Além disso, estou aliviada por você estar de volta à sua casa, porque por enquanto não quero mais ver a sua cara. Não me ligue. Joni.

Agora que a calma enfim reina no campus — com as últimas provas do ano acadêmico terminadas, a maior parte de sua equipe já a caminho do exterior, em seus trailers ou de avião, pedalando para a reitoria de manhã ele vê a Tubantia de seus pesadelos: pronta para encerrar as atividades —, Sigerius faz uma viagem de reconhecimento para Haia. Gosta de viajar de primeira classe. Sentado a uma mesa isolada no jardim do Café Brasserie Dudok, almoça com Frederik Olde Kannegieter, que esteve no Departamento Financeiro a maior parte da manhã. Conseguiram a custo arrumar uma hora para conversar sobre como andam os ânimos, na opinião de Kannegieter, entre os ministros responsáveis pela sua nomeação. Os dois se conhecem desde Boston, onde, por seu intermédio, Kannegieter dera um curso sobre teoria da decisão. Várias tardes foram passadas em sua sala no MIT, trabalhando juntos num artigo sobre o “problema do caixeiro-viajante”, texto que, por motivos que agora lhe escapam, nunca veio à luz. Mais tarde, Kannegieter foi reitor em Groningen, membro da diretoria da KPN e estava agora em seu quinto ano como diretor do Centraal Planbureau.

“Tente”, dissera ele uma semana antes ao telefone, quando Sigerius lhe contou que estava concorrendo. “Tente.” E então, o elogio: “O Ministério da Educação tem necessidade de alguém competente, cuja visão do ensino se baseie numa experiência sólida, mas que também dê a cara a tapa, tenha coragem de apontar um caminho”. Sigerius tinha suas dúvidas por causa da curta duração do mandato, dois anos, nem isso, “O que é um ano e meio, Frederik?”, mas Kannegieter não admitia recusa, qualquer governo podia cair, ninguém tinha duração garantida em Haia: “Zoetermeer, Frederik,

quem constrói um ministério em Zoetermeer?”. “Aproveita a chance”, dissera Kannegieter. Você sempre aproveitou as suas, seu velho canibal carreirista, ele havia pensado. Se o velho Kannegieter o aconselhasse a não tentar, uma semana depois ele mesmo iria atrás.

E claro que se pôs à disposição. Pesou os dois cenários: uma vida pública agitada em Haia ou o conforto de uma casa de fazenda nos arredores de uma universidade provinciana onde seu papel pouco a pouco ficaria menor até sumir. De volta a seu instituto, ou, pior ainda, às aulas na faculdade — não consegue nem imaginar isso. Considerou os Estados Unidos, sempre era uma opção. Princeton estava louca para tê-lo, podia ser professor universitário por lá, mas não queria tapear ninguém: depois de pelo menos dez anos sua capacidade matemática já não era a mesma. Além do mais, tinha de admitir que um cargo no governo, quando não o poder em si, era uma ideia que o atraía.

Kruidenier, enquanto isso, segue um osso duro, sobrevivendo a uma moção de censura após a outra. A intuição de Sigerius lhe diz que o tempo não está a seu favor, sendo esse o motivo pelo qual insistiu nesse encontro com Kannegieter. Entre uma e outra mordida em seus *club sandwiches*, perguntam como vão as respectivas famílias, ele quer saber sobre a situação em Enschede e então vai ao ponto. “O problema”, diz Sigerius lentamente, “é que o primeiro-ministro tem um candidato próprio. Para começar, Kruidenier nunca foi escolha sua, o D66 empurrou Kruidenier por sua goela abaixo. Quanto mais tempo o primeiro-ministro tiver, maior a probabilidade de que faça sua própria escolha. A menos, talvez... eu estava pensando... e por isso o almoço é por minha conta, Frederick — a menos que você exerça um pouco da sua influência.”

“E você acha que Wim vai me dar ouvidos?” Seu amigo tira os óculos imponentes e os limpa com um paninho amarelo de bordas denteadas.

“Na verdade, acho.” Kannegieter é não só o chefe de contabilidade do governo, o homem que supre a Torentje, o gabinete do primeiro-ministro com previsões sobre a taxa de crescimento do PIB, como também um membro proeminente do

PvdA, um ideólogo do Partido Trabalhista que participou da elaboração do novo programa político e o sujeito que sussurra no ouvido do primeiro-ministro Wim Kok quando é preciso alcançar o coração das classes trabalhadoras. Se o primeiro-ministro comete uma gafe ideológica qualquer, cabe a Kannegieter apagar o incêndio com uma rápida pedalada até o *thinktank* do partido, a fundação Wiardi Beckman.

Ele inspeciona seus óculos à luz do sol. “Eu também”, diz, “eu também.” Uma vaidade fingida, uma ironia irônica, mesmo em Boston isso era seu ponto forte. Sigerius se lembra da recepção para um químico que ganhara o prêmio Nobel, conversavam com um americano que não parava de se perguntar se devia ou não se livrar de uns *click funds*; vocês são matemáticos, o que acham? Tenho uma sugestão, disse Kannegieter com a maior seriedade, mas só se aplicaria a dólares complexos em um espaço de Hilbert de dimensão infinita.

Ambos ficaram olhando em silêncio por um momento para um garçom cujo avental laranja era decorado com uma bandeira do leão holandês se projetando da fachada do Dudok.

“Que horas começa a inquisição hoje à noite?”, pergunta Kannegieter.

“Quinze para as nove.”

“Siem”, diz ele, “deixe-me pôr de outro modo. Falei com Wim faz alguns dias, conversamos um bocado sobre você, ele trouxe o assunto para a mesa — e de fato, dúvidas, dúvidas... ele respeita você como cientista, acredite em mim, e como administrador também, só não tem certeza do seu desempenho em termos políticos. É uma aposta, sem dúvida.” Um pedaço de bacon cai da boca de Kannegieter, descreve um arco sobre a mesa e aterrissa na borda do prato de Sigerius. “Ele me perguntou, então contei para ele sobre nossa época em Boston, sobre nossa relação de trabalho, sobre matemática, naturalmente — mas também sobre nossa amizade, Siem, nossas famílias saindo juntas, nossos filhos passando a noite na casa um do outro. Para ele a coisa se resume a saber se ele pode confiar em você. Não se preocupe demais com isso.”

O céu subitamente escurece na cabeça de Sigerius, como repetidas vezes tem acontecido nas últimas semanas. Os elogios de Kannegieter não o tranquilizam nem o agradam, antes, deixam-no em um estado de espírito sombrio, de agressividade latente, essa conversa não desperta seu interesse, apenas serve para afundá-lo numa poça pegajosa de indiferença, ele é obrigado a resistir ativamente contra um curto-circuito em seus neurônios. Amizade? A liberalidade com que a palavra passa pelos lábios de Kannegieter o deixa furioso. Eles se entreolham. O que sobrou da “amizade” deles? Da ligação tão familiar e frequente que havia no passado? Até que ponto eram mesmo ligados? Ah, sem dúvida, eram como unha e carne no que dizia respeito às abstrações rarefeitas de seus trabalhos, duas ou três vezes por dia se curvavam sobre a mesa um do outro para discutir C^* -álgebras unitais com uma predual — o que você acha, Fred, elas são únicas? Como um espaço de Banach, quero dizer, ou talvez sempre? Exclusão de isomorfismos etc., por horas a fio — e, sem dúvida, isso era ótimo. Mas amizade? Com que frequência ainda conversamos, Kannegieter? *O que sabemos a respeito um do outro?*

O homem sentado diante dele esperava uma reação diferente, ele segura a lente direita de seus óculos entre o polegar e o indicador, continua esfregando só para manter a pose. E se lhe fizesse uma pergunta de verdade. Abrir o peito sem mais nem menos, bum, sua preocupação real, sua dor de cabeça número 1. E se dissesse: “Escuta, Frederik, estou preocupado que minha filha possa estar se prostituindo na internet”. Suas mãos ficam úmidas com o pensamento. Não posso fazer isso. Em algum lugar atrás da sebe que os separa da praça Buitenhof um carro buzina, ambos olham momentaneamente para a cerca viva.

“Obrigado, Fred”, diz ele distraidamente. “Foi gentileza de sua parte ter falado sobre mim.”

Depois de ter pagado a conta, ambos contornam o lago Hofvijver até a praça onde o motorista de Kannegieter come um prato de ovos com pão num café ao ar livre. O clima ficou esquisito. Eles se despedem.

Ele caminha sob o forte vento da Korte Houtstraat, mata quinze minutos olhando discos de jazz na Plaatboef. Será que ele sabe o que é amizade? Os contatos que mantém poderiam ser chamados de amizades? Enquanto caminha o mais devagar que consegue para o Ministério da Saúde, folheia mentalmente a caderneta de endereços. Ele pode até parecer o tipo de sujeito que tem colegas, alguém cujos contatos lhe são entregues numa bandeja de prata, mas na verdade escolhe parceiros de sparring, competidores que relutam em brigar. Os outros são como um padrão de medida para ele próprio, como pedras de amolar.

Passa sob um pórtico arquitetonicamente sólido, atravessa o pátio do ministério. "Sou um egoísta", disse Menno certa vez, a caminho de um torneio em Düsseldorf, "e você também é, Siem. Somos dois solitários, do tipo que não tem amigos."

No balcão de recepção do enorme edifício de tijolos vermelhos, recebe um crachá. Pega o elevador para o quinquagésimo andar e sai em um corredor com painéis de madeira clara. Passa cerca de dez horas por semana em reuniões. Mas conversa? Com quem, meu Deus? Para diante de uma das janelas elevadas e olha para as íngremes empenas das torres principais até dar duas horas em ponto.

O iluminado gabinete de trabalho da vice é revestido com os mesmos painéis de madeira do corredor, sua mesa com tampo de vidro tem a metade do tamanho da sua na Twente. Ela o recebe cordialmente, com um toque de desatenção que ele vê como típico de pessoas no topo. Os dois se conhecem mediante o necessário apertar de mãos nos congressos do partido; o trabalho dela é amaciar os ministros, e Kok em particular, para que aceitem sua nomeação. A entrevista corre bem, conversam por quase duas horas, ela fica "encantada" com sua motivação e o cumprimenta por seus artigos sobre ensino superior. "Não podemos mais nos permitir nomeações inoportunas", diz. Discutem dossiês complicados, ele menciona seus pontos de vista, a inteligente voz feminina lista os

potenciais obstáculos no caminho. De tantos em tantos minutos ele enfia a mão esquerda no bolso da calça e roça o polegar nos dentes pontudos da chave.

Bandos de torcedores de futebol enxameiam pela Den Haag Centraal, ele precisa se apressar se quiser pegar o trem das 16h06. Quando desembarca em Enschede, duas horas e meia depois, vai até uma cabine telefônica e chama o número da casa de Aaron. Deixa tocar até escutar o sinal de ocupado. Então liga para Tineke em seu celular. "Continuo na estação central de Haia", diz. "Chego em casa na hora do jogo."

"Ótimo", diz ela com sua voz familiar, agradável, "Janis vai ficar feliz. Como foi?"

"Útil. Frederik manda lembranças. Ele fez tudo que pôde."

"Quer que guarde seu jantar?"

"Por favor. Olha, preciso embarcar agora."

"Boa viagem, querido."

Ele sai da estação, diante da banca de jornais Bruna um rapaz de cabelo cacheado molhado e segurando uma pequena bolsa de viagem acena com o queixo, ele devolve um sorriso, sempre responde com um sorriso, e decide pegar um táxi.

Limpando a garganta, diz: "Vluchtestraat".

A Mercedes desliza como uma raia pelas ruas engrinaldadas de laranja. As cercas de isolamento haviam sido pintadas por crianças. Fileiras de casas de tijolo vermelho-escuro que retêm o calor do dia, janelas abertas com mosquiteiros. Faltam horas para anoitecer. A rua de onde Joni e Aaron partiram cinco dias antes, o carro cheio de bagagem, está toda enfeitada em cor de laranja, faixas, bandeiras e balões — é como se a explosão nunca tivesse acontecido. Enschede é uma salamandra que perdeu o rabo.

Pede ao motorista que pare no fim da rua, paga o homem e tira a chave do bolso antes de descer. Respira fundo e, sem se demorar, anda pela Vluchtestraat silenciosa, passa por uma espécie de residência de enfermeiras, depois atravessa na diagonal e entra no

curto caminho que leva à porta da frente de Aaron. Se tocar a campainha, só para disfarçar, os vizinhos talvez escutem. Não, a coisa precisa ser feita como um esparadrapo sendo tirado, arrancar de uma vez. Prendendo a respiração, insere o aço virgem na fechadura. Ela não gira. Ele a sacode para a frente e para trás, suavemente, seus dedos estão úmidos.

Durante a última semana que passaram na casa de fazenda, Aaron chegou com uma chave nova e, enquanto Sigerius escutava sua história — a prefeitura trocara as fechaduras de todas as portas que haviam sido obrigados a arrombar —, registrou precisamente onde Aaron a guardou: no chaveiro, dentro do bolso de seu paletó de verão, um blazer de brim que pendurava com zelo num cabide no armário do vestíbulo. Foi o último a continuar na sala naquela noite. Enquanto o resto da casa dormia, tirou as chaves do bolso de Aaron e foi com elas para o banheiro, onde tirou do chaveiro a única com aspecto de nova. No dia seguinte, pediu à sua secretária que tirasse uma cópia no Mister Minit.

A chave errada? Uma pessoa supersticiosa veria a mão do destino em ação. (*Está cometendo um erro, vá para casa, esqueça tudo.*) Ele enxuga as mãos na calça e olha em volta. *Nunca olhe em volta.* Na segunda tentativa, a fechadura abre.

Ele entra e fecha a porta devagar às suas costas. Leva um minuto antes que consiga escutar o silêncio acima dos batimentos de seu próprio coração. Um vago odor animal penetra em suas narinas. Ele exala e considera se deve trancar a porta. Um vizinho aparece para encher o regador. Ele ensaia sua reação: papéis do seguro, meu genro está de férias, ele me ligou, bateu o carro, estou ocupado lá em cima.

Nos degraus pintados de branco, há uma pequena pilha de panos de prato, no degrau seguinte, um par de tênis de corrida. É para lá que deve ir, o andar de cima, mas primeiro, só para ter certeza, abre a porta da sala. Está atulhada e empoeirada, ele se sente desajeitado, como se fosse começar a derrubar as coisas. Na mesinha de centro, em torno da qual se reuniam uma vez por ano para uma fatia de *vlaai* em seu aniversário, há um par de raquetes

de badminton e um tubo de petecas. Diante da tevê, um sofá moderno de forro roxo, poltronas combinando, dois alto-falantes grandes que ele e Aaron compraram juntos em Münster, um velho toca-discos Dual e ao lado do aparelho uma pilha de LPS de jazz que ele reconhece como seus. A fascinante parede coberta de livros arranca um sorriso dele, mas é um sorriso nervoso. Pelo canto do olho, à esquerda, nota um retângulo grande e escuro com as beiradas brilhantes: as cortinas que dão para o quintal estão fechadas. Alguma coisa começa a zumbir sonoramente. A geladeira? As cortinas da rua estão abertas, droga; uma marroquina empurrando um carrinho de bebê olha para ele ao passar pela calçada. Sorrir e acenar, sempre. Além dela, um baixo prédio de apartamentos; além do prédio, a cerca improvisada em torno de Roombeek. Seu coração dá um pulso: alguém desce correndo uma escada, um baque surdo, uma porta fechando — o vizinho ao lado? Fique calmo. A França é longe. Você os mandou sutilmente para o exterior.

Aqui, peguem mil e quinhentos florins e se mandem. Relaxem, aproveitem. Conversem. Ele vai até a quitinete e pega um copo no balcão, enche com água da torneira e bebe sofregamente. Foi uma medida emergencial, teria preferido esperar o momento propício. Uma oportunidade de usar a chave se apresentaria mais cedo ou mais tarde, aqueles dois viviam saindo de férias, era de se imaginar de onde tiravam o dinheiro. Mas então Tineke lhe contou que a relação deles estava balançada. Problema sério. Por um fio. Tineke fora ao enterro de Ennio, uma ocasião deprimente, com poucas pessoas, havia esperado que Joni e Aaron estivessem juntos, mas a filha fora sozinha. Depois, na capela, ela contou à sua mãe sobre a briga com Aaron e expressou suas apreensões com o futuro.

Isso complicou tudo. Os dois não saíam de férias tão cedo, talvez nunca. E não poderia simplesmente ir entrando na casa do ex de sua filha... Na semana anterior, o último treino deles: cinco minutos antes de começarem, ocorreu-lhe que Aaron poderia não aparecer. Mas ele chegou ao ginásio empoeirado como se nada tivesse acontecido. Vou esperar que toque no assunto, pensou. Com

grandes estrondos de trovão, montaram o tatame no piso, conversaram sobre a proximidade do Campeonato Europeu, se aqueceram em silêncio, fizeram os exercícios de solo, repassaram os *katas* — e por todo esse tempo, nenhuma palavra. “Aaron”, acabou por dizer, “você acha que as coisas vão ficar bem entre você e Joni?”

“Então você conversou com ela?” Pararam para arrumar os quimonos, o varapau prendendo a faixa preta entre o queixo e o peito.

“E você, você não conversou com ela?”

“Não. Estou proibido de ligar. E você conhece a Joni.” *Eu conheço a Joni? Não me faça rir.* “Estou péssimo, Siem.”

Novo silêncio. Aaron pareceu hesitar e então lhe disse que ela ia se encontrar com Wilbert. Havia extraído essa confissão na última briga que tiveram. “Mas, Siem, por favor”, disse com tremor na voz, “você não ouviu isso de mim.” Enquanto se recuperava da notícia, Sigerius notou como Aaron estava magro; em vez de corado do exercício, ficara pálido como a morte. Sua pele parecia prestes a soltar do crânio a qualquer momento e cair amarrotada sobre o tatame como um saco de aniagem. “Eu queria muito que a gente se entendesse, Siem. Nunca contei pra ninguém, mas sempre pensei em Joni como a mãe dos meus filhos. Desde o primeiro dia.”

Ele balançou a cabeça. Podia matar dois coelhos com uma cajadada. Com um pouco de sorte, poderia arruinar esse encontro. Comece adiando, e depois adie um pouco mais, até gorar. “Puxa vida, Aaron”, Sigerius falou com a voz melíflua, carregada da duplicidade que geralmente reservava a seus chefes de departamento, “eu queria poder ajudar de alguma maneira. O que vou dizer para você agora, vou dizer para a Joni também, prometo. Vocês dois foram feitos um para o outro. O que você acabou de me contar não é pouca coisa. Não quero que joguem isso pela janela desse jeito. Essas últimas semanas foram de enlouquecer para todo mundo em Enschede, você e Joni inclusive. Acho que vocês dois deviam tirar umas férias. Juntos. Por minha conta. E quanto antes.”

“Puxa, Siem, você está falando sério?”, disse, o lábio inferior tremendo. “Significa muito pra mim.”

O rapaz quase desmontou e Siem percebeu que ele estava apreciando. Acolheu a gratidão de Aaron com um sorriso paternal, mas na última luta lhe deu uma surra. Sempre eram uns fanáticos, lutando para valer no fim de cada sessão de treinamento — mas dessa vez, sentia o sangue nos olhos. Agarrando, virando de cabeça para baixo, segurando pela esquerda para confundi-lo, pegando pela gola, seu pulso rígido contra o pescoço quente, resistente, de Aaron. Quando haviam começado a treinar juntos, Sigerius podia derrubá-lo literalmente com a mão nas costas, ele varria o tatame com aquele corpo desengonçado, o ginásio vazio ecoava deliciosamente com os golpes surdos. Mas à medida que Aaron se acostumou com seu estilo, aprendeu seus truques, conheceu seu arsenal, ele começou a perder a vantagem; Aaron ficou mais forte, começou a se movimentar melhor, os vinte e cinco anos de idade entre eles começaram a fazer diferença. (Ele se lembrou daquela vez que Joni fora assistir ao treino deles. Até a última luta, ela ficou ali se esticando, sorrindo e fazendo caras e bocas, sentada no banco longo e baixo sob os cabides na parede, mas quando ele e Aaron se atracaram com vontade, quinze minutos depois, ela tinha sumido. Já subira ao andar de cima, na cantina do centro esportivo, muito animada, sorrindo e bebericando uma Diet Coke no canudinho. “Que esporte mais estúpido”, sentenciou de seu banquinho no balcão. “Se eu não saísse de lá ia acabar separando os dois.” Você ainda não viu nada, ele pensou.)

Ele soltou a fera. Uma antiga chama voltara a se inflamar, seu instinto assassino. Aaron despertara sua sede de sangue. Fluiu por seu corpo uma hostilidade que não sentia pelo menos desde 1972. O tatame era maior do que os tatames de competição do Nippon Budokan; ele arrastou o rapaz para a frente e para trás na superfície de lona sem fim, puxou-o para o chão, aplicou-lhe uma rasteira, com poucos resultados, o filho da mãe lutava com todas as forças, mas ele o deixou em maus lençóis, tentando derrubá-lo. Lutavam com as mãos livres, os chutes na parte interna dos tornozelos de Aaron eram cruéis e impiedosos, várias vezes o quimono foi puxado por cima da cabeça suada. *Você não me escapa, seu cafetãozinho.*

Agarrando, sacudindo e soltando, voltando a agarrar, arrastando — e agora entrando, *uchi mata*, ele enfia sua perna entre as pernas de Aaron, tensionando, o rapaz fica em seu quadril, pula numa perna só, puxando com força — não, recuando, e agora, outra vez. Isso, agora. A longa-curta flutuação, um momento com apenas seu dedão tocando o tatame, Aaron voou, pesando nada, aí está, *bam*, a pancada contra o solo. *Ippon*. O cheiro de pó que ele e sua presa haviam batido do tatame. Foi assim que finalizara Kiknadze, foi assim que fizera picadinho de Maejima. Sigerius dá uns pulinhos para trás numa perna só, sua perna boa, a mais longa, olhando para o teto, traça um semicírculo triunfante.

“Vamos lá, homem, de pé.”

Ele volta ao corredor. Com passos largos, cuidadosos, sobe a escada, o ar fica mais rarefeito a cada degrau. Está a serviço da verdade. O pequeno patamar tem quatro portas cinza. Uma débil luz do dia filtra pelo vidro fosco das bandeiras acima das portas. Ele já subiu ali certa vez, anos antes, para o obrigatório tour pela casa. Uma das portas está entreaberta, um varal de chão, verde; penduradas na frente, camisetas, cuecas, duas calças jeans — nada que pertença a Joni. Atrás, um quimono, o seu quimono, o que ele lhe emprestou. Uma inesperada onda de afeto flui por seu corpo, uma reserva de compaixão familiar. Que diabos está fazendo ali? Quer que esse sentimento volte, quer pelo menos reverter ao que sentia antes de toda essa merda.

Não vá amolecer agora. O quarto. Rapidamente ele inspeciona o colchão de casal listrado; debaixo da cama, bolas de pó, uma camiseta amarrotada, um protetor de ouvido. Atrás das portas do armário: roupas de homem saídas direto da máquina, um completo caos, ele passa a mão atrás das pilhas. Nada. No criado-mudo, livros, mais protetores de ouvido e uma cartela de comprimidos quase vazia: temazepam, ele lê. Quando vira, está frente a frente consigo mesmo num espelho de corpo inteiro; o linho cinza-claro de seu paletó de verão está amarrotado da viagem no trem, seu bigode

está muito cheio, como uma terceira sobancelha. Sempre tem esse ar tão... cadavérico? Um ninguém disfarçado de alguém, com um emprego remunerado, a persistente barba por fazer, os olhos negros e fundos turvos e injetados de estresse. Com quem se parece? Levando um choque, ele percebe: com Wilbert, é a mesma expressão que Wilbert tinha depois de três semanas em cana. Qual seria a aparência de seu filho agora, após seis anos passados atrás das grades?

Ele volta ao patamar, dá uma olhada no banheiro do fundo; há manchas de bolor no teto, acima do boxe, a porta da máquina de lavar está aberta, ele dá uma fuçada no cesto plástico de roupa suja que fica atrás da porta: toalhas de vários tamanhos e, mais uma vez, roupas de homem. Na prateleira de plástico acima da pia amarelada há um frasco quadrado de loção pós-barba; sem pensar, ele se aproxima, tira a tampa e esfrega um pouco em seu pescoço, um odor pesado, vagamente familiar.

Só agora lhe ocorre que a maioria das fotos foi tirada em um sótão, sob um telhado inclinado. De volta ao patamar, olha para o teto pela primeira vez: um alçapão marrom, preso por um cadeado cor de cobre. Há um barbante curto atado a um anel de metal na madeira, que ele alcança na ponta dos pés. Duas marcas retangulares no carpete evidenciam a existência de uma escada retrátil. É só empurrar a escada para cima e pronto, ninguém pensa no velho sótão.

E agora?

Ele sai febrilmente à procura da chave. Primeiro vasculha as gavetas do criado-mudo. Pilhas de passagens de trem, cartões de visita, revistas, canetas esferográficas, suplementos amarelados de jornal, cartelas de comprimidos, caixas de comprimidos, comprimidos avulsos pela metade, uma garrafa de genebra Bokma meio vazia na primeira gaveta; na outra, nada além de uma bolsa de água quente e duas máscaras para dormir da Singapore Airlines que trouxe para Joni. Ele pega os livros, volta a procurar em todas as prateleiras do armário, tudo em vão; desce ao andar de baixo, apalpa os paletós no cabide do corredor, tirando tudo que tenha

alguma solidez, na cozinha vasculha as gavetas caóticas sob o balcão cheirando a alho, abre todos os armários, Tateia, pega, olha — e encontra, entre um pote de canela e um saco de sal, uma chave.

Seu coração pula à frente dele ao subir a escada. Ele puxa uma cadeira de madeira de um pequeno armário de serviço contendo uma tábua de passar e uma montanha de roupa amarrotada e sobe. Uma dor lancinante atinge sua perna mais curta. A chave é grande demais. Que Deus o impeça de praguejar. Ele desce da cadeira, segura um dos braços e a joga no chão com toda a força. Uma das pernas quebra com estardalhaço. Ofegando de raiva, enterra a cabeça na roupa pendurada no varal. O odor fresco de sabão em pó entra em seu nariz. Calma. Ele pega seu quimono e morde a gola dura.

A agressividade. A situação em que se encontra só contribui para aumentar seu furor e deixá-lo mais fora de si do que considera aceitável. Toda sua vida ele sentiu orgulho de sua capacidade para canalizar a raiva — e agora destrói uma peça de mobília inocente, indefesa? Controlar a corrente interna — foi isso que aprendeu com Geesink na Jansveld. Saber explodir no momento exato é tão complicado quanto não explodir. Decidir por si mesmo quando recorrer a essa mistura inebriante de concentração e selvageria e, quando decidir, ligar os cabos de bateria a seus músculos de uma vez, alimentar a mentalidade do judô aprendida dia após dia com a pura agressividade, sem raciocínio, sem neocórtex, volts e ampères, deixar a corrente elétrica fazer o serviço. Ele guarda uma lembrança cristalina da primeira vez que explodiu no momento exato — também foi na Jansveld, devia ser por volta de 1962. Querendo ou não, ele se vê transportado novamente para a modesta academia acima da garagem, no centro de Utrecht. Geesink já era o campeão mundial, quanto a ele, ainda fazia o serviço militar, dezenove anos e verde; verde e ingênuo, como agora.

Havia apenas seis meses que praticava judô em Utrecht quando certa tarde três caras do Tun-Yen, um clube de Amsterdam, apareceram. Ele sabia que eram uma turma da pesada, mas o que tornou a inesperada visita espetacular foi que Jon Bluming era membro do Tun-Yen. O famoso Bluming, impossível de encontrar, mas sobre quem se ouvia falar em toda parte: desde que Geesink virara o mundo de cabeça para baixo em Paris, Bluming se pavoneava por aí, desafiando abertamente o novo campeão mundial. Em toda oportunidade que se oferecia, dizia que mastigaria e cuspiria Geesink, “vou dobrá-lo como uma cadeira de jardim”. Ele havia declarado para a revista *Panorama* que Geesink não era o melhor do mundo, que no Japão conhecia um monte de judocas que torciam o nariz para torneios de que os europeus participavam, e afirmava que ele, Bluming, mandara cada um deles para o tatame. Geesink simplesmente deixava que Bluming falasse à vontade. Isso não o incomodava.

Já ele, Sigerius —, ele ficava furioso. Era uma humilhação. Tomava a bravata de Bluming como um insulto pessoal. Para ele, era uma honra pisar no tatame de Geesink; para ele e para o resto da humanidade Geesink era um deus do judô, um herói, um líder. Quando se via de volta a seu catre na caserna Kromhout após uma tarde na academia da Jansveld, agradecia aos céus pela sorte de poder treinar com Anton Geesink. Era formidável, naquele espaço acima da garagem se encontravam os judocas mais fantásticos, tecnicamente falando, todos eles uns sujeitos explosivos: Pierre Zenden, Joop Mackaay e, naturalmente, Menno Wijn. Os irmãos Snijders, gêmeos idênticos que estavam no mesmo batalhão que ele, haviam movido céus e terra para sair de licença e ir ao dojo quatro vezes por semana. Era inebriante. Um pouco antes ele assistira das arquibancadas a Anton Geesink se tornar campeão do mundo, em Paris; na época, ainda morava com seu pai, em Delft. Ele e mais alguns da academia foram até Paris num Renault Dauphine, compraram ingressos como todo mundo para o Stade de Coubertin e urraram de alegria vendo o colosso holandês derrotar um japonês após o outro, e agora, quase um ano depois, esse

mesmo campeão lhe ensinava como melhorar seu jogo de ombro, dava dicas sobre aperfeiçoar suas técnicas de mão esquerda, dizia que chegara a hora de comprar uns halteres e virar um homem de verdade. “Então você é de Delft?”, perguntou Geesink com aquela sua voz grave e arrastada. “Ótimo. Da próxima vez que estiver de licença, pode vir de bicicleta, Simon, não de trem. Durante anos, fui de bicicleta para a Antuérpia todo mês. Eu treinei com Strulens. Pedalar é bom.”

Às vezes, quase pegando no sono à noite, a cabeça pousada num travesseiro de palha, imaginava uma luta entre Geesink e aquele animal do Bluming, e claro que, em sua fantasia, quatro de cada cinco vezes Geesink dava uma surra em Bluming, mas na última disputa em geral a história era dolorosamente diferente, então ele via como Bluming castigava seu ídolo, como arrastava sem misericórdia o campeão do mundo pelo tatame, pois ainda tinha suas dúvidas; Bluming, como se contava em toda parte, não era nenhum bunda-mole, ele exibia ferimentos de bala da Guerra da Coreia e afirmava que além de ser quinto *dan* em judô também era faixa preta em certas artes marciais asiáticas que na velha Europa não sabiam sequer pronunciar sem gaguejar.

Mas ali estavam eles no vestiário, três rudes *Amsterdammers*: Rinus Elzer, um sujeito chamado Hoek e um urso loiro sorridente com um torso que parecia encontrado em uma escavação romana — seria Bluming? Menor e mais musculoso do que havia imaginado, mais novo, também. Ninguém falou nada. Eram mais do que bem-vindos, claro, Geesink foi educado e hospitaleiro, recebeu-os como um verdadeiro campeão, estava visivelmente contente, Geesink sempre ficava muito feliz com a visão de músculos novos no pedaço, essa é a única maneira de você melhorar, era por isso que ia com tanta frequência ao Japão, para se medir com toda aquela carne desconhecida.

Os visitantes de Amsterdam participaram do *randori*, (Geesink pulou o treinamento técnico), as portas do balcão abertas, lutas sob o ar fresco, rodando o parceiro a cada cinco minutos, e eles eram muito bons, isso ficou claro. Menno sofreu um pouco nas mãos

daquele Elzer, e antes mesmo que Geesink tivesse encostado a mão num dos caras, Sigerius se viu frente a frente com a estátua cor de canário. “Acaba com esse Bluming”, sussurrou Menno em sua orelha.

Foi estranho, claro que soubera o tempo todo que o loiro era o inimigo, você simplesmente sabe, mas agora que tinha certeza, não estava mais com medo, era outra coisa que sentia, algo em seu batimento cardíaco e em sua tensão muscular mudou, e em sua cabeça também. Então você acha que pode sair por aí metendo a boca em Geesink? Seus braços, seu peito, suas panturrilhas se encheram de raiva solidária e, em nome de seu *sensei*, em nome do campeão mundial que tolerava sua presença e se dava ao trabalho de ajudá-lo a se aperfeiçoar, segurou o quimono de Bluming. Quadrado e compacto, assentado no chão como um dólmén, esse é o sinal de um verdadeiro judoca, um verdadeiro judoca pesa quatrocentos quilos, seus pés criam raízes no tatame e se ramificam por metros de profundidade, e ali diante dele estava um. Maleável e rígido ao mesmo tempo, Bluming o conduziu pelo tatame, buscando um ângulo de ataque, então, rápido como um raio, *seoi nage*, e planando por um segundo, Sigerius aterrissou violentamente sobre o ombro, mas reagiu à segunda tentativa de Bluming com um grito gutural — viera praticando nos últimos meses, uma série de pegadas, o momento de seus golpes — e a força com que jogou seu rival para trás e o arrastou um ou dois metros sobre o tatame com enchimento de palha atraiu a atenção dos demais. Eles observaram. Os pontos seguintes foram seus, um Siem Sigerius cruel emergiu, ele se lançou contra Bluming, atacou com uma brutalidade que se tornaria a base de sua futura carreira de judoca, talvez de sua vida inteira. Durante vários minutos, sacudiu como quis o tonel vazio com toda sua fanfarrice, *o'sotogari*, *tai otoshi*, dominou-o completamente, lá foi o grande rei das artes marciais para o chão e, uma vez ali, Sigerius agarrou para não mais soltar a garganta daquele falastrão, o tal de Bluming.

Só à noitinha, depois que os três visitantes foram embora, depois de Geesink ter repetido seu treino punitivo só por garantia, mas apenas a versão light, quando pedalava de volta para a caserna

com Jan e Peter Snijders, brilhando de satisfação, ele ficou sabendo que o *Amsterdammer* de cabelo de palha não era Jon Bluming coisa nenhuma. Como é que é? “Você não devia acreditar em tudo que Wijn assopra na sua orelha, Sigerius”, disse Jan Snijders. “O loirinho de que você está falando é bem mais novo que o Bluming, ele se chama Ruska. Willem Ruska.”

São quinze para as oito, ele precisa voltar ao campus antes das oito e meia. Devolve a cadeira quebrada ao armário de serviço, encaixando a perna como dá no toco estilhaçado. O único lugar que faltou procurar é o escritório, aquele cômodo que fica de frente para a rua, talvez encontre a chave ali, enfim. A quente luz do sol empresta às tábuas malfeitas do chão um brilho castanho-claro, parece-lhe mais a base para um piso, ainda sem ladrilhos ou carpete. O lugar está uma sauna, o suor brota de seus poros, ele sente o calor em seus sapatos. Na parede oposta à janela, sua família olha para ele através de um vidro antirreflexo, a foto que Aaron tirou para o aniversário de seus vinte anos de casamento. No meio do escritório há um colchão com roupas de cama amarfanhadas, duas estantes vagabundas cheias de livros acadêmicos: *Análise gramatical*, *Desenvolvimento da linguagem infantil*, um ensaio sobre o poeta Martinus Nijhoff. Ele vê fichários contendo o *Tubantia Weekly*, vários quadrinhos de *Suske en Wiske*. No canto direito, abaixo da janela, uma mesa de madeira clara com pernas de alumínio. Há um PC sobre ela. Ele olha para fora por alguns instantes, a rua está vazia. Senta na cadeira de plástico cinza e abre gavetas, uma delas está trancada, as outras estão cheias de extratos bancários, cartas comerciais, antigos cartões de aniversário. Olha alguns ao acaso. Nada interessante. Nada de chave.

Em um quadro de avisos acima da mesa, presos com tachinhas, uma profusão de recortes de jornal, cartuns, cartões-postais, anúncios de nascimento de bebês e fotografias: Aaron com seus pais e um garoto muito formal que se parece vagamente com ele, uma tira de fotos de passaporte de Joni. Ele em seguida examina com

determinação uma pilha de caixas plásticas de empilhar no canto da mesa. Certificados de garantia, um contrato de companhia telefônica, contas para o *Weekly*, uma revista sem a capa. Na caixa do meio, um folder grosso e brilhante chama sua atenção, uma brochura. Ele o pega. “*Palmer Johnson*”, diz o folheto, “*the most desirable luxury high-performance yachts in the world.*” A foto aérea na capa mostra um iate ultramoderno cortando o oceano escuro, a proa azul metálica deixando um rastro de espuma branca imaculada; os sofás no terraço e nos conveses de popa são em rosa pastel. Só quando percebe que o pequeno carimbo postal cor-de-rosa na coberta de proa aerodinâmica — o barco inteiro parece pura proa — é na verdade uma piscina, ele se dá conta da proporção.

Recosta na cadeira e folheia o anúncio. No alto há duas fotos soltas em papel fotográfico normal, uma delas aparentemente o mesmo barco da capa, ancorado entre iates de imponência similar num porto ensolarado, a outra provavelmente tirada do convés, no mar, uma linha costeira vista na distância, pessoa alguma. No folder em si, cortes horizontais e verticais, especificações técnicas, fotos do interior: uma sala maior do que aquela ali embaixo; o mobiliário embutido, acompanhando as linhas do barco, em couro creme; iluminação indireta; um quarto parecendo uma suíte de hotel cinco estrelas. Entre as páginas finais encontra um recibo do Port Privé de Sainte-Maxime. Numa caligrafia quase ilegível, há duas datas e um nome. “Barbara...”, e algo breve depois disso, um “A” e dois “w”. E um “monsieur Bever” — será que é isso mesmo que está escrito? — aceitando o valor de 12 779,75 francos.

Ele fica olhando o barco na capa por um momento, então pega uma caneta no pote cheio de lápis, aparas de apontador, cliques, e anota o nome do fabricante e o número do modelo no verso do recibo, que em seguida dobra e guarda na carteira.

Por que Aaron alugaria uma coisa dessas? É uma das perguntas que o atormentam em casa enquanto assiste ao jogo de futebol, as costas apoiadas em travesseiros. A Holanda está massacrando os

dinamarqueses, e ele e sua filha comemoram juntos os gols, mas seu espírito está longe, morrendo de curiosidade com aquele iate. Depois do jogo, Janis decide no último minuto voltar para seu quarto em Deventer, Tineke se oferece para levá-la à estação e, assim que vê o Audi passando pela janela panorâmica da sala, sobe para seu escritório e abre o laptop. É muito tarde para ligar para aquela marina em Sainte-Maxime, de modo que entra no site do fabricante, e o que vê serve apenas para atizar ainda mais sua ansiedade. Não é nenhum especialista em barcos, mas nem precisa ser, até mesmo um matuto produtor de queijo suíço conseguiria perceber que aquilo era top de linha. O site da Palmer Johnson esbanja exclusividade. Seu coração fica acelerado, ele examina os barcos, os interiores, as especificações. O *"sport yacht"* do folheto é relativamente pequeno, apenas vinte metros de comprimento, e ao que parece foram fabricados apenas três, o último em 1997. Seus olhos quase devoram o monitor, mas ele não vê preço em lugar algum, pelo jeito a Palmer Johnson se considera fina demais para fornecer valores. Ele abre o Google e digita o número do modelo e o "preço" no campo de pesquisa. Vai parar num site em North Miami Beach que não vende iates, mas os aluga. Durante a baixa temporada, é possível navegar pela costa da Flórida por 110 mil dólares em um P115 Sport Yacht; na alta temporada, o preço sobe para 130 mil dólares. Por semana.

10

Seu filho é sua posse mais preciosa. E para obter uma boa foto de classe é necessário grande prática. Desde 2002, a Aaron Bever Fotografia Escolar vem atendendo com grande sucesso a região de Bruxelas.

Uma abordagem bem planejada torna o dia da foto um evento festivo para seu filho. Aaron Bever se identifica com o mundo infantil e cria uma atmosfera propícia às crianças, captando-as em seus momentos mais naturais e relaxados. Ele sempre encontra a locação mais apropriada para fotos de grupo.

As fotos escolares de hoje são as boas lembranças de amanhã!

O site era repleto de imagens de crianças sentadas em carteiras, crianças segurando brinquedos, crianças em carrinhos de pedalar que me lembravam meus dias de escola primária. O amigão da criançada propriamente dito não aparecia em lugar algum. Numa página separada, oferecia seus serviços como restaurador de retratos antigos em preto e branco. ("Aaron Bever emprega os equipamentos e técnicas mais modernos em restauro de fotografia. A diferença está nos detalhes!") Na fotografia fornecida como amostra, reconheci o retrato de casamento quase esfarelado de seus avós, um pedaço de papel maltratado pelo tempo, empenado e marcado pela umidade que ele deixava de pé em sua estante e que à menor brisa caía flutuando no chão como uma folha de outono. Ao lado da foto ia sua versão restaurada, impecável. Observei por algum tempo o vestido de caimento ruim, confeccionado durante a guerra. Os cabelos do jovem que fora seu avô já começavam a cair, mas nem na casa de repouso em Venlo estava tão calvo quanto seu neto.

Já minha cabeça ainda doía do dia anterior. Depois do trabalho, trinta de nós embarcamos em três vans Chrysler que nos levaram de

Coldwater até o Gold Digger, o hotel-bar favorito de Rusty no centro de Los Angeles. Por conta dele, disse que era para comemorarmos o negócio do Quartel. Um pouco antes nesse mesmo dia, Rusty, Debra, do DP, e eu havíamos visitado um renomado escritório de arquitetos de interior na South Hope Street, com filiais em cada continente. Eles eram os melhores, disse Rusty, aqueles caras (na verdade duas mulheres e um homem) tinham feito a Amazon.com, o Deutsche Bank, uma remodelação completa do Sheraton, eram a nata, sem dúvida iam lambe os beiços quando pusessem os olhos no Quartel; se é para irmos à falência, Joy, então melhor ir com estilo. Mas ele preferia figurar entre as cem melhores empresas para se trabalhar da *Fortune*, entende o que digo? Essa lista era uma obsessão sua desde o tempo de Goldman Sachs e, embora cautelosamente eu o preparasse para uma decepção — não podia imaginar uma firma como essa aceitando pegar nosso projeto —, eles na verdade ficaram entusiasmados com a proposta e, depois disso, ninguém mais segurava Rusty. Naquela noite, no restaurante japonês onde todos sentávamos em torno dessas mesas com chapas quentes de tepanyaki, ele se lançou num discurso de Estado da União levemente embriagado sobre a identidade institucional da empresa, o revolucionário projeto de escritórios abertos, as descoladas patinetes de titânio que usaríamos para nos locomover pelos corredores. Ele conseguiu enfiar todos nós no Digger antes da meia-noite, onde ficamos no elegantíssimo bar do terraço até alta madrugada, morrendo de frio. Já amanhecera quando a van me deixou em casa, na Sunset.

Engoli dois comprimidos de Tylenol com um gole de café e pensei em Aaron. Que tipo de vida podia estar levando naquela cidade belga caipira? Pensar nele naquelas escolas primárias me angustiou de um modo complexo. Perguntei-me se eu tinha algum direito de me sentir daquele jeito, vendo todo o empenho que ele aparentemente pusera naquele seu site boçal. Outra pessoa talvez achasse que havia encontrado sua vocação, mas esse não era o Aaron que eu conhecia. Se eu tivesse previsto esse futuro para o antigo Aaron — rodando por escolas primárias, e escolas belgas

ainda por cima, numa minivan —, ele teria zombado de mim, teria implorado para que eu enfiasse uma bala em seus miolos ali mesmo.

Endireitei os ombros. O site mantido com o maior carinho despertou sentimentos de culpa latentes em mim, ainda mais do que aqueles e-mails estranhos. Minha autorrecriação de que eu o “manipulara” para produzir aquele site de sexo (como se fossem acusações contra Colin Powell e Tony Blair) voltava a dar o ar da graça. O mesmo antigo reflexo: era tudo culpa minha. Respirei sonoramente pelo nariz. Eu selara nosso destino no momento em que decidi me livrar dele — esse tipo de pensamento agonizante. Por um breve momento, estava de volta à Vluchtestraat, sentada à mesa do desjejum diante dele, naquela manhã remota em que o pus contra a parede. Vínhamos tirando fotos por meses, só por diversão — assim eu dizia, e assim ele acreditava —, e foi então que lhe expliquei meu plano. Havíamos passado uma noite de cão; no escuro da madrugada, acordei com um grito horrível, palavrões, e vi Aaron encolhido na cadeira do canto, onde eu havia pendurado minhas roupas algumas horas antes — ele estava chorando. No chão, em volta dele, os pedaços de um caderno rasgado que reconheci na mesma hora como sendo algo sobre o qual já tivéramos intermináveis discussões. Desde meus treze anos, eu vinha fazendo uma lista de beijos no lado de dentro das duas capas lustrosas, um inventário cronológico de todos os meninos com quem eu tinha pelo menos ficado, incluindo data, idade, primeiro nome, lugar, cor dos olhos, cor e comprimento do cabelo, sabe Deus o que mais. No total havia mais de cem nomes, um número que Aaron chamou de “astronômico”, e acusando-me de ser uma “vagabunda astronômica”, continuou a implicar com aquela lista estúpida, e por que havia dois nomes de garota ali? (“Por que você acha?”).

Eu já deixara havia muito tempo de achar graça em seus ataques de ciúme, e para falar a verdade decidira acabar o namoro semanas antes — cai fora, vai chorar suas pitangas em outro lugar —, mas quando o vi ali sentado, cercado por pedaços de papel rasgado e amassado, fiquei impressionada com a força de seus sentimentos em relação a mim. Eu tinha consciência de exercer um

certo fascínio sexual, sabia do efeito que provocava nos homens, mas aquilo? Ele estava em meu poder. Aquele cara não só nunca iria me deixar, como também faria tudo que fosse necessário para continuar comigo. Foi por isso que não terminei com ele naquela manhã, mas, entre uma e outra dentada em minha baguete, disse que tinha uma coisa para falar com ele. “Vou começar um site de sexo”, disse. “Sabe, na internet.” Ainda me lembro de seu queixo caindo, dava para ver em sua língua uma bolota de pão com queijo semimastigada. “De preferência com você, é claro”, disse para tranquilizá-lo.

Havia vozes no corredor; Rusty acompanhava seus convidados, escutei-os conversando quando desciam a escada. Assim que o silêncio voltou a reinar, cliquei em um botão dizendo “BACKGROUND”, meio que esperando ler sobre como Aaron fora parar no empolgante e gratificante mundo da fotografia escolar, mas me enganei, era uma página com padrões para usar no fundo das fotografias: azul-claro monocromático, rosas suaves, pastéis manchados, “ou por que não tentar algo completamente diferente: linho! Para esse efeito especial, Aaron Bever vai imprimir o retrato de seu filho ou sua filha em uma tela de linho genuína, de modo que sua foto escolar vai se parecer com uma pintura a óleo recém-produzida”.

Já as crianças... Um pensamento tão doloroso que tapei a boca bruscamente, ele penetrou em minha consciência, inundou-a — claro que não havia escolhido essa profissão ao acaso, aquelas crianças estavam no cerne da questão. Repassando seus e-mails em minha cabeça, tive certeza de que não tinha filhos. Para um homem de quase quarenta, isso não era o fim do mundo, mas eu sabia que Aaron nutria um profundo desejo de ter filhos desde que se entendia por gente. As chances pareciam bem remotas de que com a doença que tinha, sua esquizofrenia, ele conseguiria encontrar uma mulher disposta a ter um filho seu. Isso estava longe de ser um simples reumatismo ou coriza — até onde eu podia perceber, ele vivia com um pé no inferno. Eu sabia alguma coisa sobre o sofrimento

progressivo que enfrentava. (Rusty, logo quem, contara-me a história de um sujeito esquizofrênico em um apartamento embaixo do seu, no começo de sua vida empresarial, em Redondo Beach. Rusty o chamava de The Voice, e não estava se referindo a Sinatra, embora o vizinho fosse famoso por seu timing e fraseado: durante dois anos, o cara soltava a voz, a hora que fosse, mas de preferência à noite, declamando a plenos pulmões coisas absurdas como “Black Betty”, do Ram Jam, ou alguma letra do AC/DC, mas na maioria das vezes era um mantra repetido com a potência de um alto-falante de estádio, que Rusty gritava com o sorriso aliviado de alguém recordando anos mais tarde: “*BIIIIILLLL!!! You hear me BIIIIILLLL?! You owe me one point two FOKKIN!!! BILLION!!! DOLLARS!!!, BIILLLL!!!!*”. Por horas a fio, noite adentro, sem intervalo, e nada de Clinton aparecer com a grana, nunca. Rusty ligou para o 911 duas ou três vezes, apontando o fone para o chão, ao que o atendente perguntou por que convidara o sujeito, um paciente regular do hospital psiquiátrico de Redondo Beach, a seu apartamento. Não era uma doença para começar uma família.)

“Eu sonho em ter filhos.” Foi uma das primeiras coisas que Aaron me confidenciou. Se não me engano, em nosso primeiro encontro, uma conversa bem estranha que tivemos sob a neve, diante do prédio da faculdade de engenharia industrial, uma câmera em torno do pescoço, um gorro de lã na cabeça — eu sabia sobre suas aspirações de ter uma família grande antes mesmo de saber que ele era careca. Mesmo assim, só me dei conta da gravidade disso quando lhe dei um fora, quatro anos mais tarde. “Sabe o que Aaron me contou?”, disse meu pai antes que saíssemos naquelas últimas férias. “Que espera que você seja a mãe dos filhos dele.”

Mas que espertalhão — ainda me lembro de pensar isso. Aquela raposa velha e sorradeira. A gente mal se falara por duas semanas, e lá veio ele, Siem, o conselheiro amoroso, munido de uma desculpa para quebrar o silêncio. Ruminando sobre a vida sem Aaron, entrei na enorme cozinha da república na De Heurne e duas colegas minhas que fritavam panquecas apontaram para o teto, “Seu pai está no seu quarto”. E de fato lá estava o prezado senhor reitor, em

mangas de camisa, a gravata de seda pendurada no encosto da minha cadeira diante da mesa, bebendo chá verde em um copo de plástico. "Achei que podia aguardar você aqui, espero que não se incomode."

Começou com palavras de conforto sobre Ennio, perguntou se estava conseguindo dormir, mamãe lhe contara como eu estava angustiada, ele sentia orgulho de mim, de mostrar tanta solidariedade. Pausa. Lá vem Wilbert, pensei. Vai em frente, desembucha. Resolvi não dizer absolutamente nada sobre a conversa telefônica exasperante que tivera com Wilbert. (Ele começou num tom desinteressado, sua voz dissimulada mais baixa do que o normal, mas não menos insolente, e ainda dura como pedra. "Se eu perguntei se vocês tinham sobrevivido não quer dizer que me importo", disse. "Você tem onde morar?", perguntei, meio desnorteadada. "E você?", ele devolveu, "tem onde morar? Por que não aparece e vem ver onde estou morando." Entre uma frase e outra fazia estranhos ruídos, como se sorvesse alguma coisa. Quando desliguei, estava exausta, acabada, encharcada de suor.)

Mas meu pai não começou a falar sobre Wilbert. "Joon", falou, "quer me dizer o que está acontecendo entre você e Aaron?" Ele ficara sabendo da "terrível notícia" também por minha mãe, e na verdade não estava surpreso, vira nós dois de perto e seria o último a subestimar os efeitos de um desastre como o acidente da fábrica, tudo estava ligado, mas, disse ao terminar: não se pode, sob tais circunstâncias, tomar decisões quanto a um relacionamento. Queria que tirássemos umas férias juntos. "Eu pago."

"Não enche, pai", disse eu. "Vá se ferrar. Me deixa em paz. Você não sabe do que está falando. Eu estou por aqui com aquele cara."

Ele se levantou, balançou a cabeça, pegou sua gravata. "Vem comigo", disse. "Vamos comer alguma coisa no De Beijgaard."

A gente acordou cedo por causa do calor e saiu às oito da manhã da nossa vila alugada. Atravessando o maqui por trilhas estreitas e acidentadas, seguimos para o interior da Córsega,

colhendo limões e kiwis no caminho. Quanto mais nos afastávamos do litoral, mais sofriamos com o sol, fazia um calor cruel naquela ilha e, embora avançássemos na maior parte do tempo em silêncio, de tempos em tempos tínhamos uma conversa séria, como é tão comum acontecer em férias. A intervenção do meu pai pareceu funcionar. Conversamos muito sobre ele e percebemos perfeitamente que sem ele não estaríamos ali na Córsega, que se não fosse por Siem, provavelmente o namoro teria acabado. Concordamos que merecia crédito por ter apagado o incêndio.

Mas então, naquela mata corsa, sentimos cheiro de fogo de verdade. Aaron havia lido em algum lugar que no verão o *libeccio*, um sufocante vento sudoeste, era mais persistente, mais traiçoeiro do que o mistral. Entre os elevados pinheiros e sobreiros, escutamos o tropel breve de porcos galopando, a pisada leve de cabras das montanhas — animais que de outro modo a gente nunca veria, e não demorou muito para que víssemos o fogo, uma fúria alaranjada que sugou nosso oxigênio, e escutamos a crepitação e os estalos. Voltando em disparada em direção ao litoral, rindo e olhando por cima do ombro, às vezes deslizando no chão, deixamos para trás a sacola com limões e kiwis — um desperdício, pensei, quando subíamos a colina vizinha de nossa vila. Assim ali fiquei em meu biquíni, perscrutando à distância o anel negro de fumaça que cercava as colinas arborizadas, de mãos dadas com o cara que na viagem para lá eu ainda odiava intensamente.

Ele fora me buscar no sábado de manhã, depois de mais de uma semana sem entrar em contato. Meu Deus, como eu o odiei naquele momento. Aaron “estando sem”, como sempre, nossa primeira parada foi a Farmácia Central, na Beltstraat. Ele entrou correndo com uma das receitas de reserva que um médico amigo seu engenhosamente xerocara e, nesse meio-tempo, eu pulei para o banco do motorista no Alfa estacionado em fila dupla. Quando sentou no banco do passageiro, um sorriso satisfeito no rosto, gritei que ele era um viciado, aumentando cada vez mais a dose de comprimidos para dormir, e depois aumentando os comprimidos, até chegar a um comprimido do tamanho de uma árvore de Natal, com

tubos intravenosos para ele tomar direto na veia em sua cama, e onde isso ia parar? Um comprimido do tamanho de uma igreja, para que a gente soubesse, vendo o campanário, que tinha chegado à rua de Aaron. Acelerei ao sair de Enschede rumo a Maastricht, intencionalmente descuidada e beligerante, me debruçando no volante com a malevolência de um cirurgião-dentista, freando em cima e de forma agressiva, colando em todos os carros que podia. Se Aaron aumentava o ar-condicionado, eu abaixava. Seguimos em silêncio pelas ruas esburacadas da Bélgica, meu rancor enchendo o carro como gás mostarda. Lá fora, os parques industriais cuspiam nocivas nuvens cheirando a borracha no céu de junho, o asfalto rachado sob nossos pneus. Detestando-nos mutuamente. Só como castigo, evitei as estradas principais e seus pedágios, correndo a noventa por hora no seco asfalto provinciano — como resultado, terminamos numa cidadezinha de merda qualquer, na noite preta como breu, e dormimos em camas separadas numa merda de pulgueiro qualquer. No dia seguinte, cobrimos o resto do caminho para Sainte-Maxime sem parar e sem conversar, o *Barbara Ann* estava atracado na marina cintilante, balançando o rabo como um cachorro que sabe muito bem que as coisas não vão bem com seus donos. Deixamos o porto, seguimos a linha costeira ao longo de Cannes, Antibes, Mônaco, e bruscamente lançamos âncora em San Remo, onde comemos pizza de cara amarrada e reabastecemos.

Assim que atingimos mar aberto, ao largo da Córsega, o clima desanuviou um pouco. Aaron percebeu que a bola estava com ele. Na jacuzzi da coberta de proa, fitei-o atrás de meus óculos escuros, ele segurava o leme de cerejeira que era na verdade mais apropriado para um barco a vela, mas que eu instruíra os construtores da Palmer Johnson a pôr, de qualquer maneira. “Como foi o enterro?”, gritou ele, e eu fingi não escutar. Cinco minutos mais tarde, saí da banheira, contornei o leme, lutando para manter o equilíbrio, atravessei o salão inclinado, troquei de biquíni no quarto e subi de volta ao convés. “Uma merda, claro”, gritei em sua orelha.

Quando ele me ofereceu suas condolências por Ennio, uma hora mais tarde, explodi. Falei como tinha me deixado louca da vida, seu

ciúme, sua estupidez, seu comportamento ridículo — claro, claro, ele entendia. E só para testar se estava realmente sendo sincero, contei que talvez começasse na McKinsey, no Vale do Silício, em agosto. “Stol ligou pra você?” Respondi que um pouco antes de viajarmos, eu fora andar a cavalo com Boudewijn, e Brigitte, claro, acrescentei rapidamente, e como ele reagiu a essa informação com mais maturidade do que eu havia esperado, fui até o salão e trouxe uma garrafa de vinho branco.

“Então, como foi ficar em Wassenaar?”

“Rimou.”

“É.”

Para poupá-lo dos detalhes, mencionei a estranha atmosfera nas dunas. Foi esquisito. Eu tinha tomado um trem bem cedo e pegado um táxi para os estábulos Black Beauty. Depois de um pão recheado com tomate e mussarela no bar, nós três subimos em nossos cavalos para trotar até o litoral e durante o trajeto descobri que Boudewijn não montava tão bem quanto Brigitte e eu: depois de um bom galope na praia de Scheveningen, ele ficou para trás, e dez minutos depois, cadê Boudewijn, nada. “Não precisa se preocupar”, disse Brigitte. Quando voltamos ao estábulo no começo da noite, ficamos sabendo que trouxera sua égua de volta horas antes. O homem que lavava os cavalos disse que “o sr. Boudewijn” caíra quando escalava as dunas e torcera o tornozelo, se não coisa pior.

Aaron riu pela primeira vez na semana toda. “Mas em vez de entrar imediatamente em seu Aston Martin”, contei, “ou pelo menos ligar para casa, Brigitte me mostrou todo o estábulo.” Mais de uma hora depois, no carro, de repente olhou para mim com ar de preocupação. “Como será que ele voltou para casa?” Os dois moravam numa vila de cimento cinza que era como um museu de jukebox por dentro. “Você ainda não jantou?”, perguntou Brigitte quando a gente entrou na sala de teto baixo, com poucos móveis, e encontrou Boudewijn com uma bolsa de gelo no tornozelo. Ele estava assistindo ao Tour de France numa tevê gigante, com uma caixa de *singles* de 45 RPM ao lado dele. “O que você acha?”, rosnou. Por educação, eu sumi no banheiro, onde fingi mijar espirrando água

da torneira na privada, e demorei o máximo que pude passando batom. Quando voltei, Brigitte estava na cozinha fritando umas cebolinhas e Boudewijn punha a mesa de tampo de vidro. Reinou uma hospitalidade tensa no jantar. Boudewijn fez um relato pouco inspirado sobre o recente projeto de reforma da casa e me passou algumas dicas necessárias caso eu conseguisse mesmo aquele estágio no Vale do Silício.

“Então não é certeza ainda?”

“Agora é.”

“Eles falaram alguma coisa sobre mim?”

“Sobre você? Ah, claro, Aaron, você foi o centro da conversa.”

Preferi não dizer que Brigitte na verdade perguntou sobre Aaron e se apressou a concordar comigo quando lhe contei que não sabia muito bem em que pé estava com “aquele, ãhn... carinha”, e que nós três não conseguimos deixar de pensar no jantar de casamento de Etienne Vaessen. De minha parte, pelo menos, me lembrei de Aaron voltando do banheiro, onde se refugiara por um tempo ridiculamente longo, dez minutos, vinte, meia hora, na verdade eu já concluíra que ele fora embora. Nós três ficamos boquiabertos, ele parecia horrível, cinza como papel machê, com um tufo branco no cocuruto — papel higiênico, contou-me mais tarde, para parar de sangrar —, o que deixou sua cabeça com um aspecto de ovo cozido quebrado na ponta.

“Então, States”, dizia ele agora.

Balancei a cabeça e olhei para o azul infinito nos cercando. Boudewijn insistiu em me levar até a estação, mesmo com o tornozelo machucado. O isolamento do carro pareceu animá-lo. “Ela esquece você no minuto em que senta na sela de um cavalo”, disse. O volante revestido de couro deslizando em suas mãos, a tranquilidade com que dirigia: alerta e irônico, em vez de na defensiva. Era assim que eu me lembrava dele no casamento. Na estrada, me agradeceu por ter mandado meu currículo, achou que eu daria uma excelente “Academy Fellow”, mandaria na segunda-feira uma recomendação para a pessoa que conhecia no Vale do Silício. “O cara é legal?” “Mulher. Muito. Quer dizer, contanto que

você deixe seus ovários no RH e espere para pegar as folgas em dinheiro quando se desligar.” “Folga é uma palavra gozada.” “Perfeitamente normal. Menos na McKinsey.” “Ovário é uma palavra gozada.” Daí, enfim, ele riu, bem no momento em que entrava numa rotatória um pouco mais rápido do que deveria, e nós dois perdemos o equilíbrio e ele pôs a mão quente entre minhas pernas, seus dedos no alto da minha coxa.

Aaron e eu brindamos ao mar da Ligúria. E ao *Barbara Ann*, nosso iate ridiculamente luxuoso, fruto de nossa putaria, que compramos juntos num ímpeto de ostentação, sem saber muito bem o motivo, talvez porque dois milionários anônimos precisem gastar em alguma coisa. Mas veio a calhar. Ele era nosso bem comum. Quem mais podia estar comigo naquele oceano senão Aaron Bever? Nessa mesma noite, acho, finalmente retomamos as sessões fotográficas. Contornamos o cabo Corso e descemos o litoral leste da ilha, passando ao largo de Bastia para atracar em Santa-Lucia-di-Moriani, o pequeno resort à beira-mar onde havíamos alugado aquela casa. Conversamos livremente sobre o futuro imediato, sobre os Estados Unidos, rimos da quantidade de fotos que teríamos de tirar adiantado. Ele disse que planejava me visitar na Califórnia, queria ficar comigo por lá.

“Você ainda pensa em se encontrar com Wilbert?”, perguntou ele alguns dias depois.

“Não”, eu o tranquilizei. “A gente ainda não vai ter voltado no dia que eu combinei de me encontrar com ele. É melhor assim. Meu pai tocou de novo no assunto quando a gente saiu pra comer. Ele estava com medo de que eu estivesse tramando alguma coisa. Eu não contei que já tinha falado com ele.”

“Como você conseguiu o telefone?” A desconfiança voltara à sua voz.

“Foi fácil, estava no telefone deles.”

Também não mencionei isso para Siem. Meu pai era como um presidente em tempos de guerra que pusera a própria filha para

depor num tribunal: desde então o ambiente lá em casa perdera qualquer nuance, ou você estava com a gente, ou contra a gente. O nome de Wilbert ficara sem ser mencionado em casa desde 1990. Ninguém ousava. Quanto mais ligar para ele. Quanto mais se encontrar com ele.

“Você já cancelou?”

“Ainda não.”

Na tarde do incêndio na mata, Aaron perguntou o que eu achava de ele não voltar para a casa dele na Vluchtestraat e eu deixar minha república na De Heurne: “A gente manda buscar nossas tralhas”, disse, “sabe, emigrar, ficar sem voltar por um bom tempo. Melhor ainda, larga tudo lá, esquece. O que você acha?”. E embora viver junto com ele nunca tivesse me ocorrido antes, e fosse, aliás, o exato oposto de tudo que eu decidira nas semanas anteriores, fui no embalo. É! Vamos fazer isso! Quanto mais filosofávamos a respeito, mais entusiasmados ficávamos em nos mudar para a Califórnia — juntos —, depois de apenas seis dias de férias, seis dias longe da caótica Enschede, seis dias depois da pior crise que já tivéramos na relação, estávamos, para nosso espanto, pensando em juntar os trapos, fantasiando animadamente em começar do zero nos Estados Unidos. Recuperar-se de uma crise como essa, dissemos um ao outro, exige mais do que panos quentes, e ali em nossa colina observando o incêndio avançar pelo mato, fiquei pensando se o cheiro penetrante de milhões de agulhas de pinheiro estalando havia limpado nossas cabeças confusas ou, pelo contrário, as turvara de vez.

A cabeça de Aaron ficou suja de fuligem. “Vai dar tudo certo”, disse ele. Virei e olhei para a pequena marina onde havia seis ou sete barcos ancorados, nossa flecha rosa e azul era sem dúvida o maior. “A gente também pode entrar no barco e sumir, se quiser”, eu disse, e entramos, sorrindo, no frescor da casa que fora construída sob um par de pinheiros particularmente inflamáveis. Enquanto Aaron começava a fritar um pouco de cabrito numa pesada frigideira

de ferro fundido que pegara no armário da cozinha, eu enxaguava o cabelo impregnado de fumaça no chuveiro, imaginando, pela primeira vez, como seria ficar com ele para sempre, começar uma família — será que eu poderia imaginar algo assim? Como seria fazer a coisa sem proteção dali em diante? Imaginei-me entrando na cozinha com o cabelo embrulhado numa toalha e dizendo a Aaron: “Querido, eu te amo, que tal deixar pra lá as estúpidas camisinhas?”.

A porta da minha sala abriu, e pelo gemido impaciente das dobradiças pude adivinhar quem estava do outro lado. “Joy — cinco minutinhos?” O sorriso de Rusty fez cócegas entre minhas escápulas e fechei o site de Aaron, mas sem tirar os olhos do monitor. Era o fim do dia e eu queria ir para casa. Quando ele começou uma contagem regressiva a partir do cinco, virei. Com a mão na maçaneta, Rusty se curvou no quarto 203 (nunca havíamos nos dado ao trabalho de tirar as plaquinhas de metal pintadas de vermelho com os números dos quartos de hotel) e disse: “Andou chorando?”.

“Só quando eu nasci. Por quê?”

“Duas coisas.” Ele foi até a pequena mesa de reuniões, puxou uma das pesadas cadeiras para o meio da sala e sentou. Como eu, cruzou a perna esquerda sobre a direita, mas reconsiderou, e fincou suas botas de caubói com firmeza no carpete, os pés afastados. “Primeiro: faz você a entrevista.”

“Como é?” Juntei meu cabelo, torci em um nó e preendi com um elástico. “Se eu estiver a fim, você quer dizer.”

“Se estiver a fim. De qualquer maneira, você fez por merecer. Eu mesmo faria, mas acho que você merece. E é claro que está a fim.”

O exato oposto de me sentir a fim percorreu meus nervos, uma aversão pré-programada a mostrar meus trunfos, a ouvir perguntas de alguém cujo trabalho é invadir minha privacidade.

“Acha que posso mencionar o Quartel?”

“Vai ser difícil não mencionar. Além do mais, é para a revista. Antes mesmo de imprimirem, até em Belfast já vão saber a

respeito.”

“E se derem a notícia?”

“O *New York Times*? Não vão. É local demais. Eles iam preferir jogar uma edição inteira fora a publicar uma notícia da Costa Oeste. O que interessa para eles é o fenômeno, o estilo de vida, o sucesso.”

“Vão vir aqui? Coldwater, quero dizer.”

“A jornalista vai estar sentada nesta mesma cadeira amanhã às dez.”

“Qual é o nome dela?”

Rusty me olhou, concentrado, ergueu dois dedos no ar. “Um nome duplo. Espera um segundo... Mary Jo sei lá o quê.”

“E a outra coisa?”

Ele levantou e foi até uma janela lateral. Abriu a guilhotina, pintada de uma grossa camada de tinta azul, e pôs a cabeça para fora, proporcionando-me uma visão desimpedida dos fundilhos gastos de seu jeans. Rusty devia ter lido em algum lugar que um *founder*, um genuíno cara do ponto-com, precisava se vestir do jeito mais casual possível. (“Um terno?”, disse ele, quando toquei no assunto pela primeira vez. “Tenho um, que eu ganhei.” E de fato tinha um terno, uma coisa esquisita, azul-cobalto, com cactos bordados, feito sob medida para ele por alguém chamado Nudie. “Quem é Nudie?” “Você não sabe? Nudie. Nudie Cohn. O alfaiate de Hank Williams. Nudie fez a roupa dourada do Elvis. A roupa com folhas de maconha do Gram Parson. Como você pode não saber quem é Nudie?”) E tenho de admitir: funcionou. Quando Rusty e eu íamos a um anunciante juntos, eu de Gucci ou qualquer coisa do gênero e ele na mais completa descontração, numa de suas camisas artísticas, complementávamos um ao outro e transmitíamos a exata combinação de anarquia e espírito empresarial. Agora ele arrotava. Tirando a cabeça da janela, voltou para sua cadeira. “Quero começar a filmar no Quartel daqui a duas semanas”, disse. “Se possível.”

Isso era típico de Rusty: ele teimava com alguma coisa por meses a fio, enrolava, dava murro em ponta de faca, depois mudava da água para o vinho e, no fim, se excedia.

“Você está brincando? Não tem como. Não tem nem eletricidade.”

“Então vamos improvisar. Geradores de emergência. Fique só vendo. E o nome daquela jornalista é Harland. O nome é esse. Mary Jo Harland.”

Digitei o nome no Google, 162 mil resultados em 0,24 segundo, e o primeiro era o site da própria. “Ela escreve para a *New Yorker*”, disse eu. “E para a *Granta*.”

“Ótimo”, disse Rusty. “Vou sair agora mesmo para não comprar as duas e depois não vou ler.”

“O que você acha, ela é pró ou contra?”

“Joy — vai sobrar merda pra gente de um jeito ou de outro. Com o seu Quartel. Adivinha quem entrou em contato com a assessoria de imprensa hoje de manhã? Louis Theroux.”

Uma estranha vibração no alto da minha traqueia me dizia que eu não devia conceder essa entrevista: não faça isso, você não é obrigada. Bem quando eu ia dizer isso para Rusty, meu telefone tocou. Uma linha interna. “Theroux é um babaca”, eu disse, e pus o telefone em viva voz. “Oi, Steve.”

Rusty fez cara de enforcado. Tinha alguma coisa contra Steve, chamava-o de *dry shite*, um pé no saco. Eu o havia tirado da Google, onde obviamente fizera um bom trabalho nos recursos humanos.

“Joy”, sua voz ecoou metalicamente pela sala. “Só liguei pra dizer que a Kristin me ligou pra avisar que marcou pra quarta-feira, 11 de junho.”

Rusty sorriu e acenou para mim.

“Por que a Kristin não me ligou ela mesma?”, perguntei. No dia anterior, no Gold Digger, Kristin Rose me chamou num canto e disse que Isis sofria de problemas psicológicos, tensão nervosa, crise de identidade, sabe Deus mais o que, e ficaria fora de ação por pelo menos um mês, e perguntou se eu aceitaria cobrir sua ausência. “Você é meu último recurso, amorzinho. E vai se sair muito bem.” O que me irritou foi que eu ainda não respondera e agora Steve estava na linha. Kristin era uma diretora mais ou menos da minha idade e

já estava na empresa quando Rusty me “descobrirá”, e desde o começo viera com aquele negócio de amorzinho. Era uma delicadeza estratégica. Em Rusty, particularmente, funcionava que era uma maravilha.

“Porque eu queria saber se você faz pelo preço de sempre”, respondeu Steve.

“Por acaso eu já respondi que sim? Com quem é?”

“Com, ãhn... só um segundo.” Steve tossiu, o que o alto-falante traduziu em um barulho atroz. Me perguntei se ele sabia que estava sendo amplificado.

“É para girlslapgirl. Bobbi...”

“Bobbi Red”, completei.

“Acho que é isso mesmo”, disse Steve.

Rusty balançou a cabeça vigorosamente e apontou os dois polegares para cima. “Steven!”, gritou.

Por um momento, apenas um zumbido. E depois: “Rusty?”.

“Steve — ela faz, meu velho. Você devia ver a cara dela. Joy é louca pela Bobbi.” Ele sorriu afetuosamente para mim. E tinha razão, eu era mesmo louca pela Bobbi.

“Steven”, continuou ele, “já que estamos conversando: você preparou aquele contrato para o Vince?”

“Quase”, disse Steve. “Quer dizer, está quase pronto. Na verdade, eu só estava esperando sua resposta. Sobre minha sugestão salarial.”

“Vamos ficar em sete”, disse Rusty. “Deixe mais atraente com os benefícios.”

“Em Cleveland ele recebia uma porcentagem”, disse Steve.

“Vendas?”

“ãhn... lucro. Meio por cento.”

Rusty olhou para mim, eu fiz que não. “Fechado, Steve”, disse. “Imprima e mande. O.k.? Manda ver. Até mais, Steve.”

Ele se levantou sem pôr a cadeira no lugar e parou junto à porta com a mão na maçaneta outra vez. “Certo, o que você está fazendo?”, eu disse depois que Steve desligou.

“Desculpe”, ele disse, “mas esse Vince — eu preciso ter ele aqui. Você também, pode acreditar em mim. A propósito, sabia que a Bobbi vai estar no programa da Tyra Banks na semana que vem?”

Fiquei tão surpresa que esqueci que estava com raiva: “Sério? Mas como vai ser?”.

“Exorcismo. Satanás enviou sua filha e o nome dela é Bobbi Red.” Olhou seu Rolex. “Droga! Joy, preciso ir. Já. Daqui a duas semanas você e a estrela internacional Bobbi Red vão estar filmando no Quartel. Eu prometo.”

Bobbi Red — deixei que se hospedasse em minha casa por algum tempo em 2007, minha hospitalidade motivada pelo que se poderia chamar de um atípico pedido de emprego. Começou com uma solicitação aberta que enviou para Rusty, não a porcaria de um e-mail relapso que normalmente recebemos, mas uma carta impressa, cuidadosamente dobrada, em um envelope lacrado, que de tão fascinada guardei na gaveta da minha mesa. Recebíamos cartas assim na McKinsey: papel timbrado no alto, uma linha para o assunto e uma redação esmerada de jovem empresário que fazia você se perguntar se Bobbi, que ainda se chamava Meryl Dryzak na época, estava tirando um sarro da sua cara ou se falava a sério, se era incrivelmente ingênua ou incrivelmente espirituosa. “Você precisa ler isso”, disse Rusty.

“Caro sr. Wells”, começava a carta. “É com extremo prazer que tenho assistido a suas produções na internet ao longo dos últimos anos. Eu adoraria poder me juntar à sua empresa como atriz.” O parágrafo continuava com o fato de que ela frequentava o *junior college* em Denver, Colorado, onde estudava canto e atuação, história do cinema e literatura moderna, e embora achasse tudo “extremamente interessante”, desde que completara dezoito anos, a mesma idade do Federal Obscenity Statute, achava que chegara a hora de seguir sua vocação. E sua vocação, ela acreditava, estava em fazer filmes pornográficos, de preferência o tipo de filmes que produzíamos: “fortes, realistas e criativos”. O segundo parágrafo

começava com o clássico esboço pessoal. “Todos me consideram uma pessoa confiável e dotada de excelente capacidade de comunicação. Tenho estudado filmes adultos de qualidade desde meus doze anos. Tenho ampla experiência em sexo anal, garganta profunda, ejaculação feminina etc. Durante o coito sinto prazer na submissão, mas fico igualmente à vontade fazendo o papel de dominadora. Além do mais, tenho muitas ideias criativas para aperfeiçoar seu leque e repertório. Dentro de cinco anos gostaria de estar dirigindo; quero crer que sua produtora oferece oportunidades de crescer na carreira. Para encerrar, asseguro-lhe que meu perfil é plenamente adequado ao trabalho em equipe e que valorizo a atmosfera positiva no local de trabalho. Adoraria visitar a empresa para uma entrevista pessoal. Atenciosamente, Meryl Dryzak.”

Rusty quase pirou. E isso antes mesmo de ter visto o currículo de Meryl. Que ela estava tirando sarro de um gênero, tirando sarro do próprio Rusty, ficava óbvio assim que você lia o cv, elaborado com aquela mesma pseudofranqueza de sua carta de apresentação. Entre dados pessoais e hobbies (esportes e filmes, ela admirava Werner Herzog, Kurt Russell, Rocco Siffredi e Michelangelo Antonioni), inseriu uma seção intitulada “educação e cursos”, mas onde você esperaria encontrar *elementary school* e *high school*, ela listava seus relacionamentos amorosos, incluindo datas exatas, as entradas assinaladas em negrito, seguidas de relatos concisos do que aprendera na cama com “Rich”, “Josh” ou “LaToya”. Oferecia, caso quiséssemos, três referências, e para verificar se os números de telefone realmente existiam, Rusty, com um sorriso de orelha a orelha, ligou para uma pessoa que ela identificava como “Joey F(ucking) Bastard”. Quando foi atendido por uma secretária eletrônica (“Joe Lightcloud, paisagista, para todos os seus deques e fontes”), começou a rir baixinho e continuou até bem depois do bipe.

Uma semana mais tarde Meryl Dryzak sentava diante de nós na sala de Rusty — não a garota da carta, mas uma garota como a própria carta: decente mas indecente. Estava vestindo uma camiseta comprida verde-escura, do Led Zeppelin, um cinto largo com rebites

de ferro no quadril estreito. A saia era feita de tecido camuflado e desfiado, usava tênis Nike de cano alto. Com tranças castanho-escuras e rosto plácido, uma agradável mistura de Mona Lisa, Kate Moss e heroína de mangá, não só diferia muito do tipo cheerleader decaída que abundava pelo Valley (nada de Botox nos lábios, não era coberta de tatuagens, não tinha tendência a dar risadinhas descontroladas), como também sua postura era diferente. Inteligente e séria. Tinha uma voz equilibrada, soando algo formal, um pouco entediada, mas o que dizia naquele tom de voz lânguido era autoconfiante e, assim como sua carta, extraordinariamente sincero.

Como sempre, Rusty fazia as perguntas: ele não gostava que outras pessoas conduzissem as entrevistas. "Meryl", disse, após algumas piadas sobre o quilo de açúcar que despejou em seu café, "sua carta, sua maneira de falar, de se apresentar, tudo isso nos diz que você é uma menina inteligente, talentosa. Uma jovem que sem dúvida tem o que é necessário para conseguir o futuro que desejar. Vi que você estuda cinema e literatura, mas sou capaz de imaginar que poderia igualmente ter escolhido direito, medicina ou aeronáutica. E mesmo assim quer trabalhar para a gente. Pode me contar um pouco sobre seus credores?"

Rusty presumia que ela não iria sacar na mesma hora do que ele estava falando, mas ela entendeu perfeitamente. "Não estou interessada em dinheiro", disse sem sorrir. "Não tenho tesão por dinheiro."

E como se Rusty fosse Herbert von Karajan e ela uma violinista numa audição para a Filarmônica de Berlim, explicou que, antes de mais nada, o negócio a atraía devido ao intenso prazer que extraía do sexo, prazer que queria explorar ao máximo: "O prazer é algo que merece ser buscado", como tão elegantemente se expressou; em segundo, vinha seu desejo de partilhar os frutos de sua iluminação pessoal com o máximo de pessoas possível, ela era algo como uma altruísta, encarava o pornô — "pornô bom", esclareceu, com o dedo indicador erguido — como uma fonte subestimada de prazer para muitas pessoas. Disse-nos que era de Steamboat

Springs, Colorado, uma pequena cidade nas Montanhas Rochosas, onde passou dezoito anos fazendo um estudo detalhado de tudo que era chato, banal e tedioso. Era hora de tentar algo novo.

“Você usa metanfetamina?”, perguntou Rusty. Dava para perceber por sua expressão que aquilo estava ficando filosófico demais para seu gosto.

“Sou viciada em trepar”, ela respondeu.

“Muito bem.” Rusty fingia anotar alguma coisa.

Estávamos acostumados com qualquer coisa ali, da manhã até a noite era um festival de obscenidades em Coldwater, principalmente dentro e perto dos sets — mas isso? Sem a espontaneidade vulgar que caracterizava as pessoas de seu *métier* (e, sabe-se lá, sem as lorotas e gracejos igualmente característicos, a loucura fajuta delas, sua errática falta de confiabilidade que, eu tinha de admitir, parecia essencial para a sobrevivência nessa cidade), sem a conversa mole provocativa, a mastigação grosseira de uma caixa inteira de chicletes ao mesmo tempo, tudo soava diferente, mais surreal. Mais duro.

Durante toda a entrevista, ela segurou uma edição brochura de Houellebecq, o dedo do meio enfiado entre as páginas, como um marcador. Quando Rusty recomendou que adotasse um *nom de plume* — saída de sua boca, uma expressão idiota que me fez dar risada e traía o fato de que ele estava ligeiramente encantado com os ares artístico-intelectuais que ela se dava —, ela perguntou se ele tinha alguma sugestão. Rusty levou algum tempo ponderando, ele tinha uma reputação a zelar, no que respeitava a nomes artísticos. “Gigi Green”, disse.

“E que tal Bobbi Red”, sugeriu ela. Esse “Green” a limitaria a determinados tipos de papel, já previa, sua figura miúda, juvenil, era algo que a preocupava. “Eu não pretendo passar os próximos sete anos aparecendo com uma calcinha branca e meia xadrez até os joelhos. *Daddy Fucked the Babysitter* e essas coisas, entende o que quero dizer?”

Rusty sufocou uma risada. Normalmente, não morria de amores por espevitadas como ela, normalmente jogava um par de meias

Harry Potter para garotas com esse tipo de conversa mole. “Tem razão, Bobbi”, disse. Ela era tão bonita. Linda de morrer.

Depois que tirou a roupa e fez a necessária voltinha (“Tudo bem, ajoelhe naquela cadeira, isso, a bunda de frente pra gente, assim, isso, curve as costas — está ótimo”), ela nos contou que viera para Los Angeles com quatro mil dólares que ganhara trabalhando como garçoneiro em uma *steak house* de Steamboat Springs. Estava alugando um apartamento no Valley, sem ar-condicionado, sem fogão, sem nada. Imaginei o quarto desconfortável e o tipo de vida que enfrentava, e então a imaginei nos sets onde ia passar os próximos meses com aqueles seus peitinhos delicados de adolescente. Fui tomada por um sentimento que nunca tivera antes nesse tipo de reunião: o desejo de proteger.

Rusty foi possuído por um impulso de natureza bem diversa: abriu sua agenda de couro de crocodilo para agendar as primeiras sessões. Como sempre, quando uma recém-chegada era de seu agrado — e quando uma recém-chegada não era de seu agrado? —, ele se escalava como seu primeiro parceiro de cena. Nesse aspecto era bem coerente. Era sua principal motivação naquele trabalho. Depois a caixinha de rapé aparecia em cima da mesa: coca, Viagra — sem suas poções mágicas, Wells era imprestável. Vendo como Bobbi considerava um pouco insuficiente três ou quatro filmagens no período de um mês, telefonou para a Kwimper Girls com ela ainda sentada ali. Elogiou-a para Toby Kwimper, com piscadas em sua direção. Kwimper era um velho capitão da indústria e por trinta anos tocara sua agência de um Buick enfumaçado em que ia e vinha por San Fernando Valley toda tarde até de madrugada. “Bobbi é uma jovem especial, Kwimp, e você sabe o que eu quero dizer quando falo isso. Bobbi está destinada a grandes coisas.”

Essas eram palavras proféticas. O próprio Rusty achava isso, e tinha razão. Bobbi Red, antiga Meryl Dryzak, tornou-se uma celebridade, uma figura cult, uma estrela pornô de proporções novas e nunca antes vistas — ainda em grande parte underground, sem dúvida, mas amplamente conhecida, e transgredindo os limites do gênero. “Bobbi vai ser a nova Jenna Jameson”, papagaiou Rusty para

a *Rolling Stone*, mas tanto Rusty como a *Rolling Stone* se equivocaram. Jameson era *old school*, uma rainha pornô das antigas. Bobbi não. Bobbi não aceitava categorias estanques — ela as demolia. Embora seus filmes não fossem menos hard-core (ela ganhou um prêmio AVN após outro), essa garota misteriosa, profunda e superficial ao mesmo tempo, chamou a atenção fora do Valley. Especialistas em tendências da internet ficaram eufóricos com Bobbi, fotógrafos de renome queriam que posasse para eles, bandas indie a convidavam para aparecer em seus videoclipes. Ela foi capa do novo CD do Smashing Pumpkins. Deixou que um editor do *Los Angeles Times* a seguisse por seis meses. Postou videoblogs no YouTube em um pretensamente artístico preto e branco filosofando livremente daquela sua maneira solta, séria, sobre a vida rude que levava. E agora ia aparecer no programa de Tyra Banks.

No fim da entrevista, Bobbi nos ofereceu sua mão delicada e se levantou para ir embora. Acompanhando-a pela escada de madeira ao saguão de entrada, quase não me contive. Na porta, quando tirou o celular para chamar um táxi, sugeri que ficasse comigo em minha casa, sem pagar nada e sem condições, até conseguir se virar na cidade. Ela me olhou, surpresa, e educadamente recusou minha proposta — isso também era atípico para pessoas de seu meio. Mas continuei a insistir até que cedeu.

Por quê? Todo ano, centenas de Bobbis eram despejadas em San Fernando Valley, piranhas deslocadas, inconsequentes, estúpidas, calculistas, aventureiras, arruinadas, vitimadas que infestavam como baratas cor-de-rosa os incontáveis apartamentos de um dormitório a mil dólares por mês entre a Ronald Reagan Freeway e a Ventura Boulevard. Condomínios brancos deprimentes, mobiliados com um colchão comprado no Wal-Mart, onde acordavam sob o frio ou o calor à espera de que o telefone tocasse, seus agentes enviando-as no dia seguinte, ou talvez nessa mesma tarde, para alguma mansão anônima com sofás pavorosos onde estrelariam *Share My Cock 12* ou *Cum Dog Millionaire*. Talvez eu quisesse

conhecer mais de perto esse tipo de vida. Talvez a garota tivesse acionado meu gene de irmã mais velha, alguma proteína perdida num beco sem saída de meu DNA.

Bobbi ficou por dois meses. Acomodei-a em um quarto grande com varanda acima da Sunset, dando vista para o Pacífico, e embora cozinhasse para ela de vez em quando — refeições mais nutritivas do que as pizzas com tzatziki que ela costumava entregar certa época, e embora tivéssemos passado mais de dez noites juntas à mesa do jantar —, nunca nos tornamos amigas íntimas. Era distanciada demais, ou talvez não me achasse suficientemente interessante. Tudo que pude extrair dela era que crescera com a mãe e um irmão mais velho, seu pai tendo sido morto em 1991 durante a primeira Guerra do Golfo, *friendly fire*, explicou-me secamente.

Vivia fazendo perguntas, mas eram sempre coisas práticas, mesmo quando tinha a ver com meu passado. “O que você estudou?” “É possível se tornar uma diretora sem ter estudado?” “Você pensa em voltar para a Alemanha?” “Já fez um enema alguma vez?” “Aquele Rusty tem família ou qualquer coisa assim?” “Como você contou para os seus pais sobre isso?” “Quanto custou essa casa?” “Como você veio parar na indústria?”

Quando respondi essa última pergunta mostrando um punhado de fotos que havia guardado do tempo em Enschede, riu com delicadeza, talvez até zombando um pouco. “Ah, mas isso não é pornô”, disse.

Bobbi podia ficar duas horas no banheiro, na jacuzzi, com algum de seus heróis literários, a porta aberta mas em absoluto silêncio. No banquinho do banheiro ficava a bolsa Louis Vuitton que levava consigo para os sets. Certa noite, dei uma espionada: toalhinhas, gel de banho, perfume, antisséptico bucal, lubrificante, escova e pasta de dentes, preservativos, um carregador de celular, consolos numa variedade de cores e tamanhos, uma escova de cabelo, a bolsa de enema que eu sugerira caso houvesse alguma cena de anal programada. Peguei-me inconscientemente contando quantas vezes Bobbi saía com a bolsa. Quando, depois de sete semanas, veio falar

comigo com um beicinho de desculpas para me contar que encontrara seu próprio loft em Sun Valley, a contagem já estava em trinta e oito. Trinta e oito filmes, cinco deles em Coldwater; baseado no que ganhava conosco, já devia ter juntado cerca de quarenta mil dólares.

“Cinquenta”, disse. “Mas não tem a ver com o dinheiro, Joy. Tem a ver com a obra”, e com essa palavra deu também uma rara risadinha. “Tem a ver com a fama permanente. Acho muito legal que todo mundo possa ver como eu faço o que tenho vontade de fazer.” Ah, sim, a vida no Valley era tudo que imaginara que fosse, até melhor, e isso se devia em parte, disse docemente, à minha hospitalidade.

Em uma das últimas noites em que se valeria dessa hospitalidade, voltei de Coldwater e escutei, minha mão na maçaneta da entrada, vozes abafadas vindo da sala. Vozes desconhecidas conversando com Bobbi. Escutei as palavras “papai” e “perdão”. Entrei na sala e vi uma mulher sentada ao lado de minha hóspede e, no sofá diante delas, um mulato tatuado. Lembrei que a mãe e o irmão de Bobbi planejavam visitá-la em sua nova cidade, algo que sempre adiavam. Bobbi nutria um vago receio desse encontro, porque estava planejando contar à família sobre sua carreira recém-iniciada. Era claro que acabara de fazer isso.

“Oi, Joy”, sorriu, endireitando as costas, “queria te apresentar minha mãe e meu irmão.” O jovem enorme, que continuou sentado quando fui até lá e lhe ofereci a mão, era o exato oposto de sua irmã em todos os aspectos: tudo que Bobbi tinha de mignon, elegante e feminina encontrara sua contrapartida masculina naquele lado da progênie Dryzak. O rapaz era desproporcionalmente musculoso e tinha um nariz e sobrancelhas horripelantemente exagerados, olhei para os ombros cobertos de tatuagens que se destacavam numa camiseta sem mangas, a brancura ofuscante da camiseta inflamando os olhos negros como carvão — olhos que, embora pertencessem a um rosto cravado de cicatrizes de espinhas, eram obviamente descendentes do mesmo vidro de azeitonas gregas

que os de Bobbi. Ele não olhou para mim, mas fitou raivosamente o pulso feminino que segurava seu aperto de alicate.

“Eu já liguei para o fabricante”, disse Bobbi, “mas eles não têm nenhum em estoque. Talvez leve algumas semanas ainda.”

Sua mãe era uma mulher robusta, de cabelo crespo e grosso e malares proeminentes, e que, a despeito do jeans e da jaqueta de couro, parecia índia. Para me aproximar dela eu teria de ter atravessado montículos espessos de vidro quebrado que se esparramavam por meu tapete de *flokati* como chuva de granizo. Então não fiz isso, apenas acenamos uma para a outra. Em seu colo amplo e no chão junto a seus pés havia chumaços de lenços de uma caixa de Kleenex que estava equilibrada no braço do sofá. No meio dessa família desfeita ficava a estrutura tubular de alumínio, preto-fosca, que costumava sustentar o tampo de vidro de minha mesinha de centro. No fundo desse cubo tubular, em meio aos montes de vidro, brilhava o laptop prateado de Bobbi, aberto e com a dobradiça quebrada de um lado. Do outro lado da sala, diante da porta do banheiro aberta, a bolsa Louis Vuitton parecia um pato alvejado em pleno voo, espalhados em volta dela estavam os tubos, potes, preservativos e a bolsa de enema.

“Joy é diretora de um dos estúdios onde eu trabalho”, disse Bobbi, mais animada do que de costume. Como ninguém disse nada, ela continuou: “Bom, acho que a gente vai indo”.

Seu irmão se levantou como se tivesse levado um choque elétrico, mas em vez de ficar mais alto, ficou mais largo. Aproximou-se de mim com dois passos firmes, e seu achatado nariz de ravióli chegou quase a encostar no meu.

“Se você fosse homem”, disse, com um hálito que cheirava a batata-doce e lula à dorê, “eu te abria no meio e arrancava as tripas. Você ser mulher e não homem é prova de que Deus não te abandonou.”

Com essas palavras, desapareceu no corredor. Dava para escutar sua respiração enquanto esperava que Bobbi e a mãe o acompanhassem.

No sábado à tarde, após sua patética e infrutífera busca na casa de Aaron, foram para a casa de Ria e Hans, amigos de Tineke dos tempos de Utrecht. Passaram duas horas no ar condicionado do Audi, ele dirigindo, a maior parte da viagem em silêncio. Na Radio 2 um parlamentar debate a questão da licença para fogos de artifício com um lobista da indústria e um fiscal do governo, ele pega qualquer coisa sobre uma teoria das gotas. A coxa trêmula de Tineke encosta na sua.

“Você ouviu isso?”, ela pergunta.

“Ouvi o quê?”

“Sobre a nitrocelulose. Encontraram nitrocelulose logo depois do desastre.”

“Eles falam qualquer coisa.” Ele não faz ideia do que ela está falando, não sabe o que é nitrocelulose, tem outras coisas em que pensar. Mas talvez seja uma boa ideia escutar: na segunda-feira, precisa se encontrar com a comissão Oosting, que está investigando o desastre na fábrica de fogos de artifício. Mas está preocupado com aquele barco. Fica se perguntando o que cargas-d’água realmente sabe sobre seus filhos. Um pai que não vê o filho único em anos e cuja enteada estuda em sua própria universidade! O que ele sabe?

Naquela manhã, enquanto Tineke fazia sua *cardiofitness*, ele ligou para o número no recibo da marina (de seu celular, naturalmente); o sujeito que atendeu não falava uma palavra de inglês, foi um fiasco, e ele não sabia dizer nem “eu ligo de novo daqui a pouco” em francês escolar. Subiu correndo para seu escritório e olhou as palavras-chave em um dicionário francês, mas quando ligou outra vez, claro que o sujeito não atendeu. Depois de

quinze minutos, estava com o homem na linha novamente, e primeiro precisou mentir que era o pai de A. Bever, apenas para descobrir, em um pidgin francês de turista (um homem que pretende ser ministro da Educação tem de saber se expressar em pidgin francês), que o barco em questão era "*propriété de A. Bever, oui monsieur, Bever de Enschede, né le 8 janvier 1972 à Venlo — oui, c'est ça*".

Ficou com a sensação de que ele é que fora lançado no mar, em pleno oceano Ártico. Após o choque inicial, uma dolorosa tensão em seu peito, todo tipo de imagens rondando sua cabeça (drogas, máfia, tráfico de mulheres, Klaas Bruinsma, sexo, sexo, sexo), passou à negação, devia ter entendido errado, aqueles dois não podiam ser donos de um iate de luxo de milhões; um barco que você alugava na Flórida a cem mil por semana? Era loucura — ele estava enlouquecendo.

Mas, no momento, volta a acreditar. Pois o que realmente sabemos uns sobre os outros? O que os pais sabem, afinal? Um iate? É possível esconder de outra pessoa um iate de sessenta pés? O que sabe um pai?

Para responder, só precisa devolver a pergunta para si mesmo: o que seu pai sabia sobre ele? De fato, só vendo para crer. De repente, não está mais sentado em seu carro, está de volta a Delft, na casa de seus pais, na Trompetsteeg, e como na maioria dos outros domingos, mal consegue se mexer de tantas dores musculares e tantos hematomas, dos pés à cabeça, e nesse domingo em particular está pouco se lixando para a dor, porque no dia anterior sagrou-se campeão nacional no Energiehâl, em Rotterdam. E seu pai? Nem faz ideia. Está sentado no andar de baixo, teimando em não saber.

1962? 1962. Da janela de seu quarto de menino, não cabendo em si de orgulho, observava a pequena rua de sua infância, que ainda não deixara muito para trás. Provavelmente escutava um de seus EPS na vitrola portátil Garrard, para afastar a melancolia dominical que subia pela escada estreita e envolvia seu sótão como uma mão gigante. Desejava estar de volta à caserna em Kromhout.

Ele, Ankie e seu pai haviam acabado de jantar na cozinha e, após esperar o número circense de seu pai demorando desde a Batalha de Nieuwpoort para servir iogurte integral e laranjas — ele descascava uma por uma, depois separava gomo por gomo, uma operação excruciante que levava meia hora —, subira ao seu quarto e contava os minutos para arrumar a bolsa e voltar pedalando para Utrecht. Era por volta de sete da noite, a viela mergulhada no lusco-fusco, quando do outro lado a porta de uma casa se abriu e um dos meninos dos Karsdorp, de pantufas, atravessou a rua escura e bateu na janela.

“Ank”, gritou seu pai da sala. Escutou sua irmã puxar a cortina de veludo preta e se espremer para passar pelas bicicletas no corredor antes de chegar à porta. As saudações, vozes transformadas em murmúrios, Ankie na escada e seus cachos castanho-escuros despontando na curva. “Vem rápido”, sussurrou ela, “você está na televisão.”

Precavido, enfiou os pés em suas botas do exército. Embaixo, na penumbra da sala, um pesado silêncio. Seu pai sentava à mesa em seu terno de lã de domingo, lendo; a luminária de cobre pendendo do teto lançava um fecho de luz sobre a capa em padrão marmóreo de um de seus cadernos da escola noturna, ele examinava as páginas em seus óculos de leitura como se o menino dos Karsdorp, que estava parado junto à mesa de olhos fixos nas manchas do tapete, fosse invisível.

“Tchau, sr. Sigerius”, disse o garoto, e ele e Ankie o seguiram pelos paralelepípedos escorregadios até a casa de seus pais. Embora parecessem mais pobres que sua família, ainda assim eram os únicos na Trompetsteeg com um televisor. “Vamos assistir, não comer”, advertiu o pai do menino. A sala deles cheirava a couve-flor e molho gorduroso e estava cheia de crianças e adultos, cadeiras extras tinham sido trazidas e no canto, perto da janela, o olho de um armário de tevê envernizado brilhava com imagens da partida de futebol daquela tarde.

“Sentem, crianças”, disse a sra. Karsdorp, a mãe, uma mulher pálida e de cabelos vermelhos rebeldes. Ali também daria para

escutar um alfinete caindo e, em retrospecto, ele achou que os escutara fazendo silêncio quando chegou, todos subitamente intimidados, os olhos grudados no *Sport in beeld*, aparentemente haviam ficado inibidos por sua causa, porque tinha sido campeão holandês, ou talvez devido à sua roupa militar.

Após o futebol, vieram os resultados de uma competição de natação, mas depois disso enfim foi a vez do torneio de judô em Rotterdam, a voz do locutor Jan Cottaar ao anunciar o defensor do título, Joop Gouweleeuw, também de Delft, a câmera fechando em Anton Geesink, o campeão mundial "que deixara o campeonato nacional escapar", e lá estava ele, "Simon Sigerius, de dezenove anos", na beirada do tatame para sua luta final contra Jan van Ierland. O sr. Karsdorp, com quem ele e sua irmã se espremiavam num sofá de dois lugares, foi o primeiro a abrir a boca: "Seu pai não vem ver?", perguntou, e Siem percebeu que Ankie fazia menção de responder, provavelmente para dar alguma desculpa. Ele foi mais rápido: "Acho que não, sr. Karsdorp". Sua voz soou forte e dura na sala. "Meu pai acha que judô é um esporte de traidores. Ele nem sabe que fui campeão."

Era isso. Não houve tempo para uma resposta, a ação já começara, "uma batalha de campeões", segundo o locutor, e todos olharam, cada um com seu próprio pensamento constrangido, para a minúscula figura em preto e branco na tela que nesse exato instante, na vida real, pronunciara aquelas estranhas palavras, mas que então agarrava Jan van Ierland, "e no terceiro minuto o soldado Sigerius jogou seu oponente no tatame com um golpe de quadril rápido como um raio, conquistando o campeonato holandês de judô na categoria pesos pesados".

Se o seu pai, como um fóssil aprisionado no âmbar sob o facho solitário da luminária, ergueu o rosto quando ele e Ankie voltaram, meia hora mais tarde, ele não se lembrava, mas havia uma garrafa de genebra sobre a mesa. Sua irmã acendeu os abajures e ele ficou parado na porta, ambos esperando algum tipo de explosão, alguma cena terrível.

Seu pai — que morreria do coração dois anos depois — virou-se, o cabelo escasso atrás de sua cabeça cintilando com a brilhantina, e pegou três taças no aparador, colocou-as sobre a mesa e as encheu cuidadosamente até a bebida quase transbordar. “Vamos, Ank”, disse, “um brinde ao nosso Siem.”

E quando ele e sua irmã sentaram constrangidos à mesa, deu uma taça para cada.

“Eu não bebo, pai”, disse ele.

“Não me diga.” Seu pai ergueu a taça pela haste de prata. Quando ele e Ankie acompanharam seu gesto, disse: “Ao nosso traidor”.

Era verdade. Durante anos, agira às escondidas. Aperfeiçoando suas habilidades no judô clandestino, por assim dizer: depois de algum tempo, todo mundo sabia a respeito, seus irmãos e irmãs, os colegas de classe, os vizinhos e, por fim, até os leitores do *Delfts Katholiek Dagblad* — todos, menos seu pai. Por anos se dedicou em segredo ao judô, primeiro uma vez por semana, até o quimono se desmanchar no corpo, depois, três vezes por semana e, finalmente, *quatro*. O tempo todo sustentando um intrincado sistema de mentiras, desvios complicados no caminho e cúmplices, de maneira a fazer aquilo que mais amava.

Seu pai que fosse à merda. Decidiu isso após participar da desastrosa tarefa de transportar um móvel numa gelada manhã de domingo. Ele e seu pai haviam carregado uma pesadíssima escrivaninha de carvalho da Trompetsteeg para a casa de sua irmã mais velha, Loes, que vivia com o marido na Kruisstraat. Era um móvel herdado do trabalho de seu pai que foi parar na sala deles como um galeão encalhado. “Eu fico com o monstro”, ofereceu-se Loes. Foi um avanço penoso, tinham de pôr a peça no chão na rua vazia de quinze em quinze metros.

Estava vermelho com o esforço, mas talvez também devido ao caminho que de repente tinham de fazer juntos. Por algumas semanas, seguira seu pai por essas mesmas calçadas, toda terça à

noite, cautelosamente, como Dick Bos seguindo um bandido, pela Beestenmarkt até a Molslaan, um saco de papel de supermercado sob o braço. Antes que virasse na Kruisstraat, a bolsa de seu pai, que ia para o curso noturno de uma escola de administração na Raamstraat, não passava de um borrão oval e cinza, vista de longe. Siem tocava a campainha de Loes e Gerrit, e sua irmã, um pé sobre os ladrilhos do corredor, o outro na escada da entrada, enfiava dentro do saco seu quimono lavado. Então ele corria, torcendo para que seu pai tivesse conservado a dianteira, até o Oude Delft, de modo a chegar ao dojo Uke-Mi no horário.

Seis meses antes, após algumas aulas experimentais com o sr. Vloet, tocou no assunto em casa. Com um vago pressentimento de que o pai talvez não partilhasse de seu entusiasmo, havia preparado toda a argumentação com antecedência; seria mais sensato, pensou, falar sobre a filosofia por trás do novo esporte, que o judô era muito mais do que simplesmente um tipo de luta. O sr. Vloet, que treinara com mestres japoneses em Paris, dedicou uma aula inteira aos ensinamentos do professor Kano, o criador do judô. Havia um retrato de Kano pendurado em seu dojo. Que treino incrível foi aquele. O sr. Vloet pegava no seu pé se não estivesse satisfeito com seu arremesso por cima do ombro, "SUA TÁBUA!", reverberava alto pela academia, mas, quando conversava, podia ser amigável e calmo; eles ficaram sentados escutando o mestre por pelo menos uma hora e nessa noite, à mesa de jantar, Siem viu-se contando, corado de excitação, o que lembrava das palavras do sr. Vloet.

Seus irmãos e sua irmã escutavam enquanto comiam, e seu pai também escutou em silêncio; apoiava os remendos de couro dos cotovelos de seu cardigã sobre a toalha de mesa bordada e o fitava através do vapor fumegante de uma panela de couve-lombarda. Seu rosto pequeno, franzido, parecia extenuado. Talvez por levar uma vida sedentária, tanto ali como no trabalho, seus ombros ossudos pendiam para a frente e seu pescoço parecia comprido e liso.

"Então, basicamente, pai", disse ele, "o judô não tem tanto a ver com lutar — nada a ver, na verdade —, no judô, o negócio é autocontrole e respeito pelo oponente. O professor Kano, o

fundador, não chamou de 'judô' sem um motivo, judô quer dizer 'o caminho suave'. O que ele esperava era um mundo melhor."

"Melhor?", perguntou seu pai. "Melhor como?"

"Com o judô, claro", respondeu ele. "O professor Kano nunca teve intenção de fazer do judô um esporte, mas uma espécie de, hum, ensinamento. As crianças aprendem judô na escola, pai, no Japão todo mundo aprende os ideais e princípios, os símbolos por trás dele, desde pequenos, entendeu?"

Seu pai reagiu de maneira atípica: ele riu. Seu rosto exausto se contraiu e se encheu de vincos, pegando Siem de surpresa, foi como se o tivesse visto sem a calça. Não era uma risada alegre. O que o menino de treze anos não conseguiu expressar em palavras ficou para sempre em sua cabeça como um vapor oleoso: o pai deles era um homem acabado. Seus pais haviam sido donos de uma papelaria na Choorstraat, um negócio pouco rentável que funcionava exclusivamente com base no entusiasmo de sua mãe e que foi à falência logo após sua morte inexplicável, quase como se um tampão tivesse sido tirado do ralo da banheira. Tiveram de se mudar. Desde então, seu pai morava com cinco filhos e uma variedade de credores naquela casinha miserável. Fez o melhor que pôde, mas seu espírito se quebrou. Ele disse: "Não existe símbolo por trás de nada, Siem. Não diga isso. Mas vamos lá, conte mais sobre esses ideais japoneses".

"Certo", respondeu ele, ansioso, tentando lembrar as exatas palavras do sr. Vloet. "Bem, para o professor Kano, a cooperação era muito importante. Tanto no tatame como fora, um judoca deve ajudar as outras pessoas."

Ankie abafou um bocejo. Freek gesticulou como se remasse. "Professor Canoa", disse.

"A cooperação traz um bem-estar mais grande para as pessoas —"

"Maior", interrompeu seu pai.

"Um bem-estar maior. Tendo espírito esportivo e sendo respeitoso, você aumenta a felicidade dos outros, pai, e desse jeito sua própria felicidade também. Não como no boxe. Os lutadores de

boxe só ficam socando a cabeça um do outro. Judocas têm respeito um pelo outro.”

“Então por que vocês se estrangulam?”, perguntou Freek.

“Isso faz parte das regras, seu idiota”, rosnou ele. “A gente esquece assim que o juiz sinaliza.”

“Quem ia vencer”, tornou a falar Freek, “Floyd Patterson ou como é mesmo o nome... aquele Anton Geesink de vocês?”

O pai deles esfregou o pescoço fino com a mão esquerda. “Siem aqui”, disse para os outros, “fala como se fizesse parte desse... esporte há não sei quantos anos.”

“Não, não mesmo”, respondeu Siem, chocado. Ele amava seu pai, porque era seu pai, porque seu pai tinha a iniciativa de ir à escola noturna duas vezes por semana, porque era viúvo e de certa forma era também uma mãe para eles. Mas ao mesmo tempo ficava apreensivo, talvez porque seu pai tivesse passado por tantos problemas.

“Patterson”, disse Freek. “Ele punha o Geesink para dormir.”

“Não, não mesmo, pai”, repetiu Siem, “é por isso que estou contando tudo isso, eu queria perguntar se eu posso fazer. Eu quero muito fazer judô. Tem um clube bom no Oude Delft. Eu até já fiz umas aulas experimentais.”

Às palavras “aulas experimentais” um estremecimento percorreu o corpo de seu pai, como se estivesse em um trem mudando de trilhos. “E qual seria o nome desse seu professor?”

Ele nunca se esquecia do que seu pai dissera certa vez, quando Freek enfiara uma furadeira manual no pé de Jet Kolf, a broca de aço penetrando direto por sua bota de couro. O sangue jorrou. Alguém foi chamá-lo, ele não sabia quem, seu pai veio correndo para a Beestenmarkt em mangas de camisa. “Eu já disse”, rosnou ele enquanto batia na cabeça de Freek, “eu devia ter mandado vocês todos para um orfanato.”

“Quer dizer nosso *sensei*, pai. É assim que os japoneses chamam ele.”

“Perguntei para você qual era o nome dele.”

“Senhor Vloet.”

Seu pai abanou a cabeça, como se o sr. Vloet não se chamasse realmente sr. Vloet. “Filho”, disse, “você não devia acreditar em tudo que ouve. Toda essa conversa mole sobre respeito e virtude. Esse sujeito não faz ideia do que está falando.”

“O sr. Vloet é terceiro *dan*, pai. É uma graduação bem adiantada.” Sentiu alguém chutar sua canela. Seu irmão Daan arregalava os olhos para ele, a boca esticada em uma pequena faixa tensa, ele sacudiu a cabeça quase imperceptivelmente.

“Estou pouco me lixando para o *dan* que o sr. Vloet é ou deixa de ser”, disse seu pai, erguendo a voz de repente. “O que me irrita é essa conversa de sabe-tudo sobre os japoneses. Não me venha falar sobre os japoneses, Simon. Não tente me enrolar com essa história sobre a virtude dos japoneses. Ou sobre a felicidade dos outros. Deus me livre.”

E com a palavra “deus” seu pai bateu com a mão na borda do prato. Ele quebrou em dois. Primeiro o barulho muito alto; depois, o silêncio absoluto. Freek e Daan ficaram olhando fixamente para a linguça em seus pratos, Ankie olhava para o pai com a boca cheia. Como se nada tivesse acontecido, seu pai espetou um pedaço de batata caído na mesa, levou o garfo à boca e mastigou. Depois que engoliu, disse calmamente: “Escute, Siem. Diga ao tal de Vloet que seu pai foi prisioneiro de guerra na Birmânia. Diga pra ele: ‘Meu pai foi obrigado a trabalhar na ferrovia da Birmânia’. Entendeu? Daí ele vai entender por que você não vai mais”.

Após terem percorrido bem mais da metade da Molslaan, ele e seu pai pararam para assoprar os dedos. Parecia haver um corpo dentro da mesa.

“Está indo bem, rapaz.”

O suor escorria por suas costas — uma mistura de esforço e medo. Confiava plenamente em sua irmã, ela não iria entregá-lo, mas não tinha tanta certeza sobre seu cunhado. Gerrit, com suas unhas sempre sujas da oficina. Um sujeito esquisito, esse Gerrit, um boca-mole de primeira, lambia as botas de seu pai até elas ficarem

brilhando. Tinha uma história para contar sobre todo mundo, alguma fofoca que ninguém mais tinha mencionado. A causa exata da morte da mãe deles, por exemplo — Siem ouvira de Freek, e Freek ouvira de Gerrit. Sua mãe — sua doce, linda e bondosa mamãe morrera, segundo Gerrit, como resultado de um *furúnculo*. Um furúnculo no nariz. “Furunclo?”, perguntou ele, chocado, furunclo, furunclo? Parecia nome de um macaco enviado ao espaço pelos russos. “É como uma espinha inflamada”, esclareceu Freek. “Mas ninguém morre disso”, gaguejou ele, desnortado. “Morre sim”, disse Freek, “se o pus subir pelo nariz até seu cérebro.”

Ele não gostava que Gerrit soubesse sobre seu judô praticado às escondidas. Que não o largaria por nada deste mundo. Naquela tarde em que foi à casa de Loes e Gerrit para perguntar se sua irmã lavaria seus quimonos dali em diante, uma expressão conivente passou pelo rosto de seu cunhado. Gerrit o mandou sentar e explicou em detalhes por que seu pai não aprovava o judô. Ele não sabia sobre a guerra, não é? Sobre as Índias Orientais Holandesas? O que os amarelos filhos da puta tinham feito com seu pai? Não? “Garoto”, disse Gerrit com uma careta, “eles fizeram o diabo com seu pai. Primeiro ele teve que andar duzentos quilômetros a pé até a Birmânia, descalço, sete dias e noites. Depois passou dois anos arrastando dormentes de ferrovia, catorze horas por dia, nenhum contrato coletivo de trabalho, não senhor. Coberto de ferida e de piolho. E os japas com aquele porrete. Já viu as costas do seu pai?”

“Não.”

“Então não veja, garoto. Quando você ainda usava fralda, sua irmã e eu, a gente morou com seus pais. Toda noite, às três da matina, começava. Seu pai berrava como um bebê. Ia dormir na alcova, pra que sua mãe conseguisse ter uma boa noite de sono. Debaixo da cama ele tinha uma, como é que chama, aquela espada lá daqueles macacos, uma *klewang*, e se sua mãe ou eu...”

Loes chegou com o café. “O que você está falando pro menino?”

“... ou sua irmã aqui, se a gente ia lá pra tentar acalmá-lo, ele subia na cama, ameaçando com a maldita coisa. `Fora daqui, seus

japas nojentos. Sssss — vou fatiar vocês.” Sorriu. “Não é verdade, Loes?”

Sua irmã pôs uma lata de biscoitos amanteigados na frente dele.

“Seu pai também resolveu tirar uma licença, uma vez”, disse Gerrit. “Fugiu do campo de prisioneiros. Duas semanas na selva. Ah, é. Um herói. Seu pai é um herói.” Talvez porque só tivesse catorze anos, nunca tivesse tido piolho, muito menos levava uma surra de porrete, talvez porque a verbosidade malevolente de Gerrit tivesse lhe dado náusea, Siem achou difícil prestar atenção. “A Kempeitai, você já ouviu falar, certo?”, perguntou Gerrit. “A Gestapo Amarela, digamos assim. Seu pai dá de cara com eles. Pobre coitado. Passou o resto da guerra numa caixa de metal, um metro quadrado. Lar doce lar. Não dava pra sentar, não dava pra ficar em pé, não dava pra deitar. Deixavam ele sair duas vezes por semana, só pra encher de porrada... É, é.”

A caminho de casa, Siem esfriou a cabeça, a frieza da rebeldia. Se tudo que Gerrit contara era verdade, então foi algo horrível que aconteceu com seu pai, nenhuma dúvida, mas o que um clube de judô em Delft tinha a ver com a guerra na Ásia?

Ele e seu pai voltaram a erguer a mesa, dessa vez ambos pegando-a pelo tampo, de modo que pudessem virar a esquina da Kruisstraat com passinhos curtos, seu pai de costas para o móvel e olhando de vez em quando por onde ia. Embora seus braços estivessem tremendo com o esforço, ele ainda achava tempo para pensar sobre toda essa questão do judô. A coisa não saía da sua cabeça. Faltava ainda cerca de vinte metros para percorrer quando o Volkswagen verde-escuro de seu cunhado dobrou a esquina. Gerrit estacionou diante do número 23. Quando seu pai pôs o lado dele no chão e virou, alguma coisa começou a se debater e se chocar no crânio de Siem. Ele viu Gerrit surgir como uma ave pernalta acima do domo verde-escuro. Gerrit recentemente dera uma carona para seu pai até Rotterdam. Era a indignação exaltada que se revirava dentro de sua cabeça. Loes e seu marido tinham um Volkswagen. Um negócio alemão, um carro concebido por ninguém menos que

Adolf Hitler. E seu pai não tinha pudor de andar nele! No carro de Hitler!

Gerrit se aproximava deles pela rua. “Deixa que agora é minha vez”, gritou de longe para o pai de Siem, que apoiava as costas na mesa.

“Pai”, ele disse, mas seu pai não se virou. “Pai”, ele gritou, “será que você pode por favor me dizer por que Loes e Gerrit podem dirigir um carro nazista e eu não posso fazer judô?”

Tudo aconteceu muito rápido. Com duas passadas, seu pai contornou a mesa, ele nunca o vira agir de forma tão ágil e atlética antes. E então, a dor intensa. Seu pai acertou uma bofetada violenta em sua orelha esquerda, aquele frágil órgão ainda por calejar e virar uma couve-flor com dezesseis anos de judô competitivo. Lágrimas subiram por seus ductos, mas ele rilhou os dentes, segurando a secreção com as pálpebras até ser capaz de focar mais uma vez a madeira da mesa. Seu pai ergueu o braço e apontou a rua por onde haviam acabado de vir. “Some da minha frente”, disse. “Já.”

Ria e Hans haviam morado em um pequeno apartamento no terceiro andar de um prédio sem elevador numa travessa da Antonius Matthaeuslaan, e agora tinham uma casa confortável com vista para o Wilhelminapark, que Hans bancava com a importação por atacado de vinho sul-africano. Comiam no quintal sombreado. Após algumas taças de Kranskop tinto, Sigerius discute os méritos matemáticos do xadrez com seu anfitrião, um jogador sério com opiniões preto no branco. O fanatismo enfadonho com que se pega em um ponto, que aliás tomou emprestado de G. H. Hardy — de que a despeito de seus encantos, o xadrez carece de algo essencial, é inconsequente ao contrário da matemática: “a matemática é elegante e relevante, Hans, e não se pode dizer isso do xadrez” —, leva-o a perceber quanto aquele barco o está corroendo por dentro. Ele *precisa* encontrar uma maneira de entrar naquele sótão.

Na manhã seguinte, quando estão se despedindo, aceitam o convite para comemorar o Natal com Hans e Ria em seu chalé nos

Alpes franceses. Tineke senta no lugar do motorista e anda, como sempre fazem quando estão em Utrecht juntos, pela Antonius Matthaeuslaan — mas ele mal faz questão de olhar. Será que deve voltar para a casa de Aaron? Ele se compara com seu pai, se pergunta se, até aquele brinde de genebra à sua vitória no campeonato, o homem realmente não sabia de nada. Claro que sabia. Ele costumava ver a ignorância obstinada de seu pai em relação ao judô como um fracasso pela supersimplificação e, com o passar dos anos, o puro e simples desinteresse de um velho. Pela primeira vez, tenta se afastar dessa visão e se pôr na pele desse pai profundamente humilhado. O exercício de empatia o faz perceber que seu pai fez vistas grossas para o judô apesar do trauma de guerra. Quando seu pai morreu, em 1964, Sigerius ficou secretamente aliviado — ele temia enfrentar o homem após treinar por um ano no Japão, seu alívio foi puro egoísmo. Mas nos dias febris que se seguiram ao fim de semana em Utrecht, esses sentimentos muito antigos assumem novo sabor; pela primeira vez está feliz que seu pai não tenha mais de suportar isso, pela primeira vez está aliviado *por seu pai*. Não deveria fazer o mesmo: simplesmente olhar para o outro lado? Assim como seu pai, fingir que tudo está dentro dos conformes? Sei mas não quero saber. Até o dia em que o menino do vizinho vem bater em sua janela para dizer que seu filho é campeão nacional. Mas e *e/e*, pensa, que notícia virão lhe trazer?

Quarta de manhã, a comissão Oosting se reúne para tratar do desastre na fábrica e, no fim da tarde, ele aproveita sua chance. Às cinco e meia, atravessa o estacionamento da reitoria com o paletó esportivo dobrado sob o braço. Cantarolando, entra em seu carro da universidade e vai para a Hengelosestraat. Estaciona diante do McDonald's no Schuttersveld e caminha até a Praxis.

Um rapaz tímido e espinhento usando uma camiseta polo vermelha com o logo da loja o conduz a um mostruário com lixadeiras e alicates de cadeado. Ele compra o segundo alicate do menor para o maior, que mesmo assim é enorme, e volta para o campus. Para sua satisfação, encontra sua casa vazia. No quarto, tira

a roupa e entra no banheiro. Toma uma ducha morna. Quando respira fundo, seu peito ressoa com um nervosismo agradável. Seca o corpo, caminha nu até o closet, veste uma calça de algodão bege, sapatos sem meia e uma camisa polo laranja-clara. Teatral demais? Olha-se no espelho de corpo inteiro e decide pôr o terno outra vez.

Depois de procurar um pouco ele encontra, no armário do quarto, uma grande bolsa de tênis, onde enfia o alicate diagonalmente. Deixa um bilhete para Tineke na sala: "Oi, querida, como foi na sua irmã? Acho que não consigo escapar do jantar com os alunos. Depois vamos ver França e Holanda juntos. Até mais tarde, S."

Pouco depois das seis ele vai para a Hengelosestraat pela segunda vez. A hora do rush quase terminou, anda com as duas janelas abertas até a metade, ouvindo um CD de Cannonball Adderley. É um anoitecer quente e sem vento, um sol grande e lânguido pinta a cidade como uma maquete danificada. Há muita gente em volta, ciclistas costurando o tráfego, homens com a perna da calça enrolada jogando futebol nos parques. Mas isso é só um filme. O sax alto elástico de Cannonball acompanha o filme — não ele. A brisa quente da noitinha sopra dentro do carro, mas ele está completamente longe de Enschede.

Chega a Roombeek pela Lasondersingel. A cerca de estacas parece mais antiga que a própria cidade. Estaciona o carro no pequeno pátio diante do bloco de apartamentos baixo, o bunker que protegeu a rua de Aaron da onda de choque. A bolsa esportiva pesa muito em seu ombro e roça nos ramos das coníferas que pendem ao longo do caminho de entrada. Dessa vez a fechadura abre sem oferecer resistência.

Ele passa pela porta como num sonho recorrente: o leve cheiro animal, o farfalhar da correspondência, folhetos e malas-diretas no capacho. Fecha a porta e escuta com a respiração suspensa. Um milhão de partículas de poeira em movimento, o redemoinho do silêncio. Na sala, uma cena familiar: as cortinas de uma parede a outra no fundo continuam puxadas, as raquetes de badminton sobre a mesinha de centro não mudaram de lugar. Sua boca está seca, ele

toma longos goles d'água na torneira da cozinha. Para por um momento na janela da cozinha. A bicicleta de Aaron está encostada contra a sebe alta de coníferas.

Sobe a escada que conduz ao patamar com passos silenciosos e carregados de adrenalina. Sente o cheiro de pó e roupa lavada. Põe a bolsa no chão, passa os dedos no algodão de seu quimono, numa espécie de gesto supersticioso, e olha para cima. A eterna paciência dos objetos. Será que ousa? Seu plano de ação é simples: quebrar o cadeado; se não encontrar nada, cometeu um erro monumental, e nesse caso vai embora desse condomínio em júbilo e o que aconteceu com o cadeado permanecerá um mistério para sempre; se encontrar de fato o que receia encontrar, então o cadeado não... então *nada* mais faz diferença.

Tira o alicate de dentro da bolsa. A ponta é feita de um aço brilhante, imaculado. Os cabos revestidos de borracha são tão longos que ele não precisa de uma cadeira. Com o coração martelando, ergue a ferramenta e ajusta o bico de papagaio no U reluzente do cadeado. É preciso fazer um pouco de força para acionar a ferramenta, seus braços tremem, o alicate é pesado. Com um bom tranco a lâmina passa pelo aço como se fosse uma tira de alçaçuz. Para remover o cadeado do ferrolho que fecha o alçapão ele precisa pegar uma cadeira no escritório, suas pernas tremem quando sobe. Com um baque surdo o cadeado quebrado cai dentro da bolsa de raquetes. Ele respira fundo e, com a portinhola rangendo terrivelmente, puxa a escada retrátil.

O buraco retangular do sótão: há sabão ressecado contornando as extremidades da madeira, uma renitente membrana molecular de última esperança. A esperança febril da paranoia em sua cabeça, de que tudo vai ficar bem, uma suave superfície reluzente que ele põe à prova a cada degrau rangente — até que seus olhos esquadrinham o sótão e a película se rompe.

O que você esperava?

Ele não deve cair. Como que crucificado, estica os braços sobre o carpete vermelho-sangue, um prego espetado na palma de cada mão. Nos segundos seguintes ele consiste apenas de cabeça e

braços: suas pernas, seu torso, a escada, a casa, Enschede — o mundo inteiro desapareceu sob seus pés.

O que reconhece das fotos se desenrola à velocidade da luz em três dimensões, o que nas fotos era inodoro, e essencialmente inócuo, agora tem o aroma mortal de madeira bruta, pó e alguma coisa delicada, feminina, um talco caro. O que ele vivencia é perversamente parecido com uma demonstração matemática, com aquilo que seu adorado Hardy quis dizer com surpresa aliada a inevitabilidade, a eficiência, a elegância: a lâmpada potente que de repente se ilumina quando você obtém a comprovação. No momento, tudo se apaga.

Ele toma consciência de um som ofegante, distante e pesado — o ritmo de sua própria respiração. O sótão é mais espaçoso do que havia esperado, o tapete vermelho que cobre o piso todo raspa em seus braços. A luz crepuscular penetra suavemente pela janela fechada da água-furtada. No meio, uma cama de madeira em um romântico estilo de casa de campo, travesseiros com fronha de renda, um edredom branco estufado como se fosse neve recém-caída em um filme da obra de Dickens. De cada lado, dois tripés com refletores. O profissionalismo desses dois espantalhos é devastador, aquilo não é um sótão, é um *estúdio*. As paredes inclinadas estão decoradas com pôsteres, pôsteres que deliberadamente não têm nada a ver com Joni e Aaron: uma foto panorâmica do Grand Canyon, o retrato de dois gatinhos, um cartaz de Céline Dion em Las Vegas. Encostada à parede do fundo, coberta de papel de parede listrado de rosa e branco, ele vê a estante cheia de livros americanos, reconhece-a das fotos em Shanghai — uma onda de amargura e repulsa toma conta dele: a premeditação calculada, a insidiosa perfeição daquela estante.

À direita, sob a janela basculante, vê uma mesinha com um PC; abaixo, no nível do olhar, onde o teto inclinado desaparece em um canto abrupto, escuro, roupas transbordam de gaveteiros de lona branca com rodinhas: vestidos, lingerie, então ali estão eles, a alavancagem das vendas. Do outro lado da sala, uma penteadeira verde com um espelho oval; sobre ela, vários sprays e desodorantes

roll-on, diante dela um nostálgico manequim apoiado em quatro pés sobre rodas, em lugar de pernas. Em cima da cabeça de madeira sem rosto está a peruca preta e lisa de seus pressentimentos. Chocado e sentindo a cabeça girar, percebe que os objetos sobre a penteadeira não são desodorantes, mas pênis de borracha, consolos. Seus olhos se enchem de lágrimas. *Dildos*. Ele consegue pensar na palavra, não mais que isso, mas nunca será capaz de dizê-la em voz alta.

Por alguns minutos, fica olhando, ofegante, para a aresta do teto, envenenado pelo aroma de talco. Uma viga de sustentação atravessa toda a largura do sótão. Prenda uma corda nela e pronto. No momento em que percebe que seus olhos estão à procura de uma cadeira, bate com os dois punhos no carpete, quase perde o equilíbrio, a escada sob seus pés balança e range.

É um homem que sabe quanto esforço é necessário para conquistar algo capaz de deixar as pessoas impressionadas, muitas vezes por um tempo decepcionantemente curto, talvez porque não consigam apreciar a imensidade dos preparativos envolvidos. A primeira vez que identificou em Joni um sinal desse talento — a capacidade de trabalhar por um tempo prolongado e com afinco em direção a um objetivo distante — foi em Boston. Ela precisava se preparar para um projeto final sobre um assunto de sua escolha e a menina de onze anos de idade fez um trabalho de vinte páginas sobre Dwight D. Eisenhower. Enquanto seus colegas escolhiam assuntos como galgos afegães, vulcões ou o Boston Red Sox, ela redigiu um texto aprofundado sobre West Point, as invasões da Normandia, as Nações Unidas, Ike na Casa Branca — informações que coligia de fontes diversas na biblioteca do MIT, onde, usando o crachá dele, passou várias tardes examinando e xerocando textos e ilustrações. Ele ficou comovido com o projeto de Joni, pelo qual ela recebeu A- (o “menos” sendo pela discrepância entre seu próprio inglês mediano e o inglês corretíssimo dos excertos que em seu entusiasmo exacerbado copiara de grossas biografias de Harvard —

ela admitiu o que fez). Foi algo que o encheu de confiança em seu futuro.

Saber que devotara o mesmo capricho, a mesma inteligência e tenacidade, à criação daquele bordel virtual... Foi para isso que ele a estimulou a estudar? Ensinou a terminar o que começava? Para inventar uma estante falsa? *Bancar a prostituta num sótão qualquer?*

Às suas costas descobre uma prateleira de sapatos de salto alto. Reconhece os sapatos, cada um deles, calçados de couro envernizado em todas as cores de jujubas, os brancos com lacinhos, os Burberrys, outros com alças no tornozelo, ou abertos no dedão. Sapatos que nunca viu sua filha usar de verdade. Esticando-se todo para alcançar a prateleira, consegue puxar um sapato acetinado preto, segurando-o pelo mindinho. O salto é fino e delicado, acima do dedão há uma roseta de tecido macio. "Karen Millen" está gravado na sola. Ele acaricia o calcanhar com o indicador. Então o joga do outro lado do sótão, o sapato acerta a estante com um ruído oco e cai no chão.

Força suas pernas adormecidas a descer os degraus. No patamar, volta a guardar o alicate na bolsa, pensa em empurrar a escada para o lugar, mas reconsidera. Ficar sozinho um pouco mais. Ninguém por perto. Pânico com a ideia de ser obrigado a assistir a uma partida de futebol em um grêmio estudantil lotado. Segurando a alça da bolsa, desce ao andar de baixo e vai para a sala silenciosa como um túmulo. Põe a bolsa numa das poltronas e afunda no sofá roxo, torna a levantar e agacha diante de um armário de carvalho baixo com portas de vidro bisotado; copos na prateleira, garrafas de bebida no ventre de madeira. Pega uma garrafa aberta de Jim Beam, enche um pequeno copo de dose e se estica no sofá com a garrafa e o copo. Bebe com os olhos fechados. E agora? Agora o que fazer? Seus pensamentos, percebe, ainda não foram além desse ponto, todas essas semanas ele tem inconscientemente se entrincheirado no fulcro de uma mera casualidade. Essa dimensão foi pulverizada, esmagada, contraída: ele se tornou um personagem de Flatland, sua nova realidade é plana e desolada. Não consegue mais se esquivar ao fato de que sua filha e seu namorado faziam...

ele reluta, não, é incapaz de usar a palavra “pornô”, é ignominiosa demais, a palavra em si faz com que se sinta arrasado. Quer fazê-la em pedaços, letra por letra, queimar cada uma separadamente, espalhar as cinzas nos cinco continentes. Volta a encher o copo para evitar jogá-lo contra a tela da tevê. Acima do aparelho há um quadro grande, uma paisagem pintada com grossas pinceladas, algo da biblioteca de arte, é claro. Alguma coisa precisa ser quebrada. O uísque contra a tela, em sua imaginação ele vê o copo se espatifando, o álcool dissolvendo a tinta. Uma vez, uma única vez na vida, ele pisou em um sex shop, um desses lugares de vidros escuros, feitos para barrar a luz do sol. Alugue um daqueles filmes, foi a sugestão de Tineke, não, de uma amiga de Tineke. “Como você foi falar de nossa vida sexual?” “Que vida sexual, Siem?” Então tudo bem, ele vai. Mas que visão deprimente. Entrar naquele muquifo escuro em uma ruazinha. Todo seu ser resiste contra entrar num lugar com um grande nu pintado na frente. Mas ele faz isso. Uma vez lá dentro, o pensamento de que logo terá de voltar a sair. O cheiro plástico das fitas de VHS, suor masculino, carpete. O cheiro de sêmen. O verme atrás de seu balcão de porra. As fitas nas prateleiras, os pênis de borracha, os homens esgueirando-se das cabines como baratas. Procure logo, qual filme, rápido, decida-se, pelo amor de Deus. E enquanto está ali parado, uma barata entre tantas, constrangido, miserável, excitado, entra um sujeito num impermeável. Ele deposita uma pilha de fitas sobre o balcão; “atrasado”, murmura. Pelo canto do olho, observa o verme pegar uma por uma e fazer as contas numa calculadora: “Dá mil, quatrocentos e três florins e trinta centavos”. A única vez em sua vida que põe o pé num lugar desses e isso acontece. O impermeável enfia a mão nos bolsos, separa onze notas de cem florins e sai. Isso é o pornô, Joni.

O uísque desce queimando por sua garganta. Precisa tratar de uma série de questões na ordem certa. Até que ponto isso é ruim? Comece por aí. Até que ponto é ruim uma filha que se prostitui? Ele precisa avaliar os danos. Até que ponto é ruim o que sua filha está fazendo? E é realmente prostituição? É, na sua opinião, é — e ele

fica indignado na mesma hora: ela, com toda sua inteligência, suas oportunidades. Sua filha vende closes dos genitais na internet. É um desastre. Ela está arruinada. Ele está arruinado.

Mais Jim Beam, o gole desce como uma lâmina, tente se acalmar. É uma garrafa que trouxe de Shanghai — percebe que não pensou sequer por um segundo em Aaron. Qual é o papel dele nisso tudo? Ali é onde *Aaron* mora, aquele é o seu sótão, seu computador, seu equipamento fotográfico. Coerção? Estica o corpo, pega uma das raquetes de badminton e bate na beirada da mesa. Ele a coagiu? Não — conhece os dois bem demais para acreditar nisso, é impossível. Joni não pode ser coagida, é determinada demais, dominadora demais. O epítome do livre-arbítrio. Aaron é a maria vai com as outras — esse pensamento lhe ocorre para sua própria surpresa. Só agora despreza a si mesmo por sua *preocupação*. Quando ainda tinha esperança de um final feliz, estava mais preocupado com Joni, amava tanto sua filha que para ele era o futuro dela que mais importava. Seria mentalmente sã? Estaria sob pressão? Mas agora acabou, é o fim. Ele está exasperado, agora que a verdade cuspiu na sua cara, fica fora de si. O que a vagabunda está pensando? Como pôde ser tão estúpida? Tão baixa, tão sórdida? Como teve coragem? Você percebe o que fez, Joni? Os riscos que está correndo? Os riscos sociais? E se isso vier a público? Até que ponto está disposta a virar uma pária, Joni Sigerius?

Beber e pensar. Afunda como um zumbi no sofá duro. Por um momento, sente ceder a uma fadiga pesada e profunda, mas de repente se apruma. O sangue sobe à sua cabeça. *E quanto a você?* Quando isso vazará? Um ministro da Educação com duas marcas-d'água em seu papel timbrado: homicídio e prostituição. Um filho que malhou um homem até a morte e uma filha vendendo o corpo na internet. Pornô vezes homicídio, vejam a fórmula de sua vida. Ah, sim, vão desenterrar Wilbert, com certeza, tudo vai vir à tona. Ele vai ser enxotado do gabinete, vão caçá-lo e humilhá-lo até não restar mais nada. O que fez para merecer isso? É má sorte? O suor brota em suas costas, suas pernas estão grudando.

Tente permanecer analítico. Pense em termos de soluções. É uma crise, não uma catástrofe — por enquanto não, pelo menos. Ele ainda tem quase uma semana para tomar providências. Precisa bolar um plano de ação antes que eles voltem, uma estratégia para cortar essa crise pela raiz, quando ainda não se transformou numa catástrofe completa. Deveria confrontá-los? Assumir uma linha dura, dizer-lhes poucas e boas, desmascará-los, castigá-los? Sim. Não. Ele não sabe. Talvez seja melhor ser conivente; um inimigo, assim imagina, não será capaz de pôr juízo em suas cabeças. O que estão fazendo não é contra a lei, e são adultos. Não mataram ninguém, afinal. Se hostilizá-los vai perdê-los. Só vai servir para encorajá-los ainda mais. É preciso confrontá-los e negociar abertamente.

Sons vindos de fora chegam até ele através de uma bruma crescente de álcool; em algum lugar, num quintal, os torcedores da Laranja Mecânica estão se preparando para o jogo. Ele superou o choque inicial. Sua raiva diminui, o uísque o relaxa um pouco. Seus pensamentos tomam novo rumo, voltam a seu pai. Poderia estar equivocado? Assim como seu pai se equivocou? Será que existem, como naquele tempo, duas realidades? Duas verdades em colisão? Ele está em sintonia com os novos tempos? Será que aquele sócio não é simplesmente uma frívola indiscrição de juventude? Mais uma vez pega a raquete e deixa uma marca na beirada da mesa. Não amoleça, homem! Não se trata de *judô*. Merda, estamos falando de...

E mesmo assim. Alguma coisa o corrói por dentro, o leve incômodo da hipocrisia que, quanto mais bebe, mais é difícil de ignorar. O fato irônico de que ele... de que topou com todo esse negocinho sórdido como um consumidor, como um dos *clientes de Joni*, que não foi avisado por uma terceira parte interessada; o fato é que *pagou*, transferiu *dinheiro* para aqueles dois exatamente pelo que agora condena com tamanha veemência — ele começa a cair em si quanto à hipocrisia delirante, confusa da situação. A austera luz branca de sua indignação moral atinge um prisma e é refratada num espectro emotivo e nuançado de pensamentos amargos.

Os anos de Joni se tornando mulher. Seus esforços ridiculamente artificiais de evitar qualquer insinuação de interesse erótico. A relação de Woody Allen com sua enteada, ele e Tineke assistem ao noticiário, e ele desliga intempestivamente a tevê, não tolera ver aquilo. Inaceitável. O modo pudico como parou de entrar no banheiro quando Joni estava no banho, o fim abrupto que deu às cócegas e brincadeiras de mão no banco do quintal; lembranças que justapõe contra o destino ultrajante que agora o confronta, a terrível consciência de que essa é a mesma garota — mulher — que, inadvertidamente, ele estivera espiando e desejando.

Pensamentos amargos quanto à internet, na qual acreditou desde o início, e que, como cientista e reitor, ajudou a fomentar, e que agora se infiltrava em sua universidade como um bordel. Pensamentos amargos quanto a Aaron, o jovem que finge ser seu amigo, a quem admitiu no seu círculo íntimo. Quem é esse Aaron Bever, na verdade? Ele olha em volta, examina com mais atenção as coisas de Aaron, o amplificador e o aparelho de CDs Luxman, caríssimos, os alto-falantes eletrostáticos, os milhares de livros, a mobília que de repente observa ser extraordinariamente exclusiva, valiosa.

Pensamentos amargos quanto a seu papel como educador. Onde foi que errou? Deixou de perceber os sinais? Focou demais na realização pessoal? Será que *conversou* o suficiente com ela? Em sua cabeça, ensaia um julgamento, a natureza contra a criação; proposta de acordo: natureza e criação. Ele não criou seu filho, não concebeu suas filhas — o resultado o teria levado a chorar, não fosse o álcool apaziguando seus nervos. Pensamentos amargos sobre o ano em que teve ambos sob seu teto, Wilbert e Joni, sobre as profundas suspeitas em relação a seu filho, sua preocupação com a reação hormonal de Wilbert diante do súbito desabrochar de sua enteada. Uma questão se mistura como veneno à corrente: o que se pode esperar dos genes de um estranho? *Ela é mesmo* sua filha? Quem é Joni?

Nesse meio-tempo, o uísque... o amacia. Sobrevém-lhe um *laissez-faire* que definitivamente não combina com sua natureza. O espartilho de sua respeitabilidade, a camisa de força de seu status, as restrições de sua... geração? — tudo isso começa a afrouxar. Ele está relaxado. Ele os ama, não é? Ama Joni, de todo o coração, ama até Aaron. Ponha-se na pele deles. O isolamento e a solidão da casa de Aaron são um convite para fazer justamente isso. A pergunta sincera de *por que* estão fazendo isso é: por que estão fazendo isso? Será por prazer? A resposta é óbvia, claro que é por prazer. Isso os excita. São jovens e ricos. Fazem e pronto. Fazem por desejo sexual e ganância. São inconsequentes. E ele? Ele gosta de Jim Beam.

São quinze para as oito. Ele se levanta, zozzo, cambaleia até o armário de bebidas, guarda o uísque com um ruído cristalino contra a garrafa ao lado. Enxuga os lábios com a manga. Outro estado de espírito o domina agora, um ânimo sombrio, um ânimo que talvez nem tenha importância. Um calafrio percorre seu corpo quando deixa a sala. A escada para o piso de cima parece ecoar. Não precisa demorar muito. Com o coração disparado, fecha todas as portas do patamar, lavanderia, banheiro, escritório, quarto. Respira fundo, puxa a escada retrátil do sótão, deixa que escorregue, limpa as mãos suadas na calça. Consumido por uma autopiedade maligna, *eu mereço isso*, começa a subir os degraus rangentes. O aroma adocicado de talco aguça sua determinação. Ele não é Woody Allen, tampouco é ministro da Educação.

O sótão é um sótão em Kentucky. Prendendo a respiração, ele fecha o alçapão e examina o ambiente. Como fazer isso? Há tantas possibilidades. O silêncio é profundo, mas mesmo assim ele escuta, uma leve melodia lhe chega do canto oposto, vem da prateleira de sapatos, o órgão colorido dos saltos altos. Talvez a prateleira o aguardasse, esperando que esfriasse a cabeça, primeiro. Talvez o estivesse chamando o tempo todo.

Ele funga, desamarra os cadarços e chuta os sapatos para qualquer lugar; o carpete acaricia com suavidade e maciez a sola de seus pés. Não consegue engolir. Sua calça e sua cueca deslizam para seus tornozelos sem meias, ofegante, ele tira a camisa pela cabeça. Contorna a cama, repulsivamente nu, de repente há uma nova nudez que vinha se ocultando sob sua nudez ordinária, e ele pega o sapato acetinado no chão. Segurando o prepúcio entre o polegar e o indicador, como se seu pênis fosse um balão inflado, examina o sapato de todos os ângulos. Pressiona o salto fino contra suas bolas, traça uma linha sob sua ereção. Alguma coisa macia, calcinhas, uma combinação. Com o sapato na mão ele vai para o outro lado do sótão e se agacha diante do gaveteiro de lona, abrindo a gaveta do meio: meias-calças de náilon e arrastão, ligas, *bodystockings*, tops, saias, sutiãs, incontáveis calcinhas. Ele revira tudo, apalpa, olha, tira uma meia-calça preta, transparente, enfia o nariz no tecido: o mesmo aroma misterioso, delicioso, de talco. O contato com o tecido de trama infinitesimal, delicada, o catapulta de volta à década de 50, ele plana sobre Delft, descendo no quarto de sua irmã, e aterrissa de barriga em sua cama. Sozinho na casa da Trompetsteeg, se controlou o máximo que pôde, mas enfim acabou enfiando a mão sob o estrado de ferro e puxou a caixa de chapéus onde ela guardava suas meias-calças. Ele as examinou, tateou, inalou o suave aroma de mulher, de modo a imaginar melhor como seria tocar e cheirar as pernas femininas inacessíveis que via na rua, no bonde, nas aulas de inglês da srta. Recourt. Sentia vergonha do que fazia, achava que fosse doente, que não era normal, sobretudo depois de descobrir que havia uma palavra especial para seus interesses peculiares, uma palavra que, mesmo após todos esses anos, ele ainda odeia.

Com a meia-calça na mão direita, tateia a gaveta com a mão livre até encontrar um fio-dental rosa-claro. Engolindo as lágrimas, ele o veste, passando-o pelas panturrilhas arredondadas de judoca e pelas coxas peludas. O pequeno triângulo desliza sobre seus testículos, forçando seu membro contra sua barriga.

“Pronto.” Sua voz parece pesada e próxima.

Ele insere seu braço esquerdo, o preferencial, na meia-calça, até passar do cotovelo. O fascínio. Talvez seja a delicadeza. O tecido diáfano que é mais feminino do que a mulher em si. Ele atravessa o piso vermelho-sangue, se aproxima da prateleira de sapatos e ajoelha. Dezoito pares, conta, tudo do maior bom gosto. Nenhuma porcaria, nada vulgar e chamativo. Elegantes, femininos. Nem faz questão de fotos sem eles. Na verdade, o nu total não o interessa. Não liga de fato para os corpos. Nesse sentido, ainda é um menino de doze anos. Ele tira os sapatos da prateleira, um par de cada vez, arruma-os em torno de si como se fossem trenzinhos Märklin—

Precisa desesperadamente urinar. Por um momento, tenta ignorar a pressão em sua bexiga, mas não, é o implacável Jim Beam. Fica de pé, desce correndo a escada rangente, continua até o andar de baixo, a sola de seus pés descalços fazendo barulho contra os degraus. No corredor silencioso, se enfia no banheiro. Pequeno deslize evolucionário: é urinar ou ejacular. Para relaxar a ereção, examina o calendário pendurado ao lado do papel higiênico, O Calendário do Super Sabão em Pó, nada que você esperaria que Aaron tivesse, ele olha a data de seu aniversário, está escrito SIGERIUS, com o que deve ser a letra de Aaron. Assim que o pênis amolece um pouco, sua urina começa a fluir, o fio-dental ainda em volta de seus testículos.

Antes mesmo de haver terminado, seu pênis pula de volta como uma mola, batendo em sua barriga. Ele escuta um som próximo que o deixa gelado. O tilintar de chaves, uma fechadura sendo aberta — *a porta*. Por um momento, sente apenas gelo, seu sangue paralisado nas veias. Sapatos passando por uma soleira. Precisa se apoiar nas duas paredes para não desmaiar. A vizinha. Tineke. Os pais de Aaron.

“Nossa, quanta correspondência.” *Joni*.

Num reflexo, desliga a luz. Abre muito a boca, como se na escuridão de breu escutasse com a boca: passos. Alguém roça na porta do banheiro. Dores no peito, vai ter um ataque cardíaco. *Está morrendo*. Ele segura seu pênis, mortificado, aperta com força, se o soltar, vai desintegrar.

Uma porta se abre com um rangido, a porta da sala? Ela entra. Então: passos mais pesados, pés sendo limpos. Uma tosse curta e seca. *Aaron*. Cada som é como uma facada. Está preso numa armadilha azulejada: intestinos são cérebros primitivos, Aaron e Joni sabem que estão em casa e vão querer se aliviar. *Aaron está se aproximando*. Mas Aaron, também, desaparece na sala. Ele quer soltar o ar, mas em vez disso respira ainda mais fundo e massageia sua ereção com a mão livre, escorregadia de suor. Pense, diabos. Nada vem.

Fuja. Você precisa fugir.

Alguém liga a tevê, sons de estádio de futebol, a voz de um locutor. "Vamos descarregar o carro agora." Aaron. Ele ejacula. Uma onda penetrante percorre suas costas. Passos no corredor. O sêmen quente cai em seu pé esquerdo, seu próprio cheiro. Silêncio, depois passos novamente, eles vão sair. *Estão no carro*.

Fuja. Agora é o momento. Fuja, rápido. O único caminho é pela cozinha. Ele abre a porta do banheiro e com três passos gigantes avança para a sala.

"Já vou ajudar você, amor." Joni, parada junto à mesa, de costas para ele, examinando algo, uma pilha de envelopes e jornais. Seu pescoço está bronzeado, seu cabelo, preso, mais loiro do que de costume. A cortina foi puxada. A sala está banhada na luz devastadoramente clara do entardecer.

"Tem um cartão-postal do seu irmão."

Seus dentes batem. Sua filha se vira, os músculos em seu rosto bronzeado se enrijecem, depois relaxam — e então vibram em todas as direções. Seu lindo rosto se dissolve. A própria Joni desaba, ela literalmente desaba. Ele se vê no rosto desfeito: nu, desgrehado, um braço enfiado numa meia-calça de náilon. Um grito rouco, entrecortado, se forma na boca contorcida dele.

"Não", ele grita. "Não—"

"*Não o que, pai?*"

Estão no pesadelo um do outro.

O quintal, ele precisa fugir, não pode simplesmente ficar ali daquele jeito. Joni está sentada no chão, as mãos pressionando o

rosto, como se fossem persianas. Ela treme, seu corpo inteiro estremece.

“Não é o que você está pensando”, diz ele. E: “Então, tá bom”.

Ele marcha na direção da luz. Caminha em linha reta, seu corpo acelerando firmemente. Ele voa. Seu joelho, e imediatamente em seguida sua testa febril são os primeiros a atingir a parede de luz e ar. Uma mão de vidro o empurra para trás. O ar é uma parede de vidro — mas nem mesmo uma parede pode detê-lo. A porta de correr cede um pouco, recua e se estilhaça como uma queda-d’água cintilante; uma cachoeira de vidro cai sobre seus ombros nus. Agulhas. Facas. Ele avança, continua a andar. Sem diminuir o passo, pisoteia o gramado alto, verdejante. Faz uma curva para o lado, suave, terra solta sob a sola dos seus pés. Bate com força em alguma coisa, algo cai com estrépito no chão. Meneando o corpo ensanguentado, atravessa o borrão de coníferas.

Mesmo em Linkebeek, a primavera chegou. A janela pivotante acima de sua mesa estava perpendicular à esquadria, um mosquito deslizou para dentro. Aaron girou sua cadeira de escritório acompanhando o inseto, que se chocou contra o teto, bateu duas vezes na moldura onde costumava ficar a divisória, passou sob o obstáculo para o quarto do fundo e deslizou pelas prateleiras atulhadas de livros, os que ele comprara ali e os que conseguira recuperar do incinerador de Vluchtestraat.

Ele girou de volta e checkou seu e-mail. Nada, ainda. Segundo o relógio de viagem próximo ao monitor, já passava das dez da manhã em Los Angeles. Os patos grasnavam do lado de fora, ele ergueu o rosto, a torre da igreja agora mal era visível através da copa do bordo no jardim. O clima ameno combinava com seu estado de espírito. Quando acordou, perto das dez, um otimismo incomum tomou conta de seu sistema nervoso. Com frequência se pegava refletindo sobre a vida de Joni na Califórnia. O punhado de mensagens que recebera dela suscitou nele uma mistura de nostalgia e desejo, uma reação que não previra quando lhe enviou aquele primeiro e-mail febril. O que era isso exatamente? Saudade daquela época em Enschede, tão distante no passado, mas também um anelo indefinido, expectante — ambos os sentimentos, percebia, tão patéticos quanto absurdos. Mas era mais forte que ele, não conseguia deixar de pensar no que Joni estaria fazendo naquela cidade imensa, qual exatamente era seu trabalho naquela fábrica de frisbee, que tipo de amigos tinha, onde morava, em suma, que tipo de vida levava agora? O que não fizera mais, por instinto de preservação, desde 2000, ele fazia agora: procurava por ela na

internet. Digitou seu nome em três diferentes ferramentas de busca, revirou a web do avesso, mas ficou praticamente de mãos abanando. Os únicos resultados incluíam alguns exemplares já conhecidos do *Tubantia*, as páginas de arquivo do grêmio dela e alguns PDFs dos relatórios da McKinsey que escrevera para empresas como eBay e IBM. Mas isso era tudo de 2001 e 2002. Ela não estava no Facebook, não tinha conta no LinkedIn. Havia uma Joni Sigerius que comprava no eBay, principalmente sapatos e vestidos, alguns ele achou que reconhecia e cujas fotos copiou para a área de trabalho em seu computador. O único outro resultado “Joni Sigerius” recente era uma lista de um quilômetro de membros de um clube de patinação em Santa Monica — e mais nada.

Estranho. Hoje em dia a pessoa precisava quase se fechar numa caixa de chumbo para evitar aparecer na internet, mesmo um recluso como ele tinha seu próprio site. Para alguém como Joni, era totalmente atípico. Ela costumava ser uma viciada em internet, considerava-se até uma pioneira — e não era?

Sua ausência espantosa inflamou as fantasias dele. Será que aquilo dizia alguma coisa sobre a atual situação dela? O trabalho na fábrica de frisbee obviamente não devia ser grande coisa, parecia que, fosse pelo motivo que fosse, sua brilhante carreira malograra. Ele a imaginou atrás de uma mesa, num trabalho em meio período no departamento de contabilidade. Talvez fosse uma pena, talvez não.

E assim uma imagem de Joni gradualmente ganhou forma em sua cabeça, uma Joni que, como ele — embora à sua própria maneira, mais leve —, se desencaminhara; imaginou, não sem um certo prazer, que ela e Stol haviam se enredado num processo de divórcio dramático, e que ficara presa, sem dinheiro e com a carreira empacada, em algum canto depauperado de Los Angeles, possivelmente com um par de crianças sem pai a seu encargo. Por outro lado, não teria ela também ficado com algum dinheiro do site deles, ou então do *Barbara Ann*? Quem pode saber, talvez tivesse torrado tudo. Nem todo mundo se enterra antes de morrer. Ela

provavelmente vivera a boa vida em San Francisco, investira nas empresas de internet erradas, perdera milhões em Wall Street—

Ou estaria com alguém, afinal? Talvez tivesse se casado e assumido o sobrenome do marido. Releu os e-mails pela enésima vez, mas à parte Stol, não havia menção a homem algum.

Como fora estúpido. Imbecil. Na noite anterior, acordara assustado de um pesadelo que tinha lugar numa Enschede desfigurada. No início da pequena saga opressiva, Wilbert era seu irmão e dividiam um apartamento em algum lugar, sabe-se lá por que, mas não demorou para que de repente ele fosse Wilbert, e andasse de motocicleta por uma trilha arborizada, longa e solitária, até chegar a um enterro em Venlo, algo assim, ele já esquecera. Para sua infelicidade, pulara da cama e, ainda envolto numa névoa confusa, ligara o computador. Num abandono inconsequente, relatara tolamente o sonho em um e-mail para Joni. “Alguma notícia de Wilbert?”, havia perguntado, e encerrara a mensagem com uma meia acusação: “Você foi se encontrar com ele naquela época? Provavelmente foi”.

Essa manhã era dedicada a controle de danos. Antes do café — ainda não passava de duas e meia da manhã em Los Angeles — enviou a Joni um e-mail que na hora pareceu relaxado e casual. “Oi, ex, é primavera aqui em Linkebeek, não é uma cidade, mas uma floresta de salgueiros. Você tem palmeiras por aí, certo? Me mande um coco que vou plantar aqui.” E talvez fosse mesmo relaxado, mas então, duas horas mais tarde, enviou outra mensagem, num tom mais sério. “Tenho pensado muito na gente nessas últimas semanas”, digitou. “É estranho, Joni, se você pensa no que aconteceu com todo mundo. Seu pai, claro, para começar. Você aí, eu aqui... Sua mãe casada outra vez. Estou curioso para saber como você vê tudo isso. Eu queria pôr a fofoca em dia, aqui ou aí, no seu território! E sobre Wilbert: só estou curioso. Um beijo. Aaron.”

E nesse meio-tempo ele ficara esperando por horas, primeiro quando amanhecera em Los Angeles, e ainda esperava. A partir das sete da manhã, horário dela — podia ser que visse seus e-mails antes de sair para o trabalho —, recarregou incessantemente a

página de mensagens recebidas, como um encantador de serpentes. Oscilou entre o constrangimento e a euforia com sua sugestão impulsiva de visitá-la, ora corando, ora exultando, enquanto os nós de seu dedo indicador, toda sua mão, os tendões em seu ombro direito ficaram endurecidos como resultado dos incansáveis cliques no mouse. Já era quase meio-dia por lá.

O que ele esperava? Uma virada imprevista. Que Joni mordesse a isca, o convidasse a ir ou, melhor ainda: digamos que acontecesse de viajar em breve à Holanda, vai saber por que, talvez para retomar contato com sua mãe, por terem se reaproximado graças a ele. E que ela faria a proposta, talvez por gratidão, de ir a Linkebeek. Havia muita coisa mais por trás desse otimismo, ele sentia em seu dedo indicador, que a essa altura era do mesmo plástico branco de seu mouse; secretamente, esperava que também pensasse a seu respeito, que se entregasse a conjecturas sobre sua vida e que também consideraria que — e nesse ponto quase sufocou.

Ele se levantou e andou pelo quarto, parou junto à estante e ficou olhando para o vazio. Esperava que, para Joni, a ideia de tentar voltar fosse não só especial, mas também, como era para ele, significativa. Respirou fundo. O pensamento louco mas magnífico de ele e Joni construírem uma vida normal a dois, a vida que um homem de trinta e oito anos deve levar, provocou um frio em sua barriga, o que mais queria naquele momento era sair dali em disparada, descer a colina e correr pela rua com os braços abertos, sugando todo o oxigênio que fosse capaz. Parecia tão... natural. Estava eufórico, deixou-o com uma sensação de, como dizer... tudo está bem quando termina bem. Quem mais senão Joni seria capaz de *salvá-lo*?

O mosquito voou na sua frente, ele o agarrou em pleno ar. Em suas meias, esquiou de volta até a janela com a mão em concha e soltou o inseto pelo vidro aberto.

Na verdade, já abdicara do amor. Era capaz de viver na sua, mas esse "na sua" em essência queria dizer solitário, sozinho, rejeitado, abandonado. Houvera outras namoradas depois de Joni, claro, ele tentara, mas se ficar apaixonado era um convite à psicose, viver

junto era a garantia de. Uma receita para o desastre. Durante a maior parte de 2005, Lieke, uma flamenga, uma joia de mulher, funcionária pública na Comissão Europeia, havia morado com ele — mas ela era uma mão de vaca, patologicamente frugal. A ponto de gritar da cama “fecha a torneira!” quando ele escovava os dentes, era tão muquirana que verificava os recibos do supermercado para saber se realmente comprara a marca um pouco mais barata, ou pior, a mais barata de todas. E quando ele estava no fogão, esquentando um petisco albanês qualquer, ela se curvava a seu lado e espiava desconfiada sob a frigideira, invariavelmente abaixando o fogo. Não admitia o fato de ele não ter emprego. “Sou milionário, porra”, disse ele quando entraram em um restaurante sem olhar primeiro os preços no cardápio. “A questão não é essa”, sussurrou ela. “Simplesmente não estou preparada para gastar trinta euros por uma fatia de carne.” Ela era capaz até de mijar embaixo da escada do porão só para não ter de gastar com um gato.

Eles brigavam por isso. Brigas por causa de dinheiro, que, no caso dele, para falar a verdade, dava de fato em árvores. Essas discussões aos berros o deixavam ansioso, ele perdia noites de sono, e quanto pior dormia mais ansioso ficava. Após algumas semanas, finalmente aconteceu: ele se levantou, saiu da casa e vagou pelas tortuosas ruas arborizadas de Linkebeek, ao longo das sebes e arbustos, através do *slalom* de folhas outonais numa miríade de matizes vermelhos e amarelos. Imaginou que fossem euros. Mergulhava nas pilhas de folhas juntadas no meio-fio e sobre as calçadas, rindo e chorando diante de tanta riqueza — olha, Lieke, olha! Reconheceu o presidente do Banco Central Europeu ao volante de uma perua Volvo e correu atrás dele por meia quadra. Durante dois dias e duas noites, ficou sumido, andando sem rumo pelos bosques e propriedades ao sul, num frenesi alucinatório: morrendo de medo de ser assaltado, morrendo de medo de ser assassinado, torturado, devorado. Por vinte e quatro horas, escondeu-se numa vala cheia de euros podres, tremendo, apavorado. No terceiro dia voltou, os olhos fundos, machucado, sujo dos pés à cabeça de sangue e lama, tossindo feito um cachorro. Pegou o carrinho de mão

no barracão e com uma pá o encheu de dinheiro. Foi com o carrinho para a sala e despejou sua riqueza no piso de carvalho. “GRANA!”, gritou ao pé da escada. “GRANA!”

Como instrumento de tortura, o e-mail dá de dez a zero na gota chinesa. Nem uma maldita palavra dela sequer. Nos velhos tempos, havia aquele envelope fino, azul, com borda de cola, timbrado “por via aérea”, que você dobrava, lambia, fechava e, após um revigorante passeio até a esquina, depositava numa daquelas caixas vermelhas pernudas, e pelo resto da semana podia levar uma existência humana normal. Ele tentou se segurar, mas enviou outro e-mail, de qualquer maneira. “Pelo menos me diga se você se encontrou com Wilbert. Como foi?”

Dando um tapa na própria careca, enfiou uma jaqueta leve e fechou a porta ao sair. Desceu a colina. Continuava agradável lá fora, os sabugueiros nos jardins, os pilriteiros e carpinos começavam a adensar. Seu vizinho da frente, um holandês loiro com um punhado de filhos, dobrou a esquina em sua antiquada bicicleta de corrida, chegando em casa após o trabalho, e ambos acenaram. Com largas passadas, desceu a ensolarada Grasmusdreef, fez a curva suave da Kasteeldreef, continuou por mais um quilômetro e atravessou os trilhos. Chutou uma pedra no acostamento. Ela podia andar de patins aqui também. A pessoa não precisava de palmeiras para patinar.

O atalho por um grupo de árvores o levou a uma trilha que serpenteava sob um dossel verdejante, novo mas espesso. O ar musgoso cheirava a terra úmida; ele escutou sua própria respiração. Depois de cerca de cem metros, pôde ver, numa clareira distante, o Roze Molen — uma ruína de pedra-pomes suja que quase dava para chamar mesmo de cor-de-rosa. Dando a volta no moinho, inspecionou a roda-d’água enferrujada que saía do regato, tal como fizera por séculos. Até poucos anos antes, o lugar era um albergue da juventude e ainda gerava a própria eletricidade.

Caminhando pelo campo relvado e irregular, pensou na dra. Haitink: ela que o instigara a isso, a morar nesse lugar. O que mais lhe restava? Enschede era história antiga, tudo que o ligava à cidade emigrara, explodira ou, assim ele acreditava, queria sua cabeça. “Pense apenas em estar em um lugar onde você se sente mais feliz, ou se sentiu um dia”, o conselho de Haitink para quando ficasse inquieto, um truque psicoterapêutico que ele aceitara meio a contragosto e que o levava direto àquela pilha de pedras.

Mais ou menos no exato ponto onde estava agora, talvez sob os galhos pendentes desse mesmo salgueiro, seus pais, seu irmão e ele haviam parado, absolutamente por acaso, para acampar, em um verão na década de 70. De manhã cedo, foram parar nesse preciso local em sua *besteleend* Citroën framboesa após infrutíferas tentativas de encontrar um hospital em Bruxelas. Durante toda a noite, ou pelo menos foi essa a impressão que ele teve, seu pai saíra e voltara para a rodovia, se perdendo seguidamente em subúrbios mal iluminados, a mãe dele gemendo a seu lado, no banco do passageiro, enquanto ele e Sebastiaan ficavam em silêncio no banco de trás, olhando para o impressionante inchaço em seu ombro. Haviam saído de Venlo na noite anterior para acampar na Bretanha. Era para ele e Sebastiaan dormirem naquela lata-velha barulhenta, mas em vez disso passaram a viagem inteira se provocando, implicando, batendo e cuspidando um no outro, até que ele arrancou um punhado de páginas do livro que seu irmão pegara na biblioteca e sua mãe perdeu a paciência e tentou lhe dar um tapa com um movimento abrupto, de costas. Ombro deslocado. Ela gritou de dor. Sua culpa.

De modo que rodaram por horas, cada buraco e saliência provocando paroxismos de agonia em sua mãe, ele por sua vez morrendo de medo de que a bola em sua articulação pudesse rasgar a pele exangue e esticada. Por fim, seu pai simplesmente parou em um lugar qualquer, puxou o freio de mão e correu, quase sem disfarçar o pânico, em direção a uma pilha de pedras fracamente iluminada, esse moinho — para perguntar onde estavam, acharam todos, mas ele voltou com um homem imenso chamado Jean-

Baptiste, que carregou sua mãe para sua grande casa cor-de-rosa, com seu pai vindo logo atrás. Ali, longe das crianças, com puxões e apertos, os dois puseram o ombro de sua mãe de volta no lugar.

Nessa mesma tarde, seu pai e seu irmão montaram as barracas entre os tufos de capim onde ele agora estava, enquanto sua mãe ia ao médico de Jean-Baptiste, na praça da cidade, em Linkebeek. Aparentemente, as coisas correram bem entre seus pais, o moleiro e sua esposa, pois ficaram uma semana. Foi inesquecível. Ele e seu irmão ficaram amigos dos filhos do casal, irmão e irmã gêmeos, mais ou menos da mesma idade que eles, que os levaram por campos, pomares, riachos, as ruínas de um castelo onde passaram longas tardes brincando de cavaleiros medievais. A garota se chamava Julie, tinha cabelos castanhos fofos como penugem e o ensinou, em algum lugar daqueles bosques, a dar “cine-beijo”: duas bocas muito abertas, como peixes, trocando ar úmido, como nos filmes. No ano seguinte, e no ano depois desse, ele já começava a sondar o terreno em abril: mãe, pai, a gente pode voltar no moinho este ano? Não é uma boa ideia etc.? Nunca voltaram. Anos mais tarde, Sebastiaan lhe disse que sua mãe se apaixonara por Jean-Baptiste. O pai deles descobriu que vinham se correspondendo por meio de uma posta-restante perto de onde ela trabalhava.

Talvez Joni tenha sido descoberta, pensou de repente. Nunca considerara a possibilidade. Aquela carreira abortada na McKinsey — será que alguém vira as fotos? Era provável que ainda houvesse fotos circulando em sites gratuitos. Talvez alguém a reconhecesse, uma vez que soubessem, seria o fim dela, era impossível não perder o emprego por causa disso na puritana América. Podia ser? Isso explicaria o fato de não aparecer no radar.

Ele fechou os olhos. A cortiça áspera do salgueiro incomodou sua nuca. A piedade encheu seus canais lacrimais. Não era o único derrotado: 2000 fora uma guerra. E era por isso que sonhava com Joni, eles poderiam conversar sobre o passado, ele a confortaria. Compartilhavam uma história maluca, desastrosa, que, juntos, poderiam esquecer. Joni poderia vir morar com ele, transformariam aquela casa absurda, vazia e triste em um lar. Ela poderia facilmente

achar trabalho em Bruxelas, ou em Linkebeek. Na semana anterior mesmo ele ficara sabendo de uma vaga na biblioteca, não o tipo de emprego para uma mulher que criara os filhos e procurava qualquer coisa para fazer, mas um trabalho sério, pôr o catálogo em dia. E em Bruxelas havia serviço de escritório sobrando.

Ele achou que era uma grande ideia. Ela o conhecia como a palma de sua mão, sabia como era antes de ficar doente. Podia trazer os filhos junto. Ele os criaria com todo o amor, assim como o padrasto dela fizera. E quem sabe? *Quem sabe?* Com que idade ela devia estar agora? Trinta e cinco? Trinta e seis, no máximo. Tentou imaginar Joni com trinta e seis anos. Qual seria sua aparência? (Durante a semana toda tentara, sem sucesso, se lembrar de seu rosto natural, relaxado.) Tentou imaginá-la... Tentou imaginar Joni, ali em Linkebeek... como seria ela grávida.

Em vez disso, viu alguma outra coisa, como era tão frequente quando pensava nela: aquele esgar perplexo, espantado — a expressão dela durante os últimos segundos em que tiveram um futuro juntos.

Ela estava sentada no chão, parcialmente sob a mesa. Ele entrou correndo na sala, alarmado, a bolsa Oilily amarelo-neon, com a roupa suja da viagem à Córsega, pendurada no ombro, e ela continuou sentada ali, abraçando os joelhos, a mesa da sala de jantar servindo de dossel, como se tivesse se abrigado de uma chuva de cacos. Sobre a mesa e no chão em torno havia envelopes, jornais e lascas de vidro, uma natureza-morta ordenada e serena, comparada a seu rosto, que parecia atingido por algo muito alto na escala Richter. Ficaram se entreolhando boquiabertos por alguns momentos, os olhos dela inchados, suas pálpebras parecendo mangas de suéter enroladas. Numa voz rouca ela disse que era seu pai, que sabia de tudo e acabara de colidir contra a porta de correr: “Ele passou direto pelo vidro”. Ela ficou ali, petrificada.

Aaron não. Ele largou a bolsa Oilily, seu coração martelando acelerado dentro do peito, não conseguia conversar, de tão ofegante que estava, ele bateu em você?, queria perguntar, ela parecia ter sido nocauteada, mas ele foi incapaz de falar, sentiu vertigem — e

então atravessou, com duas largas passadas, a esquadria estilhaçada da porta de correr, indo para o terraço dos fundos. “Sangue”, gaguejou, viscosas poças de sangue em meio ao vidro quebrado sobre os ladrilhos. Avançou até o gramado, “droga”, exclamou roucamente, “droga, droga”, mas parou de repente, alguma coisa se moveu, a luz do sol, ele fez um gesto defensivo, *não me bata*, pulou de volta para a sala, olhou de novo para o quintal, a respiração audível, e viu que era apenas sua bicicleta, o sol refletindo em sua bicicleta. Joni continuava sentada como uma escultura no chão, os olhos inchados, fitando o vazio. Ela fungou. Ele voltou, puxou as cortinas, bateu a canela na mesinha de centro, foi para o corredor e trancou a porta da frente sem olhar para a rua. Permaneceu de costas contra o vidro ondulado. Então começou a se lamuriar, um jorro descontrolado de clichês, uma ladainha, eu sabia que isso ia acontecer, a gente pediu por isso, merda, Joni, merda, deviam ter parado, por que começaram com aquilo, ele cambaleou pela sala com as mãos na cabeça bronzeada: “Eu sempre tive medo disso, por que—”

“Cala a boca”, disse Joni. Para seu espanto, ela ficou de pé, tirou um caco de vidro do ombro. “Você entende”, disse com calma enervante, “que agora sim nós terminamos. Acabou, Aaron.”

Seus braços escorregaram de sua cabeça como se fossem de borracha. Ele soluçou, um soluço profundo — e aquiesceu. Sim. Não só entendia o que Joni dissera, ele sabia disso. Já sabia disso na rua deserta, quando tirou a Oilily do porta-malas e escutou a cacofonia de vidro partido ecoando em sua direção na entrada da casa, sabia que tudo terminara. Uma compreensão profunda e irreversível. Sabia que era Sigerius que acabara de atravessar sua porta de correr recém-instalada. Um final cristalino para tudo, para Joni e ele, para o recomeço deles, para sua amizade com o pai dela, a vida na casa de fazenda, sua cidade adotada. (Estranhamente, contou a Haitink mais tarde, o verdadeiro tumulto foi interno, ele ficou estilhaçado por dentro. Em sua cabeça também alguma coisa ruiu, ficou em pedaços. Ele próprio desmoronou em pequenos fragmentos. “Você

acha isso agora”, disse Haitink. “Eu achei quando aconteceu”, ele disse. “Agora você acha que pensou isso na época.”)

O hino nacional tocava na tevê. Olharam para os jogadores. “O que ele falou?”

“Vou indo”, disse ela, categórica. “Preciso ficar sozinha. Talvez eu ligue depois.” Pegou algumas roupas na Oilily, segurou a alça retrátil de sua bolsa de rodinhas e saiu. Isso estava mesmo acontecendo? Dez minutos antes, eram como um casal em miniatura em um bolo de casamento, tagarelando sobre um futuro em função do qual haviam abreviado a viagem: Califórnia, aí vamos nós! Ele acreditou nisso e, em todo caso, Joni pelo menos acreditou. Na manhã em que o incêndio na mata quase os encurralou no mar, ela saiu da água na pequena praia de seixos como se fosse sua própria Ursula Andress. “Quer saber de uma coisa?”, dissera ao se aproximar dele, torcendo os cabelos e jogando os pés de pato e o snorkel aos seus pés. “Eu quero ir para casa. A gente tem um milhão de coisas para fazer. Vamos assistir Holanda e França em Enschede.” E agora, sem mais nem menos, deixava sua vida?

O medo o dominou quase por completo durante os primeiros dias e noites. Alguém que saíra daquela forma podia perfeitamente voltar a qualquer momento. Todas as horas do dia e na maior parte de suas noites insones ele ficou ciente de que Sigerius poderia aparecer para um ajuste de contas. Ficava deitado no couro úmido de seu sofá, na sala escura, se encolhendo a cada ruído do lado de fora. Para não ser pego com a guarda baixa, levava o telefone junto para o banheiro e enquanto tomava uma ducha o aparelho ficava ali ao lado, sobre a privada toda mijada. Foi à edícula e trouxe de volta as tábuas rústicas que a prefeitura usara para tapar suas janelas da primeira vez, e as prendeu no novo buraco de sua casa. (A ocasião anterior nada mais fora que um gostinho do que estava por vir, um prenúncio.)

Enquanto executava o desajeitado trabalho de carpintaria, sob o sol a pino, deixou que a cena provável entre Joni e seu pai se

expandisse em algo monstruoso, repassando continuamente o momento em que Sigerius dava uma bofetada no rosto de sua filha, *toma isso, sua puta*, ele próprio o sentia, um tabefe doloroso que na verdade era dirigido a ele, após o que imaginava Sigerius, como um viking a caráter, se lançando de cabeça contra o vidro da porta. A violência desse ato ultrapassou seus piores medos, minimizou as visões de vingança que, em seus momentos de remorso, enterrara o mais fundo possível.

Quando topou com uma bolsa de tênis preta que revelou conter um alicate de cadeado, ocorreu-lhe que seu sogro viera com essa exata intenção. Segurando a pesada ferramenta nas mãos, percebeu que Sigerius não os mandara ao exterior por cortesia, fora um gesto premeditado. Mas como conseguiu entrar na casa, antes de mais nada? O alicate caiu no chão com um baque surdo, deixou-o com vertigem, teve de sentar: por quanto tempo seu sogro soubera o que andavam aprontando? Evitou subir ao sótão, poupando-se da visão do quarto revirado, roupas jogadas, consolos, perucas fora do lugar.

A partida de Joni deixou um abismo em seu rastro, cujo fundo esponjoso, coberto de algas, ocasionalmente ele podia tocar. Os últimos resquícios de sua capacidade para dormir em horários normais se foram, seu corpo desligava apenas quando as pilhas vazias começavam a enferrujar. À noite, deitava em um lençol no sofá, durante o dia, lâminas de luz penetravam pelas tábuas cheias de farpas. Só quando ficou completamente sem provisões, após o último farelo de pão e a última folha de papel higiênico, aventurou-se do lado de fora. Todos os lugares onde costumava fazer suas compras haviam explodido ou ficado em ruínas, de modo que empreendia viagens mais longas de bicicleta, voltando em frangalhos desses outros bairros, mais por causa dos nervos do que do esforço físico. Via-os em toda parte, sentados, caminhando, parados — Sigerius ou Joni, ou ambos. Em seus momentos de maior fraqueza, ligou para Joni, mas é claro que ela não atendeu, e ele não sabia que tipo de recado deixar. Seu pesar se transformava num ciúme violento, e vice-versa.

Um dia, encontrou um envelope com as chaves do Alfa sobre o capacho. O site deles estava off-line, descobriu certa noite; ficou surpreso por ela ter conseguido fazer isso sem sua ajuda. Começou a desconfiar que talvez já tivesse ido para os Estados Unidos; à noite — quando era dia por lá — verificava a conta conjunta deles, havia examinado o extrato de sete dígitos tantas vezes que era capaz de recitá-lo como se fosse um número de telefone — até que, de fato, os dólares começaram a evaporar. De certas transações, concluiu que Joni instruíra a operadora a devolver o dinheiro aos clientes. Saques em Sunnyvale Plaza, compras na Borders Books e no Trader Joe's — quantias próximas a suas próprias retiradas de notas de cem, estalando de novas, que ele usava para pagar as entregas de comida italiana e chinesa — confirmaram que estava mesmo na América. Ficou enlouquecido de desconfiança. Será que estava com algum outro por lá? Uma tarde, ligou para a McKinsey Amsterdam e inventou uma desculpa para ser passado a Boudewijn Stol. Quando ele de fato atendeu, Aaron esperou um minuto e então pôs o fone suavemente no gancho.

Ficou em suspenso, como uma água-viva no oceano, pulsando silenciosamente como se não apenas Roombeek, mas o mundo inteiro, tivesse explodido, e sua sala fosse a única entidade girando em torno do sol. Deu livres rédeas à sua insônia, o dia e a noite perderam toda relevância, suas horas de vigília gradualmente sumindo numa vaga cadência de cochilos. Seus sonhos eram intensos. Agora só comia pedindo pelo telefone, e a campainha quase sempre o sacudia violentamente de um submundo turbulento. De vez em quando, ficava tão cansado de si mesmo que tentava ler um pouco, ou parava, de olhar perdido, diante da tevê, ou então punha algum disco de jazz para tocar no volume máximo, acordando com o tique repetitivo da agulha no sulco junto ao selo.

Nas poucas vezes que o telefone tocou, primeiro teve de se recuperar do choque antes de ousar pegar o recado no correio de voz. Sempre que alguém tocava a campainha, o carteiro, pessoas pedindo doações — até seu amigo Thijmen apareceu uma vez —,

ajoelhava ao lado do aquecedor e espiava sob as cortinas para ver de que ameaça se tratava. O medo constante era Sigerius.

Um dia, seu correio de voz ficou inundado de recados de Blaauwbroek. Os joviais gracejos para que apagasse a churrasqueira, limpasse o protetor solar das orelhas, e perguntando se já voltara a vestir uma calça comprida, eram como se seu chefe estivesse falando uma língua estrangeira. Não respondeu. Só após o terceiro recado, "Bever, enfie uma magnésia nesse cu e venha pro jornal agora", obrigou-se a se mexer. Talvez, pensou, o mundo simplesmente começasse a girar. Fez a barba, vestiu as únicas roupas limpas que conseguiu encontrar e montou em sua bicicleta.

Seus olhos não estavam mais acostumados a tanta claridade, ele piscava quando contornou a paliçada e pedalou em direção aos bosques de Drienerlo. O sol brilhante queimava sua retina, os carros passavam roncando. Sua boca estava seca. O campus ainda exercia uma atração magnética sobre ele, mas agora os polos estavam invertidos. Subiu a colina, ou assim lhe pareceu, teve de jogar o cigarro fora porque estava ofegante como um homem se afogando. Quando chegou à Horstlindelaan, o corredor verdejante entre a cidade e a universidade, diminuiu um pouco, mas não conseguia recuperar o fôlego, mesmo praticamente parado era como se levasse um jato de areia. Lutava contra uma barreira sonora. Um ruído ensurdecedor, pássaros, folhas, insetos, formigas marchando. Na copa das árvores, o vento sussurrava insultos. Na superfície de seu corpo, tudo pinicava e se contraía, seus olhos se encheram d'água.

Algumas centenas de metros adiante, Sigerius dobrou a curva arborizada com um collie numa coleira. Nauseado de pavor, ele desviou do caminho, contornou um carvalho, foi para trás de uns arbustos baixos e parou junto a um barranco de areia amarela. Ainda montado na bicicleta, vomitou. Ficou ali, ofegando em seu esconderijo, cuspidando a saliva azeda. O homem e seu cão passaram e sumiram.

Atravessar o campus de bicicleta estava fora de questão. De modo algum subiria a escada de cimento até a redação do jornal, entraria na sala de Blaauwbroek e sentaria em uma cadeira diante

dele. Toda segunda de manhã, exatamente no mesmo horário, Blaauwbroek deixava a redação no Vrijhof Cultuurcentrum e atravessava o pátio até a ala da reitoria, sentando com o reitor para um “momento de imprensa”. Enquanto a tradição continuasse, e sem dúvida ela continuaria, ele não podia encontrar seu chefe; encontrar Blaauwbroek significava encarar Sigerius, e o mesmo valia para cada um ali naquele maldito campus, era uma imensa pirâmide, todos sustentando, de um modo ou de outro, a Grande Pedra no topo — exceto ele. Ele havia desmoronado.

Limpou a boca, se recompôs e empurrou sua bicicleta pelo barranco até a pista. Volte. No exato momento em que ia começar a pedalar, notou duas pessoas vindo de bicicleta da direção de Enschede. Murk van der Doelen e Björn Knaak. Assim que os viu, olhou para outro lado. A paralisia tomou conta de seus membros. Agora não. Knaak e Van der Doelen, costumava papear com os dois em festas e reuniões na sociedade de debate, nos grêmios estudantis e coisas assim — na maioria das vezes, os dois num estado de razoável embriaguez, assim como ele. O contato dentro desses grupos era superficial, ruidoso, regado a risadas, com intimidade mas sem envolvimento. Os caras eram da mesma turma de Joni, ele os vira se dirigindo aos demais estudantes de cima de mesas, balcões e outros palcos improvisados — pronunciamentos insolentes, eloquentes, feitos com uma autoconfiança que o deixava com horror e inveja ao mesmo tempo.

Eram as últimas pessoas no mundo com quem esperava topiar. A assertividade daqueles dois o deixava com um eczema crônico, a pele branca e descascando como um chocolate vencido. Knaak e Van der Doelen moravam com cerca de outros dez sectários de Siem na Huize Stooff, uma mansão nababesca na Oldenzaalsestraat, onde se dedicavam vinte e quatro horas por dia e sete dias por semana a serem a elite estudantil. Ele estivera na fraternidade cerca de cinco vezes, a maioria delas para fotografá-los em toda sua superioridade social por ocasião do baile na mansão, uma festa pretensiosa que davam todo ano “para emprestar algum colorido à cidade”.

Nesse instante, eles o reconheceram. Murk ia um pouco à frente, uma pilha loira de queijo Gouda, curvado na bicicleta como um velhote. Uma expressão de zombaria dominava sua cabeça em forma de feijão, que encimava seu peito gorducho sem qualquer intermediação de um pescoço. Ele continuava ali de pé, segurando a bicicleta, de modo que não havia como evitá-los. Murk parou com uma derrapada.

“Bever”, disse Björn Knaak, vindo em sua direção até chocar o pneu dianteiro de sua bicicleta contra o pneu da bicicleta de Aaron. Björn era um sujeito atarracado, de cabeça raspada, olhos cruéis e virilha notavelmente baixa. Jogava no time de rúgbi. Aaron não fazia ideia do que ele estudava, mas só podia ser alguma coisa concreta e de fácil compreensão. Como Joni, considerava a universidade um manual de instruções para o mundo dos negócios.

“Ei, e aí”, disse, desanimado, oferecendo a mão sem grande convicção. Apertos de mão eram parte do protocolo obrigatório. Ah, bem, ele não os odiava de verdade.

Murk van der Doelen o mediu dos pés à cabeça. “Bever”, falou, “você está morto ou o quê? Parece que morreu de uma fatalidade letal.”

Murk estudava piano clássico, a última coisa que se esperaria dele. Certa vez, Aaron o escutara dando um recital, antes de um baile de gala dos estudantes: o retrato do refinamento, Beethoven, Liszt, Prokófiev, seus dedos gordos dançando sobre as teclas, uma elegância que só vendo, e no final a ovação excessivamente prolongada e mordidas educadas em torradas microscópicas. Mas no fundo Murk era um grosseirão. Todo ano fazia uma lavagem gástrica no Medisch Spectrum, após o concurso de bebedores de cerveja que ocorria entre os painéis de madeira do clube de jovens velhacos lá deles, competição que envolvia a ingestão de vinte e quatro garrafas de cerveja, que ele, tanto pela técnica como pelo caráter, terminava com mais rapidez do que qualquer outro. Durante a “corrida” de outono dos aspirantes a membros, Murk defendia a longa escada que levava ao bar como um Hulk pálido, xingando e gritando, seu torso gordo e desnudo pingando óleo de cozinha, seus braços

agarrando os quadris e pescoços magrelos dos assustados rapazes de dezoito anos que haviam imaginado algo completamente diferente.

“Estou voltando do trampo, vou pra casa”, disse Aaron. “Não estou muito legal.”

“Faz meia-volta aí, Bever”, disse Björn. “Tem uma festa. Vai levantar seu astral. A gente pode comemorar que você está solteiro.”

“Quem falou que eu estou solteiro?”

“Eu”, disse Björn. Ele passou a mão sobre a cara musculosa de fuinha.

“Todo mundo”, disse Murk.

“Sua mina me contou”, disse Björn. “Sua ex-mina.”

Odeio esses dois, pensou. Talvez esse tipo de babaca fosse o motivo para ter saído de Utrecht, algo que Joni mal teria podido imaginar, se tivesse admitido para ela. Como as pessoas sempre viam Björn e Murk juntos, Joni lhes deu o apelido engraçadinho de “Björk”. “Eu estava no De Kater ontem e quem aparece: Björk.” A absoluta facilidade com que ela metia aqueles dois macacos fanfarrões no bolso.

Na verdade, Joni não sabia quase nada sobre o fiasco de Utrecht, que não saía de sua cabeça nas últimas semanas. As referências que fizera a esse período eram sempre vagas. Ao final do colegial, munido de um livro de culinária para estudantes e com um chamego de sua mãe, lá foi ele estudar holandês em Utrecht. Uma catástrofe. Foi reprovado em dois terços das provas e, como fugira antes do fim dos trotes em uma fraternidade, perdera a semana de integração, de modo que não tinha ninguém para orientá-lo durante o semestre de inverno. Ficou se remoendo de desgosto no quarto alugado de sua tia-avó em Overvecht, um subúrbio de apartamentos com isolamento de asbesto e uma estação de trem própria, com “aleias” em lugar de “ruas” e sua própria estação de trem com um par de trilhos para você deitar em cima. A praça Neude, a animada Biltstraat e a sala de concertos Vredenburg, em Utrecht, estavam fora de alcance, do 6º andar ele fitava um oceano verde-escuro de mato, o balcão de granito de sua tia-avó ficava nos confins dos

confins. Sua insônia desabrochou, com frequência acordava às quatro, quatro e meia da manhã, destrancava a porta e ficava sentado, congelando, numa cadeira de plástico, por horas a fio, até chegar o momento de ir para as aulas. Então agonizava para chegar à cidade na pequena bicicleta de mulher de sua tia-avó, realizando deprimentes zigue-zagues sob a ventania do norte de Utrecht, que agora o lembrava de seus passeios de bicicleta pela Enschede pós-explosão. Notava, ao olhar as fronhas (também emprestadas de sua tia-avó), que seu cabelo começava a cair, assim como as cerdas da escova de dentes dela, que usava escondido, porque sempre se esquecia de comprar uma própria.

“Conversei com ela faz pouco tempo”, disse a voz ceceada de Björn.

“Quem?”, ele perguntou.

“Quem você acha? Sua mina, claro. Ela estava no Gat, um bota-fora do clube de debate dela.” O “Buraco”: uma úmida caverna subterrânea literalmente escavada no Oude Markt. Qualquer notícia sobre Joni no Gat era sempre má notícia. “Uma dose de Bacardi”, continuou Björn, com voz maliciosa, “e já vem encostando os peitos em você. E conta tudo que você quer saber. E também o que você não quer saber. E sempre esfregando aqueles air bags em você. Pena que está indo pros Estados Unidos.”

Seus olhos grandes estavam semicerrados, os brancos amarelados. De um modo ou de outro, aquele escroto nunca deixava de mencionar os seios de Joni. Knaak era incapaz de ficar sem falar sobre isso. É, ele odiava Björn, ainda mais do que odiava Murk.

“Aposto que você está solteira agora”, eu disse pra ela. “Como você sabe?”, ela falou. Saca como as minas falam às quatro da manhã no Gat?” Björn fez um falsete. “Como você *sabe?* ‘Bom, eu consigo perceber por dois motivos’, eu falo. ‘Dois sinais bem duros.’”

Murk riu baixinho. Björn, que só ria por considerações estratégicas ou como forma de menosprezo, ficou sério. Aaron, para sua surpresa, não sentiu ciúme, tampouco ficou com o gosto de ácido de bateria que costumava ficar na boca, nem sentiu a raiva explosiva, infantil, de pensar em um par de mamilos cutucando o

corpo masculino errado — sentiu apenas ódio. O que mais gostaria de ter feito era contar àqueles dois que estava milionário, e quais eram os peitos que haviam conseguido exatamente isso. Para se controlar, para não abrir a boca, segurou a ponta larga da gravata de Björn entre os dedos. A gravata azul e laranja estava com um nó de Windsor, que segundo Ian Fleming era a marca de um canalha.

“Não põe a mão na gravata, veado”, disse Van der Doelen, fazendo um gesto como se fosse lhe dar um soco. Aaron decidiu não insistir e deixou para lá. Essas gravatas eram um símbolo, para o mundo exterior, de que Knaak e Van der Doelen trabalhavam no Grêmio Estudantil, o glorioso coroamento de seu período na Tubantia. Murk, principalmente, tinha a tendência a ver seus anos de estudante como se fosse um ministro honorário, um homem de vinte e três anos relembrando o passado em meio a um bom charuto. Claro que fora Sigerius, como sempre, que pusera a coroa em sua cabeça. Três anos antes houve uma necessidade súbita e urgente de uma organização que “guiasse toda a atividade estudantil”. Um grêmio, nos moldes anglo-americanos. Ele vira como Sigerius acrescentara essa nova camada administrativa à vida dos alunos em Enschede, do modo como se lacra uma lata de ervilhas em conserva. Sua agenda oculta era estancar o êxodo do campus. Os alunos que inicialmente eram atraídos para o campus pequeno, amistoso, superorganizado de Drienerlo, graças em geral aos pais entusiasmados, estavam agora alugando quartos no centro de Enschede, vivendo em repúblicas genuínas perto dos bares e fraternidades no Oude Markt. O ano era 2000: não dava mais para continuar prendendo universitários holandeses no meio do mato. Mas agora esse mato estava coberto por propriedades valendo centenas de milhões: apartamentos de estudantes, prédios de faculdade, uma lanchonete e um restaurante, um supermercado, uma enfermaria, um dentista, um barbeiro, piscina, biblioteca, pubs, teatros, danceterias subterrâneas, campos de atletismo, obras de arte — Tubantia era o campus. O Grêmio Estudantil estava destinado a ser o motor por trás disso tudo. Sigerius alocou uma pilha de dinheiro para isso e recrutou os Björk para gerenciar a loja.

“Vamos lá, bunda-mole”, disse Murk. “Seu sogro também vai estar lá.”

Aaron sacudiu a cabeça.

Björn riu de alguma coisa, mas o som foi sufocado pelo farfalhar de incontáveis folhas em volta deles. “Que isso”, disse ele. “Sigerius é chegado seu, não é? Ou você está sem coragem?”

Aaron subitamente ficou vermelho como pimenta, o ar em torno pareceu vir de uma fornalha, tudo poderia pegar fogo a qualquer momento. Estava *envergonhado*, dominado por uma vergonha avassaladora. Mas por quê? Pelo rosto de Knaak e Van der Doelen, podia perceber que sua própria expressão era esquisita. Seu constrangimento não tinha a ver com a história dos peitos de Joni no Gat, nem com o fato de que os distribuía prodigamente pelo mundo todo, aqueles peitos ficariam flutuando como destroços de um naufrágio na web durante muitos anos — não, ele sentia vergonha porque os dois tinham razão: estava sem coragem.

“Qual é o lance com esse grêmio?”, perguntou sem pensar. “Parece muito puxa-saquismo. Em Utrecht, a ideia não teria pegado, numa cidade universitária de verdade o pessoal das fraternidades não ia aceitar receber ordens de um grêmio estudantil. Eu achava que o papel das associações de alunos fosse discordar da universidade.”

Como sempre, estava apenas papagueando Etienne Vaessen. Diante de seu amigo, que fora algo como um figurão na cena das fraternidades em Utrecht, ele defendia o campus com unhas e dentes, mas assim que se via na frente de caras como esses, virava um mini-Etienne e fazia seu teatro de veterano de Utrecht. Às vezes, não podia resistir a mentir descaradamente e dizer que fora aluno de fraternidade, e se o pressionassem continuaria seu blefe, enveredando pelo repertório tomado de empréstimo de Etienne. “Uma fraternidade que se preze tira a maior onda da administração da universidade”, disse.

“O que você quer dizer com isso?”, perguntou Björn. Ao contrário de Murk, que não conseguia pensar em nada para dizer, e cujo corpo mais parecia uma salsicha Hema pendurada no guidão,

Björn ficou completamente alerta, as pernas separadas como um soldado, o quadro de sua bicicleta coberta de adesivos próximo à sua virilha baixa. Usava sapatos de couro confortáveis, cuidadosamente engraxados, saídos direto da cartilha do universitário. Seus esquisitos olhos de serpente brilharam com beligerância.

“Caras de fraternidade pra valer estão cagando para o modo como a universidade é administrada”, disse Aaron, tenso. “Eles fazem o que dá na telha.”

Antes de responder, Björn passou os lábios protuberantes sobre os dentes grandes, subindo e descendo. “Ouvii isso, Van der Doelen? O Bever aqui está por dentro das coisas. Agora que virou só uma bosta de cachorro pro Sigerius, ele quer falar pra gente como funcionam as coisas.” Abanou a cara contrariada de fuinha. “O fotógrafo do jornal universitário acha que a gente devia fazer o que desse na telha.” Olhou direto para Aaron, com sarcasmo. “Durante anos ele não largou das bolas de Sigerius e agora a gente é que é puxa-saco. Você ouviu essa?”

“Ouvi”, disse Murk, sério. “O maior garganta ali no bar, Siem isso, Siem aquilo.”

Sua náusea voltou. Podia ser cinco anos mais velho do que aqueles dois, mas o mundo começou a girar como se estivesse num carrossel, as copas farfalhantes se transformaram numa bruma verde que sussurrava como um ponto de teatro. *Vamos lá, conta pra eles.*

“Sigerius vai embora”, disse. Sua voz saiu rouca, limpou a garganta. “Ele se encheu da universidade. Vai ser o novo ministro da Educação. Fiquei sabendo disso faz uns meses.”

“Conversa, Bever”, disse Björn. “Onde você estava no churrasco de Sigerius, por falar nisso? Seu amigão do peito nem convida você mais.”

“Ele vai ser nomeado para o ministério. Mas é segredo, só pra vocês saberem.”

Björn fungou e cuspiu nos arbustos. “Agora que a mina dele tá lá nos States trepando com o Jim—”, disse para Murk.

“Jeff”, disse Murk.

“Agora que a mina dele tá lá nos States trepando com Jim e com Jeff”, concedeu Björn, “e o papai não aguenta mais ver a fuça do puxa-saco aqui, o puxa-saco vai começar a espalhar segredos.”

Aaron quis responder, mas sua barriga foi mais rápida. Seu estômago se fechou como um punho, de modo que a bile restante subiu por seu esôfago. A gosma amarelada saiu por sua boca e pingou no guidão. Björn puxou a bicicleta para trás.

“Dá um tempo com o álcool, Bever”, disse Murk. “Eu devia ter dito isso logo.” Riu com desconforto. “Vai pra casa descansar, parceiro.”

Björn, nesse meio-tempo, estava de volta à sua bicicleta, e antes de se afastar deu um pontapé no bagageiro de Aaron.

O brilhante sol de junho recortava o linóleo do piso na antiga sala de aula. Ambos estávamos olhando para o crucifixo de madeira, lustroso e cheio de veios, na parede branca, tão colossal e tridimensional que quase não dava para tirar os olhos dele. Jesus como um atleta esculpido à mão, no romântico estilo tirolês de pastor com rebanho que eu lembrava de férias esquiando em Val Gardena. Cada gota de resina escorrendo como sangue.

“Você pendurou ali?”, perguntei, para quebrar o silêncio. Wilbert parecia mais confortável com silêncios do que eu. Estávamos sentados de frente, eu numa incômoda cadeira de madeira, ele esparramado numa poltrona de brechó detonada, forrada com um patchwork de couro marrom-claro.

“Os romanos”, ele respondeu.

Nem percebi que era uma piada, de tão nervosa eu estava. Quase não consigo me lembrar sobre o que falamos durante a primeira meia hora, ou, melhor dizendo: o que eu falei, agitada, acelerada, desconexa, como um camundongo de dar corda. Wilbert, estalando os nós dos dedos, perguntando coisas ocasionalmente. O tempo todo eu me via por meio de seus olhos. Deplorei minha minissaia sedutora, odiei meu relato monótono sobre o estágio na Califórnia, praguejei por dentro contra a *Quote* que eu tinha comprado na banca da estação de trem e que escorregara de minha bolsa Bruna quando a pus no chão.

Eu me concentrava naquele crucifixo, talvez por constrangimento, mas também para não precisar olhar para aquela outra máscara de sofrimento: o rosto de Wilbert. O que tinha acontecido? Era como se pertencesse a duas pessoas diferentes; a

metade direita, a parte ilesa, exibia um homem austero, de barba por fazer, que começava a parecer seu pai: a mesma face carnuda de Siem, o mesmo nariz pequeno cuja narina direita se mexia quando falava. O olho continuava preto como carvão, só que menos brilhante e menor do que costumava ser, acentuado por bolsas cinzentas embaixo. Tive dificuldade em dizer se a metade saudável irradiava amargura ou talvez até crueldade: o horrível lado esquerdo exigia toda a atenção. Era contorcido, quase derretido. A bochecha esquerda e o canto da boca eram caídos e franzidos como se não houvesse crânio embaixo, a pele pálida pendendo como uma bolsa de borracha. A pálpebra inferior cedia sob o próprio peso, mostrando o interior branco-avermelhado. Quando piscava, só o lado bom fechava, o lado esquerdo permanecia aberto, com o globo ocular girando, branco. De tantos em tantos minutos um glóbulo de baba ameaçava escapar pelo canto de sua boca torta e ele a sorvia de volta. Era o ruído que eu escutara ao telefone.

“Precisa ser religioso pra morar aqui?”

“De preferência, não.”

“De preferência, não. Certo.”

Como sempre, ele ficava me medindo, até onde é possível fazer isso só com um olho lacrimejante. “Às vezes eu fico pensando”, disse ele, “o que exatamente eles querem. Por que acolhem uns retardados que nem a gente. Ninguém fica rico assim, sabe. Eles continuam a pôr dinheiro nisso aqui.” Parecia refletir sobre alguma coisa, fiquei aliviada por ser ele que estivesse falando agora. “Acho que o negócio deles é salvar almas. Pra eles, cada conversão conta. E enquanto estiverem nisso, pode muito bem continuar a existir pecadores de verdade. Você precisa ser podre até a medula aqui — caso contrário, nada feito.”

Embora me ocorresse que seu holandês havia se deteriorado — de um jeito que só índios de araque como Witte Veder e Klukluk haviam conseguido antes —, seu raciocínio parecia bastante lúcido. Além disso, mostrava autoconhecimento suficiente para se chamar de retardado, não uma má escolha de palavra, e, por mais indireto que fosse, de podre.

“Você quer ficar aqui?”

“Claro. Enquanto conseguir aguentar. Não se pode fazer nada por aqui. Nada de cigarro, nada de bebida. Nada de drogas.”

“Claro, estão ajudando você a se reintegrar, isso é bom.”
Gênesis: sua ponte para a sociedade — eu dera uma olhada na internet antes de pegar o trem para Amsterdam —, católicos, localizados em dez cidades. Pedidos da prisão eram aceitos; ex-condenados só eram admitidos se estivessem “motivados” para dar “novo significado” a suas vidas. Não me parecia nada mau.

“A questão não é essa”, irritou-se Wilbert. “Posso preencher meus próprios formulários, porra. Posso morar onde eu quiser. Não preciso deles, viu, só estou usando a... como dizem... misericórdia deles.”

Bocejou, esticou os braços acima da cabeça e projetou o peito compacto para a frente, o algodão muito lavado de sua camisa estava amarelado nas axilas. Usava calça camuflada do exército e tênis genérico. Seu corpo era inchado de músculos, uma barriga dura e redonda, herança de seu pai, despontava entre suas coxas grossas. Na empoeirada mesinha de ratã entre nós havia um exemplar da *Nieuwe Revu*, cascas secas de tangerina e um objeto esquisito: dois paus curtos — metal, na verdade —, ligados entre si por uma corrente de cinco centímetros. “O que é isso?”, perguntei, apontando com o queixo.

Passei a viagem toda de Enschede a Amsterdam me perguntando o que ia dizer a Wilbert. O que você fala para a pessoa contra quem cometeu perjúrio no tribunal? Dez anos tinham se passado, eu tivera dez anos para pensar, e o melhor que me ocorria era isso?

“Bastões de caratê. A questão é: aqui eles são diferentes. Esses religiosos não têm egoísmo. Pegue o Jacob, por exemplo, ele é completamente sem egoísmo.”

“Jacob?”

“Meu mentor. O cara acorda às seis da manhã, todo dia.” Olhou para mim. O que esperava que eu fizesse, assobiasse de admiração?

“Daí ele pega a bicicleta, vai daqui até Watergraafsmeer e senta na cozinha esperando as entregas da padaria e do armazém. Toda manhã, acredita? Ele serve o pão, o leite, as maçãs e bananas, bebe um pouco de café. Só depois vai tomar o café da manhã dele. Meio pão de *peperkoek* com manteiga.”

Balancei a cabeça.

“Passa o resto do dia arrumando merda. Merda dos outros. Hoje de manhã, apareceram dois iugoslavos, vieram ter uma conversinha com um cara aqui. Ele deve ter percebido alguma coisa, porque saiu pela janela e escalou a calha até o telhado. Ficou ali deitado em cima das telhas.”

Curiosamente, foi Wilbert que imaginei deitado ali em cima, se equilibrando no telhado íngreme, arredondado, da mansão magnífica onde estávamos, um prédio que até os anos 80 abrigara uma Escola Livre. Salas de pé-direito alto, com belo acabamento em molduras de madeira, lemas antroposóficos gravados nos azulejos das paredes, outrora destinados aos filhos da classe intelectualizada. E agora para tipos com que ninguém gostaria de cruzar ao andar pela Overtoom.

“E daí o Jacob precisa se livrar dos caras. E depois vai pegar uma escada e tirar o cara do telhado. E é assim que continua, entende, seis dias por semana, durante vinte anos. Se você perguntar pra ele por que ele faz isso, ele diz: porque Jesus me ama, e ama você também. Um cara sem egoísmo. Nem ganha dinheiro pra isso, sabe.”

Essa última parte era dura de acreditar, de que Jacob não recebia salário, na verdade a história toda parecia bem melosa para mim, mas, pensei, vai ver mexeu com ele de verdade. Olhei para o crucifixo. Será que sua crença continuava firme? Certa vez, fomos todos juntos para Drenthe, ele e nós quatro, umas férias curtas no começo do ano em que fora morar conosco, havíamos alugado um bangalô no Staatsbosbeheer, acho que para nos acostumarmos uns aos outros. Então lá estava a gente naquela cabana de guarda-florestal, sentados em volta de uma mesa tão bamba que minha mãe a virou de cabeça para baixo e começou a serrar uma perna

com a faca de pão — para espanto de Wilbert, que nunca tinha visto a mãe dele usar a faca de pão em nada mais estranho do que uma caixa de vinho longa vida comprada no Aldi. E como não parou de chover um minuto, a gente jogou Risk, Banco Imobiliário e Trivial Pursuit, o que deixou Wilbert louco da vida porque até Janis era melhor do que ele. Seu lado religioso, ou alguma coisa perto disso, veio à tona nessas horas em que a gente estava jogando: havia uma pergunta sobre hinduísmo ou budismo, e Wilbert afirmou com ar muito sério que sem dúvida existia alguma coisa entre o céu e a terra, que ele acreditava em Deus, que a alma de sua mãe fora para algum lugar. Nesse ponto, Siem fez uma tentativa de instruí-lo delicadamente — mas, na verdade, pulou em sua garganta; nosso ateu de plantão estava determinado a convencer Wilbert da impossibilidade da vida após a morte, bombardeando-o com estudos feitos por cientistas que “conhecia pessoalmente”. Wilbert ligou o alerta vermelho. “O doutor sabe-tudo”, disse com frieza, e mais nada. Acho que me lembro de uma caminhada pela floresta no dia seguinte, à tarde, pode ter sido depois, até um dólmen. Junto da enorme pilha de rochas Wilbert encontrou uma pedra com uma cavidade cheia de água da chuva, e havia girinos nadando na poça. Perguntou se eu estava vendo o “cabeça-gorda inchada”, que era Siem, disse, e a piscina onde ele estava nadando era o universo sobre o qual supostamente sabia tudo. E dois outros girinos, esses eram eu e ele, para quem Siem berrava que nada existia, a não ser nossa pequena poça.

“Então você ainda acredita?”, perguntei.

“Você parece Jacob, falando assim”, disse ele. “Quer saber de onde vem essa cara murcha, não é? Paralisia facial, é como os médicos chamam. Rompi um nervo do rosto. Permanente.”

“Briga?”, perguntei, tentando entender por que tocara no assunto.

Wilbert riu — o tipo de risada que não livra sua cara do constrangimento. “Sua turma lá naquela casa de fazenda parece achar que eu saio por aí de porta em porta com um porrete na mão. Nada disso, uma infecção de ouvido normal. É o que você ganha

bancando o médico com uma colherinha de café de plástico na cadeia.” Curvou-se para a frente, aproximou o dedo do meu rosto — por um momento, achei que fosse tocar em mim. “Tem um fiozinho que passa aqui, saca, uma espécie de nervo que vai do seu ouvido até sua bochecha, e esse fio garante que nada vai acontecer com esse seu rostinho de boneca. No meu formou um abscesso e já era, rompeu. Está vendo aquela gaze?”

Apontou para um beliche solitário atrás de mim, um móvel da Ikea, de pinho rústico, montado na parte inferior da parede muito alta; o quarto era imenso, a sala de aula original devia ter tido duas portas, de modo a poder receber uma divisória de gesso. Meus olhos foram atraídos para a mesinha de criança debaixo da cama; em cima de uma pilha de formulários de imposto e envelopes rasgados havia um chumaço de gaze e um rolo de esparadrapo.

“Toda noite eu preciso passar pomada no olho, depois fazer um curativo e deixar protegido. Senão seca. Mas ele começa a lacrimejar sozinho quando eu estou comendo. Jacob queria que eu procurasse emprego, ‘Você precisa voltar a viver’, e por aí vai. Esse é um dos problemas com o pessoal daqui — eles são sonhadores. Quem vai contratar alguém com uma cara dessas? Ninguém, pode apostar. Até o Jesus lá deles ia preferir outra pessoa. Se aquele cara” — apontou o polegar para trás, na direção do crucifixo — “tivesse um rosto desse, ia ser outro que estava pendurado ali.”

“E uma operação?”, eu sugeri. “Uma cirurgia plástica, quer dizer.”

“Você está pagando?”

“Só estou tentando ajudar.”

“Não tente.”

Mais saliva pingou do canto de sua boca, mas em vez de chupar de volta, ele recolheu com a munheca o fio escorrendo e lançou o cuspe sobre o linóleo. “Pronto”, disse. “Taí o seu Deus.”

Lá estava — o *aplomb* grosseiro que transformara a filhinha querida do papai numa adolescente intratável, que considerava qualquer coisa que não pusesse sua vida imediatamente em risco muito divertida e pelo menos digna de ser experimentada. Mas

agora eu sentia na pele o que meu pai havia aturado por anos: irritação com o comportamento de Wilbert, com seu modo de pensar, seu modo de não pensar. Eu tinha visto na tevê um bispo holandês contar como fora acometido por uma misteriosa doença muscular. Então o santo homem ficou por um tempo sem andar, uns maus bocados na cadeira de rodas que deixaram sua fé seriamente abalada. É assim que eles são, esses papistas. A vida toda rezando para afastar terremotos e genocídios, mas é só ficarem doentes, fracos e enjoados que já começam a duvidar.

Wilbert se levantou e andou com as pernas enrijecidas para trás de onde eu estava. “Quer alguma coisa?”, disse. “Qualquer coisa para beber?”

“Não, obrigada”, eu disse, simultaneamente ao som de uma pancada surda. Quando olhei por cima do ombro, vi que se preparava para um segundo soco em um saco de boxe que balançava, rangendo, para a frente e para trás numa longa corda presa a uma argola no teto. Mas aquela cara contorcida babando cuspe não era antes uma *prova* da existência divina do que o contrário? Uma mostra casual, incidental, de uma justiça superior? Deus determinara que vivesse sua vida como o clichê de um assassino. Senti minha irritação se transformar em raiva. Wilbert fez alguns movimentos de boxeador, seu corpo parecia ter ficado menor e mais carnudo, mais forte, também. Segurou o cadáver de couro para que parasse de balançar, abriu um zíper no saco e enfiou a mão ali como se fosse um veterinário diante de uma vaca. Vi seus dedos vasculhando sob a pele azul-escura e o canto saudável de sua boca entortar para cima quando puxou um pequeno pacote embrulhado em papel higiênico. Disse: “Fiquei na fissura”, e foi até um armário baixo, agachou-se e tirou uma nécessaire surrada. Tendo se acomodado outra vez em sua poltrona, pegou de dentro da bolsinha um espelho de barbear e uma gilete; o rolo de papel higiênico revelou um pacote plástico com pó branco, e observei enquanto ele derrubava um pouco no espelho, batia com movimentos curtos, regulares, e preparava uma carreira. Tirando uma nota de dez florins do bolso de trás, enrolou-a e se curvou sobre a mesa, o tubo em sua

narina. Enquanto cheirava o pó com duas poderosas inaladas, olhei para seu cabelo preto, puxado para trás num rabo de cavalo besuntado. Afundou de volta na poltrona. “Cozinhar pra você mesmo”, disse, saciado. “Eles ensinam isso aqui também.”

Uma onda de indignação abriu passagem contra minha vontade. “Por que você usa essa merda?”, escutei o rosnado de minha própria voz. “Fala, Wilbert, por que você sempre escolhe o caminho mais fácil? Por que está aqui cheirando farinha escondido? Mas que droga, por que você faz as coisas que faz — *Wilbert.*”

O rosto dele endureceu, sua sobrelha direita subiu, numa expressão exasperada de surpresa. Vi sua agressividade crescendo. Ele fechou o olho direito e virou a cabeça rigidamente, como se estivesse com torcicolo. Levou alguns segundos para relaxar o pescoço de pássaro enjaulado. Então abriu o olho e me encarou em silêncio.

“Você me diga uma coisa”, falou. “O que foi fazer naquele tribunal? *Sua vagabunda do caralho.*”

O tiro de largada. Isso mesmo. Aquilo contra o qual meu pai me advertira *ad nauseam* estava prestes a começar. O que ele temera durante dez anos — e eu, estranhamente, apenas agora. Corei, minha boca ficou seca. Foi para isso que atravessei a droga do país usando saltos de quebrar o tornozelo? Que trouxa eu era. Por que não cancelei? Por que liguei para ele, para começo de conversa? Perguntas e mais perguntas. Mas a dele — essa sim era uma boa pergunta. *O que eu estava fazendo naquele tribunal?*

“Dizendo a verdade” — assim afirmou meu pai. “Apenas diga a verdade para o juiz.” Estávamos sentados frente a frente no bistrô deserto do Bastille. Era só o que esperava de mim. Então qual era a verdade? Segundo meu pai, a verdade era o que Vivianne contara a Maurice, e Maurice subsequentemente lhe contara. E isso era o que ele ia me contar em seguida, de modo que depois eu pudesse, meses mais tarde, relatar para um advogado, que então faria

constar, como é que se diz, nos autos do processo? Tudo isso sem ouvir o lado dele. Só diga a verdade, filhinha.

Foi na tarde da segunda-feira seguinte ao não tão lacônico telefonema do lacônico namorado de Vivianne, meu pai e eu no campus, sentados à mesa com um jogo americano de papel vermelho sobre uma toalha branca grossa e antiquada, parecendo mais um restaurante chinês do que um bistrô francês. Ele telefonara para minha escola com o desejado efeito de professor Sigerius: o vice-diretor foi esperar por mim, sorridente, diante do laboratório de química. Meu pai já estava sentado perto da janela, o garçom a quinze passos, quando cheguei ao restaurante, suada de pedalar até lá e depois subir os irregulares degraus de pedra. Ele passou a mão pela barba preta e cheia que usava na época e só me viu quando eu estava prestes a sentar.

“Sente”, disse ele, formal e constrangido, como se eu não fosse sua filha, mas um de seus alunos de doutorado. Havia uma xícara de café vazia sobre a mesa, junto a um pires decorado com o logo da Tubantia. Parecia cansado, e à luz do sol muito forte seu terno parecia amarrotado.

“O que vai querer, amor?”

“Eu trouxe dois sanduíches, pai.”

“Joga isso fora. Vou comer um sanduíche de filé. É uma delícia aqui. Como foi a prova de economia?”

“Tudo bem.”

Ele fechou o cardápio encadernado em couro, acenou para o garçom e pediu dois sanduíches de filé. Disse qualquer coisa sobre nosso vice-diretor, um sujeito ansioso. E então, mais para si mesmo do que para mim: “Certo. Vamos lá”.

Sem maiores introduções, começou a relatar o que Maurice lhe contara no domingo. Tentou, pelo menos: primeiro, enrolou-se todo em um preâmbulo tortuoso e por um momento pareceu que ia simplesmente desistir, mas então pigarreou e foi direto ao assunto. Vermelho como um pimentão, contou-me sobre o lenço, ainda cheio de eufemismos, desajeitado, e quando passou à echarpe, à cortina do chuveiro e ao que Wilbert aprontara atrás dela, as palavras

simplesmente ficaram presas em sua garganta: sua boca era um buraco quadrado e as coisas que queria dizer eram pinos redondos. Por que falar sobre sexo com os pais é tão constrangedor? Ficamos ali sentados, os dois sem graça, só que eu mais por causa dele, até que ele pegou um martelo e demoliu o muro de sofrimento que lhe custara uma boa noite de sono.

Acho que eu disse algo como "*putz!*", num tom ligeiramente surpreso. Um inocente palavrão de criança, resultante de pelo menos duas emoções que se debatiam dentro de mim durante o desajeitado nervosismo de meu pai. A pior das duas era minha vontade de explodir numa gargalhada diante do que parecia ser o empenho constante de Wilbert em aumentar exponencialmente seu repertório de sacanagens, que eu começava, lá no fundo, a considerar cada vez mais fascinante e excitante — certamente nessa área turva que envolvia o que meninas e meninos podiam aprontar juntos. Ao mesmo tempo, isso era exatamente o que me *impedia* de rir — eu olhava bem onde estava pisando. A segunda emoção era apreensão. Meu pai era claramente alérgico a Wilbert de modo geral, mas de todas as suas irritações, acho que a mais enraizada e na época menos visível era, como dizer, a licenciosidade de Wilbert. Algo mais do que a simples ausência de inibição. Sua agressividade, sua preguiça, seu atrevimento (sua estupidez, segundo meu pai): essas eram coisas contra as quais dava para brigar, eu os vira se pegando por isso como cão e gato. Mas as carícias, o linguajar chulo, aquela incessante vaga hormonal — desde sua chegada, a casa se transformara num acelerador de partículas. Wilbert e as garotas eram algo que deixava Siem irritado, com os nervos em frangalhos. Antes que o filho pródigo tivesse regressado ao seio do lar paterno, palavrões eram como cerca elétrica, em um raio de duzentos metros nossas pequenas gargantas ficavam estranguladas, Janis e eu permanecíamos emudecidas numa afasia para imprecações. Mas desde o primeiro minuto em que pisou dentro de casa, tudo para Wilbert era "casa do caralho", ou "foda-se", ou "porra", ou "puta" ou simplesmente "merda", nada o detinha. Depois de apenas três semanas ele aparece com uma garota em casa no

sábado à noite; na manhã seguinte, uma bicicleta feminina vermelha e azul, que ninguém nunca tinha visto, está apoiada no castanheiro perto do terraço. O domingo inteiro meus pais ficam ali sentados como uma dupla de calvinistas de Staphorst à espera do que virá pela escada, até que Wilbert e a tal garota entram na sala, seminus, às cinco da tarde: “A gente vai fritar uns ovos”.

Mas em vez de simplesmente deixar que comam seus ovos, meu pai, disfarçando a exasperação, diz entre dentes que a cozinha encerrou — podem tomar uma ducha e cair fora, os dois. E essa foi a última vez que o vimos trazer uma garota para casa, dali em diante Wilbert tinha seus encontros em algum outro lugar, mas o que definitivamente começamos a ver cada vez mais foram revistas de mulher pelada jogadas pela casa, e caixas de camisinhas. Um dia, meu pai entra cuspidando fogo no quarto de Wilbert com uma conta gigante de telefone — as ligações discriminadas, evidentemente. Disque-sexo. Esse tipo de comoção numa casa que, antes de Wilbert, você podia virar do avesso sem encontrar um único manual de educação sexual, mesmo que sem ilustrações e com notas de rodapé, que dizer então de algo remotamente picante. Nem sequer uma *Panorama*. Não eram dos anos 60 vocês dois? Meu Deus, quanto puritanismo! A total ausência de sexo naquela casa. Certo, havia um romance de Jan Wolkers na estante. Mas o romance errado.

“*Putz?*”, repetiu meu pai, com a boca cheia de filé e pão italiano. “Aquele idiota, aquele traste, aquele filho da puta molestou sua professora de francês. No nosso banheiro, na minha casa.” Ele agora ficava furioso, indignado, dava para ver em seu rosto, mas aquela Vivianne e seu Maurice, os dois ficaram fora de si, principalmente Maurice. Ele mencionou um trauma para o resto da vida e um processo judicial. E meu pai não os culpava — pelo contrário, concordava totalmente com eles. “E se não entrarem na justiça, entro eu.”

“Espera aí um segundo, pai — você quer processar seu próprio filho?”

“Paciência tem limite, Joni. Aquele vagabundo está acabando com a gente. Todos nós. Sua mãe, eu, Janis, você. Sua irmã não consegue dormir. Janis está morrendo de medo. E você...”

“Eu? O que tem eu?”

Mas primeiro ele terminou de mastigar. Triturar o pedaço de sanduíche, engolir, acumular saliva suficiente para ser capaz de continuar a falar pareceu exigir mais esforço do que engordar e matar o boi em si. O suor brotava de sua testa. “É com você que estou mais preocupado”, disse.

“Pai, como assim? Por que está mais preocupado comigo? O que ele tem a ver comigo?”

Ele não respondeu, mas olhou para sua mão direita, a que segurava o copo d’água. Estaria pensando? A visão daquele homem cansado, barbudo, reflexivo me deixou inquieta, dava para perceber que queimava os neurônios com alguma coisa em que era menos talentoso do que a matemática.

“Querida”, disse, “você sabe que não precisa se envergonhar de nada comigo. Nunca.” Algo atípico dele: pôs a mão sobre a minha.

“Como eu diria isso. A mamãe e eu estamos percebendo que Wilbert... ãhn... gosta muito de você. Entende o que quero dizer? Estamos percebendo que... é mais do que só gostar. E que ele provavelmente... como posso dizer do modo apropriado... a mamãe e eu estamos percebendo que ele... que vocês dois...”

“Pai! Do que você está falando? O que está tentando dizer?” Puxei minha mão de volta e empurrei a cadeira para trás. “Não seja ridículo, pai. Está dizendo que... Não, claro que não! Como você tem coragem?” Embora eu soubesse que minha reação era exagerada, me levantei e bati com as mãos na mesa.

“Joni!”, ele sussurrou. “Senta. Espera. Senta. Calma. Escuta. Muitas vezes, quando a pessoa é vítima desse tipo de coisa, fica com vergonha, pode ficar tão envergonhada que—”

“Pai! Cala a boca. Não quero ouvir mais.”

“Me escuta. E não levanta a voz, por favor. Eu odeio ter que pôr você na parede desse jeito, mas a sua mãe—”

Ficou engasgado. Para recuperar a compostura, usou o último pedaço de pão com carne para juntar um pouco de molho e espetou com o garfo, mas quando levou à boca, ele caiu em seu colo. Sem praguejar, sem nenhuma risadinha despreocupada, pegou o pedaço caído e o pôs na beira do prato. “Sua mãe e eu sabemos que vocês dois... ficam bastante juntos. A gente sabe que ele sai com você, e isso não tem... isso não tinha problema. Nem sei dizer como... aprecio a atenção que você deu para ele. Você é minha filha. Fez todo o possível para deixar Wilbert se sentindo... se sentindo em casa.”

Para meu choque, vi seus olhos se encherem de lágrimas. Líquido se acumulando num lugar que deveria estar seco. Não! Não comece a chorar.

“Querida, escute.” Pareceu recuperar a compostura. “Claro que ele gosta de você, entendo isso perfeitamente, todos os meninos gostam de você, então ele... então Wilbert com certeza gosta. É de se esperar. Mas isso é inaceitável. É perigoso; ele é perigoso. Aquele rapaz não sabe a diferença entre gostar e...”

“E?”

“Joni.” Sua voz ficou áspera de repente. “Me responda. Wilbert alguma vez... *molestou* você? É isso que quero saber. Não é uma pergunta tão absurda assim. E isso é o que o juiz vai querer saber. Seja sincera agora.”

Não. De jeito nenhum. Eu me recusava a lhe contar sobre as vezes que voltamos da cidade num sábado à noite e afundamos no sofá, levemente de fogo, sussurrando histórias um para o outro, ou apenas fazendo piadas estúpidas, zapeando enquanto o resto da casa dormia. E que fui eu que dei em cima dele. Com catorze anos, eu era perfeitamente capaz de deixar um garoto de dezessete anos nervoso, nada podia ser mais fácil — garotos de dezessete anos dificilmente se veem sozinhos em um sofá no meio da noite com uma garota que fica perfeitamente à vontade na presença carregada de hormônio deles. Nem mesmo Wilbert Sigerius. E assim, quase

distraidamente, eu recolhia as pernas ou então, pelo contrário, as abria bastante, enquanto ria do que algum cara tinha dito em meu ouvido lá no bar, em que Wilbert ficara sentado ao balcão, observando-me na pista de dança. Ou soltava o cabelo com um suspiro, jogava o elástico em sua virilha e deitava no sofá com as pernas em seu colo. Quando ele finalmente punha as mãos em minhas pernas nuas — hesitante demais, quando punha —, eu me acomodava naqueles seus braços fantásticos e sentava, bancando a indignada, em seu colo, meus joelhos sobre suas coxas, e enterrava as mãos em seu quadril forte, fazendo cócegas — “piranha”, ele dizia entre os dentes, e eu cutucava os discretos fios de barba em seu queixo, “olha pra mim — o que foi que você acabou de falar, homenzinho?”, e ambos sentíamos minha virilha felpuda raspando no zíper de seu jeans, e desculpe, pai, é só isso que me ocorre.

Mas a coisa parava por aí. Nada além disso.

“Pai — sabe o que você pode fazer?”, eu disse, alto o bastante para levar o garçom a nos olhar. “Vai lá e mente pro seu advogado. Conta pra eles que Wilbert molestou *você*.”

Seu lábio inferior grosso tremeu quando ele balançou a cabeça e se levantou. “Já volto”, disse e se afastou, arrastando os pés, numa trágica paródia de seu andar gingado, dirigindo-se ao banheiro no fundo do bistrô.

Minhas pernas estavam arrepiadas. Acima das enormes janelas que davam para o pátio escolar com uma quadra de basquete havia janelas pivotantes alongadas. Estavam abertas. Em breve, quando eu fosse embora, Wilbert as fecharia com o varão de alumínio que eu via sob o aquecedor. Então o que a vagabunda do caralho tinha a declarar?

Para minha surpresa, foi ele quem começou a falar. Havia voltado a se jogar em sua poltrona de patchwork, as mãos apoiadas na nuca, de modo que eu conseguia ver suas axilas descoradas. Com o olho bom focado em mim, contou-me como passara dez meses na detenção juvenil, coisa que eu já sabia, claro, e que o

havam colocado em De Hunnerberg, na periferia de Nijmegen, isso eu sabia também, e que estava cercado por débeis mentais, e que me odiava. Essa última informação eu apenas presumia.

“Quando me tiravam da cama às sete da manhã e mandavam a gente para o chuveiro, eu tomava um banho gelado ou queimando de tão quente. Era o único jeito de passar cinco minutos sem pensar em vingança, entende. Assim que eu fechava a torneira, pensava: eu odeio ela.”

Parou e fungou alto. Cruzei as pernas. Eu não sabia o que dizer.

“Eu imaginava vocês todos tomando café da manhã na casa. Sua mãe de roupão, seu pai contando colheres de café, você e Janis — merda, eu odiava todos vocês. Um perigo.” Ele puxou a saliva e abanou a cabeça, sorrindo.

“Mas no meio daqueles débeis mentais eu arrumei um amigo. Um loiro alto que sentava do meu lado naquelas aulas que a gente era obrigado a assistir. O cara era educado, não parecia um robô sem sentimentos, sei lá. Ronnie. Dezesete anos, assalto à mão armada. Ronnie Raamsdonk. Fala que é sobrinho de Pedro van Raamsdonk, isso e aquilo, mas o que aconteceu com o ‘van’, eu pergunto. Ele olha pra mim como se eu tivesse dito a coisa mais engraçada. ‘Onde está o *van* então, parceiro? Seu nome é Raamsdonk, certo?’ Bom, ele não sabia, era assim e pronto. Enfim, eu contei pra ele como você fodeu comigo. Era preciso falar, a gente...”

“Wilbert”, interrompi, minha cabeça girando com sua declaração de ódio, “queria que você soubesse como me arrependo, eu...”

“Continua escutando”, disse ele. “Não fala nada.” Esperou um bom tempo antes de prosseguir.

“Então eu falei pro Ronnie que te odiava. ‘Você quer dar o troco’, ele falou, ‘quer sair daqui e dar o troco na sua irmã.’ Ele acertou na mosca, comecei a suar e a tremer todo, só de pensar. Ele me contou que tinha dezessete mil florins enterrados na floresta, perto de Zwolle. Ele pensa naquele dinheiro cada minuto do dia, às vezes por desespero tenta contar até dezessete mil, de tanto que a grana não sai da sua cabeça, o cara ficou louco. Ele acreditava que se não

conseguisse voltar para aquele bosque antes dos dezoito anos, o dinheiro já era. 'Um ajuda o outro', ele falou, 'e eu já sei como.'"

O lugar onde se exercitavam ao ar livre, contou-me Wilbert, era cercado por um alambrado com quatro metros de altura, impossível de pular a menos que você tivesse uma vara de salto em altura, mas encostado à grade havia uma espécie de ponto de ônibus coberto, uma proteção contra a chuva. Se pudesse subir nos ombros de Wilbert para ir primeiro, Ronnie depois o puxaria para a cobertura. "O cara tinha uns braços desse tamanho. Você precisava ver ele malhando na academia. A gente ia junto para aquela floresta perto de Zwolle e ele ia me dar um barão daquela grana."

"Mas por que vocês queriam fugir?", perguntei. "Dez meses, isso já era a metade, não era? Não entendo — realmente, não entendo."

Ele riu sem emitir som. "Você não faz ideia do que é o tempo. Nunca passou mais do que uma hora irritada com alguma coisa. Não faz ideia do que seja raiva de verdade. Como é ficar sendo consumido pela raiva durante uma semana, um mês, três meses. Então por que não cala essa boca? Durante várias semanas, eu fiquei sem dormir a noite inteira" — fez uma pistola com a mão —, "quando a luz do dia aparecia lá fora eu enfiava isso na sua boca... *Bang.*"

Assim, em um gelado anoitecer de janeiro, ele e seu sarado amigo quebraram a janela de um banheiro e três minutos depois estavam do outro lado do alambrado. Saíram em disparada pela Berg en Dalseweg e pegaram o trem, sem passagem, para Zwolle. Ele sofrera um feio corte no ombro, mas não sentiu. Vingança, saca.

"Mas você—"

Ele me fuzilou.

Mas você era completamente inocente? Você é de fato um lunático perigoso — que droga, cara, você não molestou Vivianne? Não matou um sujeito a marteladas? As frases abriram caminho até meus molares, mas eu as engoli de volta. Enquanto o fitava, elas se transformaram numa coisa mais perigosa, um pensamento mais profundo. Como eu poderia explicar o que se passou comigo quando nosso pai, anos antes, foi ao banheiro do Bastille para se recompor?

Qual foi meu raciocínio? Eu mesma quase não entendia. Naqueles cinco minutos sozinha na mesa de toalha engomada, tomei uma rápida decisão. Decidi trair Wilbert. Meu pai voltou e quando sentou era um homem velho. Sem pestanejar, eu disse: "Tem razão, pai. É verdade. Wilbert me molestou". Por quê? Por que eu disse isso?

"Mas eu o quê?"

"Nada", eu disse. "Continua."

"Então eu e o Ronnie descemos do trem em Zwolle e saímos da cidade de carona. A gente chegou na floresta só no meio da noite, saca. E ele procura, procura, procura. Horas! Atrás de cada droga de árvore naquela floresta. Isso me deixou maluco, ele ficou maluco. A gente estava congelando. Ele começou a dar soco nas árvores. 'Calma aí, parceiro, relaxa', eu falei, 'vamos esperar clarear.'"

Por quê? Será que o episódio do banheiro me chocara mais do que eu ousava admitir? Ou minha preocupação estava misturada com ciúme? Ciúme do interesse que ele mostrava por Vivianne? Poderia ser isso?

"E adivinha só, na manhã seguinte aquele animal vai direto até a árvore. Como se tivesse sido criado por lobos. Ronnie escava a terra gelada, tira uma bolsa de couro, abre o zíper e lá estava, dezessete mil pilas. E como prometeu, mil eram para mim. 'Pra você', ele diz, 'porque a gente é parceiro. E agora vamos embora pra Enschede. Você vai dar o troco na sua maninha, sei como é, cara. Estamos juntos nessa.'"

Ele fez uma pausa e olhou para mim.

"Por que parou?", eu disse, ainda que tentasse não escutar. Talvez a resposta fosse muito mais simples, que tinha tudo a ver com a visão de meu pai se afastando. O cansaço derrotado de um homem que, antes do aparecimento de Wilbert, costumava deixar a gente admirada com sua energia. Já vivendo nos Estados Unidos, quando, de manhã, eu pulava da cama onde meu novo pai me pusera para dormir na noite anterior, eu transbordava com uma vitalidade que era um reflexo da sua. Em Berkeley, embora fosse o auge de sua criatividade matemática, você podia pensar que ele ficava em algum lugar do campus, das nove da manhã às cinco da

tarde, ligado num enorme carregador de bateria. Siem era incrível. Nas semanas antes do Natal, na casa da Bonita Avenue, ele esperava até Janis e eu termos ido para a cama e então construía e pintava uma casa de bonecas com as ferramentas da minha mãe. Nos domingos, fazia espaguete ao sugo. Em menos de uma hora, era capaz de construir um papagaio usando sacos de lixo e varetas cortadas de um compensado. Uma vez de volta à Holanda, recém-instalados na casa de fazenda, ele construiu um galinheiro no quintal para cinco leghorns, e uma casa de coelhos que desinfetava com Dettol e água fervida todo sábado, cantarolando o tempo todo. A gente ficou sem fôlego de vê-lo trazer, com uma carretinha presa ao carro, uma pilha de tijolos velhos de um internato de meninos demolido atrás de Boekelo, carregá-los em várias viagens para os fundos da casa e, mais uma vez cantarolando, construir um canteiro imenso usando argamassa produzida por ele mesmo. No fim de 1989, não restava uma gota de combustível no homem. Wilbert queimara tudo — acho que foi isso que me ocorreu quando meu pai voltou do banheiro e sentou na minha frente como um tambor de petróleo vazio e amassado. O garoto tinha de cair fora.

“Ronnie podia ir se foder”, continuou Wilbert. “Eu não queria aquele gorila na minha cola de jeito nenhum, saca. Daí eu digo ‘de jeito nenhum’, e ele diz ‘ah, não, vou sim’, e eu digo ‘vai se foder’, e ele pula na minha garganta, me joga no chão e diz ‘devolve a grana, seu babaca’, daí eu digo ‘tudo bem, você pode vir também, mas vai custar mais um barão’. Daí ele me solta e me dá mais mil florins. Meu Deus, como ele era burro.”

E lento, diz Wilbert. Um monstro pesado que ele vencia com facilidade quando corriam no centro de detenção em Hunnerberg, e assim marchou a um bom passo, caminhando na direção da estrada por onde tinham vindo na noite anterior. Quando chegou à ciclovia, intencionalmente seguiu para o lado errado, não voltando à estação em Zwolle, mas para longe da cidade, e Ronnie ficou para trás, gritando, “Cara! Você tá indo na direção errada!”. E então Wilbert disparou, foi mais uma corrida leve, na verdade, com um bom ritmo, afastando-se cada vez mais até que o velho Schwarzenegger desistiu

e gradualmente se tornou um ponto distante na pista de bicicleta. Na primeira cidadezinha, trocou uma das notas de mil em um supermercado e pegou um táxi para Almelo — não o trem, estava com medo de que o esquentado Ronnie tivesse a mesma ideia. Chegando a Almelo, matou o tempo sob o frio enregelante até as lojas abrirem. Comprou algumas roupas na v&d e um casaco pesado, que vestiu. Numa loja de ferramentas, comprou um pouco de corda, um estilete, uma espécie de facão, “meia espada, cara”, um rolo de fita plástica adesiva preta e larga. Na Perry Sports, comprou uma bolsa de ginástica para guardar tudo aquilo.

“Essa história toda é verdade?”, perguntei. Ele estava me servindo uma de suas fantasias sexuais, inventando ali mesmo, era um de seus sonhos de cadeia molhados. “Eu não engulo. É um delírio seu.”

Sorriu para mim, puxou a camiseta para fora da calça e limpou o cuspe com a mão. “É”, disse, “sou um mentiroso nato. Faço as coisas parecerem melhores do que são, você me pegou. Estou poupando você, saca. Ela não acredita em mim. E o que eu contei sobre minha cara? A infecção no ouvido? Nisso você acredita?” Beliscou a bochecha de borracha e a esticou para trás e para a frente. “Aquela bobagem sobre meu ouvido, nisso você acredita, mas nessa história não.” Balançou a cabeça com ar de pena. “Isso aqui” — bateu na têmpora direita — “foi presente de um preto que comprava droga de mim. Heroína diluída, um lixo completo. Aquele negão filho da puta. O cara sempre pagava atrasado, entende. Era sempre uma merda com ele, então recebia merda em retribuição. Um dia o macaco ficou me esperando perto do meu carro. Veio com uma conversa mole, saca. Quer o dinheiro de volta etc. Vai se foder, eu digo. Bum, ele vai e espatifa meu para-brisa com um martelo. Eu subo no capô e agarro o pescoço dele. Mas daí o filho da puta acerta minha cabeça com o martelo.”

E de fato, lá estava a meia-lua vermelha em sua têmpora direita. Ele ficou com um aspecto terrível, de repente.

“Fratura no osso temporal. Quando acordei, estava deitado numa ambulância.”

Eu queria dizer alguma coisa, mas Wilbert fez: “Shhh”. Recostou na poltrona com uma expressão de contentamento. “Certo, daí, meses depois, eu estou passeando com meus cachorros na praia, em Zandvoort, saca, e quem eu vejo: o surinamês. O cara está na praia deserta, comendo isca de peixe. Então o que eu faço, eu chego de mansinho atrás dele, dou um grito, agarro o cara pelo pixaim e arrasto pra dentro do mar. O coitado não faz a menor ideia do que está acontecendo. Eu dou umas cabeçadas nele e depois seguro a cabeça dele debaixo d’água. Continuo fazendo isso até ele quase se afogar, saca.” Ele olhou para mim, satisfeito. “Isso é o que eu faço com quem fode comigo.”

Saca, entende, saca — para mim já era o suficiente, saca. Eu estava por aqui. Não queria passar nem mais um minuto naquela sala com o sr. Saca. Levantei, podia simplesmente ter saído pela porta. Mas em vez disso fui até a janela. Atrás de mim eu o escutei se mexer na poltrona.

Havia dois pequenos retratos emoldurados no peitoril, peguei o primeiro, uma foto em preto e branco de uma jovem rindo. Seu cabelo escuro era espetado e ela estava em um quintal com uma cerca branca. Devia ser a mãe de Wilbert. Sem perceber, comecei a chorar, em silêncio, calmamente. No outro retrato, vi através das lágrimas a mesma mulher. Margriet, anos mais velha, sentada em um sofá xadrez numa sala dos anos 80, o cabelo curto desfiado, o rosto afilado de maneira antinatural. A seu lado: Wilbert. Com cerca de dez anos, dois dentões de coelho, o cabelo crespo, alegre e sério ao mesmo tempo. O homenzinho da casa. Então essa era sua aparência quando as pessoas que o abandonaram estavam vivendo na América. Eu tinha de ouvir mais um pouco. *Conceder pelo menos isso.*

Talvez tivesse lido minha mente, porque disse: “Era uma quinta-feira. Eu sabia que você tinha aquele trabalho no estábulo na segunda e na terça à noite — você nunca faltava, de jeito nenhum. Aquela último trecho pelos bosques e campos, escuro como breu,

nenhuma casa, por um quilômetro ou qualquer coisa assim. Seu trajeto naquela noite. Era certeza”.

Meu Deus, ele tinha razão — eu nunca faltei. Nunca. Se faltava na escola porque não me sentia bem, eu dava um jeito de mostrar uma saúde de ferro antes de chegar a hora de ir para o estábulo. Selar os cavalos, amansar os que chegavam, lavar as cocheiras. Aos quinze anos, nada podia ser melhor do que isso.

“Você saía antes das nove, voltava depois das onze. E era aí que eu ia derrubar você da sua bicicleta. Fiquei esperando em Almelo até escurecer. Na biblioteca, no v&d, num restaurante perto daquele tribunal do caralho. Torrei cem paus em comida, saca.” Deu uma risadinha e disse que havia tomado um táxi para Enschede “com a calça desabotoada”, pedindo ao motorista para deixá-lo no trecho arborizado, entre o campus e a cidade. Escolheu uma curva suave com arbustos altos onde se esconder. Ainda faltavam algumas horas, então ele caminhou pelo campo, mais além. Leitos duros de areia cinza, raízes mortas no solo. Ao longe, água congelada e, perto de um atracadouro, havia um pequeno galpão. “Todo tipo de lixo por lá, incluindo um bote inflável. Eu enchi, deitei ali um pouco, saca. Uma hora, por aí. Fiquei com um puta... *tesão*.”

Ele havia tirado a fita, o estilete e o facão da bolsa e voltado para a curva. Avistou faróis de bicicleta distantes, mas se era eu ou não, ele não sabia dizer. Então me reconheceu, o cabelo loiro saindo pela borda do meu gorro de inverno. “O jeito como você pedala apoiada no guidão, saca.”

Voltei para minha cadeira, sentei e funguei. “Você é pirado”, disse. “Você é completamente pirado.”

Sua respiração ficou agitada, seus dedos se cravaram no couro macio da poltrona. “Você estava só a alguns metros de mim, sua vaca.” A diferença entre o lado direito e o esquerdo de seu rosto ficou maior do que nunca. Era impossível dizer com qual olho ele me fitava. “E daí eu vi alguém numa outra bicicleta atrás de você. Uma vaca gorda, sem luz. Eu hesitei.”

“Você hesitou?”, eu disse. “Você está é viajando. Falando merda, Wilbert. Não aconteceu nada disso. Essa história sua é a maior

lorota. Você não sabe nem como terminar.”

É, foi assim que aconteceu. Esqueci como ele podia ficar furioso. Ele levantou da poltrona com tamanha violência que ela caiu para trás ruidosamente, as pernas de ferro indo para o ar. “Sua vaca!”, gritou. “Sua vaca! Vagabunda do caralho! Eu devia ter te retalhado toda — como você é filha da puta, sua vaca de merda. Eu devia ter te retalhado inteira quando tive a chance. Eu senti seu cheiro, porra, seu cheiro de Judas do caralho. O cheiro da filhinha perfeita, leal com o papaizinho, leal com a família querida, seu—”

“A gente não está mais se falando, Siem e eu”, gritei, acima do seu desabafo. Me surpreendi comigo mesma. Eu também tinha ficado de pé, estávamos frente a frente, quatro canelas encostadas numa mesinha de centro de ratã. Eu me odiei. Não estava determinada a evitar que a situação saísse do controle? “Nunca mais quero ver ele, nunca mais, está me escutando?”, berrei. Mas por quê? Por que disse isso? Para impressioná-lo? Era exatamente como antes, ele me provocando por ser a queridinha do papai, e minha necessidade de provar o contrário. Deu para perceber que Wilbert ficou alerta, ele franziu a metade boa de sua boca.

“Ah, é?” Sua voz estava calma, como se não tivesse acabado de explodir. Esticou o braço, pôs a mão em meu ombro e deixou que escorregasse com uma vaga carícia. “Que história é essa?”

Afundi de volta em minha cadeira. “Não sou... essa princesinha que você acha que eu sou.”

“E o que isso tem a ver com ele?”

Catarse. Só o simples fato de dizer em voz alta, relatar o drama que ocorrera na Vluchtestraat, os horrores ainda recentes que viera febrilmente guardando dentro de mim mesma por dias, pôr em palavras o que tínhamos tramado por quatro anos como uma dupla de contraespões — só isso já me propiciou uma sensação intensa e estranha de alívio. Mas o prazer real veio do espanto no rosto de

Wilbert, a admiração com que ficou me olhando, parecia até chocado, chamou de “bizarro e bem indecente”. Voltara a pôr a poltrona no lugar e sentava me escutando com as mãos no colo. “Então tá montada na grana, safada?”

“Não.”

“Claro que tá.”

“Sério, não estou.”

“Tudo bem. Então me diz o que *ele* tem a ver com isso tudo. Eu também posso contar umas coisas, saca.”

A perspicácia de seu argumento. Talvez eu apenas estivesse aliviada por ele ter parado de perguntar sobre dinheiro, talvez achasse que tivesse mesmo algo a dizer. Conteí para ele a história toda: as férias, a gente chegando antes do previsto. A porta de vidro.

“*O quê?* Então ele sabe de tudo?”

“Tudinho. O que estou contando pra você aconteceu faz duas semanas, entendeu? A gente voltou para casa mais cedo do que o planejado e lá estava ele. E eu percebi na mesma hora: ele sabe de tudo.”

“Por que está me contando isso?”

“E daí ele passou direto pela porta de correr”, eu disse. “E agora eu vou para os Estados Unidos. Ele passou direto, *páá*, passou direto pelo vidro.”

“Mas por que tá me contando isso, safada?”

Ele está sangrando como um porco. Um vago latejo sob o pé esquerdo, um formigamento no quadril e nos antebraços; se aproxima o queixo do ombro direito consegue ver o talho aberto diagonalmente sobre a elevação do ombro — mas não sente quase nada. Sua dor física é abafada por um mal-estar muito mais amplo. Por que tirou a roupa, por que não foi embora de uma vez? O arrependimento que toma conta dele parece uma doença crônica. Pressiona as costas no muro de tijolos atrás do qual estão Joni e Aaron, *e que fiquem por lá*. Torce para que não venham atrás dele. Seu cérebro é um bazar após uma bomba, os pensamentos são membros decepados. Sua nudez é infinita. Das pegadas de sangue sobre as pedras cinza do pavimento, vê que avançou um pouco pela pequena rua, depois voltou. De um lado, toda sua existência conduz à Vluchtestraat, de outro, leva à Lasondersingel. Em seu pânico inicial quase saiu correndo para o bulevar, um poderoso reflexo de fuga. Pouco antes caminhara por ali em silêncio, depois estava nu em plena rua. Pelado na rua com a calcinha da filha enfiada no cu. *Por favor, faça com que isso seja um pesadelo*. Volta a percorrer essa procissão e se vê emergir da ruela sem roupa alguma, por meio de cem mil olhos observa a si mesmo: um lunático espumoso. Suas roupas estão no chão do sótão, mas voltar ali está fora de questão. A cena dele parado na sala não sai de sua cabeça, ele vê sua nudez pelos olhos dela. De onde surgiram aqueles dois? A imagem recorrente de Joni desabando no chão, em choque. Pense um pouco. Você precisa sair daqui. Mas não pode. O muro de tijolo pinica suas costas. Pense em uma coisa de cada vez, só isso. Espere escurecer. E como se alguém estivesse lendo seus pensamentos, a

luz diminui, ele olha nessa direção: uma silhueta para os lados da Vluchtestraat. Permanece brevemente colado ao muro, uma escultura num lugar ridículo. Os ecos de uma bola de futebol quicando, é uma criança, ela corre alguns passos, pega a bola e olha. Com um pulo, ele se põe em movimento, avança pela ruela, a sola de seu pé esquerdo queima subitamente, após alguns metros os muros de tijolos tornam-se uma parede verde de coníferas. Só vê uma solução. Sem hesitar, passa com uma contorção entre duas coníferas da altura de um homem que pertencem ao vizinho de Aaron, pela segunda vez nesse dia ele se espreme entre um sem-número de dedos que picam, a areia grossa entra mais fundo no buraco da sola de seu pé. Fique parado no ponto mais apertado. Faça-se pequeno. A areia quer sugá-lo, os galhos pinicam suas orelhas, o vão entre suas nádegas, seu umbigo, sente o cheiro intenso de seiva. Vira a cabeça na direção do quintal, os galhos o arranham, ele vê um terraço, a porta dos fundos está aberta. Automaticamente, recua um pouco na direção da ruela, escutando. Passos, o eco da bola pingando, cada som ricocheteia dez vezes entre os muros, a criança se aproxima. Fecha os olhos com força, escuta, transformado em uma conífera, tudo que ouve é seu sangue fluindo. O eco diminui, os passos ficam mais lentos, quase inaudíveis. Ferimentos latejando em unísono. Quando abre os olhos e olha através do emaranhado verde-escuro de galhos, vê a criança, parada diante dele, é laranja, está usando uma camisa da Holanda. Os olhos arregalados à sua frente — olha para seu peito?

“Vai embora”, ele sussurra.

A criança se encolhe, é um menino, ele olha, deixa cair a bola, assustado, pega de volta quando quica e sai correndo com o eco de passos em direção à Lasondersingel. Ele fica imóvel, espera antes de soltar o ar, um suspiro trêmulo. Lentamente sua audição se aguça outra vez, escuta um ônibus se aproximar, escuta o som de futebol nas casas, a voz de um locutor, a torcida. Deus abençoe o futebol. *Mantenha minha ruela livre de gente.* Deixa que sua tensão escoe um pouco — mas então fica rígido outra vez. Está superestimando sua invisibilidade. Essas pessoas só precisam sair no quintal. E Aaron

e Joni? Ele continua a sangrar profusamente, um tépido regato pingando por seu b iceps. Precisa parar de pensar e agir. Não pode continuar ali. Mas o que, então? Um súbito rugido o faz voltar a transpirar. Berros dentro da casa, uma gritaria vindo de todos os quintais: as turbas v em em seu encalço. Gol. Ele se d  conta de que continua com a meia de  nilon em seu punho, livra-se dela como se fosse uma víbora. Os galhos são exércitos de formigas. O que pode fazer? As ruas estão desertas, mais vazias do que isso nunca vão ficar. Ele tenta controlar sua respira o, muda o peso de p  e se concentra na Vluchtestraat. Talvez possa tocar a campainha de alguém. Dizer que foi roubado. Pensa em si mesmo usando esse fio dental no jardim de alguém. Mas também não consegue simplesmente tirá-lo. *Tudo está arruinado.* Ele está humilhado, ela está humilhada. Ela está de fato? *Preciso cair fora daqui.*

Ele raciocina: metade das pessoas está de férias. Concentra-se com toda a força em um prédio baixo no fim da rua, museu   esquerda, bloco de apartamentos à direita, cercas de madeira atrás. Será que consegue subir num daqueles balcões? E em qual deles? Existe alguma abordagem lógica? Portas de balcão fechadas significam que os moradores estão fora. Abertas: futebol; fechadas: ninguém. Consegue correr até lá? Espie a ruela, escolha o momento certo, dispare com tudo. Tenta estimar a distância. Quarenta metros. Cinquenta. Seis segundos. E subir num daqueles balcões? Por um segundo pensa em sua casa, no gramado malcuidado dos fundos, na tranquilidade, na prote o do lar. Precisa escurecer de verdade antes que possa... andar até em casa? Deus do céu. Ele vai ter de voltar andando? *Você está em um sonho, no pior pesadelo de todos.* Um atalho, talvez? Todas as pistas de corrida que viu nos últimos vinte anos se desenrolam simultaneamente diante dele, um nó de trilhas arborizadas e areia fofa. Mas há a cidade no meio. Um táxi? *Nem telefone você tem.* Sem chaves, sem dinheiro, nada. Seus pensamentos se voltam a Tineke. Não pode encarr -la. Não pode nem mesmo voltar para casa antes da meia-noite. Será que tem uma chave extra no jardim?

Você precisa subir num daqueles balcões.

Ele vira a cabeça cento e oitenta graus, cerdas roçam em suas pálpebras e bochechas, seu pescoço está estranhamente rígido. O queixo enfiado em seu próprio sangue, olha por cima do ombro, na direção da rua, e escuta. Desse lado o mundo está em silêncio. Mais uma vez se dá conta da indiferença das coisas: as pedras cinza do pavimento se enchendo com seu sangue, os muros externos impassíveis. Respira fundo como se fosse dar um mergulho e sai das árvores. *Corra.* A adrenalina se dissolve em sua corrente sanguínea, sai por suas feridas. O ar em sua pele nua. De tantos em tantos passos, olha para trás, tenta controlar a respiração ofegante. Atrás daquele muro de tijolos: eles.

A rua capta o sol poente. Ele é subjugado pelo súbito espaço amplo. O céu roxo está infinitamente alto, sua nudez é intensificada. Na quina da casa de tijolos, espia o bloco de apartamentos, os balcões amplos, a distância é maior do que imaginara. Diante dos balcões há painéis cor de laranja em tom pastel; é ali que ele quer estar, atrás de um desses painéis. Diante da porta de entrada com o buraco da correspondência há uma grande lixeira de concreto e aço, um minibunker para os sacos de lixo. Já agora, de sua trincheira, sente o asfalto quente sob os pés, pedriscos em sua sola ferida. Um carro vira a rua, com um gemido ele volta correndo para a ruela. Segura a respiração até que o veículo, sem pressa alguma, tenha passado. Tão perto da porta da frente deles. A rua está vazia.

Agora.

Primeiro a calçada de cimento, depois, com cinco longas passadas na diagonal pelo asfalto, não olhe para trás ou em torno, o bloco de apartamentos está ficando maior, lança uma sombra. Ele pula dentro da enorme lixeira de concreto como se fosse um babuíno, sacos de lixo inchados de fermentação sob as tampas de metal. Não pense, aja. Por que fica se vendo? Um homem nu escala as tampas rangentes, engancha os dedos sobre a borda do concreto rústico. Avalia a altura: um metro e meio o separa da balastrada do balcão mais próximo. Se não conseguir segurar, vai cair no jardim de alguém. Ele voa, é um macaco voador! Vai fazer barulho. Estão vendo futebol. Seus joelhos batem no painel laranja, seus dedos

agarram, uma das mãos se solta, a outra se prende à borda da balaustrada. Seu corpo fica pendurado, se estica. Seu peso todo está nos dedos da mão direita, ele tem a sensação de que seu ombro está se rasgando mais ainda, como se o esqueleto fosse deslizar para fora de sua pele, ele segura a balaustrada com a outra mão. Por um momento fica pendurado e completamente imóvel, a barriga pressionada contra o painel quente. Interrompendo a dor surge a visão dele mesmo pendurado ali; a aversão o energiza. Já ficou pendurado numa barra inúmeras vezes, já fez barras paralelas, o cavalo com alças: era o melhor ginasta deles todos, melhor até do que Snijders, melhor do que Geesink — mas isso foi há quarenta anos. Puxa seu corpo com toda a força, iça seu próprio peso até que os cotovelos estejam firmados. A porta do balcão está fechada, o apartamento, às escuras. Trança a perna esquerda por cima da balaustrada, trepa na grade, aterrissa no frio piso de concreto. Agacha atrás do painel.

Fica nessa posição por um tempo, ofegando como se tivesse acabado de lutar, o ombro bom apoiado no painel, olhando para seus pés no chão. Espere um pouco. Se houver alguém em casa, então o escutaram, a porta vai ser aberta dali a um segundo. Espera. Sua respiração fica mais relaxada, dos balcões vizinhos vem o som tranquilizador do jogo de futebol. Será que alguém o viu? Na rua? Há uma boa chance de que a polícia esteja a caminho. Seu ombro direito voltou a sangrar, o sangue pinga no concreto. Examina a sola do pé. Na frente, abaixo de seu dedão, um buraco em forma de estrela. É a perna curta: a sensação nunca voltou realmente ao seu pé depois do acidente com a motoneta. Agora ele não lamenta. Tira um caco de vidro. Mais sangue brota.

Pouco a pouco se convence de que não há ninguém em casa. Olha em volta, dessa vez com mais atenção: o balcão tem cerca de um metro de profundidade e é da largura do apartamento. À sua direita há uma porta vermelho-escura. Agachado, consegue espiar a sala: um sofá xadrez verde e branco diante de uma tevê enorme e antiquada; mais adiante, uma tábua de passar roupa e, além dela, uma quitinete. Um apartamento de estudante? O que seria pior, ele

se pergunta: um aluno da Tubantia que o reconhecesse ou um morador qualquer de Enschede frente a frente com um lunático perigoso?

No balcão há duas cadeiras de plástico, junto delas três garrafas vazias de cerveja Grolsch, com sua tampa móvel, e no canto oposto caixas de papel reciclável. Diante das caixas, um varal retrátil amarelo preso na balaustrada: *roupa*. Rastejando, passa por uma cadeira e vai até lá. Dois panos de prato, uma toalha, um par de meias femininas rosa e pretas, um calção de banho vermelho que desce até os joelhos. Ele se livra da calcinha e, ainda sentado, põe o calção. Uma onda de euforia e alívio toma conta dele. Enfia a calcinha num dos bolsos de trás. Põe o mais seco dos dois panos de prato em sua ferida do ombro e o amarra com grande dificuldade sob a axila. Não tendo outra escolha, enfia nos pés as meias secas e endurecidas.

Então deita de costas. O concreto sustenta seu corpo cansado. Fica deitado desse jeito talvez por meia hora. O painel não se estende até o chão, se ele encosta o queixo no ombro com a bandagem, consegue espiar pela abertura. Virando só um pouco mais de lado e pressionando o queixo levemente contra sua carne, consegue até ver a casa de Aaron. Ao longe, vê os arbustos na entrada e o alto da porta. Sentindo o peso do remorso, olha por algum tempo. Pouco a pouco fica mais calmo e recupera a capacidade de raciocínio. Quais eram as chances de isso tudo ter acontecido, ele se pergunta. A probabilidade de ser pego dessa forma? Pego no momento mais deplorável de sua vida. As modulações do destino: as coincidências em geral são menores do que as pessoas pensam, a partida de futebol pela qual pouco antes dera graças aos céus provavelmente tivera um papel em sua desgraça. Indubitavelmente. Sem o álibi do jogo, nem estaria ali nessa noite, não nesse exato momento — e conhecendo aqueles dois, o mesmo é válido para eles. Voltaram com o jogo em mente. Haviam ligado a tevê no minuto em que entraram em casa.

Acima e a toda sua volta, uma nova explosão de gritos. Embora se sinta relativamente a salvo nesse balcão — uma forma rudimentar

de segurança —, não vê a hora de que escureça. É o aniversário de sua irmã mais nova. O dia mais longo do ano. Refletindo sobre as consequências — o que tudo isso significa para Joni e ele, para sua família? —, faz o possível para deixar os pensamentos para depois. Tenho o aniversário mais longo de todos, Ankie sempre disse. Precisa dar um jeito de descansar o velho esqueleto em sua própria cama.

Mas o tempo coagula nesse balcão de um estranho, os eventos se repetem como imagens de tevê, imutavelmente nítidas, ele não para de se ver atravessando a porta de vidro. E a cada replay percebe o que Joni viu, e se pergunta sobre a gravidade das conclusões que ela tirou. Funestas — é o que são.

Escurece, enfim. Uma brisa traz os primeiros arrepios da noite. Ele se prepara para descer do balcão o corpo machucado. Como disfarce, enrola o segundo pano de prato na cabeça. Sabe qual rota de fuga vai tomar, mas sua paciência está sendo testada mais uma vez: o jogo acabou, a Holanda ganhou. As pessoas começam a sair de casa. De todos os lados, escuta homens conversando animadamente, uma porta de carro bate. Espere até as coisas amainarem outra vez. Mas: a chance de que o morador do apartamento agradeça aos amigos pela noite agradável e suba em sua bicicleta — ele já está de pé. Sem sentir seu corpo, sem sentir o concreto sob seus pés, sem tocar na balaustrada, sem tocar no gramado no qual aterrissa, está diante do prédio, e na mesma hora sai correndo. Dispara como um rato, percorre a cerca em direção à Deurningerstraat, abaixa a cabeça no tranquilo bairro residencial.

Seu pé dói e lateja, mas a dor tem um efeito purificador, ele fica o máximo que pode nas sombras que crescem rapidamente. De improviso, decide que vai bancar o bêbado. Continua a andar, a cada passo se aproxima mais de sua casa. Ciclistas passam por ele sem olhar duas vezes, ninguém presta a menor atenção nele. A sola do pé é de enlouquecer, mas nesse meio-tempo a dor subiu para a panturrilha. Escolhe ruas calmas, caminha por casas elegantes com

as cortinas fechadas. Quando chega à Horstlindelaan, é dominado por um alívio contido. Senta num banco, mas fica de pé na mesma hora.

É uma sensação incomum, tão lentamente quanto a paisagem passa por ele, seu peito desnudo exposto à agradável noite de verão, essa caminhada deixa quase tudo numa perspectiva diferente, o contato de seus pés diretamente com a terra, o asfalto áspero, o musgo esponjoso na beira da rua. O céu estrelado está perfeitamente claro, seus olhos parecem mais sensíveis do que o normal, ele capta o entorno como um animal noturno. Escuta uma marta escondendo-se sob um arbusto; à luz amarelada da lua, as árvores e os campos parecem mais intensamente coloridos do que antes.

É a segunda vez, merda. A segunda vez em sua vida que foi pego sem as calças. E, exatamente como naquela outra ocasião, o curso da sua vida mudou. Caminhando ao longo da trilha arborizada para o campus, como se fosse um criminoso, lembra-se da outra vez que foi pego em flagrante delito. Talvez seja por esse motivo que está fazendo isso: recordando a festa de aniversário de Tineke em Utrecht, há muito tempo, de modo a distrair sua memória de curto prazo. Tineke Beers-Profijt, era como se chamava na época — a mera ideia de que sua esposa fora casada com o vizinho do andar de baixo! Ele e Margriet tinham sido convidados e, junto com cerca de quinze vizinhos e amigos, acomodaram-se no apartamento térreo ocupado por Tineke e aquele vago marido seu, uma simples reunião de dia de semana para o pessoal da rua, além de colegas de sua oficina de marcenaria, que ficava na Sweder van Zuylenweg, regada a vinho, cerveja e Campari, e por mais estranho que parecesse, a irmã de Tineke, que morava em Amersfoort, não parava de pôr para tocar os discos da Mojo Mama, a banda de Theun, que ele nunca mais vira, o famoso Theun, uma notável ausência, como se não tivesse sido convidado para a festa de aniversário da própria esposa, ou, mais provável, não quisera aparecer. Esse era o casamento rock and roll de Tineke, em meados dos anos 70.

Seu próprio casamento, se é que era possível, estava ainda pior. Ele se lembra da terrível briga ocorrida entre ele e Margriet pouco antes da festa, quando pularam no pescoço um do outro na cozinha, o piso deles era o teto sob o qual Tineke recebia os primeiros convidados com cerveja e *leverworst* (qual era a idade deles: vinte e cinco?), e ele ainda consegue se lembrar com total clareza da raiva que os dominava ao descerem a escada do 59B e tocarem a campainha do 59A. Lembranças da reunião propriamente dita, não, na verdade não — a Antonius Matthaeuslaan tinha uma festa atrás da outra, naqueles tempos, e como todo mundo precisava trabalhar no dia seguinte, a maioria já fora embora à meia-noite, com exceção de uns poucos resistentes, incluindo Margriet e ele. E quando os mais resistentes também entregaram os pontos, Margriet começou a puxar sua manga (a bebida acabara), mas contrariando seu modo de ser, ele sugeriu, ou melhor, *avisou*, que ia terminar sua bebida e, contrariando completamente o modo de ser dela, Margriet voltou sozinha para casa, no andar de cima. “Vou descansar, meu bem”, disse para Tineke.

E depois disso as coisas saíram dos eixos — ou entraram, claro. Assim que todo mundo se mandou e ele e Tineke ficaram a sós, e ele se viu sentado ao lado de sua vizinha viçosa, bem-humorada, inteligente, interessante, os dois próximos um do outro no sofá laranja de Theun, entre copos vazios e cinzeiros cheios, sua perna encostada na dela, uma coxa forte e quente colada naquela coxa ainda esbelta dela — precisamente nesse momento, o incidente que vinha esperando dois anos para acontecer, aconteceu. Antes que percebessem, Siem estava em cima e Tineke por baixo, beijando-se com ardor, sem sequer risadinhas ou palavras murmuradas a título de introdução, uma linha a ser transgredida que vinha fermentando desde a época em que ele ficara de cama com a perna engessada, da primeira vez que Tineke o visitara, durante o dia, fazendo companhia para ele enquanto se recuperava daquele acidente da motoneta. Por que ela veio, na verdade? Porque sim, só para tomar uma xícara de café com alguém *diferente*, com um *homem*, não ter

de conversar sobre os filhos de amigos e seus amigos, essas coisas. Esse passo adiante já vinha sendo preparado desde então.

E quando se viram, sem passaporte, arrebatados por esses sublimes ares estrangeiros, decidiram, sem qualquer discussão, ficar um pouco mais. Levantaram-se, ele e sua equilibrada, amável, vizinha do andar de baixo, beijando-se com cada vez mais abandono, *a gente não devia*, sussurrou ele — *não devia o que, fazer isso?* —, mas não passou de um protesto sem convicção, mais apaixonado que culpado, e cambalearam em direção ao quarto, pelo corredor estreito, e uma porta além (e depois mais uma, quem dormia ali? A pequena Joni), a maçaneta foi girada, tropeçaram para dentro do quarto, desabaram na cama de casal que viera aguardando por anos, sob o imenso pôster do festival de Kralingen, recordava ele, Mojo Mama entre Dr. John The Night Tripper e T-Rex, aí está, o triunfo do pequeno Theuntje Beers, que o vizinho do andar de cima nem nota, triunfo que empalideceu *no momento* em que deitou Tineke na colcha de crochê.

Embora o caminho mais curto seja tentador, por precaução ele contorna o campus em suas meias de mulher, manquitolando com os pés contorcidos, em vez de passar direto, tomando a trilha agora escurecida através dos bosques a norte da Langekampweg — o porto à vista, mas qual porto? Ele conhece Tineke bem o bastante para ter certeza de que estará dormindo quando chegar. Mas e amanhã? Alguma coisa vai precisar dizer, nem que seja apenas para ficar um passo à frente de Joni e Aaron. É inteiramente imprevisível o que aqueles dois vão fazer. Será que vão presumir que ele contará para Tineke? Não tem ideia. Toca o ombro com cuidado. Seria capaz de esconder isso? Consegue mais uma vez mentir para a mulher a quem, num passado longínquo, devotou total, cega e imediata confiança?

Pois eles cometeram um erro. Na vertigem de suas cabeças superexcitadas, deixaram algo escapar, um detalhe. Errar é *humano*. A porta da frente não está trancada. Em seus amassos, não notaram que a porta ficou entreaberta — foi deixada entreaberta por Margriet, do andar de cima, a simplória Margriet Sigerius, talvez um

pouco menos viçosa, interessante e inteligente do que a mulher que ele febrilmente está despindo, mas que não nasceu ontem. Uma esponja, e emocionalmente instável — mas que não é cega.

E Margriet vai até seu andar (pelo menos foi assim que ele reconstruiu seus movimentos, em retrospecto, e em detalhe), sobe a escada íngreme para o pequeno apartamento deles, e vai direto pela escada de caracol ao andar de cima, para o quarto da frente (quem dorme ali? Wilbert, chupando o dedo), e, prendendo a respiração, olha para o menininho, talvez por um minuto, como se escutasse seu sonho. Uma boa mãe. *Sou?* Mas na verdade não está pensando em Wilbert, na verdade sua atenção está voltada para o que acontece dois patamares abaixo, para a porta da frente aberta da vizinha de baixo, e lentamente desce a escada de seu apartamento — mas então para, primeiro na cozinha, ela se obriga a entrar na cozinha, onde se serve de uma taça de vinho e diz a si mesma para beber devagar, calmamente, dar-lhes cinco, não, sete minutos, controle-se mais um pouco. E enquanto bebe, uma taça, duas taças, seus ouvidos se colam como botes de borracha ao chão da cozinha. Após sete torturantes minutos, tira as botas e desce em silêncio a escada íngreme para o andar de baixo. *Oi, adivinha quem voltou.*

Ele toma a Langekampweg, passa pelas primeiras quatro casas de frente para a rua, evitando olhar, mal conversa com essas pessoas, de qualquer maneira, eles que se danem. Assim que o dossel verdejante revela a frente de sua casa, ele para. Há uma luz no andar de baixo, um brilho tênue, ela deixou uma luz acesa para ele.

Margriet Sigerius, vinte e três anos, caminhou na direção do som impuro, obscuro, que podia escutar acima de seus batimentos cardíacos — seu coração, também, estava maior do que o normal, seu coração é um bate-estacas, mas em meio às pancadas ela escuta isto: o bate-bate bem mais descontrolado que ressoa no quarto adjacente a esse cômodo ainda recendendo ao calor dos convidados do aniversário, a sala, com sua decoração pretensiosa, a mobília de puffes e vimes, o interior da leitora de *Ariadne*. Ela se detém na porta do quarto, a mão úmida tremendo sobre a

maçaneta, mas está engasgada. Não consegue entrar. Escuta, petrificada. Então respira fundo e grita. Fundido à vizinha de baixo pela primeira vez, Sigerius ouve o grito da própria esposa, a plenos pulmões, "SIE-IEM" — ela berra seu nome três vezes, e então: "*O que você está fazendo, o que você está fazendo, eu te odeio*".

Como dois cadáveres enrijecidos, os dois param onde estão, ele em cima de Tineke, o êxtase nunca existiu. Do lado de fora, no corredor, silêncio. Silêncio absoluto. *Será que a gente morreu?*

Então a porta é aberta, bate contra a parede, o vidro fosco explode em minúsculos fragmentos. Ele fita os olhos arregalados de Tineke. *Ela está olhando para os dois.* "Você nunca mais vai pôr os pés naquela casa outra vez, seu filho da puta. Nunca, está entendendo? Nem se atreva a tentar voltar para casa."

Ele fica calado, sua língua impudente imóvel dentro da boca, como um corpo num velório. Não a escutam sair, a porta da frente bate de forma ainda mais ensurdecadora, uma granada. A porta do 59B, sua própria porta, a dela e dos filhos deles, outrora também de Siem Sigerius: ela a fecha e passa o ferrolho.

A casa, finalmente. Ele a contorna pela trilha de cascalho e vai até os fundos, anda pelo gramado do quintal, está tão escuro que não enxerga a mão diante do rosto. Como Janis vivia esquecendo sua chave em Deventer, há uma cópia escondida na casa de passarinhos, no canto do terraço. Ele a encontra facilmente e vai até a lata de lixo perto da oficina. Dá uma topada cruel no toco de árvore onde corta lenha, range os dentes para aguentar a dor e tira as meias imundas dos pés. A esquerda está empapada em sangue. Ele as embrulha no pano de prato que usou na cabeça e enfia a bola de pano o mais fundo que pode sob as caixas de papelão e aparas de madeira na lixeira de plástico.

Por mais estranho que possa parecer, anseia menos pela segurança da casa do que por Tineke, não vê a hora de se aninhar junto a seu corpo adormecido. Mas ainda não chegou lá, ainda falta muito. Na cozinha, remove o torniquete de pano de prato, o sangue impaciente na mesma hora brota pelo talho cor de salmão em seu ombro. Faz uma bandagem com gaze e fita adesiva. Seu corpo está

coberto de sangue coagulado, seus pés estão marrons como cascos de bode. Acende o abajur na janela da sala e vai até o quarto, os pés agora calçados em tênis. Entra furtivamente, sussurra "oi, querida" para ter certeza de que ela está dormindo e com dois passos entra no banheiro. Toma uma ducha, evitando o ombro quanto pode; fica vinte minutos debaixo d'água, seu pé arde e lateja.

Amanhã vai ter de mentir sobre a filha dela, não vai ser fácil, um intenso remorso por antecipação suscita nele uma profunda afeição pela esposa. Fecha a torneira. É da filha dela que estamos falando.

O verão está perto do fim. Os meses subsequentes à sua descida ao inferno são sossegados. Tão sossegados que isso o deixa nervoso, esse sossego é um fardo implacável. Tineke não tem consciência de sua degradação, isso é um alívio, mas a ignorância dela só aumenta seu isolamento. Ele não mencionou o ferimento no pé, blefou sobre o talho no ombro, disse-lhe que foi resultado de um tombo infeliz no chão de uma fraternidade cheia de vidro quebrado, na verdade deveria ter ido ao pronto-socorro. Nenhuma palavra de Joni. Aaron não aparece mais nos treinos, ótimo, perfeito, ele cancelou seus exames do *dan* mediante uma carta à associação de judô.

Joni oportunamente viaja para a Califórnia enquanto eles estão de férias em Creta. Tineke fica perplexa, mas ele defende sua partida súbita, a McKinsey não vai ficar esperando a mamãe e o papai voltarem de férias, diz ele, ao mesmo tempo que róí as unhas: todos os dias da viagem planeja abrir o jogo, contar para a esposa como realmente sofreu aqueles ferimentos estranhos, ser totalmente franco, mas se contém. Estão comendo *souvlaki* quando Joni liga para o celular de Tineke, ele se obriga a manter um sorriso endurecido enquanto sua comida esfria; nem mesmo quando fica claro que mãe e filha levam uma conversa normal, neutra, ele consegue engolir um pedaço.

De volta a Enschede, uma notícia relativamente boa, a confirmação de que fez a coisa mais inteligente: apenas manter o bico fechado, esperar e ver o que acontece. E o que acontece é que o site deles está parado, nenhuma foto nova por várias semanas, e depois some por completo da internet. Ao que parece, entre mortos e feridos salvaram-se todos. Relaxa um pouco. Ou será que é por Joni estar nos Estados Unidos?

Nesse meio-tempo, as coisas estão de fato muito tranquilas. Nem um pio da Califórnia. É Tineke, claro, que fica mais surpresa. Ela acredita saber por que Aaron sumiu, embora ele ainda não tenha ousado lhe contar que os treinos de judô acabaram. “Siem, meu bem, você não acha que Joni está demorando demais para mandar notícias?” Essa oportunidade para uma confissão ele também deixa passar. O pior é que faz justamente o contrário. Para sua própria surpresa, está preparado para fazer qualquer coisa que possa impedir Joni de denunciá-lo. Toma uma decisão absolutamente covarde e fútil. Para não dizer arriscada. Cria um falso endereço de e-mail para sua filha no Yahoo e dessa malfadada caixa de correio envia breves mensagens, às vezes um pouco mais longas, para seu próprio e-mail. “Queridos papai, mamãe e Janis, é incrível aqui, estive na Golden Gate, ainda sem telefone, mas felizmente tenho e-mail. A McKinsey é ótima mas o trabalho é pesado, beijos, Joni” — esse tipo de baboseira, e como Tineke nunca usa e-mail, imprime essas mentiras asquerosas para ela. Isso o enche de desgosto e autodesprezo, mas continua a fazer, de todo modo.

Como se estivesse sendo punido, nenhuma notícia de Haia. Folheia jornais e revistas até seus dedos ficarem pretos, lê biografias de estadistas ilustres antes de dormir. Correm rumores de que foi procurado por Haia, houve um vazamento em algum lugar. Num programa de entrevistas da Radio Oost, alguém — um aluno, que surpresa! — diz que Siem vai ser o novo ministro da Educação, e no dia seguinte ele precisa se livrar de quatro jornalistas.

O vácuo enervante o enche de dúvidas sobre si mesmo, como não poderia ser diferente. Será que não foi excessivamente farisaico? Às vezes acha simplesmente estúpido equiparar aquele site com prostituição, não é a mesma coisa, de forma alguma; nesses momentos ele se considera um velho de mentalidade estreita, mas um minuto depois o tabu fica entalado em sua garganta, quase quer gritar de aflição, e redige para si e sua esposa outro e-mail fajuto. Então, novamente: não estou sendo quadrado demais? Uma pessoa travada do ponto de vista moral e ético? Um bunda-mole, sem vida sexual?

Cuidando da rotina da universidade, pensa em seus filhos. A desgraça de Wilbert é algo que consegue compreender, com uma mãe como aquela, com um pai como aquele, um pai que larga a família. Ele fez por merecer um filho como Wilbert. Mas Joni é outra história, ele passa e repassa a vida de Joni, que é também sua própria vida: uma garota destinada por ele à felicidade e ao sucesso, uma filha para quem ofereceu segurança, deu toda a atenção que um homem realizado como ele tem a oferecer — em parte para aliviar sua consciência culpada quanto a Wilbert, admite prontamente, mas no fim das contas ela recebeu de fato todo seu amor, para não dizer que colheu os frutos disso, muito mais do que ele conheceu em sua própria juventude.

Quarta-feira, 11 de outubro. Quando ele e Tineke estão assistindo ao noticiário, os pratos de jantar no colo, De Graaf liga. Numa conversa de duas horas, Sigerius fica sabendo que o D66 vai retirar oficialmente seu apoio a Hildo Kruidenier depois do fim de semana, talvez antes disso; a conversa que corre nos bastidores é que a exposição pública está prejudicando o partido nas urnas, é insustentável, o homem precisa sair. Kruidenier vai pedir demissão, não há outra maneira, e portanto De Graaf quer apresentar Sigerius no dia seguinte como o novo ministro. Ele está pronto? Mais do que pronto, responde, claro que pode comparecer à Torentje amanhã de manhã, Kok quer se reunir com ele. Será que se importa que a

Binnenlandse Veiligheidsdienst, a agência de segurança nacional, examine seus antecedentes — não, claro que não se incomoda, até mais, Thom, com certeza, obrigado você, eu também fico muito feliz.

No dia seguinte, voltando para Enschede após uma relaxada entrevista com o primeiro-ministro, De Graaf liga outra vez. Ele escuta, em termos eufemísticos, que o pessoal da segurança nacional descobriu sobre Wilbert e querem conduzir uma investigação restrita para descartar a possibilidade de chantagem.

Chantagem — a palavra o deixa de cabelos em pé. Durante uma noite insone pondera qual dos dois, Wilbert ou Joni, constitui risco maior; faz a si mesmo a pergunta perversa: o que é pior, homicídio ou pornografia? Pela primeira vez desde sua desgraça, sai da cama e vai olhar mulheres jovens na internet. Pensa sobre elas. Sobre o mistério de suas escolhas, sobre a escolha de Joni, sobre a escolha de todas essas garotas; examina seus olhares na intenção de ver desespero, autodestruição, insanidade, talvez, remorso, depravação inerente, dentes podres, vestígios de abuso e negligência, ou então pura e simplesmente estupidez — mas a única coisa que vê é beleza. Todas elas são, praticamente sem exceção, lindas. Nenhuma pianista ou doutoranda, talvez, mas mulheres atraentes, acima da média; pode-se até dizer: no que tange à boa aparência, jovens de sucesso, puros-sangues, donas de olhos, cabelos, pés, pernas, mãos com que poderiam se dar bem no mundo civilizado, poderiam conseguir para si um casamento com homens poderosos e saudáveis, arrumar empregos decentes. Ele não é nenhum sociólogo, tampouco biólogo, mas será que essas jovens na verdade não poderiam vir de famílias decentes? Filhas de pais bem-apegoados com genes equilibrados, vigorosos, com material genético capaz de gerar filhas que qualquer homem gostaria de ter, ou tocar — ou, isso não sendo possível, ver. Atrás de cada foto de nu pela qual vale a pena pagar há pais que conceberam uma filha desejável. Atrás de cada site de sexo há um homem como ele.

Não, um homem como Theun Beers! Como pode ter se equivocado desse jeito? No dia seguinte, faz algo surpreendente,

algo que nunca lhe passou pela cabeça antes de toda essa confusão começar. Vai a uma loja de discos, tenta se lembrar do nome da banda do progenitor de Joni e, quando enfim consegue puxar da memória, vasculha os compartimentos de LPS à procura de Mojo Mama, sem nenhuma esperança, mas não é que encontra! *Stupid City Blues* é o nome do álbum, uma cópia surrada de 1973; na capa, uma foto da torre da catedral de Utrecht, com uma guitarra da mesma altura apoiada ali, claramente uma colagem.

Com um fascínio que seria esperado de Joni, mas que ela sempre negou — com um fascínio vicário, portanto —, examina a foto do homem cuja aparência quase esquecera, mas que reconheceu imediatamente como pai dela, porque, Deus do céu, como os dois se parecem. A mesma loirice saudável, a mesma expressão orgulhosa, autoconfiante, o rosto amplo, a postura ereta. Ela é a imagem cuspidada e escarrada desse sujeito viril, de cabelo loiro escuro, que na contracapa de *Stupid City Blues* aparece andando na beira de um rio, provavelmente o Vecht, a guitarra da capa pendurada em seu ombro como uma espada viking, um roqueiro que batizou as filhas em homenagem a Joni Mitchell e Janis Joplin. Isso é família. O DNA salta aos olhos.

Antes de escutar o disco em um fone de ouvido na frente da loja, antes de concluir que Theun Beers tem uma voz monótona, pouco interessante, olha hipnotizado para a foto. De acordo com a legenda, as pessoas alguns passos atrás dele são o baterista, o baixista e o tecladista: como Beers, vinte e poucos anos, com costeletas e chapéus de aba mole ou turbantes Sandokan sobre os cabelos compridos, mas que não chegam perto de seu cantor em termos de carisma e fotogenia. Theun Beers veste calça de couro e pelas lapelas abertas de sua jaqueta de camurça se entrevê um torso insolente e bronzeado que, assim como sua calça, parece feito de couro.

No domingo, ele e Tineke passeiam com aparente relaxamento por Het Rutbeek, discutem seu futuro imediato e a necessidade de que ele arrume um apartamento para ficar em Haia nos dias de semana. De repente, tudo está se movendo rápido demais: na

segunda de manhã, recebe a notícia do próprio Kok de que o governo quer mesmo que ele vá, “recebemos o sinal verde”; no dia seguinte, o *Achtuurjournaal* começa com a dramática saída de Kruidenier. Outros telejornais à noite especulam sobre o sucessor, seu nome é mencionado várias vezes. Ele já informou por telefone os chefes de departamento em sua universidade e os principais membros de sua equipe. Ele e seu porta-voz repassam o que terá de fazer no dia seguinte, à tarde, após o anúncio de Haia. Uma reunião especial com a diretoria executiva e administrativa é realizada para tratar da transferência do cargo, trazem champanhe, ele se despede dos funcionários na reitoria, começa a tirar os quadros da parede em sua sala.

Às duas da tarde, o furacão começa a soprar; o campus enxameia de repórteres, ele dá a mesma declaração sucinta algumas vezes e deixa a reitoria por uma porta lateral. Na manhã seguinte, seu novo motorista vem pegá-lo e, para sua surpresa, o secretário-geral de sua pasta está sentado no banco de trás. Conversando calmamente, seguem para Huis ten Bosch, onde, após uma cerimônia oficial de nomeação, bebe duas xícaras de chá com a rainha; o mundo gira outra vez, mas agora com velocidade dobrada.

Ele reconhece o padrão. As primeiras semanas são de atividade febril, catorze, quinze horas de trabalho por dia, indo e vindo entre seu ministério em Zoetermeer, no subúrbio de Haia, e o Binnenhof, sede do Parlamento e do primeiro-ministro, no centro da cidade; reúne-se com mais funcionários, comissões de conselho e dirigentes sindicais do que um ser humano é capaz de suportar. Sobrevive ao seu primeiro debate parlamentar, examina pilhas de dossiês — mas sua cabeça está mais calma. É assim que sempre fez: mergulhar no trabalho para mascarar os problemas particulares. Ele gosta de sua nova arena, da responsabilidade, do interesse nacional que, como uma horda de hooligans, invade o gabinete do qual de repente é membro.

De volta a seu apartamento no Hooikade, tomando um banho para relaxar de sua nova realidade, a casa de Aaron na Vluchtestraat parece mais distante do que nunca, e mal consegue imaginar que realmente atravessou aquela porta de vidro. De seu aconchego em Haia, com os pés no aquecedor, aquele balcão onde ficou sangrando parece uma fantasia, um sonho, um delírio. Nos últimos dias tem flertado com a ideia de ligar para a McKinsey, pedir o e-mail de Joni, o verdadeiro. Talvez crie coragem para lhe enviar alguma coisa, algo sensato, algo... paternal?

Mas então quem recebe uma mensagem é ele. Uma mensagem de texto, que chega a seu celular no meio de uma sessão de perguntas ao governo. O especialista de ensino do CDA, o partido cristão, o convocou para explicar à assembleia sobre a competitividade dos institutos de pesquisa holandeses. Ele chegou cedo, é apenas a segunda vez que comparece a uma dessas reuniões, antes que chegue sua vez o ministro da Defesa responde a perguntas sobre o programa Joint Strike Fighter. A câmara praticamente vazia parece imensa, maior do que na televisão, pessoas entram e saem, a resposta do ministro suscita nova pergunta. Kok entra, passa por trás das câmeras da emissora NOS. O primeiro-ministro grunhe alguma coisa que parece ser "como vai", senta a seu lado e folheia uma pilha de papéis. Para matar o tempo durante a discussão dos aviões entre seu colega e um especialista da defesa, ele pega o celular no bolso. O autor da mensagem é anônimo, um número de celular qualquer. Ele abre e lê.

Escuta, punheteiro. Sei que você traça sua enteada na internet. Quer que eu guarde o segredo só pra mim?

Ele relanceia o primeiro-ministro. O campo elétrico cercado o chefe da Holanda: sua força se dissipa. O que tira o equilíbrio de Sigerius. Ele precisa se segurar no tampo envernizado da mesa para não cair de costas. Mas se esquece de guardar primeiro aquele instrumento de calamidade, simplesmente o solta, o telefone bate na beirada da mesa e cai ruidosamente no chão. Ele sorri

envergonhado para Kok, que faz cara de poucos amigos, empurra a cadeira um pouco para trás e desaparece sob a mesa. Com as têmporas latejando, fica sem ar.

Meu Deus. Agora é o fim.

Vê o aparelho reluzente, metade dele, pelo menos, pois a tampa traseira, cor de carvão, soltou, está caída no chão entre os pés de Kok. O presidente da casa chama seu nome, é sua vez, ele ergue o rosto para o primeiro-ministro, como um cachorrinho, murmura "com licença" e aponta para baixo da mesa de Kok, "só vou pegar isso". Pega o pedaço de plástico entre os pesados sapatos de couro preto, robustos calçados de sindicalista que teriam custado o cargo a um Berlusconi, e fica de pé. Põe o celular desmantelado sobre a mesa e se dirige apressado ao atril do presidente. Um dublê competente responde às perguntas que lhe são dirigidas.

Assim que é liberado, deixa o prédio do Parlamento sem nem olhar para os lados, entra no Volvo e volta para o ministério em Zoetermeer. Só quando fechou a porta da sala às suas costas, e está entrincheirado em seu andar elevado no prédio do ministério, volta a montar o celular. O aparelho ganha vida, busca a rede e imediatamente começa a vibrar: duas novas mensagens. A primeira é de, logo quem, Isabelle Orthel. *Ei, acabei de ver você na tevê, há quanto tempo, hein. Como vão as coisas?* A segunda é do mesmo número ignorado. *Ficou branco, não foi? Cagou de medo, seu punheteiro de merda. Me faça uma oferta.*

Ele bate com o celular na mesa, fica olhando o aparelho por um tempo, volta a pegá-lo. Tem uma reunião com o secretário-geral do ministério e o secretário de Estado dentro de cinco minutos; em vez de se preparar para isso, digita uma resposta.

Quem é você?

O resto da semana é de pura agonia por essa pergunta. Ele liga para o número três ou quatro vezes, em todas as ocasiões é atendido por uma voz feminina que repete os números para ele,

seguida de um bipe. Numa das vezes, deixa recado, firme e claro: Identifique-se, meu amigo, ou pare com essa droga de jogo de gato e rato. Uma vez alguém atende, mas não diz nada, ele pergunta várias vezes quem é, até que, com uma risada irônica — uma risada rouca de homem —, desligam.

Suas opções não são muitas. Além dele, só Joni sabe de seu envolvimento “especial”, talvez Aaron também — e ele preferiria mil vezes morder a língua. Descarta a possibilidade de qualquer um dos dois estar por trás das terríveis mensagens de texto. Então um deles deve ter passado a história adiante. Ou será que está subestimando Aaron? Será que deixou Aaron furioso? *O que você estava fazendo na minha casa? Era isso que estava planejando quando deu as férias de presente?* Algo nessa linha? Não, não pode ser. O rapaz não é louco. Não, um dos dois falou. A pessoa misteriosa está bem informada, sabe que Joni é Linda e sabe também sobre ele — em outras palavras, sabe tudo, e isso o deixa louco da vida, fica furioso com o canalha, mas também com Joni e Aaron: por que foram abrir o bico?

Espere para ver... Examina as mensagens de texto outra vez. Poderiam ser de alguém que reconheceu Joni, assim como ele a reconheceu — por que não? —, e agora está dando um tiro no escuro? Um chute? Quem faria uma coisa dessas? Alguém na Tubantia? Um aluno?

Em todo caso, acertou o alvo. Seu antigo medo volta a dar o ar da graça, uma combinação paralisante de pânico pela autopreservação, isso mais do que tudo, e uma genuína preocupação paternal. Não é apenas seu pescoço que está em jogo (um pescoço mutante, o pescoço de Siem Sigerius se expandiu numa rede de interesses, contatos, expectativas, responsabilidades; sua reputação é como um candelabro de cristal que não pode, sob nenhuma circunstância, cair no chão), mas o de Joni também. A ilusão de que Joni sairia disso incólume, de que tudo acabaria voltando ao que era antes, uma débil chama de esperança que lhe propiciou algum alívio nos últimos meses, se fez em pedaços.

Durante a próxima sessão de perguntas para a qual é convocado, o que teme que possa acontecer, acontece. Talvez seja por isso que a mensagem de texto o atinge como um soco. *Estou vendo você, seu punheteiro. Você está branco. Anda descascando demais ou é porque não consegue dormir?*

Quando, um pouco mais tarde, sob uma tempestade de outono, seu motorista o leva para Utrecht, onde deve comparecer a uma reunião com o sindicato nacional dos estudantes, pede-lhe que pare em um restaurante de beira de estrada. Embora tenha resolvido ignorar o autor das mensagens, vai para o banheiro dos homens e, tremendo de raiva e sem a menor paciência para amenidades, liga para a antiga secretária. Quem andou pedindo o número de seu celular recentemente? Só jornalistas. Mais ninguém? Não, não que se lembre e, de qualquer maneira, ela nunca fornece números de telefone, ele sabe disso.

Está completamente perdido. À noite, sentado em seu apartamento mobiliado, as paredes começam a se fechar sobre ele. Cortinas de chuva varrem as calçadas por Hooikade, ele apoia os pés no aquecedor. Está preso numa cela de vidro, nunca ficou tão exposto antes, tão vulnerável. Todos os olhares estão fixos nele, que se encontra em plena luta para conquistar a confiança do Parlamento, da imprensa, do partido, do eleitor. Seu algoz escolheu o momento perfeito, isso ele precisa admitir. Vira de um lado para outro, o vento assobia em torno de seu quarto anônimo, pensa na sua casa, em Tineke, na vida que levavam antes — e de repente lhe ocorre.

Wilbert. *Quem mais?*

Meu Deus, como demorou para perceber. Como pôde ser tão cego? Seu filho sai da cadeia, seu filho procura Joni. A única pessoa no mundo que tem contas a acertar com ele. Acende o abajur ao lado da cama e procura no quarto pequeno. Não pode dizer que o pensamento o deixa aliviado. “Mas quanta burrice”, exclama. Será que Joni lhe contou? *Seria a coisa mais incrível, terrível e inacreditavelmente estúpida.* O quarto está gelado e mesmo assim o suor escorre por seus ombros.

Ou Wilbert a ameaçou primeiro? Se é de fato ele mesmo. Na calada da noite, fica imóvel por um momento. Fita o vazio por vários minutos. Então pega o celular, localiza o número e liga.

“Wilbert”, diz após o bipe, “eu sei que é você, rapaz. Pelo jeito está com raiva. Depois de dez anos continua com raiva. Respeito isso. Eu também sinto raiva, às vezes. Mas saiba que você está brincando com fogo. E ainda por cima, falando bobagem. Você insinua todo tipo de coisa, mas pode provar? Claro que não. Não tem nada para provar. Esqueça isso, rapaz. Dê um jeito na sua vida.”

Os sonhos não davam trégua. Eles o atacavam com seus bicos afiados e quando acordava os corvos pousavam nos abajures, à espera de que adormecesse outra vez. Ele se pegava em toda parte: na cama, no sofá, à mesa, com o rosto sem barbear enfiado numa fatia fria de pizza, na escada, sentindo câimbra no pé.

A sensação era de que não conseguia dormir por mais de quinze ou vinte minutos seguidos, mas às vezes ficava subitamente escuro como breu ou, pelo contrário, um raio de luz inesperadamente brilhante entrava pela fresta das cortinas. Fez viagens espaçotemporais por todas as casas que existiram em sua vida. Muitas vezes estava em Venlo com seus pais, em variações sinistras da casa modesta onde cresceu, e lá havia sempre alguém — em geral seu pai — puto com alguma coisa; depois ele morava com algum membro da família Sigerius que sofria uma doença maligna ou terminal, no pequeno quarto de sua tia-avó em Overvecht, ou estava deitado em seu próprio leito de morte; muitas vezes tinha o mesmo sonho, em um quarto na casa de fazenda, que de resto estava vazia. Às vezes acordava com porquinhos-da-índia urinando nele, depois de tê-los colocado em seu peito numa outra época. Escutava sirenes distantes na cidade.

Por duas vezes teve visitas. Em algum lugar no tempo acordou com um tambor elétrico que se repetiu três vezes quando estava no sofá, engolindo em seco e piscando, uma embalagem de massa à carbonara quente em seu peito. Desceu para o chão e engatinhou até o aquecedor. Nas sombras, conseguiu divisar um par de figuras,

um homem e uma mulher. O homem usava terno e gravata azuis, a mulher, um conjunto cinza, ambos tinham lenços em torno do pescoço, mas estavam sem sobretudo. Os dois com uma pasta de couro debaixo do braço. Testemunhas de Jeová. Ficaria de olho neles até enfiarem um folheto na caixa do correio e depois se afastarem para tentar a sorte com os vizinhos. Mas não fizeram isso. O olhar do homem ficou subindo e descendo pela frente da casa, a mulher tocou a campainha outra vez, mais forte, pareceu. Aaron se escondeu ainda mais, ficou em tal silêncio que podia escutá-los sussurrar. Quando tocaram a campainha pela terceira vez, ele levantou e foi até a porta.

Seus visitantes se apresentaram com nomes que ele esqueceu na mesma hora. Alegaram ser do Ministério da Justiça, queriam lhe fazer algumas perguntas sobre "o sr. Sigerius". Por um breve momento, ele teve certeza de que tinham vindo para lhe dizer que o ex-sogro havia falecido.

"Parecemos tão tristes assim?", perguntou o homem com voz bondosa. Parecia solidário, também: rugas bem-intencionadas se formaram em sua cabeça dura como pedra, mas o aperto de mão o entregou; uma força de torno hidráulico. Seu cheiro era uma mistura sutil de loção pós-barba e do óleo marrom que usava para lubrificar suas armas de fogo.

"Seu amigo foi nomeado para um cargo importante", acrescentou a mulher. Não sorriu, mas deslizou a ponta do sapato pela soleira. Alguma coisa lhe dizia que tinha de causar uma impressão sólida, estável, nessas pessoas. "Vamos entrando", disse.

No corredor, escutou a mulher respirar com aspereza pelo nariz triangular. "Cavalos?", perguntou ela quando ele os conduzia pela casa; estranhamente, era como se todos os três estivessem ali pela primeira vez. Parecia estar sonhando, sonhava com o odor de estrume fresco, odor que raramente notara até então. Era como se estivesse vendo a si próprio do sofá, viu-se entrando na sala gelada e na mesma hora notou que parecia de fato bem estranho, no quimono de Sigerius, que usava como se fosse um roupão, que um dia fora branco, mas que agora estava manchado e encardido com

pedaços de comida velha. Ele também percebeu, por seu coração acelerado, que sua sala não irradiava exatamente estabilidade e solidez; estava ocupado esvaziando suas estantes, por toda parte havia pilhas de livros que planejava usar para atizar o fogo em sua multilareira no inverno seguinte, começara a fazer frio e o aquecimento central proporcionava temperaturas mornas, na melhor das hipóteses. Além do mais, precisava comprar sacos de lixo. “Não reparem na bagunça”, disse, na verdade mais para si mesmo.

O homem chutou do caminho alguns excrementos de porquinho-da-índia, provocando um som muito agudo que continuou reverberando. A mulher ergueu as sobrancelhas pintadas e olhou em volta. Rapidamente, ele removeu a pilha de caixas de pizza da poltrona perto da cortina. “Sentem-se”, disse, com um gesto na direção do sofá roxo, o único lugar desocupado na sala, porque ele mesmo não estava ali. Pôs as caixas na mesinha de centro, sobre um prédio de livros, e sentou na poltrona liberada. A embalagem de massa que estivera comendo estava a seu lado, perto do pé direito da mulher, uma língua congelada de molho bege escorrendo dali.

“O senhor namora a enteada do senhor Sigerius, está correto?”, perguntou o homem. Ele sentava no sofá como se fosse uma privada de posto de gasolina. “Segundo nossa informação, o senhor e o senhor Sigerius são bem próximos.” Apontou a raquete de badminton, visível sob uma pilha de caixas. “Treinavam juntos e são amigos íntimos.”

“Isso mesmo.” Não via o menor motivo para se aprofundar em detalhes sobre a situação. Como poderia explicar? O fato de que estava tudo arruinado não era da conta deles.

“Estamos interessados no filho de Sigerius”, disse o sujeito. “Seu filho biológico.”

Aaron balançou a cabeça. A divisão de tarefas era clara: a mulher sentava com uma caderneta no colo, preparada para escrever tudo que ele dizia. Notou que ela olhava com interesse para o poste de cerca. Estava apoiado na estante vazia, como um palito de dente de Gulliver.

“Não tanto no filho em si”, disse o homem, “mas na relação dele com o senhor Sigerius. O que pode nos dizer sobre isso?”

O homem se dirigia a ele como um semáforo que poderia a qualquer momento mudar a forma de tratamento, passando do “je” formal ao “jij” informal. Ele transbordava agressividade. Em sua sala, nas profundezas do subsolo, em algum complexo de concreto com intermináveis corredores e portas de segurança, havia uma lâmpada brilhante, monocromática, pendurada acima da mesa.

“Não tive contato nenhum com ele”, disse Aaron. “Zero. Como talvez estejam sabendo, ele é um pouco, ãhn... como posso dizer educadamente? Um sujeito estranho.”

O homem balançou a cabeça com gravidade, mas a mulher, reagindo a suas últimas palavras, deu uma risada curta, que tentou disfarçar com a mão. Vendo que ele percebia o que estava pensando, a mulher perguntou: “O que aquele poste está fazendo aqui?”

“Preciso dele para minhas expedições”, disse ele, com ansiedade e franqueza excessivas — arrependeu-se imediatamente, e, como não fornecesse maiores explicações, ficaram todos olhando para o poste de cerca sujo de lama que desenterrara em um parque, numa de suas idas ao supermercado. No alto, onde havia um grampo para a passagem do arame farpado, ele amarrara um pedaço de corda.

“Expedições?”, perguntou o homem. Enunciou a palavra como se não tivesse nenhuma conotação científica, mas sim perigosa, uma ameaça à segurança nacional, o que além do mais pareceu levar para o lado pessoal.

Aaron balançou a cabeça. “Se a gente só for esperar o governo”, respondeu, com a maior sinceridade possível, “nunca vamos chegar ao fundo do desastre na fábrica. Por isso estou dedicando meu tempo livre a investigar o significado mais profundo disso tudo.”

O homem fixou seu olhar sobre ele, um ferro em brasa que o obrigou a baixar o rosto. “No sentido escatológico”, explicou, falando com a mulher. Ela lhe sorriu como se olhasse para um bebê no berço. “E o que esse poste tem a ver com isso?”

Tudo. Será que teria de lhes contar que às vezes, quando as luzes dos vizinhos estavam apagadas, ele arrastava seu poste de cerca para um trecho da paliçada de isolamento diante do Rijksmuseum e o usava como apoio para subir no topo? Depois, puxava o poste pela corda e pulava entre os escombros, na escuridão. Algumas vezes, ficava andando por lá, espirrando com as cinzas que seus pés chutavam, apontando o facho da lanterna para as pilhas de entulho. Angustiado com o significado disso tudo, a multiplicidade de consequências, todas causais, ele xeretava os colossais veículos que as equipes de limpeza conduziam durante o dia, examinava as fundações de casas demolidas como se fosse um dentista. Quando ficava exausto, ou assustado com o barulho em sua cabeça, ia até a cratera onde ficavam os bunkers da S. E. Fireworks, agora um tanque de areia isolado com fita de plástico amarela e preta. E então deitava de costas, olhando de seu observatório para as estrelas, deixava-se atropelar pelo estouro de manada em seu cérebro. Era um lugar assustador. Seria ajuizado contar isso àqueles policiais? O medo no ponto focal de seu enclave fuliginoso. Ao longe, o halo da cidade inconsciente.

“Nada”, disse ele.

“Lembra-se de algum conflito entre Sigerius e o filho dele?”, perguntou o homem. A escatologia pelo jeito não o interessava nem um pouco.

“Ah, sim”, respondeu ele. “Brigavam por causa de tudo. Até por um copo de Coca.”

“O senhor acabou de dizer que eles não tinham contato.”

“Disse? Não têm; não tiveram por um bom tempo. Não é uma coisa que eu diria a troco de nada.”

O homem o submeteu a um fogo cerrado de perguntas, fazendo insinuações, tentando pescar sinais de problemas entre Wilbert e seu pai; ele estava atrás de alguma coisa. Como se o que mais gostaria de ter escutado era que Sigerius e Wilbert haviam trocado socos bem ali naquela sala e espatifado, ambos, a porta de correr. Nesse meio-tempo, alguns detalhes lhe vieram à mente. Eu poderia entregar a história toda, pensou, eu poderia lhes contar o que sei

sobre o processo contra o cara, e o papel traiçoeiro desempenhado por Sigerius. Por ora, deixou o homem falar, escutou sua própria voz dando respostas evasivas e ficou surpreso em perceber seu interesse divagando, estava quase cochilando. Ou esses seriam na realidade seus momentos despertos? Perguntou-se outras coisas também, como: a quem prestava contas o casal Sjöwall & Wahlöö ali, e se Sigerius encontraria a transcrição desse interrogatório em sua mesa pela manhã. O fortão de início lhe garantira anonimato, era uma investigação de rotina, alegou, mas o serviço secreto muitas vezes negava informações.

“Quem chama a si próprio de serviço secreto?”, ele perguntou.

“Que tal deixar que a gente faça as perguntas”, disse a mulher.

O agente secreto se levantou com um suspiro, amassando caixas de pizza com seus sapatos italianos. Tremendo de frio, andou junto às estantes. “Isso não é nada”, falou Aaron. “Dizem que vai esfriar mais hoje à noite.”

“Você está de mudança ou algo assim?”, perguntou o sujeito, seu queixo apontando como um urinol para as pilhas de livros espalhadas por toda parte. Não, não ia se mudar, mas não podia aguentar mais aquilo, milhares de lombadas olhando para ele das prateleiras.

“Quem sabe”, respondeu. Costumava devolver o olhar, mas ultimamente isso o deixava deprimido, mesmo agora com seu amigo de ombros largos parado na frente deles, esfregando as mãos, as costas quadradas dentro do paletó, prestes a empreender uma de suas incursões: agachado, apoiado na ponta dos pés, fazendo perguntas, um fluxo constante de perguntas. Havia lido todos eles? O que achava daquele Vestdijk? E este, você leu? De que adiantam todos esses livros? Por que não emprestava para alguém? Como os mantinha em ordem alfabética? De que servia uma primeira edição? E Naipaul, valia a pena ler? E de repente, lá estava seu sogro outra vez, segurando um dos milhares de romances que havia trazido para seu ninho após o fiasco de Utrecht, uma montanha de livros nunca lidos que exerceram tamanho fascínio em Sigerius. Por que ele achava tal autor tão bom? E esse aqui, não é superestimado? Então

acha que devo ler? O que preciso ler antes de morrer? — um interesse sem limites, Aaron inicialmente se perguntando se era genuíno, ou se Sigerius estava apenas retribuindo o favor por sua própria curiosidade ilimitada pelo jazz.

O fato de que Sigerius sempre voltava era prova de que realmente estava interessado. Ao que parecia, sentia falta dessas conversas. E sem dúvida tinha uma boa defasagem para tirar. A literatura não era seu ponto forte, podia-se dizer que era um grande ignorante nessa área. O homem que se virou e olhou para ele achava que Dostoiévski era compositor. Cresceu entre marinheiros e operários da construção. Faulkner? Não tinha a menor ideia. Em seus discursos de abertura de um ano acadêmico, Sigerius nunca economizava nas citações, Bellow, Böll, Bordewijk, Borges, tudo com um B de Básico, mas usado de forma decorativa e arbitrária. De repente, sentiu o impulso de fazer um comentário a respeito, uma estranha virulência o dominou. “Você leu tão pouco”, disse. “Praticamente nada.”

De sua parte, tudo que fez nas semanas, meses, anos que seguiram ao fiasco de Utrecht foi ler, de raiva reprimida, ou de pura frustração, leu centenas de romances, em muitos casos se perguntando, mesmo antes de ter conhecido Sigerius: por quê? Ainda não cansou de tentar provar algo para si mesmo? Quando vai admitir a derrota? Era Sigerius que, em retrospecto, proporcionava a seu frenesi literário uma significação cristalina. “Aaron”, dissera, “não sou nenhum intelectual. Me ajude a pôr as leituras em dia.” Ao tomar consciência disso, lágrimas vieram aos seus olhos. Levantou de sua poltrona e deu um passo na direção de Sigerius, preparado para abraçá-lo—

“... perguntou pra você”, dizia o homem.

Os olhos de Aaron se arregalaram. Não escutara coisa alguma. Será que dormira? Ou aquilo é que era um sonho? Olhou para o homem. “Sigerius e eu temos uma relação muito próxima”, murmurou ao acaso, sua voz tremendo mais do que o aceitável, “às vezes parece que eu é que sou filho dele.”

Infelizmente, a mulher não anotou isso. Ela fechou o botão superior de sua blusa. Aqueles dois não estavam ali para investigar Sigerius, ele os enviara. Eram seus agentes, ele sabia muito bem que Sigerius já era ministro, provavelmente primeiro-ministro, a essa altura.

“Ora essa, vejam só”, disse o homem. Estava aboletado na beirada do sofá como um dândi. “E o que isso nos diz sobre Sigerius e seu filho de verdade?”

A mulher olhou seu relógio enorme, de ouro branco. *Mas aquilo seria mesmo um relógio?* O medo se espalhou por suas veias como um jato de nanquim, vários órgãos dispararam ao mesmo tempo, numa linha de produção para tempos de guerra: o pânico subjugou suas emoções de um instante antes, como tudo podia mudar tão rápido! Cravou suas mãos úmidas nos braços de couro da poltrona. Aquele relógio era provavelmente um dispositivo, uma webcam testada pela Nasa, e Sigerius e a mulher se viam nesse exato momento, julgando-o, nosso amigo aqui acha que está sacando tudo, sem saber que ele também havia sacado tudo. O grande jogo de sombras começara.

“Wilbert não desempenha papel nenhum em nossas vidas”, disse, o mais delicadamente possível. “Sigerius o abandonou quando era bem pequeno.” Agora que já sacara tudo sobre eles, notou que Sjöwall usava um grande anel de sinete, seu punho fechado de boxeador parecendo a cabeça de um ciclope, e fitou seu olho, um diafragma aberto. Ninguém desempenhava mais papel nenhum na vida de ninguém, ele percebeu além do mais. Ouviu um barulho, um golpe de vento deu vida à janela fechada com tábuas, no fundo. Todos os três olharam. Sigerius o abandonara também, e como. Por mais estranho que parecesse, não conseguia apontar a causa exata, devia ter havido um motivo de algum tipo, enfim, seu amigo o deixara verdadeiramente na mão. Uma onda de irritação tomou conta dele. Que bicho mordeu Sigerius para ele criar esse hábito de abandonar sua família? Ele estava sendo espionado aqui, mas sempre é possível virar a mesa, por que não assumia o controle da situação? Essa era sua chance, a linha estava aberta, esse era o

momento de tirar isso do peito. Como filho de verdade, era seu dever ter uma palavrinha ou duas com Sigerius, de preferência sem que Dupond e Dupont ali percebessem. Não ia ser nada bonito, mas com o tempo seu amigo acabaria lhe agradecendo por isso. Ele queria dizer que amava Sigerius como a um pai, mas que se sentia terrivelmente abandonado, e disse isso mesmo, mas o que saiu de sua boca foi tão mudo e abafado que o homem esticou sua cabeça de granito para a frente.

“O que disse, filho?”

Levou um susto. De repente, farejou o poder preocupante de Sigerius, um cheiro pronunciado e fresco de chiclete. Suas lágrimas já estavam mobilizadas, agora corriam livres, ele chorou miseravelmente. O homem lhe perguntou outra vez o que estava tentando dizer, aproximou sua orelha pequena e achatada até quase tocar em sua boca. Aaron sussurrou as palavras sobre afeição paternal e o fato de não se sentir valorizado.

O homem afundou de volta no sofá, olhou para ele. “Aposto que não é tão grave assim”, disse. A mulher fechou a caderneta, com uma batida. Olhou pela sala, o nariz franzido. “Vamos indo, então.”

O tempo passou, segundo as leis da física clássica. Uma estação mais austera chegou, tempestades sibilantes sopraram água de chuva e enrodilhadas folhas outonais dentro da casa. Seus porquinhos discretamente cavoucavam aqui e ali, ele escutava atentamente os dentinhos mordendo e as patinhas raspando. As noites ficaram mais longas.

Na noite da segunda visita — ou seria madrugada? —, o som da campainha dilacerou o silêncio meloso que o envolvia. Ele estava acordado? Sim, segurava a maçaneta da porta do banheiro na mão. Havia pedido comida? Não conseguia se lembrar e, além do mais, precisava se aliviar. Em vez de fazer a coisa sensata — trancar-se no banheiro —, foi depressa até a sala, agachou-se junto ao aquecedor desligado e espiou o lado de fora sob a cortina. Sua visão da entrada estava bloqueada, então abriu uma fresta no lado esquerdo da

cortina e pressionou a têmpora contra a vidraça gelada: havia alguém parado sob o toldo de madeira? A resposta veio numa série de fortes batidas na porta; ele caiu sentado, de medo. Engatinhou de volta para o vão sob a cortina. A silhueta, um homem, a julgar pela postura, mostrava impaciência, deu três passos para trás e ergueu o rosto, voltou à porta e chacoalhou a entrada de correspondência, fazendo um barulho ensurdecedor. Levava alguma coisa nas costas, uma pequena mochila. Sua boca bafejava pequenas nuvens de agitação.

Os intestinos de Aaron gorgolejaram. Por que não seguira em frente e sentara no vaso? Alguma coisa escura passou em frente à casa, ele prendeu a respiração, o homem parou bem diante da janela da sala. O que estava acontecendo? No momento seguinte, terríveis batidas no vidro. Seu coração se encolheu como um cachorro correndo para debaixo do sofá. Duas mãos abertas, como os pés de uma criança, espalmadas contra a janela, entre elas um círculo de condensação. Perdendo o equilíbrio completamente, ele caiu de frente, por pouco não arreventou o queixo no peitoril de granito, mas seus joelhos bateram no aquecedor com um baque surdo e metálico. Quando ergueu o rosto, fitava um par de olhos fundos, inquietos. Eram os campos petrolíferos incendiados de Sigerius. Na mesma hora, desviou o rosto, enfiou o queixo no peito. O momento chegara de fato? Ali estava ele agachado, paralisado, lutando contra o vento como o pequeno Hans Brinker, resistindo desesperadamente contra a imagem impressa em sua retina. O que acontecera com o rosto de Sigerius? Era por causa da porta de vidro que atravessara? Ou um efeito da angústia, da devastação, da humilhação? Estava contorcido, afundado, como se uma máscara demoníaca tivesse sido feita de seu antigo rosto.

Ele estava sonhando? Sentiu lágrimas descerem por suas bochechas. Estilhace esse vidro também, pensou. Vá em frente, quebre. E depois quebre minha cabeça. Estava entorpecido de medo: seus joelhos, suas pernas, seu corpo todo, eles não mais existiam, todos os seus nervos haviam se aglomerado no topo de seu crânio, à espera do golpe de misericórdia. Bata!

Vidro quebrado. Ele caiu para trás, gemendo. Escutou o tilintar dos cacos, perturbadoramente distante e ao mesmo tempo assustadoramente próximo. Mas: nenhuma dor. Nenhum estalo de osso rachado, nenhum jorro quente de sangue. Não sentiu nada! Em vez disso, escutou o ferrolho da porta sendo aberto. O alívio deu lugar a um novo medo: *ele está vindo atrás de mim*.

Só que mais uma vez alguma outra coisa aconteceu. Sigerius não entrou na sala, mas subiu a escada rapidamente. Aaron ficou com a bunda colada no chão, escutando os sons vindos do andar de cima. Após um breve silêncio, ouviu o rangido da escada retrátil, e então: passos. Sigerius estava no sótão! Não ousara subir lá outra vez desde aquele terrível dia em junho. Por duas vezes havia parado no patamar, uma de suas mãos úmidas segurando o alicate, a outra, um degrau da escada do sótão, olhando hesitante pelo alçapão, planejando sem dúvida fazer tudo ali em mil pedaços. Mas não conseguiu.

O que Sigerius estava fazendo ali? Será que haviam voltado para casa antes que ele tivesse tempo de vasculhar tudo do modo como queria? Será que esquecerá alguma coisa lá?

“Siem”, disse em voz baixa.

Seus dentes batiam como se estivesse numa banheira gelada, ele mordeu o lábio inferior com a maior força possível. O que poderia dizer?

Após uma eternidade que não pareceu durar mais do que um segundo, escutou os passos outra vez, o rangido, uma pancada surda. Pulou os últimos degraus? Sapatos pesados desceram a escada com estrépito. Ele estava furioso!

Aaron limpou a garganta. “Siem”, sussurrou, não conseguia imprimir nenhum volume à sua voz. Ergueu as mãos para se defender. Queria gritar — mas em vez disso, defecou. Seu calção se encheu de excremento quente. “Siem...”, gaguejou. “Desculpe. Me perdoe.” A bosta vazou para fora do calção, escorreu entre suas coxas.

A porta da frente bateu com um grande estampido, os passos sumiram nas pedras do caminho em seu jardim. Ele exalou. Uma

porta de carro bateu, um motor deu partida e o carro se afastou.

Quando acordou, assustado, ainda estava escuro. Em seu sonho, também cheirava mal, mas o fedor que sentia agora era insuportável; ficou com ânsia de vômito. Suas fezes haviam esfriado e grudado como lava endurecida entre suas nádegas e os fundilhos de seu calção de corrida. Ele se levantou, a bile em sua boca, segurando a massa morna no lugar com as duas mãos. Sufocando de nojo, atravessou a sala e foi para o corredor. Tropeçou na escada, entrou no banheiro, abriu a torneira, que por algum tempo cuspiu apenas ar. Fazia dias que não tomava banho. Despiu-se sob o chuveiro, jogou as roupas imundas no piso e as pisoteou como se fizesse vinho. A água quente caiu pesadamente, ele continuou com suas pisadas, esguichou quantidades infindáveis de xampu e gel de banho entre os pés, meia hora, uma hora, o tempo que fosse necessário, até que toda a água espumante de esgoto houvesse desaparecido pelo ralo e o único cheiro que restasse fosse de Palmolive.

Só então se ensaboou, esfregando a virilha, os ombros, os braços, a barriga, as pernas, até sua pele ficar vermelha. Lavou as axilas grudando de suor e esguichou xampu para bebês Zwitsal na fina faixa de cabelo atrás de sua cabeça.

Secou-se devagar, mecanicamente. Então embrulhou uma toalha na cintura e saiu no patamar. Respirando fundo, segurou a escada retrátil e subiu no sótão. Era uma área de desastre. A prateleira com os sapatos de Joni parecia ter sido chutada, os sapatos de salto espalhados pelo chão. O gaveteiro de lona tinha ido parar no meio do cômodo, calcinhas, sutiãs e meias-calças jogadas para todo lado. As gavetas de sua mesa de computador estavam abertas. Foi até a cama desfeita e mordeu a palma da mão suada. O que Sigerius estivera fazendo ali? Nunca subira ali outras vezes antes? Ou viera fazendo isso durante meses?

Sua atenção se dirigiu a uma pilha de roupas perto do alçapão. Roupas de homem. Um terno riscado cinza-claro: paletó, calça, o

traje completo. Sob a calça, uma cueca boxer branca. A camisa branca tinha suaves faixas rosa, as abotoaduras continuavam nos punhos. Aqueles sapatos... eram os caros Greves de Sigerius, sem a menor sombra de dúvida, um deles com um calço no salto. O que suas roupas estavam fazendo ali, pelo amor de Deus? Será que as trouxera consigo ao entrar? Por quê? Tateou os bolsos da calça e do paletó. Chaves, uma chave de casa solta, uma carteira, um celular desligado.

Voltou à cama e afundou nela. E ficou ali, sabe Deus por quanto tempo. Talvez tivesse dormido. Fosse como fosse, estava gelado até os ossos quando se levantou e foi até a pilha de roupas. Deixou cair a toalha e, tremendo, começou a vesti-las.

No primeiro fim de semana de dezembro, ele só volta para Enschede no sábado à noite. Como Tineke fica desapontada por “não comemorarem o Sinterklaas” nesse ano, compra para ela um bracelete de prata com pérolas de água doce na joalheria na Denneweg, em Haia. Ela o leva a um vegetariano recém-inaugurado na Hengelosestraat, e após fazerem o pedido abre o embrulho em papel imitando mármore. A reação dela lhe parece ser mais de surpresa do que de felicidade, suas sobrancelhas se erguem, ela sacode o bracelete em seu pulso gordo. “Isso não é muito a sua cara”, diz, e com razão — vindo dele, presentes espontâneos são algo completamente atípico, sempre há segundas intenções. Essas são pérolas penitenciais, uma única pérola equivale a um ano a menos no purgatório, ele sorri como um marinheiro de água doce.

Ele a põe a par de suas atividades no ministério. Comem qualquer coisa com acelga e ervilhas. Ele quase engasga quando ela diz: “Falei com Joni”.

“Ah é? Ela ligou para você?” O restaurante está escuro, ele espera que ela não perceba como está agitado.

“Eu li—”

“Mas a gente não tem o telefone dela.” Não fique agitado demais, ele pensa, não há nada a ser feito sobre isso agora.

“Cansei de esperar.” Ela limpa a boca com o guardanapo de papel. “Sei que o tempo voa para ela, mas sério, cinco meses é—”

“Quatro. Você ligou de Creta.”

Ela fica perplexa, olha para ele. “Que diferença faz? Certo, quatro. Enfim. Acho que quatro meses é bastante tempo. Então liguei para a McKinsey. Assim, no escuro. E dei sorte.”

Ele esfrega o queixo hirsuto, esperando tranquilizar os nervos. Gostaria de poder escutar exatamente o que disseram uma à outra, palavra por palavra, não da boca de Tineke, mas antes de uma fita cassete que pudesse pôr para tocar à vontade e voltar quando necessário. Precisa de tempo para planejar seu curso de ação. Tudo estava indo tão bem. Por algumas semanas, tem tentado se convencer de que sua ofensiva noturna deu certo. Desde o blefe no correio de voz de Wilbert — pelo menos, o que ele supõe ser o celular de Wilbert —, não recebeu mais ligações. Mas não está tranquilo. Não voltou mais à sessão de perguntas aos parlamentares, por exemplo.

“E?”, ele sorri, “o que ela tinha a dizer?”

“Ah, você sabe. A gente conversou rápido, claro. Eu a peguei de surpresa. Ela parecia cansada. Mas pelo jeito o estágio está indo bem. Acha que vai receber uma oferta de emprego.”

“Ela vai para a França?”

“Provavelmente não. Vai ficar enrolada o mês inteiro com um cliente grande.”

“Então vai ficar fazendo hora extra no Natal”, ele diz. Tenta esconder o alívio que sente, soprando como uma brisa por dentro. “Onde ela está trabalhando?”

“Onde? No escritório.”

“Para que empresa, eu quero dizer. No Natal.”

O modo casual como sua esposa considera a questão o tranquiliza. “IBM?”, ela diz. “É, IBM.”

“Ah, bom”, diz ele. “Acho que ficar na casa de Hans e Ria não ia ter muito a ver com ela, de qualquer maneira.”

“Ela sempre gostou de esquiar. Eu perguntei discretamente sobre Aaron.”

“Ãh-hã. E?”

“Ela disse que é melhor assim.”

Voltam para casa sob chuva fina. Às vezes, no fim do dia em Haia, sente saudade de Enschede, mas agora o pensamento de

Tineke perambulando por essa concha vazia, embalsamada, dia após dia, o leva a ansiar pela azáfama inebriante de seu ministério. Ele para o carro no caminho de cascalho, usam a porta dos fundos, a área de serviço cheira à roupa lavada. Tineke abre a tampa da máquina e tira a roupa úmida, ele vai para a sala escurecida, acende a luz.

“Muita correspondência?”, ele pergunta de longe, mas Tineke não escuta. Vai até a entrada, sente o cheiro familiar de ardósia e verniz de madeira. Acende a luz acima da cômoda, a pilha de envelopes e revistas chega quase à altura da foto de Marselha, ao lado dela os jornais que pediu que guardasse. Entre os envelopes há um pacote contendo um livro que encomendou faz algum tempo, um envelope do Japão, o último número da *Pythagoras*, uma pilha de felicitações tardias por sua nomeação, dois números da *Voetbal International*, contas, uma carta da Academia Real das Artes e Ciências da Holanda e um envelope grande, cheio de calombos, cujo endereço foi riscado com tinta vermelha, sob o qual Tineke escreveu “destinatário errado”. Sente alguma coisa dura ali dentro. Ele engasga, suas cordas vocais vibram ao ler para quem está endereçado. “Sr. Thomas Turbando”, numa caligrafia infantil, Langkampweg 16, 7522 cz Enschede — “Langkamp” em vez de “Langenkamp”.

Primeiro sua mão fica quente, depois fria e úmida, seu suor encharcando o papel do envelope. Quer dizer então que sua esposa não acha que o sr. Thomas Turbando mora ali. O impulso de correr para a área de serviço e abraçá-la, confessar tudo, dizer que sente muito, e ao mesmo tempo o medo de que simplesmente o largue — ele fica paralisado. Olha para si mesmo na foto em Marselha: um tronco sentado em outro tronco. *Não vai me pegar, meu amigo.*

Ele pressiona o envelope contra o peito, vai ao banheiro, afunda na privada. Enquanto esvazia a bexiga, rasga a parte de baixo, porque a de cima está lacrada com fita adesiva marrom. Sua mão trêmula tira coisas terríveis: uma meia-calça arrastão, uma calcinha vermelha, um pedaço de tecido, um lenço amarrotado — seu lenço, percebe ele, o choque da compreensão atingindo-o como um raio. O

algodão parece encrostado no meio, pode ser catarro, mas provavelmente é alguma outra coisa, algo que o enfurece e entristece ao mesmo tempo. Um objeto duro escorrega do envelope, cai no capacho de borracha com um baque surdo. Uma imitação de pênis preto.

Ele respira fundo, perplexo, furioso. E com medo. A ousadia do ato o deixa chocado. Levanta, volta a sentar. “Filho da puta”, murmura. Isso é levar a coisa longe demais, pensa, as coisas estão chegando a um limite. Será que aquele animal estava no sótão? Não consegue nem imaginar isso. Assim que disse: você não tem nenhuma prova, o rapaz aparece com esse negócio como resposta. Ele esteve de fato na Vluchtestraat? Ou o pacote veio de... de *Aaron*? Não. Não? Ele não sabia de merda nenhuma. Aaron teria deixado Wilbert entrar? Ou o maníaco invadiu a casa?

Ele pega o consolo cheio de veias no piso azulejado e tenta quebrá-lo no meio, em vão. Então o embrulha em papel higiênico, na ingênua suposição de que pode se livrar daquilo pela descarga, bem como o resto, tudo, se livrar de tudo — mas reconsidera. Tineke vai querer saber o que aconteceu com o envelope. Precisa agir com cuidado.

Só agora olha dentro do envelope, alguma coisa continua enfiada ali no canto, uma carta, ele puxa, um papel pautado, ele o desdobra. A mesma caligrafia de criança que viu do lado de fora. “Arranja cem mil florins, punheteiro”, ele lê. “Mostre um pouco de responsabilidade ministerial.” É instruído a ir à praia em Scheveningen — “Vou facilitar pra você, punheteiro, pertinho do seu lugar de descascar uma bronha” —, na quinta-feira, 14 de dezembro, às oito da noite, e enterrar uma bolsa contendo cem notas de mil florins na beirada das dunas, bem na frente do marcador 101 da praia. “Se o dinheiro não estiver lá, umas fotos vão circular.”

Mais uma vez, começa a suar, devido à raiva, mas também de nervosismo, beirando o pânico. Diabos, isso não é apenas assédio, é pior, é chantagem — e chantagem pesada. Está sendo achacado pelo próprio filho. Será que deveria ir direto para a polícia? Sim. E

contudo... *não*. Suas panturrilhas ficam endurecidas, ele trava os dentes até quase racharem. Então essa é a sensação de ser chantageado.

Melhor lidar com a situação de forma astuciosa e metódica. Acalme-se um pouco. Não pode ir para a sala desse jeito, carregando o envelope. Em cima, no seu escritório. Rapidamente, enfia o conteúdo de volta no envelope forrado de plástico bolha. Vai pegar toda a correspondência e levar junto, enfiar o envelope no meio. Fica à escuta de algum sinal de Tineke; só quando tem certeza de que a barra está limpa, dá descarga e sai de fininho. Passa a mão na pilha de cartas e revistas e sobe a escada, de quatro em quatro degraus.

Seu escritório está gelado, ele senta, empurra a correspondência regular para o canto da mesa. Antes de trancar o pacote envenenado numa das gavetas verdes de aço, retira o bilhete de chantagem, relanceia mais uma vez a breve mensagem. Às palavras “responsabilidade ministerial”, a dúvida toma conta dele outra vez: seu filho usaria uma terminologia dessas? E: será que menospreza seu filho a tal ponto que duvida que o rapaz conheça o termo que é, afinal de contas, a descrição de seu trabalho? Sim, menospreza.

Dobra o bilhete e o enfia no fundo da carteira. Com um suspiro mínimo de alívio, gira a chave e por alguns momentos fita o vazio. A pequena janela acima de sua mesa, contra sua moldura de verde cromado, está negra como carvão. Ele gira a cadeira para observar o ambiente, mas o que deveria ser familiar e confiável, os únicos metros quadrados no mundo que são seu domínio exclusivo, sua caverna, seu espaço reflexivo — é esse exato ambiente que o lembra de seu algoz. Aquela víbora dormiu ali. A víbora que ele pôs para fora com a ajuda de um pedaço de pau. Agora, dez anos depois, ali está ele sentado, suando, estressado, esgotado. Agora o filho da puta está deixando que ele sinta na pele o que significa ter poder.

Chega. Basta. Ele respira fundo, dá um tapa na coxa com a mão aberta. Precisa contar a Tineke alguma coisa. Nem que seja uma meia verdade, o momento é esse. Dessa vez, foi um envelope cheio

de roupa íntima, da próxima será o maníaco em carne e osso — e depois? Seus esquemas e evasivas já puseram Aaron em perigo, coisa que por si só o enfurece, seu reflexo é proteger Aaron: na insana novela mexicana que sua vida se tornou, precisa proteger seu genro de seu filho legítimo? Chegou a hora de uma confissão.

Ela não está no andar de baixo. Então normalmente estaria na oficina, no fundo do quintal. Na cozinha, ele bebe um copo d'água. Olha com indecisão para o escuro além da área de serviço, acende a luz externa e caminha pelo malcuidado gramado invernal, onde nota os cardos brotando. Na metade do caminho já escuta o zumbido da serra circular de mesa e do aspirador de serragem. Abre a porta pesada e para na entrada de tijolos. Cerca de vinte metros adiante, sob luzes fluorescentes suspensas em fios finos, sua esposa empurra uma prancha de madeira ao longo da lâmina. Ela não percebe sua presença, está usando protetores auriculares.

Por onde começar? Inala o aroma agradável, construtivo, de madeira recém-aplainada. Fica feliz por ela não notá-lo. Como sempre, admira sua criatividade, sua esposa pensa em algo, esboça, deixa que se materialize de seus dedos, vende. Observando-a trabalhar — ela está concentrada, absorta, atenta, seu corpo acima do peso parece operar em seu benefício entre as máquinas, como se fosse uma condição para mostrar quem manda —, o impulso se esvai dele como uma maré vazante.

Deve se aproximar? Dar um tapinha em seu ombro, querida, venha sentar um minuto, tem algo que preciso lhe contar. O que o comove nesse exato momento, nesse momento impossível, é o alegre pragmatismo de ter ficado ao seu lado todos esses anos, sempre que a coisa dizia respeito a seu filho. À medida que as catástrofes, pequenas e grandes, se acumulavam em torno do menino, era sempre ela que punha as coisas em perspectiva, que oferecia soluções, percebia pontos de vista sem os quais ele teria afundado em algo que talvez tivesse virado uma depressão. Onde diabos estaria se não fosse por ela? É a primeira a negar isso, a

descartar a ideia completamente, assim como faz com as recurvadas aparas de madeira nesse instante, ele acredita sinceramente que sem essa mulher estaria até hoje na Antonius Matthaeuslaan, a perna engessada na tração por toda a eternidade, com a barba chegando até a Willem van Noortplein, choramingando suas ambições olímpicas despedaçadas.

Por meses, ficou com um humor de cão. Bastava olhar para seu quimono e as lágrimas brotavam em seus olhos. Às vezes, ele e Margriet escutavam as gargalhadas dela, altas, luminosas, irresistivelmente alegres, penetrando direto pelo piso da cozinha, penetrando em seu próprio silêncio acabrunhado, infeliz. Um motor a combustão se movera sob eles, uma força feminina que fazia suas vidraças sacudirem nos caixilhos. Depois que sofreu o acidente com a motoneta e Margriet, por necessidade, teve de passar a trabalhar fora, e ela, a vizinha de baixo, começou suas pequenas visitas amigáveis, a partir desse instante ele se esqueceu da esposa e do filho pequeno. Tinha de admitir. Os dois deixaram de existir. Ele ficava em seu catre e, ao seu lado, estava Tineke.

Agora também tem plena consciência de por que se apaixonou: aquela vitalidade. Seu entusiasmo pela vida, sua exuberância. A maneira como fica ali, naquela máquina, que os dois compraram juntos numa fábrica em Münster, onde ela aparentemente sabia tudo que havia para saber sobre marcas e modelos, questionando o vendedor em alemão fluente sobre rpm's e posições de lâmina. Ela foi seu reinício, restaurou sua força de vontade. Eis por que não pode ir até lá nesse momento e desmontar diante de seus olhos.

As visitas matinais de Tineke fizeram mais do que tirá-lo de sua autopiedade melosa; sem ela, nunca teria descoberto a matemática. Ela tocava a campainha pelo menos uma vez, às vezes duas, toda semana, sobretudo quando Margriet estava sentada diante da máquina de separar correspondência, do outro lado da cidade, e então ele puxava o cordão que sumia escada abaixo por meio de uma polia, prendendo-se ao fecho da porta da frente, e ela subia ruidosamente, com ou sem Joni no colo — loira, grande, atraente, alegre, interessada, inteligente. Esvaziava a garrafa térmica na pia

da cozinha e fazia café fresco, ajudava-o a ir ao balcão se o dia estava ensolarado, às vezes trazia uma perna solta de cadeira ou mesa que precisava lixar, sentava a seu lado e conversava com ele sobre seu dia, sua vida, sobre como andavam as obras do novo centro comercial de Hoog Catharijne, no centro. Numa dessas manhãs em que apareceu para animá-lo, ela trouxe uma caixa cheia de coisas para ler: *Libelle*, *Ariadne*, *VT-wonen*, *Privé*, *Panorama* e tantas porcarias nesse estilo que ele se perguntou por que ela lia aquilo, por que aquele seu cantor de blues lia aquilo.

“É da minha mãe”, disse ela, e contou que seus pais moravam em Tuindorp, o bairro onde crescera, e só mais tarde nessa mesma semana ele revirou o conteúdo da caixa, e talvez nesse momento, ou mais tarde, três livrinhos verde-musgo com os anéis olímpicos escorregaram da pilha, aquele símbolo que ele não podia olhar sem perder o bom humor, e os anéis quase o impediram de folhear esses livrinhos.

Matemática. Aritmética. Muito tempo antes, em Delft, ele revelara grande facilidade para a álgebra e a geometria, e esse foi o único motivo para ter feito o Mulo-B, uma extensão de exatas, no colegial: o mínimo de línguas possível, ao passo que para ele todas as assim chamadas disciplinas difíceis eram moleza. Ele não tinha tempo para nada a não ser o judô. Tudo mais — seu interesse por motos e carros, o xadrez, o colegial onde seu pai esperava que estudasse — ficou em segundo plano. Em retrospecto, era incrível que ninguém, incluindo ele mesmo, achasse minimamente estranho que passasse nas provas de matemática e física sem o menor esforço, sem estudar, isso mesmo, *sem nenhum conhecimento anterior*. Vejamos, o que querem que eu faça — era assim que fazia uma prova. Tirou um oito em dez possíveis inventando a roda ali mesmo, na hora, descobrindo naquele auditório como fatorar uma equação de segundo grau.

Talvez tenha sido seu tédio infinito, somado ao período mais negro que conheceu na vida, que o levou a dar uma olhada nos livrinhos. Era a primeira vez em doze anos, desde o Mulo da Oranje-Nassau, que tinha contato com a matemática. Ele passou os olhos

pelos enunciados dos problemas, pelas figuras geométricas e ilustrações. Havia cinco problemas no total. Pegou uma esferográfica e, na cartolina que arrancara de uma das embalagens de revista, atacou o primeiro, trabalhou os dados extraídos da questão, fez um esboço grosseiro. Assim como uma piada ocorre para a pessoa, ou a ideia para um poema de Sinterklaas, uma solução lhe veio à mente. Certo, só pode ser isso. E se não for desse jeito, então desse outro. Após quarenta e cinco minutos, resolvera o primeiro problema, a solução exata, sem a menor sombra de dúvida. Passou direto ao segundo, e depois ao terceiro, até que em pouco tempo uma certeza tomou conta de seu ser. Se não estivesse confinado ao gesso, teria descido correndo a escada para tocar a campainha de Tineke e lhe mostrar o que fizera.

Normalmente, apenas esperava as tediosas horas passarem, parecia que o dia nunca terminava naquela cozinha, e quando a noite enfim começava a se aproximar, parecia que a hora de dormir nunca chegaria, mas agora, de repente, Margriet estava ali diante dele com Wilbert, que ainda não frequentava a escola e passava os dias na casa da avó, no Distrito C. Já estava escurecendo, mas a realidade de sua vida diária ficara para trás, extraviara-se em algum lugar, ele se perdera em um mundo opaco, radiante, onde fenômenos estreitamente próximos eram verdadeiros ou falsos, de uma maneira cristalina que o carregava com uma energia revigorante. Em vez de ficar olhando irritado para o vazio, ou se meter em discussões triviais com Margriet — ela também não escolhera isso, ficar sobrecarregada com um ranzinza desmoralizado em casa —, passou o resto do dia mergulhado nos livrinhos de capa verde, e parte da noite também, fazia frio, ele ainda se lembra, a cozinha estava gelada, mas ele ignorou o entorpecimento em seus dedos e seus braços e, depois de resolver todos os problemas, repassou-os outra vez, solucionando alguns de maneira ainda mais elegante, sentindo uma espécie de camaradagem em relação ao próprio problema — que tipo de sentimento era esse? —, e caprichava ainda mais nos cálculos que rabiscara, ou os embelezava só por prazer.

Um dos problemas nunca mais saiu de sua cabeça, não tanto devido à conotação olímpica, ou à sua inventividade, mas porque ele inventou uma variante própria. ADA/KOK =, SNELSNELSNELSNEL era dado, e a pergunta era que números podiam substituir as letras de modo que a fração (a campeã olímpica de natação Ada Kok) equivalesse ao decimal (*snel*: “rápido”, em holandês). Ele resolveu esse com facilidade, mas quebrou a cabeça para arrumar um parceiro para Ada: “PELE X SPEL” = “DOEL X PUNT”. Pelé vezes “jogo” é igual a “gol” vezes “chute”: o fruto de um incrível malabarismo mental que o manteve acordado até escutar Margriet tomando uma ducha no andar de cima.

Pelé e seu gol talvez tenham sido, um pouco depois, a primeira coisa que o pai de Tineke mencionou ao vê-lo. Sem o menor aviso e para sua completa surpresa, uma semana mais tarde o homem apareceu junto ao seu leito improvisado, mostrou-se de um cavalheirismo ímpar, usava um distinto casaco spencer amarelo-limão e tinha cabelos brancos tão macios que pareciam ter sido lavados e escovados a caminho de lá. “Então eis aqui o culpado”, disse o sr. Profijt, seu futuro sogro, professor de matemática no Christelijk Gymnasium, na Diaconessenstraat. A mão elegante exibindo uma fina aliança segurava a cartolina rabiscada que, assim inferiu, Tineke levava para ele. “Meu jovem”, disse com seriedade, “passei o fim de semana inteiro nesse Pelé vezes jogo. Não consigo descobrir. Me mostre como resolver.” E o pai de Tineke se agachou junto ao catre e Sigerius explicou, passo a passo, em uma caderneta espiral que o homem tirou de um compartimento em sua pasta de couro, como construía o enigma.

“Magnífico”, disse o avô de Joni. “Robusto. E elegante ao mesmo tempo. Divertido, também. Minha filha diz que você não é matemático. Ela está enganada. Onde estudou, se me permite a pergunta?”

“Em Delft”, respondeu ele. “O Mulo na Oranje-Nassau.”

Um momento de silêncio. Então: “Isso é impossível”, disse Profijt. O pai de Tineke era dono de uma voz amigável na qual

embrulhava suas sentenças de mestre-escola. “Não é possível que só tenha feito o Mulo.”

“Mas é verdade, senhor Profijt.”

“Então alguém deve tê-lo ajudado. Essa é sua caligrafia? Sabe o que é isto?” Bateu nos livrinhos verde-musgo.

“Problemas de matemática?”

“Esses livros de exercício contêm a segunda rodada de problemas da Olimpíada Nacional de Matemática, edição de 1969. Essas cinco questões abertas, meu jovem, foram elaboradas pelas maiores mentes matemáticas da Holanda. Os alunos mais talentosos do segundo grau treinam por um ano só para toparem com essa muralha de engenhosidade matemática.”

“Ãh-hã.”

“A maioria desse grupo de elite, a nata do país, por assim dizer, resolve dois dos cinco. No máximo. Vinte pontos de cinquenta possíveis. São alunos que podem voltar para casa com a sensação do dever cumprido. Os dez melhores ficam entre trinta e quarenta. Às vezes, mas apenas às vezes, a cada cinco anos ou algo assim, haverá um menino excepcionalmente dotado entre eles, por mais triste que seja, sempre são meninos, um rapaz que consegue acertar quase tudo. Apenas uma vez na história das Olimpíadas, creio que em 1963, alguém conseguiu um resultado perfeito. Como o seu. Nenhum erro. Cinquenta pontos. Impecável.”

“Legal.” Do meio da pequena cozinha, que agora ele via como insuportavelmente suja, embolorada e decrépita, Tineke sorria para ele como se tivesse acabado de receber uma medalha. Ela se parecia com o pai, seus rostos tinham a mesma rotundidade cativante.

“Não é *legal*”, disse Profijt. “Porque é impossível. Estudei seu trabalho com extremo interesse. Às vezes é brusco, às vezes de surpreendente elegância. E sempre eficaz. Parece que certas operações e fórmulas padronizadas foram derivadas — não, concebidas — na hora. Nesse pedaço de cartolina há duas, repito, duas demonstrações diferentes de Pitágoras.” Parou brevemente,

ponderando. “Uma delas, nunca vi antes. A outra tem três séculos. Se o que diz é verdade, então, minhas felicitações.”

“Pai”, disse Tineke, “claro que Siem está falando a verdade. Vamos, admita.”

Seu pai estendeu a mão. “Meus parabéns.” Era o primeiro matemático cuja mão ele apertava, centenas mais se seguiriam, talvez milhares, mas o pai de Tineke veio antes de todo mundo. A mão não era cheia de calos como a de um judoca, tampouco era como as de seus sogros, úmidas e trêmulas, a menos que houvesse uma garrafa por perto.

“Vai continuar acamado por mais alguns meses?” Profijt levou a pasta ao colo e cuidadosamente retirou uma pequena pilha de livros. “Vou me responsabilizar por lhe fornecer alimento.” Além dos quatro livrinhos das Olimpíadas que chamou de “aperitivo”, o pai de Tineke lhe deu algo que guardara desde seus dias de estudante: livros encapados em papel pardo sobre cálculo integral, álgebra linear, teoria dos números, mas também *A Course of Pure Mathematics*, de G. H. Hardy, um livro de último ano do colegial, a *História da matemática* de Struik e até um romance matemático satírico chamado *Flatland*.

“Estude tudo isso e me avise quando acabar. Quero que me prometa. E quando tiver terminado, vou trazer mais alguma coisa. Em troca, peço que assim que puder andar outra vez venha comigo fazer uma visita à Uithof.”

“Uithof?”

“A faculdade de matemática de Utrecht. E fique bom logo, por favor. Você não tem tempo a perder.”

Ela o vê. Desliga a serra, tira os protetores de ouvido. “Café? Claro! Boa pedida!”, exclama, rindo, bate as luvas de trabalho na bancada equipada com uma variedade de tornos, passa sorrindo por um armário futurista. Aproxima-se dele — despreocupada, sem fazer ideia de nada. Seus pensamentos o transportam para os incontáveis bate-bocas que tiveram sobre Wilbert, com o fim dos anos 80 sendo o ponto mais baixo do desespero, discussões terríveis que viraram do avesso as suas vidas de pais. Depois do tribunal, o casamento

quase acabou, desgastados como estavam por aquele lunático. De fato, assim que Wilbert saiu de cena, começaram a brigar por causa de tudo. Como resultado, ela inchou como um balão, abandonou qualquer disciplina. Após um ano de hostilidades, foi fazer um curso de verão na Inglaterra, uma excelente escola de marcenaria, supostamente uma oportunidade de ouro, mas na verdade uma fuga. Ficou três meses em Dorset, ele sentiu uma saudade terrível. A tal ponto que antes de voltar investiu uma pequena fortuna para transformar em oficina o estábulo abandonado: lá se foram cochos e baias e chegaram as serras de bancada, suportes para ferramentas, compressores para o aspirador, grampeadores pneumáticos, uma enorme prensa hidráulica.

“O que foi?”, ela pergunta alegremente, olhando para ele sob a iluminação halógena tão brilhante que ele tem medo de que ela possa ler seus pensamentos.

Aqui? Agora? Que erro pensar que vai ser capaz de se abrir e contar sua história patética, podre, ali, sob as vigas desse galpão auspicioso. Há dez anos essa oficina tem simbolizado o sucesso de seu casamento, cada peça de mobília que saiu dali é um lembrete de que têm controle sobre suas vidas, de que podem influenciar os acontecimentos do mundo. E será esse o lugar que vai escolher para lhe contar sobre Wilbert e Joni? Talvez porque ele não responda, sua boca apenas uma fenda por onde pode ver o próprio hálito, Tineke puxa conversa. “Sabe o que eu estava pensando agora mesmo?”, diz, pegando sua mão entre os dedos surpreendentemente quentes. “Não seria uma ótima ideia viajar para a Califórnia em fevereiro, na época do carnaval? Fazer uma surpresa para Joni? Acho que ia ser demais, não?”

Ela alugou dois filmes, ele deve escolher. *Segredos e mentiras* não parece boa ideia (ele não diz o motivo), então os dois se aconchegam no sofá para assistir a *Magnólia*, que não é sombrio suficiente para impedi-lo de cochilar. Ele não sabe bem o que está

sonhando, é um pântano paralisante, é Haia, mas ao mesmo tempo é Delft, quando era novo.

SABE, a voz dela ecoa de repente em seu ouvido. Ele leva um susto, endireita o corpo, o som está tão perto, o topo da cabeça dela roça em seu queixo. “Sabe o que eu esqueci de falar?” Ela aciona o botão de pausa do DVD.

“Eu dormi...”

“O correio”, ela grita, ou apenas parece que está gritando? “Chegou um envelope esquisito na semana passada. Você já deu uma olhada na correspondência?”

Ele tenta falar e inalar ao mesmo tempo. “Não”, diz com um leve balbucio, “bom, é, dei uma olhada.”

“Aquele envelope marrom”, continua ela, “um gordo, de plástico bolha. Você viu? Mandaram para o endereço errado. Não tinha nem selo, endereço do remetente, nada, eu só percebi mais tarde. Alguém deve ter entregue na porta.”

“Por que o filme está parado?”

“Porque me lembrei disso de repente. Acho que foi na segunda. Eu não sabia o que fazer com ele, então abri. Um pacote bem esquisito, Siem. Muito esquisito.” A voz dela soa alarmada, como se um medo reprimido começasse a se manifestar. “Eu tentei ligar pra você.”

Há areia em sua boca, ele não consegue fazer sair uma palavra, e mesmo assim escuta sua voz dizer algo: “O que tinha dentro?”

“Espera aí que eu vou buscar”, ela diz, e faz menção de levantar. “Eu preendi com fita adesiva. Na verdade não é—”

“Espera”, ele diz, totalmente acordado agora. “Está lá em cima, eu acho. Eu levei a correspondência para o meu escritório.” Antes que ela possa responder, ele já saiu do sofá, caminhando em direção ao corredor sem olhar para trás.

“Quer um pouco de vinho?”, ela pergunta às suas costas.

Entorpecido, ele sobe cambaleante a escada, sua cabeça um reator nuclear. Jogar o envelope fora? Confessar tudo? Se fazer de bobo? Será que ela leu o bilhete? Como um zumbi, ele abre a gaveta.

“Ah”, diz ela quando ele volta para a sala, “então você já abriu.” Ela põe duas taças de vinho tinto nos porta-copos de cortiça. “E aí? O que acha?”

“Ainda não olhei”, ele diz. Antes que possa até mesmo terminar de sentar, ela tira o envelope de sua mão e derruba o conteúdo no sofá entre eles. A meia-calça, a calcinha, o lenço, tudo cai sem nenhum ruído no assento estofado, o troço preto quica e aterrissa no dorso de sua mão esquerda; como se fosse um inseto imenso, uma lagarta gigante, uma viúva-negra, ele recolhe a mão, a coisa sai voando, dá uma cambalhota na mesinha de centro e cai no piso.

Silêncio.

Ele é hábil, socialmente falando. Sabe exatamente qual expressão fazer quando toma um gole de chá quente demais diante da rainha, é capaz de debater no Parlamento, consegue debater no Parlamento até quando está sendo chamado de punheteiro de merda. Mas agora o gato comeu sua língua. Ele afunda no sofá com um gemido, as costas queimando contra o couro frio.

Horas mais tarde, caminhando pelo que não é mais seu campus, diz a si mesmo que a história que contou foi consistente e em certo sentido mais lógica do que a verdade. Embora o dia tenha sido um pesadelo, ainda está longe de chegar ao fim — essa noite pode não terminar nunca, ele pensa, Tineke vai começar a cismar, não vai deixar por isso mesmo, ele a conhece, também vai ficar nervosa, talvez já esteja ficando nesse minuto, vai se deitar, ficar ali na cama olhando para o teto —, ao mesmo tempo ele sente o alívio da confissão e a satisfação de uma mentira bem contada.

Uma brisa de fim de outono sopra ondas na relva alta, o campus é um mar revolto de folhas recurvadas, o cheiro de terra úmida e matéria em decomposição penetra em seu nariz gelado. Isolado do mundo, ele atravessa o cascalho da pista fracamente iluminada dos quatrocentos metros rasos, ao abrigo de um amplo círculo de alnos e aveleiras que dançam com o vento. Ele pôs a sujeira toda na conta de Wilbert — claro que fez isso, e sem um pingão de escrúpulo. O

filho da puta merece, finalmente serviu para alguma coisa. Agora que consegue refletir em relativa paz e tranquilidade, a intromissão de Wilbert na história, pesadas todas as coisas, não parece tão ruim assim, afinal de contas — contanto que ele mantenha tudo sob rédea curta, é claro, não deve se esquecer disso.

A briga que se seguiu escapou de seu controle. A convicção de Tineke, de que o pacote não era endereçado a eles, revelou-se uma vaga forma de racionalização. “Siem?”, disse ela abruptamente. “Você está envolvido nisso? Não me diga que tem alguma coisa a ver com esse negócio.”

A solução se apresentou como uma demonstração matemática, lógica, irrefutável, orgânica... “Olha, querida, eu realmente sei alguma coisa sobre isso”, admitiu ele, mas em vez de começar por A, partiu de algum ponto próximo a Z, muito naturalmente, achou, e no entanto seguindo em frente, sussurrando a si mesmo para se manter o mais perto possível da verdade. Num tom de voz sombrio, contou-lhe que as mensagens de texto haviam começado naquele verão, quase uma semana depois da recepção em que Menno Wijn aparecera. No início, não fazia ideia de quem podia ser o responsável, tampouco a que elas se referiam, mas não ficou nem um pouco feliz de receber aquilo. Joni era uma prostituta, era a isso que elas se resumiam, e se por acaso ele sabia, e era exatamente o que merecia — sim, uma coisa horrível. Algum tempo depois — “e aí vem, Tien, se prepare, não é bonito” — uma daquelas mensagens tinha o endereço de um site, aconselhando-o a dar uma olhada. E foi o que fez.

“E? E depois? O que você está querendo dizer? Siem — você está me deixando assustada! O que você descobriu?”

“Vou explicar, querida”, e segurou sua mão. Ela reagiu muito calmamente a seu relato sobre o site, talvez porque ele o fizesse calmamente, usando eufemismos, evitando a palavra “pornô”, ao mesmo tempo distraíndo-a com sua alegada suspeita naquele momento de que Wilbert estava por trás das mensagens de texto — vá em frente, mate o mensageiro. “Bem, levei o choque da minha vida”, disse. “Tien, era um desses sites, eu não conseguia acreditar

nos meus olhos, embora no começo eu não conseguisse acreditar que estava olhando para Joni.”

A parte estranha foi que a indignação dela não era dirigida a Wilbert (provavelmente porque nada mais a deixava espantada, vindo dele), tampouco a Aaron e Joni (ela só parecia perceber a situação em parte), mas a ele. Por que esperou até agora para me contar? Era coisa demais para absorver de uma vez só, é claro: a sórdida tralha erótica jogada entre os dois, aquela história de “punheteiro”. (“Por que ele chama você assim?” “Você sabe como ele é boca suja.” “Está escondendo alguma coisa de mim? Siem? O que você andou aprontando?” “Eu? Nada, querida, se acalme um minuto.”) Sim, a razão de seu longo silêncio, ela foi direto ao ponto, o hiato abismal entre maio de 2000 e esse instante. “Seis meses, Siem.”

Ele chega ao aterro que separa a piscina do campus da pista de atletismo. Sobe o barranco, atravessa arbustos baixos e moitas de urtigas, vai até o ponto mais elevado, onde um de seus predecessores mandara instalar, com grande cerimônia, um banco de reflexão. Antigamente, ia até ali para sentar e ponderar um pouco quando havia uma importante decisão a ser tomada.

Tineke perguntou: “Você pôs ela contra a parede?”

“Pus”, ele disse, porque em certo sentido tinha mesmo, não tinha?

Sua esposa estava a um metro dele, olhando para a frente no que parecia ser completa perplexidade. Então: “Como pôde esconder de mim uma coisa dessas? Você acha isso normal?”

“Eu queria te poupar, querida, eu queria—”

“Querida me poupar do quê? Da verdade? Dos fatos? Mas que droga!”

Ele se desculpou sem grande convicção; ela devia considerar também como ele estava preocupado, e como fora difícil tocar nesse assunto. Além do mais, depois que falou com Joni, o site sumiu.

“Então o que ele está querendo?” Ela pegou a meia-calça e voltou a largar.

“Aquelas fotos ainda existem. Vão ficar por aí para sempre.”

Em vez de reagir a esse comentário preocupante, ela quis saber o que exatamente ele dissera para Joni.

“Ah, você sabe...”, gaguejou, “o tipo de coisa que a gente diz numa situação dessas, foi uma conversa rápida, para falar a verdade.” Uma resposta que não a satisfiz. Antes, provocou um desabafo que atacou o verdadeiro problema, uma cólera centrífuga que não tinha a ver com Joni, mas com eles dois. Ela o pintou como o puritano ridículo que de fato era, um sujeito tão destituído de sexualidade que ela se preocupava seriamente com o teor de sua pequena conversa edificante.

“Você não fez nenhum sermão, espero”, disse. “Bom, agora eu entendo por que ela não vai para a França no Natal.” E: “Para você é alguma surpresa que aqueles dois tenham se separado?”

Ele sentiu necessidade de se defender, não tanto porque ela duvidou de seu tato, digamos, de sua capacidade como pai, mas porque parecia simplesmente não entender. “Você percebe do que a gente está falando aqui?”, perguntou. “Estou dizendo para você que nossa filha se exibiu como uma... como vou dizer? Como uma dessas vagabundas da internet. Você faz ideia do que isso significa?”

“E você faz ideia do que está dizendo? Quem é você para chamar minha filha de vagabunda?”

“Tineke...”, ele disse, perplexo pelo modo como ela ergueu a voz, por esse “minha filha”.

“Vamos dar uma olhada no site. Eu não tenho direito a uma opinião?”

“Fotos. Não tem mais nenhum—”

“Fotos, então. Deixa eu ver. Provavelmente não é nada de mais. Por exemplo. Acho que você não faz a menor ideia do que uma vagabunda é ou deixa de ser. Vamos ver logo essa droga.”

“Querida, por favor. Nós não vamos ficar aqui sentados examinando essa pouca-vergonha. É ruim, acredite no que eu estou falando. Só porque eu não, porque a gente não... você sabe... não significa que eu não sei o que...”

“O quê?”

“O que é pornô.”

“Pornô? Agora de repente virou pornô?”

Dessa vez foi ele quem explodiu. “Por que você acha que aquele filho da puta me mandou toda essa merda?” Varreu a lingerie do sofá, a calcinha parou na mesa de centro, deslizou sobre o tampo. “Fotos de férias?”

“Vamos ver. Agora.”

“Tien — na segunda eu mando. Não consigo fazer isso. Não aqui.”

Quando acorda na manhã seguinte, ela já se levantou, há um bilhete sobre a mesa do café, saiu para caminhar, precisa pensar. Ele fica feliz com isso. Depois de tomar o café da manhã, acende o fogo na lareira da sala e se instala na varanda envidraçada com uma pilha de relatórios. Mas a única coisa que consegue fazer é imaginar cenários: digamos que ela volte a ligar para Joni, digamos que lhe peça uma explicação, quais as chances de que sua filha o entregue? E se ele ligar para Joni? Ficar um passo à frente? Tenta imaginar a conversa: seu esforço em deixar claro de algum modo, convencê-la de que, de que ele... não sente por ela nenhum... *tesão*.

Tenta pensar em como pôr as mãos naqueles cem mil sem ninguém notar, ainda tem uma conta aberta nos Estados Unidos com algumas dezenas de milhares de dólares, o MeesPierson gerencia a metade restante de sua bolsa Spinoza, além de algumas centenas de milhares de florins que economizou. Liga a tevê, está passando o *Buitenhof*, mas ele não presta atenção.

E se fizer um acordo com Wilbert? A simples ideia — negociar com seu filho — o deixa furioso. Será que está ficando senil? Tem razoável certeza de que por sorte Tineke não viu o bilhete de chantagem. De repente, sente vontade de estar em Haia. Mergulhado nos assuntos de sua pasta. Liga para seu motorista e lhe pergunta se pode vir buscá-lo no final do dia.

Já é o período da tarde quando Tineke chega em casa, embrulhada em um gorro e no lenço dele, mas ainda assim morrendo de frio, com olhos de quem claramente esteve chorando.

Ele esquenta um pouco de sopa de ervilha para ela, sua esposa parece menos agitada do que na noite anterior, pergunta-lhe por que não procura a polícia, as ameaças parecem bastante graves, vêm de um reincidente, só me dê um bom motivo para não fazer isso.

“Joni.”

“Joon?”

“É, Joon. Pense nela, por favor. Ela fez todo o possível para manter o site em segredo e agora você quer procurar a polícia? Vamos ter que contar tudo pra eles. Pode acontecer um julgamento. Vamos precisar conversar com ela sobre isso. Exatamente o que ela não quer fazer. Até Wilbert percebeu isso. Para não mencionar o perigo de um vazamento.”

As costas largas dela estão voltadas para a lareira, a palma das mãos virada para o fogo. “Eles são obrigados a manter o caso em sigilo.”

“Tineke”, disse ele, teatral, “não seja tão ingênua. Ela é filha do ministro da Educação. Quer história mais picante que essa? Tudo bem. Mas vá falar com o Bill Clinton.”

“Não me venha com essa bobagem, Siem.”

“Amor”, diz ele, “estamos falando do futuro de Joni. É isso que me deixa preocupado.”

“Como foi a entrevista?”

“Pega a próxima saída.”

“Ela te sacaneou?”

“É aqui. Não muito. Ela era inteligente. Interessada.”

“Mas é mulher. Mulheres têm segundas intenções.”

“Claro que não.”

“Mulher se faz de anjinho na sua frente e põe na sua bunda depois. Assim que estiver em casa, sentada na frente do laptop com uma xícara de chá, vai fazer sua caveira.”

“A velocidade aqui é oitenta.”

“Fazer a nossa caveira.”

“Rusty, sou mulher também, lembra? Isso é delírio seu. Sei exatamente o que eu falei.”

Falei demais, isso sim. Aquela Mary Jo Harland era do ramo, primeiro criou uma atmosfera da maior cordialidade, depois me entornou como se eu fosse uma bacia cheia d’água. Em meia hora ficou sabendo que meu pai cometera suicídio e que eu não tinha ido ao enterro, tudo isso gravado. Levei um bom tempo negociando no telefone para conseguir que essa parte ficasse de fora do artigo. Ela provavelmente esquecera toda aquela cordialidade no carro da locadora.

“Mostrou o prédio pra ela?”

“Claro que mostrei. Você convidou ela para vir até Coldwater. O que acha? ‘Lamento, não pode passar daqui, estamos construindo armas de destruição em massa aí dentro.’”

“Achei que você fosse com ela naquele negócio do outro lado da rua. Ou no Starbucks. É o que eu teria feito.”

Alguns minutos de silêncio. Então eu disse: “Pega a Alameda aqui, só entra na Harbor Freeway depois de Little Tokyo. Por que a gente não está indo buscar o Vince? Ele desce no LAX, certo? Teria sido um gesto simpático”.

O protegido de Rusty tinha seu próprio site em algum lugar de Cleveland, Ohio. A primeira entrevista foi um pouco estranha; Vince parecia um sujeito capaz, ele se expressava com clareza e concisão — quer dizer, quando se expressava, porque era taciturno como um oráculo, e tão seco e apático que fiquei com medo de que fosse entrar em coma. Na caderneta aberta diante de mim durante a entrevista havia uma única palavra, rabiscada em caneta preta: CHATO.

“Eu pareço um cara simpático, Joy? Ele que pegue um táxi. Então, o que foi que ela disse?”

“Quem?”

“Harland! O que ela disse? Você sabe, quando mostrou o prédio.”

“Não muita coisa na verdade, Rusty. Esse artigo foi inteirinho ideia dela. Ela estava louca por ele, acredite em mim. Conhecia nossos sites, então não tinha muita coisa que já não tivesse visto. Mas espero que Bobbi saiba que ela está indo para Compton.”

“Hein? Será que percebi uma preocupação? Há! Joy está preocupada com nosso novo prédio superchique. Puxa, essa é boa.”

Fiquei de boca fechada. Claro que ninguém estava morrendo de vontade de ir para Compton. Uma semana antes de fechar o negócio, alguém deixou em cima da minha mesa um mapa do sul de Los Angeles dividido em blocos vermelhos e azuis, *Gang Territory Map* escrito no alto. Segundo a legenda, as áreas em azul eram território dos Crips, em vermelho, dos Bloods. Algum cagão anônimo, em sua tremenda ingenuidade, imprimira o mapa numa das nossas impressoras coloridas: em três minutos encontrei um operador de sistema que me apontou o culpado, Deke, um cameraman negro que morava com a família no conforto de Burbank, mas que fazia pose de quem tinha nascido com uma camiseta do NWA. Mandeí um e-mail: “Anda assistindo MTV demais,

Deke. South L.A. é um produto, meu bem, a Disney de hoje. Vinte anos atrás você podia comprar aqueles adesivos FUCK THA POLICE em qualquer lugar da Europa, até na zona rural. Nunca reparou como o Snoop Dog é parecido com o Pateta? Então deixa de ser veadinho”.

“Não estou preocupada. Só estou pensando como ela vai fazer para entrar.”

“A gente deve chegar lá primeiro.”

As palavras mal saíram de sua boca quando o trânsito parou de fluir, até ficar praticamente paralisado. Rusty baixou o vidro de seu Maybach e se enfiou para fora até a cintura. Os vapores de gasolina penetraram no interior forrado de couro vermelho. A polícia estava isolando duas faixas da esquerda. Agora Bobbi provavelmente teria de matar o tempo por meia hora nas ruas de Compton — um pensamento nada agradável, eu tinha de admitir. Claro que estava blefando com Deke. O que eu sabia? Los Angeles era uma metrópole de dez milhões de habitantes, nove milhões dos quais fingiam que Compton, Hawthorne e Inglewood não existiam. Nunca pus o pé ali. Três vezes ao ano passava por esse dente cariado a noventa por hora para visitar uma amiga em Long Beach — e só. Deke e seu guia da ganguelândia me deixaram suficientemente nervosa para passar horas antes de dormir assistindo a postagens dos Bloods e dos Crips no YouTube, e tive de admitir que o velho e sorridente Pateta já não era mais o mesmo. Os Patetas de Compton se pavoneavam de torso nu pelo bairro decrépito, uma bandana presa na cabeça. Serravam o cano de suas escopetas e anunciavam seus planos aleatórios de matar ou foder. (A polícia, nossas vadias, nós.)

Com um barulho de mola, Rusty afundou de volta em seu banco reclinável, costurado à mão. “Tem um caminhão atravessado na pista. Estão extraíndo um *rice rocket* do *guard-rail*.” Era assim que ele se referia aos carros japoneses, na verdade a todos os carros menores do que o seu — essa limusine alemã grotesca da qual havia menos de cem em todos os Estados Unidos, a maioria pertencente a milionários prolectos, para que pudessem entrar e sair pelos portões de seus condomínios fechados. O Maybach de Rusty tinha

acabamento preto brilhante com detalhes de folhas douradas, um carro funerário para transportar bolos de noiva.

“Você viu Bobbi na sexta passada?”, ele perguntou assim que começamos a andar outra vez.

“Na Tyra? Claro. Ela foi ótima.”

“Então você acredita?”

“Acredita no quê?”

“No que ela disse sobre aquele filme.”

“Pode ser. Bobbi não é de conversa fiada.”

“Meu medo é que ela fala o que dá na telha.”

“Aposto que vão chamá-la. Essa saída.”

Rusty olhou por cima do ombro e passou, xingando, por uma SUV de vidros escuros que tinha “MUSIC IS MY LIFE” gravado em letras cursivas. “Talvez a gente ainda esteja no horário.”

Mesmo pela décima vez a visão do lugar era impressionante. Da curva abrupta na saída para o Harbor, uma rampa de concreto dilapidada, tínhamos uma visão aérea do Quartel no horizonte incandescente. Paralelo a nós, um Dodge amassado, cor de café com leite, acelerava e freava, aos soquinhos, no banco do passageiro um rapaz negro com uma meia-calça na cabeça olhou para o Maybach como se o carro fosse meio frango grelhado. Um quilômetro adiante, após passar pelos decrepitos edifícios baixos da Rosecrans Avenue, terrenos baldios arenosos, fast-foods abandonados, lacrados com tábuas, e um posto de gasolina que a ferrugem praticamente comera inteiro, a vista lateral de uma fortaleza escura estendendo-se por pelo menos cem metros de comprimento e cento e cinquenta de largura assomou na esquina do Avalon Boulevard.

“É aqui que eu trabalho, mãe”, disse Rusty.

Ao nos aproximarmos, pudemos ver as centenas de janelas estreitas da fortaleza; todas elas, sem exceção, quebradas. Eu me pusera numa saia justa: durante uma tensa conversa com o conselho municipal, prometera pôr os vidros e pintar as esquadrias dentro de um ano. Dei minha garantia de que as calçadas desertas — onde os delinquentes traficando drogas e as mulheres rodando

bolsinha começavam logo depois de *Sesame Street*, e que eram cobertas de caixas de papelão, vidro quebrado, merda de cachorro, merda de gente — receberiam brotos de árvores. Os muros externos seriam equipados com luminárias de aço inoxidável, de modo que os moradores dessa selva urbana — os loucos, os sem-teto, os viciados que ficavam jogados diante das portas — não precisariam mais de suas fogueiras improvisadas para desfrutar uma proveitosa leitura antes de dormir.

“Olha ele aí”, disse Rusty. Em vez de Bobbi, de Steamboat Springs, quem estava na entrada principal era Vince, de Cleveland, Ohio, apequenado pelo tamanho do pórtico de tijolos. Rusty passou rapidamente pelo homem que bocejava e parou diante do grande telhado semicilíndrico que descrevia um arco sobre o pátio de treinamento.

“Não vai parar dentro?”

“Não dá tempo.”

O calor penetrava como um líquido no Maybach, o fedor de urina me fez prender a respiração. Um cachorro magro preso na guia farejou meu pé quando pisei na calçada. “Boa tarde”, disse Rusty para a negra robusta que puxou o cachorro para trás com toda a força, como se estivesse dando partida num motor de barco. Quando nos aproximamos do edifício, o olhar de Rusty passeou pela superfície do imenso muro de tijolos. “Sabia que Joe Louis e Rocky Marciano já disputaram uma luta aí dentro?”

“Sei”, falei. “Fui eu que contei pra você.”

Pensei ter captado em Vince um relance de olhar expectante de cãozinho e acenei, mas ele não reagiu. Quando nos aproximamos, Rusty estendeu a mão para o novo homem. “Maestro”, disse, com jovialidade, “*how’s the form?* Fez boa viagem?”

Vince balançou a cabeça.

“Perfeito, muito bom. Você parece ótimo.”

Vince era decididamente a antítese do ótimo. Parecia que tinha acabado de ser assaltado, não por Crips ou Bloods, mas pelo bando traquinas de Pietje Bell. Em vez do terno mal ajustado, como da última vez, usava uma calça de moletom desbotada, deformada nos

joelhos. Os grossos pelos do peito em sua silhueta de pera cacheavam sob a camisa havaiana com botões de pressão esmaltados. Apesar do calor sufocante, calçava pesadas botas pretas com biqueira de metal. Seu rosto igualmente em forma de pera, um eco genético de seu corpo sedentário, não estava barbeado, o restolho preto avançando por sua cara de hamster. Pelo jeito, para Vince, “segundo round” significava ir com a roupa que estava no corpo.

Rusty cantarolava quando destrancou as pesadas portas de ferro fundido e abriu uma delas. Dava para passar um tanque por ali. “Vamos entrando”, entoou, hospitaleiro. Passamos os três ao fresco saguão de recepção. “Tem luz”, disse Rusty, levando a mão a um dos antiquados interruptores na parede, e após um breve intervalo, três luminárias pendentes ganharam vida. “Pelo menos aqui.” Diante de nós se estendia um espelho de reluzentes lajes de gnaise com friso de granito negro, trabalho do século anterior. Bexigas murchas e amontoados de serpentina espalhavam-se aqui e ali, remanescentes da festa de inauguração da semana anterior. Os barris de chope ainda precisavam ser devolvidos. Seis escadas, dispostas como buracos numa mesa de bilhar, e separadas por portas duplas de carvalho polido, se escancaravam à nossa frente.

Com o cenho franzido, Vince farejou o odor de pedra e decomposição adocicada. “Tem água passando aqui embaixo”, disse.

Ele me irritava. Rusty o “descobrirá”, como gostava de dizer, em um número mais picante da *Cosmopolitan*, em que Vince amarrara as modelos de um jeito que reconhecidamente revelava habilidade e imaginação. “Um nariz sensível você tem aí”, disse eu. “Um afluente subterrâneo do rio Los Angeles passa sob a fundação. Algumas partes do porão estão alagadas.”

Vince tocou de leve seu órgão olfativo. Examinava em silêncio os painéis de noqueira. Depois de sua primeira entrevista, como seu voo para Cleveland só partia à tarde, eu o levava a uma Bagels Factory no Ventura Boulevard e, ficando na maior parte do tempo calada e fazendo perguntas breves para levá-lo a falar, consegui descobrir um pouco mais sobre suas quarenta e três primaveras. Por

exemplo, que ainda morava com os pais, um casal que nos últimos cinquenta anos dedicara uma dócil e, conforme deparei de suas palavras, enlouquecida devoção aos Cleveland Indians. A mãe de Vince cuidava de uma das lojas para torcedores no estádio e seu pai era o gerente de equipamento, reverenciado por gerações de jogadores de beisebol que haviam todos conquistado alguma coisa, ao contrário de Vince Jr. Talvez fosse por isso que o filho colecionara uma série impressionante de apáticos fracassos: após um interminável processo de relocalizações profissionais em uma empresa de segurança (um transtorno crônico do ciclo vigília-sono que o levou a uma depressão) e anos subsequentes de desemprego — a despeito dos inúmeros cursos abandonados no meio do caminho, entre eles os de mecânico e soldador —, Vince conseguiu ser diagnosticado como inapto para o trabalho devido a reumatismo e psoríase.

Rusty atravessou o saguão e parou com um pé na escada do outro lado. “Um pequeno tour”, ecoou sua voz. “Estou vendo que nosso convidado veio com suas botas de escalada.” Deixei que Vince fosse na frente.

Me incomodava e me divertia ao mesmo tempo presenciar o pseudoconhecimento com que Rusty mostrava o lugar para seu novo amigo, seu zelo em partilhar os detalhes estruturais do Quartel — meu Quartel também, podia-se dizer, mas isso pareceu passar despercebido. Ele falou sobre seu plano de embelezar o prédio com sua coleção de arte, um “momento eureka” que tivera numa visita ao Getty Museum. Eu podia vê-lo perfeitamente no topo desse monte Olimpo, seu bebê Rembrandt resplandecente às suas costas, Los Angeles a seus pés, devaneando com seu próprio museu, um antimuseu, um museu hedonista no lugar mais feio da face da terra, no bloco de tijolos mais introvertido, úmido e mal iluminado que se poderia imaginar.

Vince andava atrás dele com uma expressão entre o completo relaxamento e um sorriso estupefocado, assentindo com a cabeça de tempos em tempos ou entoando um breve e exasperante “alto”, “baixo”, “madeira”, “ferrugem”. Em Cleveland, me contara, passava

algumas tardes por semana em um armazém no porto que seus pais acreditavam ser uma oficina comunitária para desempregados onde aprendia sobre cabeamento de máquinas, quando, na verdade, com mais dois parceiros, um com visão comercial, o outro um artista da perversão, cabeava garotas, a única habilidade que realmente dominara em todos aqueles anos solitários.

Todo o relato do começo de sua carreira poderia ter enchido meus olhos de lágrimas se eu não achasse Vince tão nojento, não só fisicamente intragável, como também uma pessoa repulsiva sob aquele seu crânio escamoso. O contato com mulheres não o atraía (“casquinhas e pele descascando”, murmurou, “*all over*”, com um gesto de mãos indicando o próprio torso e os ombros, como um magnetoterapeuta); uma única vez em sua vida teve namorada, um breve romance que conheceu um fim abrupto e aterrorizante quando os pais da garota lhe pediram, na porta da frente, para ele tirar os sapatos. Mas seu desejo profundamente arraigado de amarrar mulheres datava de muito antes, desde os onze anos, confessou com lágrimas nos olhos, ao ter uma ereção quando “uma biscate” com uma mordaca enfiada na boca esperava por Roger Moore. A internet o liberou de vez. Sobreviveu à puberdade, murmurou, e na verdade também ao início da idade adulta graças às revistas japonesas de *bondage* que comprava na Asiatown de Cleveland. No mesmo quartinho de sótão onde ainda morava ele ensaiou e refinou a arte *em si mesmo*.

“Em você mesmo? Está dizendo que você *se amarrava*?”

Esfregou os olhos escamosos e fez que sim. “Quem mais?”

E eu tinha como objetar? Na verdade, não: desse dia em diante, o Quartel passava a ser a central dos malucos, todo mundo era pirado a seu próprio modo. E Rusty não queria nem saber: ele estava pouco se lixando para quem trabalhava no dia a dia, contanto que fossem tão devassos quanto ele, e tinha razão. Assim como nós, Vince migrara para uma cidade que batia palmas para qualquer coisa, desde que fosse efêmera, inconsequente e ultrajante. Vivíamos em um solo decadente, sobre placas tectônicas em movimento, numa cidade que podia entrar em colapso a qualquer

minuto com um grande tremor e desaparecer numa fenda, indiferente a um Vincent a mais ou a menos.

Meus pés começaram a doer. Bem quando ia pedir licença — “senhores, preciso trabalhar” —, meu telefone tocou. Estreitando os olhos para o visor, deixei a galeria abobadada onde estávamos. Fiquei surpresa em ver que era Boudewijn. Atendi, mas antes que o aparelho encostasse no meu ouvido a linha ficou muda. Ele aparentemente já tentara várias vezes. Boudewijn nunca ligava a menos que houvesse alguma crise com Mike. A última vez fazia mais de seis meses, e no dia seguinte eu estava junto ao leito de meu filho, no San Francisco Hospital: meningite. Tentei ligar de volta, mas não havia sinal. Tirei os sapatos e andei com passos silenciosos por um longo corredor escuro. De ambos os lados havia portas de jacarandá dando em estábulos abandonados e fumegantes salas de caldeiras cujo maquinário imenso e enferrujado fora posto novamente para funcionar. Ao longe vi a luz do dia vindo pela escada. Subindo os frios degraus de granito, tentei em vão consultar meu correio de voz. A preocupação veio primeiro, depois a culpa internalizada. Eu era uma vergonha como mãe, isso não se discutia, era um fato que passara a aceitar. Mas claro que tinha seu preço. Até então, eu pagara esse preço com pesadelos onde as coisas mais horríveis aconteciam a Mike: acidentes, afogamentos, sempre os piores cenários possíveis, mas um dia esses pesadelos se tornariam realidade — isso a morte deixara bem claro para mim a essa altura.

A escada levava a um corredor de granito, uma espécie de passagem tortuosa, percebi. Virei à esquerda, dobrei outra curva trinta metros adiante e na mesma hora reconheci as janelas estreitas da parede externa: bem a calhar para quem tivesse intenção de se atirar por alguns andares. O chão brilhava com vidro quebrado, então voltei a calçar os sapatos e, quando virava em outra quina de parede, escutei, acima do eco de meus saltos, um zumbido mecânico que se intensificou quando fiz nova curva e continuei sob uma ampla construção em arco. Tentei outra vez o número de Boudewijn, mas sem sorte. Havia muitos anos que a educação de Mike ficara inteiramente ao encargo de Boudewijn, ele dedicava ao

menino atenção e devoção integrais. E Mike era louco pelo pai, nada neste mundo poderia convencê-lo a morar com a mãe, e provavelmente era melhor assim. A decisão, totalmente natural, de deixar Mike com Boudewijn fora o melhor para ambas as partes.

O espaço se ampliou subitamente e com isso senti um leve aroma de ferro e areia: eu passara ao imenso campo de treinamento e de repente parecia menor que um esquilo. À esquerda do piso de concreto, sob um teto em arco sustentado por uma estrutura que lembrava a torre Eiffel, havia três carrinhos de brinquedo estacionados. Na direção diametralmente oposta vi um de nossos caminhões e uma picape desconhecida, e ao lado deles um par de geradores sobre paletes de madeira, vibrando em alta frequência. Meu celular engasgava desesperadamente à procura de sinal. Mandei uma mensagem de texto (“algum problema com mike?”) que levou três tentativas para ser enviada. Eu sabia desde já que Boudewijn não ia entender por que eu mandara uma mensagem em vez de ligar; comparado a seu zelo incessante, qualquer interesse manifestado por mim parecia morno e distante. Eu tinha de admitir que ele se saíra um pai fantástico, desde o primeiro dia, e mesmo antes disso: durante minha gravidez, ele me superava com um conhecimento quase acadêmico sobre o que estava acontecendo em meu útero. Rodava por San Francisco à procura de remédios homeopáticos para enjoos matinais, cosméticos orgânicos e chá de dente-de-leão para a retenção de líquidos, que preparava para mim com concentração e cuidado. “Sharon, uma das secretárias, disse que as aulas de ioga pré-natal na Valencia Street são muito boas.” O fato de se mostrar tão presente era porque provavelmente desconfiava, com razão, que eu sofria de depressão pré-natal, e tinha medo de que eu pudesse me atirar de barriga em alguma escada.

Voltei a descalçar os sapatos e contornei a estação geradora móvel. Não havia ninguém cuidando das máquinas, elas funcionavam por conta própria. Com um olho no celular e outro onde pisava, segui os grossos cabos pretos de eletricidade.

"Ah, olha ela aí", disse Kristin. Eu atravessara uma sala de ginástica empoeirada com argolas e espaldares para alongamento e chegara, depois de mais um longo corredor de tijolos, a uma cena de ruidosa atividade. Ela e Q estavam na porta do salão de baile de que eu me lembrava do tour com a assistente de Sotomayor: um espaço amplo com faixas estreitas de piso taqueado, como uma escola de dança de antigamente. Lá dentro, os rapazes da iluminação montavam uma poderosa luz de palco.

"E aí, lindona", disse Kristin. "Esse lugar é demais."

"Obrigada", respondi.

"Achei muito legal você ter resolvido ir para a frente da câmera outra vez. Tranquila?"

"Não vejo a hora." Sorri para Q, que baixou os olhos e passou a mão grande e branca no rosto. Verdade seja dita, eu estava tremendo nas bases. Se antes já não estava tão a fim assim, a ligação de Boudewijn cortou meu barato de vez. Quem sabe Bobbi tinha um pouco de cocaína.

"Onde está o Rusty e o cara novo?" Kristin parou bem na minha frente e segurou meu rosto nas mãos. Dava para ver suas lentes de contato.

"Passeando pelo local. Wells está transformando isso aqui numa atração turística."

"Vai lá se trocar", disse Kristin. "Gostei da blusa." Sobre a seda, beliscou meu mamilo esquerdo com o polegar e o indicador, girando-os delicadamente, como se estivesse sintonizando um botão de rádio.

"Macy's", disse eu. "Saldão."

Ela sorriu. "A porta é aquela. Bobbi já está lá. É tudo meio improvisado, Joy. Fala com ela para vestir qualquer coisa alegrinha, o.k.?" Ela extraía um prazer óbvio em dar ordens à mulher que puxara seu tapete. Quando conheci Rusty, na recepção do festival de filmes independentes, ele me apresentara Kristin como seu braço direito. Meia hora mais tarde, eu era alçada, para seu indisfarçado

desgosto, a algo como uma codiretora. Nesse meio-tempo, ela passara a ser meu braço direito.

O bloco sanitário não tinha nada do cálido aconchego dos vestiários em Coldwater, nenhum papel de parede de veludo roxo, nada de penteadeiras laqueadas, nem espelhos de teatro emoldurados por lâmpadas suaves. As paredes rebocadas de branco refletiam a rude iluminação fluorescente, o chão consistia de uma colmeia de ladrilhos hexagonais que milhares de oficiais e cadetes haviam um dia atravessado a caminho da bateria de urinóis, fazendo uma breve pausa na disciplina militar, um momento a sós com o líquido amarelo e o cheiro de sabão granulado em um balde. Alguém, provavelmente Q, pusera duas tábuas largas sobre uma fileira de doze pias para servir de penteadeira improvisada. Havia duas cadeiras bambas — numa delas havia um jeans e uma camiseta pendurados — diante de um longo espelho, parte dele embaçado, uma camada de ferrugem visível por baixo. À direita ficavam duas araras de ferro galvanizado com a parafernália sadomasoquista que reconheci dos camarins em Coldwater. Sabão de lavanda e vapor fizeram cócegas em minhas narinas. À esquerda, uma porta aberta com um vidro fosco rachado dava em uma sala de banho ao estilo de um matadouro, com oito duchas pingando. No meio do lugar uma garota secava o corpo sobre o ladrilho molhado com uma grande toalha branca de hotel. Bobbi me relanceou sobre o ombro, com expressão arisca.

“Oi...”, disse, fingindo acanhamento. Obviamente, havia lido o roteiro de Kristin.

“Não se mexa.”

Atravessei o piso molhado e examinei suas costas e seu quadril estreito. Desde que morara comigo, tatuara duas estrelas acima das nádegas, uma de cada lado. Uma vermelha, com um fino contorno preto, a outra preta, contornada de vermelho, provavelmente uma coisa Jekyll e Hyde. Era difícil encontrar nessa cidade alguém com menos de vinte e cinco anos que não tivesse tatuagem.

Fez menção de se virar, mas dei-lhe um forte tapa na nádega esquerda; ela inspirou fundo, uma touca de banho caiu no chão.

“Escutou o que eu disse?” Agarrei suas nádegas — ambas com dezenove anos agora, a esquerda com uma marca vermelha da palma da minha mão — e as apertei. “Abra as pernas.” Ela afastou os pés com pequenos passos. Agachei, apertei os polegares com força em sua carne e abri suas nádegas; seu ânus depilado se abriu como a boca de um macaco. Cuspi e enfiei os polegares, o esfíncter se fechou em torno deles, com um reflexo de sucção.

“Oi, Bobbi, bom te ver outra vez.”

Desde o incidente da mesinha quebrada, que pareceu mais encorajá-la do que constrangê-la, nós nos falávamos ao telefone de tantos em tantos meses. Se eu estivesse em Coldwater, sempre que ela filmava para um de nossos sites eu a visitava no camarim, caso ela não tivesse passado em minha sala para dizer olá.

“Sim... senhora”, disse ela. “É um grande prazer trabalhar com a senhora finalmente.”

“Eu não ficaria tão feliz se fosse você”, disse eu. “Como foi na Tyra, Bobbi?”

“Tyra Banks é uma... vaca”, ela respondeu. “Você assistiu?”

Tirei o polegar esquerdo de dentro dela. “Senhora”, eu disse, e lhe dei quatro tapas cruéis na nádega esquerda. “A senhora assistiu?”

Conforme expirava, ela disse: “A senhora assistiu o programa?”

“Você foi fantástica.”

“Mas Joy”, disse ela, num tom casual, de uma hora para outra, “aquele programa inteiro foi uma puta mentira de merda.”

Tirei a mão dela e fiquei de pé. Ela virou para mim. Estava interrompendo nosso jogo.

“Não me diga.”

“O programa é feito em Nova York, você sabe”, disse ela. “No telefone, antes de gravar, uma das assistentes de produção fala: usa o que você achar melhor.” Ela estremeceu por um segundo, foi até as cadeiras diante do espelho e sentou. Peguei a toalha e sequei seus ombros. “Daí eu viajo pra Nova York com um dia de antecedência só por causa dessa gente”, continuou, “e passo a tarde inteira fazendo compras na Madison Avenue. Jeans skinny, top,

brincos. Eu quero estar bonita pra aparecer naquele sofá pro país inteiro, sabe? Comprei dois pares de Christian Louboutin, porque não conseguia me decidir, tudo com meu dinheiro. No dia seguinte, eu apareço no estúdio, e adivinha só.”

Você é um fenômeno, isso sim. Enquanto eu tirava a roupa, olhávamos uma para a outra no espelho. Meu Deus, que bagulho eu pareço perto de você. Os olhos castanho-escuros de Bobbi estavam, como sempre, parcialmente fechados, e um sorriso de gueixa brincava em sua boca pequena — uma expressão controlada de zombaria, o máximo de indignação que seu rosto estoico permitia. Ela era magnífica. Não era de admirar que essa estrela cult tivesse chamado a atenção de Steven Soderbergh — quer dizer, se o que disse na Tyra era verdade.

“Que história é essa do Soderbergh?”, perguntei. “Ele ofereceu mesmo um papel pra você?”

“Espera um pouco”, ela disse. “Daí eu chego lá e aqueles babacas da produção falam: você não está parecendo uma garota de dezoito anos. Isso mesmo, eu digo, estou parecendo uma garota de dezenove anos. Pode ser, eles falam, mas hoje a Tyra está conversando sobre adolescentes na indústria pornô e é por isso que você está aqui. Daí eles me mostram uma arara cheia de roupas de criança. Oilily. Eles fazem eu me vestir como... como...”

“Gretl von Trapp. Me passa seu sabão?” Fui para as duchas.

“Você viu aquele suéter rosa?”, falou às minhas costas. “E aquelas sapatilhas? Até os brincos eu tive que trocar. A vaca da produção me deu duas pedrinhas cor-de-rosa.”

Pus a touca de banho e girei as torneiras endurecidas. A ducha vibrou e engasgou, um jorro abundante de água quente caiu em meus ombros. Ela parou na porta e ficou olhando enquanto eu me ensaboava.

“O cabelo preso num rabo de cavalo, quase não pude usar sombra, ruge demais, você sabe. Eu pensei: espera só pra ver. Seus filhos da puta.”

Ela parecia uma Virgem Maria no Sábado de Aleluia, mas na verdade isso só contribuía para sua performance. Que charme, que

serenidade glacial. Explicara suas escolhas tranquilamente, como tinha costume de fazer, sem oferecer justificativas, e Tyra, com sua lista de perguntas prontas, não conseguira desestabilizá-la. Como sempre, Bobbi falava num tom seco e monótono, suas palavras tão salgadas quanto charque, as vogais suaves como uma planície, comunicando uma sabedoria mundana e uma condescendência sutil que deixaram Tyra numa saia justa. (“Bobbi, você não precisa responder isso, mas vou perguntar assim mesmo: você sofreu abuso sexual na infância?” “Eu? Ah, não. Tive uma infância ótima. Por quê? Você sofreu, Tyra?”)

Mas o nocaute foi o filme de Soderbergh. Logo depois de uma compilação censurada de Bobbi em ação, Tyra perguntou quanto tempo ela pretendia continuar no ramo, e quando ela respondeu que continuaria enquanto achasse divertido, Tyra perguntou como via sua vida após a pornografia. Ela respondeu que estava considerando uma carreira normal no cinema, e quando Tyra, a custo reprimindo um sorrisinho desdenhoso, quis saber se realmente achava que Hollywood a esperava de portas abertas, ela disse, claro, a gente nunca pode dizer com certeza, mas em todo caso tinha um almoço marcado para o dia seguinte com Steven Soderbergh, na Broadway.

“Steven Soderbergh?”, disse Tyra. “Está se referindo ao *diretor* Steven Soderbergh?”

“*Onze homens e um segredo*”, respondeu Bobbi, “você sabe, com George Clooney e Brad Pitt?” E quando Tyra ficou de queixo caído olhando para ela por alguns segundos, como um carrinho de bate-bate sem energia elétrica, continuou: “*Sexo, mentiras e videotape?*”.

“Eu sei quem é Soderbergh”, irritou-se Tyra. “Você tem um teste, pelo que entendi?”

“Um papel. Vou fazer o papel principal no novo filme de Steve.”

Fora a pior escolha possível de convidada para trazer a Nova York. Que delícia observar o desespero tomando conta do rosto presunçoso de Tyra. No público, uma delegação em choque do Movimento Antipornografia: um pregador fundamentalista e uma feminista, ambos com ph.D nos danos psicológicos e sociológicos

que pessoas como Bobbi, eu e Rusty infligiam na sociedade. Deveríamos acreditar naquela putinha mirim? Uma piranha depravada que o *bas-fonds* de Los Angeles elegera SuperSlut 2008? Que ganhou os prêmios de cena de boquete mais obscena do ano, ménage à trois mais obscena do ano, o que quer que fosse mais obsceno do ano — deveríamos acreditar naquela vagabunda de olhos amendoados? Dava para ver Tyra Banks pensando: por que não estou sabendo disso? Por que meus redatores não sabem disso? E o desespero se espalhando pelo resto do auditório, e então pelo público em casa. Ela está mentindo? Mas no estúdio não havia tempo para isso, o show deve continuar, então a pergunta simplesmente ficou pairando como um abutre acima da cabeça de Tyra: será possível? Ou levava tanta pica na vida que perdera o juízo e começara a delirar? E se estivesse de fato dizendo a verdade, qual era o sentido de todo aquele programa? Que recado estou tentando passar à América?

Fechei a torneira. Era Q — eu não o escutara entrando —, que me deu uma toalha. Ocorreu-me, não pela primeira vez, como seu rosto marcado me lembrava Larry King, mas sem os óculos.

“Então é verdade?”

“O que é verdade?”

“O filme, Bobbi.”

Ela riu. “Achei que não faria nenhum mal um pouco de autopromoção. Claro que é verdade.”

Fui até Q, que estava mexendo num engradado plástico que pusera sobre a penteadeira improvisada. “Mas como foi que isso aconteceu?”

Enquanto Bobbi me contava como recebera uma mensagem em seu MySpace alguns meses antes, de alguém alegando ser Steven Soderbergh — não apenas uma, mas quatro mensagens —, e que por acaso era mesmo Steven Soderbergh, Q prendia uma espécie de arreio de couro em meu quadril. Uma semana depois ela falava com “Steve” ao telefone, ele conhecia seu trabalho, foi assim que disse, tinha lido sobre ela na revista *Los Angeles*. Steve procurava alguém para seu novo projeto, um filme sobre uma garota de programa de

alta classe em Manhattan. Não era uma ponta, como ela inicialmente pensara, mas o papel principal. Foi a primeira pessoa em quem ele pensou. Ela não acreditou. No dia seguinte, encontraram-se para um café no Los Angeles Zoo, e embora o homem parecesse de fato o diretor Steven Soderbergh, ela continuou não acreditando. O plano era que o filme estreasse no Festival de Cinema de Berlim, em fevereiro.

Com os joelhos estalando, Q abaixou e afivelou as correias em torno de minha cintura e minhas coxas. Com a expressão de um coveiro, tirou de sua caixa um pênis verde de plástico rígido e o fixou a uma rosca em meu espartilho, logo acima do meu monte de Vênus.

“Saiu na *Newsweek* anteontem, aliás.”

“Você sabia disso antes de ir para a Tyra?”

Ela deu um sorriso sarcástico. “Claro que sabia, senão como podia ter contado pra ela?”

“Eu sei, não é isso. O que eu quero dizer é: quando te ligaram. Você não contou de propósito?”

“Eu não contei de propósito.”

Houve uma batida na pesada porta industrial e imediatamente ela se abriu. Um negro esbelto usando uma camisa azul brilhante entrou.

“Senhoras, senhor.”

“Oi, Ralph”, disse Bobbi.

“Porque você sabia que ia ter sua chance”, falei.

“Aqueles babacas estavam loucos pra me dizer que eu tinha estragado meu futuro. Loucos. Desde o primeiro minuto, fiquei ali com o dedo no gatilho.” Ela esticou o braço, sua mão delicada em forma de pistola. “Pá. No meio da testa da Tyra.”

Ralph foi até as pias e pôs uma maleta de couro marrom sobre a tábua. Agarrou meu pênis, me puxou para ele, os lábios franzidos e os olhos fechados. Eu o beijei. Só então ele abriu a maleta e tirou pincéis, lápis delineadores e pequenas caixas ovais de maquiagem.

“Mas é um papel sério?”

“Soderbergh?”, disse, com ênfase atípica. “Claro que é um papel sério. Eu li o roteiro, é sutil.” Segurou a folha A4 entregue por Kristin entre o polegar e o indicador e balançou no ar. “Não tão sutil quanto isso, claro”, disse com um sorrisinho.

O set parecia um formigueiro, todo mundo se movendo — todo mundo exceto Bobbi. Do corredor, eu podia vê-la ajoelhada de lado sobre a cama, uma cama de ferro que dava a impressão de que naquela noite *Oliver Twist* dormira no chão. Vince se curvava sobre ela, amarrando-a com uma corda grossa. Os pulsos de Bobbi estavam presos às suas costas, a corda enrolada em seu busto, passando por seus seios, que estavam para fora de sua blusa vermelha bufante. Calçava graciosos sapatos *peep-toe* de lona bordada com imensos saltos de cortiça, faixas de linho cruzando suas canelas. Seus frágeis pulsos foram puxados para cima por uma corda que passava por uma argola no teto.

Dois cameramen e um fotógrafo contornavam a cama de orfanato. Kristin examinava uma vista aérea do set em um laptop. Clint, um sujeito cujo crachá dizia FLOOR ASSISTANT, agachou do outro lado da cama, onde a cabeça de Bobbi pendia num ângulo desajeitado pela beirada do colchão. Ele brincou um pouco com ela, e ocasionalmente lhe servia na boca um gole de seu Red Bull.

Vince estava completamente absorto em seu primeiro emprego. A despeito do frio no ambiente, suava em bicas, encharcando as praias de sua camisa havaiana. Com a velocidade de um marinheiro de catamarã, passou a corda em torno do joelho esquerdo de Bobbi, que repousava, como o direito, sobre a beirada da cama, enrolou-a em torno do poste esquerdo da cama, trouxe-a de volta e esticou, prendendo-a com um destro nó de marinheiro. As nádegas de Bobbi brilhavam como a cabeça de uma esfinge na iluminação ofuscante. De costas para mim: Rusty, observando atentamente o trabalho de seu novo recruta.

Ninguém me notava. Eu estava parcialmente sob o vão da porta, a vinte metros de Bobbi e Vince, distância que parecia internalizada

em mim, transformando-me numa total estranha em relação à cena. Algo — talvez eu estivesse esperando um recado de Boudewijn, ou talvez fosse o último comentário de Bobbi, que me parecera arrogante, um pouquinho desdenhoso demais, para meu gosto — me mantinha completamente fria e distante. Por mais que tentasse entrar no clima — eu batia de maneira impaciente nas pernas com o chicote que Q me dera, tentando desesperadamente me colocar no estado de espírito necessário para desempenhar meu dever naquela cama de orfanato, dentro de alguns minutos —, por mais que tentasse me concentrar em Bobbi, as engrenagens em minha cabeça simplesmente não paravam de girar, um par de pensamentos conflitantes que rodopiavam, torcendo minha consciência como uma porca borboleta apertando meu corpo. De um lado, o forte onde estávamos era como uma gaiola de Faraday: eu estava totalmente isolada dos sinais externos, fora do radar, inexistia para meu ex e até para meu filho, cujas ligações e mensagens eram rechaçadas. E do outro, Bobbi Red estava ali à minha espera e, gostando ou não, meus pensamentos radiografavam sua fama iminente, que ainda não se concretizara, mas em breve o faria, uma fama cuja forma e alcance exatos ainda eram incertos. A ideia de que a introvertida garota que lavava sua bundinha anônima na pia de meu banheiro no Sunset iria em breve se tornar a nova musa de Soderbergh, de que em seis meses estaria flanando pelo tapete vermelho em Berlim com esse homem e, quem sabe, pudesse acabar aparecendo no Kodak Theater com uma estatueta dourada nas mãos — dali em diante, tudo era possível —, fazia minha cabeça girar. Eu me consolava dizendo a mim mesma que o filme provavelmente sumiria nas prateleiras de DVD, que Bobbi cairia na obscuridade, ou, mais provavelmente, que o filme seria um fiasco, e ela seria bombardeada pela crítica, execrada, expulsa do Valley entre chacotas e risadas. Mas algo me dizia que o script devia ser bem outro. *Seria sua grande chance*. Ela emergiria como uma estrela de um tipo que Hollywood não presenciava havia muito tempo. Bobbi como uma Mae West radioativa do século XXI, uma Nicole Kidman que explodia na sua cara.

Kristin me viu e sinalizou. “Joy — três minutos.”

Vamos supor que isso realmente aconteça, pensei enquanto caminhava pelo salão de baile sob o eco de meus saltos, o que significava para a cena que estávamos prestes a filmar? Para Bobbi, estava claro, seria uma cena dentre tantas que a ajudaram a transgredir as barreiras de gênero, um filme que todo mundo iria querer ver, talvez apenas para satisfazer a lascívia, mas talvez mais ainda para estudar Bobbi Red, essa gueixa estranha e belíssima sobre a qual ninguém sabia o que pensar. Bobbi transformou o Quartel numa casa de vidro, Bobbi abriu as cortinas, Bobbi tirou a tampa do bueiro, e então o mundo do lado de fora veria... *a mãe de Mike?*

O Maybach de Rusty mal se afastara do Quartel quando as mensagens de texto e os recados no correio de voz apareceram em meu celular, um por um. *Pare com isso*, rosnou uma voz em minha cabeça, *largar Boudewijn foi sem dúvida a coisa certa a fazer*. Nós três estávamos sentados no banco traseiro: eu atrás de Rusty, que a despeito da excitação maníaca dirigia como uma velhinha, Bobbi no meio e Vince do lado direito, Kristin no banco do passageiro, conversando alto. Nada de tristeza pós-coito ali; o ambiente como sempre era caloroso e relaxado. Estávamos a caminho de Coldwater para assistir ao fim de duas outras sessões de filmagem. *Deixá-lo foi a melhor coisa que você já fez*. Bobbi entrelaçou os dedos esguios nos meus e pressionou o corpo contra mim, talvez apenas para ficar o mais longe possível de Vince.

Eu teria morrido de tédio. Antes de Mike nascer, ao menos éramos ambos infelizes, Boudewijn e eu, em San Francisco: meses vagando sem rumo por nossa nova cidade, machucados e com saudades de casa, procurando o consolo e a companhia um do outro. Mas depois do nascimento, Boudewijn ficou feliz de repente, e um Boudewijn animado lia livros infantis em voz alta para Mike (as únicas vezes que eu ainda o escutava falar), desfrutava de seu hobby (os únicos passeios que fazíamos eram longas viagens de

carro pela Califórnia, ou às vezes até chegar ao estado de Nevada, que invariavelmente terminavam no celeiro de algum fazendeiro de pantufas que puxava o cobertor de uma jukebox em más condições), ou então brigávamos. Uma discussão aqui, outra discussão ali, após dois anos com Boudewijn Stol eu não podia mais nem escutar a palavra “discussão”. Quando eu chegava em casa do Vale do Silício, à noite, em Russian Hill, ele já estava sentado em seu pijama de cetim, escrevendo e-mails indignados. Para os colegas de diretoria do Golden Gate Park Golf Club, para os funcionários da creche de Mike, para seus parceiros na McKinsey, para o advogado de divórcio, que ele pusera no pau com outro advogado. A única pessoa contra quem ele não lançava granadas eletrônicas de sua trincheira era eu.

“Liga já PQP” foi a primeira mensagem de texto que abri. Um novo choque de preocupação sacudiu meu corpo. Mike vinha andando muito de kart ultimamente. Ou talvez tivesse a ver com dinheiro. Será que eu esquecera de pagar alguma coisa? Nem morta eu ia ligar para San Francisco do banco traseiro daquele carro: eu tinha medo demais, estava nervosa demais, envergonhada demais, aterrorizada com a possibilidade de Rusty tirar o telefone da minha mão e falar qualquer coisa nele, o tipo de coisa que vinha falando havia meia hora, coisas que dizia como elogio (e, em certo sentido, eram mesmo), mas que me impediriam de ver meu filho de uma vez por todas.

“Caralho, Joy, você dá mesmo no couro”, exclamou Rusty logo depois da filmagem. Chamou minha performance de “fascinante”, quase inacreditável. Ficou brevemente preocupado com os vergões vermelhos nas coxas de Bobbi, torcendo para que sumissem antes de ela precisar tirar a roupa para Soderbergh. De onde extraíra o sadismo necessário para a cena, eu não era tonta de contar, pois Bobbi, com o rosto recostado em meu ombro como um pequeno animal, podia não entender. A verdade era que eu conseguira odiar Meryl Dryzak pelo que ela era. Porque senti *inveja* dela. Eu mobilizara essa inveja em mim para odiá-la por sua energia, sua facilidade, sua determinação, e a independência com que veio a

público e se tornou, aos dezoito anos, exatamente o que queria ser, sem pretensão, sem covardia, sem sentir *vergonha*: essa sou eu, pensem o que quiserem. E veja aonde isso a levou. E, além do mais, veja aonde o exato oposto disso me levou. Eu já pagara um preço alto por minha falta de coragem e agora continuava levando uma vida dupla, ainda tinha tudo a esconder. Concedera uma entrevista ao *New York Times*, mas nada de foto. Tente explicar isso a Bobbi.

(Tampouco dera a menor explicação para Boudewijn. Simplesmente caí fora e dei as desculpas furadas mais tarde, por telefone. Após dois anos e meio no conforto daquele ninho de águia no alto da colina, meu filho pequeno enfiado sob as cobertas felpudas, simplesmente me mandei.)

Sua segunda mensagem de texto me atingiu como um tiro. "Aaron Bever ligou. Que história é essa? Precisamos conversar!" Soltei a mão de Bobbi e tapei a boca. Com o susto, ela ergueu o rosto.

"Tudo bem, amor?"

"Tudo, claro", gaguejei. "Desculpe... é que acabei de me lembrar de uma coisa."

"O que foi, amor?" Ela beijou meu ombro e buscou minha mão.

"Acho que eu... ãhn, deixei a porta dos fundos aberta." Aaron estava nos Estados Unidos? Estaria a caminho de encontrar Boudewijn e Mike?

"Provavelmente não", disse Bobbi. "E de qualquer jeito, se roubaram sua casa, você sempre pode vir morar comigo." Voltou a recostar a cabeça em meu ombro. Olhei pela janela: no horizonte, dava para ver as Watt Towers, dois chapéus pretos e pontudos feitos de entulho e ferro-velho. Liguei para o correio de voz e apertei o celular o mais forte possível na orelha esquerda. Por que diabos fui trocar minha família por esse bando? Você e sua intuição, pode esquecer todos aqueles modelos de tomada de decisão da McKinsey.

Por meio do chip da operadora, Boudewijn falava comigo — em holandês, a única pessoa que ainda fazia isso. Tive de fazer o maior esforço para entender o que ele dizia, por causa de Vince conversando com Rusty e Kristin sobre seus planos de se mudar

para Los Angeles. "Joni", disse a voz de Boudewijn, "isso não é nada bom. Bever está com Mike na linha."

Bobbi continuava segurando minha mão e, quando a apertei, senti os olhos dela cravados em mim. "Limparam sua casa?", ela perguntou.

"Sabe alguma coisa sobre isso?", prosseguiu Boudewijn. "Ele conseguiu descobrir seu endereço em Los Angeles com o Mike. O que o Bever tem na cabeça? Me liga, droga."

Antes de deitar na dura cama de solteiro, ele procura o CD-ROM com as fotos do site em sua bolsa do laptop. Encontra o disco com que ainda foi capaz de se enganar durante a última primavera em Shanghai; lutando contra a melancolia e a autocensura, e com um gosto amargo na boca, seleciona cinco imagens e as manda para Tineke. Como combinaram, para o endereço de Hotmail que certa vez abriu para os dois, mas nunca usam.

Na manhã seguinte, seu ministério está em polvorosa devido ao editorial do *Buitenhof*, a que ele deixou de assistir no domingo, criticando um controverso plano de reforma no ensino médio, por causa do qual foi chamado — eles não perderam tempo — de vira-casaca, já que está prestes a implementar uma política contra a qual se opusera vigorosamente quando era reitor. O que é verdade. Ele e seu porta-voz formulam uma estratégia; depois, sozinho em sua sala, telefona para o MeesPierson. Seu *private banker* atende com a costumeira discricção. Dizer a quantia em voz alta — “Michiel, escute, preciso de cem mil florins até amanhã, em dinheiro” — soa definitivamente criminoso, como se estivesse encomendando um carregamento de explosivos de Kandahar para mandar a residência do primeiro-ministro pelos ares. Escolhe uma agência em Haia onde possa fazer o saque na manhã do dia seguinte. “Receio que tenha de lhe fazer algumas perguntas indiscretas”, diz o sujeito.

“O motivo?”

“A lei, sr. Sigerius. Tenho de encarar sua retirada como uma transação incomum.” Ao que parece há um formulário que precisa ser enviado a um banco de dados nacional. Ele pergunta se pode ligar novamente no dia seguinte, precisa ir.

Após voltar de um jantar oficial com o Conselho de Cultura, Sigerius recebe uma ligação de Janis. Ele fica apreensivo: será que vai tocar na questão das fotos? Primeiro conversam sobre o editorial da tevê (vários jornais comentaram o assunto) e depois ela conta que vai com sua mãe para Val-d'Isère uma semana mais cedo, que já está com Tineke na casa de fazenda e planejam sair pela manhã, não com o Audi, mas com o carro dela, os esquis já estão presos no rack, ele se incomoda de ir sozinho depois? "Não é nenhuma tragédia", ele diz.

Depois que ela desligou, quase lamentou que não falasse sobre as fotos. Ele gosta da franqueza de Janis. Fica curioso sobre o que ela teria a dizer a respeito, assim como se pergunta o que pensaria sobre a chantagem à qual está prestes a ceder. Na cama, lembra-se das conversas sérias que tiveram: dava para contá-las nos dedos de uma única mão, mas sempre foram, como poderia dizer... esclarecedoras. Janis é uma garota que pode ficar esparramada no sofá assistindo a uma competição de bicicross por horas e pouco antes do fim desligar a tevê e perguntar: "Pai, me diz uma coisa, por que você casou com Margriet?". Era uma tarde de domingo chuvosa, estavam sozinhos em casa, ela o bombardeou com perguntas, e no momento em que terminou sua reconstrução do desastroso casamento era tarde demais para irem a seu restaurante chinês favorito.

Com a voz de Janis ainda ressoando em sua cabeça, ele revira na cama de um lado para outro sob o cobertor fino demais, bombardeando a si mesmo com perguntas, as perguntas dela: *mas por que tiveram um filho, pai?*, por que ter um filho com *aquela* mulher? Incapaz de pegar no sono, sua inquietação assume a forma de um sonho, e em sua agitação as imagens não param de atormentá-lo; elas estão ligadas como uma corrente que começa com cem mil florins, o preço do silêncio, e termina naquele casamento em que se deixara enredar — como fora capaz de se meter numa situação tão confusa? Tenta bloquear as lembranças,

mas é impossível repeli-las: lá está ela, Margriet Wijn, os cabelos pretos como corvo armados em um penteado alto ao estilo das Supremes, seus olhos sempre ligeiramente toldados. *O que você viu nela, pai?* Claro que ele retruca, não me venha com sermões, mocinha, eu tinha vinte e quatro anos, droga, o que eu podia saber. Casaram-no à força, essa era a verdade, sua cunhada o casara à força. *Isso mesmo, pai, põe a culpa nos outros.* Ela tem razão — como pode acontecer de sempre saber mais do que a gente? *Sua cunhada obrigou você a casar? Continue, estou escutando.* Só o que quer é dormir, mas sua memória dá para a filha mais nova o que ela quer, não acorda os mortos; em vez de mergulhar na escuridão, ele ressuscita os mortos. Havia acabado de passar seis meses no Japão quando seu pai morreu de repente — pendurando uma luminária, Janis, seu avô, bom, meu pai, caiu da mesa onde tinha subido, ataque cardíaco, uma descarga elétrica direto no coração. Meses depois ele voltava a Delft, tendo perdido o enterro, naturalmente, para descobrir que a casa na Trompetsteeg, 14, fora confiscada por Freek, seu irmão, e a esposa dele, um casal de vinte e tantos anos que havia se instalado na sala abafada agindo como se fossem seus pais. Ele e a tal da Mieke viviam às turras, ela o mandava limpar o banheiro com um balde e um esfregão. “Você toma banho demais e demora demais, Siem, uma vez por semana é mais do que suficiente, e daqui em diante é melhor levar seu quimono para a lavanderia — concorda, Freek?”

Nas noites de sábado, ela meio que o enxotava porta fora, para as ruas de Delft repletas de cafés, “quer arrumar uma namorada ou não?” — pergunta que Concórdia Freek lhe faz de quinze em quinze minutos, e assim, para tirá-los do seu pé, admite que conhece uma garota, a irmã de Menno Wijn, de Utrecht, aonde ainda vai treinar judô quatro vezes por semana, em sua bicicleta. Certa tarde de sexta, chega do Centraal Instituut Opleiding Sportleiders, onde dá aulas de educação física, e leva o maior susto da sua vida: *lá está ela*, Maggie Wijn, sentada muito ereta na poltrona de couro de seu pai, batendo um papo relaxado com Mieke como se fosse a coisa mais natural do mundo. Ela parece diferente, ele explica a Janis,

menos povão, mais feminina, o cabelo armado com spray, usando sombra nas pálpebras lânguidas, segurando no colo uma bolsa de couro branco. Mais uma intromissão de Mieke, mas até que bem-vinda, dessa vez; até então a coisa nunca fora além de algumas palavras desajeitadas e gaguejantes na porta dos fundos, quando passava para chamar Menno. Agora ficam ali sentados conversando por duas horas, é até divertido, ela fala sobre os grupos de música beat de que gosta, sobre a loja de bebidas no Oude Gracht, onde trabalha como caixa; sua voz é baixa, melancólica, mas quando ele faz uma piada ela ri alto, mais do que dos comentários sarcásticos de Freek. Às nove e meia, Mieke dá uma pequena palmada. "Siem, que tal acompanhar Margriet até a estação?" Por ela, Freek teria providenciado as alianças ali mesmo.

Ele não se lembra de muita coisa do que deve ter sido o período de namoro. Conhecer os pais de Margriet, uma reunião enervante numa sala de estar enfumaçada no Distrito C, onde, percebe depois, devorou todas as quatro fatias do *peperkoek* que havia sobre uma travessa esmaltada; os passeios de domingo pelo bosque próximo ao parque de Amelisweerd, onde faziam o melhor possível para conversar casualmente até conseguirem dar uns amassos atrás do Vossegatsedijk.

Três meses depois vem o casamento. Levou um pouco mais do que isso para se dar conta de quem era a pessoa com quem se casara, um pouco como Margriet só descobriu sua tatuagem na noite de núpcias, no apartamento da Antonius Matthaeuslaan: os dois caracteres japoneses azul-esverdeados que fizera no peito após um torneio em Marselha, e que, segundo Menno, significavam "judô". ("Fu-ion-hai, então", ela diz, uma de suas fracas piadas de que ele deve rir.) O que sabem um sobre o outro, na verdade? Ele ejacula num piscar de olhos.

Ela se revela de uma preguiça atroz. Nos dias em que ele dá seu curso de autodefesa em Amsterdam, pela manhã, chegando de volta à estação central de Utrecht perto da uma e pedalando até a Antonius Matthaeuslaan para comer um sanduíche antes do treino da tarde, ele nota, ao se aproximar da casa, que as cortinas do

quarto seguem fechadas. Como praticamente todos os outros dias da semana, de manhã Margriet continua deitada na cama que herdaram do pai dele, sobre o criado-mudo uma tigela de sopa vazia, suja do licor *advocaat* Zwarte Kip que ela trouxe da loja de bebidas onde não trabalha mais desde que casaram. Quando reclama de sua letargia — ele esteve em um campo de treinamento japonês onde dormiam pouco mas bem em esteiras tão finas quanto papel-carbono, acordavam com os animais da selva e corriam seis quilômetros antes do café da manhã —, ela reage com uma expressão contrita e impassível.

Ele a fez passar pelo que hoje em dia é chamado de teste de aptidão vocacional, e depois a matriculou em um curso de costura numa travessa da Vleutenseweg: fazer os próprios vestidos, passar os alfinetes em um paletó, costurar uma roupa com os tecidos que ela podia, ele descobriu, comprar a preço de banana no mercado têxtil de sábado, na Begijnhof. Comprou-lhe uma Singer com o salário de professor e a instalou na mesa da cozinha, perto da tomada. É um sucesso, aparentemente, ela adora costurar, diz, a professora é ótima, ele ouve fofocas sobre as outras mulheres, na maior parte indiscrições, histórias complicadas de amor e traição. Margriet pelo jeito se tornou a confidente da oficina inteira. De vez em quando, volta com uma saia ou vestido que ela mesma fez, ou alguma coisa para ele — ela tem talento, as peças são tão boas quanto algo comprado na loja, e é difícil dizer o que lhe passa pela cabeça quando, um ano depois, descobre que eram mesmo compradas em lojas, com o dinheiro que ele lhe dava para as despesas domésticas, o dinheiro do curso, porque Margriet admite sem pestanejar que só esteve naquela oficina duas vezes.

Ele não pode mais ignorar o fato de que se casou com uma mulher muito estranha. Uma sardinha que vive dormindo ou bebendo. E fantasiando, com o que ele quer dizer uma forma de mentira criativa; Margriet Wijn não conta pequenas histórias furadas, nem inventa simples mentiras — ela cultiva novas realidades.

“E você engravidou uma mulher dessas.” Janis.

“Essa garota. É.”

Ele faz uma lista de todas as maneiras que tinha em 1970 de não fazer um filho — sair para comprar cigarros, embarcar no primeiro navio mercante — e põe uma em cima da outra, como que calculando uma soma; é a conta mais importante de sua vida, ele percebe agora. Adiciona então todos os contras e, para sua surpresa, o total é: *engravidar-a*.

Seu telefone toca às seis e meia. Tineke. Ele respira um pouco antes de responder.

“Por que está me ligando tão cedo?” Sua voz está rouca. Mal conseguiu dormir e não sabe o que esperar.

“Janis está tomando banho. A gente já vai sair.”

“E as fotos?”

Ela ri, um cacarejo de pena que para ele soa forçado. Então diz: “Você se enganou. É uma garota bonita, concordo, e uma fulaninha vulgar, ainda por cima, e parece mesmo a Joon, um pouco. Mas não é ela”.

Ele escuta, abismado.

“Além de não ser ela”, continua, “essa menina tem olhos azuis brilhantes e um cabelo totalmente diferente. É outra pessoa.” Ri de novo. Por um momento, ele considera ir na onda, assim como a pessoa que concorda com um louco; fingir que só agora entendeu, finalmente abriu os olhos. Em vez disso, suspira.

“Você não vai dizer nada? Essa garota é americana, Siem. Essa sua putinha. Onde você encontrou essas fotos?”

“Não seja tão boba”, ele rosna. “Eu falei com ela. É ela, não tem a menor dúvida disso. Você ficou louca?”

“E você, você ficou louco? Foi um mal-entendido, só isso. Acho que você entrou em pânico. Interpretou tudo errado. Foi Wilbert, ele deixou você transtornado. É uma piada de mau gosto. É isso que eu acho.”

Embora ele espere que essa fina camada de autoilusão se desmanche a qualquer momento, ela não arreda pé. Está falando sério. Não se trata nem de autopreservação, está realmente

convencida. “Você mesmo disse que foi uma conversa curta”, ele a escuta dizer, “e claro que você estava chocada, talvez até furioso, sei lá. Ficou fora de si por causa da droga desse seu filho. Está enganado, querido. Sério. Quer que eu ligue pra ela?”

“Porra, de jeito nenhum!”, ele exclama. Ela não responde — alarmada, ele presume.

“Desculpe”, ele diz. “Eu mesmo vou ligar pra ela, querida. Deixe que eu cuido disso. Vá para a França e divirta-se.”

Dali a pouco deve ir a Leiden para abrir uma conferência da Landelijk Netwerk Vrouwelijke Hoogleraren, a associação nacional de professoras universitárias. Acende o abajur no criado-mudo, dormir agora está fora de questão. Desce da cama, sente o chão frio, pega dentro de sua pasta o discurso que alguém escreveu para ele. Voltando à cama, põe os papéis diante de si, sobre as cobertas.

Está realmente planejando enterrar cem mil florins na praia de Scheveningen?

Uma hora mais tarde, ordena ao motorista que não vá diretamente para Leiden, mas passe primeiro na filial do MeesPierson, enfrentando a hora do rush em Haia. Inventou, a contragosto, um pretexto para o dinheiro, qualquer coisa sobre pinturas e leilões em Nice e Marselha, negociantes de arte que insistem em dinheiro vivo, algo que se revela suficientemente plausível. Enquanto o Volvo espera do lado de fora com o motor ligado, ele entra na agência com uma pequena bolsa de couro da Puma que comprou na Denneweg. A recepcionista faz uma ligação, uma jovem sorridente aparece, acompanha-o a uma sala que cheira a carpete novo. Ali ela conta, com unhas pintadas com pequenas palmeiras, cem notas de mil florins, uma pilha de apenas um centímetro e meio; ele sente vergonha de sua ridícula bolsa esportiva.

Cerca de uma hora e meia depois, faz um discurso para trezentas professoras com cem mil enfiados no bolso do peito. Responde a questões sobre as deprimentes estatísticas da

participação holandesa no cenário mundial, a transparência do processo de nomeação, barreiras sociais nos escalões superiores da academia, e, por mais estranho que pareça, é ali, naquele palco, durante a sessão de perguntas abertas, que experimenta uma espécie de libertação. É tão simples assim?, ele se pergunta. Justo nesse momento, com um microfone diante do nariz, na frente de trezentas mulheres céticas, ele tem uma revelação. A própria mãe de Joni não a reconhece! Ele diz: olhe aqui, lamento, mas esta é sua filha, e ela responde: vá examinar sua cabeça.

“O que precisa mudar aqui na Holanda”, diz ele atrás de seu leitoril, “é que professores são indicados pelos chefes de departamento e pelos titulares das cadeiras. Em países como os Estados Unidos e a Noruega, você começa como professor assistente e a promoção na carreira depende de quanto você publicou, não do seu chefe.”

Ela não reconhece a própria filha. Você continua sendo alguém se ninguém o reconhece? Talvez não. Se Tineke, depois de uma confissão como essa, depois daquele pênis de plástico na correspondência, ainda acha que a garota naquelas fotos não é Joni, então ela não é Joni. Ele é o único que a reconheceu sem ajuda e além do mais só esteve uma vez naquele sótão. É ela e não é ela, um caso de ser e não ser, onda e partícula. “Na Noruega e nos Estados Unidos”, diz, o coração quase explodindo de felicidade, “uma pessoa não pode obstruir a carreira da outra e esse deve ser nosso objetivo aqui também na Holanda.”

Claro que não é ela! Os aplausos que chovem sobre o palco o encorajam, legitimam seu sorriso, enchem-no de alívio. Vá se foder, Wilbert! *Não é ela!* Não está vendo isso? Pode ligar para sua madrasta, seu vagabundo. Você tem merda nos olhos? Não consegue enxergar que não é ela? E quem vai acreditar em Wilbert Sigerius. Ah, mas se foi Wilbert Sigerius que disse. Ruborizado de triunfo, ele aceita a garrafa de vinho e pensa: se pelo menos eu pudesse falar com Joni. Se ele tivesse seu telefone, iria ligar para ela agora mesmo: escute, meu amor, vamos esquecer o que aconteceu. Não sei se ainda não está sabendo, mas não é você. A mamãe e eu

temos certeza disso. Por favor, venha para a França, traga Aaron junto. Diga a ele que não é você.

Exatamente uma semana depois, ele atende dois últimos telefonemas no banco traseiro aquecido do Volvo. Lá fora, as ruas de Haia, com suas linhas de bonde embutidas no asfalto e suas casas majestosas, gradualmente dão lugar ao subúrbio e aos edifícios negros reluzentes dos centros financeiros. O silêncio que o envolve, o anoitecer de dezembro com sua escuridão profunda, a força silenciosa de seu motorista ao volante, que calmamente o conduz rumo à A12 — muito em breve, por uma semana, deixará de ser ministro. Ele anseia pelo que o Reino da Holanda tão auspiciosamente chama de recesso natalino, o carro oficial que o conduz do Binnenhof a Enschede é um botão numa mesa de som, a cada quilômetro ele é transformado num homem de família, um pouco esgotado, talvez, mas ainda desejando intensamente chegar à estância de esqui onde vai passar o feriado.

Embora não veja a hora de deslizar pelos Alpes atrás de Janis, primeiro quer passar uma noite sozinho em sua casa, escutando sua música, dormindo em sua própria cama. Pelas sete noites seguintes, vai estar livre de seus demônios, mas até mesmo a liberdade pode ser cansativa. Vários dias de êxtase seguiram-se à ovação das professoras, dias de confusão excitada, seus pensamentos como que já se incumbindo de esqui por conta própria: naquela mesma noite, em seu apartamento, após ter debelado sua fúria exultante com a garrafa de cabernet sauvignon presenteada na conferência, pegou uma esferográfica e redigiu uma absurda nota de mea-culpa para Aaron e Joni, em duplicata, num bloco timbrado do ministério, carta que planejava sinceramente mandar, mas que ao reler no banheiro gelado, na manhã seguinte, rasgou e mandou embora pela descarga, sem hesitação.

Era o dia da praia. Ele não iria ficar no marcador 101 às oito da manhã em ponto, decidira, e não iria enterrar nenhum saco de dinheiro. Esse era o resultado da venturosa inspiração suscitada por

Tineke. Ele não mais se considerava uma vítima de chantagem e, de modo a dar materialidade a essa ideia, trabalhou disfarçadamente em sua sala numa carta séria para Joni, em que relatava a tentativa de extorsão de Wilbert, perguntando-lhe se podia contar com ela para respaldá-lo, formar uma frente unida, caso Wilbert tentasse levar suas ameaças a termo. Mas fosse por estar muito ocupado e ser constantemente interrompido, fosse porque o bloqueara, o incidente da porta de correr nunca chegou ao teclado.

Talvez por isso sentiu seu humor mudar no decorrer do dia, o sentimento de triunfo arrefeceu, ele ficou mais maleável, piegas, talvez até sentimental. Uma vez controlada a ameaça direta, rastejou para fora de seu bunker e sentiu, pela primeira vez em anos, a necessidade de se pôr na pele do filho. Tratava-se de um rapaz de vinte e nove anos, afinal, um jovem quase da mesma idade que ele tinha quando largou Margriet como um tijolo — muito jovem, em suma. Sua língua passou pelas palavras “responsabilidade ministerial” como por um molar que perdeu a obturação. Tudo estava tranquilo em seu gabinete em Zoetermeer, sua mente saturada com as questões urgentes a resolver, mas a caminho de casa ele ficou passando reprises do passado em sua cabeça, com seu filho em vários papéis: Wilbert aboletado em sua cadeirinha de criança na frente da bicicleta, ele olhando para o cabelo macio do menino, pedalando impacientemente por uma Utrecht abandonada porque não podia suportar a visão humilhante da Laranja Mecânica perdendo a Copa do Mundo; depois o menino ágil como uma pantera, com suas brincadeiras estúpidas, que cerca de quinze anos mais tarde veio balancear a família pesadamente feminina, e que para fazer graça, um dia, nos fundos da casa, segurou seus pulsos, a força impressionante daquele corpo adolescente; a cabeça taciturna, curvada, no tribunal em Almelo, menos de um ano mais tarde — isso agora era passado, e ele pensou: qual foi meu papel nisso tudo? Como vive o rapaz? E por quê? Para quem? Sem perceber, e sem querer, sentiu pontadas de pena.

Começa a nevar, o Volvo avança entre flocos turbilhonantes de uma tempestade. O secretário-geral liga para ele. Enquanto conversam, placas cobertas de neve, com cidades, distâncias, saídas, emergem da escuridão, em Deventer ele sinaliza para seu motorista parar em um McDrive. Comem seus quarteirões com queijo e fritas no estacionamento, conversando calmamente sobre o gelo para valer que está por vir, sobre estâncias de esqui e a melhor época do ano para ir.

Meu Deus — a carne da sua carne. Faz até uma tentativa de compreender a raiva descontrolada de Wilbert, um exercício laborioso de empatia, destinado em parte a antecipar futuros problemas, naturalmente, claro que há um elemento calculista, os dois foram condenados a uma pena perpétua, percebe ele agora — mas também para fazer um balanço de si mesmo: que erros ele próprio cometeu? Tenta imaginar como deve ter sido para um rapaz de dezessete anos como Wilbert ver-se de repente no meio de sua família, saído daquela vida miserável no sótão de Wijn para cair de paraquedas naquela casa de fazenda majestosa entre um arvoredo de choupos, com sua gente bem alimentada, cheia de energia e conquistas, vivendo sua vida estável e próspera.

Passou a última semana no gabinete com esses pensamentos na cabeça, e quando o motorista o deixou em seu apartamento no Hooikade, sabia o que tinha de fazer. Tirou o terno, vestiu jeans e suéter e pegou a surrada bicicleta de mulher no saguão de entrada do prédio. E lá foi ele à praia, no final das contas. Com nervosa resignação, pedalou para Scheveningen, sem o dinheiro, mas com a firme determinação de esperar por seu filho no marcador 101. Sem dúvida Wilbert apareceria para escavar o local nesse mesmo dia. Olhos nos olhos, seria possível ter uma conversa com ele, quem sabe enfiar algum juízo naquela cabeça. Estava preparado para o risco. Tentaria avaliar o perigo, ver até que ponto o rapaz parecia agressivo; antes de sair, ficara na quitinete segurando uma faca de tomate, mas pensou melhor. Claro que queria convencer Wilbert de que o rapaz não tinha prova de nada, de que sua família era imune a chantagens — mas sem usar de força, e com a intenção de deixar

claro também que havia um lugar para ele, que era parte da família, independentemente do que acontecesse, apesar de tudo, a despeito do passado. Ele ensaiou esse esquisito tête-à-tête em sua cabeça, uma conversa entre pai e filho que começaria de forma desajeitada e terminaria de forma desajeitada. E, contudo, queria estender a mão uma vez mais.

Então lá ficou ele, no dia 14 de dezembro de 2000, às oito da noite, na praia de Scheveningen escura como breu, tremendo de frio, mas na verdade mais de nervosismo. Com o vento às suas costas, andou em volta do marcador 101, ocasionalmente chutando a estaca de madeira manchada pela maré, só para se acalmar, ensaiando o que iria dizer, esquadrinhando as dunas escurecidas até ter diferenciado os vários matizes de preto, e finalmente concluindo, pela total falta de movimento naquela escuridão sem fim, que Wilbert não iria dar as caras. Esperou até dez, onze horas, o mar se aproximou — ele sim —, e então disse a si mesmo que era uma besta. Um tolo sentimental, um idiota ingênuo.

Nesse fim de semana ficou em Haia, não havia nada a fazer sozinho em Enschede. Trabalhou um pouco na mesa daquela sala que não era sua, seus sapatos cheios de areia sobre folhas de jornal, e para sua surpresa tudo estava tranquilo, nenhuma mensagem de texto sobre sacolas de dinheiro não encontradas, nenhum sinal de vida, nada, e quando os últimos dias antes do recesso passaram, longas jornadas de trabalho preenchidas com festas de fim de ano e decisões ministeriais de último minuto, uma *dúvida* vaga, quase existencial, tomou conta dele: talvez estivesse sendo paranoico, quem podia dizer que estava lidando com Wilbert, afinal? Não podia ter sido vítima de um maluco anônimo que de algum modo topara com o deslize de Joni na internet e decidira fazer uma tentativa de pôr as mãos no seu dinheiro? Bem-vindo à realidade do poder em Haia. Sentiu-se estranhamente provinciano na terça-feira, quando foi devolver os cem mil intocados para a mesma jovem no MeesPierson. Talvez estivesse vivendo por semanas agora numa fantasmagoria de culpa, talvez tivesse se permitido ficar obcecado com sua insana progênie a ponto do delírio.

Ele e seu motorista haviam dado um jeito de ter música no carro sem que o som chegasse à frente, mas que fosse perfeitamente audível atrás. Ele escuta *Everybody Digs Bill Evans*, seu álbum de trio favorito, faixas virtuosísticas em uptempo alternadas a contrastantes... ãhn, como ele diria... noturnos à la Satie? Aaron — como será que anda, ele se pergunta. No último trecho da estrada ele renova sua promessa de mandar um e-mail para Joni, de preferência antes que parta para a França no dia seguinte. Precisa ser uma combinação da abordagem séria, paternal, com o desabafo embriagado que jogou na privada na semana anterior, uma mensagem em que irá acertar as coisas entre ambos de uma maneira inteligente, tática, deve deixar claro que guardou o segredo para si mesmo, que passou da fase de querer julgá-la, que todo mundo comete suas indiscrições na juventude.

Pede para o motorista deixá-lo na entrada principal do campus, prefere seguir a pé o resto do caminho. Leva o laptop numa das mãos e a maleta cheia de documentos na outra, passa pelo prédio da reitoria e olha sem nenhum sentimento especial para a janela panorâmica da antiga sala; seu sucessor mantém as persianas fechadas, uma luz fraca acesa ali dentro. O campus é como um açucarado cartão de Natal, os gramados resignados com sua cobertura de neve, apenas os trechos mais largos de asfalto ainda resistem. Diante de um dos dormitórios na Calslaan, um grupo de rapazes disputa uma guerra de bolas de neve um tanto prematura, seus hálitos visíveis, seus gritos inaudíveis. Passa pelo Centro Esportivo, atravessa o bosque da Reelaan, chega à Langekampweg. A neve rodopia em torno das luminárias de rua, só o que escuta é o ruído de seus passos afundando e um silêncio mudo que, por conta dos milhares de flocos caindo, mal pode ser chamado de silêncio.

Ali está ela, a casa de fazenda, sua casa, envolta em branco, paciente, imune às vicissitudes da vida. Uma dor lateja em sua perna ruim: a exaustão dos últimos dias, a exaustão dos últimos *seis*

meses, é excruciante, seus nervos estão em frangalhos, anseia por uma taça de vinho, uma ducha quente.

Quando compraram a casa, em 1985, havia uma reluzente placa de madeira na frente com as palavras *MON REFUGE*, em pirografia, e depois de concretizar a compra a primeira coisa que fez foi desparafusar o troço kitsch da parede e — muito apropriadamente — usá-lo como lenha na lareira, fogo que durou até a hora de dormir. Nos primeiros anos, teve de se habituar aos ambientes imensos, ao luxo dos acabamentos: quem teria imaginado que poderia envelhecer em estilo aristocrático desse jeito? Ele — cujo pai falecera naquele barraco da *Trompetsteeg*.

Tineke teria lhe pedido para dar a volta até os fundos por causa dos sapatos com neve, mas não tem energia para tanto. Suspirando, abre a pesada porta da frente, um dos gatos sai em disparada. Bate a neve das solas mas decide tirar os sapatos, de qualquer maneira. Sente o calor do chão penetrar por suas meias. Seus esquis estão apoiados na cômoda sob a escada, Janis os trouxe do sótão para ele. Recolhe um punhado de cartões de Natal que estão sobre o capacho, entra na sala, põe a maleta cheia de documentos entre o porta-revistas e o abajur de pé que emite uma luz suave, agradável: depois que a oficina de Tineke foi roubada, três anos antes (prejuízo: uma furadeira, cerca de duzentas ferramentas manuais e praticamente tudo que pudesse ser carregado e funcionasse à eletricidade), ela insistiu em instalar um temporizador de luz, aparelho em que ele prefere não mexer. Num súbito anseio por domesticidade, acende as luzes de Natal.

Pega uma garrafa aberta de tinto na prateleira de vinhos perto do armário de bebidas, serve uma taça generosa e afunda no canto do sofá, os pés sobre a mesinha de centro. Dificilmente fica sozinho ali. Morto de cansaço, olha em torno pela sala ampla, com pouca mobília, e se sente mal de deixar Tineke sozinha em casa durante a semana. Há um número da *Nouveau* aberto sobre a mesa. Por outro lado, talvez ela adore isso.

Pega o laptop na bolsa e o liga. A carta. Melhor fazer isso já, precisa sair cedo no dia seguinte. Essa tarde, em sua sala, planejou

sua rota, Metz-Nancy-Lyon-Grenoble, mais ou menos o caminho para Sainte-Maxime. Está planejando aludir àquele barco deles, mas ainda não sabe como; em termos levemente chocados, talvez? Em Val-d'Isère, de todo modo, quer ser aquele que vai levar a boa notícia; contanto que consiga achar o tom correto, planeja encerrar seu e-mail com a ideia de Tineke de visitar Joni no Vale do Silício no Ano-Novo.

Pega no sono antes mesmo de conseguir abrir o Word, não sabe dizer quanto tempo durou seu cochilo, fragmentos de sonhos, como se fossem lembranças de memórias, passam por sua cabeça, sonha com um garoto de olhos fundos vestindo um colete térmico. Quando acorda, assustado, está completamente zozzo, o rosto grudado no sofá — os pelos muito crescidos, precisa fazer a barba o quanto antes —, e sua perna ruim está dormente. Sente fome outra vez, há um vago cheiro de comida na casa, um cheiro gorduroso que não notou antes. São nove e meia, larga o laptop e decide tomar um banho primeiro. Saindo da sala, considera como formular a parte da reconciliação, tentar explicar sua presença nua, ou como preferir, na casa de Aaron. Talvez deva ser o mais honesto possível, apenas escrever do modo como aconteceu.

No corredor, lembra-se de um comentário feito por Tineke, duas semanas antes, que o pegara de surpresa: “Fico tão feliz de que tudo que a gente precise está aqui embaixo”, dissera ela, “porque meus joelhos quase explodem toda vez que eu subo aquela escada”. Talvez devessem ter uma conversa sobre medidas drásticas, uma cirurgia de redução do estômago ou qualquer coisa assim, mas não tem certeza sobre como fazer uma sugestão dessas.

É bem prático, em todo caso, pensa ele ao tirar a roupa no quarto, foi uma das surpresas agradáveis da casa: a suíte master, banheiro e closet integrados. Sim, é prático. Ele treme de frio. As cortinas ainda estão fechadas, seu lado da cama claramente tem sido usado — a ideia de que sua esposa dorme ali quando ele não está é tão comovente quanto dolorosa, a um passo da pena. Com um suspiro de alívio, abre a calça, aquele lixo que comeu no McDonald's formou uma bola inchada em sua barriga, ele olha para

seu corpo no espelho ao lado da porta do banheiro e como de costume esfrega a tatuagem em seu peito.

E se fizesse um relato detalhado de tudo? Algumas folhas, como uma narrativa? Desde a noite no hotel em Shanghai, quando achou pela primeira vez que a reconhecia, até a invasão na casa de Aaron... ou talvez ainda antes disso... Enche uma das pias com água morna e destampa o creme de barbear. Uma confissão como essa tem qualquer coisa de ridículo. Desde ontem, tem se sentido incomodado com um ponto vermelho doloroso em sua narina esquerda, a pele está esticada e irritada. Nos tempos de escola, quando seu irmão gostava de importuná-lo com a história do furúnculo fatal de sua mãe, ele não ousava nem encostar nas espinhas em seu rosto, muito menos espremê-las. Mas esse tempo já foi. Põe as pontas dos dedos médios na narina, curva-se para o espelho e aperta. Qual é a situação, em essência? A pele em torno de sua narina fica tensa, muda do vermelho para o branco, a dor é localizada, promissora. A questão é fazer Joni perceber que não tem a ver com ela—

No canto superior direito do espelho vê alguma coisa se mexer. Focar em coisas muito próximas faz com que sua visão se turve primeiro, tudo que ele vê é um borrão cor-de-rosa. *Alguém está atrás dele.* O arco de músculos que conecta os dedos em seus pés, via suas nádegas, a seus ombros curvados fica paralisado. Ele move o olhar como um bloco de granito para o canto superior do espelho. A respiração suspensa, fita um rosto contorcido.

“Seu filho da puta. A gente tem uma coisa pra acertar.”

No momento em que as palavras invadem seus canais auditivos, o ar é preenchido por um som sibilante. Seu lado direito e sua caixa torácica são atingidos por algo tão duro que ele sente como que uma queimação. O objeto que Wilbert manuseia causa uma dor lancinante em seu baixo-ventre, uma dor que ofusca com facilidade a pontada em sua narina. Suas mãos baixam repentinamente, ele agarra a borda da pia, que racha no rejunte, a saboneteira cai com estardalhaço no piso de ladrilhos. Tem de se firmar com toda a força para não desabar.

“Estou vendo que já tirou a roupa.”

Ele responde, mas não faz ideia do quê.

“Quem você esperava, punheteiro? A puta da sua filha?”

Da segunda vez, o nunchaku o acerta com força paralisante na nuca: a dor se propaga para seu maxilar. (Nunchaku — esse é o nome da arma grosseira e superestimada com a qual o ataca, dois grossos bastões de metal ligados por uma corrente curta, um mangual duplo que deve sua popularidade hoje declinante aos filmes de Bruce Lee. Outrora a arma preferida dos skinheads cheios de testosterona que iam a festivais públicos ou jogos de futebol à procura de uma briga.) Ofegando de dor, vê no espelho que Wilbert quer dizer alguma coisa. O filho da puta pensa que tem tempo para isso. O pior erro da sua vida. *Se fizesse ideia de com quem está lidando, não ia chegar tão perto, animal.*

É engraçado como funciona, mas faz toda a aproximação necessária no primeiro segundo. Logo após o primeiro golpe: uma sucessão de cálculos. A distância entre ele e o batente da porta. As forças relativas: seu oponente é um lutador e está armado, ele próprio é relativamente bem treinado, mas está velho e cansado — um breve lampejo de hesitação: será que tem alguma chance contra um violento ex-condenado no auge do vigor? Sua nudez vulnerável pode parecer uma desvantagem, mas, por mais humilhante que seja, também é um ponto a seu favor: é quase impossível agarrá-lo. O momento: o vagabundo quer brigar, escolheu este momento exato, e o momento é agora. Ao mesmo tempo, desconfia que acabou de acordar Wilbert quando passou pelo corredor, que as cobertas de seu leito conjugal foram conspurcadas por aquele porco — um pensamento que o *recarrega*.

“Minha paciência acabou, punheteiro, hora do tro—”

Ele se apoia na pia e ergue o corpo com um grunhido, sua perna esquerda dá uma passada gigante na direção do batente, traz a outra perna junto, e com esse movimento seu ombro esquerdo se projeta como um aríete contra o peito musculoso, uma massa rígida que cede apenas a custo, mas seu impulso é irrefreável. Começam sua queda e, programado como é, ele agarra as pernas da calça de

seu adversário, suas mãos se cravam no algodão folgado em torno das panturrilhas e atrás dos joelhos, o mais baixo que consegue, e imediatamente puxa as pernas do delinquente sob seu corpo, ergue-o do chão, tem de ser explosivo, é uma técnica testada e aprovada, brutal. Como se fossem um só, desabam no closet, Wilbert não tem tempo de segurar o batente, um momento indivisível depois a parte posterior de sua cabeça colide contra a sapateira baixa do outro lado da porta, uma pancada alta, seca, e mais uma vez seu ombro se enterra no peito carnudo, alguma coisa se quebra, cordas vocais guincham, o cheiro de álcool enche seu nariz.

Eles ficam ali caídos, ambos de costas, ele sobre seu agressor.

Então alguma coisa dura e fria bate em seu queixo: a corrente do nunchaku, os elos raspam sua pele. Num reflexo, cola o queixo no peito, o metal desliza em sua pele hirsuta, a dor é imediata e aguda. A corrente de ferro escorrega para seu pescoço, os dedos de sua mão esquerda imediatamente a agarram, as pontas de seus dedos presas entre os elos e seu pomo de adão. Wilbert ofega ruidosamente em seu ouvido esquerdo, a saliva escorre em sua orelha; grunhindo, ele segura os bastões, o pomo de adão de Sigerius está sendo esmagado. Ele golpeia para trás, acerta o ombro de Wilbert com o cotovelo, desfere uma série de pancadas duras no ombro e no braço, está ficando sem ar, emite um ronco, o sangue se junta em sua cabeça, seu cérebro está zumbindo. Era disto que ele tinha medo, e há muito tempo já, desde o momento em que percebeu que o rapaz estava fora de controle, não conhecia limites — de não ser páreo para ele.

Num supremo esforço, contrai os músculos da barriga, tem os músculos abdominais de um gorila. Seus joelhos se projetam no alto, ele os joga para trás com toda a força, o direito aterrissa com um baque aquoso no rosto de Wilbert, *toma essa, seu filho da puta* — a pancada é violenta, o rapaz grunhe, sua mão esquerda golpeia com o nunchaku, a arma bate surdamente contra o peito de Sigerius. Resfolegando, cuspidando saliva, ele agarra o braço esquerdo de Wilbert, segura seu pulso com as duas mãos e, como num sonho — *é como se estivesse sonhando com judô, assim como tantas*

vezes sonha com judô —, executa a técnica em que se destacou há tanto tempo, uma chave de braço clássica, um *juji gatame*, palavras que vêm à tona dentro dele como o nome e o sobrenome de um velho amigo. Num átimo, vira seu corpo perpendicularmente ao de Wilbert, joga a perna esquerda sobre seu peito musculoso e a direita sobre sua garganta e ombros, contato, *controle*, é um movimento fluido, em ângulo reto com o corpo, sua virilha sob a escápula esquerda, *uma alavanca de músculos*. Euforia: a resistência inútil lembra-o de que há apenas um judoca ali. Wilbert o acerta com o nunchaku, o bastão pega em sua coxa, mas ele mal nota. O pulso suado está travado entre suas mãos de torno, ele força o braço de Wilbert — um braço forte, bem-treinado, percebe isso muito bem — sobre sua barriga e seu peito, é muito rápido, o braço esticado, não, esticado ao extremo; se quisesse poderia arrancar o polegar com uma mordida. Não é necessário: tudo que tem a fazer é enrijecer as costas, vergá-las apenas um pouco, de modo que sua barriga rígida crie uma protuberância sob o cotovelo, e qualquer pessoa entrega os pontos. Wilbert ergue o rosto afogueado, tenta morder sua panturrilha, dá selvagens pontapés na sapateira. Siem solta uma das mãos que segura o pulso, agarra seus cabelos lisos e puxa a cabeça para trás. Então tensiona ainda mais as costas. Na mesma hora, Wilbert geme, um lamento penetrante que sai da boca ensanguentada — é, dói mesmo, ele sabe, ninguém consegue aguentar, nem Geesink, nem Ruska, muito menos *você*. O gemido se torna um grito, mas ele não sente compaixão alguma, apenas uma satisfação profunda, escuta a articulação estalar, ou será prazer? É mesmo prazer, em estado puro. Um prazer imenso, sádico. “Paaara, paaara, filho da puta!” — ele continua, até ir além do ponto onde outrora parou centenas de vezes, o grito se torna inumano, vá em frente, grite, ninguém está escutando, como num sonho ele ultrapassa a fronteira, força a barriga para cima sem piedade, seus calcanhares se fincam profundamente no tapete. O que escuta é um estalo surdo, pavoroso, coroado por uivos roucos, o osso se partindo como uma perna de mesa, o cotovelo quebra completamente, forma um ângulo antinatural de quase noventa graus, o braço perde toda a

força, um trapo flácido, a manga do suéter se encharca de sangue, ele sente a umidade quente em sua barriga, e algo pontudo, provavelmente o osso através da pele.

“Você pediu por isso, porra”, ele berra. Primeiro torce furiosamente o antebraço, como se quisesse arrancá-lo, depois chuta o manequim estridente para que se afaste. Mas Wilbert reage imediatamente, como uma galinha sem cabeça. Ele ergue o corpo, agacha, seu rosto medonho paralisado com o choque, a boca como um tomate esmagado. A dor deve ser excruciante, a julgar por seus gemidos, é como se chorasse sem lágrimas, continuar a brigar parece fora de questão. Ele olha, perplexo, para o cotovelo arruinado, segura a fratura exposta com a mão boa, o sangue pinga por seus dedos.

“Eu vou te matar”, diz, numa lamúria, mas em vez de fazer isso, rasteja para fora do closet como um caranguejo. Tropeça no pé de uma arara de aço galvanizado com os vestidos de Tineke, rola com estardalhaço entre os panos brilhantes, cambaleia, fica de pé, ofegante, e desaparece no quarto.

Deveria ir atrás dele? Sigerius permanece deitado de costas. Um segundo mais tarde, os gemidos e grunhidos ecoam pelo corredor, as batidas surdas de passos. Uma porta bate com força, a porta da sala — o inimigo está lá, ele está aqui, esticado no tapete do closet.

Por vários minutos, fica deitado, como morto. O peito subindo e descendo. Seus dentes batem por causa do esforço, do medo, do *frio*: o ar está gelado. O frio toma conta de seu corpo suado. Então, com um choque, cai em si: aquele filho da puta pode voltar. Com uma faca. Ou uma arma. Como pôde ter sido tão estúpido de deixá-lo ir? Deveria tê-lo segurado ali mesmo, numa chave de braço, Deus do céu, deixou um psicopata escapar de uma chave. “Merda”, murmura.

Ele se levanta — tudo dói, seus tendões parecem ter encurtado pela metade, está coberto de vergões e sangue, seu queixo está

sangrando, a pele ficou esfolada — e atravessa o banheiro para chegar ao quarto. O que poderia ter feito? Segurado o filho da puta até depois do feriado? Escutando atentamente, de olho na porta aberta que dá para o corredor, veste-se o mais rápido possível, põe a cueca e a calça, pega um suéter de marinheiro numa cadeira do canto, os olhos não desgrudam da porta. Põe as meias, enfia os pés nos sapatos. Escuta um barulho distante, batidas na sala, como objetos pesados caindo — o que aquele lunático está tramando? O que deve fazer? Chamar a polícia?

Independentemente do que queira fazer, ou se é o mais ajuizado, todos os telefones estão na sala. Suas chaves também. Poderia sair pela porta da frente, ficar em segurança. Poderia caminhar para o campus. Ou procurar os vizinhos. Mas e depois? Dizer o quê? Ele amarra os cadarços sem tirar os olhos da porta. Não. Decide não fazer nada por ora. Rasteja até a cama e apalpa o chão no lado de Tineke. Ótimo, aquele bastão de hóquei está lá, afinal. O velho bastão de Joni que Tineke pôs ali desde que ele foi para Haia. Mas muda de ideia e volta para o closet. O nunchaku está caído no chão, entre os sapatos espalhados em torno da sapateira.

Com a arma na mão, vai até a porta do quarto e espia ambos os lados do abismo negro do corredor pela curvatura escura da escada. Há luz na outra ponta, um brilho amarelo através do vidro fosco. Ele espera vários minutos. Às vezes imagina escutar alguma coisa acima de sua própria respiração ofegante, um arrastar suave, passos. Ele está moído, há hematomas arroxeados nos lugares onde os bastões de ferro o atingiram, suas costelas doem, talvez estejam quebradas. Está com tanto frio que se abaixa, o mais perto que consegue dos ladrilhos aquecidos. Fica repassando a briga, o momento em que triunfou, a sensação irreal. O corpo convulso, sofrendo, de seu filho sob ele, o cheiro do rapaz, o braço indefeso, o estalo.

Não pode ficar acororado ali para sempre. Segurando o nunchaku na mão, vai na ponta dos pés para a sala. Há uma trilha irregular de gotas de sangue no chão de ardósia. Ele passa pela porta da frente, nota que está trancada: não pode sequer sair da casa — bem, pode, pela janela, como um ladrão. Para na porta da

sala. Com olhos de águia, espia pelo vidro grosso, mas não vê nada. Espera um pouco mais. Dá tempo a ele para cair fora, talvez já tenha ido embora, desistido, derrotado, curado de sua vingança de uma vez por todas — talvez tudo tenha se resolvido. Talvez tenha de parar de se agarrar a essa ideia.

Há sangue na maçaneta, ele a empurra para baixo, o suor que escorre de seus dedos fica gelado no latão frio. Empurra a porta com força e recua um passo. Do corredor, espia a sala de estar, antes um paraíso de conforto e segurança. Silêncio, ele sente o calor do ambiente. Não há ninguém sentado nas poltronas, os sofás estão vazios. Aqui e ali brilham pequenas manchas: sangue. O único lugar onde o perigo pode estar à espreita é logo à direita, junto ao batente. Dá um passo e golpeia com o nunchaku, o ferro bate na parede, reboco cai no chão. Mais três passos e para no meio da sala, olha em volta.

As gavetas revestidas de aço do aparador encostado na parede oposta foram tiradas e esvaziadas no chão — bom trabalho para alguém com um braço só. O chão está coberto de papéis, fichários com controles de despesas domésticas, canetas, um furador que espalhou todo seu confete. Ele fareja o odor penetrante de álcool. O armário de bebidas, na parede oposta, está aberto, há duas garrafas estilhaçadas no chão de ardósia, seus líquidos escorrendo.

Wilbert pode estar na varanda envidraçada, ou na cozinha. Ou na adega. Os celulares dele estão sobre a mesinha de centro, onde os deixou. O telefone da casa não está em sua base, ele não o vê em lugar algum. Se o rapaz tem uma arma, então esse é o lugar errado para estar: não há onde se esconder, ele é um alvo perfeitamente iluminado. Mas se Wilbert tem uma arma, por que não a usou logo de cara?

“Wilbert?”, chama. Sua voz soa embargada, insegura, ele pigarreia e espera. A neve bate suavemente contra as vidraças da janela.

“Wilbert? Sei que pode me ouvir.” Sem qualquer premeditação, simplesmente começou a falar. Sua convicção de que as palavras são preferíveis à força física é tão profunda assim? Até que ponto é

ingênua essa convicção? “Se você continua aqui”, ecoa sua voz, “então sei que está me escutando. Você não precisa dizer nada. Só me escute. Não estou com o dinheiro. Devolvi pro banco. Mas escute. Se o problema é dinheiro” — está sem fôlego, a tensão começa a dominá-lo. Engole em seco, faz uma pausa.

“Se o problema é dinheiro”, diz, “então a gente devia conversar. De homem pra homem. A gente já brigou. Não quero mais brigar, acredite em mim.”

O silêncio é completo. Seu cérebro produz gritos selvagens e tiros, mas o silêncio persiste.

“Não devíamos brigar, Wilbert. É melhor conversar. Sobre você, sobre o futuro. Wilbert?”

Para mostrar que fala sério, ele se agacha e joga o nunchaku, que desliza um metro pelo piso, é um gesto tímido. Além do mais, totalmente irrefletido: está improvisando. Ergue as mãos vazias na altura do peito, as palmas voltadas para o buraco escuro da varanda.

“Wilbert. Andei pensando em você. Pode ser que não acredite, mas é verdade. Não só agora, não, mas nos últimos anos. O que estou dizendo — tenho pensado em você desde o início. Está me escutando?”

Ele para de falar. Isso é patético. É tarde demais.

E mesmo assim continua: “Sei que sente raiva de mim, sei disso. Mas a coisa vale para os dois lados. Eu também culpo você. Mas escuta, a gente ainda é novo, nós dois. Mas você é muito novo. Eu percebi isso. Quando eu tinha sua idade, Wilbert, você ainda nem tinha nascido”.

Isso não é inteiramente verdade, e ele se pergunta se o que está tentando dizer é de fato verdade. É como se estivesse num palco, está observando a si próprio de um camarote, e o que vê é um ator medíocre, um homem ali de pé tentando salvar a própria pele com falas insinceras e mal ensaiadas. E no entanto acredita em cada palavra do que diz.

“Nem tudo está perdido, na verdade nada está perdido. Você é um homem livre, e eu sou seu pai. Wilbert. Só quero que você ande por aí levando uma vida normal. E eu quero ajudar. Está me

escutando? Toda essa droga... vamos considerar isso como o fundo do poço. A gente chegou ao fundo do poço. Vamos—”

Nesse momento o telefone toca. O trinado eletrônico da linha dá tamanho susto nele que seu coração quase para. O toque começa na base vazia e reverbera, como se fosse um eco, na cozinha — o aparelho sem fio. Será que ele também está lá? A melodia eletrônica prossegue por uma eternidade. Estaria ali segurando o fone? A secretária eletrônica é acionada com um clique, o viva-voz está ligado, como sempre, nunca conseguiram entender por quê. Ele escuta sua própria voz, grave, estranha, pomposa, recitar seus nomes e pedir que a pessoa deixe recado. O bipe, e então sua esposa:

“Oi, benzinho, tudo bem? Pensei em dar uma ligada pra desejar boa viagem amanhã... mas acho que você já deve estar na cama. Deve estar exausto, aposto, espero que tenha uma boa noite de sono e esteja descansado amanhã para dirigir. E, ãhn... está tudo bem por aqui, uma boa quantidade de neve. Hans e Ria chegaram ontem, a gente está se divertindo muito. Estamos com saudade!... Até amanhã. Prepare uma bolsa de água quente. O Hans diz que faz mais frio lá em cima do que aqui. Tchau, amor. Dirija com cuidado.” Quando desliga, soa como um tapa em sua orelha; um nervoso sinal de ocupado ecoa pela sala.

Uma intranquilidade toma conta dele, a voz de sua esposa o traz de volta à realidade, o tom de intimidade da mensagem, mas, acima de tudo, de familiaridade, conciliador, ao mesmo tempo que ela ignora seu sofrimento: tudo isso só faz enfatizar a loucura dessa noite, sua fútil ladainha na escuridão, o estalo do cotovelo de Wilbert. A voz de Tineke contra esse estalo.

Ele dá dois passos na direção do armário de bebidas, vidro quebrando sob a sola de seus sapatos, uma garrafa de Baileys, ele se agacha perto dela, as costas apoiadas na parede gelada, atento, esperando. Passa o indicador pelo líquido marrom e lambe.

Quanto tempo fica ali de cócoras? Uma hora? Não tem certeza, suas pernas estão formigando, a sola de seus pés, sob os dedos, está dormente. Ele fica ali até não acreditar mais. O rapaz foi

embora. Deve estar no pronto-socorro a essa altura, até mesmo engessado. Ele está sozinho na casa.

Levanta e vai até a varanda, tateia até encontrar o interruptor do abajur sobre a mesa, uma explosão de luz: nada. Senta diante da mesa, ofegante com o esforço. No telhado de vidro há algo mais escuro do que a noite: neve, é claro. Ele vê seu reflexo na janela panorâmica. Imediatamente, recua e escurece esse mostruário onde pisa. Flocos de neve grudam no vidro. Até que ponto é perigoso um homem de um braço só, de uma mão só? Inofensivo, mesmo com serras ou martelos. Avança rigidamente, mas com a mesma confiança, para a cozinha: ninguém. A luz sob os armários está acesa, há uma caixa de paracetamol sobre o balcão, e, perto dela, uma cartela de onde quatro comprimidos foram tirados. Passa a mão no queixo esfolado, aperta a ferida sangrando com um pedaço de papel-toalha. Toma três comprimidos.

O telefone está na pia, por mais estranho que pareça, dentro da pia, ao lado de uma garrafa de bebida. Rum. Parte da cesta que recebeu de presente no último aniversário, um litro de "Lust Rum", engarrafado especialmente para a Tubantia, uma porcaria vagabunda. Ele pega a garrafa e vê que está três quartos vazia. Nunca foi aberta antes dessa noite, tem certeza disso. Percebe, num lampejo, que está faltando uma faca no bloco de madeira junto ao micro-ondas. Vira, olha em torno. Relaxa. A faca está em segurança dentro da lava-louça. Ele foi embora. Mesmo assim, tira do bloco uma faca de carne. Vai até a escada do porão, vira, volta à bancada. Tudo dói. Dá um gole no rum, é um mata-ratos, e volta ao buraco no chão. A escada range, quase não desceu aqui nos últimos meses; pela poeira no piso de cimento vê que ninguém mais, tampouco. Mesmo assim, olha atrás das prateleiras.

Finalmente, vai para a área de serviço, o ambiente tão frio quanto no resto da casa, pequenos bafos de condensação saem fluando de sua boca. A porta do terraço está entreaberta, um dos vidros foi quebrado. Então foi assim que Wilbert entrou. Ele puxa a porta, fecha, gira a chave e tira da fechadura. Passa os trincos.

E agora? Sente-se exausto, mas dormir está fora de questão. Sua adrenalina seria suficiente para fazer o carro andar dali até a França. O pensamento de puxar as cortinas, ligar o aquecimento e cair na cama é ridículo. Leu suficientes policiais descartáveis, viu suficientes suspenses de Hollywood, sabe que essa casa é o último lugar no mundo onde pode se dar ao luxo de pegar no sono. Pôr o pijama, escovar os dentes e deitar ali, à espera de que a trama se desenrole. Um incêndio, começado com gasolina da oficina de Tineke. Um cano de arma gelado em seu pescoço quando for ligar o carro de manhã. Um machado — vai acordar assustado no meio da noite, um dedo batendo em sua testa, tic, tic, tic, acorda, parceiro, e nisso seu crânio é rachado com esse mesmo machado. Tineke costuma cortar lenha todo outono.

Deve limpar o lugar. Chegar a essa conclusão leva algum tempo, mas finalmente as gavetas do aparador rolam complacentes no lugar certo. Empilha os envelopes, junta o confete numa pá de lixo, recolhe os lápis e canetas no chão. A cada movimento, suas costelas mudam de lugar. Tira os cacos de vidro da poça de Baileys, esfrega o chão com um pano úmido. Não se atreve a usar o aspirador, precisa conseguir escutar. Na área de serviço, rasga um pedaço de cartolina corrugada de uma caixa de vinho e, tremendo de frio, prende-o com fita adesiva sobre a vidraça quebrada.

Decidiu partir essa noite; ou seja, assim que possível. À medida que apaga todos os vestígios da briga grotesca — esfrega as manchas de sangue no corredor e na sala com o limpa-tudo, pendura os vestidos de Tineke cuidadosamente de volta no lugar, arruma os sapatos na sapateira, limpa o sangue grudado ali com um trapo úmido —, ele se acalma, e reflete sobre a inexistência de enredo nos eventos da noite. Uma tragédia não consumada teve lugar ali, uma tragédia sem um vislumbre de catarse, nada ficou resolvido, a desolação apenas se tornou mais profunda. E agora? Agora espera-se que se reúna à sua família na casa de Hans e Ria, vão se cumprimentar, e depois? O Natal vai chegar, ele vai se abrir com Tineke, ou não, e depois? No Ano-Novo, voltar para Haia, e

quando sua equipe lhe perguntar como foi de feriado, vai responder:
novo em folha.

Aaron tomara o trem no início da manhã para Bruxelas e entrara numa agência de viagens a caminho de sua consulta com o psiquiatra. Sentado à mesa redonda de compensado, a agente de viagens o entupiu de folhetos sobre a Califórnia, como se ele fosse um ganso de Toulouse: rotas pitorescas pela Highway 1, parques nacionais que não podia perder, o Vale da Morte e muito mais. Só depois de a garota ter encerrado seu discurso de vendedora ele mencionou seu interesse específico em Los Angeles.

Nada fora programado ainda, estava apenas explorando possibilidades. Seu plano era passar parte do verão em Santa Monica, talvez alugar um apartamento à beira-mar ou, se necessário, hospedar-se num hotel, havia se matriculado numa oficina de fotografia — foi isso que tentou fazer Herreweghe acreditar mais tarde nessa manhã. Mas o homem não engoliu. Herreweghe, o psiquiatra com que vinha se tratando havia mais ou menos oito anos, indicação de Elizabeth Haitink, não era do tipo observador como ela, mas inclinado por corrigir, o doutor enquanto tutor, um gerente prático e sisudo que administrava sua psique.

O consultório acolchoado lhe parecia tipicamente belga, mobiliado como se Jung ou Reich estivessem na sala ao lado misturando opiáceos; móveis pesados, inamovíveis, estantes imponentes de olmo, os periódicos médicos encapados em couro atrás de vidros, um lembrete de que você não sabia coisa alguma sobre seu próprio ego miserável. “Você não põe o pé fora da Bélgica há anos”, disse Herreweghe.

“Venlo”, respondeu Aaron.

“Venlo. E agora Los Angeles.”

Ele desconversou, o que dizia algo sobre a natureza de seus planos. Contou a Herreweghe sobre uma amiga que emigrara para os Estados Unidos, como se sentia inspirado pelo que ela escreveu sobre o novo lar, o entusiasmo dela reacendeu nele um antigo desejo de visitar os Estados Unidos, e outras bobagens do tipo, e parecia que quase conseguiria se safar com isso, já estavam conversando sobre um passaporte médico e telefones de emergência. Não era da conta desse sujeito se queria ir a Santa Monica para ver Joni. Ele sabia que Herreweghe, um professor universitário, era ligado a um órgão do governo que tratava de *stalkers* obsessivos que a justiça lhe trazia às baciadas e receava que a fatídica palavra começada com *s*, por mais sem fundamento que pudesse ser em seu caso, fosse difícil de evitar.

“Qual é o nome dessa sua amiga americana?”

Tentou pensar num nome falso. Infelizmente, com esse homem, uma simples contração muscular era suficiente para cair na armadilha.

“Seria Joni?”

“Não estou planejando ir atrás dela.” Sentiu que ficava vermelho. E contudo, em certo sentido, dizia a verdade: um encontro combinado com Joni estava fora de questão, ela mantinha uma distância educada, mais do que isso, se esquivava, e talvez uma visita oficial fosse pedir demais, ele achava, uma carga emocional demasiada. Assim, iria para Los Angeles por conta própria, ficaria por lá um pouco, aproveitando umas férias, qual era o problema com isso? E a partir dessa situação mais descontraída ele tentaria entrar em contato com ela.

“Mas você tem o endereço dela.”

A pergunta imperativa, arte que Herreweghe dominava como ninguém, dava a entender que um ponto de interrogação viria em algum momento, mas terminava mesmo em um ponto final. Aaron não conseguia se lembrar de algum dia ter ouvido uma pergunta direta do sujeito.

“Não. Por quê?”

Sunset Boulevard, 14 023. Santa Monica, nos arredores de Beverly Hills, ele fora bem hábil em descobrir isso. O tom da troca de e-mails não o encorajava a pedir o endereço abertamente e, de um modo ou de outro, teria estragado toda a espontaneidade, a possibilidade de uma visita surpresa, por exemplo, ou um encontro casual diante da casa dela — a ideia o atraía. Como ela não aparecia em nenhum catálogo telefônico, ele teve de adotar uma tática diferente, e procurar por Stol em San Francisco. Diga o que quiser, mas Stol pelo menos tinha a decência de aparecer numa lista, número de telefone e tudo, na internet. Apenas ligar para lhe fazer uma pergunta de ordem prática não tinha nada de mais, porém o telefonema tinha o gostinho extra de uma sutil revanche.

Em vez de ser atendido pelo próprio Stol, falou com um garotinho de cerca de sete anos, ele achou, que lhe disse que o pai saía para jogar golfe; teve pouco tempo para digerir a ideia de que aqueles dois haviam se reproduzido. E sua mãe, ela está em casa, então?, perguntou, com ingenuidade teatral. “Ela mora em Los Angeles”, o menino respondeu. “Sua mãe é Joni Sigerius, por acaso?” Tentou soar o mais despreocupado possível, mas após a resposta afirmativa do garoto, foi logo perguntando sobre o endereço dela, com demasiada avidez, pois a desconfiança se imiscuiu na voz da criança: “Mas quem é você?”, perguntou o menino, com candura comovente, usando *you*, é óbvio, mas num tom claro de informalidade, correspondendo ao familiar *jij* do holandês, e não ao *u* formal. Ligeiramente desconcertado, ele repetiu seu nome.

A objetividade de Herreweghe era como uma espada enterrada em sua alma. Joni — ele queria saber como ela estava, seu nome disparara alarmes por todos esses anos. O homem olhou para seu relógio. “Imagino que você queira vê-la”, disse. “Me conte sobre a última vez que se encontraram.”

Ele cometeu o erro de levar a pergunta a sério, de sucumbir à visão de raios X de Herreweghe, de trazer à sua mente o mês de dezembro de 2000. Este é um homem especializado em ordens de restrição. Era um episódio que nunca evocava concretamente, uma

bruma sem data, uma mixórdia abstrata de impressões assustadas e rasantes maníacos sobre o que passava, na época, por uma existência humana — vamos lá, tente, cutucou Herreweghe (instrutor de natação para saltos ornamentais também não lhe cairia mal), quando foi a última vez que falou com ela, e como foi?

Como foi... Herreweghe queria mesmo saber? De certa maneira, estar quase morto era emocionante. Mas foi Joni que veio à sua procura, a Morte deixara para a próxima. Como foi aquilo... o mergulho de cabeça de dezembro de 2000. Isso é mesmo necessário? Agora? Aqui estou eu, sentado com uma bolsa cheia de folhetos de viagem. Ela o resgatara, disso não restava dúvida. Primeiro ligou para ele, dos Estados Unidos. Sim, esse telefonema também está alojado em sua memória, em algum lugar, foi um milagre não ter desistido de contatá-lo. O que teria sido dele sem Joni? Ela o dispensara e depois voltara.

Nesse ínterim, mantos de gelo cobriam Roombeek. Temperaturas glaciais e escuridão prematura eram o resultado da chuva radioativa, a atmosfera saturada de resíduos que pareciam não querer assentar ou que haviam sido definitivamente revolvidos pela perturbação na força de Coriolis. O aspecto era ameaçador. O sol piscava como uma estrela moribunda acima da cratera, mas apenas de forma esporádica, e cada vez mais fugaz. Escavadeiras a vapor e tratores abandonados jaziam sem vida no epicentro, enferrujando placidamente. O frio se entrincheirava. Nem uma única alma ousava sair, mas por toda parte havia um farfalhar inquieto: coníferas acenando de forma irritante, telhas soltas que, momentos depois, espatifavam-se como granadas, o vento carregando sacolas plásticas e jornais pelas sarjetas. Por semanas os aquecedores em sua casa matraquearam feito loucos, até que o clavicórdio de repente silenciou, morreu, esfriou, e foi a vez de seus dentes começarem a bater. Escutava a pancada de portas em casas quase desmoronando.

A chama em sua multilareira estava constantemente prestes a apagar, ele se ajoelhou na frente da abertura de ferro fundido, as pesadas portas articuladas se abriram como negras pinças de caranguejo, a condensação escapou dos dois puxadores ornamentais de cobre, na tampa. De vez em quando alimentava as chamas com tiras de cartolina que rasgava das caixas espalhadas. Nesse meio-tempo, folheava apressadamente o livro que havia condenado à morte, esquadrihando diagonalmente as páginas, à procura de qualquer coisa que considerasse digna de ser salva. Os livros impressos em papel-bíblia, abertos, queimavam como turfa, pelo menos tão demoradamente quanto pernas de cadeira e prateleiras de armário. Ele arrancava as páginas vitais com uma série de puxões curtos, dobrava-as na metade e as enfiava, tossindo e ofegando, em velhos envelopes bancários.

A pólvora no ar era quase insuportável. Seus olhos coçavam, uma fuligem preta inflamava sua garganta. Sentira esse cheiro pela primeira vez meses antes, um odor vago que o lembrava da infância mais tenra, o cheiro de fogos de artifício depois de explodir, de revólveres de espoleta, um cheiro que pouco a pouco se tornou um fedor, desde que o inverno chegara os vapores muitas vezes pairavam visivelmente em seu quarto, as moléculas de enxofre entravam com o vento, um vapor irritante, pesado, que tomava conta da casa toda.

Aquilo o assustava. Podia subitamente entrar em pânico, pensar que estava sufocando. Às vezes, acordava com a garganta seca, a boca aberta como um coador de café cheio de pólvora. De vez em quando ela penetrava em seus pulmões, suas roupas, sua *consciência*, tão profundamente que se esquecia por completo do mau cheiro, percebia apenas cada elemento separado, carvão, enxofre, salitre e, finalmente, nada... sumira? Nesses momentos, quando seu medo mortal diminuía, quando não sentia cheiro algum, ficava calmo. Tudo era pior na cratera, não ousava mais entrar lá, era insalubre, e além do mais fazia um frio dos diabos, mesmo se usasse três camadas de roupa — a roupa de baixo, pijama, um suéter, o paletó de Sigerius, o quimono, um casaco Gaastra

acolchoado, meias de esqui, botas de escalada, luvas térmicas por cima de luvas normais —, mesmo assim, congelava.

De modo que ficou perto da lareira, a despeito dos riscos de um incêndio: ele sabia que se a concentração de salitre ficasse alta demais, a vizinhança toda iria pelos ares. Às vezes, desejava que isso acontecesse: uma única explosão devastadora pondo um fim a tudo, e no entanto matinha sua fonte de calor, o máximo possível, pequena, compacta, e ficava de olho no alarme que as autoridades haviam instalado. Quando soava — um guincho eletrônico agudo que quase o matava de susto — ele levantava num pulo, cambaleando e escorregando até a cozinha, enchia uma frigideira com água e jogava sobre o fogo.

Era um telefone. Um simples *telefone*. Seu telefone? Alarmado, levantou com esforço do sofá onde se afundara e avançou em direção ao som de sirene no fundo da casa. Prendendo a respiração, espiou a cortina fechada. Mas que diabos? O aparelho de plástico atrás dela era um potencial intruso, tudo que tinha a fazer era erguê-lo e ele se metamorfosearia completamente. Algo do mundo exterior queria entrar à força. Aquela mulher de Limburg que tentara interrogá-lo antes? Ele tateou atrás da cortina e pegou o aparelho. Nas profundezas do plástico, elétrons fervilharam.

“Alô?”, disse uma voz. Ele esperou, escutando atentamente. “Aaron? É Joni. Estou ligando dos Estados Unidos.”

Era um estetoscópio. Joni o tapeara, encostando o instrumento em seu crânio, por um breve momento ele soube exatamente como funcionava, um cabo transatlântico fora esticado, com quilômetros e quilômetros de distância, pelo leito oceânico, através de florestas de pinheiro até sua casa, uma operação militar destinada a diagnosticá-lo, mas a imagem se desfez tão rapidamente quanto se materializara, talvez porque a voz perturbasse sua disposição de espírito, um estado mental que assentara como borra no fundo de uma velha garrafa de vinho, uma das garrafas do pai dela? A voz o

sacudiu com força, lembranças vieram à superfície, borraram o foco em sua batalha de meses contra os elementos.

“Você está aí?”, disse a voz.

Ele limpou a fuligem da garganta com um pigarro. “Estou”, disse. Mas onde ela estava? Seria mesmo nos Estados Unidos?

“Ei, puxa, há quanto tempo. Tudo bem com você? Não posso demorar.”

Ele balançou a cabeça. Não falava com outro ser humano havia tanto tempo que foi incapaz de responder, ela tinha de compreender isso, acostumara-se demais a apenas escutar, desde o blá-blá-blá no supermercado, aonde na verdade não ia mais, e os guinchos e movimentos furtivos dos animais sob o sofá e as poltronas, até as recriminações que emanavam das estantes, talvez fosse a quietude da casa, seu próprio silêncio provocando os sibilos e grunhidos, tudo que tinha a fazer era olhar aleatoriamente para qualquer lombada na prateleira que o livro explodia numa crítica bombástica, era uma manipulação perniciosa, isso é que era, e ele se deixava insultar, aturava a coisa de maneira submissa, às vezes não ia além de acusações sem importância (“Vai comprar uma comida decente, seu imbecil, alguma coisa que você tenha que descascar e cozinhar!”), ou de simples xingamentos (“Seu bosta fedorento! Parece que vomitou pelo cu!”), mas muitas vezes eram ataques pessoais maldosos (“Traidor, nazista, vê se morre, vê se *morre!*”) — coros retóricos dos quais ele fugia, enrodilhando-se na cama ou se refugiando sob o chuveiro, mas o frio sempre o fazia voltar para baixo, o mesmo frio que lhe deu a ideia de pôr um fim àqueles que o atormentavam, uma pira funerária—

“Aaron? Estou com pouco crédito.”

Crédito? Crédito. Os saldos, era enlouquecedor, tentou compreender o que ela estava querendo dizer. Os extratos empestavam sua casa como uma doença, cada envelope que costumava encher com páginas salvas dos livros era uma correspondência bancária, o lugar estava inundado de extratos, os envelopes transbordavam das gavetas e armários no andar de cima, ou caíam das pastas cinza-chumbo quando as sacudia, no sótão:

envelopes opacos, oblongos, com um retângulo de plástico transparente, vindos de bancos na Holanda, mas a maioria de Luxemburgo, um informava o débito de 284,30 florins, o outro um saldo de 2 438 749,63 dólares, depois disso ele tinha de se virar com 5,14 florins era incompreensível, ele podia ficar ali por horas queimando a cabeça com aquilo, onde fora parar a droga do dinheiro, de onde ele viera? “Estou levando como dá”, disse ele. “Mas ainda é difícil.”

Não escutou nada, apenas ruído branco. “Entendo”, disse uma voz. “Pra mim também é difícil, acredite. Enfim, tenho uma boa notícia. Encontrei um comprador. Para o barco.”

O barco que compraram... em sua cabeça um oceano liso e negro se estendia diante dele, um navio afundado, trilhões de moléculas d’água geladas sob o tênue luar, poucas ondas, ele se agarrava a um destroço escorregadio, à sua volta podia ver o topo das cabeças, corpos flutuando sob o teto do mar.

“Fiquei pensando se você não gostaria de ir para Sainte-Maxime comigo. A gente vai no Alfa até o *Barbara Ann*. Tenho tanta coisa pra te contar.”

Sua confusão se transformou em angústia, pouco antes seu coração parecia grande demais para seu corpo, e agora entrava em completo colapso, seu coração ficava tão pequeno quanto uma cereja, criando um vácuo em sua cavidade torácica, uma implosão que, obediente a ancestrais leis da física, levou junto o ambiente todo: as paredes foram sugadas, a janela quebrada no fundo era uma boca inalando galões de vapores marrom-enferrujados. Sentavam no Alfa, ele pisava no acelerador, mas rumavam em direção contrária ao iate. Avançavam velozmente para o norte, para a Holanda, para cá. Para o vidro que tinha de ser quebrado.

“Tudo bem”, gaguejou.

“Ótimo”, ela disse. “Tenho uma passagem para 21 de dezembro. Posso estar em Enschede à tarde.”

Ele tossiu, limpou a garganta e cuspiu uma bola densa de catarro fuliginoso.

“Tudo bem.”

Antes ou depois, ele não tinha certeza em que direção estavam viajando, o tempo continuava voando, ou caíra? — em todo caso, num momento particularmente frio, segurou o objeto castanho-escuro pelas beiradas protuberantes e estreitas e o arrastou, gemendo com o esforço, até uma parede. No meio do caminho, a lateral do objeto castanho se abriu como uma pequena porta e o conteúdo caiu com estrépito. As coisas se quebraram como vidro, ele gritou com o choque, odores penetrantes subiram delas. Como uma mola pressionada, fugiu para outro cômodo.

Acordou assustado, não conseguia enxergar nada. Na escuridão, bateu à procura da abertura retangular e olhou através dela por tempo suficiente para divisar o objeto castanho. O objeto permanecia imóvel. Andou titubeante em torno, apalpou com suas luvas dentro de luvas e sentiu as beiradas brilhantes. Aquilo ficara tão leve que ele caiu para trás. Como se a gravidade não exercesse atração sobre o objeto, pôs o cadáver contra a parede.

Quando voltou a abrir os olhos, tudo estava visível. Eu, aqui? Com uma caneta marca-texto entre os dentes, subiu no armário de bebidas (ele o pusera ali?), de repente muito acima do chão, as prateleiras vazias intimamente próximas, as beiradas pressionando, não de forma desagradável, seu peito e suas coxas. Tremendo, tirou a caneta da boca e cuspiu a tampa na sala. Em grandes letras de fôrma vazadas rabiscou um A no papel de parede e o pintou de vermelho. Depois escreveu ROOM, os movimentos lentos e dificultados pela mão duplamente enluvada. Antes de terminar de preencher o segundo O, teve de descer, porque seu braço tremia e seu ombro doía. Depois disso, veio a escuridão por longo tempo.

Lá fora, uma camada de cinzas brancas cobria as ruínas das casas e a vegetação devastada. Alguma coisa terrível devia ter

acontecido, um acidente nuclear do qual era o único sobrevivente. As cinzas, brancas como neve, desceram flutuando do céu por horas a fio. Provavelmente, ele sobrevivera à explosão atômica porque sua casa era uma coordenada particular, uma singularidade termodinâmica em que o calor não podia penetrar. Todo o universo havia sido torrado, tudo, exceto as casas desta rua. Alguma coisa, ou alguém, ainda apreciava seu valor.

WITH A — ainda estava colorindo o segundo a solitário, uma letra que evocava sua intensa compaixão, mais do que o primeiro, teve de segurar o choro — quando sentiu aquele cheiro. Imediatamente, viu o que era: a prateleira do alto estava coberta com uma camada assustadoramente grossa de pólvora. Todos os seus músculos se contraíram num espasmo simultâneo, com um grito se lançou para longe da parede, seu corpo voou através do ar, ele flutuou, talvez pudesse voar para fora por entre as tábuas que tampavam as janelas, mas antes que pudesse mudar de curso, seu braço esquerdo se chocou contra um objeto duro. Aterrissou com um baque surdo no chão, a cabeça chicoteando para trás. Calmamente, girou com a terra carbonizada, tomando consciência da dor latejante em suas nádegas e na base das costas.

Mais tarde, alguém falou. Quando abriu os olhos, ergueu o rosto e viu uma figura na penumbra. Pressionou a palma das mãos em uma substância esponjosa. A criatura estava no meio do espaço coberto. Ela deu um passo, estendeu um tentáculo enluvado que segurava uma estranha bola cintilante. “Calma”, disse. Com movimentos súbitos ele recuou, gritando, deslizando de costas através do piso até sua cabeça bater contra uma parede.

A criatura era inflada, usava um tipo de traje espacial, os trajes de um esquadrão antibomba alienígena, ele não reconheceu o rosto, que insistia em se transmutar. Nas sombras, parecia uma máscara de gás feita de pele humana, um rosto com grandes olhos redondos

e um focinho emborrachado. A esfera flamejante era uma bomba de nêutrons, emitia chamas douradas, a criatura estava lhe oferecendo o juízo final. Ela deu mais um passo em sua direção, ele recuou como pôde, encolheu-se ainda mais contra a parede.

“Não”, sussurrou.

“Aaron”, disse uma voz suave e aveludada. “Calma. Sou eu.”

Quando escutou meu nome, seus olhos dispararam de um lado para o outro como discos de hóquei, ele se afastou ainda mais, contorcendo o corpo, balbuciando roucamente, escoiceando o entulho como as pernas traseiras de um cão em fuga. Parecia querer entrar na parede.

“Não precisa ter medo”, disse eu, em voz baixa, sem saber muito bem se falava com ele ou comigo mesma. Eu segurava um presente que lhe comprara no Schiphol, uma bola de chocolate natalino gigante, recheada de bombons belgas artesanais e embrulhada em celofane e fitas douradas. Meio quilo de boa vontade fora de lugar, percebi de repente. O fedor na sala escura era intenso demais até para pensar em chocolate.

Ele sacudiu a cabeça de um lado para o outro até que de repente olhou direto para mim. Fiquei tão chocada com seu rosto — os olhos parecendo dois transformadores soltando faíscas — que deixei a bola de chocolate cair da minha mão. Ela aterrissou com um baque surdo no que parecia cartolina. A reação de Aaron foi tão inesperada quanto aterrorizante: ele deu um grito, pôs os braços na frente do rosto e se encolheu como se houvesse uma tarântula a seus pés, ou o diabo em pessoa. “Tira isso daqui”, berrou, com a voz estrangulada. “TIRA ESSE NEGÓCIO DAQUI!”

A única coisa que precisava urgentemente ser tirada dali era ele. E levado para um médico, rápido.

“Fica aí”, eu disse, “não levanta”, e cambaleei para trás, em pânico, na direção da porta, puxando minha mala de rodinhas entre o lixo que chegava à altura dos meus tornozelos e saindo para a luz do sol. Ofegando, pisei na neve e empurrei a porta para fechar, a

mesma porta que eu tivera de abrir com minha própria chave alguns minutos antes. Eu tocara a campainha, mas sem resposta; se não tivesse escutado um vago murmúrio atrás da vidraça quebrada, teria presumido que ele esquecera nosso combinado e que estava passando o Natal em Venlo. Em retrospecto, era claro que nossa conversa ao telefone duas semanas antes soara tão esquisita. O que eu interpretara como amargura — ele me pareceu ofendido e irritado quando liguei — devia na verdade ter sido pura psicose.

Fui para a ruela contígua à casa, peguei o celular e liguei para Boudewijn Stol, meu ombro amigo nesses últimos meses, que para minha surpresa até fora me encontrar no saguão do Schiphol, por iniciativa própria, com vontade de rever a pessoa para quem viera enviando e-mails todos os dias, e lhe pedi para conseguir o telefone de algum pronto-socorro psiquiátrico. “Quer que eu vá para aí?”, perguntou ele, “quer que eu vá com você para a França? O que Arend disse?”

“Sobre o quê?”

“Bom — você sabe, claro.”

“Nada”, respondi. “Ele só gritou, mais nada.”

No pronto-socorro fui atendida por uma mulher com um mal-humorado sotaque da Twente que deixou bem claro para mim que ninguém iria buscar Aaron, mas que eu poderia levá-lo para a policlínica do Twentse Tulp, um hospital psiquiátrico na zona sul de Enschede. Durante a conversa, uns gritos perturbadores vieram da sala. Avancei um pouco mais pela ruela gelada e espiei os fundos da casa, entre duas coníferas. Não havia muito para ver além das tábuas emboloradas que fechavam o vão da antiga porta de correr e o vidro enebado da porta da cozinha. Voltei correndo para dentro, a neve estava solta mas traiçoeiramente escorregadia, quase caí um pouco antes de chegar ao caminho da entrada. Mais uma vez, atravessei o mar de correspondência sem abrir e jornais sem ler, indo para a sala. Tateei a parede, procurando o interruptor. O que eu não conseguira perceber antes, na penumbra, estava agora perfeitamente óbvio. A bagunça era inimaginável. Mal dava para enxergar o carpete, o lugar estava coberto por lixo de parede a

parede. Pacotes de cookies, sacos de batatas fritas, suéteres, embalagens de fritas de fast-food, toalhas, caixas de leite vazias, chumaços de papel-toalha, malas-diretas, envelopes rasgados, sanduíches pela metade, frutas podres, sacolas plásticas de todas as formas e tamanhos, incontáveis caixas de pizza, as bordas mordiscadas aparecendo sob o mesmo pizzaiolo sorridente em verde e vermelho. Mas a mobília também estava atulhada de porcarias, como se tivesse *chovido* lixo. Algarvias de todo tipo haviam sido rabiscadas nas paredes com caneta marca-texto, não me dei ao trabalho de tentar decifrar. Um poste de cerca parcialmente queimado estava sobre o sofá de dois lugares. As estantes de livros, outrora seu orgulho e alegria, pareciam ter sido esvaziadas ao acaso, havia livros por toda parte, centenas, alguns rasgados ou abertos no chão, a capa para cima. Não tinham sido lidos, tinham sido assassinados, chacinados. O velho Aaron costumava praticamente usar luvas brancas para ler um livro. Agora eu via, na multilareira de ferro fundido, uma pilha de blocos chamuscados, meio carbonizados: *livros*.

Isso era abandono ao estilo tevê: aqueles programas voyeurísticos pavorosos sobre pessoas sem ligação com sua espécie. Mas o que não mostravam na tevê eram os excrementos de porquinho-da-índia. Isso ganhava de tudo. Cocô de porquinho-da-índia por toda parte, milhares de bostinhas minúsculas, ligeiramente arredondadas, todas exatamente do mesmo tamanho, como chocolate granulado gigante, nos cantos, ao longo dos batentes e em torno das pernas das mesas, esmagados numa pasta amarronzada sobre a soleira. Não se viam os animaizinhos em parte alguma — assim como Aaron. Ele desaparecera.

Voltei para o vestíbulo e parei ao pé da escada. Assim que ameacei subir, escutei o chuveiro — um som bem-vindo, promissor. Talvez ele quisesse se lavar. Será que se lembrava de quem eu era e o que viera fazer? Nesse meio-tempo, saí à procura das chaves do Alfa. No meio daquela pilha de entulho havia um único lugar onde podiam estar: na lata de cacau, em cima da cornija da lareira, ele costumava guardar ali. Puxei as cortinas para deixar entrar mais luz.

A vidraça estava coberta de manchas vermelhas, que eu notara apenas vagamente do lado de fora, mas que agora me faziam me encolher de horror. Sobre o peitoril da janela havia um cadáver peludo, ensanguentado. O porquinho-da-índia preto. Decapitado, na verdade escalpelado, e aberto no sentido longitudinal. Respirei fundo — pela boca: o fedor nessa cloaca, aquele pequeno animal — e tive de fazer o maior esforço para não vomitar.

Em choque, voltei à lareira e olhei para as embalagens vazias de comida e o resto do lixo. Ao mesmo tempo, fui tomada por uma intensa compaixão e por culpa igualmente forte: passei meus seis meses na Califórnia sentindo pena de mim mesma e quase não me preocupei com o que acontecera com ele. Deve estar bem, eu pensava. Está montado na grana, não é?

Depois de me recobrar, encontrei a lata de cacau e tirei dela um envelope fechado — o mesmo envelope que eu pusera em sua caixa de correio seis meses antes —, com as chaves ainda lá dentro. A ideia de que Aaron não usara o Alfa em *seis meses*. Enfiei o envelope no bolso de dentro do meu casaco de inverno e voltei para o pé da escada. Ele continuava no chuveiro. Eu tinha de convencê-lo a vir comigo.

Criei coragem, subi e parei no patamar. Do meio da confusão de roupas e toalhas, chamei: "Aaron, voltei", e bati suavemente na porta do banheiro. Não houve resposta e depois de um tempo me dei conta de que o jato estava alto e constante — alto e constante demais. Abri a porta, uma nuvem de vapor invadiu o patamar. No piso, em meio aos pelos e à imundície indefinível, estavam o celofane e a fita dourada da bola de chocolate natalina. A cortina do chuveiro estava suja, mas ainda transparente, dava para ver que não havia ninguém ali. Puxando-a para o lado, comecei a chorar com o que vi — uma reação esquisita, na verdade, a bola de chocolate derretendo não era nada em comparação com o cenário de terra arrasada do andar de baixo, mas, enfim, o que restava dela estava no chão da banheira, um rio revoltado de água marrom, a faca de carne que fora enterrada nela (com raiva, imaginei) caída de maneira desoladora no ralo. A água quente escavara um buraco

cônico na bola; tudo que restava dos pralinês que havia dentro era o recheio deles. Não era ali que eu queria estar. *Não com essa barriga.* Senti uma vontade breve de xingar Boudewijn em voz alta, culpá-lo por tudo. Graças a *você* eu estou aqui, é por *sua* culpa que fiquei com essa droga de barriga. Fungando e praguejando, fechei o chuveiro.

Só então escutei Aaron gritando. "SOME DAQUI!", ele berrava roucamente. "SOME DAQUI!" Segui o som de seus gritos, lutando contra a tentação de fazer exatamente isso, sumir dali para sempre. Abri a porta do quarto. Ele estava encolhido no colchão, os joelhos dobrados junto ao peito, quase irreconhecível com a faixa de cabelo imundo traçando uma linha entre suas orelhas, na nuca. Entre um grito e outro balbuciava alucinadamente, seus ombros e sua cabeça tremendo com espasmos violentos. Assim que entrei no quarto, começou a berrar, segurando o edredom amarelo perto do queixo com os punhos cerrados. "Por favor", choramingou, "vai embora. Me deixa em paz. Você tem focinho." Como que desbravando um furacão, subi na cama de casal e delicadamente segurei sua perna sob a coberta. Gemendo e soluçando, ele mordeu o edredom de algodão, seus olhos se reviraram e ele tremeu como se eu o tivesse cutucado com um atizador de lareira incandescente. Agora eu, por minha vez, ofegante de horror, soltei-o.

"Por favor. Vai embora."

A fim de me controlar pela segunda vez e *não* ir embora, fugindo daquele inferno, tentei imaginá-lo em sua Batavus preta. Lembre-se de quem é esse. Eu o via montado em sua enorme bicicleta de quadro duplo, o casaco de pele de carneiro aberto, uma camisa de seda por baixo que poderia muito bem ser uma blusa feminina, aquele gafanhoto de ar indiferente em sua bike, as botas muito grandes escorregando dos estribos, pedalando relaxadamente para comprar essa mesma cama comigo. Com esse Aaron em mente, pousei a mão com a maior suavidade possível em sua coxa encharcada de suor, chamando-o de "amor". Fora com esse Aaron em mente que eu voltara para Enschede, com esse Aaron em mente que eu decidira não tirar.

Por semanas, Boudewijn foi o único a saber que eu estava grávida. Evitei todo o contato com Enschede (e Enschede comigo) e na McKinsey fiquei de bico fechado sobre o assunto enquanto foi possível. Desde o primeiro dia de meu estágio no Vale do Silício, Boudewijn e eu trocamos e-mails diariamente, rotina com a qual ele encerrava suas tardes em Amsterdam e eu iniciava as manhãs na Califórnia. No começo, os e-mails estavam mais para piegas, às vezes inesperadamente francos, com um subtexto inequívoco de sua parte que eu chegava a achar engraçado. “Você é a única pessoa em quem confio”, lhe escrevi um dia, em outubro. “Claro, claro”, foi sua resposta quase seca, então lhe contei que estava grávida e confessei que considerava a possibilidade de fazer um aborto. Considerava que era meu eufemismo para a hora que já havia marcado no Stanford University Family Planning Service. A notícia certamente o curou de toda pieguice; ele se transformou numa esponja que queria sugar tudo com precisão infalível, de modo que lhe contei tudo com precisão infalível — mas até que ponto eu podia ser precisa sem falar sobre a porta de vidro estilhaçada e o website?

A reação dele me pegou de surpresa: ele me *proibiu* expressamente de ir à clínica de Stanford. “Adie sua decisão o máximo que for possível”, escreveu, “tire uns dias para pensar melhor.” “Já fiz isso.” “Então pense melhor ainda o que você já pensou”, e me lembrou que eu tinha *responsabilidades*, não apenas com relação à “vida”, mas também ao pai da criança. Como é que é? Não podia estar falando mais sério, ele considerava fazer um aborto sem que Aaron soubesse — “como posso dizer delicadamente” — um *crime*. “Mas não tenho a menor intenção de voltar com ele”, protestei. “São duas coisas totalmente diferentes”, escreveu, “quem disse que vocês precisam voltar? Quem disse que ele vai querer esse filho?”

O que Aaron queria eu não sabia, mas do que ele precisava era um dardo tranquilizante. Seu medo em si era uma coisa assustadora e mesmo assim insisti: pouco a pouco, fiz algum progresso, acariciando sem pressa seus braços cheios de roupa, seus ombros, até parecer que sua apreensão cedia, gradualmente. Os dois

criados-mudos, as gavetas abertas, o chão — tudo, na verdade — estavam cobertos de cartelas de comprimidos e garrafas de bebida, todas esvaziadas. Depois de vasculhar freneticamente um dos criados-mudos, encontrei duas pílulas para dormir. “Aqui”, disse eu, “toma.” Mas ele cuspiu, e voltei a enfiar as cápsulas gosmentas em sua boca. Encontrei uma garrafa de genebra com um ou dois goles restando, levei-a a seus lábios e fiz com que engolisse. Ele deixou que me aconchegasse junto dele e continuei a acariciar seus braços, seu rosto, seu peito, até sua respiração relaxar. E só então, quando eu mesma também estava um pouco mais calma, me toquei sobre a realidade da situação: *ele não notou*. Mesmo que tirasse meu pesado casaco de inverno, mesmo que tirasse toda a roupa e sentasse em seu colo com minha barriga de seis meses, nem assim Aaron teria notado que eu estava grávida, muito menos *compreendido*.

Foi um sacrifício fazer com que passasse ao andar de baixo. Ele relutou, se enfiou entre o corrimão e a parede, e o cheiro pungente de seu corpo me deixou com ânsia de vômito. Na frente da casa, ajoelhou na neve e enquanto eu limpava rapidamente o para-brisa do Alfa, se enrolou em posição fetal, se lamuriando, delirante, eu sorria para quem passava ao mesmo tempo que tentava convencê-lo, com paciência mas firmeza, a sentar no banco do passageiro.

Chegamos ao Twentse Tulp, no sul de Enschede, antes de escurecer, eu nunca estivera lá antes, o lugar era cercado por bosques e tinha uma imensa árvore de Natal no saguão de granito, onde, após um bocado de súplicas e explicações de minha parte, concordaram em internar Aaron para uma noite de observação. Fiquei olhando enquanto ele, dócil como um carneiro, engolia dois antipsicóticos violeta com ajuda de um copo d’água grande; era como se eu mesma estivesse aplacando a sede de uma semana. Somente quando me pediram seus dados pessoais — nome dos pais? onde trabalha? — foi que me dei conta da façanha exigida para ele ter chegado àquele estado. Eu apostava que ninguém aparecera

em sua casa em meses. Seus pais moravam em Limburg e, até onde eu sabia, só ligavam muito de vez em quando. E quanto ao emprego? Seria esse o destino de um freelancer? Encontrei o telefone de Cees e Irma Bever em meu celular e o passei à enfermeira.

Eu queria sair dali. Tinha de sair. Enquanto Aaron era examinado por um psiquiatra, caí fora do prédio. Olhei para a copa coberta de neve dos carvalhos e sicômoros, a profundidade sem fim do céu gelado, e pensei: esse é um bom lugar para a insanidade evaporar.

Indo para o sul através da neve suja e salgada, o casaco abotoado até o fim, o vidro aberto, entorpecida, pensei: acabei mesmo de passar por tudo isso? Só parei em Liège, pouco depois da meia-noite, e me registrei no quarto mais caro que consegui encontrar. Será que eu deveria ter percebido que isso podia acontecer? Minha suíte tinha essas pequenas almofadas para a mulher grávida apoiar a barriga quando deita de lado, mas nem assim consegui dormir.

Acho que já era setembro quando percebi. Eu morava, junto com alunos de graduação, pesquisadores de pós-doutorado e consultores em início de carreira, numa espécie de *pueblo* de estudantes situado no bosque entre o campus de Stanford e o conjunto comercial onde ficava a divisão local da McKinsey. Eu dividia um apartamento de cobertura com duas francesas um pouco desagradáveis que haviam me alugado um quarto com três lados dando vista para os pinheiros altos e pontudos. Durante as primeiras semanas na Califórnia, me senti solitária e deprimida, com saudade de Enschede, de Aaron, de meu pai. Agora que estava sozinha, a culpa dava o ar de sua graça. As coisas não haviam todas saído dos eixos essencialmente por minha causa? Não fora meu exibicionismo ganancioso que nos separara, uma união tripla tão forte quanto uma molécula d'água? Eu via Siem atravessando aquela porta de vidro com mais frequência do que eu gostaria, percebi muito bem o que exatamente ficara estilhaçado — mas ao mesmo tempo me sentia

libertada, o ineditismo de estar do outro lado do mundo afugentava os pensamentos mais sombrios de Enschede, me distraía da irrevocabildade e desesperança da situação. Em dias úteis eu cumpria longas jornadas, e nos fins de semana os colegas me levavam para passear em San Francisco, onde passávamos os dias na praia e as noites nos clubes. Isso é bom, é bom estar na Califórnia — e assim que comecei a pensar nesses termos, às vezes até dizendo-o em voz alta, descobri que estava grávida.

“Prosaico” é uma palavra bonita demais para o modo como a coisa se deu. Com uma náusea cruel, eu era a estagiária mais nova ali, participando de uma teleconferência com a equipe da McKinsey para a revisão página a página de um relatório final para um cliente asiático, e a comichão nos seios estava me deixando louca. Não coce, não coce, se alguém tivesse me perguntado alguma coisa, eu teria respondido “não coce”, mas como ninguém me perguntou nada, tive tempo de sobra para somar dois mais dois e me ligar do que a comichão, a menstruação atrasada e todos os últimos acontecimentos haviam me feito esquecer: que na Córsega, Aaron e eu tínhamos feito sexo desprotegido.

Levantei, branca como uma vela, a *associate principal* que presidia essa convenção de bruxas perguntou se eu estava “o.k.” e se ela deveria mandar chamar um médico. Sim, para fazer um aborto, pensei, mas saí da sala de reuniões com a mão sobre a boca, peguei o elevador de vidro, descí, acenei imperceptivelmente para a recepcionista e fui direto para a farmácia em Palo Alto Square, onde comprei dois testes de gravidez diferentes e mijei nos dois, um depois do outro, assim que cheguei ao *pueblo*. Grossas listras cor-de-rosa. Continuei sentada na privada até minhas pernas adormecerem. Praguejei. Eu estava grávida de Aaron Bever.

Fiquei acamada o resto da semana. Enjoada demais para trabalhar. À noite, eu inchava como um zepelim de tanto choro e autorrecriminação, e quando acordava pela manhã, após sonhos confusos, esse dirigível preto pairava acima dos pinheiros, lançando uma sombra e prestes a entrar em combustão. Eu só saía da cama por volta do meio-dia, comia qualquer coisa e marchava pelo

bosque, furiosa, exausta, esmagando cones de pinheiro. Meu ateísmo vacilava: era difícil não enxergar a mão punitiva de algum deus por trás dessa nova provação, o maldito Deus de Wilbert — eu praguejava contra aquele troço de madeira na parede dele e ao mesmo tempo rezava por um aborto espontâneo: Prezado Altíssimo, por favor, faça com que ele seja expelido, eu não o quero. Os fóruns de gravidez na internet listam todo tipo de coisa que as futuras mães não devem fazer em hipótese alguma, e desse modo eu fazia hora extra, dormia pouco, bebia o máximo de álcool que podia, em casa, naquele meu quatinho de cobertura, vinho, uísque, vodca. Nos fins de semana, comia na companhia das duas francesinhas tamanho bolso, que tagarelavam entre si numa gíria parisiense incompreensível, talvez se referindo ao que eu preparava (elas invariavelmente cortavam a carne que eu havia preparado, franziam o narizinho e voltavam à cozinha para passá-la um pouco mais), ou então à minha náusea constante. Liguei para o Stanford University Family Planning Service. Mandeí um e-mail para Boudewijn.

Ele me ligou quando eu estava no salão de café da manhã vazio, em Liège, comendo uma fatia de pão com Nutella.

“Onde você está?”

“Liège.”

“E. Como ele reagiu? Deram um calmante para o Arend — e depois? O que ele disse? Me conta.”

“Depois nada, Bo. Não tem grande coisa para contar. Meu ex-namorado teve um tremendo surto psicótico. Ele acha que o sol é feito de geleia amarela e que dá pra passar na torrada. Está bem feio.”

“Então por enquanto não vai sentir falta de criança nenhuma.”

Apenas meses depois, quando estava menos autocentrada, quando não tinha medo de que Boudewijn fosse descobrir que eu estava tentando passar para a frente um barco de 1,5 milhão de dólares, quando eu não receava mais enfrentar meus pais, quando já estávamos escondidos na segurança de nossa colina em San

Francisco — só então percebi o que passava por sua cabeça. Em retrospecto, compreendi sua lealdade, sua empatia, a franqueza de seus e-mails, como conseguiu me fazer cancelar a hora marcada na clínica de Stanford e pensar “por pelo menos cinco minutos diários” sobre “as alegrias da maternidade”, frase que ele, um homem de cinquenta anos sem filhos, pronunciou de boca cheia. Em retrospecto, compreendi sua satisfação quando eu ultrapassara o marco das doze semanas e anunciara a gravidez na McKinsey. O que estava por trás de seu sorriso no aeroporto de Schiphol, onde me conduziu ao *lounge* de seu clube de negócios KLM, que eu chamei de “indecente”, e por que ele, no meio do restaurante, com a boca cheia de salada de caranguejo, rira tão alto. “Tenho uma notícia muito triste”, disse, “Brigitte e eu vamos nos separar. Já entrei com o pedido de divórcio. Nossa vida está um inferno.” Então ele me pôs no trem para Enschede e como despedida pousou a mão brevemente em minha barriga. (E eu ainda não sabia, não fazia a menor ideia de que ele já começara a tramar sua transferência para San Francisco, nenhuma ideia de que já estava planejando segurar carinhosamente minha cabeça durante o parto. Alguns anos atrás, desenterrei e-mails dessa época e, de fato, lá estava, tudo preto no branco: em outubro de 2000, Boudewijn escreveu que Brigitte estava criando o maior caso devido à infertilidade dele e que ele só podia dar razão a ela.)

Agora ele dizia: “E logo, logo é a vez dos seus pais. Mande lembranças a seu pai”.

“Pode deixar.”

Aquele barco. A porra do *Barbara Ann*. A gente definitivamente precisava se livrar dele, de preferência de uma vez, numa única visita, porque eu não estava disposta a viajar de novo dos Estados Unidos para cá uma segunda vez. Ele estava atracado na marina onde a gente o deixara no verão anterior. Era para eu encontrar o potencial comprador dali a dois dias em Sainte-Maxime, um ricoço americano da tecnologia, que eu conhecera pela McKinsey, e que

passava os invernos em Mônaco e recentemente estivera à procura de um Palmer Johnson como o nosso.

Atravessei a fronteira francesa pouco antes do meio-dia e decidi esticar até Lyon, de modo a chegar a Sainte-Maxime cedo, no dia seguinte, e ter tempo para arrumar o barco. Sozinha no Alfa, a *route du soleil* era uma experiência completamente diferente: uma faixa desolada e monótona por colinas verdejantes agitadas ao vento, letárgicos restaurantes e áreas de repouso, nada de girassóis, engarrafamentos, expectativas. Tive de fazer o maior esforço para não pensar na Vluchtestraat e no que presenciara lá. Por que as coisas sempre saem diferente do que você está esperando? Horas de estradas escuras, caminhões e pedágios mais tarde, cheguei ao centro de Lyon iluminado por luzes natalinas, registrei-me em um hotel com uma cama mole em que não preguei o olho.

No fim de novembro, minha mãe me ligou na McKinsey. Ela me pegou tão de surpresa que não tive tempo sequer de entrar em pânico. De uma hora para outra, eu estava sentada numa imensa sala panorâmica com minha mãe na linha — eu não fazia ideia do que esperar e, na verdade, nunca consegui descobrir se ela estava fingindo que estava tudo bem ou se realmente estava tudo bem. Ela foi um doce, não deu o menor indício de saber alguma coisa sobre o incidente da porta de vidro. Perguntou se eu iria a Val-d'Isère no Natal. O *delay* de meio segundo na ligação me permitiu inventar uma desculpa: puxa, mãe, lamento, mas não vai dar, tenho muito trabalho para fazer no Natal. Alguns dias mais tarde, lamentei de fato, porque desde que decidira ficar com o bebê, alguma outra coisa também passou a crescer dentro de mim, uma ideia, um plano, um pensamento que eu começara a acalantar como se estivesse carregando gêmeos. Eu tomava ácido fólico para fortalecer tanto um como o outro.

Na manhã seguinte, morta de cansaço, atravessei a Provence. Apesar do clima ameno, eu continuava a sentir frio. Uma profunda melancolia começou a tomar conta de mim. Em Chambéry, o retorno que eu usaria no dia seguinte para ir a Val-d'Isère, avistei uma pequena luz brilhante. Um buraco minúsculo em minha percepção,

como se uma incandescência branca e superintensa abrisse um furo na tela de cinema do dia. Relanceei o painel do carro, minhas mãos no volante esportivo de três raios, e depois de volta à estrada.

“Merda.”

Aí vamos nós outra vez. Eu pedira por isso durante semanas, sabia muito bem disso. O último episódio tinha sido antes do desastre da fábrica, de modo que eu tinha, acredite ou não, seis meses livre de enxaqueca às minhas costas, eu as rechaçara à força de abracadabras e encantamentos. Mas o dia do ajuste de contas chegara. Em alguns minutos, o ponto luminoso se transformou num diamante de luz rodopiante, do tamanho de um punho — mais rápido do que o normal, parecia, como se alguém quisesse adiantar meu sofrimento. A fase da aura, como dizem os médicos. Eu já conhecia a rotina desde o colegial: dali a quinze minutos haveria apenas fogos de artifício, tudo se tornaria um espetáculo pirotécnico de luzes dançando, queimando, explodindo. Depois de mais um tempo o diamante encerraria o expediente, seguido de uma pausa de meia hora para respirar. Em seguida a enxaqueca enfiaria um prego em minha têmpora.

Nauseada e ofuscada demais para dirigir, entrei com o Alfa no primeiro acostamento que vi, desliguei o motor e recostei a cabeça no volante. Na minha bolsa, só tinha paracetamol, nada de Imigran, que era do que eu precisava nesse momento. A caixa já estava vazia antes que eu partisse para a Califórnia. Devia haver um pouco de ibuprofeno 600 no barco. Pus meus óculos escuros, mas a cintilação frenética era por dentro: uma queimação em meu cérebro. Engoli três comprimidos de paracetamol e me concentrei com toda a força no Natal em Val-d’Isère.

O bebê consertaria tudo. Eu não contara a Boudewijn pelo simples motivo de que não era da sua conta — mas essa ideia, no fim, foi o que me impediu de fazer um aborto. Noite após noite eu ficava deitada no sofá de uso comum do *pueblo*, jogando pinhas dentro da lareira (a estranha dureza das escamas, o modo como crepitavam e sibilavam assim que as chamas cresciam e acabavam com elas), ruminando, raciocinando, pesando meus sentimentos, e à

medida que minha cintura desaparecia e minha barriga inchava, mais eu me dava conta do *trunfo* que tinha na manga. Pela primeira vez desde o episódio da porta de vidro, deixei que lembranças da Córsega viessem à minha mente, tentei recordar as emoções das férias. Sabíamos muito bem o que estávamos fazendo quando transamos. No barco, a caminho de Nancy. *Nós queríamos essa criança*. Ela não fora concebida por acaso. Eu sabia que Aaron admitiria a paternidade na mesma hora, ele largaria tudo para criar o bebê. E o bebê estava a caminho — irremediavelmente. E será que essa irrevocabilidade não iria neutralizar aquela outra irrevocabilidade? Um filho, meu e de Aaron... Será que eu sabia o que estava fazendo? Eu ficava naquele sofá no Vale do Silício fazendo de Siem um *avô*. E depois de perceber isso plenamente, soube sem a menor sombra de dúvida: aquela criatura em minha barriga seria mais forte do que a coisa que nos separara. Nós nos tornaríamos pai e mãe e *avô*. Eu iria parir nosso trio de volta.

As chamas do inferno arrefeceram. Andei a cento e sessenta por hora até Hyères, onde a rodovia terminava e a dor de cabeça começava. A estrada costeira que parecia tão sedutoramente curta no mapa se revelou um pequeno intestino: uma infinidade de ferraduras e despenhadeiros rochosos, eu tinha de acelerar e frear constantemente. Em lugar de sua cintilação azulada, o Mediterrâneo mostrou as verdadeiras cores: um líquido negro e indiferente. Baixei um vidro, a maresia gelada penetrou em minhas têmporas latejantes. A saída de Saint-Tropez, uma luz no fim do túnel. Assim que chegasse a Sainte-Maxime, iria direto para a marina e estacionaria o Alfa o mais perto possível do *Barbara Ann*. Em meus pensamentos eu mergulhava na água e saía nadando como um golfinho rumo à caixa dos remédios.

Contornei um despenhadeiro e de repente, lá embaixo, à direita, vi os compridos barquinhos perfilados junto ao que pareciam incontáveis mesas postas para o jantar. Atravessei uma ponte a mil por hora e desci ao lugar onde a tortuosa *route nationale* passava ao bulevar à beira-mar. A essa altura eu uivava de dor, um queixume monótono.

O inverno imperava ali, as cadeiras estavam empilhadas e os guarda-sóis enrolados nos terraços dos cafés, diante dos ancoradouros. Parei onde quis. Desliguei o carro, finalmente silêncio, e movimenteiei os ombros e a cabeça. Por alguns segundos, tive certeza de que ia vomitar. Respirei com calma. Soltei o cabelo. Prendi o ar, engoli a ânsia. Tomei um gole de água mineral e saí.

O vento marinho soprou através de meu casaco e da pouca roupa que eu usava por baixo. Onde estava aquela banheira velha? O kitsch reluzente que a marina exsudava no auge do verão entrara em hibernação. As fileiras de iates preparados para passar o inverno flutuavam ao dia austero, o plástico branco plissado, a madeira polida, as janelas escuras concebidos para expressar velocidade e exclusividade — insultos flutuantes, eis o que eram, mostrávamos o dedo do meio para a sobriedade e a parcimônia.

Aaron punha empecilho em tudo. Que tipo de pai ele seria? Quem deixaria um sujeito como ele se tornar pai? Tudo soara tão lógico, nós dois aparecendo em Val-d'Isère sem aviso, na verdade não dava mais nem para chamar de surpresa, seria... Caminhei pelo trecho pavimentado até o escritório da marina, um prédio baixo com telhado de deque. A porta estava trancada: fora de temporada, aberto apenas das três às cinco. Melhor assim, nada de tartamudear em francês diante de um incompreensível capitão do porto. Eu imaginara nós dois fazendo uma inesperada entrada triunfal naquela casa de pão de gengibre de Hans e Ria, com elegantes passos de valsa, sérios mas empolgados. Olhei meu reflexo na janela do escritório: os fios de cabelo despenteados emolduravam um rosto de queijo velho e suado que suplicava por compaixão. A mesma garota que voltara de bicicleta para a casa da mãe, da escola até o campus, na banguela. Eu herdara dela essas enxaquecas, mas não tive a mesma sorte com a empatia. "Eu também tenho dores de cabeça de vez em quando, Joni. Isso não me impede de conversar *normalmente*."

Se ele me visse desse jeito, sua filha mais velha com uma barriga desse tamanho, tudo entre nós simplesmente sumiria, eu tinha certeza disso. Não precisaríamos dizer uma palavra sobre o

último verão, ou talvez na verdade devêssemos, aquelas montanhas de milhões de anos podiam ser o lugar certo para pôr tudo em pratos limpos. Seguiríamos ao sabor do vento. Faríamos o que fosse melhor. E depois do Ano-Novo, Aaron e eu entraríamos no carro e iríamos para a casa de fazenda. E como fora depois do desastre da fábrica, ficaríamos por lá. E eu daria à luz na casa de meus pais.

Com as têmperas latejando, peguei as chaves da cabine em minha bolsa e fui até o terceiro píer; se me lembrava corretamente, estávamos atracados no fim. E de fato, fazendo uma curva de quarenta e cinco graus no deque, entre os demais meninões, avistei a ondulação de uma popa familiar. O traseiro classudo do *Barbara Ann*. Apertei o passo ao longo das águas escuras, rilhando os dentes com os guinchos de um milhão de gaivotas. Os analgésicos estavam no convés, num dos compartimentos na casa do leme, ou então no banheiro da cabine grande, na proa do barco. "Oi, Babs", Aaron costumava dizer ao subir na popa, e peguei-me fazendo a mesma coisa. Os degraus para o convés de tomar sol estavam cobertos de excremento de gaivota, uma água amarronzada se juntara nas calhas e nos cantos. Quem dera eu pudesse puxar o linóleo das espreguiçadeiras roxas e deitar. Em vez disso, abri as portas da casa do leme. Não sem dor no coração: me lembrei de como o instrutor da Palmer Johnson ensinara Aaron e eu a manobrar esses vinte metros de luxo em segurança para fora dos portos em apenas uma semana.

Sentei numa das cadeiras de couro do capitão e abri um armário perto do timão. O kit de primeiros socorros. Band-aids, gaze, tesoura, o temazepam de Aaron — e ibuprofeno. Rasguei a embalagem de sachê e mandei tudo para dentro com alguns goles de água mineral. E então, deitar. O homem ia chegar só dali a quatro horas. Então que se dane a bagunça. Imaginei-me na grande cama redonda, sentindo o corpo ser sustentado pelo colchão luxuoso, as venezianas fechadas, o telefone desligado.

Desci a escada, talvez rápido demais, porque ao passar pelo sofá em U do salão tive de me apoiar na beirada da mesa. A ânsia veio subindo por minha garganta. Cambaleei até a cozinha e vomitei

na pia. A torneira chique funcionou como se tivesse sido usada no dia anterior, lavei a boca, torcendo para não ter vomitado o pozinho mágico. De fato, estava uma bagunça dos diabos ali embaixo, dava para perceber que tínhamos voltado às pressas para a Holanda: duas sungas amarrotadas de Aaron; pratos, lavados mas não guardados; ferramentas que eu não fazia ideia de algum dia termos usado. Na mesa de jantar, uma garrafa aberta de rosé, sem a rolha.

Até que ponto Aaron estava doente? Até que ponto essa surpresa agora não seria bem-vinda? O que eu deveria lhes contar sobre o pai do meu filho?

Além do salão ficava uma cabine de hóspedes pela qual você tinha de passar para chegar à suíte master, um compartimento espaçoso com dois sofás-camas, nunca usados, assim como o pequeno cubículo da ducha. Me espremi para passar ali e abri a porta do outro lado. Só então percebi como meu hálito estava azedo: um cheiro forte e meio adocicado, de coisa podre, do vômito. Alguns passos mais e cheguei à cama, havia um par de sapatos de salto alto em cima dela e, infelizmente, apenas um lençol fino. Larguei a garrafa de água, deitei sobre meu lado esquerdo e enfiei a cabeça sob um travesseiro. Fiquei ali apenas por trinta segundos, até quase sufocar.

Eu podia mesmo dizer que está tudo bem quando acaba bem? Um avô e uma mãe seriam suficientes para conseguir isso?

Não pense, apenas relaxe. Tirei o travesseiro de cima da cabeça. Meu Deus, que cheiro. O barulho das gaivotas, o estouro das ondas na baía, o tráfego no cais, tudo havia praticamente sumido, e comecei a afundar como se a gravidade tivesse se dobrado sobre si mesma, eu dirigia por ruas escuras e estreitas, uma região familiar, parecia ser o campus, o Alfa avançava com dificuldade por uma árida terra de cultivo, um percurso laborioso, os pneus derrapando sem sair do lugar, e por mais estranho que parecesse fui ficando incrivelmente cansada. Ao longe, vi alguém que reconheci como sendo Aaron, sua cabeça calva brilhando ao luar, reluzindo sobre o leito de areia como uma segunda lua. Parecia feliz, seu casaco de pele de carneiro estava aberto. "Por onde você andou?", ele gritou.

Tive a sensação de que eu dormira por horas, mas provavelmente haviam sido apenas alguns minutos. A dor de cabeça se espalhou por meus ombros e pescoço, virei a cabeça para o outro lado.

Talvez tenha sido aquele cheiro indescritível que atraiu meu olhar, ao longo da madeira lustrosa dos armários, para o chão, o início hesitante de um relance exploratório. Uma peça de roupa chamou minha atenção, caída ali como um rio vermelho de pano sobre o carpete creme. Intrigante, esse centésimo de segundo, a fração de tempo em que algo insuspeito se torna suspeito. Seu cérebro envia mensagens de sos a uma velocidade neural para todas as partes de seu corpo, para seus músculos, suas glândulas sudoríparas, seu coração, seus pulmões — tive de prender a respiração. Meus olhos seguiram esse rio, correnteza acima: o casaco — era um casaco vermelho pesado — estava preso na porta de vidro fumê do banheiro, segurando-a entreaberta. Seu lugar não era ali. Fiquei olhando para ele, paralisada. Continuei ali por seis meses, talvez um ano, os olhos fixos no casaco — e então lentamente me levantei.

Minha dor de cabeça sumira, de tão rápido que o sangue parara de circular por meu cérebro. Havia alguém no banheiro. Um drogado que viera passar o Natal. Um serial killer que viera passar o Natal. Com dois passos suaves, parei diante da porta e a empurrei até o fim. O mesmo cheiro terrível me atingiu como uma tonelada de tijolos. Para um barco de apenas vinte metros, o banheiro era imenso, uma extravagância feita para atender ao gosto por luxo de um novo-rico: vaso sanitário suspenso, pias para ele e para ela, banheira, uma ducha de pressão cujo boxe, notei na mesma hora, estava com a porta aberta.

No momento seguinte, havia moscas — um enxame de moscas metálicas, uma nuvem pestilencial que voou e, como a um comando, voltou a pousar. Prendendo o nariz entre o polegar e o indicador, aproximei-me do chuveiro. As moscas estavam sobre o corpo pendurado em uma forca feita com corda de náilon laranja, o cabo que usávamos para prender o barco. Estava vestido; o torso era

como uma fruta em calda usando um suéter de lã — parecia prestes a explodir. Acima de botas de caminhada, com seus grossos cadarços, as canelas intumescidas, supurando. O interior do cubículo estava manchado por umidade escura; no canto havia um balde caído. A cabeça — a cabeça *dele*. A corda, amarrada com um nó robusto na dobradiça da ventilação aberta, empurrando-a de lado, o pescoço fazendo um ângulo antinatural. O rosto—

Lutei contra a ânsia. Além de verde-azulado, o rosto estava inchado, a língua para fora da boca contorcida num esgar. No queixo, uma enorme casca de ferida. O olho esquerdo estava fechado, mas o direito não. Estava saltado, mais para fora do que para dentro. Parecia ter presenciado todo o tormento e a agonia que uma pessoa podia sofrer.

Vomitei antes de chegar à privada. O conteúdo de minha barriga se esparramou sobre o piso de material sintético, entre o boxe e o vaso. Agachei, engasguei mais duas vezes e voltei a me levantar. Minha cabeça. Meu coração estava no crânio. Fui para a pia e abri a torneira.

“Não chore, droga. Não.”

Água fria. Lavei a boca e o rosto. Fiquei olhando para o ralo. Papel: um pedaço de papel saindo do bolso do peito. Eu vira direito? Um envelope, um guardanapo?

Reuni toda a coragem de que dispunha e virei. Dei um passo na direção do chuveiro. Sem olhar o rosto, levei a mão ao bolso do peito, primeiro tateando o peito morto, senti o peso inerte e retirei a mão abruptamente. Ofegando, segurei o batente da porta. “Pai, como você foi fazer uma coisa dessas?” Então segurei o corpo pelo quadril para que não balançasse.

Era um envelope. Eu o trouxe comigo ao atravessar o quarto e subir ao convés. Sentei no banco da casa do leme e recuperei o ar. Tentei respirar normalmente, concentrando-me numa boia vermelha distante, onde a baía se encontrava com o oceano. Só quando

comecei a morrer de frio — meia hora depois, uma hora? — olhei para minha mão, que ainda segurava o envelope. Era de um tamanho normal, como se pudesse conter um cartão-postal. Minha barriga parecia pesada. Tentei rasgá-lo, mas meus dedos tremiam. E minha cabeça queria explodir. Pus o envelope na mesa e levantei. *Suicídio?* O que acontecera com o lutador? Virei um segundo pacote de ibuprofeno na boca e me forcei a engolir com saliva.

De repente, fui bombardeada por perguntas, perguntas estúpidas e idiotas, todas misturadas. Como ele entrou? Ele tinha uma chave? Por que isso teve de acontecer? Ele já tinha a chave quando a gente voltou das férias? Eu tinha uma faca? Ou uma tesoura. Não podia deixá-lo ali, pendurado daquele jeito. Por que ele fez isso? Será que alguém já dera por sua falta? Mamãe? O ministério? Precisava espantar aquelas moscas. A culpa é minha? Precisava deitá-lo na cama. Aquela corda em torno do pescoço. Chamo a polícia? *Por que você não me ligou?* Eu tinha de ir até Sainte-Maxime para encontrar um posto policial, tinha de ligar para Val-d'Isère.

Mas não me levantei, fiquei onde estava. “Se isso era um problema assim tão grande para você, pai”, eu disse, “então por que não veio falar comigo, droga.”

Com os dedos quase paralisados, abri o envelope. Havia mesmo um cartão ali dentro, a reprodução de um antigo pôster de Sainte-Maxime, eu o comprara naquele verão e deixara por lá, uma palmeira e a praia em estilo *Jugendstil*. Havia alguma coisa escrita atrás, a caneta, em meio às lágrimas, pude perceber sua caligrafia surpreendentemente infantil. Em vez de ler, rasguei o cartão em vários pedaços e joguei no mar.

Em Venlo, ele atravessa o Meuse. Grandes placas de gelo se juntam na beira da água cor de grafite, uma longa balsa transportando montanhas de areia bege trafega pelo meio. Nas duas margens sinuosas ele vê grupos de casas provincianas onde milhares de famílias logo irão acordar à cinzenta luz de dezembro, por mais uma noite consecutiva, a cobertura da neve engrossou. Os pais de Aaron — eles não moravam em Venlo? Ele os conheceu certa vez, na casa do rapaz. Pessoas simples com opiniões simples. Devia ter ligado para Val-d'Isère, tinha prometido ligar antes de sair. Uma mensagem de um marido simples com opiniões simples. Contanto que continue a esfriar. Ele baixa o vidro traseiro mais um pouco.

O cheiro de escapamento penetra no Audi, é a hora do rush matinal, as estradas ficam cada vez mais congestionadas com o tráfego de caminhões, os pneus pesados sibilando sobre a neve suja e salgada. Desde Duisburg avança a uma velocidade de caramujo, preso atrás de uma jamanta italiana, mas ainda é cedo. Faltou-lhe energia na noite anterior para instalar o bagageiro, então seus esquis estão sobre o banco do passageiro abaixado e as malas vão atrás, cheias de calças e camisas sem passar, só agora lhe ocorre que a roupa que está usando — um suéter de lã roído por traças, um jeans questionável e botas de caminhada — é pouco apropriada, sua aparência é esquisita, para dizer o mínimo.

O dia nasce a leste, o céu cor de chumbo parece anunciar a enfadonha região mineradora por onde está prestes a passar. Não pense nisso. A imagem, parece, está armazenada em incontáveis caches de sua memória, ela chega abruptamente à sua retina, vinda de recessos inesperados de seu subconsciente. Vá para um hotel na

França. Ele se força a imaginar uma cama em Metz ou Nancy, onde pode efetivamente *dormir* por algumas horas. Se preparar para a normalidade de Val-d'Isère. Um hóspede devidamente limpo, de banho tomado, atencioso com seus anfitriões. Algumas horas salutaras em um quarto de hotel. Passa por Geleen, para no primeiro posto que cruza seu caminho. Enche o tanque, limpa a neve do para-brisa. Dentro do posto, na fila do caixa, ele se estica para absorver o máximo de calor possível. Fica numa postura estranha na fila, meio virado na direção do carro, sem tirar os olhos do Audi. Compra uma caixa de chicletes, enfia três na boca de uma vez.

Mal ousa respirar ao passar pela fronteira belga, acenando para dois funcionários da alfândega que conversam. Não devia ter bebido todo aquele rum. Assim que fica fora de vista, pisa fundo. Durante a última hora ou algo assim, sentiu uma ansiedade inédita, seus nervos estão à flor da pele, como se alguém estivesse esfregando seus dendritos com uma palha de aço. Ele rilha os dentes, mas quando afrouxa a pressão seus dentes começam a bater. Evitar Liège, sua regra número um: costumavam se perder sempre, nessa cidade caótica. Contorne-a. Quer ir para um lugar anônimo, um lugar ilógico, um lugar não muito fácil de chegar. A Bélgica é ilógica, sempre; já fez um desvio para ir para lá.

As correntes de neve, por que não pegou as correntes de neve? Elas estão em cima de um armário, no antigo quarto de Joni; no começo da noite, pareceu arriscado demais subir até lá e, depois disso, simplesmente esqueceu. E agora está dirigindo pelos Alpes sem correntes de neve. *Ou a neve já começou a derreter?*

Está numa espécie de estrada secundária que contorna Liège. Em vez de seguir para o sul, em direção a Metz, decide ir para oeste, tomando a A15 para Namur. É impossível não pensar a respeito. Para bloquear a imagem, evoca outros pensamentos — ideias agradáveis sob circunstâncias normais —, visões de esqui *freeride*, das copiosas refeições que Hans vai lhes preparar, de fórmulas matemáticas complexas, mas elas são fugazes demais, escapam-lhe pelos dedos. Ele queima a cabeça para pensar em algo mais forte, algo suficientemente poderoso para se convencer de que

está fazendo o que tem de fazer, mas nada lhe ocorre. Pressiona o dedo indicador contra o queixo esfolado.

Depois de Namur, sai da rodovia. Pegando estradas vicinais, que logo se tornam estradinhas de cascalho, atravessa bosques escarpados, verdejantes, a neve endurecida em torno dos troncos cinzentos das árvores. É outro mundo, aqui a terra é desolada, assim como é desolada quase em qualquer lugar, a não ser em seu país; na Holanda, a natureza mergulha sob a terra como um metrô e só volta à superfície na Escandinávia. Sua vida é desolada. Às vezes, essa vida passa por uma rua de cidade pequena, com casas tão cinzentas quando um pano de chão, e em seguida percorre longos trechos sem a visão de uma única casa, apenas bosques e plantações, de vez em quando um telhado pode ser avistado no fundo de um vale.

Descendo uma colina, entra numa estrada de terra coberta de neve que leva a uma floresta de pinheiros, verde e escura. Minutos mais tarde, inteiramente cercado pelos altos abetos, para o mais longe possível da estradinha. Fica ali sentado por um quarto de hora, cansado demais para se mexer. Tineke, precisa ligar para Tineke. Aperta o número e escuta o entrecortado tom em uma rede estrangeira. Após o sétimo toque, desliga. O sangue martela suas orelhas. Tenta ensaiar uma conversa: o que, na verdade, pretende dizer? Antes que possa pensar em qualquer banalidade, ela liga de volta. "Alô, querida", diz ele, roucamente. Deixe que ela fale. Estão tomando o café da manhã, sua esposa lhe conta, com vista para as encostas montanhosas, as trilhas ainda estão sendo preparadas — mas ele mal escuta. Ela quer saber quando deve esperá-lo, ele diz que ainda está em Enschede, chega tarde, não antes da meia-noite. Ela está aprendendo a esquiar, diz: a novidade tem o objetivo de quebrar seu silêncio, então ele murmura algo entusiasmado, mas sua cabeça está longe — sente ânsia de vômito. *O mindinho preto, pense naquele dedo gangrenado.* "O que você comeu ontem?", ela pergunta. "Lembrou de desligar o aquecimento?" Entre suas profundas inspirações e expirações, ela continua a tagarelar, talvez porque Hans e Ria estejam ouvindo, talvez porque ela esteja

evitando pensar naquelas fotos que ele quase já esqueceu. Ela diz que parece cansado, “passou frio à noite?”. Não. Passei. Não deve recorrer ao conforto da normalidade de Tineke, sua inalterabilidade obstinada na outra ponta da linha — ainda não. Em breve. Mais tarde.

“Pôs tudo no bagageiro?”

“Vou tentar agora”, ele responde, e assim que desligam, calcula quanto tempo faz que saiu da área de serviço com os esquis debaixo do braço. Seis horas? Podiam muito bem ser seis anos. Deixa que o celular afunde em seu bolso.

Estranhamente, já percorrera algumas vezes o caminho entre a lateral da casa e o Audi, seus passos triturando o chão fofo, primeiro com a bolsa de viagem, depois com o laptop e a pasta de documentos, forjando cuidadosamente uma trilha na camada de neve suavemente ionizada, à luz que filtrava pela varanda envidraçada. Tentou recordar como era seu estado de espírito naquele momento, a inquietação fatigada que o acompanhou em sua última volta pela casa, procurando manchas de sangue ou alguma coisa fora do lugar, antes de levar seus esquis para a área de serviço. Um alívio cautelosamente otimista? Havia acendido a luz de fora — só então? — e sob o fulgor amarelado viu o terraço todo se iluminar. A neve caía mais forte agora, abriu a porta da cozinha e saiu. Um pó branco esvoaçou do teto colmado e da copa do castanheiro. Com o vento gelado penetrando em suas roupas, olhou para a trilha de suas pegadas, correndo paralela à varanda; só então, porém, notou uma segunda trilha, muito mais estreita, enveredando pelo quintal. Seu olhar acompanhou as pegadas salpicadas de neve. Elas levavam a uma forma no canto do terraço, a cerca de seis metros de onde ele estava. *Havia alguma coisa caída ali.* Um objeto oblongo, coberto de neve, bem onde as pedras do pátio se encontravam com a grama. Os esquis escorregaram de seus dedos, a neve amorteceu a queda. *Lá estava ele.* Diabos. Ele deu um passo para trás e observou mais de perto. Wilbert. De costas, o braço quebrado fazendo volume sob a jaqueta de aviador. A neve começava a grudar em suas roupas, as pernas estavam ligeiramente

abertas, os pés para fora, a ponta dos sapatos branca. Sua cabeça estava virada para a casa, curvada para trás em um ângulo esquisito. Dava para ver o rosto ferido, o olho esquerdo entreaberto. O nariz, observou ele com um choque, expelia pequenas nuvens de condensação.

A visão daquele rosto. Pressionando a ferida pegajosa em seu queixo, ele olha em torno. Pense em alguma outra coisa, droga, pense em... *Joni?* Está sentado, ofegante, em um carro estacionado num trecho de floresta nas Ardenas belgas, prestes a desmaiar. Pense em algo... *bom*. A brincadeira que Joni costumava fazer na casa da Bonita Avenue, um jogo que chamava de "a garota mais animada da América". Ela aparecia com seu rostinho loiro na porta do quarto deles, a cabeça como orvalho fresco, e cantarolava: "Pai, mãe, desculpa, primeira rodada. A garota mais animada da América. Continuem deitados". Ele deixa a cabeça exausta repousar no encosto, permite que as pálpebras se fechem por um instante e na mesma hora elas se colam em suas escleras. Da cama do casal, eles a escutavam no andar de baixo, movendo-se pela cozinha revestida de painéis de madeira, espremendo laranjas, fazendo café e torradas; havia uma variante noturna, também, em que ela ia de um lado a outro pela sala entulhada como em um filme acelerado, uma abelhinha superatarefada, acendendo velas, fechando cortinas, a luta adorável com um saca-rolhas e uma garrafa que não queria—

O tiro sai pela culatra. Suas lembranças mais felizes servem apenas para deprimi-lo ainda mais. Abre os olhos, abaixa o vidro e fica olhando para a mata por vários minutos; os troncos escuros são muito próximos, não consegue enxergar além de trinta metros ou algo assim. Nas profundezas, trevas.

Não conseguia se mover, conseguia apenas olhar. Por quanto tempo aquele filho da puta ficara ali? Parecia ter escorregado, devia ter perdido o equilíbrio, talvez tivesse caído de cabeça, ou sobre o braço. Será que tentara voltar a ficar de pé? A neve em torno parecia revolvida. *Apagou com a bebida*. Seria isso? O rum — ficou

completamente bêbado, caiu, lutou para se levantar com o braço bom e, como não conseguiu, pensou: boa noite. O idiota desabou, chumbado, a treze graus abaixo de zero.

Conferenciou consigo mesmo. Quantas mil vezes, nesses últimos dias, debatera com seu lado bom? Dessa vez, chegaram a um rápido acordo. Ficou ali por mais um momento, o olhar fixo na figura adormecida sob o frio gelado, e então lhe deu as costas. Pegou seus esquis na neve, depositou-os sobre o capacho grosso da área de serviço e cuidadosamente trancou a porta. De volta à cozinha, pegou a faca no bloco de madeira outra vez. Foi para a varanda envidraçada, acendendo a luz por força do hábito, para apagá-la em seguida. Sem tirar os olhos do corpo, contornou a longa mesa, tomando o cuidado de não bater em nada, virou uma cadeira com zelo exagerado para perto da vidraça e sentou, a faca na mão, a mão no colo. Notou o início da calvície no feio crânio de seu filho.

No início, não sabia exatamente por que estava sentado ali. Guardando o forte? Ou teria outras intenções? À medida que os minutos passavam, ficou interessado numa única coisa: condensação — no distante limiar da luz externa ele enxergava o vapor esbranquiçado da respiração de Wilbert. Tremendo, fechou o zíper de sua jaqueta de esqui até seu pomo de adão. Observou aquele hálito como um falcão. Notou seu próprio reflexo no vidro, tênue, como uma marca-d'água, um contorno dez vezes mais fraco do que o rosto iluminado ali fora na neve, uma face estranha, contorcida, pertencente a um corpo embriagado, inconsciente, sofrendo de hipotermia, uma pessoa precisando de ajuda.

Ser como um monge. Como é possível ficar olhando para a mesma coisa, atentamente mas destituído de qualquer pensamento, por uma quantidade de tempo ilimitada? Pressionou o joelho esquerdo contra a vidraça gelada. Não havia nada a não ser condensação, pequenos bafejos suaves encheram sua consciência. Desligue os pensamentos, já pensou bastante por ora. E de fato, funcionou, sua cabeça ficou infinitamente mais clara, nada de pensamentos inacabados, nada de reflexões, apenas fragmentos, *o que quinze pancadas com um malho podem fazer* — eles escapavam

de seu cérebro, mas ele os eliminava com as nuvenzinhas lá fora. Em nenhum momento desgrudou os olhos do vulcão fumegante emitindo as baforadas sulfurosas — elas continuavam a sair, fracas, infatigáveis. Mas o frio seguia intenso do lado de fora: o ar gelado entrava, o ar quente saía, o ar gelado entrava, o ar quente saía...

Ele o ergueu e o abraçou, um queixo seco, áspero, contra sua testa suada, então o homem que ele não conhecia o carregou para a beirada do colchão esponjoso. Ficou deitado de costas, afundado no colchão, outros meninos estavam à sua volta, em silêncio, apenas balançando a cabeça para ele, a não ser por um menino loiro e magro, que gemia. Ele notou que seu próprio rosto não tinha mais o antigo formato, apalpou-o, estava inteiramente suado, pequenos tomates quentes, por toda parte, parecia quente e gigantesco. “Não traga minha esposa”, choramingou ele. “Ah, sim”, disse o sr. Vloet, que, ele percebia agora, era a versão envelhecida de um vizinho, o vizinho idoso que tinham na Antonius Matthaeuslaan, que caminhava através de seu dojo que se transformava em seu gabinete de Zoetermeer, só que maior, mais vazio...

Acordou com um estrépito metálico. Onde estou? Até ver seu próprio reflexo, rodopiou sem rumo num universo negro como breu. Esfregou o rosto. A faca de carne caíra no chão de ardósia. Seus músculos estavam tensos de frio quando se abaixou e a pegou; esquadrinhou assustado o terraço. Sua perna curta estava dormente. A noite continuava negra, porém mais pálida. O rosto continuava ali, parecia ter se virado ligeiramente, por um momento achou que os olhos estavam abertos, esfregou seus próprios olhos para ver melhor.

A respiração havia cessado.

Ele não se moveu. Por pelo menos quinze minutos, calculou, ficou sentado naquela cadeira como se ele próprio estivesse congelado, observando fixamente o corpo imóvel na neve. Não pensar agora se tornara impensável, cada pensamento incipiente explodia numa grinalda de triunfo e culpa, ele deu livres rédeas à confusão, como se não fosse em sua própria cabeça... *Então quer dizer que você é um assassino. Vocês dois são assassinos, mas é*

você que está vivo e livre, com total impunidade... Ele se levantou e abriu a porta de correr, ela emperrou, como se a lubrificação tivesse congelado. *Não, não embeleze as coisas, você não tem o direito de chamá-lo de assassino...* Com os pés afundando na neve, caminhou até o corpo, parou ao lado e olhou. *Não tem o direito de matá-lo, nem de caluniá-lo, ele não foi condenado por assassinato...* O sangue escorrera pela jaqueta, a neve sob seu lado esquerdo ficara marrom, suja. *Homicídio culposo, quinze marteladas histéricas, quinze pancadas letais em um minuto, mas não foi assassinato, você precisa ser exato sobre isso. Você é o assassino da família, você o assassinou...* Estava realmente morto? Ele inalou, segurou o ar frio nos pulmões, cutucou o ombro direito com a ponta arredondada de suas botas de caminhada, cautelosamente no começo, depois com mais força. Nenhuma reação. Deu um chute na coxa. Seus joelhos estalaram quando ficou de cócoras. Respirou fundo e enfiou a ponta da faca na palma da mão aberta.

Ele desce do carro. A batida da porta reverbera com estrondo no silêncio gelado da mata em torno. Abre o porta-malas, hesita por um momento entre a mochila e a bolsa da barraca, no fim tira esta última. Segura a bolsa sob o braço direito ao trancar o carro. A lona está congelada, e no entanto ele sabe que o degelo começou lá fora, mas também em sua cabeça: alguma coisa está mudando ali em cima; o que foi capaz de fazer a manhã toda, na verdade, a noite toda — raciocinar a sangue-frio, e em seguida agir a sangue-frio —, está ficando cada vez mais difícil. Olha em torno outra vez e vai para a floresta, a bolsa agarrada junto ao peito. Avança arduamente, não existe trilha, aqui e ali precisa desviar de galhos curvados. A neve no solo está fina e dura, ele tropeça constantemente em raízes, seu casaco desajeitado se prende o tempo todo nos arbustos espinhentos. Não se ouve pássaro algum. Apenas galhos e agulhas de pinheiro quebrando sob suas botas, o farfalhar ocasional de animais invisíveis, mas, acima de tudo, sua própria respiração pesada. Os trinta, talvez quarenta quilos em seus braços estão

quase caindo, ele segura a bolsa precariamente — isso é ruim. E mais uma vez pensa no rosto, suas mãos começam a suar, precisa parar. *Substitua isso por outra abominação.* O cotovelo, pense no cotovelo fraturando. A resistência no pulso; as células se dobrando, lutando; o momento da capitulação, o *estalo*. E siga em frente.

Ele esteve tão perto de simplesmente entrar no carro e ir embora. Depois de verificar com segurança que Wilbert havia morrido, fizera meia-volta, pegara seus esquis na neve e os enfiara no carro. Apenas deixe-o onde está: ele morreu e pronto. De um instante para o outro teve um barato de testosterona, sentiu tal vertigem pelo triunfo que quase ficou com medo de si mesmo. Vou dizer que estava dormindo, só isso. Como qualquer pessoa normal, fui para a cama à noite, e enquanto eu dormia o filho da puta morreu congelado — isso acontece mesmo. Bêbados morrem congelados, se ninguém os vê. E na manhã seguinte acordei, entrei no carro e fui viajar. Não vi nada, simples assim. Já estava apagando as luzes e desligando os aquecedores, e regulara o aquecimento do piso para o modo anticongelamento, quando lhe ocorreu que não era tão simples desse jeito. Não havia nada de simples quanto a ter um cadáver em seu quintal. Como era possível que não tivesse visto Wilbert caído ali? As pegadas no terraço — a neve estava cheia de pegadas levando até o corpo, suas próprias pegadas. E mesmo que por sorte a neve derretesse a tempo, o filho da puta não derreteria. Nunca.

Exausto e desesperado, deitou de bruços no sofá. Bastava fechar os olhos para se imaginar esquiando nas montanhas quando os detetives ligavam para informar que haviam encontrado um corpo em seu quintal; podia ver a fita vermelha e branca isolando a casa, ao chegar lá após uma viagem extenuante. Começou a tremer como alguém com febre alta, um tremor incontrolável de alguma coisa, fadiga, pesar, *medo*.

Sim, estava com medo. Tinha vontade de sumir imediatamente dali, mas se catapultou para o outro extremo: dar parte. Contenha os danos e procure a polícia agora mesmo. Vá à delegacia de Enschede, registre um boletim de ocorrência com uma versão

aceitável dos eventos. Peguei o criminoso, meu filho, quando ele tentou invadir minha casa, houve uma briga, uma luta de vida ou morte, e depois ele fugiu. E só depois, quando vou viajar para esqui, eu o encontro, deitado em meu terraço, sob a neve: morto, congelado. Por um momento considerou isso uma história lúcida, plausível. Parou na sala com o telefone na mão, já discara o número, quando pensou: mas por que você não ligou na mesma hora? Queria viajar para esqui? Depois de um incidente como esse? Por que não ligou para a polícia na mesma hora? *Isso aconteceu horas atrás — por que só ligou agora?* É a primeira pergunta que vão lhe fazer, e que exige resposta. E o que deveria responder?

Depois de pegar no sono no sofá, é acordado por um suave ruído de motor. Uma motoneta? A motoneta do jornaleiro — ela se aproxima, para, parte outra vez e some. Já se passou tanto tempo assim? Dali a poucas horas, o mundo vai acordar, *dali a poucas horas, seus vizinhos vão acordar*. A filha dos Teeuwen virá para cuidar dos gatos. Já podia imaginá-la no quintal, atônita, a mão sobre a boca.

Livre-se daquele corpo. Respirando rapidamente, ficou de pé, foi à área de serviço, vestiu um casaco de *duffel* de alguns invernos atrás e calçou as mãos num par de luvas de lã. O frio da noite sem estrelas castigou seu rosto. Passou pelo cadáver sem olhar para ele e avançou pela escuridão, no declive do quintal. Praguejou contra a neve em que suas botas de caminhada afundavam; estava fadado a deixar trilhas atrás de si. Quando chegou aos fundos, escorregou e bateu o joelho com força contra a mesa maciça que ficava no terraço da oficina. Tateou à procura do cadeado na porta de madeira, abriu o ferrolho, apalpou a parede para encontrar o interruptor. Examinou o espaço subitamente iluminado: ilhotas de serragem sobre o piso de concreto, as ferramentas profissionais penduradas em painéis de furos, as máquinas indiferentes ao frio. Podia esconder o corpo atrás da prensa hidráulica.

Voltou à luz das lâmpadas fluorescentes, os dentes batendo, seguiu as próprias pegadas, que eram visíveis como sombras escuras contra a neve iluminada, e se agachou junto ao corpo. Seus

dedos dos pés já estavam entorpecidos, a temperatura devia ter chegado ao grau mais baixo naquela noite. Iluminado pela lâmpada externa, o rosto parecia surreal, cor de jornal, o sangue sob o nariz estava preto.

Nunca arraste um cadáver. Não suporta programas de crime, evita assistir a reconstruções de assassinatos e estupros, e no entanto a advertência ficou em sua cabeça, de que as marcas de um corpo arrastado são o pior. Ele plantou os pés perpendicularmente ao corpo e se agachou. O cheiro de rum, e fermentação — afastou a repulsa da mente, enfiou um braço sob os ombros, o outro sob as coxas. Um frio úmido penetrara em suas luvas de lã. Tentou levantá-lo, uma pontada aguda se espalhou por sua caixa torácica ferida. O volume se soltou da neve, mas não se comportou do modo como ele esperava: em vez de dobrar nos joelhos e no meio do tronco — como uma filha adormecida faz quando você a carrega do banco traseiro do carro para a casa, onde sobe a escada e a põe na cama —, o corpo resistiu à gravidade como um dormente de trilho de trem. Seu centro de gravidade estava num lugar estranho, ele avaliara mal: as pernas, rígidas como tábuas, se inclinaram na direção do chão, teve de se agachar outra vez para não perder o equilíbrio, os calcanhares aterrissaram na neve com um baque surdo, ele escorregou para a frente, bateu os joelhos contra a jaqueta de couro. Sentiu algo duro sob ela, como se tivesse se chocado contra uma pedra em um rio.

A segunda tentativa foi melhor, embora o corpo esticado fosse mais pesado do que esperara. Pisando com cuidado, carregou-o para a oficina, teve de virá-lo de lado para entrar. Foi até o meio do piso de concreto, virou-se de forma hesitante e, mesmo antes de decidir ocultar o cadáver atrás da prensa hidráulica, sabia que tinha cometido um erro.

Como pôde ser tão estúpido? Como pôde ser estúpido a ponto de andar com um corpo pelo terreno? Quando tomou consciência do que fizera, sentiu tontura, teve de sentar. Como seria lógico acusá-lo daquilo, considerá-lo suspeito de assassinato. A suposição óbvia de que deliberadamente largara Wilbert no frio. Cambaleou até a serra

de fita, uma espécie de máquina de costura supercrescida, e afundou no assento de couro ligado a ela. Pelos olhos do promotor, viu-se erguendo o corpo inconsciente, ferido, sobre os ombros e carregando-o para o quintal, os motivos saindo de suas mangas como cartas de baralho. Um cadáver duro de frio com o braço quebrado? E depois arrastado para o barracão? Por quê? Seu caso era indefensável. Para piorar, fora isso mesmo. Ele de fato abandonou Wilbert a seu destino. Deixou-o ali para morrer, deliberadamente. Enfiou a cabeça nas mãos e olhou para o sangue respingado no piso de cimento.

O cadáver tinha de sumir. *Livre-se do corpo*. Cutucando a ferida em seu queixo, as ideias estúpidas brotaram, as soluções fáceis, óbvias, que eram tudo menos soluções. Enterre-o atrás da oficina, no trecho cheio de mato onde as crianças costumavam ter uma horta. E passar o resto da vida junto ao túmulo de seu filho? Espremeu o queixo, com raiva, a dor foi gratificante, um líquido supurou da ferida por seu pescoço hirsuto. Então lhe ocorreu: o Rutbeek, claro, o *Rutbeek*. Ficaria escuro por mais algumas horas, podia amarrar um lastro ao corpo, levá-lo com o carro e jogá-lo. Bateu no joelho com a estupidez disso tudo. *Não pode sair por aí com um cadáver no carro*. Não deveria ter encostado a mão nele, para começo de conversa. Jogar um corpo numa área que as pessoas usam como recreação? As pessoas *esquiam* no Rutbeek, porra.

Continue caminhando. Da primeira vez que olha para trás, o Audi parece distante, uma mancha prateada quase imperceptível atrás de um emaranhado de galhos e troncos. E ele? Será que é muito fácil vê-lo em seu casaco vermelho brilhante? E os valões, eles costumam aparecer por ali? Claro que sim. Um dia vão aparecer. E onde vai estar nesse dia? A bolsa da barraca parece pendurada por ganchos em suas costelas. Continue caminhando. Apesar da dor, ele o vê diante de si; não deve pensar naquele rosto. *Sinta os cacos úmidos em seus lábios, em sua testa*. Cinquenta árduos metros

floresta adentro, o chão subitamente desce em declive. Está na beira de uma espécie de poço, um vão com vários metros de profundidade. No fundo, pegadas de pássaros pontilhando a neve. Na borda ele vê um grande pinheiro, inclinado para a frente, como que tomado de surpresa pelo chão cedendo a seus pés: a grinalda de raízes pende pela beirada. Ele desce, de costas para o poço, dando passos cautelosos, deslizando, e relanceia sob as raízes. Sim, há espaço suficiente. Uma cavidade onde enfiar sua consciência.

Primeiro foi buscar as bolsas. Ele se forçara a voltar à casa e subir a escada. A porta do banheiro estava aberta, a fraca luz fluorescente continuava acesa. Pés enlameados nos ladrilhos verdes, na privada, um chumaço de lenço de papel flutuando num oval de urina. Apertou a descarga e foi ao antigo quarto de Joni. As cortinas rosa estavam fechadas. Sentiu um cheiro rançoso de suor, mas se recusou a considerar a ideia de que o filho da puta estivera ali também. No fundo do guarda-roupa dela encontrou a antiga mochila, que na adolescência costumava usar para ir a acampamentos de ginástica e férias de InterRail. Uma porta ao lado, em seu escritório, removeu uma divisória atrás da qual guardavam as coisas de acampar; deitando de barriga, esticou o braço no pó e puxou uma bolsa oblonga vermelho-escura com uma barraca tamanho família, e a esvaziou, tirando o piso, a cobertura roída por traças e as varetas. Com as duas bolsas sob o braço, voltou ao andar de baixo, pegou um rolo de sacos de lixo numa gaveta da cozinha, atravessou novamente o quintal e pôs tudo em cima da longa bancada de trabalho no barracão.

Sob a luz crua da iluminação, foi até um suporte de aço azul contendo cerca de vinte tabuões de madeiras diferentes, matéria-prima de futuros trabalhos. Madeira rústica, um compensado, uma prancha fibrosa e porosa. Pegou uma chapa de aglomerado do tamanho de uma porta dupla e a carregou, com uma careta de dor, até a mesa. Como Tineke voltara a fazer isso? Apoiou a chapa na bancada e ajustou a guia de corte feita de aço martelado verde, pegou a madeira e a deitou na estrutura, exatamente como a vira fazer. A determinação de suas ações o levou a pensar no modo

como podia fazer a mala após uma briga: convincente, decidido, mas sem acreditar por um minuto sequer que iria embora de fato.

Contornou a prensa hidráulica e examinou o corpo contorcido, rígido, no chão. Será que continuava a esfriar? Não congelara tudo que tinha para congelar? Um ser humano podia endurecer de frio em seis horas? O que ele faria se—

Não havia mais "ses". Agachou perto do corpo, os nós dos dedos raspando no concreto, e o ergueu pela segunda vez. Ignorando a dor aguda em suas costelas, soltou-o com um baque sobre o compensado. Com algumas sacudidas e cutucadas — o corpo era um pouco pesado demais, percebeu pelo rangido dos rolamentos —, conseguiu deslocar a superfície vertical de modo que a serra ficasse em ângulo reto com o quadril esquerdo. Foi até a longa bancada de trabalho e encontrou um rolo de silver tape dentro de um pote de plástico. Com grandes pedaços da fita adesiva, prendeu o cadáver em vários pontos sobre o compensado.

Pela primeira vez, via-o de perto e totalmente iluminado: os tênis brancos deformados, os cadarços com um laço duplo, o jeans respingado de sangue, o rosto arruinado — o rosto proletário contra o qual Koperslager o advertira tantos anos antes — e contudo: as suas feições. O sangue congelado grudava como caviar nos lábios rachados. A borda de suas orelhas, o nariz achatado de boxeador, a bochecha direita — enegrecidos e enrugados como ameixas secas. O olho direito estava aberto. O vapor de álcool ainda emanava da boca contorcida. As pontas dos dedos da mão visível também estavam pretas, o mindinho encolhido parecia um fósforo queimado.

Mais uma vez, sentiu uma chocante satisfação com seu feito — ou seria um des-feito? Até o momento, de fato, sua ação estava mais para uma absoluta inação, o modo como sempre procurara se distanciar daquela vida podre. Com um pequeno soco no botão vermelho emborrachado, pôs a serra em movimento. Os dentes assobiaram no ar frio e seco, e provocaram um leve vento. O motor emitiu um barulho sonoro, assustadoramente alto. Ele relanceou ansiosamente por cima do ombro para a porta da oficina: até onde o som chegava? Com um interruptor diferente, ligou — e então recuou

— o braço articulável de exaustão. Foi tomado pela náusea: em vez de serragem, fragmentos de... *carne* se espalhariam. Grumos orgânicos, grânulos que sob nenhuma circunstância podiam ficar dentro do aspirador, pois iriam se decompor, apodrecer, cheirar terrivelmente. Cada pedacinho, cada lasca, teria de ser removido com toda a meticulosidade, sem esquecer nada, como numa matemática reversa.

Apegue-se com unhas e dentes à sua satisfação criminosa. Pense nas dores de cabeça que ele lhe causou, no estresse, na vergonha, ano após ano. A cada ocasião, um novo tapa na cara, uma nova decepção, mais um comportamento execrável, depois mais outro, e mais outro, e mais outro — despejou todo esse sofrimento em cima de si mesmo como uma tonelada de peixe podre e, antes que se desse conta, estava empurrando o painel contra a serra com toda a força. Guinchando, a lâmina penetrou na madeira, a serragem voou, ele sentiu o falso aroma de algo sendo construído, em menos de dez segundos a barbatana de tubarão metálica se enterrou no quadril. Não pretendo mais sangrar por sua causa. *Isso nunca mais vai acontecer, caralho.* A serra circular cravou os dentes no jeans puído, não houve sinal de resistência; sem hesitar, a lâmina rotatória mastigou o fêmur gelado, o guincho agudo ampliado por alguma coisa mais sinistra, uma nota abaixo, meio úmida, quase gorgolejante, salpicos esbranquiçados e vermelho-escuros espirraram da serra. O motor pareceu arrefecer um pouco, o jorro de partículas para o alto aumentou, uma chuva de granizo deixando uma trilha sobre o compensado e seu casaco. Ele sentiu suaves petelecos no pescoço, no canto da boca, na bochecha, na têmpora direita — e recuou.

Esse sou eu? Esses somos nós? Como se estivesse pegando fogo, estapeou seu rosto e seu pescoço para se limpar, praguejando e cuspiendo. Num pânico descontrolado, arrancou o suéter, botões estouraram de sua blusa, podia sentir os fragmentos de carne pegajosa grudando em suas mãos. Cuspiendo, e estremecendo de nojo, lançou-se sobre a máquina e apertou o botão de borracha, silenciando a serra, e então saiu rapidamente da oficina. Cegado

pelas lágrimas — em algum lugar dentro dele o degelo começara —, cambaleou na escuridão, traçando oitos e zeros na neve, até escorregar e cair surdamente, de frente, sobre o deque gelado. Deitado ali em seu próprio molde, pressionou o rosto sujo na neve e sentiu as lágrimas congelarem. Pressionando as pálpebras com força, pôs-se laboriosamente de pé. O frio queimava seu rosto, andou, gemendo, até a área de serviço. Na sala, tirou a camisa pela cabeça e abriu o cinto. Ainda cuspidando, atravessou o corredor, foi para o quarto e entrou no banheiro. Tirou o resto da roupa furiosamente. Nu, lavou a boca na pia e abriu a ducha quente.

A bolsa da barraca está caída como uma pústula ensanguentada na borda do buraco. Ele galga um pouco de volta pelo declive, segura o cordão de amarrar e o puxa até que a bolsa role pela borda musguenta. Ele a pega e deixa que deslize o resto do caminho até o fundo. Permanece ofegando por alguns segundos. No momento em que está empurrando e ajeitando a bolsa para enfiá-la no vão das raízes sob o pinheiro, seu celular toca.

O toque é tão incongruente na manhã silenciosa que ele se surpreende com um sorriso, seus músculos faciais estão tensos e entorpecidos. Suspirando, desaba no chão, esticando as pernas diante do corpo sobre a neve. Apenas fica ali sentado, ausente, até os toques cessarem. Por um momento, nenhum ruído na floresta. Então o telefone começa a tocar outra vez, e agora ele o tira do bolso do peito. É o velho assistente, Hendrik, que foi banido para a pasta da Educação após o inquérito do desastre Bijlmer. Em meio à exaustão infinita, sua boca mais uma vez se curva numa espécie de sorriso. Essa alma dedicada, que de um universo paralelo o alcançou nas profundezas de sua miséria.

“Bom dia, Hendrik.”

“Alô, Siem, desculpe ligar num sábado. Você pode falar?” A voz preenche sua consciência como o aroma de pão fresco.

“Vai em frente.”

“Siem, é o seguinte. Como você deve se lembrar, era para a Karin ir amanhã falar no *Buitenhof*, mas acabei de ficar sabendo que ela está com gripe. Perdeu a voz. Eu queria saber: você não pode ir no lugar dela? Pessoalmente, acho uma boa oportunidade para acabar com todo esse burburinho sobre a reforma do ensino médio. O que você acha?”

“Estou numa encosta de esqui, Hendrik. Para ser honesto, não acho muita coisa.” O que ele acha é: não me deixe sozinho. Converse comigo.

Hendrik pragueja. Depois ri, é, bem que ele imaginou que a ligação era para fora do país, agora se lembra de Sigerius ter mencionado que ia passar o feriado na França. “Então é isso aí, Siem, deixa pra lá. Bom descanso e boas festas.”

“Para você também, Hendrik, para você também.” Aparentemente, algo em seu tom de voz impede o outro de desligar. Um silêncio hesitante enche o ar. Hendrik é um barco flutuando muito acima dele, deve nadar para a superfície, e rápido. “O que você vai fazer?”, ele pergunta.

“Eu? Ah, o de sempre, ainda tenho umas coisinhas pra resolver por aqui. Vou almoçar com o novo repórter parlamentar, o rapaz do NRC.”

“Na verdade, eu quis dizer no Natal, Hendrik.” Entre uma frase e outra, seus dentes batem, ele pressiona os lábios sobre eles. “E no Ano-Novo.”

“Nada de especial, Siem.”

“As crianças? O que vocês vão fazer?” Seus dentes batem outra vez.

Hendrik faz uma pausa. Então, relutante: “As filhas da minha esposa estão vindo para o Natal. A mais nova está de namorado novo.” Ele tosse, espera mais uma fração de segundo. “Um rapaz da antiga Iugoslávia. Minha esposa está com um pouquinho de medo, eu acho. Bom. Siem.”

Assim que desligam, volta a afundar nas profundezas de um abismo frio e cada vez mais escuro.

Ele se esfregou furiosamente com o gel esfoliante de um pequeno tubo. O produto raspou a camada superior de pele em seu pescoço, em seu rosto, tudo tinha de ir embora e escorrer pelo ralo. Cada vez que sentia um pedacinho grudento, se encolhia de horror e nojo de si mesmo. A água quente ardia nos lugares atingidos pelo nunchaku, havia um enorme hematoma sob a axila e outro, alongado, em seu pescoço. Lavou o cabelo duas vezes com um pouco de xampu, esfregando os dedos como uma escova de aço em seu couro cabeludo. Espremeu pasta de dente na escova que estava sobre a pequena prateleira de vidro e escovou os dentes, cuspiu a espuma entre os pés e então escovou de novo até as gengivas sangrarem. Tirou a duchinha do suporte e agachou. Havia no ralo uma substância rosa-clara, que ele empurrou pelos buraquinhos da grade de cobre com a ponta da escova. Não sabia dizer por quê, mas ao fazer isso lembrou-se da sala de estar lotada em sua casa na Antonius Matthaeuslaan, uma semana após o nascimento. Todos os seus parentes estavam lá, fumando, conversando, comendo os pãezinhos polvilhados de anis azul e branco que sua irmã mais velha havia preparado na cozinha enquanto o pai de Margriet usava o banheiro, por uma eternidade, ele se lembra de pensar. Podia sentir o cheiro do velho Wijn. Aquele grosseirão atrás da porta do banheiro o incomodava: era uma lembrança de que o pequeno filho deles em seu berço carregava os genes do sujeito sentado no vaso. Ele se sentia infeliz.

Você o serrou. Tentou ficar de pé, as costelas estocaram sua caixa torácica como sabres, teve de se agarrar à estrutura de alumínio do boxe. A força devastadora que o subjugava pesava sobre seus ombros como um bloco de basalto, não era uma coisa localizada, nada na escala de sua vida — era imensa. *Você o matou e depois o serrou ao meio.*

O mal-estar e a felicidade quando o bebê nasceu. Felicidade porque agora tinha um trunfo sobre aquele clã dos Wijn. Seus pais estavam mortos e enterrados, era ele contra o Distrito C. O mal-estar era mais forte, vinha de misturar seus genes com aquela

gentalha de Utrecht — mas a criança ao menos era um Sigerius. Sempre que fantasiava em largar Margriet e sumir, na sua imaginação levava seu filho consigo—

Seu filho congelado, o filho serrado ao meio de Siem Sigerius, exposto como uma isca no barracão, uma posta de carne que em pouco tempo degelaria, começaria a cheirar e o entregaria. Ele seria devorado pelo escárnio de políticos, sua desgraça seria noticiada no país inteiro, seu sistema nervoso evocou imagens do colosso cinzento da Justiça, sua condenação como um assassino seria determinada num piscar de olhos. Então surgiram visões de algo ainda mais impiedoso: a mídia, a maldita mídia, a imprensa salivando com a história, a imprensa *internacional*, as manchetes de jornal em negrito, colunas babando em cima do julgamento: o matemático e seus filhos, chantagem, fotos de nu, uma serra circular. Ele pressionou o queixo esfolado no peito e deixou que a água caísse na parte posterior de sua cabeça.

Continue a pensar — por favor. Fechou um pouco a torneira da água quente, a água ficou morna. A água morna permite que pense claramente. Era isso que fazia no MIT quando tinha um branco: tomava uma ducha. De modo algum vai simplesmente desistir. Havia um chuveiro abandonado, primitivo, no fim do corredor do Departamento de Matemática, depois da sala de Quillen. Quando topava com um muro de tijolos, como agora, pegava sua toalha e ia para aquele cubículo. Era a serra, simplesmente não conseguia continuar com aquilo. Sentiu um impulso de aumentar a água quente outra vez, mas se controlou. Água quente era para os fracos, ele precisava esfriar a cabeça. Pensar com clareza. Seus sapatos ecoavam com cliques agudos no corredor, as paredes exibindo grandes matemáticos de séculos passados: Euler, Gauss, Riemann, Hilbert, Fermat, Galois. Ele fica imóvel sob o jato tépido, a pele de seu corpo arrepiada. E agora? Livre-se dele. *Faça um quebra-cabeça com ele*. Ele ficava lá no chuveiro do MIT, afundado até o pescoço em álgebras de Von Neumann, fisicamente emparedado, inclusive, até seu cérebro passar por uma fusão nuclear. Quando montou o quebra-cabeça daquelas álgebras e da teoria dos nós, teve de se

apoiar nas paredes de azulejo, os dedos bem abertos, para não cair. Mas agora não há fusão, pelo contrário, seu núcleo se divide. Primeiro vem o pânico, depois o instinto de sobrevivência. *Comece dividindo primeiro você mesmo.* Fechou toda a água quente. *Congele-se.* A frieza, a frieza de Wilbert Sigerius. Um filho que espera até seu pai estar nu e então o ataca com um porrete de chumbo. A índole fria e impiedosa daquele filho da puta: ele sorveu isso como um nitrogênio líquido. Passou as mãos sobre o couro cabeludo uma última vez e saiu da ducha.

Voltou à oficina e tirou a fita adesiva que segurava o cadáver à prancha, soltou a perna presa na serra. Pensou por um momento, depois abriu a porta de madeira ao máximo, enfiou os braços sob o peso morto e foi com o pilar de carne para o quintal. Apertando o passo, seguiu pela parede sem janelas da oficina, onde, sob um telheiro baixo feito de telhas de madeira rústicas, ficava a pilha de lenha. Na neve recém-caída pôde ver a silhueta do toco de carvalho onde Tineke cortava a madeira. Rapidamente limpou a neve do tronco e pôs o corpo rígido em cima, a cintura no meio da plataforma redonda, a cabeça e os calcanhares pendendo acima da neve. Havia luz suficiente vinda da luminária externa acima do terraço. Voltou à oficina, tirou o rolo de sacos de lixo da mochila. No canto esquerdo do barracão, apoiado em um cesto de lenha sujo de fuligem, estava um machado. Ele o pegou e saiu.

Era um machado enorme com lâmina de aço pintada de vermelho e cabo elegantemente curvo, quase atlético. Primeiro chutou a mão esquerda para que saísse da frente da virilha, depois puxou um pouco a jaqueta de couro. Ele trouxera esse lixo perigoso ao mundo. Teve de repetir isso algumas vezes antes de erguer o machado — *Você trouxe esse lixo para o mundo.* O primeiro golpe visou o corte da serra na coxa, mas o machado rebateu em uma coisa dura e se alojou no toco de cortar lenha. *E agora vai limpar a sujeira.* Ele se acorrou perto da perna e enfiou a mão no bolso da calça imunda. Era seu dever. Primeiro tirou uma caixinha de chiclete

Sportlife, e quase se cortou ao segurar o canivete que abriira. O menino tinha três anos de idade, Karin estava morando com eles, era a irmã mais nova de Margriet. Problemas com o pai. Uma garota letárgica em vestidos de bolinha que passava o dia sentada, mascarando chicletes Bazooka Joe. A casa estava atulhada desses papéis encerados com histórias em quadrinhos. Certo domingo à tarde, escutaram um choro esganado no patamar da escada. Lá estava ele, com um bolo de chiclete do tamanho de uma bola de beisebol alojado na garganta, Karin o havia deixado preso na beirada da mesa da cozinha, “uma caixa inteira”, gritava ela, enquanto Wilbert, com o rosto azul, morria sufocado. Ele deveria ter limpado essa sujeira ali mesmo. Olhou para a arma, o golpe devia ter acionado a lâmina, havia um sulco profundo no cabo de madeira. Deveria ter deixado que sufocasse.

Mas correu até o menino e deu alguns socos em sua barriga, segurou o filho inconsciente pelos tornozelos e por fim conseguiu, com três dedos, pescar a bola grudenta, rosa brilhante, de sua garganta.

O machado desceu sobre a coxa. Com quatro ou cinco golpes vindos do alto — erguidos com ódio, cortando com ódio e gravidade —, decepou o resto da perna semicortada pela serra, a carne estava granulosa como sorvete, escutou o osso estalar. Era uma coisa esquisita, separada daquele jeito, com um tênis. Sangue escuro brotou do corte grosseiro, a última coisa que ele queria era olhar para aquilo, mas não conseguiu evitar, a superfície vermelho vivo era exatamente como imaginava que a seção transversal de uma perna seria: pele em torno de carne em torno de osso. Entorpecido, enfiou o objeto num saco de lixo, lacrou-o com a silver tape e o carregou para a oficina.

Seu palpite estava certo: a bolsa da barraca era suficientemente comprida. Ele voltou para o toco de cortar lenha com a mochila. A escuridão parecia menos intensa. Achando já que não ia caber, mediu a abertura da mochila com a largura dos ombros. O torso era de fato muito grande, seu filho tinha a mesma constituição que ele, era forte e corpulento, precisava tirar também o braço ileso. *E a*

cabeça? Não fraqueje agora. Não há tempo a perder, a que horas a menina dos Teeuwen iria chegar? Sempre comece pela parte menos agradável, isso era o que dissera a vida inteira para suas filhas, tire a parte chata do caminho. Primeiro a louça, depois tevê. Primeiro a lição de casa, depois montar a cavalo. Primeiro a cabeça, depois os membros. Lutou contra uma vontade súbita de agarrar o machado e jogá-lo contra a varanda — já podia até escutar o vidro se estilhaçando. *Era insuportável pensar naquela cabeça.* Não havia uma bolsa maior lá em cima? Uma bolsa mais alta, para que pudesse deixar a cabeça ligada ao pescoço?

O que ele mais gostaria é de fechar os olhos, apenas por um minuto, mas está agitado demais. A mochila — precisa ir até o carro. Com passinhos curtos, escala o buraco e volta entre os troncos das árvores. Mesmo sem a carga de trinta quilos, tropeça em raízes e galhos, seus dedos estão congelados, o barulho que faz é exageradamente alto. Assim que avista o Audi, a pintura prateada cintilando ao sol de inverno, ele aperta o passo, nos últimos cinquenta metros seus olhos se enchem de lágrimas com a dor aguda em suas costelas. Sem olhar em nenhuma das duas direções da trilha, senta no banco do motorista. Tranca as portas. No porta-luvas, encontra um mapa rodoviário da França. Logo estará indo para o sul, através de Reims e Dijon, para sua família. Mas primeiro, a mochila. Ele dá partida e sai, com agressividade excessiva para uma estradinha de terra como essa, rumo à vicinal. Vira na direção de Charleroi.

Do viaduto, a rua longa e desolada parecia abandonada, mas agora um menino caminha ao seu lado. É magrelo e musculoso, como um vira-lata. O menino está usando roupas que não lhe caem bem: um colete acolchoado imundo, grande demais para seu tamanho, que desce abaixo de seus joelhos, tamancos brancos de enfermeira, com minúsculos furinhos. Em sua mão há uma grande

luva de motoqueiro preta e vermelha, de couro. É uma roupa que não cai bem em ninguém.

O menino anda pelo asfalto coberto de pedriscos e pedregulhos; ele, pela calçada mais elevada. Não deve ter mais do que doze anos e contudo seus olhos, pouco visíveis, são afundados nas órbitas escamosas: negros buracos de encanamento que se mantêm o tempo todo colados na mochila. Ela começou a pingar e pesa terrivelmente em seus ombros. Ele fica de olho no Audi, parado ao lado da pista, metade do carro oculta sob o viaduto de concreto.

Olha em torno, fingindo não notar o garoto. Grande parte da rua já arruinada foi demolida, perto das poucas casas abandonadas há um terreno baldio coberto de entulho e garrafas plásticas. Estão a cerca de trinta metros de seu destino: um pequeno aterro sanitário para o lixo doméstico, que avistou do anel viário. Sofás velhos, tevês, bicicletas quebradas, sacos de lixo — principalmente, montes de sacos de lixo rasgados. Respondendo ao olhar atento do garoto, ele aponta para o lixão. Uma expressão de decepção cruza o rosto envelhecido, sério, os lábios roxos se movem como minhocas. “*Non*”, ordena o menino, “*non.*” Ele gesticula com a enorme palma de sua luva de couro. “*Venez!*”

Mas ele não quer ir com o garoto. Precisa jogar a mochila fora. Parece que o menino entende isso, mas ainda assim sabe o que é melhor para ele. Caminhando a seu lado, de repente segura seu pulso com a luva gigante. O menino faz um gesto com o queixo pequeno, arredondado, para o outro lado da rua. Atendendo sua vontade, ele balança a cabeça e desce da calçada, os detritos do asfalto fazendo som de trituração sob suas solas. O menino o puxa numa diagonal através da rua, estão quase correndo, os sapatões brancos como cascos de cavalo sobre o pavimento decrépito. Está preocupado com a mochila, sua carga balança arritmicamente para cima e para baixo. As alças machucam seus ombros. O sangue pinga com mais rapidez, está deixando uma trilha atrás de si. *Daqui a pouco a cabeça vai começar a rolar pela rua.* Por que ele a pôs no compartimento de baixo? O zíper está fechado?

Resiste contra subir na calçada cinzenta, mas o menino o puxa com a força de um jumento. Entram em um café com a placa queimada acima da porta. O menino empurra a cortina de veludo para o lado e o que veem é uma cena de destruição. O prédio não tem fundos, o sol ofuscante quase põe abaixo as paredes em ruínas. Boquiaberto, anda sobre o assoalho de madeira que termina num terreno relvado. Uma paisagem se estende diante dos dois: ele vê um pátio ferroviário banhado pelo sol que cobre toda a extensão do horizonte, os incontáveis trilhos enferrujados tomados por urtigas, dentes-de-leão, papoulas. Aqui e ali, vagões de carvão empoeirados e vagões de passageiros abandonados brilham sob o sol. Quase se poderia pensar que é primavera. Mais além, na distância, há um canal cinzento, ou talvez seja um reservatório. No horizonte, um parque industrial entre ondas de vapor, com amplas torres cinza que cospem espessas colunas de fumaça amarela.

“*Allons*”, diz o menino, seguido de algo em um francês acelerado que ele não compreende. Está parado no terceiro degrau de uma escada, seu colete acolchoado parece um tipo de vestido. Os olhos se movem insistentemente nas órbitas corroídas. Só agora nota um piso superior rudimentar. Acima de sua cabeça há um teto semidemolido, canos de cobre soltos e material isolante puído se projetam dali. O sangue agora escorre de sua mochila, está quente demais ali, ele pinga pelas tábuas do assoalho. “*Bouffer*.” O menino faz um gesto de comer com as mãos e em seguida segura o corrimão descascando — com um choque, percebe que não tem o outro braço. Logo abaixo do ombro vê-se um coto pálido, serrado. Ele cambaleia pela escada atrás do garoto.

Lá em cima, um homem e uma garota estão sentados numa mesa posta, comendo uma espécie de guisado vermelho-escuro. O cheiro é de comida gordurosa. Uma mulher robusta se agacha diante de um forno aberto. O ambiente não tem teto, mas está mobiliado, mesmo assim. Há abajures de pé, uma pintura a óleo escura pendurada na parede. O menino já sentou ao lado da garota, que o ajuda a tirar a luva de motociclista. Ela se parece demais com

Janis, o mesmo cabelo curto, os olhos próximos. Ela fita algum ponto além dele, na direção do pátio ferroviário.

“Sou Siem”, ele diz.

O homem — um antigo chefe de departamento na Tubantia, ele percebe agora — ergue o rosto e balança a cabeça. “*Asseyez-vous.*” De repente, ele se dá conta de como está faminto. Nada pode ser melhor do que um pouco daquele purê misterioso. Poderia quase chorar de gratidão.

Tenta tirar a mochila — o sangue parou de pingar, será que não há mais sangue? — para sentar à mesa, mas leva o maior susto de sua vida. As alças parecem diferentes agora, não são mais alças, mas braços que resistem. Finos dedos se agarram a seus ombros. Ele grita de pavor, mas os demais o observam impassivelmente. Mal consegue tirar um pulso ossudo, a outra mão se agarra com tenacidade a seu casaco. “Sou eu, Simon”, escuta muito perto de sua orelha. “Sua mãe. Você não vai querer largar sua mãe, vai, menino?”

Mesmo antes de abrir os olhos, ele percebe onde está: em seu carro, deitado no reclinado banco do passageiro, espremido contra os esquis. Em uma área de descanso, nos arredores de Lyon. Moído. O relógio do painel lhe diz que são quinze para as cinco da tarde. Dormiu por quarenta e cinco minutos, no máximo. Já começa a escurecer. O pesadelo continua em sua cabeça por mais dez segundos aproximadamente, então as vinte e quatro horas precedentes o sacodem como um choque elétrico.

O efeito é dramático. Claro que não procurou um hotel, é por isso que está tentando cochilar um pouco nesse lugar, afugentar a horrível noite que enveredou pela luz do dia. Em geral, as coisas parecem menos catastróficas durante o dia. Mas não agora. A noite é cada vez mais escura.

Ele endireita o encosto, passa as pernas por cima do câmbio e senta no banco do motorista. Ajeita-se atrás do volante. Voltando a andar, pega seu cérebro fazendo mais ou menos a mesma coisa,

aferrado a coisas práticas e pequenas tarefas, ele entende a estratégia de seu cérebro. Repassar neuroticamente item por item. A oficina está completamente limpa? Não ficou sangue no toco? Por que se desfez do compensado em casa? Pôs os sacos de lixo de volta na área de serviço? Será que alguém o viu andando por Charleroi? *Por que você foi atender o telefone no meio daquela floresta?* Os suspeitos no caso da explosão da fábrica foram rastreados pelos celulares. Durante sete anos você é o reitor de uma universidade técnica e sem mais nem menos atende seu celular no meio de uma floresta?

Essas são táticas diversionárias. O ímpeto maníaco que experimentou entre Charleroi e Lyon, o pé na tábua, a cento e sessenta por hora durante o caminho todo, *Mingus at Antibes* explodindo nos alto-falantes, seu estado de espírito descontrolado, delinquente, furioso, frenético, sumiu, evaporou. Como se nunca tivesse ocorrido. Depois de um minuto com os olhos abertos, sente um abismo se abrindo sob sua alma, um vácuo aterrorizante, acima do qual seu âmago mais profundo, o homem que ele é, o homem que precisa continuar a ser, tenta se manter elevado. Convecção.

Seu carro devora o asfalto que o separa da normalidade. Ele pode estar em Val-d'Isère dentro de uma hora e o esboço que será o resto de sua vida pode começar. Mas está perdendo altitude. Tenta de tudo. O cotovelo, os fragmentos de carne — já se esgotaram, são o que são. O que quer fazer em Haia, aquela carta para Joni, mais uma tentativa. Ele pode ligar para Aaron? Isabelle Orthel, tenta se lembrar de seu rosto — mas as imagens cruas da noite prevalecem sobre todas as suas fantasias casuais. Aquele sonho febril o deixou exaurido, passando perto de Lyon fez uma curva fechada sem muito cuidado e quase bateu no *guard-rail*.

Saiu tudo errado. Ele estragou tudo. Havia voltado a pôr o horrível torso sobre o toco, a cabeça continuava pendurada, caída para trás e de lado, ele cortara o lenço com o canivete — pescoço exposto suficiente para terminar o serviço. Mas o rum o deixara bêbado. O rum, combinado ao que exigira de si próprio. O primeiro golpe foi muito fora. Havia espaço mais do que suficiente para

acertar o pescoço pálido, esticado, mas não estava prestando a devida atenção, ou hesitou, em todo caso: a lâmina do machado acertou alto demais, desceu com toda a força na parte inferior do rosto. Abriu um talho profundo no canto esquerdo da boca, no lábio superior e em parte do nariz — tudo se escancarou, ele escutou dentes, talvez até mesmo molares, se quebrando. Por um momento, o machado pareceu ficar preso, cravado profundamente no maxilar superior. Ele se sentia sufocar. Quando liberou a lâmina, seus braços, suas mãos, todo seu corpo começaram a tremer.

Tudo está acontecendo rápido demais. Procure uma convecção. Matemática. Clareza absoluta, sincronismo entre beleza e insight? O êxtase que podia fazê-lo sentir. Osso e carne amarelados. O talho diagonal se encheu de fluido: sangue, mas algo cinzento também. Os problemas de Erdős que ele costumava resolver com um pé nas costas. Durante recepções, quando se sentia completamente perdido, durante filmes ruins. Quando moravam na Bonita Avenue e ficava na cantina da ACM durante as aulas de natação de Janis e Joni. Mas agora, Erdős lhe escapava entre os dedos como areia fina. Joni ficava totalmente concentrada naquelas aulas. *O que está acontecendo?* Janis não: ela não parava de olhar para ele, sorrindo e acenando. A visão da mandíbula, a língua decepada, o rosto mutilado. Tentou erguer o machado uma segunda vez, mas a coisa pesava cem quilos, na metade do caminho teve de voltar a abaixá-lo. Por alguns momentos sua cabeça ficou totalmente vazia, até que o som estalante de dentes partidos voltou, o estranho sobretudo na pancada alagadiça do machado. Os dentes. *Espalhados por toda parte*. Um patologista precisaria de apenas um pedacinho. Jogue toda essa bagunça na lata do lixo, esse foi seu primeiro impulso, estava prestes a pegar a pá, mas foi subitamente dominado pelo pânico. Caiu de joelhos, arrancou as luvas e começou a escavar a neve como um lunático. A dor em seus pés congelados.

Ele se enterrava na neve como um porco à procura de trufas quando alguém chegou ao quintal. A garota dos Teeuwen — ainda não consegue se lembrar de seu primeiro nome — surgiu. Pontos negros encheram sua visão.

O anel viário está cheio, ele se aproxima da saída para Vald'Isère. Conhece o caminho de cor, faz anos que eles vêm para cá. Ele a conhece desde que nasceu, a menina dos Teeuwen. Já era hora? Ela entrou com sua bicicleta pelos fundos, a mochila escolar estufada no bagageiro. Empurrou o pé de apoio, verificou se a bicicleta estava bem equilibrada, segundos preciosos que ele usou para esticar as pernas e deitar de bruços na neve. Ficou ali, preparado para a absoluta ignomínia. Os olhos bem abertos, espiava além do torso sangrento, o rosto palpitando. A trinta metros, a garota cheia de roupas caminhou em direção à porta dos fundos, à área de serviço. Ele pôde vê-la parando ao se aproximar. A mão enluvada tocou brevemente a vidraça remendada. Como era mesmo o nome dela? Ela olhou em torno, ele fechou os olhos com força. Quando voltou a olhar, ela havia aberto a porta. Sua voz soou seca no ar matinal. "Alguém em casa?", chamou. Ele suplicou, *rezou* para que entrasse. Para pegar as tigelas dos gatos teria de atravessar a sala até a entrada. Ele limpou tudo direito? Ela desapareceu dentro da casa.

Entre na próxima. A saída para Chambéry. O instinto de sobrevivência, o impulso primitivo que nesse momento se esvai dele como a solução alcalina de uma pilha gasta, o obrigou a se levantar. Rápido como um raio, ficou de pé cambaleante e tirou o torso do toco de lenha, levou-o, prendendo a respiração, para a oficina e foi para trás da grande bancada de trabalho. Embriagado de adrenalina, pôs a monstruosidade atrás da prensa hidráulica e deitou a seu lado. Espere. Não se mova. A menina tinha de ir para a escola, poria a comida para os gatos e subiria em sua bicicleta. Como era mesmo seu nome, droga? Joni cuidava dela, Joni trabalhou de baby-sitter para os Teeuwen.

Depois de Chambéry são ainda quinze minutos. Mas o que já sabia o tempo todo, acontece: ele segue em frente. Os dois estiveram juntos na casa dos Teeuwen. *Ele perde a saída e continua andando.* Joni e Wilbert foram juntos cuidar da menina. Seu Audi é uma gota deslizando rumo ao Mediterrâneo.

PETER BUWALDA nasceu em 1971. Foi jornalista e editor antes de fundar uma revista de música e se tornar colunista semanal de um jornal holandês. *Bonita Avenue* (2010) é o seu primeiro romance. Foi finalista de seis prêmios literários na Holanda e venceu quatro deles, entre eles o Academica Debutantenprijs e o Anton Wachterprijs. Sucesso internacional de público e de crítica, foi publicado em mais de dez países.



Copyright © 2010 by Peter Buwalda
Publicado originalmente por De Bezige Bij, Amsterdã.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Bonita Avenue

Capa
Mateus Valadares

Imagem de capa
Jim Goldberg/ Magnum Photos/ Latinstock

Preparação
Tamara Sender

Revisão
Raquel Correa
Ana Kronemberger
Cristhiane Ruiz

ISBN 978-85-438-0507-8

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Cosme Velho, 103
22241-090 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 2199-7824
Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Sumário

Capa

Rosto

Créditos

Epígrafe

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

Sobre o autor